

ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS



efeito GRAHAM

TOP
SEL
LER

SÉRIE CAMPUS DIARIES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS



EFEITO GRAHAM

TOP
SEL
LER

SÉRIE CAMPUS DIARIES

ELLE KENNEDY

 **EFEITO
GRAHAM**



os livros em primeiro lugar

Índice

[O Efeito Graham](#)

[Créditos](#)

[O Efeito Graham](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre a autora](#)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2024

O EFEITO GRAHAM

Título original: *The Graham Effect*

© 2023, Elle Kennedy

Publicado por Bloom Books,

uma chancela de Sourcebooks, Naperville, Illinois, EUA.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250 011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso

Coordenação editorial: Vanessa Domingos

Tradução: Maria João B. Marques

Revisão: Bruna Duarte

Capa: Dawn Adams / Sourcebooks

Ilustração da capa: Monika Roe

Adaptação da capa: Wonder Studio / Carolina Leonardo

ISBN: 978-989-583-183-8

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](#)

Facebook: [topseller.editora](#)

Instagram: [topseller.suma](#)

PRÓLOGO

GIGI

Porquê? É famoso?

SEIS ANOS ANTES

Quando era miúda, um dos amigos do meu pai perguntou-me o que queria ser quando crescesse.

— Stanley Cup — respondi orgulhosamente.

O meu eu de 4 anos achava que «Cup» era o nome de uma pessoa. Na verdade, o que deduzia das conversas entre os adultos à minha volta era que o meu pai conhecia pessoalmente o Stanley Cup (de facto, encontravam-se muitas vezes), uma honra apenas concedida a um grupo de pessoas muito restrito. O que significava que o Stanley, quem quer que fosse este grande homem, devia ser uma espécie de lenda. Um fenómeno. Alguém a quem aspirar ser.

Nada de sair ao meu pai, um miserável atleta profissional. Ou à minha mãe, uma mera compositora premiada.

Eu ia ser o Stanley Cup e dominar a porra do mundo.

Já não me lembro de quem destruiu os meus sonhos. Provavelmente, o meu irmão gémeo, o Wyatt. É um destruidor de sonhos impenitente.

No entanto, o mal já estava feito. Enquanto o Wyatt tinha uma alcunha normal, atribuída pelo meu pai quando éramos miúdos (o testado e comprovado «campeão»), a mim chamavam-me «Stanley». Ou «Stan», quando se sentiam preguiçosos. Até a minha mãe, que finge incomodar-se com todas as alcunhas geradas na esfera do hóquei, por vezes, tem deslizes. Na semana passada, ao jantar, pediu ao Stanley que lhe passasse as batatas. Porque é uma traidora.

Esta manhã, a lista passou a incluir mais um traidor.

— Stan! — chama uma voz ao fundo do corredor. — Vou à rua buscar café para o teu pai e para os outros treinadores. Queres alguma coisa?

Viro-me e lanço um olhar furioso ao assistente do meu pai.

— Prometeste nunca me chamar assim.

O Tommy faz-me a gentileza de parecer arrependido. Depois, atira a gentileza pela janela.

— Certo. Estou só a dizer, mas talvez esteja na altura de aceites que esta é uma batalha perdida. Queres um conselho?

— Não.

— Sugiro que aceites a alcunha, minha linda.

— Nunca — protesto. — Mas aceito «minha linda». Continua a chamar-me assim. Faz-me sentir delicada, mas majestosa.

— Tu é que mandas, Stan. — Rindo-se da minha expressão indignada, pergunta: — Café?

— Não, não quero. Mas obrigada.

O Tommy vai à sua vida, uma pilha de energia incessante. Há três anos que é assistente pessoal do meu pai, e nunca vi este homem fazer sequer uma pausa de cinco minutos. É provável que os seus sonhos sejam todos em cima de uma passadeira.

Dirijo-me ao balneário, onde rapidamente descalço os ténis e calço os patins. São 7h30, o que me dá tempo suficiente para fazer um aquecimento matinal. Assim que começar o treino, será o caos. Até lá, tenho o rinkue só para mim. Só eu e uma bela camada virgem de gelo liso, intocado pelas lâminas dos patins prestes a riscá-la.

Quando chego ao rinkue, o nivelador de gelo está a acabar a última volta. Inspiro os cheiros de que mais gosto em todo o mundo: o frio cortante do ar e o odor forte dos pavimentos de borracha. O cheiro a metal dos meus patins acabados de afiar. É difícil descrever quão bem sabe respirar tudo isto.

Chego ao gelo e dou umas voltas lentas e indolentes ao rinkue. Nem sequer participo no treino de juniores, mas o meu corpo nunca me deixa fugir ao exercício. Desde que me lembro que sempre acordei cedo para treinar sozinha. Às vezes, escolho exercícios simples. Outras vezes, limito-me a deslizar sem objetivo. Durante a época de hóquei, quando tenho mesmo de estar presente nos treinos, tenho o cuidado de não me cansar demasiado nestas patinagens a solo. Mas esta semana não vim aqui para jogar, só vim ajudar o meu pai. Nada me impede de fazer um *sprint* junto à tabela.

Patino depressa e com destreza, voando a toda a velocidade por trás da baliza, fazendo uma curva apertada e acelerando em direção à linha azul. Quando abrando, o meu coração bate tão estrondosamente que, por momentos, abafa a voz que vem do banco de suplentes.

— ... estar aqui!

Viro-me e vejo um rapaz que parece ter a minha idade.

A primeira coisa em que reparo é no olhar carrancudo.

A segunda coisa em que reparo é que, apesar do olhar carrancudo, é incrivelmente bonito.

Tem um daqueles rostos atraentes que podem mostrar um olhar sisudo sem qualquer consequência estética. Tipo, só o torna mais giro. Dá-lhe um ar de mauzão e rebelde.

— Ei, estás a ouvir? — A sua voz é mais grave do que esperava. Soa a alguém que devia cantar baladas *country* num alpendre do Tennessee.

Ele passa a pequena porta e entra de patins no ringue. Reparo em como é alto, elevando-se acima de mim. Acho que nunca vi olhos daquele tom de azul. São inacreditavelmente escuros. De safira cinza-azulada.

— Desculpa? — pergunto, tentando não olhar fixamente. Como é possível alguém ser assim tão atraente?

As calças de hóquei pretas e a camisola cinzenta assentam bem no seu corpo alto. É meio magricela, mas, aos 15 ou 16 anos, já parece um jogador de hóquei.

— Eu disse que não podes estar aqui — vocifera.

De repente, acordo. Ah, OK. Este gajo é um idiota.

— E tu podes? — contesto. Os treinos de hóquei só começam às nove. Sei do que falo, porque ajudei o Tommy a fotocopiar os horários para pôr nos pacotes de boas-vindas.

— Posso. É o primeiro dia dos treinos. Vim fazer o aquecimento.

Ele observa-me com os seus olhos magnéticos, assimilando as minhas calças de ganga justas, camisola roxa e perneiras de um cor-de-rosa vivo.

Erguendo uma sobrancelha, acrescenta:

— Deves ter confundido as datas. O programa da patinagem artística é para a semana.

Semicerro os olhos. Esqueçam o que eu disse: este gajo é um idiota descomunal.

— Na realidade, eu...

— A sério, rainha do baile — interrompe, com a voz tensa. — Não tens nada de estar aqui.

— Rainha do baile? Já te viste ao espelho? — riposto. — Tu é que parece que devias ser escolhido para rei do baile.

A sua expressão irritada desperta também a minha irritação. Já para não falar do brilho arrogante no seu olhar. É isto que cimenta a minha decisão de provocá-lo.

Ele acha que não posso estar aqui?

E chamou-me *rainha do baile*?

Está bem... vai mas é apanhar no cu, ó cabeça de pila.

Com um olhar inocente, enfio as mãos nos bolsos de trás das calças.

— Desculpa, mas eu não vou a lado nenhum. Preciso mesmo de treinar as minhas rotações e *loops*, e, pelo que vejo — gesticulo para o

enorme rinque vazio —, há espaço suficiente para podermos treinar os dois. Agora, se me dás licença, a rainha do baile precisa mesmo de voltar ao treino.

Ele volta a franzir o sobrolho.

— Só te chamei assim porque não sei o teu nome.

— Já pensaste em perguntar como me chamo?

— OK. — Resmunga. — Como te chamas?

— Não tens nada que ver com isso.

Ele atira as mãos ao ar.

— Tu é que sabes. Queres ficar? Fica. Diverte-te com os teus *loops*. Só não me chateies quando os treinadores te expulsarem daqui.

Com isto, afasta-se a patinar, riscando o meu gelo imaculado com os sulcos deixados pelos seus patins. Ele desloca-se no sentido dos ponteiros do relógio, por isso, só para contrariar, movo-me no sentido oposto. Quando passamos um pelo outro, ele fulmina-me com o olhar. Respondo com um sorriso. Depois, só porque sou sacana, desato a fazer uma série de rotações sentadas. Agacho-me sobre uma perna e estendo a outra à minha frente, ficando mesmo no meio do seu caminho, na sua segunda volta. Ouço-o suspirar alto antes de se desviar para o lado oposto, para evitar ir contra mim.

Quando era miúda, cheguei a fazer um pouco de patinagem artística. Não era suficientemente boa (nem estava suficientemente interessada) para continuar, mas o meu pai insistia que as aulas seriam vantajosas para mim. Tinha razão. O hóquei no gelo resume-se sobretudo a jogadas físicas, mas a patinagem artística exige mais elegância. Após apenas um mês a aprender noções básicas, consegui ver grandes melhorias no meu equilíbrio, velocidade e posicionamento do corpo. Aperfeiçoar o uso das lâminas nessas aulas tornou-me uma melhor patinadora.

— Ouve, a sério, sai-me do caminho. — Ele faz uma paragem brusca. Lascas de gelo ricocheteiam dos seus patins. — Já é suficientemente mau ter de partilhar o gelo contigo. Ao menos, mostra algum respeito pelo espaço pessoal, rainha do baile.

Levanto-me da minha rotação e cruzo os braços.

— Não me chames isso. O meu nome é Gigi.

Ele ri-se.

— Tinha de ser. É mesmo nome de patinadora artística. Deixa-me adivinhar. É um diminutivo de algo feminino e extravagante como... Georgia. Não. Gisele.

— Não é diminutivo de nada — respondo, friamente.

— Estás a falar a sério? É só Gigi?

— Estás mesmo a julgar o meu nome? Qual é o teu, já agora? Deve ser um nome à macho. Tens mesmo cara de Braden ou Carter.

— Ryder — murmura.

— Tinha de ser — imito-o, desatando a rir.

Por momentos, a sua expressão é ameaçadora. Depois, fica só irritada.

— Não te metas no meu caminho.

Quando ele se vira de costas, sorrio e deito-lhe a língua de fora. Se este idiota pensa que pode interferir no meu precioso treino matinal no ringue, o mínimo que posso fazer é dar-lhe cabo da paciência. Decido tornar-me o mais incomodativa possível. Acelero, de braços estendidos para os lados, executando mais uma série de rotações.

Fogo, a patinagem artística é divertida. Já me tinha esquecido.

— Prepara-te, agora vais ver como elas mordem — ouço dizer a voz cínica do Ryder, acompanhada por um certo tom de satisfação.

Abrando, apercebendo-me do eco de passos atrás das portas duplas ao fundo do ringue.

— É melhor bazares, Gisele, antes de enfureceres o Garrett Graham.

Aproximo-me do Ryder, fazendo-me de parva.

— Garrett quem?

— Estás a gozar? Não sabes quem é o Garrett Graham?

— Porquê? É famoso?

O Ryder fica especado a olhar para mim.

— Faz parte da realza do hóquei. Este é o programa de treino dele.

— Ah. Pois. Só sigo patinadores artísticos.

Passo por ele, sacudindo o rabo de cavalo. Quero fazer uma última jogada, sobretudo para ver se ainda me lembro do que aprendi nas aulas.

Acelero. Encontro o equilíbrio. Não tenho travão porque estou a usar patins de hóquei, mas este salto não precisa do travão. Começo numa curva, ganho impulso com a lâmina do patim e salto, rodopiando no ar.

A aterragem é péssima. O meu corpo não está devidamente alinhado. Também dou voltas a mais, mas, não sei como, consigo evitar cair. Encolho-me perante a minha total falta de graciosidade.

— Gigi! Que raio estás a fazer? Estás a ver se partes o tornozelo?

Viro-me na direção do acrílico, onde vejo o meu pai a cerca de seis metros, franzindo o sobrolho. Está a usar um boné de baseball e uma t-shirt com o logo do programa de treino, tem um apito ao pescoço e traz um copo de café na mão.

— Desculpa, pai! — exclamo, envergonhada. — Estava só aqui na palhaçada.

Ouço um som abafado. O Ryder aproxima-se de mim, os seus olhos azuis escurecendo.

Inclino a cabeça para esboçar um sorriso inocente.

— O que foi?

— Pai? — resmunga baixinho. — És filha do Garrett Graham?

Não consigo evitar rir-me da sua indignação.

— Além disso, hoje vou ajudar nos exercícios de remate.

Os seus olhos estreitam-se.

— Tu jogas hóquei?

Estendo a mão para lhe tocar no braço.

— Não te preocupes, rei do baile, vou ser boazinha contigo.

TRANSCRIÇÃO DO REIS DO HÓQUEI

DATA DE EMISSÃO: 28/07

© THE SPORTS BROADCAST CORPORATION

JAKE CONNELLY: Por falar em desastres absolutos, parece-me ser a deixa perfeita para o nosso próximo segmento. Chegam-nos grandes notícias do mundo do hóquei universitário: a fusão Briar/Eastwood. Estamos a falar da tua *alma mater*, G.

GARRETT GRAHAM: A minha filha também lá anda. É uma coisa de família, percebez?

CONNELLY: Numa escala de um a dez (um sendo uma catástrofe e dez o apocalipse), quão negativa é esta fusão?

GRAHAM: Bem. Não é fantástica.

CONNELLY: Penso que se chama a isso um eufemismo.

GRAHAM: Sim, é verdade. Mas vamos por partes. Pondo de lado o facto de se tratar de uma fusão sem precedentes... Quer dizer, dois programas masculinos da Primeira Divisão de hóquei no gelo fundidos num só? É inédito. Porém, suponho que possa ter as suas vantagens. O Chad Jensen está perante uma superequipa. Quer dizer, o Colson e o Ryder no mesmo plantel? Já para não falar do Demaine, o Larsen e o Lindley. E o Kurt à frente da baliza? Diz-me se esta equipa não é imparável.

CONNELLY: Teoricamente, sem dúvida. E serei o primeiro a reconhecê-lo. O Chad Jensen é o treinador mais condecorado do hóquei universitário. Doze participações no Frozen Four e sete vitórias durante a sua passagem pela Briar. Detém o recorde de vitórias no campeonato...

GRAHAM: O teu sogro paga-te para seres o seu publicitário? Ou fazes isso de graça para conquistares a aprovação dele?

CONNELLY: Diz o homem que venceu três desses sete campeonatos sob a liderança do Jensen.

GRAHAM: Sim, é verdade. Somos ambos tendenciosos. Piadas à parte, o Jensen é um milagreiro, porém, nem mesmo ele consegue apagar décadas de amarga rivalidade e hostilidade. A Briar e a Eastwood foram rivais na mesma conferência durante anos. E, de repente, é suposto estes miúdos entenderem-se?

CONNELLY: Ele tem um trabalho difícil pela frente, é certo. Mas, como sugeriste, e se forem bem-sucedidos? Se se unirem como equipa?

Podemos estar prestes a ver magia a acontecer.

GRAHAM: Ou isso ou estes tipos vão dar cabo uns dos outros.

CONNELLY: Teremos de esperar para ver.

CAPÍTULO 1

GIGI

Magia do idiota rebelde e safado

Um jogador de hóquei não é só alguém que joga hóquei.

Alguém que joga hóquei aparece no rinkue uma hora antes do jogo, calça os patins, joga durante três períodos, volta a vestir a sua roupa normal e vai a correr para casa.

Um jogador de hóquei vive e respira hóquei. Estamos constantemente a treinar. Investimos o nosso tempo. Aparecemos duas horas antes do treino para aperfeiçoar o nosso jogo. Mental, físico e emocional. Fortalecemos, condicionamos, levamos o corpo ao limite. Dedicamos a vida ao desporto.

Jogar na liga universitária exige um compromisso espantoso, mas é um desafio a que sempre ansiei corresponder.

Uma semana antes de as aulas começarem na Universidade Briar, regresso ao meu habitual treino matinal. Os períodos entre épocas são excelentes, porque me permitem passar mais tempo com amigos e família, dormir até tarde, deliciar-me com *fast food*, mas estou sempre pronta para o início da nova época. Sem o meu desporto, sinto-me perdida.

Esta manhã decido treinar num dos dois rinquês do centro de desempenho desportivo da Briar. Trata-se de um simples exercício de remate em que acelero numa curva e atiro o disco para a baliza. E embora me repreenda sempre que falho, não há nada como o som do disco a bater contra a tabela num recinto vazio.

Repito o exercício durante cerca de uma hora até reparar no treinador Adley junto ao banco de suplentes, fazendo-me sinal. Sinto a camisola de treino suada ao patinar na sua direção.

Ele curva um canto da boca.

— Não podes estar aqui.

Tiro as luvas.

— Diz quem?

— Dizem as regras da NCAA sobre os treinos fora da época.

Sorriso.

— Sobre os treinos *oficiais* orientados pela equipa técnica. Eu estou a patinar a título individual.

— Sabes que não precisas de te esforçar tanto, G.

— Uau — brinco. — Está a dizer que quer que o meu desempenho seja inferior às minhas capacidades?

— Não, quero que guardes alguma energia para... — Ele detém-se, começando a rir. — Sabes que mais? Esquece. Estou sempre a esquecer-me de que estou a falar com uma Graham. És mesmo filha do teu pai.

O orgulho que sinto fica atenuado por uma ligeira irritação. Quando se tem um pai famoso, temos tendência a passar grande parte do tempo na sua sombra.

Quando comecei a jogar, sabia que iriam sempre comparar-me ao meu pai. O meu pai é uma lenda viva, não há volta a dar. Estabeleceu tantos recordes que já se tornou impossível acompanhá-los. O bacano jogou na liga profissional até aos 40 anos. E, mesmo aos 40, arrasou na sua última época. Podia facilmente ter continuado a jogar mais um ou dois anos, mas o meu pai é esperto. Reformou-se quando estava no topo da carreira. Tal como o Gretzky, com quem é constantemente comparado.

Esta pontada de irritação é algo que preciso de saber controlar. Sei disso. Se há alguém com quem gostaríamos de ser equiparados, é com um dos maiores atletas de todos os tempos. Talvez esteja apenas traumatizada com as ressalvas misóginas que acompanham todos os elogios que recebi ao longo dos anos.

Não jogou mal... para uma rapariga.

As suas estatísticas são impressionantes... para uma mulher.

Ninguém diz a um jogador de hóquei masculino que jogou espantosamente bem para um homem.

Na verdade, o hóquei masculino e o hóquei feminino são totalmente diferentes. As mulheres têm menos oportunidades de continuar a jogar depois da faculdade, a liga profissional tem menos espectadores e salários drasticamente mais baixos. Eu percebo: um jogo da NHL provavelmente atrai muito mais espectadores do que todos os jogos de hóquei feminino juntos. Os homens merecem cada tostão que recebem e cada oportunidade que lhes é concedida.

Isso quer dizer que preciso de aproveitar todas as oportunidades que me são concedidas enquanto jogadora.

E isso significa...?

Os Jogos Olímpicos!

Fazer parte da seleção olímpica e ganhar a medalha de ouro é o meu objetivo desde os 6 anos. Trabalho para isso desde essa altura.

O treinador abre-me a porta que dá para o banco de suplentes.

— O teu pai sempre vem este ano impingir o seu programa de treino?

— Sim, ainda esta semana. Primeiro, precisa de tempo para recuperar. Acabámos de chegar da nossa viagem anual a Tahoe na semana passada.

Todos os anos, a minha família passa o mês de agosto no Lago Tahoe com alguns amigos e familiares. Todo o verão é uma roda-viva de visitantes.

— Este ano, apareceram alguns antigos colegas do meu pai dos Boston Bruins, e digamos que, todas as manhãs, havia vários homens de ressaca inconscientes no nosso cais — acrescento, com um sorriso.

— Deus proteja aquele lago. — O Adley está perfeitamente ciente das confusões de que o meu pai e os colegas são capazes. Foi treinador-adjunto dos Boston Bruins quando o meu pai fazia parte da equipa. Na verdade, foi o meu pai que conseguiu, por portas travessas, que o Tom Adley dirigisse o programa feminino da Briar.

Mesmo que eu quisesse sair da sombra do meu pai, o seu nome está no letreiro do edifício. Centro Graham. Graças à sua contribuição, o programa feminino sofreu uma renovação total há cerca de dez anos. Novas instalações, novos treinadores, novos olheiros para escolherem os melhores talentos acabados de sair da escola secundária. Durante anos, o programa não se comparava ao masculino, até o meu pai lhe injetar uma nova vida. Disse que queria que eu tivesse um programa sólido se decidisse frequentar a Briar quando crescesse.

Se.

Ah! Ah!

Como se fosse possível ir para outro lado.

— Então, mas o que está aqui a fazer hoje? — pergunto ao treinador enquanto caminhamos pelo túnel.

— O Jensen pediu-me ajuda com o seu programa de treino.

— Ah, merda, isso começa hoje?

— Sim. Já agora, faz-me um favor e diz às meninas que façam pouco barulho. Isto é um treino à porta fechada. Se o Jensen vir alguma de vocês, eu não sei de nada.

— O que quer dizer com as meninas...

Mas o treinador está já a virar a esquina em direção aos escritórios da equipa técnica.

Obtenho a minha resposta ao entrar no balneário e ver algumas colegas de equipa ali reunidas.

— G, vais ficar por aí para ver desastre? — A nossa capitã de equipa, a Whitney Cormac, sorri-me do seu lugar no banco.

— Podes crer que vou. Não perderia isto por nada. Mas o Adley diz que temos de ser discretas, ou o Jensen passa-se.

A Camila Martinez, uma colega do terceiro ano, ri-se alto.

— Acho que o Jensen estará demasiado ocupado a barafustar com aqueles pit bulls raivosos para reparar em nós a espreitar das bancadas.

Tiro os meus produtos de higiene do cacifo.

— Vou só tomar um duche rápido e já vou ter convosco.

Deixo as meninas na zona de vestir e enfio-me no duche. Enquanto ponho a cabeça debaixo da água quente, pergunto-me como raio irá a equipa masculina sobreviver à fusão Briar/Eastwood. É uma mudança de programa tão súbita e radical, que muitos jogadores foram apanhados desprevenidos.

A Faculdade de Eastwood foi nossa rival durante décadas. No mês passado, foi à falência. Tipo, toda a universidade fechou as portas. Aparentemente, havia muito poucas inscrições e, na prática, a única coisa a manter a escola à tona eram alguns dos seus programas de desporto, particularmente o hóquei no gelo masculino. Estava garantido que a Eastwood iria fechar portas e todos os seus atletas ficariam na merda. A Universidade Briar apareceu na altura certa, salvando o dia e resgatando-os, mesmo à patrão. O que significa que a Eastwood agora faz parte da Briar, um desenvolvimento que acarreta mais do que algumas mudanças.

O *campus* em Eastwood, New Hampshire, que fica a uma hora de viagem para norte de Boston, foi oficialmente batizado de Campus Eastwood da Briar. Ainda oferece aulas a tempo inteiro, mas, para simplificar, todas as instalações desportivas foram encerradas e os seus edifícios reaproveitados.

E, claro, o mais importante: o hóquei masculino da Eastwood foi absorvido pelo hóquei masculino da Briar.

O treinador Chad Jensen tem agora a árdua tarefa de pegar em dois enormes plantéis e condensá-los num só. Muitos dos jogadores que eram titulares nas suas respetivas faculdades irão perder o lugar.

Já para não falar que todos se odeiam uns aos outros.

Não vou perder isto por nada deste mundo.

Depois do duche, visto umas calças de ganga desbotadas e uma camisola de alças. Apanho o cabelo molhado num rabo de cavalo e espalho um pouco de creme hidratante na cara, pois o ar do recinto seca-me sempre a pele.

As minhas colegas de equipa estão à minha espera nas bancadas. Optaram cuidadosamente por evitar os bancos de suplentes, sentando-se à esquerda do banco de penáti, várias filas acima. Suficientemente perto para ouvir os insultos, porém, esperemos que suficientemente longe para evitar que o treinador Jensen repare em nós.

A Whitney chega-se para o lado para eu poder sentar-me.

Os sons abafados daqueles crianças no túnel despertam o meu

entusiasmo.

À minha frente, a Camila esfrega as mãos e olha para nós com um olhar de pura satisfação.

— Aqui vamos nós.

Eles aparecem em grupos de dois e três. Alguns alunos do segundo ano e outros do terceiro. Vestem camisolas de treino pretas ou cinzentas. Reparo que alguns deles vêm a puxar as mangas, constrangidos, fazendo caretas, como se se sentissem fisicamente doentes por usar as cores da Briar.

— Sinto-me um bocado mal pelo pessoal da Eastwood — comento.

— Eu não — responde a Camila, com um enorme sorriso. — Irão proporcionar-nos entretenimento durante pelo menos um ano.

Olho na direção do gelo. Nem todos puseram os capacetes, e um rosto familiar chama-me a atenção. O meu coração vacila ao vê-lo.

— O Case está giro — diz a Whitney, com uma cadência cúmplice na voz. É insuportável.

— Já — respondo, de forma descomprometida.

Mas ela tem razão. Por isso é que é insuportável. O meu ex-namorado é estupidamente atraente. Alto e louro, com uns olhos azul-claros que ficam da cor do céu de verão quando tenta ser sedutor.

Está a falar com o seu amigo Jordan Trager. Não reparou em mim e ainda bem. A última vez que nos vimos foi em junho, embora tenhamos trocado umas mensagens durante o verão. Queria encontrar-se comigo. Disse-lhe que não. Não confio em mim quando estou ao pé do Case. O mero facto de o meu coração se ter sobressaltado agora mesmo diz-me que tomei a decisão certa ao recusá-lo este verão.

— Oh, meu Deus, estou apaixonada.

A Camila faz-me desviar a atenção do Case para um outro recém-chegado.

OK, uau. É indiscutivelmente sexy. Cabelo louro-escuro, olhos cinzento-claros e uma cara de fazer parar o trânsito. Deve ser um dos tipos da Eastwood, porque nunca o vi antes.

A Camila está praticamente a babar-se.

— Acho que nunca fiquei tão excitada só com o perfil de um tipo.

Alguns dos rapazes começam a aquecer, de *sticks* na mão, patinando junto à tabela. Passo os olhos pelos jogadores, mas não reconheço nenhum.

A Camila inclina-se e olha para o ringue.

— Qual deles é o Luke Ryder? — pergunta, curiosa. — Ouvi dizer que o Jensen nem sequer o queria.

— Hum-hum, claro, não queria o atacante mais bem classificado a nível nacional — diz a Whitney, secamente. — Duvido muito.

— Oh, o rapaz tem uma certa reputação — contesta a Cami. — Não censuraria o Jensen por querer manter o seu programa

imaculado.

Ela tem razão. Todos vimos o que aconteceu no Mundial de Sub-20 há uns anos, quando o Luke Ryder e um companheiro de equipa andaram à porrada nos balneários depois de os rapazes dos Estados Unidos levarem o ouro para casa. O Ryder partiu o maxilar ao outro e ele foi parar ao hospital. O incidente foi mantido em segredo, ou pelo menos os motivos que estiveram na sua origem. Nunca chegou a confirmar-se quem começou a luta, mas, tendo em conta que o outro jogador sofreu a maior parte das lesões, parece que o Ryder tinha contas a acertar.

Tanto quanto sei, ele tem-se portado bem desde então, mas dar cabo de outro jogador é algo que uma pessoa não esquece. É uma mancha no cadastro, independentemente do número de golos que marcou.

— É ele — digo, gesticulando na direção do gelo.

O Luke Ryder patina até ao louro a quem a Cami continua a fazer olhinhos e outro rapaz de cabelo preto curto. Vislumbro o contorno esculpido do rosto do Ryder antes de ele enfiar o capacete e virar-se.

Continua tão atraente como me lembrava. A diferença é que já não é um magricela de 15 anos. É um homem adulto, encorpado e musculado, emanando um vigor absoluto.

Não o vejo pessoalmente desde o programa de treino para jovens organizado pelo meu pai há cinco ou seis anos. Ainda fico arrepiada ao pensar na forma como me desprezou, dizendo que eu não podia estar no gelo. Além disso, assumiu que eu era patinadora artística. *E* chamou-me rainha do baile. Idiota. Foi mesmo divertido apagar-lhe aquele sorriso arrogante da cara quando fizemos um exercício de defesa de dois contra um e eu patinei mais depressa do que ele e outro rapaz para rematar à baliza. São as pequenas coisas que me fazem feliz.

— Ele é podre de bom — diz a Whitney.

— É a magia do idiota rebelde e safado — responde a Cami. — Torna-os ainda mais giros.

Rimo-nos à socapa.

— Ele é um rebelde safado? — pergunta a Whitney.

A Cami ri-se e diz:

— Bem, a faceta de rebelde é bastante evidente. Basta olhar para ele. Mas, é verdade, tem fama de engatatão. Só que, tipo, não da forma convencional.

Espeto-lhe um dedo nas costas, sorrindo.

— O que é que isso quer dizer? Como pode alguém ser engatatão de forma não convencional?

— Quer dizer que não se esforça para ir para a cama com alguém. Não vai atrás de ninguém, não faz a cena do jogador convencido. A

minha prima viu-o numa festa no ano passado e disse que ele esteve o tempo todo num canto com ar melancólico. Não dirigiu a palavra a ninguém toda a noite, e, mesmo assim, havia um monte de miúdas famintas a atirarem-se a ele. O rapaz pode praticamente escolher quem quiser.

Um apito rasga o ar. Nem sequer se trata do nosso treino, mas, instintivamente, prestamos atenção.

O treinador Jensen patina para dentro do rink, acompanhado por dois treinadores-adjuntos e pelo Tom Adley. Volta a apitar. Dois apitos estridentes.

— Ponham-se em fila! Quero duas filas no centro do rink. — A sua voz ecoa pelo enorme recinto.

Os jogadores colocam os capacetes e as máscaras protetoras, ajeitando as luvas enquanto as equipas se põem em fila. Há menos jogadores do que esperava.

— A Eastwood não tinha um plantel de quase 30 jogadores? — pergunto à Whitney.

Ela acena que sim.

— Ouvi dizer que ele está a dividir o programa de treino em dois grupos. Provavelmente, este é só o primeiro.

Esboço um sorriso forçado ao reparar na forma como a equipa se põe em fila. Os tipos da Briar lado a lado. Os tipos da Eastwood a fazer o mesmo. O Ryder entre os seus dois amigos, de queixo tenso.

— OK — vocifera o Jensen, batendo palmas. — Não percam tempo. Temos muita coisa para fazer esta semana para fechar o plantel. Vamos começar com um exercício simples de jogo de tabelas. A ver se libertam alguma energia, está bem?

Os outros treinadores encaminham os jogadores para a sua posição atrás de uma das balizas. Devido à forma como se puseram em fila, a maioria dos pares de jogadores tem um tipo da Briar e um da Eastwood.

Isto vai ser engraçado.

— O primeiro jogador a apanhar o disco deve rematar à baliza. O segundo deve tentar recuperar o disco.

Ele volta a apitar, dando início ao exercício. É um dos exercícios mais simples que existem, mas sinto a adrenalina a atravessar-me. Adoro este jogo. Tudo o que tem que ver com hóquei no gelo é pura emoção.

O Jensen larga o disco no canto atrás da baliza oposta e o primeiro par patina ao longo da tabela na sua direção. As suas camisolas não têm nomes ou números, por isso, não sei quem são.

No segundo par, identifico imediatamente o Case. Não pela sua aparência, mas pelo seu estilo característico, o seu passe rápido. O Case Colson tem o remate mais preciso de todo o hóquei universitário.

É possível que desse grandes dores de cabeça à maioria dos guardas-netos da NHL. Há uma razão para ter sido selecionado pelo Tampa.

— Isto é muito mais chato do que estava à espera — resmunga a Whitney. — Onde está o fogo de artifício?

— Sim — concorda a Camila. — Bora bazar...

No exato momento em que as palavras lhe saem boca, rebenta o fogo de artifício.

Começa com uma marcação cerrada do Jordan Trager. Tal como o Case, vi jogos suficientes da Briar para identificar o estilo agressivo do Trager. Ele cultiva o ar de valentão. É também um palerma raivoso, por isso, quando o jogador adversário começa a reagir à agressão, sei que o Trager não fica calado, como de costume.

Num piscar de olhos, estão a atirar-se ao pescoço um do outro.

Nos jogos de hóquei universitário a sério, lutar não é permitido. Estes dois parvalhões seriam expulsos do jogo e ficariam no banco no jogo seguinte. Durante os treinos, é geralmente mal visto e, possivelmente, implica castigo.

Mas neste treino?

O Jensen deixa acontecer.

— Bolas — sussurra a Whitney entre dentes quando o jogador da Eastwood dá um soco valente ao Trager, mesmo na bochecha esquerda.

O grito de raiva do Trager ecoa pelo ringue. No momento seguinte, estão os dois engalfinhados, agarrando a camisola um do outro, aos socos. Ouvem-se os gritos altos e selvagens dos seus companheiros de equipa, que se vão aproximando da luta.

Quando os dois jogadores caem no gelo, de pernas e patins emaranhados, a Cami fica alarmada.

— Porque é que o Jensen não põe fim a isto? — exclama.

O Chad Jensen está a três metros deles, com um ar aborrecido. À sua volta reina o caos. Os tipos da Briar incitam o Trager. Os jogadores da Eastwood torcem pelo amigo. Vejo o Case a aproximar-se para intervir, parando quando o David Demaine, o capitão da Briar, lhe põe a mão no braço.

— Caraças, o Double-D também está a deixá-los lutar — delicia-se a Camila.

Concordo que é um pouco chocante. O Demaine é o mais sereno possível. Provavelmente, devido à sua costela canadiana.

Só quando há gotas de sangue a manchar o lençol branco é que, finalmente, alguém intervém.

As minhas sobrancelhas saltam quando percebo que se trata do Ryder. O seu corpo alto precipita-se na direção dos colegas. Outro piscar de olhos e está a arrastar o colega de equipa para longe do Trager.

Quando o Trager se levanta e tenta atacar, o Ryder posiciona-se entre os dois jogadores de rosto vermelho. Não faço ideia do que diz ao Trager, mas, seja o que for, ele para subitamente.

— Fogo, que sexy — suspira a Whitney.

— Interromper uma luta? — pergunto, divertida.

— Não, conseguir calar o Trager. É um milagre do caraças.

— É a coisa mais sexy que alguém poderia fazer — concorda a Cami, e todas nos rimos.

O Trager é um idiota tão espalhafatoso e cáustico. Tolerava-o quando andava com o Case, mas havia dias em que até a tolerância chegava a ser difícil. Suponho que seja um aspeto positivo de termos acabado. Também se acabou o Trager.

O Jensen faz soar o apito antes de a sua voz de comando finalmente se juntar à briga.

— Acabou o treino. Fora do meu rinque.

— Vamos embora também — diz a Whitney, com um tom de urgência.

Concordo plenamente. O Jensen deve saber que estamos aqui, mas, embora não nos tenha expulsado, acabámos de testemunhar o seu treino a transformar-se numa batalha sangrenta. Certamente, não quererá público para o rescaldo.

Em silêncio, apressamo-nos as três pelo corredor. Ao fundo das bancadas, somos obrigadas a tomar uma decisão. Ou nos dirigirmos ao túnel que vai dar aos balneários, por onde fogem os jogadores com o rabo entre as pernas, ou tentamos sair pelas portas duplas do outro lado do recinto, onde estão reunidos o Jensen e os outros treinadores.

Em vez de arriscarmos enfrentar a ira do Jensen, tomamos a tácita decisão de evitar a saída. Chegamos à entrada do túnel ao mesmo tempo que alguns dos jogadores da Eastwood.

O Luke Ryder sobressalta-se por instantes ao reparar em mim. Depois, semicerra os olhos, aqueles olhos de um azul tão escuro que nunca esqueci, e curva um canto da boca.

— Gisele — goza.

— Rei do baile — gozo também.

Com um riso discreto, ele olha uma última vez para mim antes de se afastar a passos largos.

CAPÍTULO 2

RYDER

Animais de estimação, não. Nunca.

Vou arriscar e dizer que não causámos a melhor primeira impressão.

Posso estar enganado. Talvez o Chad Jensen goste de sangue e tripas nos treinos. Talvez seja o tipo de treinador que anseia por uma batalha no gelo estilo *O Deus das Moscas* para separar os homens dos rapazes.

Mas o seu olhar homicida diz-me que não, ele não é esse tipo de treinador.

A sua expressão torna-se turbulenta, mais impaciente, enquanto nos apressamos a encontrar um lugar. O Jensen só nos deu cinco minutos para despir o equipamento, por isso, todos no grupo parecem atormentados e desganhados, enfiando as camisas para dentro das calças e penteando o cabelo ao entrar na sala de imprensa.

Há duas vezes mais tipos nesta sala do que no gelo. O segundo grupo de treino já se encontrava reunido aqui, a assistir a uma gravação com um dos treinadores-adjuntos. Todos os jogadores do grupo dois olham para os recém-chegados com expressões desconfiadas.

Três filas de lugares concentram-se em frente do enorme ecrã que serve de ponto central da sala. Não vou mentir, estas instalações são muito mais fixes do que as que tínhamos na Eastwood. As cadeiras acolchoadas até giram.

O treinador Jensen está no centro da sala, enquanto três imperturbáveis assistentes estão encostados à parede junto à porta.

— Tiraram tudo do sistema? — pergunta, friamente.

Ninguém profere uma palavra.

Do canto do olho, vejo o Rand Hawley a esfregar a curva do maxilar. Levou um golpe feio do laçao do Colson. Ainda assim, não devia ter deixado o Trager provocá-lo daquela maneira.

Tendo jogado contra a Briar nos últimos anos, estou familiarizado com todos os jogadores do seu plantel. Conheço a maior parte das suas

estatísticas e sei a quem devo estar atento. O Trager sempre foi alguém a ter debaixo de olho. Tem uma reputação de bandido tempestuoso e é excecional a sacar faltas.

Mas ele não é o meu maior adversário. Esse seria... Dou uma olhada ao louro do terceiro ano que está na fila da frente.

O Case Colson.

A sério, é o único bacano nesta sala com quem devo preocupar-me. Uma maravilha de jogador. Trata-se do MVP* da Briar, o que significa que, certamente, ficará na primeira linha.

A minha linha.

Bem, a não ser que o Jensen me lixe e me ponha na segunda linha.

Não sei o que será pior. Não jogar na primeira linha... ou jogar na mesma linha que o Colson. De repente, é suposto confiar que um jogador da Briar me defenda? Está bem, está.

— De certeza que já acabaram? — pergunta o treinador, continuando a olhar em torno da sala. — Mais ninguém quer sacar da pila e comparar tamanhos? Agitá-las para ver quem é mais homem?

Mais silêncio.

O Jensen cruza os braços. Ele é uma figura alta e imponente, com olhos pretos e cabelo grisalho, ainda de ombros largos e em forma, tendo em conta que já deve ter uns 60 anos. Parece dez anos mais novo, pelo menos.

Este homem é, sem dúvida, o melhor treinador de hóquei universitário. Talvez seja por isso que me magoa tanto a memória da sua rejeição quando eu quis vir para a Briar.

Desde o segundo ano do secundário que eu afastava olheiros. Até os da Briar, a minha primeira escolha. Mas, depois da formatura, na altura de tomar uma decisão, não havia bolsas da Briar disponíveis. Ainda me lembro da manhã em que engoli o orgulho e pedi que me pusessem ao telefone com o Jensen. Porra, teria feito a viagem de Phoenix a Boston para falar com ele pessoalmente. Porém, ele deixou claro ao telefone que, após uma «análise cuidadosa», tinha decidido que eu não encaixava no seu programa.

Bem, ele é que se enganou, certo?

Não só estou aqui agora, como sou o melhor jogador nesta sala. Selecionado à primeira, caramba.

— Ótimo. Agora que a competição entre machos acabou, deixem-me ser claro. Se voltarem a desrespeitar o meu rinque desta maneira nos treinos, deixam de poder representar esta escola como jogadores da minha equipa de hóquei.

O Rand, que não tem filtro nem faz ideia de como analisar o ambiente à sua volta, decide defender-se.

— Com todo o respeito, míster — diz, acabrunhado —, a Eastwood não começou nada. A culpa é da Briar.

— Tu és da Briar! — vocifera o Jensen.

É o suficiente para calar o meu companheiro de equipa.

— Vocês não percebem. Agora são uma só equipa. A Eastwood acabou e vocês são todos jogadores da equipa de hóquei no gelo da Briar.

Vejo vários colegas agitarem-se nas cadeiras, visivelmente desconfortáveis.

— Ouçam, a situação não é ideal, está bem? Esta fusão aconteceu à última hora. Não vos deu tempo suficiente para pedirem transferência para outras faculdades ou procurarem lugar noutros programas. Lixaram-vos — diz, simplesmente.

Por um breve segundo, olha para mim, desviando de seguida o olhar e focando-se noutra pessoa.

— E, prometo-vos, farei os possíveis para vos colocar noutra equipa se não ficarem neste plantel.

A oferta generosa surpreende-me. O Jensen tem fama de ser um durão insensível, mas talvez tenha um lado mais humano.

— Dito isto, a verdade é que tenho quase sessenta jogadores e menos de metade de vocês irá fazer parte do plantel final. Não são números encorajadores.

O silêncio torna-se ensurdecedor. Ouvi-lo dizer isto com tanta naturalidade não é uma boa sensação. Nem sequer para mim. Estou bastante confiante de que o Jensen não me vai lixar, deixando-me fora do plantel, mas até eu sinto uma certa apreensão.

— Então, a semana irá desenrolar-se da seguinte forma. Como nos lixaram a todos, obtivemos permissão da NCAA para realizar um programa de treino de uma semana para reduzir o número de jogadores. No final desta semana, irei divulgar o plantel final, assim como a lista de quem irá estreiar-se no primeiro jogo. Depois, os treinadores Maran e Peretti irão reunir e fechar as linhas. Alguma dúvida até agora?

Ninguém levanta a mão.

— Dito isto, quero que nomeiem dois capitães provisórios para o programa de treino. Assim que o plantel estiver definido, podem voltar a votar ou ficar com os dois que escolherem hoje.

Dois?

Ergo a cabeça, surpreendido. Olho para o Shane Lindley, meu companheiro de equipa e melhor amigo. Parece igualmente intrigado, com os olhos negros a cintilar. Tecnicamente, a Eastwood entrou nesta fusão sem capitão. O nosso fugiu a seguir ao anúncio e foi transferido para a Quinnipiac. Lá se foi a ideia do capitão que vai ao fundo com o navio. O capitão atual da Briar é o franco-canadiano David Demaine.

— Acredito que, no interesse da união da equipa, ter dois capitães será a melhor solução. Quero que escolham um jogador do plantel

atual da Briar e outro da Eastwood.

— Pensava que tinha dito que era tudo a mesma coisa — murmura alguém sarcasticamente na última fila.

O ouvido aguçado do treinador não deixa escapar nada.

— E é — responde bruscamente ao queixoso. — Mas também não sou ingênuo a ponto de achar que basta dizê-lo. Não sou o raio de uma fada-madrinha que agita a varinha e torna a vida perfeita, OK? Acho que a melhor forma de colmatar este fosso é com dois capitães, pelo menos, durante esta semana, trabalhando em conjunto para relembrar a todos que somos uma só equipa...

— Eu nomeio o Colson — o Trager, de tom neutro e lábios inchados, faz-se ouvir.

O queixo do Jensen retesa-se com a interrupção.

— Eu nomeio o Ryder — clama o meu colega de equipa, o Nazzy.

Contenho um suspiro.

OK, isto começa mal.

O que está a acontecer é óbvio. Escolheram os dois melhores jogadores para capitães. Não necessariamente os dois jogadores que *deveriam* ser capitães. Primeiro, somos ambos do terceiro ano. Provavelmente, grande parte dos finalistas nesta sala merecem ser escolhidos, muito mais do que nós.

E, segundo, não tenho feitio para capitão. Estarão doidos? A minha personalidade não serve para liderar. Não estou aqui para dar a mão a ninguém, nem para gostar de toda a gente.

Foda-se, só quero é que me deixem em paz.

O Case Colson parece igualmente aborrecido por ser incluído nesta farsa. Porém, olhando em volta, sou saudado por um mar de rostos determinados. Os meus companheiros de equipa querem guerra, vários deles acenam com a cabeça de forma decisiva. Os jogadores da Briar transmitem a mesma firmeza moral.

O treinador vê o que eu vejo nos seus rostos. As linhas de batalha estão traçadas.

Ele suspira.

— Então, é isso? São essas as vossas escolhas? O Colson e o Ryder?

Um coro concordante ecoa pela sala. Só isto já é uma tomada de posição. Ambos os lados querem que o outro saiba que o seu jogador, a sua estrela, está no comando.

— Mas que raio... — murmuro baixinho.

O Shane ri-se entre dentes. Do meu outro lado, o Beckett Dune desata a rir-se. Gostava de poder dizer que os meus melhores amigos representam a cena do anjo e do diabo, em que um é um idiota e o outro está sobre o meu ombro a lançar bondade e compaixão. *Gostava de poder dizer isso.*

Porém, são os dois uns otários que adoram divertir-se à custa da

minha infelicidade.

— Ryder, concordas com isto? — O olhar penetrante do Jensen encontra o meu.

Não concordo nada com isto.

— Sim, claro — minto. — Tudo bem.

— Colson? — pergunta o Jensen.

O Case olha de relance para o capitão da época passada. O Demaine faz um rápido aceno de cabeça.

— Se é isso que a equipa quer — murmura o Colson.

— Ótimo. — O Jensen dirige-se ao palanque para anotar algo num caderno.

Só me faltava mais esta.

E, no entanto, apesar da imposição do cargo indesejado, não posso negar que me sinto aliviado por saber que, desta vez, o Jensen não vai tentar ver-se livre de mim.

O treinador abandona as suas notas e, de marcador preto na mão, dirige-se ao quadro branco que está sob o ecrã multimédia.

— Pronto, agora que está decidido, há mais umas coisas que precisamos de discutir antes do arranque do programa de treino. A primeira: o que é que aconteceu lá fora com o primeiro grupo? É absolutamente inaceitável. Estão a ouvir?

O Jensen encara diretamente o Jordan Trager e o Rand Hawley, franzindo de imediato o sobrolho, pois nenhum deles mostra um pingo de arrependimento. Apenas impertinência.

— Nesta universidade não lutamos uns com os outros — diz. — Se o repetirem, haverá consequências.

Vira-se para escrevinhar algo no quadro branco.

É PROIBIDO LUTAR

— A segunda, e isto é muito importante, por isso espero que estejam a ouvir. Não vou aprimorar a minha linguagem para vocês, seus otários. Se as vossas sensibilidades delicadas não aguentam palavrões, não deviam ser jogadores de hóquei.

Escreve mais qualquer coisa.

VÃO-SE FODER

O Shane ri à socapa.

— A terceira: quase todos os anos há um imbecil com a ideia ridícula de que a equipa precisa de um animal de estimação. Uma mascote viva em forma de cabra, porco, ou outro maldito animal da quinta. Não vou tolerar mais ideias dessas. Não mas apresentem; os

vossos pedidos serão recusados. Houve um incidente muito infeliz no passado e nem eu, pessoalmente, nem a própria universidade voltaremos a colocar-nos nessa posição. Há vinte anos que não temos animais de estimação e assim será para toda a eternidade. Percebido?

Quando ninguém responde, ele lança-nos um olhar furioso.

— Percebido?

— Sim, míster — dizemos todos.

Ele vira-se para o quadro.

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, NÃO. NUNCA.

— Qual acham que foi o incidente infeliz? — O Beckett aproxima-se para sussurrar ao meu ouvido.

Encolho os ombros. Sei lá.

— Talvez fosse uma galinha e a tenham comido sem querer — sugere o Shane.

O Beck fica pálido.

— Isso é sinistro.

— Pronto, está tudo. — O Jensen bate palmas. — Grupo um, vocês fizeram merda, portanto, podem ir para casa. Vemo-nos amanhã às nove horas. Grupo dois, vão ter comigo ao ringue daqui a quinze minutos.

A sala ganha vida à medida que todos se levantam e arrastam os pés, encaminhando-se para o corredor. O Jensen chama-me antes de eu chegar à porta.

— Ryder.

Olho por cima do ombro.

— Míster?

— Um minuto, por favor.

Engolindo a minha apreensão, aproximo-me.

— O que se passa, míster?

Ele fica em silêncio durante um momento, analisando-me. É enervante e eu resisto ao impulso de mexer as mãos. Raramente me sinto intimidado, mas há algo neste homem que me faz suar das mãos. Talvez por saber que ele não me queria aqui.

Odeio sabê-lo.

— Isto de seres capitão da equipa vai ser um problema? — pergunta, por fim.

Encolho os ombros.

— Isso é o que vamos descobrir.

— Não é essa a resposta que eu quero ouvir, rapaz. — Ele repete. — Vai ser um problema?

— Não, míster — respondo, de forma obediente. — Não vai ser um problema.

— Ótimo. Porque não posso ter a minha equipa em guerra. Precisas de assumir a responsabilidade e ser um líder, percebes?

O meu autocontrolo escapa-me por momentos.

— Vai fazer o mesmo discurso ao Colson?

— Não, porque ele não precisa.

— E eu preciso? Nem sequer me conhece.

Fogo, cala essa matraca, repreendo-me. Desafiar o meu novo treinador não me leva a lado nenhum.

— Eu sei que a união da equipa não é o teu forte. Sei que a capacidade de liderança não te é natural. Ambos sabemos que os teus antigos companheiros de equipa te escolheram pelo teu talento e não pela tua capacidade de liderança, e uma escolha dessas só pode acabar mal. Dito isto, não costumo intervir na escolha da equipa relativamente ao seu capitão e não vou fazê-lo agora. Mas estou de olho em ti, Ryder. E vejo tudo com muita atenção.

Consigo manter as palmas das mãos encostadas às pernas, embora elas desejem transformar-se em punhos.

— Obrigado pela dica. Já posso ir-me embora?

Ele faz um rápido aceno de cabeça.

Saio para o corredor e respiro fundo. Esta situação é lixada. Não faço ideia do que irá acontecer, mas, a julgar pelos acontecimentos desta manhã, não será fácil.

Demoro alguns minutos a orientar-me e a perceber como sair do edifício. As instalações de hóquei da Briar são maiores do que as da Eastwood e alguns corredores parecem labirintos. Finalmente encontro a receção, um espaço cavernoso com galhardetes pendurados nas vigas e camisolas emolduradas cobrindo as paredes. Através da parede de vidro da entrada, vejo vários dos meus amigos no exterior do edifício.

— Isto é que foi uma manhã divertida — observa o Shane quando me junto a eles.

— Muito — concordo.

O sol bate-me na cara, por isso, ponho os óculos escuros. Quando me mudei do Arizona para a Costa Leste a seguir ao secundário, esperava que em setembro estivesse frio na Nova Inglaterra. Não esperava que as temperaturas de verão se prolongassem, por vezes, até meio do outono.

— Espero que o grupo dois se saia melhor do que nós — diz o Mason Hawley com um sorriso irónico. O Mason é o irmão mais novo do Rand e, muitas vezes, o seu guardião.

— Duvido — diz o Shane. — Esta merda não tem volta a dar.

Nesse preciso momento, uma série de tipos da Briar saem do recinto e as suas expressões ensombram-se assim que nos veem. Detêm-se ao cimo das escadas, trocando olhares cautelosos. Depois, o Case Colson murmura qualquer coisa ao Will Larsen e o grupo avança.

Eu e o Colson olhamos fixamente um para o outro. Apenas um breve instante até ele desviar o olhar e passar por nós. O grupo desce os degraus da entrada sem reconhecer a nossa presença.

— Que boas-vindas tão calorosas — diz o Beckett, vagarosamente, à medida que eles se afastam. O seu sotaque australiano torna-se sempre mais pronunciado quando está a ser sarcástico. A família do Beck mudou-se para os Estados Unidos quando ele tinha 10 anos. A América praticamente apagou-lhe o sotaque, mas ainda está lá um vestígio que paira sob a superfície da sua voz.

— A sério, sinto-me tão desejado aqui! — exclama o Shane. — Estes arco-íris e unicórnios da Briar já estão a deixar-me tonto.

— Isto é uma merda — murmura o Rand, continuando a olhar para os tipos da Briar. Endireita os ombros e vira-se para mim. — Precisamos de marcar uma reunião de emergência. Vou enviar uma mensagem de grupo. Pode ser em tua casa?

— O segundo grupo ainda está no treino — salienta o Shane.

O Rand está já a sacar do telefone.

— Vou dizer-lhes para aparecerem ao meio-dia.

Sem aguardar aprovação, envia o SOS. E é assim que, umas horas mais tarde, a sala da nossa residência fica a abarrotar com mais de vinte tipos.

Eu, o Shane e o Beckett mudámo-nos para esta casa na semana passada. A nossa casa em Eastwood era maior, mas há poucas opções de alojamento em Hastings, a pequena cidade mais próxima do *campus* da Briar. Ao passo que antes tinha a minha casa de banho privada, agora partilho uma com o Beckett, que usa demasiados produtos para o cabelo e deixa sempre uma bagunça na bancada. Para um mulherengo, ele é um bocado gaja.

Por falar em mulherengos, o Shane foi recentemente consagrado como tal e, em vez de prestar atenção ao Rand, está a trocar mensagens com uma rapariga que conheceu no Starbucks há rigorosamente uma hora. Desde junho que o Shane anda a engatar miúdas para recuperar de um coração partido. Mas, quando alguém lhe pergunta, a separação foi mútua.

Alerta de *spoiler*: isso não existe.

— Pronto, calem-se lá — ordena o Rand. Ele e o Mason são rapazes do Texas, cada um ostentando um ligeiro sotaque, mas, enquanto o Mason tem uma postura sulista descontraída, o seu irmão mais velho está sempre nervoso. — Precisamos de falar da questão do plantel.

Ele espera que todos se calem, depois olha para mim.

— O que foi? — resmungo.

— Agora és capitão. Tens de dar início à reunião.

Encostado à parede, cruzo os braços junto ao peito.

— Gostava que ficasse registado que eu não queria ser capitão e

que vocês são todos uns otários por me fazerem isto.

O Shane assobia.

— Bem, azar — diz o Rand, revirando os olhos. — Eles escolheram o Colson. Que raio era suposto fazermos?

— Não me escolherem? — sugiro, friamente.

— Precisávamos de tomar uma posição. Pôr o nosso melhor jogador contra o deles.

— Ele não é o melhor deles — manifesta-se o Austin Pope, hesitante. O miúdo de cabelo encaracolado está junto a um dos cadeirões de pele com outros caloiros.

O Rand lança-lhe um olhar furioso.

— O que é que disseste, novato?

— Estou só a dizer que já não há o melhor «deles» ou o «nosso» melhor. Agora estamos todos na mesma equipa.

Ele parece tão miserável como todos nos sentimos.

— Enfim. Será que agora podemos falar do plantel? — pergunta o Rand, impaciente.

— O que é que tem? — pergunta o Beckett com uma voz aborrecida, enquanto escreve algo no telemóvel, sem prestar particular atenção. — O Jensen vai escolher quem ele quiser.

— Uau, que palavras inspiradoras. — No sofá cinzento onde está sentado, o nosso guarda-redes do segundo ano abafa o riso.

— Não precisamos de nos preocupar, pois não? — O Austin parece doente. — Ele não pode rejeitar-nos a todos, certo? E se ele rejeitar todos os jogadores da Eastwood?

Olham todos para ele.

— O que foi? — pergunta o adolescente, de forma desajeitada.

O Shane sorri.

— Daqui a uns meses vais jogar no Mundial de Sub-20. É impossível não ficares na equipa, puto.

O Austin tem um talento natural como nunca vi. Além do meu, claro. A Eastwood recrutou-o no ano passado e ficámos todos entusiasmados quando ele aceitou. Na primavera passada, ninguém teria adivinhado que a porra da nossa faculdade ia falir.

O que mais me chateia é que só vinte e cinco tipos da Eastwood escolheram migrar para a Briar. Vários dos nossos companheiros de equipa, sobretudo os futuros finalistas, saltaram do barco assim que saiu o anúncio. Alguns pediram transferência para outras faculdades. Outros foram para a liga profissional. Poucos abandonaram a equipa. Não compreendo os desistentes. Os verdadeiros jogadores de hóquei sabem que não se deve desistir quando as coisas se tornam complicadas.

O Shane tem razão. O Austin não tem nada com que se preocupar. O mesmo se aplica a muitos de nós. É fácil adivinhar em que direção

irá gravitar o Jensen. O Shane, o Beck e o Austin, quase de certeza. O Patrick e o Nazem são do segundo ano, mas são dois dos melhores patinadores que já vi. O Micah, finalista, é talvez o melhor jogador atualmente a manobrar o *stick*.

O problema é que, olhando ao redor desta sala, vejo mais talento do que vagas disponíveis. Alguém, ou melhor, vários alguéns irão sofrer uma desilusão.

Como se percebesse a minha linha de pensamento, o rosto do Rand fica vermelho de raiva. A sua bochecha evidencia já sinais de contusão, graças ao Trager.

— Se eu não conseguir ficar na equipa e aquele monte de merda do Trager ficar...

— Vais conseguir — o Mason assegura o irmão, embora não pareça totalmente convencido.

— Espero bem — responde o Rand. — E espero bem que a maioria seja da Eastwood. Nós todos e muito poucos deles.

Como novo cocapitão, sei que devia interromper esta linha de pensamento. Destruí-la completamente. Porque não podemos começar uma nova época com uma mentalidade «nós contra eles».

Porém, independentemente de quanto o Jensen deseje o contrário, *somos* nós contra eles. Jogo com os meus colegas da Eastwood há dois anos. Somos uma equipa e chegámos ao Frozen Four na última época. Não levámos o troféu para casa, mas estávamos preparados para alterar isso este ano.

Quem quer que tenha aprovado esta fusão, basicamente, pegou numa caçadeira e disparou chumbo grosso contra uma equipa que estava prestes a atingir o seu auge.

— Vocês não percebem — resmunga o Rand, visivelmente frustrado com a passividade dos nossos companheiros de equipa. — Não sabem fazer contas? Só nesta sala, temos dezasseis titulares. Isso quer dizer que, para *permanecermos* todos como titulares, o Jensen teria de eliminar toda a sua formação.

A amargura que endurece as suas feições contagia alguns dos outros rapazes. Os seus rostos ensombram-se. Murmúrios irritados atravessam a sala.

A hostilidade alimenta o Rand, que já é um tipo hostil por natureza. Começa a andar de um lado para o outro, os seus ombros musculados retesando-se.

— Alguns de nós não vão ser titulares, percebem isso, ou não? Percebem essa merda? Estamos a competir pelas nossas posições...

— Podias ter pedido transferência — ressalta o Beckett. Estava a mexer no telemóvel, mas ergue a cabeça para interromper a divagação enraivecida do Rand.

O Rand para de andar.

— E ir para onde? Que se lixe essa merda. Queres que abandone o navio como o nosso capitão? Como o nosso treinador coninhas?

Está a referir-se ao Scott Evans, o nosso antigo treinador principal. O Evans recusou-se a trabalhar para o Jensen a seguir à fusão, tendo aceitado trabalho como treinador numa preparatória de elite no New Hampshire.

— Então cala-te, caralho — diz o Shane, encolhendo os ombros. — Para de te queixar e luta pela tua posição. Mostra que deves estar na equipa.

O Rand cerra os dentes e eu sei no que ele está a pensar. Há, pelo menos, dez tipos do lado da Briar que são melhores do que ele. E tudo depende da forma como o Jensen organizar as suas linhas. Se decide valorizar brutamontes como o Rand, ou encher a equipa de goleadores.

— E tu? — pergunta o Rand, subitamente virando o olhar carrancudo para mim. — Não tens mesmo nada a dizer?

A irritação aperta-me o estômago. Eu e o Rand nunca fomos grandes amigos. Aliás, acho que não posso considerar-me um «grande amigo» de ninguém. Nem os meus melhores amigos me conhecem bem.

A minha voz sai rouca ao dirigir-me à sala.

Deixo cair os braços, encolhendo os ombros.

— Esta situação é uma merda, eu sei. Mas, como disse o Lindley, se querem ser titulares, lutem por isso.

O Rand vocifera uma gargalhada irónica.

— Vá lá, Ryder, és mesmo estúpido se achas que isto fica por aqui. Tu já és titular, certo. Mas o que achas que acontece a seguir, meu? O quê, vais jogar na mesma linha que o Colson e achas que ele te vai apoiar no rinque? Vai passar-te o disco em vez de ficar com a glória para si, porque não quer partilhar com um gajo da Eastwood? Não se trata apenas de lutar para ser titular. Porque, mesmo depois de seres seleccionado, continuas a ter de competir com os teus colegas de equipa.

A sala fica tão silenciosa que podia ouvir-se uma pena a flutuar.

A pior parte é que o Rand tem razão.

Independentemente da maneira como encaramos isto, estamos todos lixados.

* *Most Valuable Player*, troféu atribuído ao Jogador Mais Valioso. [N. T.]

CAPÍTULO 3

GIGI

Foi só um beijo

Há uns anos que o meu pai faz o programa Reis do Hóquei. Foi para o ar um ano depois de ele se reformar, mas não era esse o seu plano original. Inicialmente, a TSBN ofereceu-lhe um acordo de nove dígitos (sim, disse nove) para ser comentador desportivo. Porém, alguns meses antes do início previsto, ele e outro recém-reformado, o Jake Connelly, foram convidados para comentar a final da Stanley Cup desse ano na ESPN. Esse mísero episódio atraiu as maiores audiências do canal em anos. A TSBN viu cifrões imediatamente e percebeu que o meu pai seria mais adequado como comentador do que relator de jogos. Apresentaram a ideia do Reis do Hóquei ao meu pai e ao Connelly, e o resto faz parte da história das audiências.

Os dois falam de tudo o que tenha que ver com hóquei. A NHL, o hóquei universitário ou o internacional. Incluem até conteúdos relativos ao hóquei do ensino secundário. Tudo é assunto e os espectadores adoram. A minha parte preferida, porém, são os títulos dos segmentos. Os produtores gostam de mostrar a sua criatividade. Também são malucos por aliterações.

Assim, o título do tema do bloco C desta noite juntava as palavras *BANHO DE SANGUE BRUTAL NA BRIAR*. Aparentemente, a notícia da briga desta manhã chegou aos grandes canais desportivos.

— Foi um bocadinho melodramático, não achas? — pergunto ao meu pai quando ele me liga, umas horas a seguir ao programa. — Foi, tipo, a luta menos sangrenta que já vi. No máximo, derramaram umas gotitas de sangue.

— Precisamos de atrair espectadores. O sangue no hóquei é um chamariz.

— Apresentas um programa com o Jake Connelly, o homem mais bonito do mundo. Acredita, terás espectadores.

— Não, não, não — resmungo. — Sabes como me sinto quando dizes que o parvo do Connelly é bonito. Provocas a minha

traumatizante inferioridade.

Desato a rir-me.

— Porque é que tu e a tua mãe acham aquele tipo bonito? Quando muito, é mediano.

— Acredita, não é nada mediano.

— Concordamos em discordar.

Rindo para mim mesma, tiro um par de calças de fato de treino da gaveta da cómoda. Esta noite, vou atravessar o corredor até ao quarto da Whitney para vermos um filme.

— Falaste com o teu irmão hoje? — pergunta o meu pai.

— Não. Ele mandou-me uma mensagem ontem à noite, um *meme* parvo, mas, tirando disso, não sei dele há vários dias. Porquê? Desapareceu outra vez?

O meu irmão gémeo tem o hábito de perder a noção de onde está quando está a escrever música. E o seu telemóvel está sempre sem bateria. O que significa que a minha mãe está constantemente preocupada e a mandar-me mensagens a perguntar se sei alguma coisa do Wyatt.

— Não, não, anda por aí. Falei com ele hoje de manhã. Como não tem concertos marcados, está a pensar vir passar umas semanas a casa.

Ao contrário de mim, o Wyatt não anda na faculdade. Anunciou a decisão aos nossos pais na manhã a seguir à nossa formatura do secundário, embora tivesse sido aceite em três das melhores faculdades do país, incluindo a Juilliard. Sentou-se com eles, todo profissional (ou o mais profissional que uma pessoa pode parecer de calças de ganga rasgadas e t-shirt desgastada), e disse-lhes que a faculdade não tinha nada para lhe oferecer, o seu caminho era a música e não valia a pena tentarem convencê-lo do contrário, ponto final.

Três semanas depois, mudou-se para Nashville. E nem sequer gosta de música *country*. O seu estilo é uma espécie de mistura *pop-rock-folk*; acho que não consigo identificá-lo exatamente. A única coisa que sei é que ele é bom. Incrível, na verdade. Herdou o gene da minha mãe para a música.

Mas a pior coisa do meu irmão é que também herdou o talento do meu pai. O puto também sabe jogar hóquei. E bem.

Simplesmente, não *quer*.

O meu cérebro não consegue compreender. Quem não haveria de querer jogar hóquei?

Qual é o problema dele?

— Em todo o caso, estava a pensar, se ele vier, talvez possas vir também. No próximo fim de semana, ou no outro a seguir?

— Sim, talvez dê. O jogo inaugural é só daqui a umas semanas.

— A propósito, que tal te pareceram os homens? Esta manhã, isto é.

— Não faço ideia. Como te disse, tinham começado a fazer um exercício há dois minutos quando o Jordan se passou com um dos tipos da Eastwood. O Luke Ryder acabou por separá-los.

— Esse Ryder tem uma péssima atitude. Não sei como irá safar-se com o Jensen, que não tem paciência para essas tretas.

— Sinceramente, não vejo nenhum deles a safar-se.

— Se estás preocupada por o Case não ficar na equipa, não estejas. Não tenho dúvidas de que seja titular.

— Não estava minimamente preocupada com isso, mas boa resposta. É agora que começa a pescaria?

— Qual pescaria? — pergunta o meu pai, de forma inocente. — Mas, quer dizer, já que falas nisso...

Reviro os olhos ao telemóvel.

— Não voltámos, se é isso que queres saber. Sei que estás obcecado por ele, mas precisas de seguir em frente, meu amigo.

— Não estou obcecado por ele — protesta o meu pai. — Só gosto dele. Achava que era bom para ti.

Eu também achava.

Até ele me trair.

Mas o meu pai não sabe disso. Somos uma família unida, mas há limites para o que decido partilhar com eles. Não falo sobre a minha vida sexual. Não lhes digo quanto bebo numa festa ou se, ocasionalmente, dou uma passa num charro.

E, certamente, não falo sobre o facto de o tipo por quem estava completamente apaixonada ter beijado outra pessoa na noite a seguir a eu lhe dizer que o amava. Nem pensar.

— Bem, tenho de ir — digo, antes de o meu pai continuar o interrogatório. — É noite de cinema com a Whitney e a Cami.

— Está bem. Manda-lhes um beijinho. Adoro-te, Stan.

— Mando. Também te adoro.

Termino a chamada no preciso momento em que uma mensagem do Case aparece no ecrã. Devia ter as orelhas a arder.

CASE:

Podemos falar?

Fico a olhar para a mensagem. Os meus polegares pairam sobre o teclado, mas não sou capaz de escrever uma resposta.

Sei que devia. Foi fácil evitar as suas mensagens e telefonemas durante o verão, mas, agora que regressámos os dois ao *campus*, talvez fosse bom esclarecer as coisas. Ao mesmo tempo, não sei o que mais haverá a dizer. Acabámos. Não estou interessada em reatar e ainda

não me sinto preparada para voltarmos a ser melhores amigos.

CASE:

Talvez devesse acrescentar que estou à tua porta.

Não acredito nisto. Ele impossibilitou-me de decidir. Encaminhou-me para a porta um pouco chateada, batendo com os pés, e abro-a de rompante.

Efetivamente, o Case está à minha porta de calças de fato de treino, casaco preto com capuz e um boné de basebol virado para trás.

— Eu sei. Sou um idiota. Não devia aparecer aqui assim.

— Não, não devias — concordo.

— E também devia devolver isto. — Estende-me o cartão que possibilita o acesso à Hartford House.

Arranco-lho das mãos rapidamente. Merda. Esqueci-me de que ainda o tinha.

— Mas uma vez que aqui estou... — O Case esboça aquele sorriso familiar que costuma derreter-me o coração.

Esta noite, derrete apenas parcialmente, pois estou zangada por ele aparecer sem ser convidado.

— Só preciso de cinco minutos. — Perante a minha relutância, implora-me com aqueles olhos azul-claros. — Por favor? — pede, com a voz rouca.

Abro mais a porta.

— Está bem. Mas estou quase a sair. A Whitney está à minha espera.

— Serei rápido — promete.

Ele entra para a sala comum, o seu corpo musculado e alto dominando o espaço modesto. Tenho uma *suite* de dois quartos na Hartford House, uma das melhores residências da Briar. É também um dos edifícios mais antigos, quase totalmente coberto de hera e, como foi construído antes de a universidade começar a rentabilizar todos os metros quadrados de espaço, os quartos e as *suites* são muito maiores do que nas outras residências. A Hartford fica situada no limite do *campus*, mesmo ao pé dos trilhos de corrida, o que é perfeito para mim: alguns dias por semana consigo acordar e ir dar uma corrida rápida antes do treino. Nunca fui uma miúda de ginásio. Gosto de estar ao ar livre, mesmo no inverno.

Em vez de se atirar imediatamente ao território sentimental, o Case começa com um tema seguro, enfiando ambas as mãos nos bolsos.

— Esta manhã foi uma brutalidade — diz ele. — Sei que vocês estavam a ver.

— Sim. Pareceu tenso. O Jensen deu-vos na cabeça?

— Se deu. — Faz uma careta. — E depois nomeou-me cocapitão.

Fico surpreendida.

— A sério? Porque não manteve o Demaine como capitão?

— Ah, não foi ele que escolheu. Foi o pessoal. Mas não ficou por aí: o Jensen diz que precisamos de *dois* capitães para tentar unir a equipa ou algo do género. Que é uma treta. Ninguém vai unir nada. — Sente-se a amargura nas suas palavras. — E sabes quem foi o outro capitão que escolheram? O Luke Ryder.

As minhas sobranceiras dispararam.

— Estás a gozar? Votaram *nele* para capitão? O tipo tem a personalidade de um cato.

O Case abafa o riso.

— Uma apreciação exata.

Passam vários segundos de silêncio e eu preparo-me para a mudança de assunto. Sinto-a aproximar-se, tal como sei sempre que vai chover. Sou um barómetro da chuva e de conversas difíceis.

— Senti muito a tua falta.

A sua confissão angustiada fica a pairar entre nós. O meu coração não consegue aguentar quando ele diz coisas destas.

Mordo o interior da bochecha.

— Case...

— Sei que não tenho direito a dizê-lo. Mas... sinto a tua falta. Não consigo evitá-lo. — Hesita. — Não sentes a minha falta, nem um pouco?

Ele faz uma expressão sentida e é mais um golpe no meu coração magoado. Isto é uma treta, porque o Case é mesmo bom tipo. Não estava a ser maldoso quando fez o que fez. Sinceramente, não acredito que quisesse magoar-me. Cometeu um erro.

Não, corrige a voz severa na minha cabeça. Ele não cometeu um erro.

Ele fez uma escolha.

— G? — pergunta.

— Claro que sinto a tua falta — respondo, porque nunca fui capaz de lhe mentir. — Mas isso não muda o facto de termos acabado.

O seu rosto fica destroçado.

Libertando um suspiro derrotado, o Case dirige-se ao sofá de couro preto que os pais da minha colega de casa nos compraram quando perceberam que o nosso sofá anterior tinha sido comprado em segunda mão numa feira em Hastings. Os pais da Mya são... *snobes* é um termo demasiado simpático. Mas são snobes com ótimo gosto.

O Case afunda-se no sofá e deixa cair a cabeça nas mãos.

Preciso de toda a minha força de vontade para não ir ter com ele e abraçá-lo. Sempre detestei ver o Case triste. É-lhe tão pouco natural. Ele é geralmente uma pessoa positiva, sempre calmo a lidar com tudo. Com um coração verdadeiramente bom. O que faz com que seja

impossível odiá-lo.

Finalmente, ergue a cabeça.

— Quero-te de volta. Vá lá, amor. — A sua voz quebra ligeiramente. — Odeio não estar contigo.

Surgem pequenas fissuras na armadura que me protege o coração.

— Eu sei que também o odeias — suplica. — Estarmos separados. Tipo, não estar contigo este verão? Foi horrível. Absolutamente insuportável.

Sim e não. É verdade que senti a sua falta este verão, não vou negá-lo. Mas também não estava a adormecer a chorar, nem a compor mensagens de amor não correspondido na aplicação das notas, parágrafos e parágrafos sobre o quanto me magoou e como poderíamos voltar a estar juntos.

A verdade é que nem sequer sei se é possível. Não sou uma pessoa fria nem inflexível. Os meus amigos dizem-me que perdoo com demasiada facilidade. E já perdoo o Case, sinceramente.

Mas também não consigo esquecer o que ele fez.

— Traíste-me — relembro-o. O meu tom é neutro.

— Foi só um beijo — diz, tristíssimo.

Uma sensação de raiva e indignação faz-me arder a garganta antes de conseguir evitá-lo. Abro a boca para falar, mas ele antecipa-se.

— Eu sei, eu percebo. Não estamos de acordo sobre o que é uma traição. Não acho que o que fiz seja exatamente uma traição...

— Curtiste com outra pessoa! Isso não é «só um beijo», Case. E é uma traição.

— Foi uma estupidez, OK? Reconheço completamente que fiz merda.

Esta é a mesma discussão que tivemos em junho depois de ele confessar o que tinha feito. A mesma discussão que continuámos a ter quando tentou reconquistar-me. Estou farta.

— Queres reatar, mas nem sequer admites que me traíste.

— Foi um erro. — As suas feições tornam-se tensas ao registar a minha expressão inflexível. — Está bem. Eu traí-te. OK? Traí-te e arrependi-me todos os segundos de todos os dias desde que aconteceu. Estava bêbedo e a passar-me, porque a nossa relação estava a ficar séria e... passei-me — repete, pendendo a cabeça com vergonha.

Sinto-me desconfortável em pé à sua frente, por isso, aproximo-me para me sentar. Mantenho alguma distância entre nós, mas ele vira-se, torcendo o corpo de modo a ficar virado para mim. As suas pernas são tão compridas que um dos seus ténis gastos roça a minha meia.

— Disseste que irias pensar sobre isso — relembra, com uma voz doce. — Sobre tentarmos outra vez.

Liberto um suspiro cansado.

— E pensei. Mas, como te disse da última vez que trocámos

mensagens, não quero reatar.

O seu rosto abate-se. Quando estende a mão para pegar na minha, deixo-o. Ele entrelaça os seus dedos nos meus. A sua mão é tão familiar. Quente e seca, as pontas calejadas dos seus longos dedos.

Ele implora com o olhar.

— Por favor. Só quero provar-te que não estou a brincar nem a fazer joguinhos. Cometi um erro e assumo-o. A única coisa que quero que saibas agora, o que mais importa, é que te amo.

O meu coração palpita com as suas palavras. Ele não faz ideia de quanto tempo esperei para as ouvir. Todo o ano e meio em que estivemos juntos, na verdade. Apaixonei-me rapidamente, mas obriguei-me a não o dizer demasiado cedo, com medo de o assustar. Quando finalmente o disse pela primeira vez, ele não retribuiu. Claro, começou a dizê-lo a torto e a direito *depois* de beijar outra pessoa. Mas, na noite em que lhe disse «Amo-te», ele não disse «Também te amo».

A lembrança transforma a palpitação do meu coração num golpe profundo.

— Não acreditas — diz o Case, olhando para mim.

— Não sei em que acredito. Eu... não consigo dar-te respostas. Nós acabámos.

Ele acena lentamente com a cabeça, passando a mão pelo cabelo dourado e chamando a minha atenção para o contorno bem definido do seu queixo. Qualquer rapariga, olhando para este rosto perfeito, atirar-se-ia aos seus braços, dizendo: «É claro que te aceito de volta!»

Mas eu não lhe dou tréguas assim tão rapidamente. Não depois de tudo o que aconteceu.

— Tudo bem. Eu compreendo — diz o Case, após um longo silêncio. — Eu deixo-te em paz, então.

Sinto a culpa atravessar-me o corpo. Aperto-lhe a mão antes de ele se afastar.

— Olha — asseguro. — Continuo a ser tua amiga. Sabes que, se alguma vez precisares seja do que for, basta ligares, está bem?

— Eu sei, eu também estarei sempre aqui para ti. — Ele puxa-me, pondo-me de pé. — Bora, tenho de ir. E tu tens a Whitney à espera.

À porta, o Case larga-me a mão e abre os braços. Não resisto a aproximar-me, deixando-o envolver-me num abraço que me faz sentir em casa.

Por momentos, fico tentada a inclinar a cabeça para cima. A deixar os seus lábios pousarem nos meus e, simplesmente, perder-me no seu beijo.

Mas, depois, penso nos seus lábios a beijar outra pessoa e o impulso desaparece.

CAPÍTULO 4

GIGI

Chama-se Carl?

Bem cedo na manhã seguinte, dirijo-me ao rинque para patinar sozinha, fugindo assim que a equipa masculina chega para o segundo dia do programa de treino. Consigo encaixar uma corrida a seguir, embora curta, porque está mais húmido na rua do que eu esperava. No caminho de volta a casa, o meu irmão gémeo liga-me e, de repente, está a queixar-se da nossa mãe, que não bajulou devidamente a nova canção que ele lhe enviou. Parece que não adorou os arranjos, mas, pela forma como ele está a empolar a coisa, é como se lhe tivesse dito que esquecesse a música de uma vez por todas e arranjasse um emprego como delegado de propaganda médica.

Abrando o ritmo da corrida, desfrutando de ter o *campus* todo só para mim. Assim que as aulas começarem na segunda-feira, a Briar ficará cheia de vida. Os caminhos empedrados estarão repletos de alunos e professores, os bancos de ferro forjado a abarrotar de gente. Haverá pessoas sentadas no pátio enquanto o clima assim o permitir. Cobertores estendidos na relva e alunos a atirar discos voadores e bolas de futebol americano. Mesmo quando o tempo mudar, o *campus* continuará lindo. Um manto de neve, geada nas árvores. Adoro todas as estações na Nova Inglaterra. Este lugar está-me no sangue.

Também está no sangue do meu irmão e, no entanto, ele sempre teve dificuldade em estar sossegado. Sempre sofreu de um caso sério de ânsia de viajar, tentando constantemente convencer o meu pai a levar-nos em viagens épicas fora da época desportiva. *Surf* e tirolesa na Costa Rica. Caminhadas na América do Sul. Mergulho nas Maldivas. O Wyatt e o meu pai são muito próximos, mas (por muito que ele o negue), na realidade, é um menino da mamã.

É por isso que me rio, interrompendo-lhe o discurso.

— OK, podemos parar com a falsa revolta? Ambos sabemos que acabas por fazer o que ela sugerir.

— Isso não é verdade — riposta.

— Não? Quer dizer que não vais alterar a *bridge* da canção?

— Se eu alterar a *bridge*, será porque acho que devo e não porque a mãe disse.

— Hum-hum. Claro. Continua a convencer-te disso, campeão. — Tusso distintamente as palavras *menino da mamã*.

— Eu não sou menino da mamã. — A revolta regressa.

— A tua fotografia de perfil não é uma foto tua com a mãe?

— Sim, nos Grammys — resmunga. — Quem não utilizaria uma foto sua nos Grammys?

Eu. Mas isso também é porque não me interessa usar um vestido extravagante e deixar que me tirem fotografias em cerimónias de prémios. Podia ter ido com eles à cerimónia no ano passado (a minha mãe compôs um álbum para um novo trio de *indie rock* que foi nomeado para vários Grammys), mas essa é mais a cena do Wyatt do que a minha.

— Como queiras. *Claramente*, não vou receber apoio da minha querida irmã.

— Querida — ecoo, com uma gargalhada. — Essa é boa.

Chego à porta da Hartford House e paro para apertar um atacador que se desapertou.

— De qualquer maneira, tenho de ir — digo, pondo-me de pé. — Tenho um monte de coisas para fazer hoje.

— Adeus, traidora.

Faço-me à estrada pouco depois, conduzindo até casa da minha melhor amiga, que mora na cidade, e aproveitando a manhã soalheira e húmida.

A Diana vive num complexo de apartamentos novo chamado Meadow Hill. O nome é desadequado, porque não fica nem num prado nem numa colina. A zona de Hastings, no Massachusetts, é composta sobretudo por ruas residenciais, pequenos parques e trilhos arborizados. Ainda assim, adoro este novo bairro. Varandas de cercas brancas sobre um gigantesco pátio ajardinado com uma enorme piscina e filas de espreguiçadeiras com chapéus de sol às riscas vermelhas e brancas. É divinal.

Em vez de ouvir a voz dela crepitando no intercomunicador da receção, ouço-a deslizar da varanda.

Levanto a cabeça e vejo-a a acenar.

— Não subas! Vou descer! Encontramo-nos na piscina!

Mudo o meu enorme saco de praia para o outro ombro e sigo o caminho ladeado de flores até às traseiras da propriedade. Fico chocada ao ver a área da piscina sem ninguém. Nem uma pessoa.

A Diana aparece na porta das traseiras de calções de ganga e top de biquíni cor-de-rosa vivo. Traz o cabelo louro platinado apanhado num rabo de cavalo que baloiça de um lado para o outro enquanto ela

se encaminha para mim.

Se há uma palavra para descrever a Diana Dixon, é *espalha-brasas*. Com pouco mais de um metro e meio, tem uma quantidade assustadora de energia, queda para o drama e uma completa e total alegria de viver. É uma das pessoas de quem mais gosto em todo o mundo.

— Onde está toda a gente? — pergunto, assim que ela chega ao pé de mim. Gesticulo para a piscina vazia. — Como é que não há ninguém a aproveitar este sol?

— As pessoas trabalham, Gigi. Nem todas se podem dar ao luxo de ser dondocas, como tu e eu.

Isto faz-me rir. Ela tem razão. Continuo a esquecer-me de que isto não é uma residência da faculdade. Vivem aqui adultos. Na verdade, a Diana é a inquilina mais jovem.

No primeiro ano de faculdade, a Diana dividia uma *suite* tripla comigo e com a Mya, mas, no final do segundo semestre, a sua tia morreu e deixou-lhe este apartamento. Fiquei triste por ela se ir embora, mas não a censuro. Agora é proprietária de uma casa, tem o seu próprio espaço e uma hipoteca completamente paga pela herança da tia.

Eu podia estar numa situação semelhante; quando entrei para a Briar, os meus pais ofereceram-se para me arrendar ou comprar um apartamento fora do *campus*. Mas a ideia não me convenceu. Eles já me pagam as propinas, e, como venho de uma família rica, recusei uma bolsa porque me pareceu errado roubar uma oportunidade a alguém que não consegue pagar uma faculdade da Ivy League.

Pelo mesmo motivo, não quero benefícios extra graças aos meus pais ricos. Viver nas residências é mais barato do que fora do *campus*, porque está tudo incluído. Assim, como os meus pais iriam sempre financiar a minha experiência universitária, sinto-me melhor ao não aceitar mais dinheiro do que o necessário.

— Espero que tenhas trazido protetor solar, porque o meu acabou.

Levanto um canto do saco.

— Tenho tudo o que precisas, miúda.

— Tens sempre.

Estendemos as toalhas em duas espreguiçadeiras. Trouxe protetor em *spray*, portanto, revezamo-nos com a lata, espalhando o creme com o sol a bater-nos na cabeça.

— Como foi o treino da claqué esta manhã? — pergunto. — Aquela miúda nova continua a cobiçar o teu lugar?

A Diana é a *flyer* da claqué. Pelo menos era no ano passado, quando ficaram em segundo lugar na competição nacional. Ontem, mandou-me uma mensagem a dizer que estava preocupada com a hipótese de poder perder a posição para alguma caloiria enérgica cuja

equipa da escola secundária tenha ganhado os últimos quatro campeonatos nacionais.

— A Margo? Está acabada — diz a Diana, categoricamente. O seu olhar transmite mais tristeza do que alívio. — Rompeu os ligamentos no treino desta manhã. O treinador diz que ela está arrumada para o resto do ano.

Assobio com desânimo.

— Merda. Isso é horrível.

As lesões fazem parte da vida dos estudantes atletas, mas, por vezes, é fácil esquecer quão inconstante pode ser o corpo humano. Num minuto estamos a disputar o lugar de *flyer* e no próximo ficamos no banco o resto da época.

— Pois, sinto-me mal por ela.

Descalçando as sandálias, pego na minha garrafa de água e sento-me no chão de cimento à beira da piscina. Quando mergulho os pés, percebo que a água está mais morna do que esperava.

Olho por cima do ombro.

— Ainda andas com aqueles dois tipos?

A Diana tira os chinelos e junta-se a mim.

— Ah, houve uma reviravolta. Agora são três.

— Fogo. Esse tipo de *multitasking* dar-me-ia uma crise de urticária.

Ela solta um suspiro exagerado.

— Sim. Começa a ser um pouco demais. Tens de me ajudar a decidir qual escolher.

— Não podemos andar com todos?

— É isso que temos andado a fazer! Nas últimas duas semanas, tentei passar de dois para um, mas acabei por *acrescentar* outro à lista! Gostava de começar a despir-me, portanto, está na altura de escolher. Só posso oferecer a minha flor a um deles.

Engasgo-me com a água.

— Sim, a tua preciosa flor.

A Diana não é virgem, mas é muito exigente em relação às pessoas com quem dorme. Também gosta de fazer-me rir ao usar uma linguagem absurda para descrever o sexo e as partes do corpo.

Os seus olhos verdes dançam de maneira brincalhona.

— Em todo o caso, preciso da tua ajuda. Ajuda-me a decidir.

— Está bem, diz lá. Um deles é o tipo da tua equipa, não é? O das acrobacias? Como é que ele se chama, mesmo? Na verdade, não me lembro do nome de nenhum. Uau. A minha memória não presta.

— Não, não vou relembrar-te. Não te quero influenciar. Porque o terceiro tipo tem um nome mesmo horrível.

— Qual? Qual é? Vá lá, diz-me. É Roger? Biff? Chama-se Carl?

— Digo-te no fim. Depois de escolheres.

— És tão chata. Está bem. Pretendente A. O *cheerleader*.

A Diana acena com a cabeça.

— Ele é tão atlético. Tão dedicado. Muito engraçado. Vaidoso, mas sem ser arrogante. Montes de *sex appeal*. O único contra é ele cantar tudo e mais alguma coisa.

— Tipo, muitas canções?

— Não. — Lamenta-se ela. — *Canta tudo*. Tipo: «V-vou cooo-meer uma paaas-ti-lhaaaa agoooooraaaa!»

A sua interpretação musical faz-me cair para o lado de tanto rir.

— Oh, meu Deus. Adoro-o.

— Honestamente, é uma das coisas mais irritantes que já experienciei. O Pretendente B é músico profissional e não canta tanto.

— Ah, eu lembro-me do músico. Escreveu-te aquela canção e tentou rimar Diana com *banana*. — Abano firmemente a cabeça. — Nenhuma canção de amor devia ter a palavra *banana*. Além disso, a tua família é de Savannah. Parece uma oportunidade perdida.

— Ele não é muito bom a rimar — admite. — Também não é muito engraçado. Não percebe as minhas piadas e é mesmo intenso.

— A intensidade é a cena dos músicos.

— Eu sei, mas gosto que eles tenham sentido de humor.

— O Pretendente C tem piada?

— Fogo, se tem. E é meio *nerd*. Está a estudar Física. É muito inteligente, sem ser condescendente. Muito querido. Não é o meu género habitual, mas cruzámo-nos no Coffee Hut na semana passada e senti-me estranhamente atraída por ele.

— Quais são os contras?

— É um bocado inseguro. Está constantemente a fazer perguntas sobre os meus ex, mas depois fica chateado quando lhe respondo.

— Isso é chato, mas, ao menos, não canta as perguntas.

— Bem visto. Ah, e é também um pouco mais velho — revela.

— Quão mais velho?

— Seis anos. Tem 26. Está a tirar o mestrado.

Comprimo os lábios, ponderando.

— Muito bem. Com base na informação disponível, estou entre os Pretendentes A e C. Tudo depende se preferes um *cheerleader* vaidoso ou um académico querido. Se fosse eu, talvez arriscasse no académico. Pode ser que seja uma mudança boa para ti. E aposto que será bom na cama. Tenho um pressentimento.

— Curioso. Pronto. Decisão tomada! Ficamos com o Pretendente C.

Com isto, a Diana desliza da borda da piscina e atira-se para a água. Fica instantaneamente submersa, mergulhando a cabeça e voltando a emergir, abanando o rabo de cavalo como um cão molhado. Fico toda salpicada e desato a rir-me.

— És cruel — acuso, embora a sensação das gotas de água fresca no rosto me saiba bem. Aliás, que se lixe. Ajusto as fitas da parte de

baixo do biquíni e também salto para a água.

Está divinal. Fria e refrescante, um bom antídoto contra a humidade pesada e o sol implacável.

Flutuo de costas por um momento antes de me lembrar de algo muito importante.

— Ei, espera, qual é o nome do Pretendente C? Desbronca-te.

A Diana faz um movimento lento de mariposa na minha direção. Está a empatar.

— *Chama-se Carl?*

Ela liberta um suspiro derrotado.

— Percival.

Fico boquiaberta.

— E só tem 26 anos? Que tipo de pais fazem isso a um filho? Podemos, ao menos, chamá-lo Percy?

— Ele não adora Percy, mas talvez consiga convencê-lo. — A Diana começa a flutuar ao meu lado, rindo para si própria. — Sabes que mais? Não quero saber. Eu gosto do Percival. É quem eu quero.

Passamos a próxima hora na piscina a boiar, a brincar com a água e a falar sobre nada. Depois, passamos outra hora a apanhar sol, até os roncões do meu estômago se tornarem demasiado óbvios para os ignorar.

— Porra, G, faz menos barulho. — A Diana olha para mim e sorri.

— Não consigo evitar. Estou esfomeada.

— Queres encomendar almoço?

— Não posso. Combinei encontrar-me com o Will no centro. Aliás... — Sento-me e enfio a mão no meu saco à procura do telemóvel. — Devia ver as horas.

— Sabes o que penso desta história do Will — repreende-me a Diana. — Não tens nada de conviver com os amigos do teu ex-namorado.

— Ele já era meu amigo antes. — Verifico o ecrã. — Merda. É quase uma hora. Preciso de começar a pensar em ir-me embora. Queres vir connosco?

— Ná. Quero praticar algumas das coreografias que aprendemos no treino desta manhã. Mas podias voltar à noite. Há um novo canal de *reality shows* que acabou de lançar um catálogo de programas; alguns são de loucos. É espetacular.

— Oh, meu Deus, já viste o *Fling or Forever*? Eu e a minha mãe estamos obcecadas.

— Sim — diz ela, e passamos cerca de quinze minutos a falar sobre o melhor e, simultaneamente, pior programa de encontros do planeta. O tipo de programa que nos faz sentir mal connosco mesmos quando percebemos que desperdiçámos dez horas da nossa vida a vê-lo.

Por fim, sou obrigada a interromper a conversa e mudar de roupa

para ir almoçar.

*

A Diana não é a única que me repreende por continuar a conviver com os amigos do Case. Ouvi-o de quase todas as pessoas que me rodeiam, e tenho os seus avisos às voltas na cabeça quando entro no Sue's, o restaurante onde combinei encontrar-me com o Will Larsen.

Em minha defesa, eu *era* mesmo amiga do Will antes de começar a andar com o Case. Ele nasceu em Boston, como eu, e andámos na mesma escola secundária. Também saímos juntos algumas vezes, até percebermos que não há duas pessoas mais platónicas do que nós. Tipo, zero química.

Foi o Will que me apresentou ao Case no primeiro ano e me convenceu a sair com ele. Tendo jogado hóquei toda a vida, sempre evitei sair com jogadores de hóquei. Sobretudo, porque os conheço.

Tipo, reputados mulherengos.

Portanto, na realidade, se pensarmos um pouco... a culpa é toda do Will.

— Olá — cumprimento-o com um abraço quando ele se levanta da mesa.

Ele dá-me um beijo na cara e esboça um sorriso com dentes perfeitos. O Will tem um ar de vizinho do lado a que as mulheres não resistem.

— Olá. Olha — diz, erguendo uma folha plastificada. — Ementas novas.

— Estou chocada. — Este sítio renova a ementa cerca de uma vez por mês. É como se os proprietários não conseguissem decidir que tipo de restaurante querem ter.

— Livraram-se daquelas sanduíches artesanais — diz o Will. — Estou triste. Gostava delas.

— Eram ótimas. — Passo os olhos pela ementa mais recente, franzindo o sobrolho. — Agora há montes de *sushi*. Isso preocupa-me.

O Will abafa o riso.

— Talvez possam mudar o nome do restaurante para «Sushi da Sue».

— Não, devia ser «Sítio do Súper Sushi da Sue». Tenta dizê-lo cinco vezes.

— E depois podiam começar a servir sopa e mudar o nome para «Sítio do Súper Sushi e Sopa da Sue».

— Melhor ainda.

Continuamos a passar os olhos pelas opções da ementa. Sinto-me um bocado mal pelos proprietários. Desde que abriram, há dois anos, têm enfrentado dificuldades. Entretanto, o seu maior concorrente, o

Della's Diner, tem sempre fila à porta. Porém, o Della's existe desde sempre, é um ponto de referência adorado nesta cidade. A minha mãe servia às mesas lá quando andava na Briar.

Eu e o Will decidimos pedir hambúrgueres e batatas fritas, porque parece mais seguro do que pedir *sushi* num estabelecimento que ainda a semana passada era conhecido por servir pequenos-almoços.

— Tens aquele jogo solidário esta semana, não tens? — pergunta o Will, enquanto esperamos pela nossa refeição.

Aceno que sim.

— Quinta-feira. Queres vir torcer por nós?

— Se não estiver demasiado exausto do treino, claro que sim.

— Como está a equipa a entender-se?

— Oh, perfeitamente. Sabes, como água e azeite. Misturando-se na perfeição.

Rio-me.

— Assim tão mal?

— Pior. Os tipos da Eastwood são mesmo rancorosos.

— Sim, tenho a certeza de que serão só eles — digo, com ironia.

O Will abana a cabeça obstinadamente.

— Estou só a dizer, eles estão em nossa casa. Podiam ser mais simpáticos.

— Vês, o problema é esse. Estás a dizer que a casa é tua. Como se não fosse também o lugar deles.

— Bem, *não* é o lugar deles — protesta, sorrindo, embora com alguma tristeza. — Já percebi. Talvez não sejam só eles. Mas só passaram dois dias de treino e já todos querem matar-se uns aos outros. Não há hipótese de irmos aos *play-offs* esta época, quanto mais de chegarmos ao fim.

Estendo a mão e toco-lhe no braço.

— Não te preocupes. Pelo menos *um* programa de hóquei da Briar irá vencer o Frozen Four este ano. As mulheres vão tratar disso por vocês, fofinho.

— Ah, obrigado.

A empregada traz-nos as bebidas e o Will dá um longo trago no seu refrigerante antes de largar uma bomba.

— O Miller pediu transferência.

— O quê? Desde quando?

O Miller Shulick é outro jogador da Briar, um excelente jogador que, no ano passado, que se posicionava na segunda linha. É também um tipo muito querido. Na verdade, o seu único defeito é ser melhor amigo do Jordan Trager.

— Desde esta manhã — diz o Will, melancolicamente. — O treinador garantiu-lhe um lugar no Minnesota Duluth.

— Tem um bom programa.

— Iá. Ele vai passar do top dez aqui para o top três lá. Garantemente, é uma melhoria. Só é uma treta saber que se vai embora. Vamos organizar qualquer coisa para ele na sexta à noite. Churrasco, bebidas. Talvez uma fogueira. Alinhas?

— Sim, claro. — Gosto do Miller. Tenho pena de que se vá embora.

— Isso é uma treta. Porque não pode o Trager ser transferido?

— Porque não temos sorte nenhuma.

Desato a rir-me. Nem os companheiros de equipa do Jordan o suportam.

— Enfim, informa as tuas amigas sobre a festa do Miller. Quantos mais, melhor. A Mya já voltou de onde quer que tenha ido brincar ao *jet set*?

A minha colega de casa é a minha outra melhor amiga na escola. O pai é embaixador de Malta, a mãe herdeira de um império de transportes, por isso, a Mya passa os verões a apanhar banhos de sol no Mediterrâneo ou a pernoitar em mansões extravagantes na Europa. O que tem piada, porque, embora os seus pais sejam uns snobes, ela é pessoa menos pretensiosa que conheço.

— Sabes como é, ela só aparece no dia anterior às aulas começarem. Mas a Diana está por cá.

— Fixe. Ela que venha à festa.

Ergo uma sobranceira.

— Vais convidar algum dos tipos novos?

— O que é que achas?

— Vou considerar que a resposta é não. Seria estar a esfregar sal nas feridas do Miller.

A empregada aparece com a nossa comida. Depois de lhe agradecermos, o Will dá uma dentada no seu *cheeseburger*, mastigando durante o que parece uma eternidade.

Quando volta a falar, percebo que estava a tentar descobrir a forma mais desinteressada de fazer a próxima pergunta.

— Então, como estão as coisas entre ti e o CC?

A sua tentativa de parecer indiferente falha redondamente.

Enfio uma batata frita na boca, a rir-me.

— Já cá faltava.

— O quê?

— O interrogatório sobre o Case. O quê, achas que acreditava mesmo que me ligasses do nada e me convidasses para almoçar?

— Nós almoçamos juntos montes de vezes! — protesta o Will.

— Claro, mas este almoço em particular acontece *por acaso* no dia a seguir a eu dizer ao Case que não vamos voltar a andar? Muito suspeito.

— Pura coincidência. — Ele pisca-me o olho.

— Hum-hum. Claro.

— Juro.

O Will dá mais uma dentada no hambúrguer e volta a mastigar lentamente. Fica a olhar para mim, esperando que eu preencha o silêncio. Mas não o faço. Limito-me a devorar as batatas, fingindo que não reparo na sua crescente impaciência.

— Vá, tens de me contar alguma coisa — balbucia. — Que raio devo dizer ao meu amigo?

— Ah! Eu sabia! Foi ele que te mandou fazer isto.

— Vá lá, tu sabes que ele está arrependido, G. Ele sente-se uma merda em relação a isto tudo.

Engulo a minha crescente frustração.

— Eu sei que só queres ajudá-lo, mas podemos mudar de assunto, por favor?

Procuro o *ketchup* na mesa e reparo que a empregada se esqueceu de o trazer. Em vez de tentar fazer-lhe sinal, aproveito para acabar com esta conversa de forma perfeita.

Levanto-me da cadeira.

— Vou buscar *ketchup* ao balcão.

Estou tão concentrada em aumentar a distância entre mim e as perguntas do Will que não presto atenção ao que me rodeia. Aproximo-me do balcão a um passo apressado e esbarro justamente com o Luke Ryder.

CAPÍTULO 5

RYDER

Carma com C

A filha do Garrett Graham é toda boa. Já era quando a conheci, há seis anos, mas agora ainda é mais. Os seus olhos arregalam-se quando olha para mim. Uns olhos cinzentos enormes, fazendo lembrar um céu encoberto. Mas não são esbatidos nem vulgares. São vibrantes, como se esse mesmo céu crepitasse de eletricidade, prometendo trovões e relâmpagos.

O seu longo cabelo castanho está apanhado numa trança de lado, caindo-lhe sobre um ombro delgado. Prende uma mecha de cabelo que lhe caiu da trança atrás da orelha. Recompondo-se da surpresa, esboça um meio-sorriso.

— Olá — diz.

Ergo uma sobranceira.

— Já me perguntava quanto tempo irias demorar a ganhar coragem para falar comigo.

A Gigi revira os olhos.

— Não precisei de ganhar coragem. Só ainda não tinha tido oportunidade.

Isso é treta. Passámos um pelo outro esta manhã no corredor à porta dos balneários e ela mal me ligou. É verdade que estava com um dos seus treinadores, mas de certeza que me viu. Também acho interessante que, embora o horário do treino feminino ainda não tenha saído, a Gigi acorde a horas infernais para ir patinar e fazer exercício. Fazia o mesmo quando auxiliou o pai a dirigir o programa de treino.

— Bem, tenho quase a certeza de que te cumprimentei no corredor esta manhã — salienta.

— Acenaste com a cabeça.

— Isso é o mesmo que dizer olá.

— Será? — gozo.

— Sei lá. — Parece estar nervosa. — Porque é que te preocupa

tanto se eu te cumprimento como deve ser?

— Estou-me completamente nas tintas.

— Então, porque falaste nisso?

— Já estou arrependido.

Ela fica a olhar para mim.

— Tinha-me esquecido de como a tua personalidade é encantadora.

Suspirando, dirijo-me à ponta oposta do balcão, onde me pediram que esperasse pela comida. Vim buscar almoço para mim e para o pessoal. Podíamos ter encomendado, mas está um belo dia, por isso, decidi vir dar uma volta. Bem, inicialmente, tinha planeado vir de carro, mas o meu jipe anda a fazer uns barulhos preocupantes. Em Eastwood já andava nas últimas, mas durante a viagem de duas horas até Hastings decidi que também não lhe apetecia acelerar quando eu metia a mudança. Juro, se a caixa de velocidades avariar, vou ficar furioso. Não tenho dinheiro para mandar arranjar o carro agora.

A Gigi pede um frasco de *ketchup* à miúda adolescente que está ao balcão. Enquanto espera, olha para mim.

— Ouvi dizer que os treinos não estão a correr muito bem.

Esboço um sorriso pretensioso.

— A mim estão-me a correr bem. Sou cocapitão.

— Cocapitão de uma equipa que é um caos. Que impressionante.

— Ela sorri com doçura.

— Aqui tens, querida. — A rapariga regressa e estende uma garrafa de vidro de *ketchup* à Gigi.

— Obrigada. — Ela volta a olhar para mim. — Como sempre, foi fantástico falar contigo, rei do baile.

— Gisele.

Pavoneando-se, a Gigi regressa à sua mesa e eu não consigo evitar tirar-lhe as medidas. Veste uns calções de ganga que se ajustam a um rabo redondo e empinado. A ganga está desfiada, alguns fios azul-esbranquiçados acariciam-lhe as coxas firmes e bronzeadas. Não é uma mulher alta, deve ter um metro e sessenta, mas as suas pernas parecem intermináveis naqueles calções minúsculos. São todas musculadas também, bem torneadas, evidenciando o exercício. É sexy que ela jogue hóquei. As atletas femininas são muito atraentes.

A faísca de atração esmorece assim que reparo na pessoa com quem está sentada.

Ainda não conheço os nomes de todos os jogadores da Briar, mas sei quem são os bons. O Will Larsen é um deles. E diria que, no que toca a otários, ele não é tão mau como os seus companheiros de equipa.

— Encomenda para Ryder?

Um homem de avental branco aparece com dois sacos de comida

para levar.

— Obrigado — digo, recebendo os sacos.

Estou a sair do restaurante quando o meu telemóvel vibra com uma chamada. Saco-o do bolso de trás dos calções. É um número desconhecido, por isso, deixo ir para o *voicemail*.

O caminho de regresso a casa faz-me atravessar a Main Street e uma série de parques pitorescos e bem cuidados. Hastings é uma grande melhoria em relação a Eastwood. A minha antiga cidade era industrial, com muitos centros comerciais e nada de muito empolgante para ver. Hastings, por outro lado, parece uma cidade saída de um postal antigo. Postes de iluminação a gás e árvores centenárias ladeiam as ruas. Na Main Street, veem-se filas de luzes e cartazes anunciando um festival de *jazz* de verão que terminou recentemente. As montras das lojas são brilhantes e limpas, e a avenida principal está cheia de pequenas lojas e boutiques, cafés e alguns bares e restaurantes.

Corto por um caminho sinuoso que passa ao lado de um gazebo e atravesso o parque. Reparo que quem me ligou deixou uma mensagem de *voicemail*. Digito a minha palavra-passe e ouço-a.

— *Olá, esta mensagem destina-se ao Luke Ryder. Daqui fala Peter Greene do gabinete do Procurador-Geral de Maricopa County. Estou a ligar por causa da audiência para a liberdade condicional do seu pai. Pedia-lhe que me ligasse o mais brevemente possível...*

Apago a mensagem antes sequer de ele terminar de ditar o número de telefone.

Que se lixe.

Acelero o passo, ultrapassando uma senhora que empurra um carrinho. Ela olha para mim e baixa a cabeça. Estou de calções e t-shirt, nada minimamente assustador. Talvez a tenha assustado a expressão que fiz ao ouvir as palavras *liberdade condicional*.

Quando chego a casa, o Shane está exatamente onde o deixei. A cortar a relva de tronco nu. Do outro lado da rua, há umas miúdas reunidas num alpendre a fingir conversar casualmente umas com as outras, mas com o olhar colado aos seus músculos reluzentes. Aposto todo o dinheiro que ganhei nas obras este verão em como uma daquelas miúdas virá a nossa casa esta noite. Ou todas, se o Beckett decidir aparecer.

Por vezes, morar com o Beckett torna-se um bocadinho cansativo. É frequente o bater da cabeceira da cama não nos deixar dormir. O Shane é mais discreto com as suas conquistas, embora seja bem-sucedido. Principalmente agora que está solteiro.

— Ah, fixe. Estou esfomeado. — O Shane desliga o cortador de relva e aproxima-se de mim com passadas largas.

Abandonamos o seu clube de fãs e entramos em casa, onde, na

cozinha, o Beckett está a arrumar a louça na máquina. O Shane tira os pratos do armário e eu abro os sacos da comida.

— Então, convidei as vizinhas para virem cá a casa — diz o Beckett.

Contenho uma gargalhada. Claro que convidou. Fui parvo por pensar que *ainda* não se teria atirado às miúdas do outro lado da rua.

Segundo consta, as três miúdas que nos tocam à campainha nessa noite são estudantes de Enfermagem, o que leva a um rol de piadas sem graça nenhuma sobre médicos e enfermeiras. Ainda assim, elas vão na conversa dele, porque o Beck tem esse efeito nas mulheres.

No entanto, uma delas está de olho em mim. Chama-se Carma, «com C», faz questão de dizer, e é uma miúda bonita e alta, de caracóis pretos pela altura dos ombros e um desejo despudorado no olhar negro. Topa-me desde o momento em que entra em nossa casa, seduzindo-me à força toda, cheia de charme. A princípio, fico um pouco indiferente, limitando-me a acenar com a cabeça, mas, duas cervejas depois, dou por mim a aceitar os seus avanços.

Quando ela se aproxima de mim e me sussurra ao ouvido «Queres ir lá para cima?», não consigo negar que a ideia é tentadora.

A última vez que estive com alguém foi há um mês, num fim de semana em que fui visitar o Beckett a Indianápolis. Fomos a alguns bares e acabei por ir para casa de uma empregada de bar boazona de 20 e muitos anos. Foi uma noite divertida.

No mês seguinte, porém, estive ocupado a arranjar casa para nós em Hastings, a trabalhar nas obras doze horas por dia e, agora, a treinar neste programa desastroso.

O que quer dizer que a minha pila está sem dúvida a precisar de algum amor e carinho.

Pouso a cerveja na bancada da cozinha e encolho os ombros.

— Bora.

CAPÍTULO 6

RYDER

Nem um beijo de despedida?

Não ouvi o despertador.

Que merda.

Atiro-me para fora da cama como um foguetão, levando metade do edredão atrás. Ainda a dormir, a Carma lamuria-se pela perda de calor. Com as pernas nuas e as cuecas cor-de-rosa agora expostas, enrola-se e encolhe os joelhos.

Não costumo deixar as miúdas dormir em minha casa, especialmente durante a época desportiva, mas estávamos ambos bastante cansados na noite passada e não fui capaz de lhe dizer que não podia ficar. Deixei bem claro que tinha de me levantar às seis da manhã, mas a Carma não ligou. Pediu-me para não a acordar, se estivesse ainda a dormir quando eu me levantasse. Que fechasse simplesmente a porta e ela sairia pelas traseiras.

Corro para a casa de banho, perguntando-me como raio terei adormecido. Desde que vim para a Briar que tenho posto o despertador para as seis horas para estar no ringue às sete. Vou sempre cedo para treinar, ainda que, na realidade, o treino só comece às nove. Eu e a Carma nem sequer ficámos acordados até muito tarde. Adormecemos perto da meia-noite.

Estou tão chateado comigo neste momento. Demoro quinze minutos de carro a chegar ao *campus*. Nem vou ter tempo de tomar o pequeno-almoço. Porra.

Porque é que os outros não me acordaram? Eles costumam sair pelas oito horas. Teriam visto o meu jipe na entrada.

Lavo furiosamente os dentes, enquanto faço *scroll* no telemóvel para ligar ao Shane.

— Yo — atende. — Onde estás?

— Em casa. Porque é que não me acordaram?

— Sei lá. Achámos que podias estar a querer fazer um intervalo no teu exercício ultra-ambicioso e que fosses chegar ao treino a horas

decentes como uma pessoa normal.

Ah. Ele chama-lhe ultra-ambicioso. Eu chamo-lhe ser jogador de hóquei.

— Adormeci. Mas já estou a caminho. Podes ter um café à minha espera nos balneários para eu emborcar enquanto visto o equipamento?

— Tudo o que tu quiseses, meu querido.

Regresso ao quarto, onde me visto sem fazer barulho enquanto a Carma continua a dormir. Rastejou para debaixo do edredão e enfiou-se num casulo.

Uma vez que me pediu que não a acordasse, deixo-a no quarto e desço as escadas dois degraus de cada vez. Tranco a porta de entrada e lanço-me para o lugar do condutor no instante seguinte.

Quando rodo a chave na ignição, o jipe não pega.

Filho.

Da puta.

Hoje não.

Não consigo lidar com isto agora.

Perco cerca de cinco minutos do meu precioso tempo a tentar ligar o motor, mas o carro está mortinho da silva. Vocifero então uma série de palavrões que envergonhariam até boca mais ordinária.

De volta ao meu quarto, decido interromper o sono de beleza da Carma.

— Olha. — Sacudo-a. — Tens carro?

Ela pestaneja, sonolenta.

— Lá... porquê?

Sinto um alívio imediato. Foda-se, graças a Deus.

— Preciso que me leves ao treino. Vá lá.

— Mas é tão cedo.

— Não, já é tarde. Eu devia estar lá às sete horas, mas não ouvi o despertador.

— Mudei-o — diz a Carma, vagarosamente.

Fico paralisado.

— O quê?

— Mudei o despertador do teu telemóvel. Disseste que o teu treino era às nove horas, portanto, não percebi porque haverias de pôr o despertador para as seis...

— Porque queria estar lá às sete — digo, bruscamente, quase vibrando com a raiva que me percorre o corpo. — Não acredito que mudaste a merda do meu despertador.

Nesse momento, no *timing* perfeito, para piorar a situação, o despertador do telemóvel começa a tocar.

Ela mudou-me o despertador para as oito e meia.

— Oito e meia? — rosno. — Estás a gozar comigo? Demoro quinze

minutos só para lá chegar. Como é que seria suposto equipar-me e estar no gelo às nove horas... — Calo-me.

Que merda. Nem sequer vale a pena estar a discutir agora.

Respiro longa e profundamente.

— O meu carro não pega — digo, de forma perentória. — Preciso de boleia. Iria com os meus amigos, mas eles já saíram.

— Não te zangues comigo, por favor. — A Carma já está completamente acordada e a saltar da cama. — Não percebi que era assim tão importante.

É difícil não me passar com ela. Que tipo de pessoa fica a dormir em casa de alguém que acabou de engatar e lhe muda o despertador? Estou quase a explodir outra vez. Por isso, ignoro-a enquanto ela se veste e ligo novamente ao Shane.

— Olha — digo, com urgência. — Vou chegar atrasado. Tenta dar uma desculpa ao Jensen. Diz-lhe que o meu carro avariou.

— Eu avisei-te de que esse jipe um dia iria lixar-te.

Claro, foi o jipe que me lixou.

Nunca na vida cheguei atrasado ao treino. E, embora odeie depender de outra pessoa além de mim, não há motoristas disponíveis em nenhuma das aplicações de transportes, por isso, não tenho hipótese senão pedir boleia à Carma. Felizmente, o fogo que lhe acendo debaixo do rabo faz o que é preciso. Em menos de cinco minutos estamos a correr porta fora e a atravessar a estrada até à sua casa.

A Carma destranca o seu pequeno carro vermelho.

— OK, rapagão. Entra lá.

Ela esboça um sorriso rasgado e provocador, o que não ajuda a acalmar a minha raiva interior.

Enfio-me no carro e oriento-a ao longo da estrada de dois sentidos em direção ao *campus* da Briar. Em poucos minutos, começo a contorcer-me de impaciência. Ela vai a conduzir quase dez quilómetros acima do limite de velocidade, por isso, a parte racional do meu cérebro sabe que não posso pedir-lhe que vá mais depressa. Já está em excesso de velocidade. Mas, porra, se fosse eu, arriscaria centenas de multas para chegar a horas.

Tamborilo com os dedos na consola central, acelerando imaginariamente e morrendo por dentro durante toda a viagem até ao *campus*. A Carma tenta fazer conversa e eu ignoro-a com esmero. Tenho medo do que possa dizer-lhe.

Quando chegamos ao parque de estacionamento do Centro Graham, faltam cinco minutos para as nove horas. É impossível conseguir estar vestido e no ringue antes de o treinador fazer soar o apito. É um facto. Espero que a desculpa «o meu carro avariou» seja suficiente, embora o Jensen ande em cima de nós desde o início do

programa de treino. Está prestes a cortar um de nós a qualquer altura. Não me admirava que se livrasse de mim, o cocapitão, por chegar atrasado.

A Carma estaciona o carro. Tiro o cinto de segurança e alcanço o puxador da porta.

— Então, nem um beijo de despedida?

Estou demasiado chateado para sequer olhar para ela.

— Tenho de ir.

— Estás a gozar? Passámos a noite juntos e nem sequer podes perder dois segundos a despedir-te de mim?

Nem que seja para evitar um atraso ainda maior, aproximo-me obedientemente para dar-lhe um beijo. Para minha grande irritação, ela não se fica por um beijo rápido. Quando dou por mim, a Carma passa para o banco do passageiro e senta-se ao meu colo, pondo-me os braços à volta do pescoço e enfiando a língua pelos meus lábios surpreendidos.

— *Carma* — aviso-a, com os lábios colados à sua boca e pegando-lhe na cintura com firmeza para tentar tirá-la de cima de mim.

Ela começa a beijar-me o pescoço e a minha raiva transborda. Porque o que está em causa é a minha carreira. O Jensen está de olho em mim. A equipa preliminar da NHL está de olho em mim. Se quero jogar na liga profissional e ser bem-sucedido, não posso ficar na marmelada com uma rapariga enquanto os meus companheiros de equipa estão a fazer o aquecimento para treinar.

— Obrigado pela boleia — digo, com firmeza. — Agora, sai.

Pronto, fui bruto.

Mas a minha paciência chegou ao limite, como um elástico barato. Primeiro muda-me o despertador e agora não me deixa sair do carro?

Para mim, chega.

Consigo abrir a porta e sair de baixo dela. Lanço-me para fora do carro ao mesmo tempo que a minha visão periférica capta um movimento rápido. Por um segundo, penso que é a Carma a sair do carro, mas o meu passo vacila ao reparar no homem que carrega na chave do carro para trancar um *Range Rover* preto, a dois lugares de distância.

É o Garrett Graham.

Por instantes, fico mudo e paralisado. Fico completamente imóvel, vendo a lenda do hóquei avançar na minha direção com uma caneca de viagem na mão. Não o via desde o programa de treino no qual fui convidado a participar quando era adolescente.

Ele espreita para o carro vermelho com a Carma ao volante. Depois, fuzila-me com o olhar e não tenho dúvidas de que a viu ao meu colo.

Foda-se.

Foda-se, foda-se, *foda-se*.

Será que este dia ainda pode piorar?

— O treino matinal começa às nove horas, não é verdade, Sr. Ryder?

Sim, aparentemente, pode piorar.

— Eu sei. Estou atrasado. Tive um problema com o carro. — Encolho-me, deixando a desculpa escapar-me dos lábios.

— Parece ser um problema grave — diz o Garrett, num tom sarcástico. O seu olhar de desaprovação não esmoreceu.

Ele acompanha-me ao longo do caminho de cimento que vai dar à entrada.

— O meu carro avariou-se à porta de casa — dou por mim a explicar, numa tentativa desesperada de conquistar a sua aprovação. — Por isso, tive de pedir boleia esta manhã. Mas a minha motorista não se apercebeu da urgência de me fazer chegar a horas.

— A responsabilidade não é bem dela, pois não? — Erguendo uma sobrancelha, o Garrett atravessa altivamente as portas de entrada.

Desisto.

Durante a minha corrida louca pelo corredor, pergunto-me o que estará o Graham aqui a fazer. Talvez tenha vindo ver a filha.

O balneário vazio é uma acusação. Uma chapada na cara. Custa-me a suportar o mal-estar enquanto me dispo e enfio as caneleiras e o equipamento. Já estão todos no gelo, onde devem estar. E eu aqui, feito idiota. Tudo porque quis ir para a cama com alguém ontem à noite. Já tenho um alvo nas costas. Do Jensen, do Colson e dos seus amigos, da NHL. E, agora, o meu ídolo acha que não consigo chegar ao treino a horas.

Que merda.

Deixo o telemóvel na prateleira de mogno do cacifo e sento-me no banco para atar os patins. Um minuto depois, atravesso o piso de borracha e entro no ringue, onde fico aliviado ao perceber que o treino ainda não começou.

O alívio invade-me o corpo. Foda-se, graças a Deus. O pessoal ainda está a fazer o aquecimento, enquanto o treinador Jensen está no banco a falar com o Graham, que vai bebericando da sua caneca de viagem.

Salvo pelo Garrett Graham. Se ele não estivesse aqui a distrair o treinador, provavelmente teria sido mandado para casa.

O Shane patina até mim.

— Estás fixe?

Embora muitas vezes seja um anormal, é também um bom amigo.

— Iá. — Pauso. — A Carma desligou-me o despertador.

Ele faz uma careta.

— Bem, lá se vai a relação com a vizinhança.

Não consigo evitar rir-me. Diria que acertou em cheio.

— Puto, qual é a tua? — O Hugo Karlsson, um dos nossos defesas do quarto ano, aproxima-se nós. Também parece preocupado. — Está tudo bem?

Está a ver? Apetece-me gritar ao Graham. O pessoal conhece-me. Eu nunca me atraso. O facto de estarem todos preocupados significa que isto é uma anomalia.

Mas quem é que quero enganar? Raro ou não, fiz asneira na mesma. Levei-a para o quarto ontem à noite. Deixei-a dormir na minha cama quando sabia que tinha de acordar cedo. Pensei com a pila. Algo que não faço muitas vezes, sinceramente. Não me interpretem mal, eu faço sexo. Gosto de pinar. Mas fui eu que deixei um engate casual tornar-se um problema.

Eu e o Shane damos umas voltas ao rinque. Inspiro, tentando acalmar-me. A dada altura, o Beckett surge ao meu lado.

— O que é que aconteceu? — pergunta.

— Carma — respondo.

— Amigo, o *karma* acaba sempre por te apanhar.

— Não costumas ser engraçadinho e, particularmente esta manhã, não tens piada nenhuma.

Ele limita-se a rir-se entre dentes, patinando para longe.

Desvio o olhar para o banco de suplentes. Os meus pelos eriçam-se ao reparar que o Colson está lá agora, a rir-se de algo que o Graham disse.

— Aqueles dois são melhores amigos — murmuro para o Shane.

O Shane aproxima-se, baixando a voz.

— Há bocado, ouvi o Colson e o Trager a falar no balneário. Parece que o Colson andou com a filha do Graham.

Tento disfarçar o interesse. Mas... é certamente interessante. Pergunto-me como é que o Colson terá dado cabo dessa relação.

No entanto, independentemente da forma como acabaram as coisas entre ele e a Gigi, o Case continua nas boas graças do pai.

Ao contrário de mim.

Um apito estridente rasga o ar frio.

— Aproximem-se — ordena o treinador.

Não me escapa a forma como o olhar de todos se dirige para o Graham enquanto fazemos fila em frente aos dois homens. Aquele tipo é uma verdadeira estrela. O melhor jogador que alguma vez saiu da Briar, o que é dizer muito, pois a Briar criou muitas lendas. John Logan. Hunter Davenport. Só este ano, há oito seleções preliminares neste rinque. Oito. A Briar tem um programa de hóquei de elite, com apenas os melhores dos melhores.

— Estou certo de que este homem dispensa apresentações, mas este é o Garrett Graham. Irá ajudar-me com o treino de hoje.

Uma onda de excitação atravessa o grupo.

— Foda-se, estão a gozar? — balbucia o Patrick Armstrong.

O treinador fulmina-o com o olhar.

— Desculpe — apressa-se o Patrick a acrescentar. — Quer dizer, estão a gozar? Sem asneiras.

— Desde quando me importa que digas asneiras? — exclama o treinador. — Importa-me é que tenhas interrompido. Bico calado. — O Jensen aponta um dedo ao Patrick, que se cala imediatamente.

— Não se trata apenas de um ex-aluno a querer passar o tempo ou a reviver os seus tempos de glória — explica o treinador. — Queres dizer-lhes porque estás aqui?

O Graham dá um passo em frente.

— Olá, prazer em conhecer-vos. Não sei quantos de vocês ouviram falar da minha fundação, mas costumamos trabalhar com várias instituições de caridade para angariar fundos para diversas causas. Dirigimos também alguns programas de hóquei para juniores. Há um em particular que lidero juntamente com o Jake Connelly.

Ouvem-se mais murmúrios excitados. O Connelly é outra lenda. Não veio da Briar, mas é uma lenda na mesma.

— Há cerca de três anos, começámos o programa de juniores do Reis do Hóquei, que ocorre durante uma semana em agosto. E, todos os anos, escolhemos dois jogadores da NCAA para nos ajudarem a treinar os miúdos.

É a primeira vez que ouço falar disto. Mas percebo porquê quando ele continua.

— Eu escolho sempre um jogador da Briar, e o Connelly escolhe um de Harvard. — O Garrett faz um som de vômitos. — Gostos não se discutem.

Alguns rapazes abafam o riso.

— Durante toda a época, irei manter-vos debaixo de olho para ficar a conhecer-vos melhor. Para recrutar aquele que me parecer uma boa escolha para treinar connosco. No ano passado, foi o Case que nos ajudou.

Reparo no Shane a revirar os olhos.

Sortudo do Colson. Deve ser o que acontece a quem anda a papar a filha do gajo.

— No ano anterior, foi o David. — O Graham acena na direção do Demaine. — Isto para dizer que nunca escolho a mesma pessoa duas vezes, portanto, lamento, rapazes. Este ano não estão com sorte. Para os restantes, vale tudo. Façam o que têm a fazer hoje, treinem como de costume, e aqueles que estiverem interessados podem deixar o nome com o treinador Jensen.

Aposto que todos os tipos, exceto o Colson e o Demaine, irão pôr o nome na lista. Até os ricos do *jet set*, que vão de férias com a família

no verão, irão querer voltar nessa semana. Trata-se de dirigir um programa de treino com dois dos maiores jogadores de todos os tempos. Qualquer pessoa que leve o hóquei a sério quererá lá estar, incluindo eu.

Sei, por experiência pessoal, como é aprender diretamente com o Garrett Graham. Nós não passámos muito tempo sozinhos naquela semana há seis anos, tivemos poucas sessões a solo, mas aprendi mais nesses cinco dias com ele do que em todos os anos a jogar hóquei. O Graham possui instintos inatos e transcendentais no que toca a este desporto.

— Pronto, acabou a conversa. — O Jensen bate palmas. Vamos fazer exercícios de três contra três. Quero ver-vos a batalhar pelo disco. Vamos fazê-los simultaneamente nas duas extremidades do ringue. O Garrett fica numa ponta, eu fico na outra. Graham, escolhe a tua equipa.

O Garrett examina as cerca de trinta caras à sua frente.

— Quero o Larsen, o Colson e o Dunne. Contra o Trager, o Coffey e o Pope.

Sinto uma volta no estômago. Então é assim, hã?

O Jensen escolhe-me para o seu grupo; suponho que isso seja revelador. Enquanto todos dispersam para assumir as suas posições, aproximo-me do Garrett.

— Ouça — avanço, hesitante, sentindo-me desajeitado como o raio. — Queria só dizer que é uma honra tê-lo aqui. Aprender com alguém do seu calibre é inestimável para todos nós.

Fantástico. Mais valia prostrar-me no chão e lambe-lhe realmente as botas em vez de proverbialmente.

O seu meio-sorriso diz-me que sabe exatamente o que estou a fazer.

— Se achas que uns elogios me fazem esquecer o que vi no parque de estacionamento, não fazem. Será preciso muito mais do que isso.

— Eu sei. Só... queria que soubesse que eu não sou assim. Eu nunca me atraso. Bem, claramente aconteceu. Mas foi a primeira vez — corrijo. — E espero que possa esquecer a trapalhada desta manhã, porque sou um excelente jogador e gostava muito de ser considerado para esta oportunidade.

O Garrett olha para mim demorada e desconfortavelmente. Por fim, fala.

— A minha escolha não se baseia só nos melhores jogadores, rapaz. Considero muito mais do que apenas bons resultados. Valorizo a capacidade de liderança. E, pelo que vi até agora, és capaz de não ter essa qualidade.

CAPÍTULO 7

RYDER

Que se fodam as leis da física e tu também

— É impossível haver viagens no tempo sem regras. Tem de haver regras. Porque, em última análise, não consegues resolver o paradoxo do avô — argumenta o Beckett da outra ponta do sofá. — Simplesmente, não consegues.

O Shane desvia o olhar da televisão e olha para ele.

— Isso é quando voltas atrás no tempo para pinar com o teu avô?

— Não, é quando o matas, ó burro. Quer dizer que o teu pai não vai nascer, eliminando, assim, a tua própria concepção. Mas, se não nasceste, como é possível estares a olhar para o cadáver do teu avô? Não podes existir e não existir ao mesmo tempo. É esse o paradoxo. E é por isso que precisamos de regras para compatibilizar...

— Puto. Tens de enfrentar os factos. As viagens no tempo não existem. As leis da física impedem que isso aconteça.

— Que se fodam as leis da física e tu também.

O Beckett fica sempre muito exaltado com este assunto.

— Ryder, ajuda-me.

— Hã? — Ergo a cabeça e vejo o Shane a olhar para mim. Franzo o sobrolho. — O que é que estão para aí a tagarelar?

— Que bicho te mordeu? — pergunta o Beck, divertido. — Estás para aí todo melancólico, tipo, há uma hora.

— Ainda estás amuado com a cena do Graham? — O Shane ri-se.

— Sim — resmungo. — Porque estou fodido.

Já passou um dia inteiro desde que o Graham apareceu no treino e me deu o equivalente verbal de uma tarefa, e ainda não fui capaz de ultrapassá-lo. Ser treinador do seu programa de hóquei seria incalculável. Se eu tivesse essa oportunidade, estaria presente todos os dias como uma esponja, absorvendo cada gota de conhecimento que aquelas duas lendas tivessem para oferecer.

— Não estás fodido — assegura-me o Beckett.

— Ele disse que me falta capacidade de liderança. É basicamente o mesmo que dizer que não me vai escolher para o seu programa. Logo, estou fodido.

E tudo por causa de uma miúda.

Estão a ver? É por isso que não tenho namoradas.

Pronto, para ser sincero, não é a única razão. Não é como se tivesse evitado especificamente as relações durante anos com medo de que, um dia, uma mulher com quem tivesse uma noite de sexo casual me desligasse o despertador intencionalmente, depois de eu adormecer, para podermos dormir até tarde e, depois, o meu ídolo do hóquei nos apanhasse a beijarmo-nos no carro estando eu atrasado para o treino...

— Foste escolhido para cocapitão — salienta o Shane, interrompendo a minha linha de pensamento caótica. — Se o que ele procura é capacidade de liderança, não pode exatamente dizer que não a tens.

— Sou cocapitão de uma equipa em que metade dos tipos se odeiam uns aos outros. Até agora, estou a fazer um excelente trabalho — gozo. Durante o treino desta manhã, o Rand e o Trager quase voltaram a arrancar a cabeça um ao outro.

— O teu telemóvel não para — diz o Beck, relanceando a mesa de centro, onde estão os telemóveis e umas garrafas de cerveja.

— Eu sei. É a Carma. Tem estado o dia todo a mandar-me mensagens a pedir desculpa.

Respondi-lhe uma vez a dizer que me tinha divertido nessa noite, mas que, depois da manhã de ontem, é evidente que os nossos horários não são compatíveis e gostava de me concentrar no hóquei, ponto final. Aparentemente, ela acha que, se continuar a pedir desculpa, a minha atitude poderá mudar.

O Shane esboça um sorriso cúmplice.

— Não há nenhuma hipótese de se repetir, não é?

Às vezes, juro que este chaval consegue ler-me a mente. Embora suponha que seja uma questão de bom senso. Não se brinca com o horário do hóquei de um gajo. Ponto final.

Respiro fundo, sentindo-me novamente a ficar frustrado.

— Estás a ver, meu, por isso é que a minha teoria sobre viagens no tempo é superior — diz o Beckett. — No meu modelo, podias voltar atrás e ordenar a ti mesmo que não fosses para a cama. É como eu sempre digo: quando a Carma fecha uma porta, a Esperança abre uma janela.

— Já chega — implora o Shane. — Nem sequer se escreve da mesma maneira.

— Escrever é sobrevalorizado. Então, como eu estava a dizer, se o tempo e o espaço são lineares...

O Shane aponta-lhe o dedo indicador.

— Dizes mais uma palavra sobre esse assunto e vou literalmente despejar-te esta cerveja pela cabeça abaixo.

— És um cortes, meu.

O Shane vira-se outra vez para mim.

— E mais, descobri que a solução para o teu problema com o Garrett Graham está mesmo diante dos teus olhos.

— Ah, sim? — Animo-me.

Ele esboça um grande sorriso satisfeito.

— A Gigi Graham.

As minhas sobrançelas unem-se em jeito de interrogação.

— O que é que tem?

— Puto. A filha do gajo *anda na tua faculdade*. Tens um contacto privilegiado. Devias falar com ela.

— E dizer o quê?

— Pede-lhe que interceda a teu favor — diz, encolhendo os ombros.

— Já... Isso é pouco provável.

O Shane olha desconfiado para mim.

— Porquê, o que é que lhe fizeste?

O Beckett ri-se com a cerveja na boca.

— Eu não fiz nada.

— Estavas só a ser tu próprio, então.

A frase provoca a gargalhada sonora do Beck.

— Enfim. — Levanto-me do sofá. — Vou para o meu quarto.

Deixo-os com as suas tretas e dirijo-me ao quarto, onde me atiro para cima da cama e pego no portátil.

Tal como fiz ontem quando cheguei a casa do rinque, procuro mais informações sobre o programa de treino para juniores do Graham e do Connelly. Mas, como esse chão já deu uvas, decido pesquisar algo diferente. Graças ao Shane, fiquei a pensar na Gigi.

Encontro alguns destaques onde ela está presente, mas são poucos e espaçados. O hóquei universitário não tem tanta cobertura televisiva como a NHL, e o hóquei universitário *feminino* é quase impossível de encontrar. Consigo descobrir um jogo da época passada, uma partida de *play-offs* entre a Briar e Yale. Um dos canais locais de desporto transmitiu-a na íntegra e, felizmente, alguém a pôs online.

A dada altura, a câmara mostra uma Gigi do ano passado sentada no banco. Quando se inclina para a frente, observando as colegas de equipa a marcar um penákti, a intensidade dos seus olhos cinzentos transborda do ecrã e aquece-me o sangue. Não consigo evitar pensar em como será na cama. Se terá a mesma intensidade.

Há algo de ferozmente sexy nela. Algo muito atraente no facto de decidir praticar um dos desportos mais físicos que existem. O contacto

corpo a corpo não é permitido no hóquei feminino, mas isso não diminui a força necessária para praticar este desporto. Além do mais, acaba por tornar-se uma batalha cerebral. Muito mais tática. Obrigome a pensar no que deveria fazer para neutralizar o meu adversário sem recorrer ao contacto, como recuperaria o disco, e apercebo-me de que teria de adaptar toda a minha forma de jogar.

Sem a brutalidade e sem os jogadores esmagados contra a tabela, é o jogo que se destaca. E a Gigi joga bem. Tem uma técnica incrível. Há beleza na forma como se move. A maneira como manobra o *stick* é linda de morrer. No terceiro período, a Briar está a ganhar por três golos e a linha da Gigi já fez o que tinha a fazer. A câmara mostra o banco da Briar. Ela tirou o capacete e o seu cabelo escuro está apanhado num rabo de cavalo suado. Ignorando que está a ser filmada, tira o elástico do cabelo para o pôr no pulso e o cabelo cai-lhe pelos ombros em longas ondas soltas.

É então que percebo que estou com tesão.

Felizmente, alguém bate à porta do meu quarto antes de, pela primeira vez na vida, eu começar a bater uma punheta a ver um jogo de hóquei feminino.

— Yo. — O Shane entra sem esperar permissão.

Fecho o portátil e pouso-o ao meu lado sobre a cama.

— Sim?

— A equipa feminina tem um jogo amigável hoje à noite. Briar contra Providence, em Newton. — Newton fica a cerca de uma hora de viagem, a oeste da baixa de Boston.

— E?

— E devias ir.

— Porquê?

— Para falares com a Gigi Graham, otário.

Antes de poder contestar, um molho de chaves voa na minha direção.

Apanho-as instintivamente, sendo quase apunhalado pelo porta-chaves com um unicórnio que a irmã mais nova do Shane lhe ofereceu nos anos, em abril. Ele tem um carinho especial pela miúda. É querido. E, claro, o Beckett não resistiu a comprar um unicórnio de peluche cor-de-rosa no verão, deixando-o na almofada do Shane numa noite em que sabia que ele ia estar com uma miúda.

— E sou generoso o suficiente para te deixar levar o meu *Mercedes*.

— Não preciso do teu *Mercedes* por piedade, ó ricaço.

— Fixe. Pedimos ao bacano do reboque que traga o teu jipe da oficina e que te leve lá contigo ao volante, a fingir que vais a guiar.

— Vai à merda.

No entanto, esta situação do jipe é um problema. O mecânico enviou-me uma mensagem esta manhã a dizer que a caixa de

velocidades precisa de ser substituída. Não faço ideia de onde irei arranjar dinheiro para a pagar. Não tenho pais ricos que me paguem as contas, como o Shane, e odeio ter de mexer nas minhas míseras poupanças. Também odeio pedir dinheiro emprestado aos amigos.

Porém, parece que posso pedir os seus carros emprestados.

Vendo-me pôr as chaves no bolso, o Shane desata a rir.

— Vê lá se imploras como deve ser. Experimenta pôr-te de joelhos — recomenda. — As miúdas gostam quando nos pomos de joelhos.

Reviro os olhos.

— Não vou fazer-lhe um minete.

— Talvez devesse. Ela é toda boa.

Ele tem razão. Mas se vou fazer a viagem toda até lá para ver a Gigi, não é pelo sexo.

Ele agarra-me no ombro quando me aproximo da porta.

— Vai-te a ela, campeão — diz, ainda a rir-se entre dentes.

CAPÍTULO 8

GIGI

Usa as palavras

Passados três segundos de largarem o disco, percebo que a Faculdade de Providence está aqui para acabar connosco.

Devia ser um jogo amigável. Sim, está a ser disputado com as regras habituais. Estamos totalmente equipadas, jogando com a mesma formação da época a sério. Porém, é uma regra implícita não nos esforçarmos cem por cento nestes jogos. Para quê arriscar uma lesão num jogo que não conta para nada? Basta dar ao público uma boa exibição. As receitas de bilheteira vão para uma instituição de caridade de crianças com cancro e, durante os intervalos, os miúdos cujos pais compraram os bilhetes mais caros são puxados em pequenos trenós no gelo. É para ser giro e divertido.

Em vez disso, estou literalmente num combate pela sobrevivência.

As raparigas da Providence fazem pressão desde o início. Parecem hienas a atravessar a linha azul. A nossa guarda-redes, a Shannon, é a carcaça. Ou melhor, ela ainda está viva, mas está ferida e conseguem cheirar-lhe o sangue. Disparam uma saraivada de remates contra ela enquanto as nossas defesas correm para tentar ajudá-la.

Por fim, a minha companheira de equipa consegue tirar o disco da nossa área, mas comete uma falta. Foda-se. Agora o duelo será disputado à esquerda da nossa baliza.

O primeiro período começou há cinco minutos e já estou a suar como se tivesse saído de uma sauna no ginásio.

A central adversária esboça um sorriso rasgado.

— Estão a divertir-se? — provoca-nos.

— É um jogo amigável, Bethany — resmungo, agachando-me para me preparar. — Vê lá se te acalmas.

Ela grunhe baixinho, enquanto o árbitro se coloca em posição.

— Vá lá, Graham. Deves dar sempre o teu melhor, independentemente das circunstâncias.

Que palhaçada. Elas estão a tentar provar qualquer coisa. O quê,

não sei. Nem sequer somos grandes rivais, como eram a Eastwood e a Briar. Esta devia ser uma noite divertida. Elas estão a estragar tudo.

O público grita quando a Bethany vence o duelo, fazendo um passe à sua avançada direita, que remata e marca golo.

O primeiro ponto vai para a Providence.

Só quando regresso ao banco é que as peças do *puzzle* encaixam.

A Cami olha para mim e silva:

— Os selecionadores da equipa olímpica estão cá.

Bloqueio.

— O quê? Estás a falar a sério?

— Sim, a Neela acabou de ouvir um dos árbitros a dizê-lo.

Viro-me para a nossa colega de equipa Neela para confirmação e vejo-a no rinque a tentar sobreviver. A Providence não está a facilitar-nos a vida.

Decido procurar nas bancadas pelo Alan Murphy, o selecionador olímpico. É um exercício fútil. Uma das minhas irritações de estimação é quando, nos filmes em que se vê um público vasto, milhares de pessoas nas bancadas, de alguma forma, o herói ou a heroína consegue olhar uma pessoa específica nos olhos, com o resto da multidão a desaparecer enquanto eles mantêm um contacto visual muito deliberado.

Isso é treta. Não se consegue ver nada. Apenas um mar de rostos indistintos.

— O que é que eles estão aqui a fazer? — pergunto.

— Não sei. Talvez tenham alguma coisa que ver com a instituição de caridade?

Ou talvez tenham vindo como olheiros.

Merda, e nós não estamos a jogar nada.

A consciência deste facto faz-me despertar. O Adley pede uma substituição e eu espero até as minhas companheiras de equipa chegarem à tabela antes de me lançar para dentro do rinque.

Os meus patins tocam no gelo assim que a Whitney me passa o disco. A Providence também está a fazer as suas substituições. Não podiam ter escolhido pior altura, proporcionando-me assim a oportunidade perfeita para fazer uma jogada. As substituições mal calculadas podem decidir o resultado de um jogo de hóquei, e este foi o primeiro erro da equipa adversária desde o início do jogo.

Não perco tempo a tirar proveito do seu erro e do ataque que este me permite fazer. O ar silva-me nos ouvidos enquanto me lanço para a baliza adversária. Uma das defesas tenta apanhar-me e não consegue. Consigo patinar mais depressa do que ela e despistar a sua colega de equipa enquanto puxo o braço atrás e remato.

Golo.

Ouço o clamor ensurdecador da multidão. O bater ruidoso dos

sticks contra a tabela, sinal de aprovação das minhas colegas de equipa, ecoa pelo recinto lotado. A Camila passa por mim e bate-me no braço.

— *Boa, miúda!* — exclama. Fazemos uma nova substituição e a segunda linha toma conta do jogo.

Quando soa o apito que indica o fim do primeiro período, estamos empatadas 1-1.

O segundo período é tão intenso como o primeiro. É uma batalha defensiva, com os ataques de ambas as equipas a serem fortemente repelidos. Fico várias vezes presa atrás da baliza da Providence. É onde mais detesto estar. Sou mais pequena do que muitas das outras jogadoras, o que torna difícil que eu vença disputas atrás da baliza. Não tenho ombros para isso. O meu pai está sempre a gozar com os meus ombros delicados.

Felizmente, sou rápida, por isso costumo conseguir esquivar-me a situações difíceis. Em vez de enfrentar a adversária, tento passar à Cami na zona ofensiva, mas sou intercetada. Quando dou por mim, estamos outra vez atrás delas. O resto do terceiro período é assim. Pressão profunda. Altas velocidades.

A Providence lidera 2-1 durante todo o jogo até aos últimos quarenta segundos, quando a Neela faz uma jogada atrás da baliza. Ao contrário de mim, ela dá-se bem ali. Distraíndo a guarda-redes, consegue atirar o disco para a frente da baliza, mesmo na direção do *stick* da Whitney, que faz um remate direto.

Os responsáveis da instituição de caridade sussurram ao treinador Adley que não querem que o jogo termine em empate, portanto, vamos a penáltis para decidir o resultado e a Briar vence prontamente, porque ninguém remata melhor do que eu. Ninguém.

E é assim que vencemos o jogo solidário, também conhecido como Confronto Mortal.

— Fogo — queixo-me, a caminho do balneário. — Isto foi ridículo.

As minhas colegas de equipa parecem igualmente exaustas.

— Pensava que estava em forma! — queixa-se a Neela. — Tenho andado a levantar pesos fora da época desportiva. Os meus braços parecem gelatina. — Ela ergue os braços e deixa-os cair como se fossem esparguete cozido.

O treinador irrompe pelo balneário adentro antes de começarmos a despir-nos.

— Isto é que foi um jogo de hóquei — diz, olhando em volta com admiração. Depois, revira os olhos. — Embora não tenha a certeza que parte de «Guardem a vossa energia para a abertura da época» é que não perceberam — conclui, referindo-se ao discurso que fez antes de o jogo começar.

— Já nos conhece, nós deixamos sempre tudo na pista — chilreia a

Whitney.

Ele suspira.

— Imagino que já alguém vos tenha dito que o Brad Fairlee estava nas bancadas.

— Pois — diz ela, e toda a gente se ri.

Toda a gente menos eu. Porque o meu sangue gelou.

O Brad Fairlee?

A ansiedade provoca-me um nó na barriga.

— O que é que aconteceu ao Alan Murphy? — balbucio.

— Está fora — diz o Adley. — Os mandachuvvas alegam motivos de saúde. Estão a ser sigilosos em relação a isso, mas é possível que tenha sofrido um ataque cardíaco, ou vários.

— Fogo, e ele está bem? — pergunta a Whitney.

— Acho que continua no hospital, mas não sei mais nada. A Associação de Hóquei dos Estados Unidos ofereceu o cargo ao Brad Fairlee, o seu coordenador ofensivo. Ele é bom. Foi uma promoção merecida. — O Adley encaminha-se para a porta. — Pronto. Vistam-se. Vemo-nos no autocarro.

Voltam todas à conversa, encaminhando-se para o duche. A minha energia nervosa intensifica-se enquanto me limpo do suor e do cansaço. Não lavo o cabelo, apanho-o só num coque molhado e apresso-me a sair do balneário.

Quero cruzar-me com o Brad Fairlee, embora não saiba bem o que lhe dizer. Não falamos há uns anos. Suponho que possa fingir querer saber da sua filha Emma, mas, dependendo do que ela contou ao pai, ele pode perceber o esquema. Porque não me interessa minimamente saber como está a Emma Fairlee.

No entanto, não posso simplesmente deixar o selecionador nacional sair do edifício, pelo menos, sem tentar perceber as suas intenções. Por esta altura, já devia saber alguma coisa. Isto é, já devia saber alguma coisa se estivesse a ser considerada para fazer parte da equipa. Sei que uma rapariga do Wisconsin já foi convidada para treinar com eles, portanto, devem estar a fechar o plantel. Têm de fazê-lo; os jogos importantes estão aí à porta, como a Taça das 4 Nações em novembro e o jogo da Rivalidade EUA-Canadá em fevereiro. E, no fevereiro seguinte, o jogo mais importante de todos. Os Jogos Olímpicos.

Fogo. Quero mesmo isto.

Não peço muitas coisas. Nunca fui daquelas meninas mimadas que pedem pôneis ao papá e exigem festas elaboradas para celebrar os 16 anos. Admito que eu e o Wyatt passámos o aniversário dos 16 anos a ver o nosso pai a vencer o jogo final de uma série crucial de *play-offs*. A equipa não venceu a Stanley Cup nesse ano, mas não deixa de ser bastante fixe passar o aniversário no camarote presidencial do TD

Garden.

Mas isto. *Quero-o*. Quero-o tanto que consigo senti-lo.

Para minha surpresa, não preciso de andar atrás do Fairlee como um cão treinado para detetar bombas. Assim que entro no átrio, ouço-o chamar o meu nome.

— Sr. Fairlee, olá — respondo, tentando conter a ansiedade. — Há quanto tempo.

— É verdade — concorda. — Já foi há quê? Três anos?

— Por aí.

Aproximo-me, com o saco de hóquei ao ombro.

O Sr. Fairlee não é um homem alto, mas tem a constituição de um tanque, com o peito largo e o pescoço grosso. Jogou hóquei quando era jovem, mas não teve muito sucesso na liga profissional, sobretudo por causa da sua altura. Por fim, dedicou-se à carreira de treinador, onde *encontrou* o sucesso. Agora mais, aparentemente.

— Parabéns pela vitória.

— Não estava à espera de um jogo tão competitivo — respondo pesarosamente.

Ele acena com a cabeça.

— Bom trabalho nos penáltis.

— Obrigada. Ouvi dizer que também está de parabéns. O treinador Adley disse-nos que foi nomeado selecionador olímpico.

O seu olhar enche-se de orgulho.

— Sim, obrigado. Estou ansioso por liderar a equipa. Ganhar algumas medalhas.

— Parece-me um bom plano... — Pauso, esperando que ele preencha o silêncio. Ansiando que me diga alguma coisa, qualquer coisa, que me dê uma pista sobre em que pé está a criação da equipa.

Mas ele não diz nada.

Prossigo desajeitadamente.

— Bem, escusado será dizer que adorava ser considerada para o plantel.

Mais um aceno de cabeça.

— Claro. Estamos a considerar várias jogadoras de momento. Este ano temos um grupo muito dinâmico de jogadoras universitárias.

Tretas.

Engulo a palavra, tentando não me indignar. Não quero ser arrogante, mas conheço todas as jogadoras da NCAA, incluindo a nova safra de caloiras. Algumas novatas revelam potencial, mas, no geral, poucas jogadoras se destacam nos programas da Primeira Divisão. Eu estou decididamente no top dez, se não no top cinco.

— Ótimo. É bom sabê-lo. Não sei quantas jogadoras universitárias são normalmente escolhidas para o plantel, mas...

— Cerca de trinta, quarenta por cento — diz.

Isto faz-me calar.

Porra. É uma estatística brutal. Considerando a dimensão do plantel, se houver poucas vagas, quer dizer que irá escolher duas, talvez três jogadoras universitárias.

— Como eu disse — continua, após reparar na minha expressão —, estamos a considerar várias jogadoras e, claro, tu és uma delas. O teu talento é inegável, Gigi. Naturalmente, há pequenas coisas que precisas de trabalhar, mas isso aplica-se a toda a gente.

— Que coisas? — pergunto, um pouco depressa demais, parecendo que me sinto ofendida pela crítica. Apresso-me a acrescentar: — Adoraria saber se tem alguma dica para mim. Gosto sempre de melhorar o meu jogo.

Ele comprime os lábios.

— É o mesmo problema que sempre tiveste. Não és eficaz atrás da baliza.

Desta vez, fico indignada, porque ele está a agir como se este «problema» fosse um calcanhar de Aquiles que me atormenta há anos, impedindo-me de ter sucesso. É um disparate. Todos os jogadores têm os seus pontos fortes e fracos.

— Excelente *feedback*, obrigada. Vou falar com o treinador Adley sobre isso. — Depois, como sei que será suspeito não querer saber, obrigo-me a perguntar: — Já agora, como está a Emma? Anda na UCLA, não é?

— Está bem. A dar-se muito bem na Costa Oeste. Conseguiu um pequeno papel num episódio piloto de uma série.

— Fixe — minto.

Incomoda-me saber que a vida lhe corre bem e odeio esta minha ponta de mesquinhez. Não gosto de pensar que sou mesquinha.

— Eu digo-lhe que perguntaste por ela.

Por favor, não diga, penso.

Porém, o tom ligeiramente agudo da sua voz diz-me que não irá transmitir os meus cumprimentos, de qualquer maneira. Pois... ela destruiu completamente esta relação.

— Foi bom ver-te, Gigi. Está ali alguém com quem preciso de falar.

O Sr. Fairlee toca-me no braço. Depois, para meu horror absoluto, vejo-o dirigir-se à Bethany Clarke, capitã da equipa da Providence.

Estará a gozar? A Bethany pode ter feito um bom jogo esta noite, mas está longe do meu calibre enquanto jogadora. É como levar com uma stickada na cara. Quando abandono o edifício, sinto a garganta apertada de ciúmes e rancor. Continuo a sentir frio ao entrar em contacto com o ar húmido.

Vou a meio das escadas da entrada quando ouço outra vez o meu nome.

— Gigi, espera.

Olho por cima do ombro e vejo o Luke Ryder ao fundo das escadas, à minha esquerda. Ele caminha na minha direção, as suas longas pernas envoltas em ganga desbotada. Veste ainda uma t-shirt preta e um boné dos Bruins com a pala para baixo, quase tapando os seus olhos.

Franzo a testa, descendo o resto das escadas até ao seu encontro.

— O que estás aqui a fazer?

Ele encolhe os ombros.

— Usa as palavras, Ryder.

Neste momento, não estou com disposição para o seu estilo de conversa troglodita. A rejeição do Brad Fairlee ainda me arde no sangue como ácido sulfúrico.

O Ryder levanta o chapéu e passa a mão sobre o cabelo para o pentear, voltando a enfiar o boné. O movimento chama-me a atenção para a pulseira que usa no pulso direito. Trabalhada com fio preto e cinzento, como aquelas pulseiras da amizade dos *resorts* insulares com que os locais tentam vigarizar-nos. Está velha e desfiada, como se a usasse há anos.

— Vim ver o teu jogo.

— OK... Estranho. Mas tudo bem. — Observo-o, perplexa. — E então, gostaste?

O seu ombro começa a encolher-se, mas ele vê a minha expressão e detém-se.

— Foi mais dramático do que estava à espera — diz, de forma cómica. — Também não era preciso terem ido a penáltis.

— Achas que devia ter acabado num empate?

— Não, acho o que acabei de dizer, que não era preciso terem ido a penáltis. Podiam ter ganhado o jogo no terceiro período.

— Sabes, a maioria das pessoas elogiar-me-ia por ter vencido nos penáltis — saliento.

— É isso que queres das pessoas? Que te digam que és uma boa menina?

As suas palavras trocistas fazem-me sentir uma faísca de calor mesmo no meio das pernas.

Uau.

OK.

Não esperava que o meu corpo reagisse assim. E não adoro que o tenha feito. Especialmente porque, neste momento, devia estar zangada. Ele acabou de dizer que foi por causa de mim que fomos a penáltis.

— Não sei se percebeste — digo, com firmeza —, mas estávamos sob muita pressão.

O Ryder não responde.

— O que foi? — protesto.

Nada.

Pouso o saco de hóquei no chão, que cai com um baque. Cruzando os braços sobre o peito, lanço-lhe um olhar furioso.

— Vá. Diz-me o que achaste.

Ele olha-me nos olhos.

— Tu entras em pânico atrás da baliza.

A crítica golpeia-me como uma faca embotada.

Normalmente, aceitaria as suas palavras aos poucos e absorveria a crítica, encarando-a como construtiva, não deixando que me atingisse de forma tão profunda. Mas ele está a repetir a atitude do Fairlee, e isso é a última coisa de que preciso neste momento.

Agora tenho dois homens a dizer-me que não presto atrás da baliza?

— Quando estás sob pressão na área adversária e não tens outra opção, deves automaticamente atirar o disco para trás da baliza — diz o Ryder quando eu não respondo. — Em vez disso, entras em pânico, tentas fazer passes fracos e és intercetada. Como aconteceu no terceiro período.

Acho que gosto mais dele quando não fala.

Cerro os maxilares com tanta força que os molares começam a latejar. Ignorando a sua apreciação direta sobre os meus erros, abro a boca para perguntar:

— Qual é o verdadeiro motivo para estares aqui?

Os seus olhos azul-escuros cintilam com o que parece ser desconforto. Fico à espera que tente empatar, ou que não responda sequer, mas ele surpreende-me ao ser direto.

— O teu pai veio ontem ao nosso treino.

— E então?

O Ryder ajusta novamente a pala do boné.

— Disse-nos que, todos os verões, dirige um programa do Reis do Hóquei. Tinha esperança de que...

— Por amor de Deus. — Sei exatamente qual o rumo da conversa e irrita-me bastante. — A sério? Também tu?

— O que foi?

Pego no meu saco e atiro a alça para cima do ombro.

— Fazes ideia de quantos tipos se atiraram a mim ao longo dos anos só para se aproximarem do meu pai? Não nasci ontem.

Abano a cabeça, engolindo a animosidade crescente. Ao menos, devo admitir que o Ryder vai direto ao assunto. Não está a tentar levar-me a jantar, onde irá pegar-me na mão, sussurrar-me palavras doces e *depois* pedir-me o favor.

Apesar dos meus esforços, fico com uma sensação amarga. Já estava de mau humor antes de ele me emboscar e, agora, sinto-me mil vezes pior.

— Sabia que eras um idiota, mas isto é outro nível. Vens aqui insultar a minha forma de jogar e depois queres usar-me para chegar ao meu pai?

Ele encolhe os ombros da sua forma característica.

— O que foi?

— Como se não o usasses também.

Fico tensa.

— Como assim?

— Treinamos num edifício chamado Centro Graham. — Ele ri-se sem humor. — Se isso não é nepotismo, não sei o que é.

Sinto rosto a esquentar. Sei que está a ficar cada vez mais vermelho.

— Estás a sugerir que eu não conseguiria entrar na Briar por mérito próprio?

— Estou a dizer que és boa, mas, certamente, o teu apelido também ajuda.

Tento acalmar-me. Respirar fundo.

Depois digo:

— Vai-te foder.

E afasto-me, porque estou mais do que farta desta conversa. Não vou continuar a alimentá-la.

Ele não me segue e, um minuto depois, quando entro no autocarro, estou em ebulição.

O Ryder está errado. O meu apelido não é o motivo pelo qual a Briar e mais meia dúzia de universidades de hóquei me imploraram que as frequentasse. Quiseram-me porque sou boa. Não, porque sou excelente.

Sei que sou.

Mas isso não impede que a barragem da insegurança rebente e uma enchente de dúvidas me invada.

CAPÍTULO 9

GIGI

Completamente ao tapete

Quando chego a casa, umas horas mais tarde, sinto-me ainda envolta numa escura nuvem de tempestade. É então que reparo nas duas enormes malas de viagem no meio da sala e recupero algum ânimo.

— Oh, meu Deus! — dou um gritinho. — Estás em casa?

A Mya Bell aparece à porta, ostentando o seu brilhante sorriso.

— Cheguei! — grita de forma teatral, ao estilo da Diana.

Atiramo-nos aos braços uma da outra num daqueles abraços patetas, ficando meio a dançar e a baloiçar-nos tanto que quase caímos.

— O que é que estás aqui a fazer? — pergunto, alegremente. — Não esperava ver-te antes de domingo.

— Aborreci-me em Manhattan. Além disso, a minha mãe estava a dar comigo em doida. Precisava de paz e sossego.

— Fogo, se tu estás a precisar de silêncio, a tua mãe deve ser mesmo insuportável.

A Mya não é, repito, não é uma pessoa silenciosa. Isto não quer dizer que seja desagradavelmente barulhenta. É só faladora.

— A minha mãe decidiu que quer arranjar-me um marido ou uma mulher e eu não tenho voto na matéria — explica a Mya, revirando os olhos.

— A sério? Como é suposto casares-te e tornares-te uma cirurgia célebre ao mesmo tempo? Parece-me que só podes escolher uma opção. — A Mya está a estudar Biologia com o fito na Medicina. Quer ser cirurgiã.

— Exato. Não posso focar-me num estúpido cônjuge se tenho de ficar acordada trinta e seis horas seguidas no internato complementar de cirurgia. Mas tenta dizer isso à minha mãe. Passou metade do verão a perguntar a todos os diplomatas com quem nos cruzámos se tinham filhos solteiros. Até está a compilar um dossiê de candidatos.

— Pelo menos já aceita que possas casar com uma mulher.

Quando a Mya se assumiu como bissexual perante os pais no primeiro ano de faculdade, a mãe demorou algum tempo a aceitar. Sobretudo, porque achava que isso significava que nunca teria netos a quem comprar pôneis. Finalmente, a Mya sentou-se com a mãe e explicou-lhe que, se escolhesse ficar com uma mulher, hoje em dia há inúmeras opções reprodutivas disponíveis para casais do mesmo sexo. Isso pareceu tranquilizar a Sra. Bell.

— É verdade — responde a Mya. — Mas, por amor de Deus, não preciso que a minha mãe me faça um arranjinho com ninguém. Já a conheceste? É a maior snobe à face da Terra. Irá querer que eu case com algum herdeiro ou príncipe conservador com um cachucho no mindinho.

A Mya continua a deliciar-me com histórias das férias de verão da sua família. Abrimos uma garrafa de vinho tinto e sentamo-nos no sofá para pôr a conversa em dia. De início distrai-me, mas o meu pensamento regressa rapidamente aos acontecimentos desta noite, fazendo-me sentir preocupada e hostil outra vez.

Que se lixem o Brad Fairlee e o Luke Ryder. Qual é o mal de o meu passe ter sido intercetado no jogo desta noite? E qual é o mal de...

— Então — diz a Mya, divertida, arrancando-me dos meus pensamentos —, a minha história sobre o jantar grego em pelota não está a interessar-te?

— Não, é hilariante. Desculpa. Distraí-me um segundo e comecei outra vez a remoer. Estava de péssimo humor até ver a tua cara linda.

— Primeiro, preciso que continues a elogiar-me, porque, basicamente, a minha mãe destruiu a minha autoestima. E, segundo, estás a remoer o quê?

— A Emma Fairlee. A minha antiga amiga do secundário.

— Ah, a traidora.

— Sim. — Rio-me da expressão, mas sinto também uma pontada de dor, porque se no último ano do secundário me dissessem que eu e a Emma não seríamos amigas quando chegássemos à formatura, teria acusado as pessoas de serem loucas.

A Mya estica as pernas incrivelmente longas e pousa-as sobre a mesa de centro.

— E porque é que estás a pensar na Emma Endiabrada?

— Bem, na verdade, estou mais a pensar no pai dela. Descobri hoje que o Sr. Fairlee é o novo selecionador olímpico.

— Oh, merda. E ela envenenou o paizinho contra ti?

— Não sei. Na realidade, não falo com ela nem com ninguém da sua família desde a formatura. Mas imagino que não tenha nada de simpático a dizer sobre mim. Há três anos que fala mal de mim nas redes sociais.

Ao início, eram *posts* explicitamente agressivos sobre como eu e

toda a minha família somos horríveis, egoístas e cruéis. Depois, tornaram-se «pensamentos» velados e citações ambíguas claramente dirigidas a mim e aos meus incontáveis defeitos de personalidade.

O que é estupidamente infantil, mas o problema da Emma é que ela odeia ser ignorada. Tem sempre de ser o centro das atenções, o que é ótimo quando somos adolescentes e andamos a curtir com uma amiga divertida e cheia de vivacidade que se atira de cabeça para a aventura, arrastando-nos consigo.

Mas assim que não estamos ao seu serviço e a alimentar o seu ego, ela vira-se contra nós.

— Enfim, tenho medo de que ele não me dê uma oportunidade justa — admito, emborcando quase metade do copo. O vinho invade-me o estômago e revolve-se inquietantemente. — Ainda estão a seleccionar jogadoras e a fechar o plantel, mas... — Lambo uma gota do lábio inferior. — Não sei, estou nervosa. Tenho um mau pressentimento.

— Não devias. És literalmente a melhor jogadora de hóquei feminino do mundo.

— Pronto, isso é um exagero.

— Estás no top três — corrige. — Ao nível mundial.

— No top dez. Ao nível nacional.

— OK, no top cinco ao nível mundial — diz, com um aceno airoso.

— Estás a dizer-me que esse palerma não vai escolher uma das melhores jogadoras para a sua equipa?

— Não é assim que funciona.

— Então, como funciona?

Penso um pouco, porque é difícil explicar. O processo de seleção é quase deliberadamente vago.

— Os treinadores não seleccionam as jogadoras baseando-se apenas em critérios objetivos. Analisam exibições passadas em eventos nacionais, coisa que eu não tenho. Veem que pessoas acham que trabalhariam bem em equipa. Por vezes realizam eliminatórias, mas o nosso desempenho anterior é muito mais relevante do que uns quantos exercícios. — Tento resumi-lo em termos mais simples. — Basicamente, cada vez que ponho os pés no gelo estou a fazer provas para a seleção nacional.

E a não causar boa impressão, aparentemente. Pelo menos, de acordo com o Brad Fairlee.

Profiro um som de frustração.

— Enfim. Não quero falar mais sobre isto.

Deslizando do sofá, deixo-me cair no tapete de pelo comprido e macio, onde me estico de costas e solto um gemido alto.

— O-oh — suspira a Mya.

Abro os olhos e vejo-a a olhar para mim. A sua expressão é uma

mistura de divertimento e preocupação.

— O que foi? — protesto.

— Precisas de dar uma queca.

— Não, não preciso. Estou ótima.

— Não estás nada. Cheguei há uma hora e já estava a ver os sinais antes de ires completamente ao tapete. Dito isto, estar deitada no tapete é sempre a última gota.

— Para. Eu não me deito no tapete assim tantas vezes.

— Deitas, sim. Isto acontece sempre que atinges o limite dos teus níveis de stress ou quando te sentes demasiado sobrecarregada. A seguir ao momento do tapete, ficas mesmo mal-humorada e comesças a passar-te comigo por causa de coisas triviais, como beber da tua garrafa de água personalizada. E depois o Case vem cá, dá-te uma trancada e voltas a ser a Gigi amorosa.

— Acho que nunca fui amorosa.

— Está bem, admito. Mas não tentes contestar o resto. Tens um ciclo de tesão muito previsível. Depois de dares uma queca, de repente, ficas menos mal-humorada e poupas o nosso tapete.

— Não gosto de ti.

— Quando foi a última vez que tiveste um orgasmo?

Abro a boca triunfalmente...

— Com um homem e não com a tua mão — interrompe, antes de eu conseguir falar.

Suspiro, derrotada.

— Desde o Case.

— Então, o quê, final de maio? Tipo, quase há quatro meses?

— Quatro meses não é muito tempo para aguentar sem sexo — protesto.

— Para a maioria das pessoas, não. Mas para casos de stress agudo como o teu? É uma eternidade.

Recuso-me a dar-lhe essa satisfação, mas... ela tem razão. O sexo regular é uma das razões por que prefiro estar numa relação. As pessoas estão sempre a gabar-se de quão fácil é fazer sexo casual. Mas quem é que quer isso *todas* as noites? Uma cadeia interminável de parceiros ou sexo regular com o homem que amo? Prefiro a segunda opção.

— Queres criar uma conta numa aplicação de encontros?

Sento-me e encosto-me ao sofá.

— Não. Odeio essas coisas. E tu sabes que odeio sexo casual.

— Bem, é isso ou voltares a andar com o Case. — Ela inclina-se para a frente e volta a encher o copo. — Isso é uma opção?

— Não, não é.

Falando no Case, ele liga-me quando estou a preparar-me para tomar banho, mais tarde. Quero ver se lavo o cabelo, uma vez que há

bocado, no balneário, só lhe dei um jeito.

Os meus dedos pairam sobre o botão de atender. Quase não respondo, mas o hábito apodera-se de mim.

Isso e o facto de não poder negar que, por vezes, sinto falta do som da sua voz.

— Como correu o jogo? — pergunta o Case.

Saio da minha casa de banho privada e deixo-me cair à beira da cama, recriando o antigo hábito de desabafar com o Case.

— Foi violento. Precisamos de ter cuidado com a Providence nesta época.

— Estás dorida?

— Dorida e com algumas nódoas negras, mas nada que um bom banho de gelo amanhã não cure.

— Ou um banho quente agora. — A sua voz, doce e lenta como melaço, entra-me no ouvido. — Posso fazer-te companhia, se quiseres.

Fico... tentada.

Um arrepio atravessa-me ao pensar em estar sozinha com o Case, encostada ao seu corpo enquanto ele me afaga o cabelo e me beija o pescoço.

A Mya tem razão. Estou mesmo carente.

Portanto, apresso-me a terminar a chamada.

— Não — digo, com ligeireza. — Eu estou bem. Vou só tomar um duche e depois vou para a cama.

— Estou aqui, G. Sabes isso, não sabes? Estarei sempre aqui.

Mas não estive. Não quando foi preciso.

Como devo acreditar que está aqui agora?

Argh, não tenho capacidade mental para lidar com isto agora. Tomo um duche, penteio-me e seco o cabelo antes de me enfiar na cama. Ali deitada, porém, não consigo dormir. Sinto-me inquieta e, está bem, talvez a precisar de um orgasmo. Assim, quando bate a uma hora da manhã e continuo completamente acordada, mordo o lábio e enfió a mão entre as pernas.

É isso que queres? Que te digam que és uma boa menina?

Antes de conseguir evitá-lo, a voz grave do Luke Ryder invade-me a cabeça. Mais uma vez, o meu centro aperta-se e o meu corpo sussurra: *Sim, diz-me que sou uma boa menina.*

Roço o clítoris com os dedos, uma leve carícia, até perceber quem está a fazer-me latejar.

Imediatamente, a minha tesão esmorece. Não posso masturbar-me a pensar no idiota que apareceu hoje no meu jogo, listou todos os meus problemas como jogadora e ainda insinuou que não mereço jogar hóquei na Primeira Divisão.

Nepotismo em ação, uma porra.

Parvalhão.

Demoro uma eternidade a adormecer e, mesmo depois de conseguir, não é um sono descansado. É um sono agitado e acordo a sentir-me cansada.

Por causa disso, custa-me dar a minha corrida matinal, à qual a Mya se junta, porque preciso desesperadamente de companhia. Ela tenta distrair-me da tristeza que ainda não se dissipou, mas só consegue arrancar-me umas gargalhadas genuínas quando caminhamos de volta à Hartford House.

Gargalhadas que, obviamente, desaparecem no instante em que vejo o Ryder à porta, à nossa espera.

Com um ramo de margaridas.

CAPÍTULO 10

GIGI

Dia Internacional de Comer uma Maçã

— Estou só a dizer que não podes continuar a intitular-te príncipe se Malta aboliu a monarquia nos anos setenta. Tipo, meu, a tua família agora vende portas e janelas. Quero lá saber se houve uma altura em que eras um familiar distante da merda da rainha... — A Mya para de falar quando repara no Ryder. Depois, vê o pequeno ramo de flores brancas e amarelas. — Ah, uau. OK. Quero ver isto.

Conforme nos aproximamos, o Ryder endireita os ombros largos e dá um passo em frente. Veste o mesmo tipo de roupa que trazia ontem, calças de ganga e t-shirt preta, mas, desta vez, sem boné de basebol. O seu cabelo preto está despenteado e ele passa-lhe com a mão.

— Olá — diz, bruscamente.

— Olá — respondo. O meu tom é um pouco frio.

Ficamos em silêncio. Olhamos um para o outro. Estou desconfiada. Ele está inexpressivo.

— Olá! — chilreia a Mya.

Esqueci-me completamente de que ela estava aqui.

— Ryder, esta é a Mya — disparo. — A minha colega de casa.

Ela acena com a cabeça em jeito de cumprimento.

Olha-o de alto a baixo e, pela ligeira curva dos seus lábios carnudos, dá para perceber que gosta do que vê.

Ele continua a segurar o ramo, mas não faz nenhum gesto para mostrar. Por momentos, penso que talvez seja para outra pessoa.

— Podemos falar? — pergunta ele.

— Oh, com certeza — responde a Mya. Depois, identifica a sua expressão e percebe. — Ah, queres dizer tu e a Gigi. Caramba, gostava mesmo de saber o que se passa aqui.

— Eu depois conto-te — prometo-lhe.

Ela esboça um sorriso rasgado e dirige-se à residência, onde passa o cartão para entrar.

— Tenho uma pergunta — digo-lhe, assim que ficamos sozinhos.

— Qual é?

— Trouxeste-me mesmo flores?

— Sim — murmura.

Sou obrigada a morder o lábio para não me rir. Nunca vi ninguém tão desgostoso com o seu próprio comportamento.

— Ouve, ambos sabemos que és um idiota, mas a tua personalidade é mesmo assim, miúdo. Não era preciso rebaixares-te trazendo-me flores para pedir desculpa.

Ele esboça um meio-sorriso pretensioso.

— Quem disse que são flores para pedir desculpa? Talvez sejam flores para celebrar.

— Hum-hum. Ah, sim? E o que estamos a celebrar?

Ele tira o telemóvel do bolso de trás das calças e desbloqueia-o. Passa o olhar pelo ecrã por um momento e, do meu ângulo de visão, parece estar a consultar a aplicação do calendário.

— É Dia Internacional de Comer uma Maçã. — Levanta o olhar. — Pareceu-me algo digno de celebração.

Fico a olhar para ele.

— Estás a inventar.

Ele vira o ecrã para mim. Efetivamente, na lista de feriados internacionais, o Dia Internacional de Comer uma Maçã existe.

— Gosto muito de maçãs — diz, despreocupadamente presunçoso.

— Acho que gosto deste Ryder. Não fazia ideia de que fosses tão excêntrico.

— Eu não sou excêntrico — resmunga.

— Então, porque estamos a celebrar o teu gosto por maçãs?

Ele empurra o ramo na minha direção.

— Pega lá nessa merda.

Um sorriso involuntário surge espontaneamente. Acabo com o seu sofrimento e aceito as margaridas.

— Gosto muito de flores — informo. — Não tanto quanto gosto de borboletas, mas quase.

O Ryder suspira.

— O que foi? — O meu tom é defensivo.

— Gostas de flores e de borboletas? Logo agora que começava a pensar que eras fixe.

— De que é que *tu* gostas? — desafio.

— Não dessas coisas.

— Tem piada, vindo do tipo que passou a manhã toda a apanhar flores para pedir desculpa a uma rapariga.

— Não passei a manhã toda. Demorei, tipo, um minuto. Roubei-as do canteiro do meu vizinho.

— Meu Deus.

— E não são flores para pedir desculpa — protesta.

— Hum-hum.

— Porque não estou arrependido. — Ergue uma sobrancelha. — Eu disse a verdade.

Olho-o com um ar ameaçador.

— Como te sentirias se eu te emboscasse a seguir a um dos teus jogos e listasse todas as coisas que fazes mal?

— Não foi isso que eu fiz. Tu pediste a minha opinião.

— Não eras obrigado a responder.

— Não faças perguntas se não queres ouvir a resposta — contrapõe.

— Sabes, gostava mais quando não falavas.

Esta afirmação fá-lo sorrir.

Merda. A culpa é minha. Eu é que o fiz sorrir. E fui presenteada com este sorriso estúpido, que é de arrasar. Lembro-me do que disse a Camila sobre ele ficar encostado à parede nas festas com as mulheres a irem ter com ele em bandos, e percebo porque não tem falta de opções.

— Ouve, hipoteticamente falando, se isto fosse um pedido de desculpas, talvez reconhecesse que, às vezes, posso ser um bocado bruto.

— Não! — exclamo, chocada.

— Nunca ninguém se queixou.

— Ah, sim, tenho a certeza de que toda a gente adora.

Ele semicerra os olhos.

— Isto foi má ideia.

— Não — insisto. — Estou a gostar do teu hipotético pedido de desculpas. Portanto, hipoteticamente, digamos que foste demasiado bruto e fizeste alguém sentir-se mal por dizeres que essa pessoa só jogava hóquei na Briar por causa de nepotismo... continua.

A sua expressão fica sóbria.

— Não queria dizer isso. O comentário do nepotismo foi demais.

Acho que está a ser sincero. Ele pode ser um idiota, mas não acho que seja cruel.

Ao mesmo tempo, mal o conheço.

— Não era minha intenção fazer-te sentir mal. No que toca ao hóquei, sou honesto. Estou sempre a aperfeiçoar a minha forma de jogar, a trabalhar nas minhas fraquezas. Acho que me esqueci de que nem toda a gente gosta desse tipo de conselhos. — Ele faz uma pausa, com uma expressão aflita. — E desculpa ter sugerido que o teu pai é a razão por que chegaste aonde chegaste. Eu vi o jogo. Foste fenomenal.

Apesar da onda de calor que o seu elogio provoca, não consigo evitar sentir uma certa dúvida.

— Estás a dizer isso para eu não me sentir mal outra vez?

— Eu não digo coisas sem mais nem menos.

Começo a suspeitar que isso seja verdade.

— Bem, obrigada. Agradeço as tuas palavras, acho eu. — Com relutância, acrescento — Também és muito bom jogador.

— Eu não disse que foste muito boa. Disse que foste fenomenal.

— E eu disse que és muito bom.

Ele disfarça o riso.

— Enfim. — Gesticula na direção do ramo na minha mão. — É a minha oferta de paz. O Shane disse que as miúdas gostam de margaridas e que não dão a ideia errada.

— Qual ideia errada? A de que estás a tentar fazer-te a mim? Ou a de que estás a dar-me graxa para eu falar bem de ti ao meu pai? Foi por isso que apareceste ontem no jogo, não foi?

— Sim — diz, sinceramente. — Mas deixaste bem clara a tua posição a esse respeito, por isso, não vou voltar a pedir. Não sou esse tipo de pessoa. — Ele encolhe os ombros. — OK. Vou deixar-te em paz.

Ele começa a afastar-se.

— Eu quero os teus conselhos — balbucio.

O Ryder vira-se com uma expressão sarcástica.

— Não vou cair nessa outra vez, Gisele.

— Não, estou a falar a sério. Ontem estava com uma péssima disposição e foi só por isso que me passei contigo. Normalmente, sou como tu. Sempre a aperfeiçoar a minha forma de jogar. — Olho-o nos olhos de um azul intenso. — Se me desses um conselho, qual seria?

Ele hesita, passando novamente a mão pelo cabelo.

— Vá lá. O que devo fazer quando fico atrás da baliza?

— Deixa de estar tão ansiosa para saíres dali — responde, finalmente. — Se aprenderes a controlar o espaço e a usá-lo de forma eficaz, as oportunidades de golo são infinitas.

— Quanto maior o risco, maior a recompensa?

Ele acena que sim.

— Ganha uma posição ofensiva atrás da baliza, obrigando a guarda-redes e a defesa adversária a focarem-se nesse espaço. Assim que o seu foco for esse, deixam de conseguir controlar quem está à frente da baliza.

Engulo a minha frustração.

— Mas atrás da baliza perco o controlo do disco. Não tenho espaço suficiente.

— Como eu disse, aprende a controlá-lo. Às vezes tens sorte e atrasas as duas defesas. Se elas não comunicarem bem entre si, podem ambas tentar marcar-te, deixando uma ou mais das tuas colegas de equipa livres e em posição privilegiada para marcar. — Ele encolhe os ombros. — Faz o que quiseres com esta informação.

O Ryder começa novamente a andar, deixando-me à porta da residência com o ramo de flores na mão.

Baixo o olhar para as margaridas e passo o polegar sobre uma pétala branca e macia. São mesmo bonitas. Não me interessa que as tenha roubado. Depois, olho para as costas do Ryder a afastar-se, aqueles braços definidos, a confiança do seu andar.

— Ryder — dou por mim a chamar.

Ele vira-se.

— Sim?

Forma-se uma ideia no fundo da minha mente, abrindo caminho até ficar em primeiro plano. Começo a andar na sua direção.

Ele enfia as mãos nos bolsos, esperando que eu o alcance.

— Tenho uma proposta para ti — anuncio.

O divertimento cintila no seu olhar.

— Que tipo de proposta?

— Bem, talvez seja mais uma troca de favores. Tu ajudas-me e eu ajudo-te.

O brilho do riso transforma-se em fulgor de interesse.

— O programa de hóquei do meu pai... Ele é muito exigente em relação a quem escolhe para treinador-adjunto. E não vou mentir, a impressão que tem de ti não é a melhor. Não sei se é uma coisa recente ou não. Mas sei que está de olho em ti há anos. Ele acompanha todos os bons jogadores universitários.

A sua expressão ensombra-se.

— Então, estás a dizer que de certeza que o teu pai não me dará o lugar de treinador.

— Não é isso que estou a dizer. Mas ele mencionou que acha que tens uma péssima atitude. Por isso, sim, talvez consiga interceder a teu favor. Falar-lhe sobre a tua capacidade de liderança ou algo do género. Nós estamos sempre a falar ao telefone, e para a semana vou visitá-lo. Se quiseses, posso falar bem de ti a toda a hora. Bem, se calhar não a toda a hora, senão ele desconfia. Mas posso dizer-lhe que somos amigos e garantir que ele sabe que serias uma boa escolha. — Encolho os ombros. — A minha opinião é muito importante para ele.

O Ryder olha para mim com expectativa.

— O que queres em troca?

— Ajuda-me a resolver algumas questões atrás da baliza. Talvez possamos treinar juntos. Frente a frente. — Esboço um sorriso rasgado. — Provavelmente, também poderei ensinar-te uma coisa ou outra.

— Não duvido. Tu sabes mexer-te.

— Vês? Seria vantajoso para os dois. Tu trabalhas comigo, eu trabalho para ti. Ficamos os dois a ganhar. — Olho-o nos olhos. — Alinhas?

Ele pondera durante tanto tempo que penso que vai recusar. O que seria estúpido e não faria absolutamente sentido nenhum, porque...

— Alinho — diz, bruscamente. — Manda-me mensagem com a hora e o local do nosso primeiro treino e lá estarei.

Desta vez, afasta-se mesmo a passos largos, deixando-me especada a olhar para ele. E a perguntar-me no que me terei metido.

HÓQUEI NO GELO MASCULINO DA
UNIVERSIDADE BRIAR

LISTA DE TITULARES

DOCKTOR				
Shane Adams (G)				
Arne Padden (C)				
Will Harden				
Dave Demaine				
Shane Rodley				
Deke Dunne				
Ataradoo				
Deke Pope				
Don Kurtes				
Dale Jarney				
Deke Caffey				
Alan Catmore				
Alan Catis				
Don Davies				
Alan Kucher				
Deke Woodrow				
Alan Tager				
Deke Hawley				
Deke Karlsson				
Alan Armstrong				
Alan Hawley				

CAPÍTULO 11

RYDER

Chad Jensen, rainha do drama

Mais tarde, nessa noite, a Gigi manda-me uma mensagem a perguntar se amanhã seria bom para o nosso primeiro treino particular. É estranho ver o seu nome no meu telemóvel. Ou talvez seja estranho vê-lo como «Gigi». Na minha cabeça, há anos que a trato por Gisele. Sinto que o meu telemóvel devia refleti-lo, portanto, abro as suas informações de contacto e altero o nome, rindo para mim mesmo, porque sei quanto a irritaria se soubesse.

EU:

Por mim pode ser amanhã. Mas temos de perguntar ao Jensen ou ao Adley quando podemos usar o rinque.

GISELE:

Por acaso, sei de um sítio mais privado onde podemos treinar. Não te importas de irmos a outro sítio? Mas tem de ser à noite. Depois das 20h.

EU:

Já percebi. Precisas que eu seja o teu segredinho indecente.

GISELE:

Parece tão suspeito quando o dizes assim.

EU:

Não faz com que seja menos verdade.

Ela continua a escrever. Provavelmente, alguma explicação sobre não poder ser vista a confraternizar com o inimigo. Envio outra mensagem antes de ela conseguir responder.

EU:

É na boa se o Beckett também for? Tenho alguns exercícios em mente, mas precisamos de uma terceira pessoa, de preferência um defesa.

Os pontinhos desaparecem, depois voltam.

GISELE:

Tudo bem. Se achas que pode ajudar.

EU:

Não te preocupes, vou certificar-me de que guarde o nosso segredo indecente. Não manchará a tua reputação de boa menina.

GISELE:

Mando mensagem amanhã a confirmar pormenores.

GISELE:

Como sempre, foi um prazer falar contigo!

Sorrio enquanto tiro uma cerveja do frigorífico. Abro a garrafa e junto-me aos meus amigos na sala. É sexta-feira à noite, mas ninguém fez planos para sair. O Shane está no sofá com uma *cheerleader* morena ao colo. Conheceu-a hoje no pátio da faculdade enquanto ela e umas colegas estavam a apanhar banhos de sol em *topless* na relva. Agora, a língua dela está à procura de ouro na boca dele. Quando entro na sala, nem sequer reparam em mim.

O Beckett está sentado no cadeirão a jogar um videojogo. Os seus olhos brilham ao reparar para onde estou a olhar. Acena com a cabeça na direção do casal.

— Continuo a pedir para me juntar, mas...

Contenho uma gargalhada e instalo-me no sofá, na ponta oposta ao casal aos beijos, vendo distraidamente o Beckett a matar *zombies* no ecrã. Quando a horda o encurrala contra uma vedação, ele perde o nível. Pousa o comando e pega no telemóvel, verificando o ecrã.

— Ainda não saiu a lista — anuncia.

Aceno com a cabeça. O programa de treino acabou esta manhã, mas a lista final ainda não foi anunciada. O Jensen disse que sairiam duas listas: o plantel completo e os cerca de dezanove titulares que ele tenciona pôr em campo no primeiro jogo.

Estou preocupado com alguns dos meus companheiros da Eastwood. Alguns deles não serão selecionados, o que será difícil de aceitar.

— Assumi que enviassem um e-mail até ao final do dia — diz o Beckett. — Tipo, dentro do horário de expediente.

Levo a cerveja aos lábios e dou um gole.

— Talvez o parvalhão goste de drama.

O Beck desata a rir.

— Já. Chad Jensen, rainha do drama.

Ouve-se um gemido baixo na outra ponta do sofá. O Shane enfiou a mão dentro da camisa da *cheerleader*.

— Olha lá — diz o Becket. — Vai fazer isso para outro lado.

O Shane descola os seus lábios dos dela. Tem os olhos um pouco vidrados, mostrando na mesma um inconfundível brilho trocista.

— Diz o maior exibicionista que conheço — responde, provocando o Beck.

— Está bem, reconheço.

— Além do mais, não é como se não estivesse a gostar bastante do espetáculo.

— Claro que estou a gostar — murmura o Beckett. — Kara, o que é que estás a fazer aí com esse palerma? Sou claramente o melhor homem que aqui está.

A miúda desliza do colo do Shane e senta-se ao seu lado. Vejo-o fazer uma reorganização estratégica, como se não tivéssemos já todos visto o que ele tenta esconder. Desde que a namorada o deixou... quer dizer, *mutuamente* o deixou, que o bacano encara os engates como um desporto.

Passa um braço em torno dos ombros da Kara e pega na cerveja que está em cima da mesa de centro.

— Ainda não há listas? — pergunta, verificando também o ecrã.

O meu telemóvel apita e ambos se inclinam para a frente.

— São as listas? — pergunta o Shane.

— Fogo. Calma. Não, é só o Owen.

OWEN MCKAY:

Podes falar?

Estou prestes a responder, mas penso «*que se lixe*» e decido ligar-lhe.

— Já volto. — Assim que saio da sala, estou já a ligar ao Owen.

Caminho descalço até às portas de correr envidraçadas da cozinha. Estamos no início de setembro e o sol já se pôs, mas ainda está calor lá fora. As casas desta rua têm jardins de uma dimensão razoável. Sento-me no primeiro degrau do pequeno terraço de cedro. Os pais do Shane compraram-nos um conjunto de mobília de exterior para pôr aqui, mas temos tido preguiça de montar tudo, por isso, a mesa ainda está dentro da caixa na garagem e as cadeiras embrulhadas em plástico.

Ouçõ vozes provenientes de umas casas abaixo. A maioria são vozes masculinas, com algumas vozes femininas à mistura. Gargalhadas grandes e sonoras fundem-se com uma canção de *pop-rock* cuja letra não consigo perceber. Parece que alguém está a dar uma festa ao fundo da rua.

— Olá — digo, quando o Owen atende.

— Olá — a sua voz familiar chega-me ao ouvido. — Como estás?

— Bem, mano. E tu?

— Ocupadíssimo, ultimamente. Fui arrastado para uma série de atividades e desde julho que não faço mais nada.

Atividades de equipa fora da época. Sei do que está a falar. E, devo dizer, é bastante incrível conhecer uma verdadeira estrela, o gigante da NHL, Owen McKay. Deve ser assim que a Gigi se sente.

Às vezes, vejo os seus jogos e pergunto-me que raio estou a fazer a perder o meu tempo na faculdade. O Owen foi para Los Angeles jogar assim que saiu da escola secundária, quando tinha 18 anos. Como novato, não passou muito tempo no gelo, mas, assim que entrou no segundo ano, cuidado. Já joga há quatro anos e cada época é mais explosiva do que a anterior.

O Owen convenceu-me a fazer o percurso do ensino superior. Ele sabia bem que, para mim, era muito importante continuar os estudos, por isso, quando me senti vacilar, quando me debati sobre se devia ou não ir para a liga profissional depois de terminar o ensino secundário, seguindo as suas pegadas, ele lembrou-me dos objetivos educativos que eu tinha estabelecido.

Acho que foi a decisão certa. Não sei como me teria safado na liga profissional aos 18 anos, conforme demonstrado pelo meu infantil desempenho pós-jogo no Mundial. Felizmente, escolheram-me na mesma, apesar desse incidente. O Dallas tem o meu passe e estou ansioso por ir para lá depois de acabar o curso.

Aparentemente, o Dallas é também o assunto desta chamada.

— Ouve, falei com o Julio Vega ontem à noite. Estava no torneio de golfe onde fomos jogar. Chamou-me à parte a seguir à entrega do troféu e o teu nome veio à baila.

As minhas costas ficam tensas.

— O que é que ele disse?

Há uma pausa.

— O quê? — insisto.

— Mencionou o Mundial. Fez questão de dizer que os mandachugas estão de olho em ti.

Encolho-me.

Porra. Odeio saber isto. O Julio Vegas é o novo diretor-geral do Dallas. O *franchise* fez recentemente a alteração e eu falei com ele ao telefone há umas semanas. Achei que tinha corrido bem, mas parece

que o meu comportamento no Mundial de Sub-20 irá perseguir-me até ao final dos tempos.

Suspiro.

— Esta merda vai assombrar-me para sempre, meu. E a pior parte é que eu nunca perco a cabeça. Tu sabes.

— Eu sei, acredita. — Ele ri-se. — És um homem de gelo. Estoico até ao âmagô. O Klein deve ter passado mesmo das marcas para tu te passares com ele daquela maneira...

O Michael Klein é o colega de equipa cujo maxilar eu parti no Mundial. Depois do que lhe fiz, teve de pôr um arame a segurar-lhe o maxilar.

Mas eu não disse a ninguém o que foi dito naquele balneário e não tenciono fazê-lo.

— Sim, sim, eu sei — diz ele, quando eu não respondo. — Isso pertence ao passado, portanto, não podemos falar sobre isso.

O Owen gosta de gozar com o meu lema «isso pertence ao passado», a frase que costumo lançar quando alguém tenta obrigar-me a falar sobre merdas de que não quero falar. Irrita particularmente as mulheres. Ou pessoas com infâncias solares; são incapazes de compreender porque quero essa porta fechada a sete chaves.

Atrás dessa porta só há escuridão e sofrimento. Quem é que quer atravessar toda aquela porcaria? Remoer e refazer? É melhor deixar a porta sempre fechada.

— Pronto, queria só pôr-te a par disto — diz o Owen. — Prometi-te que estaria atento.

— Agradeço-te muito. — Mudo de assunto. — Estás ansioso pela próxima época?

— Se estou. Mal posso esperar para voltar a jogar. E tu? Está tudo a correr bem na Briar?

— Nem por isso. O programa de treinos foi uma bosta. Montes de cenas passivo-agressivas e, às vezes, só agressivas, sem nada de passivo. — Faço uma pausa. — O Garrett Graham apareceu nos treinos esta semana. Naturalmente, no único dia em que cheguei atrasado.

— Atrasado? — O Owen parece surpreendido. — Nem parece teu.

— O jipe morreu. A caixa de velocidades deixou de funcionar. Agora está numa oficina em Hastings, porque não tenho dinheiro para o arranjar. O Shane anda a fazer de meu motorista.

— Posso transferir-te algum dinheiro.

— Não... — começo a contestar.

— Meu, mostrei-te o meu contrato. Eu tenho dinheiro. Além de que estou a investir num futuro talento. Não posso deixar que o meu protegido não chegue a horas aos treinos.

Não vale a pena discutir. O Owen é mais teimoso do que eu.

— Não era preciso. Mas obrigado, agradeço a tua ajuda. Eu devolvo-te o dinheiro.

— Não quero que o faças.

A porta abre-se atrás de mim.

— Puto — ordena o Shane. — Lá dentro. Já.

— Tenho de ir — digo ao Owen. — Está a acontecer alguma coisa.

— Está bem, vai dando notícias.

— Iá. Tchau.

Volto para dentro e apercebo-me de que, enquanto estive ao telefone, o e-mail do Jensen chegou às nossas caixas de entrada.

Na sala, deparo com vários recém-chegados: o avançado Nick Lattimore, a sua namorada Darby e os irmãos Hawley. Dantes achava que o Rand era quem arrastava o irmão mais novo para todo o lado, até perceber que o Mason vai atrás do irmão sobretudo para o manter na linha.

O triunfo no olhar do Randy diz-me que são boas notícias.

O Shane começa a recitar nomes e eu fico aliviado ao saber que ambos os meus melhores amigos foram selecionados. Obviamente. O Jensen teria de ser um idiota para rejeitar um defesa sólido como o Beckett ou um avançado direito tão forte como o Shane. O Rand, o Mason e o Nick também conseguiram. Eu e o Colson fomos nomeados capitães oficiais, já não provisórios.

— Puto, ganhámos — diz-me o Rand.

Franzo o sobrolho.

— Como assim, *ganhámos*?

— A lista de titulares. Onze nossos. Nove deles.

O Shane continua a percorrer a lista, de cabeça baixa.

— Quer dizer, no que toca a titulares, sim. Mas a contagem final é cerca de sessenta por cento de atuais jogadores da Briar e quarenta por cento da Eastwood.

— Puto, quem é que quer saber quem fica sentado no banco? — contrapõe o Rand. — A Eastwood domina o rinque. É só isso que interessa. Não é, Ryder?

Encolho os ombros, distraído. Examino a lista no meu telemóvel. O Jensen tomou as decisões certas. Escolhas sólidas, todas elas. E o facto de sermos mais nos titulares demonstra que não esteve a escolher favoritos.

— Garanto-te que *alguém* irá querer saber se fica sentado no banco. — A miúda do Shane, a Kara, junta-se à conversa, com uma expressão sarcástica. — Devem estar mesmo chateados neste momento. E que péssimo *timing*... A lista é lançada durante a festa de despedida do Miller? Que crueldade.

— O Miller? — ecoa o Rand, inexpressivo.

— O Miller Shulick. Ele vai ser transferido... — Ela olha para nós

com um ar divertido. — Sabes que eles vivem, tipo, cinco casas ao lado, certo?

— Estás a gozar comigo. Vocês são vizinhos? — O Rand parece ter acabado de descobrir que há um surto de herpes na nossa rua.

— Não fazia ideia — diz o Shane.

— O Case, o Miller e o Jordan vivem na casa da esquina, no fundo da rua — revela a Kara. — Bem, o Miller não por muito mais tempo. Vai-se embora no domingo.

— Como é que sabes isso tudo? — pergunta o Rand.

— Namorei com o Jordan.

— O Trager? — Ele fica estupefacto.

Ela acena em confirmação.

— Aquele nojento? Qual é o teu problema?

Ela lança-lhe um olhar furioso.

— Uau. Não sabes ser menos idiota?

Ele ignora-a.

Mas ela tem razão. Este bacano é um imbecil enraivecido.

Só para ilustrar:

— Acho que devíamos ir até lá — diz o Rand, alegremente.

— Vá lá, meu — manifesta-se o Nick, incomodado. — Não vamos a casa deles para nos gabarmos.

— Já, isso é cruel — concorda a namorada.

Fico surpreendido ao ver o Beckett assumir a posição contrária.

— Talvez não seja uma ideia terrível.

— Estás a falar a sério? — O Shane olha para ele de boca aberta.

— Queres ir lá gabar-te?

— Não, isso não, obviamente. — O Beckett revira os olhos. — Só acho que talvez não fosse má ideia propor umas tréguas. Levar-lhes uma caixa de cerveja ou assim. Despedirmo-nos do Miller. É um bocado merdoso que vá ser transferido.

— Queres é ir à festa — acusa o Shane.

O nosso amigo esboça um sorriso rasgado.

— Claro, isso também. — Olha para a Kara. — Toda a gente diz que as festas da Briar são lendárias, mas ainda não vi nada.

— As aulas ainda nem começaram — protesta ela. — A Greek Row é praticamente uma cidade-fantasma nesta altura. Acredita, quando toda a gente regressar ao *campus*, vais ver.

— Bem, até lá, voto irmos ao fundo da rua oferecer um ramo de oliveira em forma de álcool e erva — diz o Beckett.

Olham todos para mim. Não sei o que sentir em relação a esta coroa não solicitada que me colocaram na cabeça.

— Não vou tomar decisões por vocês, seus anormais — digo, irritado, e a Darby ri-se, deliciada. — Façam o que quiserem.

O Rand está já a mandar mensagens aos outros colegas de equipa.

— Vou dizer ao resto do pessoal para vir — diz.
Certo.
Porque isso parece mesmo uma excelente ideia.

CAPÍTULO 12

GIGI

Querido, tu jogas hóquei na Briar

— Vou ter saudades tuas, G. — O Miller Shulick põe um braço à minha volta e encosta a cabeça à curva do meu pescoço.

Estamos na sala da residência, reclamando o nosso lugar no sofá enquanto a festa está ao rubro à nossa volta. Bem, ainda não propriamente ao rubro, o Trager ainda não tirou a camisa. Assim que tirar (gesto frequentemente acompanhado por berros e murros no peito, tipo Tarzan), significa que está na hora de ir embora.

Mas talvez esta noite seja mais calma. A festa está já a sofrer os efeitos do e-mail do Chad Jensen. Nos últimos quarenta minutos, a maioria dos rapazes tem estado a queixar-se da lista final. Pelo menos dez não foram selecionados e houve outros que ficaram tão chateados que nem quiseram ficar.

Deram um abraço ao Miller e abandonaram a festa, desolados. Fiquei com pena deles.

Do outro lado da sala, vejo o Case com a Whitney. Ele tem na mão um copo de plástico cheio de cerveja aguada, que vai bebericando enquanto a Whitney fala sobre qualquer coisa. A cada poucos segundos, os seus olhos azul-claros olham na minha direção.

— Oh... também vou ter saudades tuas, Shu. Tens a certeza de que queres ir para o Minnesota? — Falo-lhe ao ouvido para que consiga ouvir-me apesar da música *rock* que sai das colunas aos berros.

— Ganharam o Frozen Four no ano passado. Claro que tenho a certeza. — Ele encolhe os ombros com tristeza. — Além disso, mudar é bom. Estou ansioso por começar de novo.

Sempre admirei a atitude do Miller. Quão facilmente se adapta. Pessoalmente, não adoro mudanças. Prefiro estabilidade. Assim que me sinto confortável com uma coisa (um sítio, uma pessoa, uma rotina), quero que dure para sempre.

Odeio que isso nunca aconteça.

— G, anda beber um copo connosco! — exclama o Case.

O Miller puxa-me para que me levante.

— Anda lá. Preciso de mais um copo e tu precisas de beber qualquer coisa. — Ele gesticula para o seu copo e para as minhas mãos vazias.

Sorrio.

Esquivamo-nos a quatro dos seus colegas de equipa, que entram na sala a tresandar a erva. A festa acontece meio dentro, meio fora de casa. Há bocado, quando estávamos lá fora, a quantidade de charros que andava a circular era impressionante. Parece que o pessoal tem permissão para se soltar este fim de semana, tendo em conta a semana que tiveram de aguentar por causa do Jensen.

À medida que nos aproximamos, o Case desvia-se abruptamente da ombreira e, a princípio, penso que está a virar-me as costas de propósito. Depois, apercebo-me de que há alguma agitação à porta. O Trager está a discutir com alguém.

Eu e o Miller olhamos um para o outro.

— Não parece coisa boa — diz ele.

Sigo-o até ao *hall* e... não, não é coisa boa. Estão vários jogadores de hóquei a ocupar o alpendre. Jogadores da Eastwood, para ser mais precisa. O Beckett Dunne, o bonzão louro cujas redes sociais fazem a Camila babar-se desde que o viu nos treinos, tem na mão uma caixa de vinte e quatro cervejas artesanais.

Alguém baixa o volume da música e, agora, já consigo ouvir claramente a conversa.

— A sério, vimos em paz — os olhos cinzentos do Beckett transmitem sinceridade.

— Bem, peguem na vossa paz e bazem daqui — diz o Trager, de modo brusco.

— Calma — intervém o Case, pousando uma mão firme no ombro do Trager. Ele avança para se dirigir aos recém-chegados. — Então — diz, cauteloso. — O que é que se passa?

Espreito por cima dos enormes ombros do Beckett para ver melhor quem mais decidiu invadir descaradamente esta festa. Não sei porquê, mas o meu olhar procura pelo Ryder. Talvez por ser ele o líder, e eu querer saber qual a sua atitude em relação a isto. Vislumbro-o na extremidade do alpendre, encostado ao corrimão, com um ar aborrecido. Mais ou menos o que imaginei.

— Como dissemos ao teu amigo, estamos aqui para oferecer um ramo de oliveira — diz o Beckett ao Case.

— E, como eu disse — rosna o Trager —, bazem.

O Shane Lindley dá um passo em frente, com irritação no olhar. Também andei a fazer a minha pesquisa esta semana e começo a reconhecer os tipos da Eastwood. O Lindley é alto, moreno e bonito, enquanto o Dunne é alto, louro e igualmente bonito.

— Ouçam, sabemos que viram a lista. Só estamos aqui porque, daqui para a frente, precisamos de ser uma equipa, percebem? Não sei como fazem as coisas aqui na Briar, mas, na Eastwood, ganhávamos em equipa, perdíamos em equipa e celebrávamos em equipa.

— Nós também — responde o Case, embora contrariado.

— Vá lá, C — diz o Trager, ameaçadoramente. — Não vamos celebrar com estes tipos. — Ele olha furioso para os intrusos. — Vocês são mais do que nós na lista de titulares.

— Vocês são mais do que nós no total — responde um dos tipos da Eastwood.

É o mesmo tipo com quem o Jordan andou à pancada no primeiro dia de treinos. Acho que se chama Rand, e tenho a sensação de que é a versão Eastwood do Jordan. A mesma expressão carrancuda e indelicada. O mesmo rosto corado de raiva. Tal como o Trager, é imprevisível, capaz de explodir a qualquer momento.

— Isso não conta — murmura o Trager. — Roubaram-nos o lugar.

— Sabem que mais? — O Lindley parece entediado. — Esqueçam esta merda. Desfrutem do resto da noite, meninas.

— Não, esperem — diz o Case. — Entrem. Há bebida que chegue para todos.

Tento disfarçar a surpresa. Estava meio à espera de que o Case os mandasse embora, nem que fosse para evitar um potencial desastre. Convidar os tipos da Eastwood para a festa é... perigoso.

Porém, é o que está a acontecer. A Whitney olha para mim deliciada ao ver entrar cerca de oito novos jogadores de hóquei.

— Isto vai ser giro — murmura.

O Ryder vem na retaguarda do grupo, de calças de ganga e camisola cinzenta com capuz. Completamente inexpressivo, mesmo enquanto os seus olhos azuis analisam o espaço em seu redor. Dá para perceber que absorve tudo o que está à sua volta. Não é exatamente imprevisível como o seu colega de equipa, mas está pronto para a ação.

— Gisele — pronuncia lentamente, acenando com a cabeça.

O Case estreita os olhos.

— Não abuses — avisa-o.

O Ryder limita-se a esboçar um sorriso maroto, passando por ele e dirigindo-se à cozinha.

Olho para o Case com um ar preocupado.

— Achas que isto é boa ideia?

— É o que vamos ver.

Não se ficam pelos oito tipos. Começam a chegar mais rapazes da Eastwood, juntamente com algumas raparigas da minha equipa. A Camila aparece com um vestido vermelho justo, de braço dado com um tipo qualquer da equipa de basquetebol, amuando assim que

percebe que o Beckett Dunne está cá e que não pode fazer-lhe olhinhos à frente do seu par.

Envio uma mensagem à Diana e à Mya para ver se querem aparecer. A Mya tem outros planos. A Diana dispensa, porque está a ver o *Fling or Forever* e, aparentemente, acabou de aplicar uma máscara de carvão e ervilhas esmagadas como nova rotina de beleza. Acho que uma das coisas de que mais gosto na Diana é o facto de gostar tanto da sua própria companhia. Uma coisa rara nos dias que correm.

Dou uns goles numa cerveja aguada enquanto converso com o Miller e a Whitney, mas estou em alerta o tempo todo. Isto não me parece bem. Este pessoal andou a disputar lugares no plantel a semana toda. Há uma hostilidade no ar como a nuvem de radiação que se segue à detonação de uma bomba nuclear. Mesmo enquanto bebem, dançam e passam charros entre si, há uma separação distinta entre as duas fações.

As águas permanecem calmas durante, pelo menos, duas horas. Quando fica demasiado abafado dentro de casa, vou lá fora apanhar ar. Embora não tenham autorização, alguém acendeu uma fogueira ao fundo do jardim. O fogo está demasiado perto da cerca. Se a minha mãe visse isto, teria um ataque cardíaco.

Quando o vento muda de direção, sou subitamente atingida por uma nuvem de fumo que me faz lacrimejar. Dou uns passos atrás até bater com os ombros numa parede.

Surpreendida, viro-me e apercebo-me de que é o peito do Ryder.

Meu Deus. Este tipo é só músculo.

— Desculpa — digo.

— Na boa. — Ele gesticula na direção do tipo ao seu lado. — Já conheces o Shane?

— Oficialmente não. — Estendo a mão. — Sou a Gigi.

O aperto de mão do Shane demora-se, assim como se demora o seu olhar sedutor.

— Diminutivo de Gisele, não é?

Afasto a mão e lanço um olhar ameaçador ao Ryder.

— Na verdade, não. De maneira nenhuma. Aqui o rei do baile é que é um otário.

O Shane desata a rir.

— Oh, olha só — diz para o amigo. — Até já têm piadas privadas. Que adorável.

O Ryder fulmina-o com o olhar.

— Lindley! — grita alguém ao pé da fogueira. — Preciso do teu isqueiro.

— É a minha deixa — diz, alegremente. Pisca-me o olho. — Prazer em ver-te, Gisele.

— Olha o que começaste — acuso o Ryder.

— Recuso-me a acreditar que o teu nome não é um diminutivo — é a sua resposta.

— Não é, a sério. Culpa o meu pai. Foi ele que escolheu o meu nome. A minha mãe ficou responsável pelo nome do meu irmão e escolheu um nome normal.

Por instantes, o Ryder contempla as brasas vermelhas e alaranjadas que dançam no ar. Depois, olha para mim.

— Estás ansiosa para a nossa sessão secreta de amanhã?

— Porque é que estás a fazer com que pareça indecente?

Ele inclina a cabeça.

— Não estou. Isso é capaz de ser um problema teu.

Caramba. Talvez ele tenha razão. Fui completamente ao tapete e agora penso em sexo a toda a hora. Masturbei-me duas vezes ontem depois de ver um dos casais do *Fling or Forever* a pinar na Sugar Suite. Estúpido *reality show* com aqueles bonzões todos oleados.

Não sei o que me compele a ficar ao pé dele. Podia ir-me embora. Juntar-me ao Case e ao Miller, cujas cabeças consigo ver através da janela da cozinha. Ou procurar a Whitney e a Cami, que foram engolidas pelas entranhas da festa.

Mas decido ficar cá fora. A olhar para a fogueira com o Ryder.

— Aquilo é um perigo — observa ele, olhando para a fogueira. — Basta uma rajada de vento e aquela cerca pega fogo.

— Pareces a minha mãe. Andou a ver um programa sobre bombeiros e agora não fala de outra coisa a não ser na segurança contra incêndios. O meu pai acha «fofo». — Faço o sinal das asas. — Eu e o meu irmão achamos que ela está a enlouquecer. Comprou uma escada desdobrável para o andar de cima «só por precaução». Vem com um cesto para animais de estimação que pode usar-se para salvar os cães. E eu pensei, tipo, meu, o *Dumpy* e o *Bergeron* nunca vão entrar voluntariamente naquela merda. Temos melhores hipóteses se os atirmos da janela para dentro da piscina.

O Ryder fica a olhar para mim.

— O que foi?

— Os teus cães chamam-se *Dumpy* e *Bergeron*?

— Sim. Tens algum problema com isso?

— Mais ou menos.

Reviro os olhos.

— Queixa-te ao meu pai. Já percebemos que ele não sabe dar nomes.

— Por falar nisso... Como vai a minha recomendação?

— Hoje não falei com ele. Mas não te preocupes, da próxima vez que falarmos, vou cobrir-te de elogios.

Uma explosão de gargalhadas irrompe da zona da fogueira. Olho

para lá e descubro, estupefacta, que alguém foi corajoso o suficiente para atravessar o fosso entre a Eastwood e a Briar. Trata-se do Will, que está numa boa a conversar com o Shane, o Beckett e outros dois cujos nomes não sei. Está a rir-se de algo que o Shane disse, mas a boa disposição acaba depressa. O Will está a meio de uma gargalhada quando um dos seus amigos o arrasta à força para longe dos jogadores da Eastwood.

O Ryder vê o mesmo que eu e murmura baixinho.

— Então, como é isto deve funcionar, cocapitão? — Não consigo evitar provocá-lo. — Porque parece que estão num valente impasse. Ninguém quer ceder.

— Tu estás a ceder — ressalta.

— Eu não tenho nada que ver com isto.

— Claro que tens. Tu jogas hóquei na Briar.

— Querido, *tu* jogas hóquei na Briar.

Ele encolhe-se.

Rio-me de puro prazer.

— Oh... odeias ouvir isso, não odeias? Dá-me um certo prazer saber o que te custa estar aqui. Porque não pediste transferência? — pergunto, curiosa.

Antes de ele poder responder, ouvem-se gritos vindos da porta aberta nas traseiras da casa.

Pois.

Estava-se mesmo a ver. Surpreende-me que tenha demorado tanto tempo.

Corro para dentro de casa e deparo com uma luta na sala entre (quem haveria de ser?) o Trager e aquele tipo, o Rand. Estão os dois engalfinhados e, mais uma vez, ninguém faz nada para os separar.

— Achas piada? — cospe o Trager, espetando um soco na cara do Rand.

O Rand retrocede, mas não vacila, lançando-se sobre o Trager. Os dois vão parar ao chão de madeira. Ouço o desagradável som de osso contra osso quando o Rand desfere um golpe que provoca uma erupção de sangue nas narinas do Trager. Ouvem-se gritos de encorajamento à nossa volta, abafando a música que ainda toca na sala.

— Porque é que estão à porrada? — sussurro à Camila, que aparece ao meu lado com um ar apreensivo.

— O tipo da Eastwood fez uma piada sobre o Miller ser transferido porque era demasiado coninhas para esperar para saber se ficava no plantel, e o Jordan passou-se.

No chão, o Trager está em cima do Rand, olhando para baixo com um sorriso ensanguentado. O seu olhar é intenso e selvagem.

— Queres falar sobre o plantel? A Eastwood é uma merda. O

Jensen só vos pôs no plantel porque se sente mal por a vossa faculdade ter falido.

— Nós somos melhores do que vocês todos juntos — goza o Rand, meio segundo antes de o punho do Jordan lhe bater na boca.

Avanço pelo meio das pessoas e procuro o Case.

— Vá lá, Case. Para com isto — peço-lhe.

— Não sei — diz ele, com um ar sombrio. — Talvez seja bom tirarem isto do sistema.

Mas eu consigo perceber que é mais do que isso. Estes dois vão lutar até à morte, se ninguém os impedir. E eu não me sinto tão entretida com esta luta como algumas das pessoas presentes, muitas das quais lançam gritos de encorajamento, enquanto outras filmam.

— Cabrão do caralho — vocifera o Rand, conseguindo libertar-se do peso do Jordan e levantar-se. — Vocês são todos um bando de betinhos otários da Ivy League.

— Não tenho a culpa de seres pobre — resmunga o Jordan, pondo-se de pé.

— Vai-te foder. — O Rand lança-se novamente ao Trager.

Abandonando o Case, agarro no braço do Ryder. Ele é tão alto que tenho de inclinar a cabeça para trás para o olhar nos olhos. Azules e fatais.

— Podes acabar com isto? — pergunto, baixinho.

O Case vê com quem estou a falar e a sua expressão mostra desaprovação. Mas ele teve uma oportunidade de acabar com isto. E não quis.

O Ryder olha para mim por um momento. Depois, suspira e dá um passo em frente, completamente imperturbável quando um soco lhe passa mesmo ao lado da cara.

— *Já chega.*

Duas palavras. Graves. Autoritárias.

O Rand para imediatamente. O Ryder empurra o peito do colega de equipa.

— Controla-te, Hawley.

O Rand está ofegante. Um fio de sangue viscoso pinga do golpe na sua sobrancelha, de um dos lados do seu rosto. Sobressalto-me. O Trager não parece muito melhor. O seu nariz está inchado, ensanguentado e, provavelmente, partido.

Porém, enquanto o Rand foi controlado pelo Ryder, o Trager continua descontrolado. Volta a atacar, mas agora um dos seus colegas de equipa, o Tim Coffey, decide ser o herói.

— Meu, *para* — ordena o Coffey, agarrando no braço do Trager.

Mas o Trager continua a comportar-se como um animal selvagem, empurrando o Coffey para longe de si.

Com tanta força que o Coffey perde o equilíbrio e cai em cima da

mesa de centro, que se parte sob o seu peso, colapsando como um castelo de cartas. Lascas de madeira voam em todas as direções, as pernas da mesa rangem e partem-se, e ouve-se um grito de dor quando o Coffey cai desajeitadamente no chão.

Mesmo em cima do pulso.

CAPÍTULO 13

GIGI

Encontro romântico

Acordo na manhã seguinte com um e-mail ríspido do presidente do departamento desportivo.

Em duas linhas secas, afirma que a minha presença, tal como a de todos os elementos do programa de hóquei, é solicitada no Centro Graham às 13 horas em ponto. Se algum jogador não aparecer, é bom que tenha um atestado médico ou que esteja morto. Suponho que tenha sido o Chad Jensen a acrescentar esta última parte, porque é muito o seu estilo.

Graças a doações de antigos alunos, como o meu pai, o complexo de Hóquei da Briar é praticamente um reino independente no *campus*. Temos o nosso próprio ginásio e centro de treino cheio de *personal trainers* e salas com pesos, saunas, banhos quentes e frios. Duas enormes salas de imprensa, dois rinques, balneários gigantescos.

E um grande auditório onde se realiza hoje a reunião de emergência para discutir os acontecimentos da noite passada.

Toda a equipa técnica dos programas masculino e feminino está no palco, enquanto os seus respetivos jogadores ocupam as três primeiras filas de cadeiras almofadadas. Junto ao palanque está uma mulher alta e elegante de fato branco. Toda a sua postura grita relações-públicas.

O treinador Jensen está com ar de quem quer matar toda a gente na sala, incluindo os seus colegas. Aproxima-se do microfone do palanque e dá início à reunião com uma voz irritada e apressada.

— Quero felicitar-vos a todos por estragarem os meus planos com a minha neta para este sábado. Ela tem 10 anos e desenvolveu recentemente uma afinidade por tubarões-tigre, por isso, chorou quando lhe disse que não podia levá-la hoje ao aquário. Merecem uma salva de palmas por fazerem chorar uma criança de 10 anos.

Ao meu lado, a Cami abafa o riso com a manga da camisola.

— Mudando de assunto — anuncia ele. — O Tim Coffey estará fora, pelo menos, durante quatro semanas com um pulso torcido.

Faltarà a toda a pré-temporada e, provavelmente, a vários jogos.

O Jensen pontua esta notícia com um olhar furioso ao médico da equipa, como se tivesse sido ele a torcer o pulso do Coffey. Para mérito seu, o Dr. Parminder nem sequer estremece. Mas o Tim Coffey, sim. Na fila da frente, o aluno sardento do quarto ano baixa a cabeça, envergonhado. Ouvi dizer que passou metade da noite nas urgências a fazer radiografias.

— Não vou perder tempo a dizer-vos quão estúpidos e irresponsáveis foram ontem à noite. Eu percebo, também já fui jovem. Também gostava de uma boa festa. Não vou dar-vos um sermão sobre o consumo de bebidas alcoólicas, sendo que muitos de vocês são menores de idade. — Lança um olhar penetrante aos caloiros. — Nem sequer vou chatear-vos muito por causa da pancadaria. Mas o imbecil que decidiu filmar a briga e publicá-la na Internet?

Ele bate palmas lentamente, desencadeando uma nova onda de risinhos silenciosos da Camila.

— Parabéns, imbecil, afastaste os patrocinadores. — Abanando a cabeça desgostoso, o Jensen afasta-se do palanque.

O meu treinador toma o seu lugar. O Adley aclara a voz e dirige-se ao auditório.

— O que o Chad está a tentar dizer é que estamos a lidar com patrocinadores e antigos alunos que estão muito preocupados neste momento. Financiadores — diz, de forma sentida. — Caso precisem que vos recorde, são as doações que financiam estas modernas instalações. São elas que enchem os vossos balneários de equipamentos topo de gama. São elas que vos garantem vários jogos por ano transmitidos na televisão. Conhecem mais algum programa da Primeira Divisão com estas regalias? Esta escola oferece o programa de maior prestígio da costa leste, mas não é por acaso. Podemos atrair o talento, mas precisamos de dinheiro para o desenvolver. E agora, graças aos acontecimentos da noite passada, temos patrocinadores a ligar e a enviar e-mails, perguntando porque é que o nosso programa está um caos. Porque é que os nossos jogadores estão a partir os pulsos uns dos outros e como é que isso irá ajudar-nos a chegar aos *play-offs*, quanto mais a vencer qualquer campeonato.

A minha capitã, destemida e espertalhona, põe a mão no ar.

O treinador Adley repara e acena com a cabeça na sua direção.

— Sim, Whitney?

— Gostava que ficasse registado que a equipa feminina não teve nada que ver com a luta de ontem à noite e que não envergonhámos a nossa casa.

Ouvem-se risinhos abafados na sala cavernosa.

— Fica registado — diz o Adley. — Porém, isso não altera o facto de estarmos na fase de controlo de danos. E isto requer um esforço

concertado da parte de ambos os programas.

O Adley acena com a cabeça na direção da senhora do fato branco, que toma a palavra.

— Boa tarde. O meu nome é Christie Delmont e sou vice-presidente executiva de marketing e relações-públicas da Universidade Briar.

Porque é que, hoje em dia, as profissões parecem inventadas?

Durante os dez minutos seguintes, a Delmont dita as regras e faz uma lista de todos os pecados que deixámos de poder cometer. Andar à porrada ou qualquer tipo de hostilidade em público estão proibidos. Caso isso aconteça, não podemos filmar nada. Não podemos realizar entrevistas nem fazer declarações sem sua autorização prévia, ou do departamento desportivo, porém, ela compôs um artigo brilhante sobre a nova equipa da Briar/Eastwood que irá aparecer em todos os jornais de Boston.

— Devem elogiar os vossos companheiros de equipa — diz aos homens, com um tom que não deixa espaço para discussão. — Espero ver uma bajulação elogiosa e efusiva nas vossas entrevistas individuais. Nem um sinal de animosidade. Daqui para a frente, todos se adoram.

A Delmont passa para a página seguinte da pequena resma de folhas que pousou no palanque.

— Pacificar os patrocinadores é agora o nosso objetivo principal. Recebi uma lista das próximas angariações de fundos e eventos publicitários. Irei inscrever alguns de vocês para participarem. Quanto ao evento de beneficência de antigos alunos da Briar, em dezembro, ficarão encarregados de organizar vários aspetos, incluindo o leilão silencioso.

Volta a olhar para as suas notas, depois levanta a cabeça e perscruta a audiência.

— Gigi Graham e Luke Ryder? — chama, em forma de pergunta. — Podem levantar as mãos para que consiga ver-vos?

Sinto um desconforto percorrer-me o corpo. O meu primeiro instinto é baixar-me no assento e esconder-me, mas a Cami espeta-me um dedo nas costelas, obrigando-me a levantar a mão. Na fila à nossa frente, o Ryder faz o mesmo. A sua linguagem corporal relutante reflete a minha.

— Se algum de vocês tiver planos para esta noite, cancelem-nos — diz a Christie Delmont, de forma austera. — Vai haver uma gala de beneficência em Boston, organizada pela Leesa Wickler, cuja família é um dos nossos maiores financiadores. Vocês irão comparecer como representantes da Universidade Briar e dos vossos respetivos programas de hóquei.

— Encontro romântico — ouço um dos rapazes dizer, enquanto se ri às gargalhadas.

Desculpem? Não podem obrigar-me a comparecer a galas contra a minha vontade, ou podem?

E porque estão a enviar o Ryder, com tantas outras opções? Consigo perceber facilmente porque me escolheram a mim. Como o Ryder gosta de assinalar, o meu apelido é Graham. O que tem um grande peso.

Mas por que raio escolheram o palerma mais antissocial que conheço para representar a Briar num evento que requer sorrisos e apertos de mão?

Espero até nos dispensarem para chamar o treinador Adley à parte e pedir-lhe satisfações. Vejo o Ryder fazer o mesmo com o Jensen. A julgar pela sua expressão infeliz, parece que o Jensen não está a ajudar.

O Adley admite que não sabe o motivo pelo qual o Ryder foi escolhido, mas confirma a razão por que fui selecionada.

— Sei que odeias este tipo de coisa, mas os patrocinadores adoram o teu pai — diz ele, soando lamentoso. — Desculpa. Sei que preferias ter ficado fora disto.

— Tudo bem — minto. — Fico feliz por poder contribuir.

Ao sair do auditório, tento contrariar um misto de rancor e irritação.

— Estás bem, G?

Dou de caras com o Case no corredor com uma expressão preocupada no belíssimo rosto. Veste umas calças de fato de treino e uma camisola com capuz da Briar. O seu cabelo louro está despenteado, como se lhe tivesse estado a mexer enquanto esperava por mim.

— Sim, estou.

— Esta cena com o Ryder é uma treta. Queres que fale com o Jensen para saber se pode mandar-me a mim?

— Não. Não faz mal. A sério — acrescento, ao reparar no seu ceticismo. — Não quero arranjar problemas.

Caminhamos juntos pelo corredor em direção à entrada.

— Não te quero ao pé desse tipo — resmunga o Case.

Nesse caso, talvez seja melhor não mencionar que estava a planear encontrar-me com o Ryder esta noite de qualquer forma. Já tínhamos combinado treinar antes de o Jordan Trager decidir que era mais importante partir o pulso do pobre do Tim. Agora teremos de adiar, graças ao estúpido do Trager.

— Vai correr tudo bem — asseguro-lhe.

E já não és meu namorado, apetece-me acrescentar. As pessoas com quem escolho passar o meu tempo já não são da sua conta.

Chegamos à entrada, onde me despeço dele, porque as minhas colegas de equipa estão à porta à minha espera.

— Gigi — diz o Case, antes de eu me afastar. — Acaba com o meu sofrimento. Por favor.

Sinto a tristeza instalar-se na minha garganta.

— Eu... não posso. Já não estamos juntos, Case. Não quero voltar.

Ele fica tão frustrado e perturbado que me provoca um acesso de culpa, mas obrigo-me a ignorá-lo e continuo a andar.

*

Mais tarde, nessa noite, vou até Hastings para ir buscar o Ryder para a gala dos patrocinadores. O e-mail da senhora das relações-públicas dizia que o código de vestuário era entre semiformal e de cerimónia.

Ou seja, o tipo de extremos de vestuário que me dão ansiedade.

Quererá isso dizer que algumas mulheres vestirão calças e uma blusa bonita enquanto outras envergarão vestidos de *cocktail* com lantejoulas?

Que tipo de gala é esta?

Chego a um meio-termo e escolho um vestidinho preto para usar esta noite. De cabelo solto e pouca maquilhagem, apenas com um toque ousado de batom vermelho. Até fiz um esforço para fazer uma manicure francesa a seguir à reunião de hoje, o que é essencialmente deitar dinheiro fora, porque os meus dedos voltarão a ficar todos amassados assim que os treinos começarem oficialmente na semana que vem.

Subo os degraus do alpendre de saltos altos e toco à campainha, pensando em como será a viagem de uma hora até Boston com o Ryder no lugar do passageiro. O homem quase não abre a boca. E, embora normalmente não me incomodem os silêncios confortáveis entre amigos e família, fico ansiosa com silêncios desconfortáveis. Talvez tenha de pôr a tocar uma das minhas *playlists* de meditação. Para tentar ignorá-lo.

A porta abre-se e sou cumprimentada por um rosto familiar de olhos brincalhões. O Shane sorri ao ver-me, fazendo um gemido ao reparar no que tenho vestido.

— Uau, que gira. Não posso ser eu o teu par para o encontro?

— Voltas a chamar-lhe encontro e levas um murro nos tomates — digo, docilmente.

— Não me ameaces com um bocado bem passado. — Ele esboça um sorriso atrevido, distraíndo-me momentaneamente. Aquelas covinhas são perigosas.

O Shane abre mais a porta para eu entrar.

— Entra. Preciso que desempates uma coisa.

— Desempatar o quê? E entre quem? — Olho para lá dos seus ombros largos, mas parece estar sozinho.

Ele pega-me na mão e puxa-me para dentro de casa. Intrigada, sigo-o até à sala, que, naturalmente, parece o típico refúgio masculino. Um sofá enorme, dois cadeirões de pele, uma televisão gigantesca e um monte de garrafas de cerveja na mesa de centro. Apesar da confusão em cima da mesa, a sala está limpa e arrumada, portanto, suponho que não sejam completamente bárbaros.

O Beckett Dunne, esparramado na parte comprida do sofá, cumprimenta-me com o seu próprio conjunto de covinhas perigosas.

— Graham — diz, como se fôssemos velhos amigos.

— Onde está o Ryder? — pergunto.

— Ele já desce — responde o Shane. — Primeiro, tens de desempatar isto.

— Está bem. Eu colaboro. O que é que é preciso desempatar?

O Shane enfia as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga e balança o corpo sobre os calcanhares.

— A frase de engate a que reagirias melhor.

— Estão a praticar frases de engate? Que sofisticados.

— Não estamos a praticar. Estamos a tentar determinar qual dos dois tem razão. Alerta de *spoiler*: sou eu.

— Tenho a sensação de que nenhum dos dois tem razão — digo, amavelmente.

— Ná — diz o Beckett, devagar.

Novamente as covinhas. Boa sorte às mulheres que irão ouvir estas frases de engate. Devo admitir que também não sou imune. Acho ambos atraentes. Se estivesse à procura de outro namorado jogador de hóquei, qualquer um dos dois serviria. No que toca à aparência, pelo menos. As personalidades ainda estão por determinar.

— Eu acho que devemos ser sedutores — explica o Shane. — Ter alguma piada.

— Achas que a tua frase tem piada? — goza o Beckett.

O Shane ignora-o.

— Tem bué piada — garante.

Viro-me para o Beckett.

— E tu?

— Acho que devemos ser diretos. Nós, eu e a miúda, sabemos o que queremos. A frase deve refletir isso.

— Vamos lá ouvir isso, então. — Não posso negar que estou curiosa.

O Shane pega numa garrafa de cerveja que está em cima da mesa e estende-ma.

— Ah, não posso beber. Vou conduzir.

— Não tens de beber. Segura só. Assume a personagem.

Rio-me enquanto ele me põe a garrafa na mão e me conduz até ao meio da sala, onde começa a explicar a cena como se fosse o

encenador de um teatro local.

— Pronto, estás na discoteca, certo? Está uma música incrível de R&B a tocar, ou assim. Estás a vibrar.

Começo a abanar a cabeça ao som de uma música inexistente.

Ele fica a olhar para mim, consternado.

— Ah, não. Não vou aproximar-me de ti se estiveres a dançar assim.

Olho-o fixamente.

— Queres que alinhe no teu jogo, ou vou procurar o Ryder para irmos embora...?

— Pronto, continuemos. Estás pronta?

— Acho que sim...?

Não sei o que se passa com os jogadores de hóquei, mas acho que são todos doidos. Sexy, mas doidos.

O Shane vai até à porta, estala os nós dos dedos e assume totalmente a personagem, avançando na minha direção em passos largos, emanando confiança pura. Volta a esboçar aquele sorriso. Enfia uma mão no bolso, descontraído.

— Oi — diz.

— Olá — alinho na brincadeira.

— Sou o Shane.

— Gigi.

— Diz-me uma coisa, Gigi. — Ele inclina a cabeça. — És traficante de órgãos? É que roubaste o meu coração.

Um silêncio ensurdecador abate-se sobre a sala.

Depois, parto-me a rir.

Por causa da minha histeria, quase deixo cair a garrafa de cerveja no tapete. O Beckett arranca-ma das mãos antes que a entorne.

Rindo, olha de relance para o amigo.

— Vês?

— Sim, vês? Está a rir-se. Consegui. — O Shane olha-me com os olhos semicerrados. — Certo?

— Bem...

— Vá lá, Gisele. Sabes que te afetou.

— Quer dizer, não sei bem o que senti, mas... — respiro fundo, contendo outro acesso de riso. — E a tua? — pergunto ao Beckett.

Ele volta a dar-me a garrafa.

— Faz outra vez aquele movimento de cabeça esquisito.

Obedeço.

O Beckett caminha na minha direção com um andar igualmente confiante. Porra, estes tipos são muito seguros de si.

— Olá — diz ele.

— Olá.

Morde o canto do lábio.

— Estou com uma certa vontade de foder contigo. Tu queres foder comigo?

Fico boquiaberta.

Fecho e abro a boca.

Finalmente, encontro a minha voz.

— Eu... acho que estou impressionada.

Ele sorri, sedutor.

— Queres sair daqui?

— Quero — respondo, um pouco sem fôlego. — Acho que quero.

— Oh, foda-se — lamuria-se o Shane. — Nunca reagirias assim.

Penso um pouco.

— Talvez reagisse, se quisesse dormir com ele.

— A minha abordagem fez-te rir.

— É verdade — admito —, mas, se estamos ambos aqui para dormir com alguém — aceno com a cabeça na direção do Beckett —, acho que vou com ele.

Ele sorri.

— Eu sabia que eras fixe, Graham.

— Estou a interromper?

De súbito, reparo que o Ryder está à porta.

Sustenho a respiração, porque... uau. Está lindo. Veste umas calças pretas e um casaco de fato cinzento sobre uma camisa preta sem gravata e com o primeiro botão desapertado. A barba está feita, mas o cabelo preto tem ainda aquele ar desalinhado e rebelde.

Tento ignorar quão giro está.

— Os teus amigos estão a tentar levar-me para a cama — explico.

Ele encolhe os ombros.

— Escolhe o Shane. A namorada acabou com ele e ele precisa de uma queca piedosa.

O Shane mostra-lhe o dedo do meio. A mim, diz:

— A minha namorada não acabou comigo. Como estou farto de dizer a estes parvalhões, foi mútuo.

— Oh, querido. Uma separação mútua é coisa que não existe — digo, com sinceridade. — Nunca.

O Beckett dá uma gargalhada.

— Vês, amigo? Ela sabe.

— Estás pronta? — pergunta-me o Ryder.

— Sim, vamos.

Ao aproximar-me dele, reparo na forma como os seus olhos cor de safira se demoram a percorrer o meu corpo.

— O que foi? — pergunto, constrangida.

Ele desvia o olhar.

— Nada. Anda. Vamos embora.

CAPÍTULO 14

GIGI

Preparada

Eu e o Ryder saímos de casa em silêncio. Volto a olhar para ele, querendo dizer-lhe que está bonito, mas, como não comentou a minha aparência, decido não dizer nada.

— Este é o meu carro — digo, apontando para o SUV branco estacionado na berma.

Entro para o lugar do condutor. Ele entra para o lugar do passageiro. Pomos os cintos. O seu silêncio continua quando ponho o motor a trabalhar.

Finalmente, olho-o de relance.

— Olha, eu sei que vais falar pelos cotovelos durante a viagem, por isso, imploro-te, dá descanso aos meus ouvidos, está bem?

Ele desata a rir.

— OK, Luke, aqui vamos nós.

— Não me chames isso — murmura.

— Não é o teu nome? — reviro os olhos.

— Nunca gostei, prefiro Ryder.

Acho o nome Luke bastante sexy, mas a dureza do seu olhar diz-me que este não é um assunto para brincadeiras. Portanto, encolho os ombros e arranco.

— O Jensen disse-te porque te escolheu para esta horrenda tarefa? — pergunto, curiosa.

— Não foi ele que me escolheu. Foi a senhora das RP. — Continua, com algum sarcasmo. — Ela acha que «primeira escolha da equipa» fica bem no currículo para as conversas com potenciais financiadores.

— Ela sabe que és fisicamente incapaz de fazer a parte da conversa? — pergunto educadamente. — Seria de esperar que alguém a avisasse.

— Seria de esperar.

Depois, como se comprovasse a minha apreciação, não pronuncia outra palavra, enquanto eu faço tudo no meu poder para o contrariar.

Tento falar sobre o plantel que o Jensen escolheu. Queixo-me sobre o facto de estarmos a ser obrigados a ir a esta coisa. Digo-lhe o horário das minhas aulas. Enquanto isso, ele comunica através de grunhidos, suspiros e encolher de ombros, além de uma curta lista de expressões faciais. Um dos seus olhares transmite aborrecimento puro; é a expressão que mais usa. O outro... não é bem desprezo, mas uma espécie de incredulidade confusa, tipo, «Ainda estás a falar comigo?»

Acabo por desistir. Passo pelas minhas *playlists* e escolho uma faixa. Segundos depois, uma voz familiar e calma apazigua-me.

— *O chamamento da natureza canadiana surgiu quando eu era jovem, ainda mal com idade para beber, mas com experiência suficiente para atravessar uma paisagem robusta e, tantas vezes, violenta, esperando descobrir a minha identidade.*

A cabeça do Ryder vira-se para o lugar do condutor. Consigo vê-lo pelo canto do olho.

— *Numa experiência auditiva tão diversa quanto evocativa, perdi-me no ruído de um riacho, no passo pesado da pata de um alce sobre vegetação rasteira, no doce canto longínquo da estrelinha-de-coroa-dourada. Foi o suficiente para perder o fôlego. E agora... deixem-me levar-vos lá.*

A faixa começa e ouve-se um bater de asas nas colunas (suponho que da estrelinha-de-coroa-dourada). A seguir, a sinfonia da natureza inunda o carro.

Passaram-se cerca de dez minutos quando o Ryder fala.

— Que merda é esta?

— *Horizontes com Dan Grebbs* — digo.

Ele fica a olhar para mim.

— Dizes isso como se eu devesse saber o que estás a dizer.

— Oh, o Dan Grebbs é incrível. É um fotógrafo de natureza, originário do Dakota do Sul, que fugiu de casa aos 16 anos. Andou pelos caminhos de ferro durante um tempo, a viajar pelo país e tocar guitarra, tirando fotografias. Um dia, num impulso, trocou a guitarra por um gravador portátil e comprou bilhete para um navio com destino à América do Sul. Apanhou o bichinho das viagens e tem andado por todo o mundo desde então, a trabalhar nas suas paisagens sonoras. Já gravou inúmeros álbuns. Esta é a sua série da natureza.

— Meu Deus.

— O que é que tens contra a natureza? É demasiado boa para ti?

— Sim, a natureza é demasiado boa para mim. Era exatamente isso que estava a pensar.

Contrário um sorriso e baixo o volume.

— Uso estas faixas para meditar. É uma forma de sossegar a cabeça quando tudo se torna demasiado caótico. A vida — esclareço, embora ele não perguntasse o que queria dizer. — Deves saber do que falo. O

mundo do hóquei pode ser tão caótico. Por vezes, só preciso de um pouco de paz. De tentar aliviar alguma pressão, sabes?

Ele fita-me de novo e eu encaro-o como um sinal para continuar.

— Há tanta pressão, a toda a hora. — Engulo em seco. — E a pior parte é que sei que ponho a maior pressão sobre mim mesma. É tipo... uma necessidade de ser a melhor. A toda a hora. Olha, já agora, quanto cobras por hora pelas sessões de terapia? E obrigada por não me perguntares como isto me faz sentir. Uma vez, fui a uma terapeuta e ela estava sempre a perguntar isso. *Como é que isso a faz sentir? E como é que isto a faz sentir? E aquilo, como é que aquilo a fez sentir?*

— Tu nunca te calas? — pergunta o Ryder.

— Tu nunca falas? — pergunto eu.

Ele suspira.

— Nesse caso, vamos ouvir o Dan Grebbs.

Subo o volume e é isso que ouvimos durante o resto da viagem de quarenta minutos até à cidade. O canto melodioso dos mergulhões e o uivo melancólico dos lobos transformam o carro em algo mais vasto do que nós os dois.

Enquanto vou seguindo as direções do GPS, apercebo-me de que iremos passar a três quilómetros da minha casa em Brookline. O subúrbio, rodeado pela cidade de Boston, é provavelmente o bairro mais rico do Massachusetts. Pelo menos, está no topo da lista.

Sinto quase vergonha de admiti-lo ao dizer:

— Cresci a três quarteirões daqui.

As luzes cintilantes do clube de campo começam a surgir. É um dos mais antigos clubes do estado. Extensas colinas e vinte e sete buracos premiados constituem a exuberante propriedade. O campo de golfe fica lindo no escuro, com o edifício do clube todo iluminado contra o vasto céu negro.

— Deixa-me adivinhar, a tua família é membro deste sítio — murmura o Ryder.

— Não, mas tentaram seduzir-nos persistentemente quando eu tinha cerca de 14 anos — respondo, com um sorriso triste. — A minha mãe disse, tipo, «Vamos experimentar. Quem sabe, se calhar, acabamos por gostar». Então, passámos uma tarde inteira a experimentar. O meu pai odeia golfe e ténis, por isso, jogou *squash* e descobriu que ainda o odiava mais do que aos outros dois desportos juntos. Roubou a raquete, levou-a para casa e queimou-a na lareira. A minha mãe ficou chateada quando lhe disseram que o código de vestuário das mulheres se limitava ao branco e aos tons pastel. E não tinha nada que ver com a nossa cena, minha e do Wyatt. Fizemos tiro ao alvo e o Wyatt ficou lixado porque eu ganhei. Foi-se embora furioso e tentou comprar erva a um dos funcionários da cozinha. — Rio-me para mim mesma. — Foi nesse dia que descobrimos que não

somos uma família de clube de campo.

Entro no majestoso caminho circular e paro atrás de um *BMW* na fila para o estacionamento. No posto do arrumador, dou as minhas chaves ao rapaz de polo branco e calças caqui. Ele abre-me a porta e apercebo-me tarde demais de que não trouxe dinheiro para dar gorjeta aos arrumadores. Mas o Ryder trata do assunto, dando uma nota de dez dólares ao rapaz.

Ergo as sobancelhas.

— Que mãos-largas — murmuro, quando o carro desaparece.

Ele encolhe os ombros.

— Estes desgraçados vivem praticamente das gorjetas. É o mínimo que posso fazer.

Passamos pela entrada em arco que vai dar às portas ornamentadas.

O Ryder dá um puxão no colarinho, pouco à vontade.

— E agora?

— Agora socializamos.

— Mata-me — implora.

— O que te parece um homicídio-suicídio? Poderia matar-te facilmente, mas acho que não consigo matar-me, por isso, tens de me matar a mim e depois tratares de ti. Achas que te sentes confortável com isso?

Ele olha para mim.

— Esquece o que eu disse.

Entramos no extravagante átrio lado a lado, com meio metro de distância entre nós. Este sítio cheira a dinheiro. Também aparenta dinheiro, graças às paredes revestidas com painéis de mogno e ao chão de mármore branco. Damos o nome na mesa que está escondida numa das extremidades do átrio e seguimos os cavaletes com indicações discretas em direção ao salão principal. Ali, somos rodeados por um mar de pessoas de *smokings* e vestidos de noite.

Semiformal, o tanas. Claramente, toda a gente decidiu aperaltar-se.

Todas as mulheres por quem passamos olham para o Ryder. É geralmente o que acontece aos homens altos e lindos, mas é também o que ele transmite. Os homens aqui são todos profissionais ricos e elegantes. Empresários, advogados, médicos. Já o Ryder... Há algo primitivo nele. Uma energia que o seu corpo mal consegue conter. A maneira como anda. A intensidade no olhar. A forma como a sua expressão mostra que se está nas tintas para toda a gente e que não lhe apetece estar aqui. A energia de um rebelde é sempre um enorme chamariz. As mulheres sentem-se atraídas por ele. A maioria dos homens também.

— Gigi Graham! — Um homem entroncado com um fato impecável e cabelo grisalho nas têmporas surge à nossa frente.

Reconheço-o vagamente, mas não me lembro do seu nome.

— Jonas Dawson — diz, apresentando-se. — A minha empresa representa a fundação do seu pai.

— Ah, sim — finjo recordar este facto. — Prazer em vê-lo outra vez, Sr. Dawson.

Cinco passos depois somos intercetados por outra desconhecida que se acha a minha melhor amiga.

— Gigi, que bom vê-la! — brada uma mulher corpulenta, agarrando-me nas mãos. — Brenda Yarden, da sede dos Bruins. Conhecemo-nos no ano passado na reforma do número de atleta do seu pai?

— Com certeza. — Finjo lembrar-me disto também. Gesticulo na direção do Ryder. — Este é o Luke Ryder. Cocapitão da equipa masculina da Briar.

— Muito gosto. — A Yarden dá-lhe um rápido aperto de mão antes de voltar a encarar-me. — Ouvimos rumores sobre o Hall of Fame e não podíamos estar mais entusiasmados. O que pensa o seu pai de tudo isto?

— Bem, isso cabe ao comité de seleção — relembro. — Não sei se o meu pai terá alguma coisa a dizer sobre a sua nomeação.

A próxima emboscada envolve um trio de patrocinadores que nos interrogam sobre se o Chad Jensen espera vencer o Frozen Four este ano. Não sei por que motivo acham que posso falar pelo Jensen ou fornecer pormenores sobre a equipa masculina, pois não é a minha equipa. Mas o Ryder não ajuda, portanto, falo durante dez minutos até as pessoas misericordiosamente seguirem caminho.

Durante a hora seguinte, andamos pelo salão de baile como dois robôs, comigo a fingir importar-me com os patrocinadores e com o que eles dizem. Sou a única a promover o programa, por isso, quando finalmente conseguimos um momento sossegados, já me dói a voz.

Pego em duas flutes de champanhe, servidas por um empregado de uniforme preto e laço vermelho.

O Ryder começa a dizer:

— Eu não quero....

— Não é para ti — resmungo.

Emborco o primeiro copo à frente do empregado, que parece achar divertido, pousando o copo vazio na bandeja. Assim que ele se vai embora, começo a beber o segundo.

— Calma, parceira — alerta o Ryder.

— Parceira? É isso que isto é? Uma parceria? Porque, do meu ponto de vista, só eu é que estou a publicitar a Briar. Já agora, és tu que vais a conduzir para casa, porque eu tenciono beber, pelo menos, sei lá, mais dez destes.

— Eu avisei o Jensen de que não tinha jeito para esta merda.

— Sim, ainda és pior do que disseste. Custa-te muito sorrir? — Olho para ele sobre a borda do copo. — Já te vi sorrir, por isso, sei que a tua cara é capaz de contrair os músculos dessa forma.

Ele semicerra os olhos.

Reparo noutro pequeno grupo de financiadores a avançar na nossa direção. Absolutamente determinados.

— Por favor, não — gemo. — Só preciso de cinco minutos de paz e sossego.

— Anda cá. — O Ryder pega na minha flute de champanhe e pousa-a na bandeja de uma empregada que vai a passar, depois agarra-me na mão.

Quando dou por mim, está a conduzir-me pelo salão em direção ao palco. De cada lado do palco há uma área com cortinas, ocultando dois conjuntos de degraus que vão dar aos bastidores. Pestanejo e, de repente, estamos escondidos atrás das cortinas. Envoltos na escuridão.

— Melhor?

A sua voz grave acaricia-me o ouvido.

Engulo em seco, e a minha pulsação acelera ao tomar consciência de que eu e o Ryder estamos às escuras, a poucos centímetros um do outro.

— Não era isto que tinha em mente — murmuro por cima do bater do meu coração.

— Sim, bem. Foi o que se pôde arranjar.

Respiro fundo, permanecendo em silêncio por um instante. A música do salão ouve-se agora abafada, não só por causa da barreira proporcionada pela cortina, mas também porque o bater do meu coração continua a troar contra as minhas costelas. O seu cheiro envolve-me. Madeira e especiarias, com um toque de cabedal, o que estranho porque ele não está a usar cabedal. É deliciosamente masculino. Talvez não devesse gostar tanto.

— Não te percebo — confesso.

— Não há nada para perceber. — Ele encolhe os ombros e o gesto faz o seu ombro roçar no meu.

— A sério, não consigo perceber se esta cena rabugenta do Sr. Silêncio é a fingir. Uma personagem que encarnas.

— Isso parece dar muito trabalho.

— Exato, é por isso que estou a achar que é verdadeira. Que és realmente uma pessoa rabugenta, perigosa...

— Perigosa? — interrompe, com uma certa aspereza na voz.

Os meus olhos estão a adaptar-se à escuridão. Reparo que os seus olhos estão pesados e semicerrados enquanto me olha de cima a baixo. Um dos lados da sua boca levanta-se de forma brincalhona.

— Sentes-te em perigo neste momento, Gigi?

— Devia?

— Não. — Ri-se entre dentes. Um riso grave e rouco.

— Bem, então não sinto.

No entanto, algo perigoso está a acontecer. Um estranho traço de consciência está a surgir entre nós. Ou talvez seja a consequência natural de estar às escuras com um tipo incrivelmente atraente. O Ryder aproxima-se um pouco mais. Ainda a observar-me.

— O que foi? — pergunto, constrangida.

— Estás bonita. — A sua voz sai áspera.

Fico surpreendida.

— O quê?

— Devia tê-lo dito quando te vi. Foi falta de educação da minha parte.

— Desde quando é que te preocupas com isso?

— Não me preocupo.

Sai-me uma gargalhada.

— Bem. Obrigada, acho eu. Também estás bonito.

Outra pausa silenciosa.

— Achas que podemos esconder-nos aqui para sempre? — pergunto, esperançosa.

— Não. Alguém acabará por te arrancar daqui para te poder dizer com grande emoção quão extraordinário é o teu pai.

— Odeio isto, sabes? — Inclino a cabeça para olhar para ele. — Independentemente do que possas pensar sobre mim e o meu apelido, não me sirvo dele para ter vantagens. Nunca o fiz. Fogo, mudá-lo-ia legalmente, se não soubesse que partiria o coração ao meu pai. Acabaria com ele. E, na verdade, ele não tem culpa de ser o melhor jogador de hóquei de todos os tempos. Merece todo o amor e reconhecimento.

— Mas... tu odeias isto — insiste o Ryder.

Mordo o lábio inferior.

— Sim. Odeio mesmo estes eventos. Nunca me diverti em nenhum. Preferia estar literalmente noutro sítio qualquer.

— Tu namoraste com o Colson, não foi?

— Sim...?

A pergunta é inesperada, mas ele rapidamente a liga ao assunto em questão.

— Ele alguma vez veio contigo a estas coisas?

— Às vezes. — Mexo-me desconfortavelmente. É estranho estar a falar do Case com o Luke Ryder.

— E ele não era criativo? Não tentava arranjar maneira de tornar estas festas mais divertidas para ti?

— O que é que tu sabes sobre ser divertido? — Não consigo evitar gozar com ele.

Ele responde com o seu característico encolher de ombros.

— Não, diz-me — insisto. — O que farias neste momento se fosses o Case? Como tornarias isto divertido?

— Se eu fosse o Colson.

— Sim.

— E tu fosses minha namorada.

— Sim.

O Ryder aproxima-se. O seu hálito quente ao meu ouvido faz-me arrepiar.

— Estaríamos atrás desta cortina cinco minutos depois de termos chegado.

— A fazer o quê?

Arrependo-me da pergunta assim que a faço.

— A preparar-te.

A minha garganta fecha-se com a excitação. Não consigo engolir.

— A preparar-me — repito, debilmente. — A preparar-me para quê?

— Para mim.

Oh, meu Deus.

A sua voz fica mais grave. Com uma ligeira aspereza.

— Provavelmente, usaria os dedos. Sim. Enfiaria os dedos dentro de ti. Deixar-te-ia perto do orgasmo. Mas não te deixaria vires-te. Ficarias apenas por perto, com o corpo a doer de antecipação, e depois iria obrigar-te a ires lá para fora outra vez. Vendo-te a contorceres-te enquanto falavas com todas aquelas pessoas irrelevantes, até, finalmente, me implorares que fôssemos embora para poder levar-te para casa e fazer-te vir.

Desde que o conheço, nunca o vi tão animado.

Mal consigo respirar. E a falta de oxigénio torna-se mais crítica quando ele encosta a mão ao meu rosto. Os seus dedos ásperos arranham-me a pele febril.

O Ryder baixa a cabeça e aproxima a boca da minha. Os nossos lábios estão a um sussurro de distância. As minhas pestanas agitam-se e eu fecho os olhos, porque, por um instante de fazer parar o coração, penso que vai beijar-me.

— Mas... não sou o Colson — termina, endireitando-se, com o vestígio de um sorriso.

Para meu desconsolo (e desilusão que não esperava sentir), ele abre a cortina para ver se a costa está livre. Depois, desliza dali para fora, fazendo-me sentir exatamente como acabou de sugerir que me faria sentir.

Contorcendo-me de desejo.

CAPÍTULO 15

GIGI

Há sempre um oferecido em todos os grupos

RYDER:

Sempre estamos combinados para logo?

EU:

lá. Ainda dá para vocês?

RYDER:

Tudo em ordem.

EU:

Mais uma vez, obrigada por fazerem isto.

RYDER:

Tranquilo.

EU:

Saber que não há um bom *emoji* a encolher os ombros deve dar cabo de ti. O que existe é demasiado expressivo para o teu gosto. É o movimento das mãos. Demasiado teatral para representar o teu gesto com precisão.

RYDER:

Será demasiado tarde para cancelarmos?

EU:

Adoro o teu sentido de humor bizarro! Dá-me sempre vontade de rir.

A última mensagem do Ryder é o *emoji* a mostrar o dedo do meio.

Pois. Esse tem mais que ver com ele.

Demorámos uns dias a remarcar a nossa sessão. As aulas começaram na segunda-feira, assim como o meu horário oficial de treino do hóquei, por isso, foi difícil arranjar uma altura que fosse boa para os dois. E para o Beckett, suponho. Ele vem connosco esta noite para ajudar o Ryder com os exercícios.

Até lá ainda tenho uns assuntos para tratar, incluindo um que é mais um prazer do que uma obrigação: encontrar-me com os meus tios no Della's Diner.

Cresci rodeada de tios. Felizmente, não daqueles tios esquisitos que dizem coisas impróprias nos casamentos e se atiram às adolescentes.

— Ouvi dizer que estás outra vez solteira.

Talvez digam coisas inapropriadas.

— Isso não é novidade — informo o Dean Di Laurentis. — Recebeste a notícia por pombo-correio?

— Não, espertalhona. Já sei há algum tempo. Mas ainda não tínhamos estado sozinhos desde que aconteceu.

Pego no café. Estamos numa mesa de canto que tem o tempo ocupado por meia dúzia de fatias de tarte, já que os meus tios comilões não conseguiram decidir-se por um sabor e pediram uma de cada.

O tio Logan foi lá fora atender uma chamada da tia Grace, uma das minhas três madrinhas. Tenho também três padrinhos, porque os meus pais não conseguiram escolher entre os seus melhores amigos, apesar de terem acabado por tomar uma decisão. Embora a minha família não seja religiosa, os meus avós maternos insistiram que eu e o Wyatt fôssemos batizados quando nascemos. As fotografias desse dia são ridículas. Há uma equipa desportiva inteira de padrinhos e madrinhas no altar a pegar em mim e no Wyatt com os nossos vestidinhos brancos.

Mas admito que adoro o facto de sermos uma família numerosa. Ou uma família alargada, em todo o caso. Ambos os meus pais são filhos únicos e nenhum deles cresceu com uma família grande. Uma tia aqui, um tio ali e pouquíssimos primos. O meu pai nem falava com o pai dele nos anos que antecederam a sua morte. Nem sequer foi ao funeral. Por isso, é muito bom estar rodeada de tias, tios e primos. Sempre houve muito amor na minha vida.

E também muitas perguntas indiscretas.

— O meu pai obrigou-te a falar sobre isto? — pergunto, antes de beber um gole do café.

— Quer dizer, ele mencionou o assunto, mas achas que sou o tipo de pessoa a quem possas obrigar a fazer o que quer que seja?

O Dean esboça um sorriso. Tem aquela aparência de modelo

masculino esculpido que só melhora com a idade. Já vi fotografias dos seus tempos de faculdade e ele era uma brasa na altura, mas acho que ainda está mais bonito agora.

— Surpreendeu-me saber da vossa separação. Tu e o Colson pareciam feitos um para o outro. Ambos jogam hóquei. Ambos são bonitos.

— Claro, tudo o que é preciso para sermos almas gémeas. Um desporto em comum e um grau mais ou menos equivalente de beleza.

— Estou a ver que herdaste o gene sarcástico da tua mãe.

— Vou considerar isso um elogio. Mas sim, eu e o Case acabámos, não vamos reatar e é tudo o que tenho a dizer sobre o assunto.

— Então, agora andas a apalpar terreno?

— Bem, não o diria dessa forma, mas sim.

As feições do Dean vincam-se de resignação.

— Bolas. Não queria nada que chegasse a este ponto.

— Como assim? — pergunto, desconfiada.

Fico imediatamente alerta. Apesar de serem adultos, os amigos do meu pai são capazes de parvoíces que nunca consigo prever.

Ele pega na bolsa que está ao seu lado no banco. Da primeira vez que a vi, gozei com ele por andar com uma pochete. Mas é onde guarda o seu trabalho. O Dean treina a equipa feminina de Yale, o que, de certo modo, faz dele o inimigo, embora não completamente, pois Yale não faz parte da nossa liga. No entanto, se jogarmos contra elas na final, cuidado. Tio ou não, destruirei as suas meninas de bom grado.

— Toma — diz ele.

Quase cuspo o café quando o vejo pousar uma caixa de preservativos em cima da mesa.

Não, não é apenas uma caixa.

É uma embalagem enorme contendo uns inacreditáveis cinquenta preservativos.

— Que raio vem a ser isto? — exclamo. — Meu Deus.

— Não podes ser irresponsável agora que estás solteira. Mais vale prevenir do que remediar, Gigi.

— Quanto sexo achas que faço? Não, espera... — Levanto o dedo indicador, com um tom severo. — Não te atrevas a responder.

O Dean desata a rir-se.

— Estou só a dizer... Lembro-me do que era andar na faculdade. Nitidamente. As hormonas. As festas. Quero que estejas segura, está bem? E não digas aos teus pais que te dei isto.

— Acredita, não voltarei a falar deste assunto.

— Além disso — continua, cortando um pedaço da tarte de noz-peca com o garfo —, antes de te envolveres com alguém, certifica-te de que não é o oferecido do grupo. E, se for, obriga-o a fazer análises.

Porque há sempre um oferecido em todos os grupos.

Arrependo-me antes de perguntar, mas a curiosidade leva a melhor.

— Quem era o oferecido no teu?

— O Tucker — é a resposta imediata.

Bebo mais um gole de café, observando-o sobre a borda da caneca.

— O Tucker — repito, desconfiada.

— Claro. — O Dean pestaneja inocentemente. — O gajo engravidou uma mulher num encontro casual. É difícil ser-se mais promíscuo.

— Pela forma como ele conta, foi amor à primeira vista com a tia Sabrina.

— O Tucker diz muitas coisas. Particularmente em relação a mim e à minha suposta reputação como mulherengo. — O Dean pisca-me o olho. — Não acredites em nada do que ele diz.

O John Logan escolhe esse momento para regressar à mesa. Fica especado a olhar para a gigantesca caixa de preservativos. Depois, olha de relance para o Dean e suspira.

— Vou contar ao pai dela.

— O caraças é que vais.

O Logan senta-se ao meu lado e puxa uma das tartes para si. De morango e ruibarbo. Fico contente por termos conseguido concretizar este encontro. Hoje estavam os dois por perto, o que raramente acontece, porque o tio Dean vive em New Haven com a família.

— Podes tirar isso daí? — resmunga o Logan ao Dean. — Os empregados vão ficar com má impressão.

— Não posso levá-los para casa — protesta o Dean. — A Allie vai fazer perguntas.

— Eu aceito os teus preservativos — digo, graciosamente. — Mas só para poder pô-los numa taça grande e oferecê-los nas festas.

— Boa ideia. Certamente serão muito apreciados na residência.

O Logan olha para mim, mastigando um pedaço de tarte.

— Tu e o Colson estão juntos outra vez?

— Oh, meu Deus. Podemos esquecer esse assunto?

— Gostava dele — diz.

— Sim, está bem, mas acabou. E não, não ando com ninguém de momento. E também não vou usar esta embalagem económica de preservativos. Mas, se os *usasse*, nunca vos diria. Nunca. Portanto...

— Sim, eu não quero saber — concorda o Logan, sorrindo.

Nesse momento, chega a conta e os dois começam a discutir sobre quem vai pagar. Tenho quase a certeza de que serão tipo vinte dólares, e acabo por pegar eu no papel.

— Vá, deixem-me fazer este gosto aos meus queridos tios. — Esboço um sorriso radiante. — Os jovens devem ser sempre generosos

com os idosos.

Ambos manifestam o seu desagrado.

— Não vou esquecer essa — resmunga o Dean.

— Vou dizer ao teu pai — acrescenta o Logan.

— Ele sabe que é velho. Não precisas de lho recordar.

Pago a conta e arrumo a carteira, juntamente com as chaves do rинque, dentro da minha enorme mala de pele.

Fico a olhar para a estúpida caixa de preservativos. Após um momento de hesitação, enfio-a na mala também, principalmente para provar que sou descontraída e desempoeirada, e que não me surpreendo com compras de preservativos a granel.

E, assim, quando dou por isso, está na hora de ir ter com o Luke Ryder.

CAPÍTULO 16

RYDER

Matemática dos preservativos

Munsen é uma pequena cidade próxima de Hastings. Pelo que ouvi dizer, não é grande coisa. Porém, quando chegamos ao rinque, estamos perante um grande edifício novinho em folha com paredes envidraçadas. Completamente diferente do resto da cidade crua e de aspeto industrial.

O Beckett também repara. Ele assobia baixinho no lugar do passageiro do meu jipe, que, graças ao Owen, consegui arranjar. Mas quero devolver-lhe o dinheiro. Não aceito esmolas.

Quando chegamos, o SUV branco da Gigi é o único outro veículo no parque de estacionamento. São nove noite e o edifício acabou de fechar ao público, segundo o horário publicado online.

— Tens a certeza de que ela não se importa que eu tenha vindo? — pergunta o Beckett, passando a mão pelo cabelo louro.

— Mandeí-lhe uma mensagem há bocado a confirmar. É na boa.

— A trocar mensagens com a ex-namorada do nosso cocapitão. Olha para ti, a viver no limite.

Reviro os olhos.

— Eu não tenho medo do Colson.

Sáímos do jipe.

— Tens de admitir que o fruto proibido é sempre o mais apetecido.

— Não estou a tentar levá-la para a cama. Prometi ajudá-la com as manobras atrás da baliza. Ela disse que falaria bem de mim ao pai. Ficamos os dois a ganhar.

— Hum-hum. Tenho a certeza de que é só isso.

— Puto, a ideia foi tua.

— Na verdade, foi ideia do Lindley.

— Não interessa. Alinhaste.

A Gigi está a abrir o porta-bagagens. Veste umas calças de ganga e um top branco justo, e traz o cabelo escuro apanhado numa longa trança que lhe cai pelas costas. Inclina-se para o porta-bagagens e tira

o saco de hóquei e uma mochila. Nós fazemos o mesmo na mala do jipe.

— Olá — diz ela, quando nos aproximamos, olhando para o Beckett com alguma desconfiança.

Ele fica imperturbável, exibindo o seu irritante sorriso australiano. Aquele cheio de covinhas.

— Estás gira, Graham.

— Obrigada.

— Então? Não retribuis o elogio?

Ela ri-se.

— Uau, que cruel — diz ele, batendo com a mão sobre o coração, fingindo sofrimento.

— Como se precisasses de que te afague o ego.

— O ego? Não. Já outras coisas... — Ele deixa pairar a frase de forma sugestiva. Algo que poderia soar azeiteiro dito por outra pessoa; por algum motivo, dito pelo Beckett, passa.

A Gigi dá uma risadinha, confirmando a minha suspeita de que o Beckett Dunne pode fazer e dizer o que quiser no que toca às mulheres.

O seu riso desaparece quando o nosso olhar se cruza. Ela morde o lábio e pergunto-me se estará a pensar no fim de semana. Eu estou. Há dias que ando a tentar fazer sentido da montanha de tensão sexual que subitamente se ergueu entre nós quando nos escondíamos dos patrocinadores.

Quando quase a beijei.

Ainda estou a tentar perceber o que aconteceu. Sim, ela é atraente. Passei toda a noite a tentar não olhar para as suas pernas nuas e bronzeadas. Já para não falar do resto do seu corpo. Firme e torneado. Bom o suficiente para me fazer ferver o sangue.

Contudo, até à gala, não pensava muito em ir para a cama com ela. Agora penso.

— Bem. — Ela aclara a voz. Traz os sacos num ombro e uma mala de pele no outro. Enfia a mão dentro da mala e saca um porta-chaves. — Vamos entrar.

Ergo uma sobancelha.

— Tens a chave deste sítio?

— Conheço um tipo.

— Que tipo?

— O meu tio. Ele é daqui.

À entrada, uma pequena placa dourada aparafusada à parede exterior diz:

**EM HOMENAGEM A JOHN LOGAN
PELO SEU GENEROSO CONTRIBUTO**

PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CIDADE DE MUNSEN, MASSACHUSETTS

— O teu tio John Logan — murmuro, incrédulo.

— Quer dizer, não por parentesco, mas é o melhor amigo do meu pai. Eu e o meu irmão crescemos a chamar-lhe tio Logan.

Tento não me centrar na percepção de que as nossas infâncias foram tão drasticamente díspares que podíamos ter crescido em dois planetas diferentes. Ainda assim, sinto uma pontada de rancor. Por muito que ela deseje que o seu apelido não interfira na sua vida, a verdade é interfere. O seu nome abre-lhe portas que eu nem sequer poderia sonhar abrir sozinho.

O meu pensamento é transportado para o bairro elegante e bem cuidado que atravessámos no sábado à noite a caminho do clube de campo. Mais uma vez, um planeta completamente diferente do que conheci em miúdo. Primeiro, o pequeno apartamento com dois quartos em Phoenix onde vivi com os meus pais antes de a minha mãe morrer. Depois, as casas de acolhimento a cair aos bocados, com jardins abandonados e cercas de arame caídas. É quase impossível imaginar a infância idílica que a Gigi deve ter tido.

— Fogo, quando crescer quero ser como tu — observa o Beckett.

— Disse ao Logan que precisava de um sítio privado para treinar e ele sugeriu este rinque. Fui buscar as chaves há bocado.

— É só vantagens por causa do papá. — Não consigo evitar gozar.

— Olha, o papá é a razão por que estamos aqui, não é? Para eu lhe falar bem de ti? — Oferece um sorriso meloso. — Das duas uma, ou tenho um pai famoso que pode beneficiar-te e tu paras de te queixar, ou não tenho e estás com azar. Não podes ter as duas coisas, rei do baile.

Ela tem razão.

— Os balneários são aqui em baixo — diz, conduzindo-nos até o fundo de um corredor iluminado por lâmpadas fluorescentes.

As suas calças de ganga parecem quase pintadas no corpo e não consigo evitar olhar para o seu rabo firme e empinado. O Beckett também está a olhar. Ele apanha-me a fazê-lo e esboça um sorriso cúmplice. Fuzilo-o com o olhar.

Chegamos ao balneário dos homens, que está trancado. A Gigi para e atrapalha-se com o porta-chaves.

— Esperem. Não sei bem qual é.

Conforme se inclina para introduzir a primeira chave na fechadura, a mala desliza-lhe do ombro e foge-lhe do braço. Ela tenta apanhá-la antes de cair, mas em vão. A mala cai no piso reluzente, o seu conteúdo espalhando-se na queda.

Uma caixa gigante de preservativos cai-me aos pés.

Eu e o Beckett ficamos especados a olhar, trocando um olhar divertido.

O rosto da Gigi adquire um tom de vermelho que não existe na natureza. Rapidamente, ajoelha-se para apanhar os objetos que caíram, enfiando novamente tudo na mala.

— Vocês não viram nada — ordena.

Ergo uma sobancelha.

— A embalagem económica, hã? Grandes planos para este fim de semana?

— Não são meus — diz, com os dentes cerrados.

— És uma péssima mentirosa, Gisele.

— Está bem, pronto, são meus. Mas foram adquiridos contra a minha vontade.

— Só por curiosidade, de quantos preservativos precisas por sessão? — pergunta o Beckett, com um sorriso deliciado.

Ela levanta-se e tenta outra chave. Que também não serve.

— Fogo. As chaves estão contra mim — lamenta-se.

O Beckett continua a tentar perceber a matemática dos preservativos.

— Quer dizer, uma caixa de cinquenta, hã? Vamos ser ambiciosos e dizer que damos três ou quatro cambalhotas por noite. Isso são três ou quatro preservativos. Embora, se for uma cena de grupo... estão a ver, tipo, nós os três...

— Oh, meu Deus. Queres parar com isso?

— ... nesse caso, estamos a falar de dois preservativos de cada vez, em três ou quatro cambalhotas. Isso quer dizer que, hipoteticamente, podes usar seis a oito preservativos por noite. Caramba. Vamos despachar essa caixa toda em menos de uma semana.

A Gigi suspira e olha para mim.

— Ele é sempre assim?

— Basicamente — confirmo.

Por fim, encontra a chave certa e o seu longo suspiro aliviado faz-me rir.

— Pronto. — Ela empurra a porta para nós entrarmos. — Vão lá equipar-se.

— Usamos os preservativos agora ou mais tarde? — pergunta-me o Beckett.

— Odeio-te. — A Gigi encaminha-se pelo corredor em direção ao balneário das mulheres. — Encontramo-nos no gelo. Ringue B.

No balneário masculino, eu e o Beckett vestimos o equipamento de treino.

Dispo a t-shirt e lanço-lhe um olhar seco.

— Não és tão engraçado como achas, sabes? E de certeza que ela não vai alinhar num *ménage à trois*.

— Tretas. Ela estava interessada.

Isto faz-me pensar.

Estava?

— Ná — respondo, finalmente, porque a Gigi Graham não me parece o tipo de rapariga que alinhasse num *ménage à trois*.

— Que pena. Quantos mais, melhor. Sabes que é o meu lema.

Gostava de dizer que ele está a gozar, mas não está. Há dois anos que nos conhecemos, e o tipo de deboche a que assisti da parte do Beckett Dunne tem sido bastante extraordinário. Também nunca ouvi ninguém com quem ele se enrolou na Eastwood falar mal dele, portanto, deve querer dizer alguma coisa. Fogo, a maior parte das miúdas permaneceram no nosso grupo de amigos. A sua boa aparência e bronze da Gold Coast dão-lhe muita liberdade.

— E tu? — pergunta, sentando-se no banco à minha frente para atar os patins.

— Eu o quê?

— Estás interessado?

Ergo a cabeça e vejo-o a sorrir para mim.

— Desculpa, meu. Acho que és lindo, mas não sinto grande química entre nós.

— Interessado nela. Porque pareces.

Baixo a cabeça e acabo de atar os patins.

— Não estou.

— A sério?

— A sério — digo, porque, por alguma razão, proferir as palavras «sim, estou interessado» faz-me sentir... desconfortável.

Porque não estou interessado.

Acho eu.

Foda-se. Porque hei de estar a pensar nisto agora? Não foi para isso que viemos aqui hoje.

O nivelador de gelo acabou de concluir a última volta quando vamos ter com a Gigi ao ringue. Não estamos a usar o equipamento completo, mas temos proteções suficientes para levarmos pancada uns dos outros, se quisermos. Eu e o Beck trouxemos também uns pequenos cones cor de laranja, que eu empilho no parapeito à frente do banco de suplentes, juntamente com umas garrafas de água.

— OK — diz a Gigi, sorrindo e patinando uns círculos à nossa frente. — Chegou a aluna voluntariosa.

O Beckett geme baixinho.

— Não digas essas coisas. Não consigo patinar com uma ereção.

O sorriso dela cresce.

— Acho que já te percebi — informa-o.

— Ah, sim?

— Sim. És daquelas pessoas que tentam desarmar toda a gente

através do sexo. — Aponta um polegar na minha direção. — E ele é o rabugento de poucas palavras. — Encolhe os ombros. — Gosto de saber com que pessoas estou a lidar.

Também eu. Acho que temos isso em comum. Outra coisa que partilhamos é a intensidade total com que nos dedicamos ao desporto. Assim que começamos a treinar, o único foco da Gigi é a tarefa que tem em mãos. Completa e assumidamente.

— Então, o primeiro exercício — começo por dizer, com a voz rouca. — Tem que ver com oportunidades. Os jogadores versáteis sabem criar oportunidades de golo.

O Beckett agarra nos cones e distribui-os pelo rinque. Escolhe alguns pontos estratégicos: um à frente da baliza, dois na zona ofensiva.

Algumas pessoas reclamam e queixam-se dos exercícios. Acham que não é possível prepararem-se para as decisões rápidas e para as situações imprevisíveis que surgem num jogo real. Eu acho que isso é treta. Sim, o instinto é muito importante. Mas a prática leva sempre à perfeição.

— O Beck vai invadir o teu espaço pessoal — aviso-a.

É exatamente por isso que o escolhi para ajudar. O Dunne é um dos defesas mais agressivos da equipa e sabe tornar a vida claustrofóbica aos outros jogadores.

— Mas, nesta situação, não será o único a sufocar-te. Tens mais dois bacanos, ou melhor, bacanas — corrijo, vendo o Beckett colocar outro cone atrás da baliza. — Por isso, se te virares e achares que podes fugir por ali, népia. Não podes. O teu objetivo não é libertares-te e marcares golo. Passas-me o disco a mim ou a outro colega de equipa — digo, gesticulando para os vários cones cor de laranja.

— Percebido.

— Estás pronta? — Patino até um ponto aleatório entre a área em frente à baliza e a linha azul.

Ela bate com o *stick* no gelo.

— Bora lá.

Sorrindo, deixo cair o disco e lanço-o na direção da tabela.

Como um míssil, a Gigi vai atrás dele. O Beckett vai no seu encaço, praticamente em cima dela. O *stick* dela faz contacto no momento em que ele lhe dá uma cotovelada e tenta obter a posse do disco.

Por um instante, questiono-me se isto será boa ideia. Eu tenho um metro e noventa e cinco. O Beckett tem um metro e oitenta e sete. Somos fisicamente muito mais fortes do que ela. Mas a Gigi aguenta-se bem, dando-lhe com o ombro. Ouço o grunhido de resposta do Beck. Enquanto lutam pelo controlo do disco, eu mantenho-me em posição, esperando que ela faça acontecer alguma coisa.

Finalmente, ela consegue tirar-lhe o disco, mas não o atira para perto de mim nem de nenhum dos cones. O disco preto e reluzente não bate em nenhum dos potenciais *sticks* e desliza pelo gelo até à tabela.

— Esta poderia ter sido uma oportunidade de ataque para os teus adversários — digo-lhe, quando ela e o Beck se aproximam.

A Gigi tem o rosto corado por detrás da viseira.

— Não necessariamente.

— O meu avançado esquerdo estaria ali mesmo no canto, a salivar. Fizeste-lhe um passe perfeito. Não é para ali que queres atirar.

— Estou a tentar. Aquela besta estava em cima de mim.

— Oh, obrigado — diz o Beckett, satisfeito.

Reviro os olhos.

— OK, outra vez.

Repetimos o mesmo exercício meia dúzia de vezes e, de todas as vezes, a Gigi não consegue assumir o controlo de que precisa atrás da baliza. Porém, fora daquele espaço acanhado, ela é incrível. O tipo de patinadora de elite por quem os treinadores se babam. A maneira como usa as lâminas é de loucos. E já vi vídeos dos seus jogos: é capaz de criar oportunidades de remate ou de passe a partir do nada.

Exceto, aparentemente, quando está num espaço apertado.

— Isto não está a resultar. — Parece enervada.

— Anda cá.

Ela patina até mim, tirando o capacete para limpar o suor da testa. É inexplicavelmente sexy vê-la fazer isto. E ver a sua trança caída sobre um dos ombros provoca-me uma vontade estranha e primitiva de puxá-la até mim e enfiar-lhe a língua por entre os lábios amuados.

Afasto essa imagem e tento concentrar-me.

— Beck, vamos trocar — grito. — Agora defendo eu.

Ele patina em direção ao banco, onde abre uma garrafa de água. Bebe metade, enquanto eu dou instruções à Gigi.

— Quero que dê tudo o que tens, está bem? Que me pressiones a sério. Vê como me mexo.

Agora a disputa é entre nós os dois e a tensão da gala volta a surgir. A minha pulsação acelera com a sua proximidade, a minha boca fica seca. Ouvir a sua respiração ofegante faz-me pensar em que sons faria se eu estivesse a fodê-la.

A Gigi põe o *stick* entre os meus patins, tentando tirar-me o disco. Viro-me, conseguindo libertar-me dela, girando o corpo. Patino uns metros, volto a virar-me e lanço o disco na direção do Beckett. Ele atira-o para dentro da baliza.

— Odeio-vos. Fazem tudo parecer tão fácil. — A sua expressão é de admiração relutante.

Não troco com o Beckett, embora pudesse fazê-lo. Acho que gosto

de tê-la por perto. Pressiono-a e, desta vez, consegue fazer um passe ao Beckett. A rapidez com que o disco voa prova a força dos seus remates. O disco é tão rápido que ele não tem tempo de pôr o *stick* a postos e o erro é seu, não dela.

— Foi excelente! — exclamo, acenando com a cabeça em admiração. — Muito bom. Mais uma vez.

Durante a hora seguinte não lhe damos descanso e, mesmo mostrando dificuldade ao início, a Gigi adapta-se rapidamente, conseguindo reagir aos nossos passes.

— Tens de praticar as flexões dos joelhos — aconselha o Beckett. — E não é só porque te fazem um rabo bonito.

Ela dá uma risadinha.

— Vão ajudar-te a mudar de direção mais depressa.

Ela acena com a cabeça. Depois do passe seguinte, ela vira-se tão depressa que me apanha de surpresa e o disco salta-lhe do *stick* antes de eu conseguir sequer disputá-lo. Um passe perfeito para o Beckett leva a um bom golo atrás da baliza.

A Gigi lança os braços ao ar numa pose de vitória.

— Assim é que é, miúdas!

Um sorriso começa a querer curvar-me os lábios. Mas não o deixo manifestar-se, pois estou certo de que irá ser motivo de gozo. Embora não possa negar que me sinto orgulhoso da sua evolução.

— Muito bem — anuncia. — Como costuma dizer o treinador Adley, vamos acabar esta merda em altas.

Patinamos até ao banco para beber o resto da água.

— Então, estás a tentar entrar para a seleção olímpica? — pergunta o Beckett.

A Gigi volta a tapar a garrafa de água vazia.

— Já.

— Não consigo imaginar porque não haveriam de te escolher. És estupidamente boa. O Ryder mostrou-me alguns vídeos dos teus jogos e és uma das melhores patinadoras que já vi.

Ela olha-me de relance, sorrindo.

— Andas a mostrar vídeos meus às pessoas? Que amoroso. Eu sabia que estavas obcecado por mim.

Reviro os olhos.

Regressamos aos balneários para nos vestirmos. Eu e o Beck não nos damos ao trabalho de tomar banho, uma vez que vamos diretos para casa. Depois, voltamos a encontrar-nos no exterior e dirigimo-nos aos carros. O parque de estacionamento está iluminado por vários holofotes, por isso, é fácil ver os olhos cinzento-ardósia da Gigi a brilhar de gratidão.

— Obrigada por isto — diz-nos aos dois, embora o seu olhar recaia sobre mim. — Repetimos? Talvez para a semana?

— Parece-me bem — digo, com brusquidão.

— O que é que fazes este fim de semana? — pergunta-lhe o Beckett.

— Ainda não sei. Porquê?

— Convidámos pessoal para ir lá a casa na sexta. Podias passar por lá.

Lanço-lhe um olhar, que ele retribui com um piscar de olho. Sei o que está a congeminar. O Beckett é transparente como o vidro. Sobretudo porque nunca tenta ocultar as suas intenções.

Mas a Gigi continua a olhar para mim. Contemplando. Depois, encolhe os ombros e diz «Talvez», antes de entrar no carro e arrancar.

CAPÍTULO 17

GIGI

Queres que pare?

— Acho que devíamos ir — anuncia a Mya na sexta-feira à noite.

As suas pernas nuas estão pousadas sobre a mesa de centro e ela agita os dedos dos pés para secar as unhas. Acabou de pintá-las com um rosa-claro que combina incrivelmente com o seu tom de pele. Sou demasiado pálida para ficar bem com aquela tonalidade. Fico melhor com cores mais escuras, como a minha mãe.

— À festa do inimigo — digo, hesitante.

— Bem, são teus inimigos, não meus. E apetece-me ir a uma festa. Estou a morrer de tédio. E tu estás cheia de tesão. Bora.

— Eu não estou cheia de tesão — digo, furiosamente.

— Mentirosa. Estavas precisamente a falar sobre isso comigo e com a Diana quando ela veio cá no outro dia. Só posso assumir que o teu défice de sexo só tenha piorado desde então.

Lanço-lhe um olhar furioso.

Ela ergue uma sobancelha desenhada na perfeição.

— Sim, piorou — resmungo.

De tal modo que fiquei excitada há duas noites quando o Beckett Dunne gozou comigo sobre preservativos e *ménages à trois*. Só de me lembrar sinto um formigueiro no meio das pernas.

— Já alguma vez experimentaste um *ménage à trois*?

Ela desata a rir.

— Uau, alguém está *mesmo* a precisar de sexo. Agora precisas de duas pilas? Uma não é suficiente?

— Fogo, não é nada disso. O amigo do Ryder estava a picar-me com isso no outro dia. Estou só a perguntar. — Semicerro os olhos. — Já experimentaste?

— Não, não experimentei — responde. — Lembras-te daquela rapariga com quem eu andava no primeiro ano? A Laura? Ela gostava dessas merdas. Cenas de grupo, *ménages*. Estava sempre a tentar convencer-me a criar um perfil para nós numa aplicação chamada

Kink. Mas, sei lá, sou miúda de uma pessoa só. Preciso de intimidade. Não sei como poderá haver qualquer tipo de intimidade com mais de duas pessoas envolvidas.

— Também não sei.

— OK. Tomei uma decisão executiva. Vamos à festa. — Levanta-se.

— Preciso de arranjar o cabelo. Vai vestir qualquer coisa sexy para seduzir o inimigo.

Rio-me à socapa ao entrar no meu quarto. Não estou a planear seduzir ninguém, mas escolho uma roupa que é... mais provocadora do que o habitual. Visto uma saia preta que mal me cobre a parte inferior das coxas e um top cinzento curto e canelado sem sutiã. Penso em como irei sentir-me com toda a gente a poder ver o contorno dos meus mamilos durante toda a noite, mas decido arriscar.

A caminho de Hastings, a nossa cantoria a plenos pulmões de uma canção foleira dos anos oitenta é interrompida por um telefonema do meu pai.

— Olá, pai — cumprimento. — Estás em alta-voz, por isso, não digas nada que me envergonhe à frente da Mya.

— Vou tentar — promete.

— Olá, Sr. G — chilreia ela.

— Olá, Mya. — A mim, diz: — Estou só a ligar porque me ligaste há bocado, Stan.

— Ah, não era nada de importante. Era só para pôr a conversa em dia.

— Tens treinado muito esta semana?

— Nem fazes ideia. O tio Logan deixou-me usar o rinque à noite para eu poder treinar as minhas dificuldades atrás da baliza. — Faço uma pausa, adotando um tom indiferente. — O Ryder tem sido uma grande ajuda.

A Mya esboça um sorriso rasgado. Ela sabe do meu acordo com o Ryder.

O meu pai fica compreensivelmente desconfiado.

— Continuo sem perceber porque é que lhe pediste a ele e não ao Case.

Disse-me a mesma coisa no início da semana quando mencionei o nome do Ryder pela primeira vez. Até agora, a Operação Boa Impressão não está a ter muito êxito.

— Porque ele joga melhor do que o Case — respondo.

E estou a ser honesta. O Case é um excelente jogador de hóquei, sem dúvida. Ele e o Ryder têm estatísticas semelhantes; foram ambos selecionados pela NHL. Mas o Ryder tem um instinto natural para o jogo que o Case não tem.

— Ele tem uma intuição incrível — digo. — É uma maravilha vê-lo jogar.

Ao meu lado, a Mya faz-me sinal para eu ser mais subtil.

Boa ideia. Estava prestes a dizer qualquer coisa sobre como ele seria uma mais-valia para o programa do Reis do Hóquei, mas decido guardá-la para a próxima conversa. Não posso ser demasiado direta.

— Bem, e em que sarilhos é que as meninas se vão meter esta noite? — pergunta o meu pai.

— Vamos sair com uns amigos — digo, mantendo a resposta vaga.

Despedimo-nos quando paro em frente à casa do Ryder. Estaciono e olho apreensiva para o fundo da rua. Espero que não se repita o que aconteceu no fim de semana passado, sendo a Briar, desta vez, a interromper a festa.

A música está tão alta que se ouve da rua. Toco à campainha, mas sei que é inútil. Ninguém irá ouvir. Porém, nesse momento, a porta da frente abre-se e saem duas raparigas a rir. Cumprimentam-nos com aquela alegria pura e desenfreada das pessoas inebriadas.

— Olá! — exclama a primeira rapariga. — Oh, meu Deus, vocês estão tão bonitas!

— Deslumbrantes — exclama a outra.

As miúdas bêbedas fazem os melhores elogios.

— Vocês são umas queridas — digo às desconhecidas.

Elas descem as escadas do alpendre e cambaleiam até um Uber, que está à espera delas, atirando-se para o banco de trás.

Eu e a Mya encolhemos os ombros e entramos na casa. A música parece ainda mais ensurdecadora, uma faixa de *hip-hop* que faz mexer as ancas quer queiramos quer não. Espreito para a sala e vejo o Beckett. Está na galhofa com um grupo de tipos da Eastwood que reconheço da festa do Miller. Ainda não fixei grande parte dos seus nomes. Várias universitárias rodeiam o grupo, vestindo saias curtas e camisolas da *Delta Nu*.

A Mya reconhece uma delas.

— Kate? — grita, animadamente.

— Mya. — A rapariga gira de cabelo preto separa-se do grupo e aproxima-se.

— O que estás aqui a fazer? — exclama a Mya. — Pensava que tinhas ido para a LSU.

— E fui. Vim passar o fim de semana a casa.

A julgar pelo olhar aceso que as duas trocam, deduzo que se conheçam bastante bem.

— Ia buscar mais uma bebida — diz a Kate, erguendo um copo vermelho vazio. — Queres beber alguma coisa?

— Claro que sim.

A Kate pega-lhe na mão, e a mão livre da Mya puxa a minha. Mas sou intercetada pelo Beckett, que avança na minha direção com uma t-shirt justa e calças cargo. O seu cabelo louro está habilmente

despenteado.

— Vão. Já vou ter convosco à cozinha — digo às meninas.

— Vieste — diz o Beckett, ao chegar ao pé de mim. Acena com a cabeça em aprovação.

— Sim. Aqui estou eu.

— Estás... mesmo gira. — Tenho a certeza de que reparou no contorno dos meus mamilos, mas o seu olhar não se demora aí, fixando-se antes no meu abdómen.

— Foda-se — geme, com os olhos vidrados.

— O que foi?

— Esses abdominais.

— Estás com ciúmes? — pergunto, presunçosa.

— Ná. — Ele levanta o canto inferior da t-shirt para mostrar os seus abdominais bem definidos. São, na boa, uns doze. Meu Deus. — Não sei. Os meus também são bastante incríveis.

— São razoáveis.

O Shane Lindley aparece no corredor com uma lata de cerveja na mão. Parece surpreendido, mas satisfeito por me ver.

— Olá — diz, pondo-me um braço à volta do ombro. — Como é que conseguiram convencer-te a vires até território inimigo?

— Não foi preciso convencer-me. Estava entediada e decidi fazer-vos um favor a todos agradecendo-vos com a minha presença.

Ele ri-se.

— É uma honra.

O Beckett toca-me levemente no ombro.

— Queres beber alguma coisa?

— Beck, como é que se muda esta *playlist*? — pergunta alguém na sala.

— Espera uma beca — diz-me ele, piscando o olho e tocando com a ponta da língua levemente no lábio superior. É meio sexy.

Por falar em sexy, a minha visão periférica capta o Ryder a descer as escadas à nossa direita. Ao ver-me, a sua boca contorce-se um pouco.

— Gisele — diz ele.

— Ryder — respondo.

Ele aproxima-se, parecendo gigantesco ao meu lado, como sempre. Tenho uma altura média para uma mulher, mas, ao lado do Luke Ryder, sinto-me absolutamente minúscula.

— Quanto é que medes? — pergunto, curiosa, esticando o pescoço para olhar para ele.

— Um metro e noventa e cinco.

Bolas, é um monstro. Chega a ser uns centímetros mais alto do que o meu pai.

Sinto um ligeiro arrepio, embora suponha que não seja a primeira

rapariga a ter um fraquinho por tipos altos e bem constituídos. Calma. Não estou a dizer que tenho um fraquinho por este tipo em particular. Estou a falar do tipo de corpo em geral.

Certo, porque este não te afeta minimamente, atormenta-me a voz na minha cabeça.

Como de costume, o Ryder não tenta preencher o silêncio.

Mudo um pouco de posição e digo:

— Meu, custa-te muito fazer um bocadinho de conversa?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Diz a pessoa que começou a conversa com uma estimulante pergunta sobre a minha altura.

— Estou só a dizer que podias fazer um esforço. Sabes: *Olá, Gigi, como foi o teu dia? Tens planos para o fim de semana?*

— Como foi o teu dia? Tens planos para o fim de semana?

— Uau. Isso é que é entusiasmo.

— Tu é que me disseste o que dizer. Quão entusiasmado posso parecer se não estou a ser espontâneo?

— Está bem. Então, sê espontâneo.

Ele olha para mim com um olhar ardente, percorrendo o meu corpo antes de os seus olhos azul-escuros voltarem a encarar o meu rosto.

— Gosto desse top.

Não estava nada à espera do elogio, pelo que fico genuinamente surpreendida.

— Oh — sai-me. — Obrigada.

— Uau — diz o Shane. Apercebo-me de que me esqueci completamente da sua presença. — Isto é — ele move a cabeça entre nós — fascinante.

— O quê? — Estou confusa.

O Shane acena com a cabeça na direção do Ryder.

— Nunca o ouvi dizer tantas palavras de uma vez. E, ainda por cima, rematá-las com um elogio? Drogaste-o?

— Vai-te lixar — resmunga o Ryder.

Subitamente, a sua atenção muda. Um sentimento que não consigo discernir atravessa-lhe o olhar. Depois, diz:

— Com licença. — A sua voz está tensa.

Ele dirige-se à porta da rua. As pessoas afastam-se ligeiramente e é então que vislumbro a mulher que acabou de entrar. É bonita. Alta e elegante, de calças de ganga justas e um corpete com um decote generoso. Os caracóis pretos caem-lhe sobre os ombros.

Um brilho desesperado ilumina-lhe o olhar antes de ela se erguer em bicos de pés e sussurrar freneticamente ao ouvido do Ryder. Ele põe-lhe a mão ao fundo das costas e condu-la até ao alpendre, onde há menos barulho.

Hum, está bem.

O Beckett regressa.

— Desculpa lá. Bora buscar uma bebida para ti. Onde foi o Ryder?

Com um sorriso rasgado, o Shane aponta na direção do alpendre. Pela porta aberta, vejo o Ryder e a rapariga a falar.

O Beckett olha para eles e revira os olhos.

— Quem é aquela com o Ryder? — pergunto, tentando não parecer demasiado ansiosa pela resposta.

O sorriso cúmplice do Shane diz-me que percebe quão desesperadamente quero saber a resposta.

— Carma.

Franzo a testa.

— Não estou a perceber. Ele fez qualquer coisa para merecer qualquer coisa?

— Não, é o nome dela.

— Carma, com «C» — explica o Beckett. — Estás à vontade para fazer uma piada hilariante sobre o destino.

Obrigo-me a desviar o olhar do Ryder.

— É a namorada dele?

O Beckett encolhe os ombros.

— É nossa vizinha. Eles enrolaram-se uma vez, mas achei que tinha acabado. Quem sabe.

Tento ignorar o nó que sinto no estômago. Parece que o Ryder não está disponível.

Por algum motivo desagradável, que não me apetece analisar, sinto-me mais dececionada do que devia.

Na cozinha, a Mya e a Kate estão junto à bancada, muito próximas uma da outra. Com a mão no braço da Mya, a Kate sussurra-lhe algo ao ouvido. A Mya reage com uma risadinha.

Quando as apresento ao Beckett, reparo no olhar de aprovação da Mya. Sim. Ele é giro que dói, não há dúvida. E o tipo de homem que não precisa de se esforçar muito para ser sexy. Uma t-shirt branca e aquela cara. Não é preciso mais nada.

O Beckett faz sinal para a fileira de garrafas sobre a mesa da cozinha.

— O que é que te apetece? Posso misturar-te qualquer coisa doce se te apetecer um *cocktail*.

— Honestamente, sou a consumidora mais aborrecida de sempre no que toca à bebida.

— Confirmo — diz a Mya.

— Ah, sim? De que é que gostas?

Suspiro.

— *Whisky* com soda.

— Interessante. És uma mulher de negócios de 50 anos no bar do

aeroporto?

— Eu sei, eu sei, mas foi a primeira bebida que experimentei com o meu pai — admito. — E gostei bastante. Ou isso, ou uma cerveja.

— Bem, acho que não temos *whisky*, portanto terá de ser a cerveja.

O Beckett dirige-se à enorme geleira que está em cima da mesa, na ponta oposta da cozinha, de onde tira duas garrafas de cerveja. Passa-me uma. Brindamos.

— À nossa — diz.

Outras pessoas aproximam-se de nós. Dois tipos do segundo ano, chamados Patrick e Nazem, e um outro chamado Nick, com uma daquelas caras que diz «não te aproximes de mim, caralho». Mas a Darby, a sua namorada, atenua a sua atitude com um sorriso contagiante e falando pelos cotovelos. Parece fixe.

O Patrick pega noutra cerveja e abre-a.

— OK — diz, olhando para mim. Tem os olhos brilhantes, quer de entusiasmo, quer do álcool. Mas é giro. — Estás pronta, Graham?

— Para quê?

— Para uma experiência mental que irá deixar-te boquiaberta.

— Oh, não — suspira a Darby.

Dou um gole na cerveja.

— Está bem, alinho. Chuta.

O Patrick salta para cima da bancada, sentando-se com as longas pernas penduradas.

— É um dia normal. Uma tarde de sol normal. Estás na rua, a tratar de cenas, não interessa. Quantas corujas precisarias de ver até ficares preocupada?

— Ora aí está uma excelente questão.

O Beckett ri-se, mas a Darby vira-se para mim com olhos suplicantes.

— Por favor, não alimentes a parvoíce deles.

— Porquê? Objetivamente, é uma ótima pergunta.

— Estou só a dizer. Não devias encorajá-los, miúda.

— Mesmo — diz o Nick, acenando com a cabeça seriamente.

— Deixa a rapariga — protesta o Patrick. Virando-se para mim, incita. — Então? Quantas?

— Estou na cidade ou numa zona rural no meio do nada?

— Estás aqui. Em Hastings.

Levo a garrafa aos lábios, considerando seriamente o assunto.

— Três — respondo, finalmente.

O Nazem, que me disse para lhe chamar Naz ou Nazzy, espeta um dedo no ar.

— Justifica-te.

Dou outro gole.

— OK, bem, se eu vir uma coruja, fico tipo: *Ah, fixe, uma coruja*

durante o dia. Duas corujas e penso: *Isto é um bocado estranho; não é costume ver corujas por aqui e já vi duas? Bizarro.* Depois, ao ver a terceira coruja, já fico com os pelos eriçados. Agora é um mau presságio e já não estou a gostar.

A Mya assente com a cabeça, concordando.

— Eu teria dito quatro, mas o raciocínio é o mesmo.

— E tu? — pergunto ao Patrick.

— Sete.

— Sete! — exclamo. — Se eu visse sete corujas no mesmo dia, fazia as malas e conduzia até ao México.

Falamos mais um pouco sobre coisas estúpidas até alguém começar um jogo de *beer pong* no jardim e todos, menos o Beckett, irem lá para fora. Posso estar a divertir-me com o inimigo, mas apercebo-me de que estou realmente a passar um bom bocado. Ainda bem que a Mya me arrastou para fora de casa esta noite.

No fundo da minha mente, pergunto-me o que estará o Ryder a fazer. Já passou algum tempo desde que a sua «vizinha» apareceu. Talvez tenham ido lá para cima. Não me incomoda. Porque haveria de incomodar-me?

Do outro lado da ombreira larga que dá para a sala, vejo a Mya e a Kate na pista de dança improvisada, criada quando alguém decidiu arredar a mesa de centro e os cadeirões. O *hip-hop* que estava a tocar antes foi substituído por um *R&B* sedutor. O tipo de música de que a Mya gosta. Ela move o corpo de forma sensual ao ritmo da música, usando o corpo esguio da Kate como varão de *strip*. Seguramente, esta noite aquelas duas irão acabar outra vez na cama.

O Beckett segue o meu olhar.

— Queres dançar?

— Não, estou bem aqui.

— Graças a Deus. Odeio dançar.

Não consigo evitar rir-me.

— Então, porque perguntaste?

— Pareceu-me a forma menos manhosa de dizer que quero sentir o teu corpo contra o meu.

Ele pisca o olho e o meu coração sobressalta-se.

Não tenho medo do que ele me provoca no coração. Trata-se de uma cambalhota normal e não do grupo inteiro de ginastas desencadeado pelo Luke Ryder na gala dos patrocinadores na semana passada. Não é suposto o coração fazer tanta ginástica por causa de um homem. Demasiada ansiedade não é saudável.

É paixão, sussurra uma vozinha no meu cérebro. *Não é ansiedade.*

É ansiedade, digo a mim mesma com firmeza.

E o Beckett Dunne não me deixa ansiosa.

— Estás a pensar demasiado — goza ele.

— É um mau hábito. — Olho-o nos olhos. São de uma tonalidade cinzenta muito mais clara do que a minha. — Talvez pudesses ajudar-me a deixar de pensar.

Os seus lábios curvam-se.

— Hum. E como é suposto fazer isso?

— Pareces-me ser um tipo criativo. Arranja uma solução criativa.

Os seus olhos prateados cintilam meio segundo antes de ele me acariciar o rosto. Não estou bêbeda o suficiente para fazer isto. Na verdade, estou suficientemente sóbria para perceber que talvez seja uma péssima ideia.

— Beck, arranja aí mais copos — grita o Shane do exterior da casa.

— Este idiota pisou para aí uns quatro.

— Foi sem querer — ouço o Patrick protestar.

A interrupção permite-me recuperar as hormonas e o bom senso.

O Beckett baixa a mão, com um sorriso triste aflorando-lhe aos lábios.

— Volto já.

— Na verdade, o *timing* foi perfeito — digo, enquanto o vejo tirar uns copos vermelhos da pilha em cima da mesa. — Preciso de ir fazer chichi.

— Usa a casa de banho lá de cima — sugere.

— Tens a certeza?

— Iá. Vira à esquerda ao cimo das escadas, ao fundo do corredor. É minha e do Ryder.

— Obrigada.

Pouso a garrafa vazia na bancada e subo as escadas. A música aqui não está tão alta. Agradeço o descanso, uma vez que estou a precisar de arejar as ideias. Chego à porta da casa de banho ao mesmo tempo que a porta em frente se abre e uma rapariga morena sai do quarto.

— Oh, desculpa — exclama, depois de esbarrar comigo.

Afastamo-nos com risos desconfortáveis.

— Tranquilo — digo.

Fico ligeiramente tensa ao perceber que se trata da Carma. Eu tinha razão. Sempre foram para o andar de cima. Resisto à vontade de espreitar para dentro do quarto para ver se o Ryder ainda lá está. Imagino-o a ajeitar a camisa. A apertar as calças.

Ela repara na minha expressão desconfiada e acrescenta rapidamente:

— Não te preocupes, tenho autorização para estar aqui. Deixei o meu colar no quarto do Ryder da última vez que cá estive, vim só buscá-lo. — Ela mostra-me um colar de prata com uma pequena cruz pendurada. — Bem... boa noite.

— Boa noite — murmuro.

Fico a vê-la ir-se embora, tentando afastar a sensação de

formigueiro que me belisca o estômago enquanto me enfiio na casa de banho para fazer chichi. Ao lavar as mãos, olho para o meu reflexo no espelho. Pergunto-me se devia ter posto mais maquilhagem. Pus apenas um pouco de corretor e *gloss* nos lábios. Pareço estupidamente simples comparada com a mulher que vi no corredor.

Ao mesmo tempo, não posso estar *assim* tão mal, tendo em conta que o Beckett tem estado toda a noite a comer-me com os olhos. Sinto um aperto no meio das pernas perante a ideia de fazermos mais do que comer-nos com os olhos. Fogo, um orgasmo seria bom. Fazê-lo sozinha sabe bem, mas, às vezes, uma mulher precisa de uma boa foda.

Quando saio da casa de banho, o Beckett está encostado à parede, à minha espera.

— Olá — diz. — Pensei que pudesses estar perdida.

— Não. — Aliso o cabelo, prendendo-o atrás das orelhas. É raro usar o cabelo solto. Costumo apanhá-lo numa trança.

Nenhum de nós faz um movimento na direção das escadas. O olhar do Beckett faz uma análise minuciosa do meu corpo, desta vez demorando-se no meu peito sem sutiã e não na minha barriga.

— Estás mesmo gira. Acho que não consigo enfatizá-lo o suficiente.

— Estás a atirar-te a mim?

— Estou. Queres que pare?

Abano lentamente a cabeça.

— Não.

Ele aproxima-se de mim. De olhos cinzentos dançantes. É esse género de homem. Dá para perceber. Sempre pronto para a diversão. Para a brincadeira. Para uma queca.

— Há qualquer coisa em ti — diz, com uma voz grave, rouca.

— Isso é uma frase de engate?

— Não. Eu não uso frases de engate. Eu digo o que me vai na cabeça. E há qualquer coisa em ti que faz com que um homem... — Ele detém-se, pensativo.

— Faz com que um homem o quê?

— Fique baralhado das ideias. — Sorri. — Eu olho-te nos olhos e fico meio perdido neles. — Agora parece um pouco envergonhado. — Eu sei que soa a frase de engate, mas juro-te que é verdade...

Antes de ele conseguir terminar, ponho-me em bicos de pés e beijo-o.

Ele sobressalta-se. Depois, sinto os seus lábios curvarem-se num sorriso contra a minha boca.

— Desculpa — balbucio, corando de vergonha. — Devia ter perguntado primeiro. Não faz mal?

Ele responde beijando-me novamente.

Quando dou por mim, estou encostada à parede com as mãos em

torno do seu pescoço, a sua língua na minha boca. Ele beija bem.

Sinto um arrepio dançar-me no corpo ao perceber que ele está com tesão. Sinto-o contra a minha perna. E sinto-me a derreter nas suas mãos. A começar a gostar da ideia de deixar de me preocupar e a permitir-me sentir bem. Se a ideia é enrolar-me com alguém esta noite, o Beckett parece-me o candidato perfeito. Alguém que não esperará outra coisa nem quererá mais de mim.

A sua língua volta a tocar na minha e, de repente, ouço alguém a pigarrear alto.

Afastamo-nos. A minha pulsação acelera ao ver o Ryder ao cimo das escadas.

— Desculpem interromper. — Ele profere as palavras lentamente, mas a sua voz é cortante. — Temos um pequeno problema.

O Beckett olha por cima do ombro, mas o Ryder está a olhar para mim, não para ele.

— O teu namorado está lá em baixo.

CAPÍTULO 18

RYDER

Eu não sou ciumento

— Onde raio é que ela está?

Vendo-me descer as escadas, a expressão do Colson é ameaçadora. Dá para perceber que «chateado» não é o seu estado natural. Parece um escuteiro. O Sr. Bonzinho, sempre a sorrir e a aceitar tudo pacificamente. Porém, agora, o seu maxilar está mais tenso do que a pele de um tambor. Poucos minutos depois de me despedir da Carma, ele fez um escarcéu à entrada. Com o seu lacaio a reboque, claro. Assim que irromperam pela casa adentro, o rosto corado e os punhos cerrados do Trager imploraram ao Case que o deixasse soltar a sua fúria sobre o mundo, mas o Colson manteve o amigo sob controlo.

Agora, parecem ambos prestes a explodir.

— Eu disse-te que ia chamá-la — respondo com indiferença.

Aceno com a cabeça por cima do ombro. A Gigi desce rapidamente as escadas atrás de mim.

O olhar do Colson inunda-se de alívio ao vê-la. Depois, repara que o Beckett vem atrás dela.

— Mas o que é isto? Estavas lá em cima com ele? — rosna.

— Fui à casa de banho — diz a Gigi.

A mentira sai-lhe facilmente da boca, mas ambos sabemos que não era isso que ela estava a fazer lá em cima.

Não consigo explicar a descarga de... qualquer coisa... que me atravessa ao pensar no momento em que a vi com o Beckett encostada à parede.

Foda-se.

Acho que podem ser ciúmes.

Esta miúda começa a afetar-me. Não estou a gostar.

— Que raio estás aqui a fazer? — O Case destila desaprovação. — Porque é que estás com estes gajos?

— Fomos convidadas para uma festa — responde ela, encolhendo os ombros. Imperturbada pela visível insatisfação dele.

— Fomos quem?

— Eu e a Mya. O que é que *tu* estás a fazer aqui?

— Estávamos a voltar do Malone's e vi o teu carro na rua. Primeiro, foi tipo: *Não, é impossível a Gigi estar aqui.* — A amargura endurece-lhe a voz. — E, no entanto, aqui estás tu.

O Trager manifesta-se de forma arrogante.

— Estes otários torceram o pulso ao Coffey, G — relembra.

— Ei, isso foi culpa tua — diz o Shane ao Trager, revirando os olhos. — Atiraste o teu amigo para cima de uma mesa. Não tentes responsabilizar-nos por isso.

— Quem começou foi o teu amigo Hawley!

Deixo de ouvi-los. O Colson também, uma vez que está demasiado ocupado a fazer má cara à Gigi.

— Vai buscar a Mya — ordena ele. — Vamos embora.

Ela parece querer discutir. Mas, depois, solta um suspiro irritado e rende-se.

— Dá-me um segundo.

Lança-se na direção da cozinha. Felizmente, a música começa outra vez a tocar, abafando o paleio que vem da boca do Trager. Este bacano é tão anormal.

Enquanto esperamos pela Gigi, o Colson mantém a atenção fixa em mim. O seu olhar está furioso, como se fosse eu o responsável por isto.

Como sempre, a pila do Beckett põe-nos em sarilhos. A única coisa que me surpreende é a Gigi Graham ter ido na cantiga. Não me parece ser o tipo de pessoa que gosta de sexo casual com mulherengos.

Começo a sentir a minha disposição a ficar mais pesada, e já estava bastante pesada antes de o Colson decidir irromper pela minha casa adentro. Começou por volta da hora em que a Carma também decidiu aparecer sem avisar, alegando que se esquecera do colar da última vez que cá estivera. Tanto quanto sei, podia ter trazido aquilo no bolso. Sei que sou um palerma desconfiado, mas tenho tendência a pecar pelo lado do cinismo. Esperar o pior, para depois ficar agradavelmente surpreendido ao perceber que estou errado. O que raramente acontece.

Talvez não seja a forma mais saudável de viver a vida, mas é assim que sou desde os 6 anos. Poupou-me a muitos desgostos na vida.

A Gigi regressa passado um minuto.

— A Mya quer ficar — diz, secamente. — A Kate depois leva-a a casa.

— Vamos embora. — O tom do Case não permite discussão. Duro e inflexível.

Quando o Case vira costas, ela olha para o Beckett por cima do ombro e articula em silêncio: *Desculpa.*

O Beckett limita-se a encolher os ombros e a sorrir.

Ainda em alerta, caminho com firmeza até à porta da rua e ali fico, observando-os a descer até à rua. O Trager vai a teclar no telemóvel. O Colson fala em voz baixa com a Gigi, que parece irritada com ele. Param em frente ao SUV dela.

Sinto alguma satisfação quando o Colson tenta abrir a porta do passageiro e ela levanta a mão, pedindo-lhe claramente que não entre.

Em poucos segundos, a Gigi liga o motor e arranca. As luzes traseiras do carro piscam.

O Colson fica no passeio. Como se sentisse a minha presença, os seus ombros retesam-se e ele vira-se para me fuzilar com o olhar. Reviro os olhos. Ele dá meia-volta e afasta-se rua abaixo. Para casa, suponho.

Mais uma visita amigável do meu cocapitão num espírito de boa vizinhança.

— Isto foi giro — comenta o Beckett, pondo-se ao meu lado no alpendre.

Abano a cabeça.

— Estás a querer hostilizá-los intencionalmente? Vá lá, puto. De todas as miúdas com quem podias enrolar-te.

— Tu é que estás a dar-lhe aulas privadas, amigo. Não me dês sermões sobre enrolanços.

Isto só me irrita mais.

— Só estou a dizer para teres mais cuidado da próxima vez. E se ele tivesse ido lá acima? Estavas a cinco segundos de pinar com ela no corredor se eu não tivesse interrompido.

O Beckett pestaneja, desatando a rir.

— Ah. Estou a ver.

— O quê? — resmungo.

— Quando disseste que não estavas interessado... era Dia das Mentiras. Já percebi.

Sinto-me demasiado tenso e instável para responder. Limito-me a fazer um esgar.

O Beckett dá-me uma palmada no ombro, ainda a rir.

— Tudo bem, amigo. Eu afasto-me.

Quero dizer-lhe que não é preciso, que pode fazer o que lhe apetecer com quem lhe apetecer. Porém, essas palavras, a luz verde para ir atrás da Gigi, não querem sair-me da boca.

*

No final do fim de semana, toda a equipa recebe um e-mail geral a dizer que tem de ficar mais uma hora depois do treino na segunda-feira de manhã.

A guru das RP, Christie Delmont, ataca de novo.

Os detalhes são vagos, mas, por outro lado, o Jensen também assinou o e-mail e ele tem um problema com palavras, portanto...

Eu e o Shane saímos dos respetivos chuveiros com as toalhas enroladas à cintura. As instalações da Briar são uma melhoria significativa em relação às da Eastwood. Em primeiro lugar, o cheiro. No sentido em que praticamente não existe, graças ao imbatível sistema de filtração do ar da Briar. Na Eastwood, sempre que entrávamos nos balneários, era como se entrássemos numa fábrica de meias velhas. Os bancos deixavam-nos farpas no rabo e os chuveiros eram bolorentos. Se nos esquecêssemos de chinelos para o banho, o pé de atleta era a menor das nossas preocupações. Arriscávamos ter de amputar os pés por causa de uma doença que nos consumisse a carne.

— Estou só a dizer — diz o Shane, enquanto nos encaminhamos para o balneário principal para nos vestirmos. — Estou tão farto de miúdas que me pedem fotos da pila. — Ele suspira de exaustão. — Dá muito trabalho tirar aquelas fotos todas.

— Sei que é uma ideia radical, mas, se calhar, basta tirares uma e mandares sempre a mesma? — sugere o Beckett.

— Ah. Olha o preguiçoso. Isso é ir pelo caminho mais fácil. — O Shane senta-se no banco para calçar as meias. — As mulheres precisam de se sentir especiais. Se me pedem uma foto da pila, vão receber uma foto personalizada, tirada só para si.

— Tirada só para si? — repete o Nick Lattimore. — Puto, o que é que andas a fazer? A criar cenas especiais que correspondam à personalidade de cada miúda? Se elas gostarem de flores silvestres, posas num prado?

O Rand parte-se a rir, batendo no joelho.

— Puseste-lhe um *tutu* cor-de-rosa pequenino para a foto da Lynsey?

A ex do Shane era bailarina e todos desatam a rir, imaginando as descrições do Nick e do Rand. Reparo nuns tipos da Briar a tentar disfarçar o riso. Pelo menos, até o seu destemido líder Colson olhar para eles com cara de poucos amigos.

A parte racional do meu cérebro reconhece que isto é pouco saudável numa equipa, estas linhas divisórias que não parecem estar a desvanecer.

Mas a parte que odeia a imposição deste papel de líder não tem paciência para tentar resolver isto.

Depois de calçar os sapatos, tiro o telemóvel do cacifo e verifico se tenho alguma mensagem. Os meus ombros ficam tensos ao ver uma mensagem da Gigi.

GISELE:

Podemos combinar uma sessão amanhã à noite?

Sei o que ela quer dizer, mas não consigo evitar a forma como o meu pénis estremece. Ele é caprichoso e já cá anda há tempo suficiente para saber que *sessão* pode referir-se a muitas outras coisas. Coisas indecentes.

Teclo rapidamente uma resposta. O Colson está a pouco mais de meio metro, junto ao seu cacifo. Depois da forma como arrastou a Gigi da minha casa na sexta-feira à noite, não me apetece provocá-lo.

EU:

Sim. Mesmo sítio à mesma hora?

GISELE:

lá. Encontramo-nos lá.

Talvez isto não seja boa ideia. Porém, nunca me esqueço do nosso acordo, na esperança de que ela possa ajudar-me a conseguir aquele trabalho como treinador. Enfrentaria a ira do Colson todos os dias pela oportunidade de trabalhar com o Garrett Graham e o Jake Connelly.

Embora, para ser honesto, o Case Colson não seja a razão por que me sinto hesitante em voltar a ver a Gigi.

Está a tornar-se cada vez mais difícil convencer-me de que não quero fodê-la até ver estrelas.

Sinto uma volta no estômago quando entro no auditório e vejo duas dezenas de cadeiras dispostas em círculo em cima do palco. O treinador Jensen está no palco, acompanhado por um homem e uma mulher, com idades na casa dos 40, que parecem os pais enjoativos de uma série do Disney Channel. Contudo, são vagamente parecidos um com o outro, por isso, talvez sejam irmãos. Ambos vestem calças caqui e camisas de tons pastel a condizer, a dela verde, a dele cor-de-rosa, embora eu suspeite que lhe chamem salmão.

— Foda-se — murmura o Shane baixinho. — Isto parece...

— *Team building* — concluo, e juro que sinto um calafrio no corpo.

De vez em quando, os treinadores ficam com um bicho no cu. Esse bicho depois sobe até ao cérebro e põe um ovo que eclode sob a forma de ideia brilhante. Essa ideia brilhante leva-os a achar que as suas equipas poderiam beneficiar de experiências de camaradagem.

Passámos por isto na época passada, em Eastwood, quando contrataram um novo coordenador técnico que convenceu o treinador Evans de que seria uma ideia fabulosa desenvolver a camaradagem da equipa. Durante três dias fomos obrigados a jogar joguinhos estúpidos e a contorcer o corpo em diabólicos exercícios de nó humano.

Foi o meu pior pesadelo.

— Sentem-se — vocifera o Jensen.

Vejo pela forma como cada um dos rapazes sobe ao palco e se senta que sabem perfeitamente o que isto é. E ninguém está contente.

Depois de estarmos todos sentados, o treinador Jensen confirma os nossos receios.

— A Sra. Delmont, do departamento de relações-públicas, inscreveu-nos num curso de *team building* que irá acontecer todas as segundas-feiras durante as próximas seis semanas.

O Joe Kurth, o nosso guarda-redes, parece que vai vomitar. Inclina-se para a frente na cadeira e leva as mãos à cara.

— As relações-públicas são um flagelo da sociedade — murmura o Shane ao meu lado.

— Não há nada que eu mais odeie no mundo do que atividades de *team building* — continua o Jensen. — Dito isto, tenho ótimas notícias. Fui informado de que, pessoalmente, não sou obrigado a participar, portanto...

Pela primeira vez na vida, o Jensen está absolutamente radiante.

— Quero apresentar-vos o Sheldon e a Nance Laredo. Façam tudo o que eles pedirem ou serão expulsos da equipa. Vou deixar-vos à vontade.

Quase estou à espera de que ele ponha flores no cabelo e saia do palco aos pulos como uma menina. Vai a rir-se até à saída.

A Nance Laredo dá um passo em frente com um sorriso alegre, acenando vigorosamente.

— Estamos tão felizes por vos conhecer a todos!

Ficamos especados a olhar para ela, sem reação.

— Eu e o Sheldon ficámos a saber que há por aqui uns tolinhos que não sabem como unir a equipa. — Ela usa aquele tom melodioso reservado para cachorrinhos e crianças do infantário.

Já sei que vou odiá-la.

— E, caneco, isso é um grande obstáculo — intervém o Sheldon.

Pois. Vou odiá-lo a ele também.

Os meus colegas de equipa continuam especados a olhar para os robôs sorridentes de tons pastel. Esforçando-se para que isto faça sentido.

— Alguém. Por favor. Por favor, matem-me já — murmura o Rand Hawley. — Eu pago-vos.

Ouvem-se vários risos. E não só dos tipos da Eastwood.

O Patrick Armstrong levanta a mão para chamar a atenção dos robôs.

— Estão a ver? Não precisamos de unir a equipa! — Aponta para o Rand, depois para o Trager. — *Ele* riu-se da piada *dele*, e eles odeiam-se. Veem, não há nada a fazer aqui. Bora, pessoal.

Assim que o pessoal começa a levantar-se das cadeiras, os irmãos Disney transformam-se em sargentos de instrução. Ambos sopram nos

apitos que têm ao pescoço.

Encolho-me com o ruído estridente que atravessa o auditório e ecoa nas paredes.

— Como disse a Nance — diz o Sheldon depois de os nossos tímpanos recuperarem. — A universidade chamou-nos aqui porque há graves problemas no comportamento desta equipa.

— Graves problemas — repete a Nance.

— Houve uma pessoa que se lesionou por causa da hostilidade que vos rodeia — diz o Sheldon, com um tom castigador. — Não podemos deixar que essa hostilidade continue.

— Trata-se de uma sentença de morte — concorda a Nance.

— Bem, isso parece um pouco dramático — diz o Shane, sendo ignorado por ambos.

— A melhor maneira de ultrapassar esta tensão e animosidade é pararem de se comportar como inimigos e começarem a olhar uns para os outros como semelhantes.

— Semelhantes — repete a Nance, acenando com a cabeça e tomando o lugar do Sheldon. — Durante a próxima hora, é isso mesmo que vamos fazer. Estão todos prontos?

Ninguém está. Todos olham para ela com expressões mal-humoradas.

— A nossa primeira atividade chama-se «Nome e Cena». Vai buscar o saco de areia, Shel!

— Porque é que há sempre um saco de areia? — comenta o Beckett, com um suspiro.

O Sheldon dirige-se a uma grande caixa de plástico contendo horrores que espero nunca ter de ver. Tira de lá um saco de tecido cor-de-rosa e regressa ao círculo, passando-o de uma mão para a outra. Parece tão entusiasmado que, a dada altura, fico à espera de ver manchas de urina aparecerem-lhe na parte da frente das calças caqui.

— Não quero continuar a jogar hóquei — diz o Nazy com solenidade, olhando em volta. — Desisto da equipa.

A Nance ri-se.

— Sheldon! Parece que encontrámos o comediante do grupo.

— Parece que sim. — O Sheldon varre o olhar de robô satisfeito sobre nós. — Este jogo é tão fácil, que mal precisa de explicação. Mas funciona assim: quando o saco estiver nas vossas mãos, dizem o vosso nome e algo de que gostam. Quando acabarem, passam o saco a outra pessoa, até todas as pessoas da equipa terem dito o seu nome e a sua cena.

— E pode ser o que quiserem — exclama a Nance. — Pode ser massa. Pode ser sonhar acordado. Qualquer coisa, desde que seja algo de que gostem. Alguém tem dúvidas?

Uma pessoa levanta a mão. Um aluno do quarto ano que se chama

Tristan.

— Porque é que vocês estão tão alegres? Que tipo de drogas tomam? Aparecem nos testes *antidoping*?

Uma onda de riso atravessa o círculo.

A Nance aborda a pergunta com seriedade.

— Não posso falar pelo Sheldon, mas eu estou alegre porque sinto alegria. E sinto alegria porque adoro unir as pessoas. Aliás, passa-me o saco, Sheldon.

Ele atira-o para as suas mãos abertas.

— O meu nome é Nance. E gosto de unir as pessoas. Este é o meu nome. E esta é a minha cena.

Volta a atirar o saco para o Sheldon, que sorri para nós.

— O meu nome é Sheldon — diz ele. — E gosto de *cheesecake*.

— Veem como é fácil? — A Nance está a sorrir tanto que parece que o seu queixo vai partir-se em dois. — Muito bem, vamos começar.

O primeiro a apanhar o saco é um tipo da Briar. Boone Woodrow.

O Boone, que é aluno do segundo ano e um rapaz calado, aclara a voz.

— Hum. O meu nome é Boone, mas toda a gente me chama Woody.

— Ah, isto é ainda mais divertido do que imaginei — interrompe o Sheldon, acenando com a cabeça para a Nance. — Partilhem as vossas alcunhas se as tiverem, rapazes. Continua, Woody. Qual é a tua cena?

— Eu, hum... — O Woodrow pensa um pouco. — Gosto de hóquei.

Antes de ele conseguir arremessar o saco para outra pessoa do círculo, a Nance agita o dedo.

— Não, não, conseguimos melhor do que isso, Woody. Acho que é seguro assumir que todos aqui gostam de hóquei, porque estão todos nesta sala e todos fazem parte da equipa de hóquei.

— Já, Capitão Óbvio — goza o Tim Coffey.

O Woodrow revira os olhos.

— Está bem. Também gosto de basebol. Sou lançador da Briar na primavera. — Ele olha de relance para os robôs pastel para confirmar que passou no teste.

— Excelente — diz o Sheldon. — Para todos os outros, não permitimos mais respostas relacionadas com desporto.

— Oh, vai-te foder, Woody — murmura o Trager. — Ainda bem que açambarcaste a única resposta com desporto.

— Vamos tentar expandir os nossos horizontes. Aprofundar um pouco mais.

— Muito bem, Woody — chilreia a Nance. — Arremessa esse saco.

Ela devia ser presa por esta frase.

O Woodrow atira-o para o Austin Pope.

— O meu nome é Austin. — O caloiro fica a pensar durante um

instante. — Acho que gosto de videogogos. — Depois atira o saco para o Patrick Armstrong.

— Pois. Eu sou o Patrick, também conhecido por Miúdo do Kansas. Gosto de cães. — Ele atira o saco para o Shane.

— Shane Lindley. Gosto de golfe e não quero saber se disseram que não podíamos escolher desportos. Porque eu gosto de jogar golfe. — Atira o saco ao Beckett.

— Beckett Dunne. Gosto de sexo.

Ouve-se uma onda de risos abafados.

Por alguma razão, a sua resposta tem o efeito contrário em mim. Subitamente, vem-me à memória a língua do Beckett na boca da Gigi, e isto provoca-me um aperto no peito.

Fogo, eu não sou ciumento.

Não *percebo* os ciúmes. Ser ciumento implica gostar tanto de uma coisa a ponto de querê-la para mim, e gostar não é a minha praia.

— Vamos assumir que, como jogadores de hóquei americanos e viris, todos gostam de sexo — diz o Sheldon, graciosamente. — Escolhe outra coisa.

O Beckett comprime os lábios.

— Está bem. Gosto de viagens no tempo.

A Nance bate palmas.

— Bem, que interessante! Adorava saber mais. Não adoravam saber mais?

O Will Larsen olha de relance para o Beckett, curioso.

— Tipo, falar sobre isso? Teorizar?

— Tudo. Discutir o assunto, investigar teorias, ver filmes. Ficções e documentários...

— Não existem documentários sobre viagens no tempo, porque não são reais — resmunga o Shane, exasperado. — Quantas vezes é preciso repetir a mesma coisa?

— Enfim — diz o Beckett, ignorando o Shane. — É disso que gosto. De viagens no tempo.

Ele atira o saco para o Will.

— Will Larsen. Diria viagens no tempo, porque também me interessam. Mas, talvez, filmes de ficção científica? — Atira o saco ao Case.

— Case Colson — diz o nosso cocapitão. — Gosto de acampar.

Já sei que, a seguir, o saco virá para mim. O Colson até o lança com mais força, fazendo-o bater contra as minhas mãos.

— Luke Ryder — murmuro. — Gosto de documentários de história. Tipo, sobre a Segunda Guerra Mundial e isso.

— Psicopata — diz o Trager.

Reviro-lhe os olhos.

E assim continua a tortura, até todos terem dito o seu nome e um

disparate qualquer de que gostam. Depois, a Nance bate palmas e declara:

— Foi fantástico!

O Sheldon acena que sim, concordando ardentemente.

— O próximo exercício chama-se...

— Matem-me já — conclui o Trager, provocando algumas risadas.

Porém, rir não é suficiente. Sinceramente, não sei se esta equipa alguma vez irá dar-se bem. Como, se um dos seus cocapitães aparece na casa do outro capitão e arrasta a namorada dali para fora por ela se atrever a socializar connosco? Continuamos a ser inimigos do Colson e acho que sempre seremos.

Por isso, talvez seja melhor não mencionar que vou ver a sua ex outra vez amanhã à noite.

TRANSCRIÇÃO DO REIS DO HÓQUEI

DATA DE EMISSÃO: 23/09

© THE SPORTS BROADCAST CORPORATION

GARRETT GRAHAM: Saindo agora da liga profissional. A nossa produtora, a Zara, compilou alguns factos muito interessantes sobre a próxima época das equipas universitárias masculinas. Parece que há dez plantéis este ano com oito ou mais jogadores do primeiro ano. A honra de ter a equipa com mais caloiros pertence à St. Anthony's, mas a Minnesota State vem logo a seguir. Deverá ser interessante ver todos aqueles novatos a entrar em campo quando a época começar oficialmente.

JAKE CONNELLY: E os programas da Primeira Divisão têm mais de cento e oitenta jogadores preliminares da NHL este ano. Incrível.

GRAHAM: Mas, antes de aprofundarmos este assunto, uma mensagem do nosso patrocinador, a TRN. Não percam a nova programação de outono da TRN, incluindo *The Blessing*, um programa de encontros românticos em que são os pais a decidir. Parece-me algo que eu e o Jake podemos apoiar, certo, Connelly?

CONNELLY: Certíssimo, G.

GRAHAM: Não deixe de espreitar a TRN para acompanhar os seus *reality shows*. TRN. Toda a realidade. Toda a vida. A toda a hora.

CAPÍTULO 19

GIGI

O Beckett anda por aí

O semestre só começou há umas semanas e já tenho trabalho da faculdade a acumular-se, por isso, é complicado manter o calendário extracurricular. Na terça-feira, eu e o Ryder conseguimos marcar algum tempo privado no gelo em Munsen, às seis da tarde, enquanto o rinque está ainda aberto ao público.

Assim que pomos os pés no gelo, ele fica insuportável. Gostaria de dizer que está só a ser ele próprio, mas parece estar a insultar-me muito mais do que o costume. Quanto ao hóquei, está a fazer exatamente aquilo que pedi. Desafia-me, obrigando-me a melhorar a minha forma de jogar. Porém, a combinação das suas incessantes provocações e a sua interferência no meu espaço pessoal acabam por fazer com que me passe.

— Meu Deus, és tão arrogante! Podes parar com os comentários constantes?

Os seus olhos brilham.

— Se conseguires passar por mim, talvez eu pare.

— Isto é que é um treino de qualidade. *Sou maior do que tu e só deixo de ser um idiota em relação a isso se, de repente, cresceres uns bons centímetros e ganhares quarenta e cinco quilos de músculo.*

Recebo um sorriso pela observação.

— Estás a sorrir? — acuso.

E assim, subitamente, a minha irritação desaparece. Cada vez que consigo obter uma resposta normal e humana da parte do Ryder em vez dos olhares rabugentos que costuma lançar, aproveito para alimentar este delicado rebento.

— Não. — Ele olha para mim com um ar ameaçador.

— Estavas a sorrir, sim.

— Estás a imaginar coisas.

Ele vai buscar a sua garrafa de água, mas, antes, ouço-o a rir.

— E riste-te! — exclamo, deliciada, patinando atrás dele. — Vou

contar a toda a gente.

— Força. Ninguém vai acreditar em ti.

— Tenho câmaras escondidas por todo o rinque.

— Ah, sim? — Parece intrigado. — Isso quer dizer que o mundo irá ver-te implorar ajuda ao inimigo?

— Não estou a implorar. Temos um acordo.

O Ryder abre a tampa da garrafa.

— E quando vais cumprir a tua parte, exatamente?

— Já cumpri, espertalhão. Falei de ti quase todas as vezes em que ele me ligou. E vou a casa este fim de semana, por isso, irei elogiar-te ainda mais.

— Acho bem.

— E talvez faça uma videochamada antes do fim de semana. A elogiar o meu grande amigo Ryder a torto e a direito. E contar ao meu pai como costumamos ouvir o Dan Grebbs juntos...

— Não dês cabo da minha reputação dessa maneira.

— O meu pai gosta do *Horizontes* — digo, de forma sedutora.

O Ryder hesita.

Assobio.

— Estás a gozar? Serias capaz de fingir que gostas da minha meditação só para lhe dar graxa? És uma fraude. Não vou apoiar uma fraude.

Ele dá outra gargalhada.

— Meu Deus, duas gargalhadas em menos de cinco minutos.

O Ryder leva a garrafa de água aos lábios. Os meus olhos traçoeiros admiram-lhe a garganta robusta e a forma como se mexe quando ele bebe um grande gole de água.

Sei que não é da minha conta fazer a próxima pergunta, mas a minha estúpida curiosidade leva a melhor.

— Então, quem é essa vizinha com quem andas?

Ele baixa lentamente a garrafa e limpa um dos lados da boca.

— Eu não ando com ninguém.

— A sério? — Ergo uma sobrancelha. — Então porque é que aquela miúda, a Carma, anda a deixar joias no teu quarto?

Uma nuvem de irritação ensombra-lhe o rosto.

— Acho que me mentiu. O meu quarto é basicamente um grande espaço vazio; teria visto um colar se estivesse lá. — Ele encolhe os ombros. — Enrolámo-nos uma vez e eu disse-lhe que não estava interessado em repetir. Acho que ela só queria uma desculpa para voltar a ver-me.

— Uau. Que convencido.

— O quê?

— Achas mesmo que uma mulher ficaria tão devastada por teres acabado com ela a ponto de entrar no teu quarto às escondidas,

colocar um colar algures e depois fingir encontrá-lo? E se tivesses ido procurá-lo com ela?

— Aposto que teria arranjado maneira. Tirava-o do bolso quando eu não estava a ver e depois, como por magia, encontrava-o debaixo da cama, ou assim.

— Ou, espera, talvez *tivesse* caído quando ela esteve contigo e *estivesse* debaixo da cama.

— É como te digo, teria reparado.

— Se tu o dizes. — Reviro os olhos. — Adoro que penses que és tão bom na cama que uma mulher teria de recorrer a métodos extremos para reconquistar o teu pénis.

— Eu sou muito bom na cama.

Di-lo totalmente sério.

O meu coração acelera. Há algo de muito, muito sexy neste homem. Não admira que a Carma tenha tentado voltar.

Pouso a garrafa de água e finjo que o meu coração está a bater a um ritmo normal e não a precipitar-se a um ritmo vertiginoso.

— Bora fazer outro exercício? — Patino de volta para o centro do ringue, o ar frio refrescando o meu rosto subitamente quente.

— O Beckett anda por aí.

O comentário repentino faz-me parar a meio do movimento.

Viro-me para o encarar.

— O quê?

— Achei que devias saber. — O Ryder arrasta distraidamente o *stick* ao longo do gelo, patinando na minha direção. — Ele não é propriamente um homem de uma mulher só e tu não me pareces ser o tipo de rapariga que anda com vários homens.

Ergo o queixo em jeito de desafio.

— Quem diz que não sou? Talvez a minha cena seja o sexo casual e vários parceiros.

— És?

Após uma pausa, faço um som irritado e digo:

— Não.

Ele continua a avaliar-me e eu perco-me nos seus olhos durante um bocado. Não consigo perceber o que transmitem. Estão quase totalmente fechados, mas juro que, através daquele véu azul-escuro, consigo vislumbrar qualquer coisa. Não é bem paixão, mas...

Ele pestaneja e baixa a cabeça antes de eu conseguir resolver o mistério.

Posiciono-me num dos círculos do um para um. O Ryder põe-se em posição à minha frente, com o disco na mão. Continua a olhar para mim.

— Pronto, chega de conversa. Larga o disco, cabra.

Ele desata a rir.

— Chamaste-me cabra?

— Chamei. Estou a praticar os insultos. — Calo-me. — Espera. Acabei de me aperceber de que não posso dizer isto durante os jogos. Jamais chamaria cabra a outra rapariga, ainda que, secretamente, fosse essa a minha opinião. É tão depreciativo.

— Mas a *mim* podes?

— Sim, com bastante facilidade, na verdade. É preocupante.

Nos seus lábios espreita um sorriso relutante.

Aponto para ele com uma mão enluvada.

— Vá. Liberta esse sorriso. Eu sei que queres.

— Se não te calares, não largo o disco — provoca-me, largando-o na mesma, antes de eu estar preparada.

— Então?! — protesto.

O meu *stick* mal se move antes de ele se afastar a grande velocidade. Sigo-o, encurralando-o atrás da baliza como é suposto fazer. Num instante, estamos os dois a ofegar enquanto eu tento tirar-lhe o disco no espaço exíguo. Isto é mais cansativo do que qualquer dos meus treinos. Assim que saio de trás da tabela, começo logo a suar e a tentar recuperar o fôlego.

— Bom trabalho de pés — diz ele. — Bom trabalho de ancas.

— Trabalho de ancas.

— Sim, fizeste um movimento torcido fixe quando te viraste.

— Uau. Um elogio.

— Vamos outra vez?

Aceno que sim.

Mais tarde, no intervalo seguinte para beber água, ao discutirmos formas de distrair as defesas e a guarda-redes, ele fica mais animado do que é costume.

— Estás a ver, agora as defesas são obrigadas a tomar uma decisão. Quando livrar-se de ti e como fazê-lo. O teu objetivo é atraí-las para um dos lados da baliza, tentando criar uma abertura para uma jogada indireta. Queres que fiquem tão concentradas em livrar-se de ti que, assim que desviarem a atenção para as tuas colegas de equipa, seja tarde demais; elas já marcaram.

— Sou tão melhor em campo aberto — admito.

— Quem é que não é? Toda a gente prefere ter espaço para usar velocidade e precisão em vez de músculos e truques.

Elogio-o com relutância.

— És um bom treinador.

Ele encolhe os ombros.

— Estou a falar a sério. Serias uma verdadeira mais-valia para os rapazes do Reis do Hóquei se fosses treiná-los no próximo verão. E sim, não me vou esquecer de o dizer ao meu pai.

— Obrigado. — A sua voz soa áspera.

Ficamos mais dez minutos até darmos o treino por terminado. Nenhum de nós quer esforçar-se demasiado agora que os primeiros jogos da época estão quase a começar. Um silêncio confortável instala-se entre nós enquanto nos dirigimos aos balneários pela passadeira de borracha.

— Não estou interessada em casar com o teu amigo — dou por mim a dizer.

Ele olha-me de soslaio.

— Não achei que estivesse.

— Fizeste questão de me dizer que ele não é o Sr. Monogamia. Obviamente, quer dizer que estavas preocupado com isso.

— Não estava nada preocupado.

— Com ciúmes, então? — gozo.

Ele semicerra os olhos.

— Não estava com ciúmes.

— Bem, seja como for, não estava a contar namorar com ele. Estava stressada e queria... aliviar o stress tirando a roupa.

O Ryder olha outra vez para mim, vagamente divertido.

O problema dos seus silêncios constantes é que me impelem a continuar a tagarelar quando sei que não devia.

— Sinto falta de fazer sexo regularmente. Estive numa relação durante quase dois anos e habituei-me a ter um parceiro regular, sabes? É tão bom ter alguém quando estamos stressados ou precisamos de satisfazer uma necessidade. Não temos de andar por aí em encontros, a seduzir os outros, a tentar perceber se há atração, a preocupar-nos com as IST. Podemos só ligar e dizer, tipo, *Amor, preciso de foder até ver estrelas*, e eles ficam felizes por poderem ajudar.

O olhar pensativo do Ryder fixa-se no meu rosto.

Engulo em seco. De repente, a minha garganta ficou seca.

— O que foi?

Ele encolhe os ombros.

— Nada.

— Estás com ar de quem quer dizer alguma coisa — insisto.

Outro encolher de ombros.

Quando continua sem dizer nada, suspiro.

— Enfim. Estou a começar a sentir pressão. O nosso primeiro jogo está para breve e precisava de uma forma de aliviar o stress. — Sorrio.

— E ele tem sotaque australiano.

— Já, as miúdas curtem — diz o Ryder, friamente.

— Mas talvez tenha sido bom termos sido interrompidos. Estaria a usá-lo. E, sim, certamente, ele adoraria que o usasse. Mas sinto-me um bocado mal por usar alguém por causa de sexo. — Espeto-lhe um dedo no braço. — Não tens de quê, já agora.

— Porquê?

— Pela conversa de gaja. É óbvio que gostas deste tipo de coisas, sabes, tipo partilhar sentimentos e falar sobre namorados e namoradas. Estou a dar-te o que desejas. Não tens de quê.

Ele comprime os lábios e desconfio que esteja a tentar não se rir.

Entramos nos respetivos balneários e, quinze minutos depois, encontramos-nos no parque de estacionamento, onde cada um entra no seu carro. Gosto do facto de ele esperar sempre que eu arranque antes de seguir viagem. É estranhamente cavalheiresco.

Mais tarde, janto no refeitório com a Mya antes de a Diana aparecer para a noite de jogo. É uma tradição que começámos quando vivíamos as três juntas na residência dos caloiros. Uma noite por semana escolhíamos um jogo, geralmente o Scrabble, e abríamos um vinho. A Mya e a Diana passavam depois o tempo todo a discutir, porque são como cão e gato. Às vezes, acho que foi bom a Diana ter-se mudado. Provavelmente, ter-se-iam matado uma à outra se tivessem sido sujeitas a mais três anos de convivência.

— Então... fui para a cama com o Percival — anuncia a Diana, sacudindo o saco de veludo com as peças das letras.

A Mya engasga-se a meio de um gole de vinho.

— Espera lá. O teu novo gajo chama-se Percival? — Ela vira a cabeça na minha direção.

— Sabias disto?

— Infelizmente.

A Diana escolhe sete peças aleatoriamente antes de passar o saquinho à Mya.

— É realmente uma pena — diz, melancolicamente. — Mas eu gosto dele, por isso, na minha cabeça, vou fingir que ele tem nome de bonzão.

— Tipo Thunder — diz a Mya. — Ou Blaze.

— Eu disse nome de bonzão, não de gladiador.

Disfarço uma risadinha enquanto vou dispondo as peças no suporte. A primeira palavra que me aparece é «PILA».

Calma. Também tenho um «R».

PILAR.

Pronto. É a prova de que não estou a pensar em pilas.

A Mya abre o jogo colocando a palavra «CENOURA».

— Como foi o sexo? — pergunta ela à Diana. — Nem sequer consigo imaginar como será um Percival na cama.

— Foi um bocado intenso — confessa a Diana. — Ele agarrou-me demasiado a cara.

— Agarrou-te a cara? — repito, a sorrir.

— Sim. Não de maneira agressiva. Estava sempre a acariciar-me o rosto e a olhar-me profundamente nos olhos. E eu estava sempre a virar-me para ficarmos de gatas, para intervalar um bocado o contacto

visual, mas ele voltava a virar-me de barriga para cima para olhar para mim apaixonadamente.

Tento não me rir.

— Parece-me... romântico?

— Sim, se fosse o nosso aniversário. Mas não quando estamos a fazer sexo pela primeira vez. É suposto ser divertido e selvagem e apaixonado. E não muito emotivo.

— Por acaso, até concordo contigo. — A Mya parece chocada com a sua admissão. — Como é possível? Eu nunca concordo contigo.

A Diana ri-se e atira o cabelo platinado sobre o ombro.

— Há claramente algo de errado com o universo — concorda.

Sei que estão na brincadeira. Elas gostam uma da outra. Acho eu. Se não, estão a fazer um excelente trabalho para me protegerem do seu ódio mútuo.

O universo *deve* estar fora do eixo, pois, enquanto examino o tabuleiro, tentando perceber onde posso enfiar a palavra «PILAR», o meu telemóvel vibra com uma chamada.

Do Ryder.

O meu coração sobressalta-se. Porque estará a ligar?

— Só um segundo — digo às minhas amigas, pegando no telemóvel. Passo o dedo para atender, com um tom desconfiado. — Estou?

Não obtenho resposta, nem uma frase normal.

A sua voz rouca enche-me o ouvido com uma palavra inexplicável.

— Usa-me.

CAPÍTULO 20

GIGI

Quero que sejas tu

Com o telefone encostado ao ouvido, franzo a testa, tentando fazer sentido do que o Ryder está a dizer.

— Desculpa, não estou a perceber.

— Usa-me para sexo — esclarece.

Tusso ruidosamente. Engasgo-me com o próprio ar, porque cometi o erro de respirar no momento em que ele falou.

Usa-me para sexo.

É a gozar.

Ele está a gozar, certo?

Tusso outra vez, chamando a atenção da Diana.

— Estás bem? Quem é?

— Sim, está tudo bem — digo-lhe, tapando o bocal. — Às vezes, respirar é confuso.

— Porque é que estás tão estranha? — suspira ela, e a Mya ri-se.

Antes que possam continuar a interrogar-me, levanto-me e refugio-me no meu quarto. Assim que a porta está bem fechada, volto a concentrar a atenção no telemóvel.

— Acabaste mesmo de me pedir que te usasse para sexo? — balbucio. Sinto o coração bater contra as costelas e as palmas das mãos a ficarem húmidas.

— Há bocado, disseste que querias usar o Beckett para ires para a cama com alguém. Estou a sugerir uma alternativa.

Como sempre, a sua voz grave transmite um tom de gozo.

Mas sei que está a falar a sério. Duvido sinceramente que o Ryder ligue a raparigas do nada e faça propostas indecentes a gozar.

Isto é a sério.

— Não... é assim que funciona — consigo finalmente dizer. — Só porque queria ir para a cama com alguém no fim de semana passado, não quer dizer que vá para a cama com qualquer pessoa. Eu e o Beckett partilhámos um momento orgânico. Não fui à festa com a

intenção de dormir com ele.

— Isso quer dizer que já não tens uma necessidade que precisas de satisfazer?

— Não é isso que estou a dizer.

— Então, *ainda* precisas de aliviar o stress tirando a roupa. — Com uma gargalhada rouca, ele atira-me à cara a minha estúpida descrição.

— O que estou a dizer é que, só porque preciso...

— De uma foda — completa ele.

O meu rosto quase pega fogo. Sento-me à beira da cama com o coração a martelar um ritmo louco e frenético.

— ... só porque preciso do que preciso — termino —, não quer dizer que esteja desesperada. — Irrito-me comigo mesma. — Não estou interessada numa foda piedosa.

Um riso rouco faz-me cócegas ao ouvido.

— Gisele. Vá lá.

— O que foi? — Engulo em seco. Sinto a garganta apertada.

— Achas que estou a sugerir uma foda piedosa?

— Não estás?

— Não. — Há uma pausa. — Também tenho necessidades. — Mais uma pausa. — E quero que sejas tu.

A minha vagina contrai-se.

Com força.

A sua franqueza faz-me sentir desejo puro a percorrer-me as veias. Os meus joelhos fraquejam e estou sentada, caramba.

Volto a engolir em seco.

— Estás a falar a sério, não estás?

— Estou.

— Tu queres dormir comigo.

— Dormir, não. Mas acho que devíamos foder.

Todo o meu corpo fica quente e apertado. Há muito tempo que não sentia um desejo tão forte. Acho que nunca senti. Não com o Case. Certamente não com o Beckett, no fim de semana passado.

— Disseste que precisavas de um orgasmo. De alguém que te ajudasse a aliviar o stress. Posso ajudar-te. Já temos um bom acordo entre nós — salienta. — Porque não tornar isto mais interessante?

— Eu...

O meu cérebro está prestes a entrar em curto-circuito. Quero rir-me, dizer-lhe que é uma ideia interessante, mas talvez não muito inteligente. Mas as palavras não me saem. Por isso, digo algo muito estúpido.

— Nem sequer sei se me sinto atraída por ti.

Nesse momento, quase expludo em gargalhadas histéricas. Que raio estou para aqui a dizer? Alguém me roubou a voz e está a fazê-la vomitar disparates.

É claro que me sinto atraída por ele.

O Ryder fica em silêncio um instante. Depois, diz:

— OK. Espera.

Ouve-se mais um silêncio, tirando uns ruídos indistintos do seu lado, seguidos pelo inconfundível clique de uma câmara.

Quando o meu telemóvel vibra com uma mensagem, paro completamente de respirar.

Esperava uma foto da sua pila.

Recebo algo ainda melhor.

O seu peito nu, estupidamente largo, com mais músculos do que julgava existirem. Parece uma estátua. Abdominais que nunca mais acabam. Tem vestido um par de calças de fato de treino descaídas e o seu polegar está enfiado num dos lados, puxando-as mais para baixo e proporcionando um vislumbre sugestivo dos seus músculos oblíquos. Reparo numa cicatriz branca irregular na anca, com cerca de dois centímetros, e pergunto-me como a terá feito. Pergunto-me como seria tocar naquela pele torneada e firme com a ponta dos dedos. O que encontraria se lhe enfiasse os dedos na cintura das calças.

Cresce-me água na boca. Quanto mais olho para a fotografia, mais molhada fico. Em todo o lado.

— E?

O tom de divertimento na sua voz revela que sabe que me deixou sem palavras.

— O quê, nem uma foto da pila? — digo, mantendo a calma.

— Na verdade, nunca tirei nenhuma.

— Mentiroso.

— Nunca — insiste.

— Porque não? — Estou genuinamente curiosa. Acho que nunca conheci um tipo da minha idade que nunca tenha enviado uma fotografia do seu pénis a alguém. Geralmente, não solicitada.

— Porque haveria de fazê-lo? — Parece quase aborrecido com a pergunta. Até a sua voz se tornar rouca. — Prefiro ver o olhar de uma mulher ao vê-la pela primeira vez.

— Porquê? É mesmo espetacular?

— Aceita a minha proposta e descobrirás.

Esfrego a palma da mão no meu rosto ardente.

— Ouve. Rei do baile. Tu és atraente — reconheço. — Sabes que és. Mas um peito musculado não me diz se há química entre nós, apenas que és bonito.

— Estás a tentar dizer-me que não temos química.

O seu riso baixinho seca-me a garganta.

— Não sei. Talvez não tenhamos. Nem sequer nos beijámos. — Não sei porque estou a resistir tanto.

Bem, até sei.

Porque, assim que abrir esta porta, não há como voltar atrás.

E isso... assusta-me.

— Não vou aceitar uma proposta de sexo de uma pessoa que nem sequer beije — digo, quando ele não responde.

— OK. Se é isso que queres.

Nesse instante, o Ryder desliga a chamada e a única coisa que sinto é incredulidade.

Ele desligou-me mesmo a chamada na cara?

Fico a olhar para o telemóvel, que agora mostra o meu ecrã bloqueado. Foi isso que ele fez.

A não ser que... talvez a chamada tenha caído? Espero quase um minuto que ele volte a ligar. Mas não o faz.

Sinto-me num transe quando volto para a sala, onde a Diana e a Mya estão a debater se o *Fling or Forever* será lixo puro ou pura genialidade.

A Diana, obviamente, é defensora da genialidade.

— Tens a oportunidade de ver jovens atraentes a pinar na televisão, fingindo que estão ali pelos encontros românticos. E, todas as semanas, um completo desconhecido aparece e obriga um casal a separar-se contra a sua vontade. Depois, o *novo* casal fica a foder na televisão e a fingir que se interessa pelos encontros. Queres mesmo dizer-me que este não é o melhor programa de sempre?

— É lixo destruidor de neurónios. Nunca irás convencer-me do contrário, miúda.

A Diana sorri perante o meu regresso.

— Então, a noite de jogo já não te entusiasma?

— Quem era ao telefone? — pergunta a Mya, curiosa.

— O Luke Ryder.

— Oh, o inimigo — diz a Diana. — O que é que ele queria?

Estou tentada a contar a conversa toda, palavra por palavra. Mas ainda mal consigo compreender o que acabou de acontecer, quanto mais discuti-lo com as minhas amigas.

— Só acertar o nosso calendário de treino — minto, voltando a sentar-me no sofá. Pego nas minhas letras do Scrabble.

— Isso continua? — A Diana não parece tão interessada agora que se trata de hóquei.

— Já. Tenho aprendido muito com ele.

Retomamos o jogo, mas a minha cabeça está noutro lado. Quinze minutos depois, estou ainda a processar o que aconteceu.

Honestamente, o atrevimento deste homem. Pede-me que o use para sexo e, quando me atrevo a considerá-lo, é tipo: *Tranquilo, deixa estar?*

Quem é que faz isso?

— «Cenourar» não é uma palavra! — guincha a Mya, indignada,

quando a Diana tenta acrescentar um R ao tabuleiro.

— Claro que é.

— Usa-a numa frase.

— Não gosto desta salada porque tem muitas cenouras. Está demasiado cenourada.

— G, apoia-me — suplica a Mya.

Ergo o olhar das minhas letras.

— Vou vetar «cenourar».

— Traidora — queixa-se a Diana.

Estou prestes a colocar a minha próxima palavra quando o meu telemóvel volta a vibrar. Desta vez é uma mensagem.

RYDER:

Estou à tua porta.

O meu coração para. Deixa completamente de bater no meu peito.

Um arrepio percorre-me o corpo. Não sei se será adrenalina ou antecipação, mas sinto-me fraca e zozza ao levantar-me abruptamente.

As minhas amigas olham para mim, sobressaltadas.

— Tenho de ir lá abaixo — balbucio.

Ficam ambas especadas a olhar para mim.

— Eu, ah, encomendei comida.

Agito o telemóvel ao acaso, como que para lhes mostrar a notificação de uma aplicação de entrega de comida, mas mantenho o ecrã propositadamente longe do olhar delas. Também não tenho um plano para explicar porque não irei trazer comida no regresso. Mas ninguém disse que eu era rápida sob pressão. Fora do gelo, pelo menos.

— Jantámos, tipo, há duas horas — diz a Mya, confusa, mas eu estou já a enfiar uns ténis e a dirigir-me à porta.

No pequeno átrio, cumprimento a segurança à entrada, cujo olhar desconfiado está fixo na janela vertical junto à porta. Do outro lado da janela está o Ryder.

— Está tudo bem — asseguro. — Eu conheço-o.

Embora não a censure por estar desconfiada em relação ao homem de um metro e noventa e cinco de casaco preto com capuz que ronda a porta da residência.

Lá fora, o ar da noite está mais fresco do que esperava. Embora estejamos quase em outubro. Em breve o tempo irá mudar e deixará de ser uma opção sair de casa com calças de yoga e t-shirt larga. Nessa altura, sentirei saudades deste fresco quase inexistente que está a deixar-me os mamilos eretos.

Ou talvez o Ryder seja o responsável por isso.

— O que é que estás aqui a fazer? — resmungo, afastando-o da porta.

Deslocamo-nos para a beira da estrada. Ele enfia as mãos no bolso da frente da camisola e olha para mim através das pálpebras pesadas.

— Vim dar-te um beijo.

Fico boquiaberta. Olho-o fixamente por um momento.

— Tu... fizeste este caminho todo para me dares um beijo.

— Sim.

— Eu... Tu... — Estou verdadeiramente sem saber o que dizer.

O Ryder encolhe os ombros.

— Não vais para a cama com uma pessoa que nunca beijaste. Não foi o que disseste?

— Eu... — Sinceramente, não sou capaz de pensar com clareza suficiente para dizer alguma coisa.

— Então. — Os seus hipnotizantes olhos azuis focam-se no meu rosto. — Vais deixar-me beijar-te, Gigi?

A minha pulsação acelera ao perceber que me chamou Gigi. Não Gisele. O meu nome verdadeiro. Porque, neste momento, ele não está a gozar comigo. Não está com esquemas. Está a ser sincero.

O Ryder aproxima-se, tirando as mãos dos bolsos. O seu corpo enorme invade o meu espaço pessoal, o seu cheiro a especiarias apoderando-se dos meus sentidos. Respiro fundo e depois arrependo-me, porque ele cheira sempre tão bem e é uma distração.

— Sim ou não — diz, baixinho.

Lambo o lábio inferior e olho-o nos olhos.

Depois, digo:

— Sim.

Antes de poder repensar, estendo a mão e enfio os dedos no seu cabelo, puxando-o para mim.

As nossas bocas tocam-se numa leve carícia. Apenas um toque. Uma provocação. Mas a união dos nossos lábios parece tão perfeita, que não consigo resistir a aprofundar o beijo. O Ryder grunhe um palavrão antes de a sua língua deslizar por entre os meus lábios abertos, provocando uma corrente elétrica no meu corpo.

Encosto-me a ele, enlaçando-lhe o pescoço com os braços para o puxar o mais possível para mim. Desesperada por explorar a sua boca. Os seus lábios estão igualmente famintos, mas não demasiado. A forma como a sua língua toca na minha é quase insuportável. Quero mais. E mais das suas mãos, mas ele não as deixa vaguear. Uma está levemente pousada na minha anca, a outra envolve-me o rosto. O seu polegar acaricia-me distraidamente o queixo enquanto ele me beija como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Hum. — O seu gemido rouco faz-me cócegas nos lábios e, nesse momento, a mão que estava na minha cintura move-se. Ele deixa-a

descair para me apalpar o rabo e puxar-me para si, para que eu sinta a sua ereção.

Quando a minha reação é um gemido, ele afasta-se, revelando o seu leve sorriso. Gozão, como sempre.

— Passei no teste?

A respiração sai-me entrecortada. Sinto a cabeça a andar à roda.

— Eu... — Afasto as mãos dos seus ombros e dou um passo atrás.

— Acho que o sexo casual não é a minha cena. — Encosto as mãos ao corpo para evitar agarrá-lo. Quero beijá-lo outra vez. — É isso que tu queres, não é?

— É.

A relutância deixa-me indecisa. Não sei porque não consigo ir com isto avante e simplesmente dizer-lhe que o desejo.

Quando a minha hesitação demora, o Ryder passa as mãos pelo cabelo para o pentear. Despenteei bem aquelas madeixas pretas quando tinha as mãos em cima dele.

— Tudo bem. — Finalmente, encolhe os ombros e ergue as sobrancelhas. — Se mudares de ideias, sabes onde me encontrar.

CAPÍTULO 21

RYDER

O Universo aprova

— *Luke, para!*

Na sexta-feira de manhã, acordo com suores frios. A t-shirt com que adormeci na noite passada está encharcada, colada ao meu peito. A voz aterrorizada ainda reverbera pela teia confusa do meu cérebro dormiente. Afasto-a, porque a última coisa que quero é começar o dia envolto em escuridão.

Mas o pesadelo prova ser um presságio. Quando me viro na cama para pegar no telemóvel, vejo uma chamada não atendida com o indicativo de Phoenix e uma notificação de *voicemail*.

Foda-se.

Sento-me na cama e insiro o código.

— *Luke, fala o Peter Greene do gabinete do procurador-geral de Maricopa County. Tentei contactá-lo há umas semanas. O meu gabinete tentou igualmente contactá-lo por e-mail, embora não esteja certo de que tenhamos o endereço correto; o que tenho registado é bastante antigo. Compreendo que este seja um assunto sensível para si, mas precisamos de falar sobre a audiência e...*

— *A sua mensagem foi apagada.*

Atiro o telemóvel para o colchão e cambaleio pelo corredor até à casa de banho para tomar um duche. Tenciono chegar ao centro de desporto desportivo às oito da manhã em vez de às sete. Agora que as aulas estão oficialmente a decorrer, preciso de reduzir os treinos suplementares e não me esforçar tanto.

Neste semestre, a equipa de hóquei só tem aulas à tarde devido ao calendário matinal de patinagem e treino. O Beckett vai de boleia comigo para o *campus*, mas o Shane diz que leva o seu carro. Deixamo-lo na cozinha, junto ao liquidificador, a preparar um batido de proteína.

No caminho, o Beckett fala comigo sobre um filme que viu ontem, mas apenas ouço metade. A minha mente está absorta na mesma coisa

que anda a corroê-la há três dias.

A Gigi Graham.

Passaram três dias desde que nos beijámos.

Ou melhor, desde que um beijo seu me fez ficar com tanta tesão que mal consegui conduzir para casa, com aquela porcaria a tentar fugir-me das calças e empurrar o volante.

Pensei sinceramente que, nesta altura, ela já me teria ligado.

E não devia sentir-me tão desiludido com o facto de não o ter feito.

Como o nosso primeiro jogo está para breve, os treinos assumiram um maior sentido de urgência. Esta manhã o Jensen puxa por nós. A seguir, amontoamo-nos na sala de imprensa para ver vídeos dos jogos da Northeastern. Serão os nossos primeiros adversários da época.

Enquanto esperamos que chegue o treinador-adjunto Peretti, continuo fixado no silêncio da Gigi e na sua aparente decisão de fingir que aquele não foi o beijo mais ardente de sempre.

O desejo não foi imaginação minha. Estávamos os dois tão excitados que podíamos ter pegado fogo.

Tento afastar o pensamento enquanto os meus colegas de equipa tagarelam à minha volta. Como é habitual, os tipos que eram da Eastwood ocupam a maior parte da segunda fila, enquanto os originais da Briar compõem a primeira.

— A única coisa que estou a dizer é que não é possível provar que os buracos de minhoca não existem — afirma o Beckett, enquanto troca mensagens com uma miúda. No que toca a viagens no tempo e sexo, ele é bom a acumular funções.

— Mas também não podes provar que *existam* — diz o Nazzy, exasperado.

— Naz. Mano. Estás a travar uma batalha perdida — aconselha o Shane, também a enviar mensagens. Conheceu outra *cheerleader* numa festa ontem à noite. O bacano está a varrer a claque como se estivesse ele próprio a tentar vencer o campeonato nacional de claques.

— Preciso de vos fazer uma pergunta e preciso que me prometam que não me julgam — diz o Patrick, nervoso.

— Ninguém promete nada — informa o Rand.

— Então, esqueçam.

O Rand dá uma gargalhada.

— Pois. Como se agora fôssemos deixar-te ir embora sem fazeres a pergunta.

— Eu disse para esquecerem.

— Capitão? — pergunta alguém.

— Cocapitão — responde a voz cínica do Trager na fila da frente, mas todos o ignoramos.

— Faz lá a pergunta — resmungo ao Miúdo do Kansas.

— Então, hum, buracos de minhoca. — Ele hesita, olhando em

redor do grupo. — Há minhocas nesses buracos?

A sua pergunta é recebida com silêncio absoluto. Até o Will Larsen se vira para olhar para o Patrick.

— Minhocas teóricas? — corrige-se. Parece completamente perdido. — Estou a pronunciar bem?

O Shane fica com pena dele.

— Não te preocupes. És muito bonito.

Ele só percebe que foi insultado depois de o Shane voltar para a troca mensagens com a sua *cheerleader*.

— Espera. Vai-te lixar — rosna o Patrick.

— Não há minhocas nos buracos — diz o Beckett, num tom surpreendentemente amável. — Basicamente, os buracos de minhoca são zonas distorcidas do espaço que ligam dois pontos distantes...

Volto a ignorá-los. Já tenho de lidar com isto em casa. Não vou deixar que o Beckett Dunne também dê cabo da minha vida no *campus*.

Uma hora depois, somos dispensados e eu atravesso o pátio em direção ao edifício antigo, coberto de heras, onde serão todas as minhas aulas de hoje.

Só passaram algumas semanas, mas não demorei muito a perceber que, academicamente, a Briar é muito mais exigente do que a Eastwood. Estou a estudar Gestão Empresarial com um *minor* em História, e ambas as áreas já estão a fazer-me acumular trabalho. Tenho dois trabalhos para entregar na próxima semana e outros dois na semana seguinte. É uma brutalidade. Talvez seja uma cena da Ivy League.

Estou a sair da última aula do dia quando o nome da Gigi me aparece no telemóvel. A minha pulsação acelera.

GISELE:

Sei que é em cima da hora, mas queres fazer uma sessão em Munsen hoje à noite?

Não me parece que tenha segundas intenções. Acho que está mesmo a pedir para treinarmos. Mas a julgar pela tesão com que fico e pela forma como as minhas nádegas se contraem, até parece que me enviou uma fotografia da cona com a legenda «vem comê-la».

Escrevo uma resposta enquanto me encaminho para o parque de estacionamento.

EU:

Alinho.

GISELE:

*

O Universo aprova a nossa foda.

A prova disso é que, quando eu e a Gigi chegamos ao ringue, descobrimos que o balneário das mulheres está fora de serviço. Um papel branco colado à porta explica que houve inundações. Um ligeiro cheiro a esgoto chega-me às narinas ao lermos o aviso.

A Gigi encolhe os ombros e dirige-se ao balneário dos homens, de chave na mão. Ainda não fui capaz de parar de olhar para ela desde que aqui chegámos. As calças pretas de yoga ajustam-se às pernas bem torneadas e realçam-lhe o rabo. O rabo que apalpei há umas noites. Ainda me lembro de como soube bem senti-lo nas minhas mãos, e os meus dedos estão doidos para lhe tocar outra vez.

— Como foi a tua semana? — pergunta ela, despreocupadamente.

Tento não erguer uma sobrancelha. Estou a ver que optámos pela abordagem casual, escolhendo ignorar o facto de ela me ter chupado sofregamente a língua naquela noite. Fixe.

— Boa. E a tua?

— Cheia — admite. — É como se todos os anos me esquecesse da trabalhadeira que é equilibrar as aulas e o hóquei.

— Estás a estudar o quê?

— Gestão Desportiva. — Encolhe os ombros. — Sempre pensei que daria uma boa agente ou gestora, por isso, escolhi um curso que me encaminhasse nesse sentido. E tu?

— Gestão Empresarial. Mas ainda não sei o que quero fazer.

Quando entramos na zona dos balneários, ela despe o casaco de ganga e pousa-o no banco. Por um segundo, penso que vai continuar a despir-se (a minha libido aprova inteiramente), mas, depois, pega no seu saco da roupa e dirige-se à zona dos chuveiros.

— Vou vestir-me aqui — diz, sobre o ombro.

Como das outras vezes em que estivemos aqui, temos o ringue todo só para nós e está estranhamente silencioso. Não parece um verdadeiro ringue de hóquei sem a banda sonora dos discos a bater na tabela e no acrílico. O som agudo de um disco a bater no sítio certo é capaz de sacudir as paredes de um edifício. É o som de que mais gosto no mundo.

Esta noite, é quase impossível concentrar-me no hóquei. Algo que nunca imaginei que pudesse acontecer. Estou *sempre* concentrado no

hóquei. Está-me no sangue.

Porém, esta noite, o meu sangue ferve por outra coisa.

A Gigi também parece distraída, perdendo várias vezes o disco em passes que, normalmente, faria com uma perna às costas.

Nunca nos apercebemos da péssima ideia que é praticar um desporto distraído até alguém se magoar.

Na disputa seguinte pelo disco, a Gigi solta um grito de dor que faz todo o meu corpo ficar tenso. Paro de imediato.

— Estás bem? — pergunto logo.

Ela tira as luvas, gemendo ao rodar o pulso. Fico inundado de preocupação. Merda. Se ela se lesionou... isto pode estragar-lhe a época toda.

— Anda cá.

Encaminho-a para o banco de suplentes, onde nos sentamos. Pegolhe no pulso com uma mão e examino-o com a outra. Passo delicadamente os dedos sobre os tendões, procurando uma reação no seu rosto.

— Isto dói?

— Não. — Ela engole em seco. — Acho que está bem. Devo tê-lo torcido quando estávamos junto à tabela.

Carrego noutra parte do pulso, continuando a observá-la.

— E isto?

— Não.

— Tens a certeza? — Consigo sentir a sua pulsação irregular sob o meu polegar.

A Gigi acena que sim, parecendo aliviada.

— A pontada de dor que senti há bocado já passou.

Ela roda novamente o pulso, mas não faz nenhum movimento para o afastar da minha mão.

— Nunca parti nenhum osso — admite. — Acho que tive sorte. O meu irmão partiu o braço três vezes quando era miúdo. Tu já partiste alguma coisa?

— As costelas contam?

— Claro.

— Então, algumas costelas, em alturas diferentes. Também tive entorses ligeiras. Tornozelo, pulso. — Encolho os ombros. — Nunca parti nada de importante.

— Bem, as costelas são bastante importantes. — Ela estende a mão e toca-me na caixa torácica, por cima da camisola suada.

Embora não esteja a tocar-me na pele diretamente, é como se os seus dedos fossem ferros quentes.

— Sabes... — Interrompe-se, pensativa, perscrutando-me com os olhos cinzentos.

A maneira como olha para mim faz-me sentir desconfortável.

Como se estivesse a ver algo que eu não consigo ver. Como se soubesse um segredo sobre mim que nem eu fui capaz de decifrar.

Por fim, conclui o pensamento.

— Afinal, não és um idiota.

— Claro que sou.

— Não és. É uma fachada. Tu importas-te com os outros. Só não queres é que ninguém saiba que te importas. Eu achava que eras arrogante, mas a má educação é uma fachada. — Os lábios da Gigi curvam-se ligeiramente. — Não te preocupes, não vou perguntar-te o que escondes. Sei que não vais dizer-me.

Ela continua a perscrutar-me o rosto e eu resisto ao impulso de baixar a cabeça. Sinto-me estranhamente exposto. Faz-me sentir um formigueiro na pele.

— Conta-me uma ideia errada que tinhas sobre mim.

O seu pedido surpreende-me. Nunca pensei muito sobre o assunto, mas, refletindo um pouco, apercebo-me de que tinha preconceitos em relação à Gigi.

— Achei que fosses mais convencida. Betinha — admito.

Ela assente, como se já estivesse à espera.

— Mas és mais humilde do que pensava. Raramente te gabas, só se estiveres a gozar. Cada vez que alguém te elogia, pareces agradavelmente surpreendida, como se fosse a primeira vez que alguém te elogia. E reages sempre com gratidão.

O seu pulso permanece no meio das minhas mãos unidas. Não consigo resistir a passar os dedos sobre a sua pele frágil e pálida.

— Conheci outros filhos de pessoas famosas — digo. — Pensei que serias como eles. Mas não és.

A Gigi morde o lábio inferior por um instante. Depois, humedece ambos os lábios, olhando-me nos olhos.

— Só para esclarecer, não estás a tentar namorar comigo.

— Não — rio-me. — Se queres alguém que seja querido contigo e te leve a sair, eu não sou essa pessoa. Não tenho jeito para essas coisas.

— Afinal, tens jeito para quê?

É uma pergunta com rasteira e ambos sabemos.

Viro-lhe a mão para cima e, com um gesto deliberado, passo-lhe o polegar pela palma da mão. A forma como estremece não me passa despercebida.

— Tenho jeito para te deixar molhada — digo, ouvindo a rouquidão da minha voz. — E vou foder-te tão bem que vários dias depois ainda estarás a pensar nisso. Será a melhor foda da tua vida.

Ela volta a morder o lábio. O brilho turvo e carente do seu olhar quase dá cabo de mim. Estou prestes a puxá-la para o meu colo e a dar-lhe um beijo. Mas é ela que está a hesitar. Tem de ser ela a dar

esse passo.

E não o dá.

O meu corpo lamenta-se da decepção silenciosa quando, lentamente, a vejo erguer-se sobre os patins.

— Vamos parar por hoje — sugere. — Não estamos concentrados e isso é meio caminho andado para uma lesão.

Sigo-a até ao balneário dos homens, onde nos sentamos lado a lado no banco a desatar os patins. A Gigi tira o equipamento até ficar de top, sutiã de desporto e boxers. Tento não olhar fixamente.

— Vou tomar um duche rápido — diz, encaminhando-se para a porta do outro lado do balneário.

Fico sentado no banco, a respirar pelo nariz. Respirações profundas e uniformes.

Fogo. Quero-a. Não estava à espera disto. Não estou preparado. E não faço ideia do que fazer.

Ouç o chuveiro a ligar-se e, rapidamente, uma camada de vapor invade o balneário. Também preciso de tomar um duche, por isso, enquanto espero que a Gigi acabe, dispo as roupas do treino e enfio-as na mochila. Estou a arrumar o resto do equipamento quando a sua voz abafada interrompe o som da água a correr.

— Ryder?

— Sim? — grito na direção dos chuveiros.

— Esqueci-me da toalha. Podes tirar uma e trazer-ma?

O meu pénis fica mais duro do que o *stick* de hóquei que tenho na mão. Depois de outra respiração profunda, encosto o *stick* ao saco.

— Claro. Só um segundo.

Dirijo-me aos cubículos onde estão guardadas as toalhas limpas. Tiro duas de uma prateleira. Depois, atravesso o vapor que paira como um toldo sobre as filas de chuveiros. A maior parte vem da terceira divisória.

Com o coração a bater acelerado, paro à frente da cortina branca de plástico. Vislumbro o tentador contorno do seu corpo, uma aparição indistinta de curvas e pele dourada.

Aclaro a voz para anunciar a minha presença e coloco as toalhas à entrada do chuveiro.

— Toma.

A cortina mexe-se.

Depois abre-se.

Em vez de receber as toalhas, a Gigi fica ali, toda nua para mim.

Ela é incrível.

A minha respiração fica ofegante perante o seu corpo, que provoca o caos no meu campo de visão. Seios empertigados com mamilos rosa-acastanhados, firmes e eretos apesar do calor do duche. A minha língua arpeja-se com vontade de lambê-los.

Afasto o olhar das suas mamas para refrear a tentação, mas este recai no meio das suas pernas. Um sítio ainda mais tentador. Está completamente depilada e, agora, a minha língua lambe os lábios como gostaria de estar a lambê-la a ela.

O seu olhar é convidativo.

Deixo as toalhas no cabide e entro no chuveiro sem dizer uma palavra, fechando a cortina atrás de mim. Ela está completamente nua. Eu estou ainda de boxers. Mas talvez seja boa ideia manter uma barreira entre ela e o meu pénis ansioso.

O seu olhar percorre o meu corpo numa análise demorada e ardente. Demorando-se nos meus peitorais. Nos meus abdominais. No contorno absolutamente visível do meu pénis. A admiração escurece-lhe o olhar e isso enche-me de satisfação. Quero que goste do meu corpo. Quero que o use como se fosse o seu parque de diversões.

Nenhum de nós diz nada durante um longo momento. A água escorre-lhe pelo corpo, gotículas descendo-lhe pelo vale entre as mamas perfeitas, deslizando-lhe sobre o estômago liso, as coxas bem torneadas.

— Ryder — suplica, e não é preciso mais nada.

Junto-me a ela sob o jato de água, curvando-me para a beijar e enfiando uma mão entre as suas coxas.

Ela sustém a respiração e eu engulo o som com os meus lábios. Empurrando-a lentamente contra a parede, passo os nós dos dedos sobre a sua vulva. Ela mexe as ancas, tentando fazer pressão contra a minha mão. Roço-lhe o clítoris com uma leve carícia, pressionando apenas quando ela começa a gemer na minha boca.

Interrompo o beijo e inspiro uma nuvem de vapor. Rodopia à nossa volta, as gotículas agarrando-se ao seu lábio inferior carnudo enquanto ela olha para mim através de umas pestanas incrivelmente longas.

— Mais — suplica.

— Mais quê? — Um sorriso aflora-me aos lábios. — Mais disto?

Curvo a mão, ainda entre as pernas dela.

A Gigi geme.

Enquanto ela se agita contra a minha mão, inclino-me para a beijar outra vez. Adoro o seu sabor. A maneira como a sinto roçar-se contra mim. Encaixo uma das suas pernas na minha anca, abrindo-a mais para mim para poder enfiar dois dedos dentro dela. Os seus músculos apertam-me os dedos e eu quase desfaleço de desejo.

Quero o meu pénis dentro dela. Caramba.

Beijo-a incessantemente, movendo os dedos, penetrando-a, enquanto lhe esfrego o clítoris com a palma da mão. Com a outra mão apalpo-lhe as mamas, acariciando as pontas eretas dos seus mamilos.

Quando tenta pôr a mão entre nós dois para me tocar no pénis,

duro contra o tecido molhado da roupa interior, afasto-lhe a mão ansiosa. Estou a gostar demasiado disto e não quero distrações. Todas as fibras do meu corpo estão concentradas nos sons que ela produz. Na respiração ofegante e nos pequenos gemidos.

Ela fode os meus dedos com determinação, de olhos fechados e peito a arfar.

Noutra altura, tenciono passar horas a brincar com ela, a provocá-la, mas agora a urgência atingiu níveis máximos e, subitamente, a única coisa que quero é fazê-la vir-se com força e depressa.

— Deixa-te ir — sussurro-lhe ao ouvido, deslizando a língua ao longo dos delicados tendões do seu pescoço. — Deixa-me sentir-te apertar os meus dedos quando te vieres.

Um grito encharcado de paixão sai-lhe da garganta ao fazer o que lhe digo. Ao entregar-se ao orgasmo. A mim.

Sorrio enquanto ela se agita com convulsões de prazer, a sua respiração saindo em sopros de vapor. Encosta os lábios ao meu peito, mordendo-me delicadamente a pele, fazendo-me estremecer de desejo. Os meus dedos continuam a mover-se dentro dela, mas agora mais devagar. Sinto o seu clítoris inchado contra a palma da mão e a vagina molhada do orgasmo.

Entretanto, estou com tanta tesão que me admira conseguir estar de pé. Não sei como a enorme ereção dentro dos meus boxers não me faz cair.

— Está aí alguém? — ouve-se, de repente, uma voz masculina algo confusa.

Afastamo-nos num salto.

— É da limpeza — diz a mesma voz.

O peito da Gigi arfa com uma respiração profunda.

— Sim, desculpe, já estou a acabar — responde. — Tenho autorização do proprietário do edifício para estar aqui fora de horas. Estou quase a sair.

— Ah, não tem problema — diz o empregado da limpeza, soando ainda confuso. — Vou começar pelo balneário das crianças. Desculpe interromper.

Continuo com tesão, mas o momento passou. A Gigi, frenética, agarra nas toalhas que pendurei à porta do chuveiro e atira-me uma.

— Foda-se — murmura, baixinho. — Que vergonha.

— Ele não percebeu que eu estava aqui contigo. Está tudo bem.

Secamo-nos e apressamo-nos a ir para o balneário principal para nos vestirmos. A minha ereção não diminuiu, nem um centímetro. Os seus lábios contorcem-se sarcasticamente ao ver-me tentar enfiar as calças de ganga.

— Estás com dificuldades, rei do baile?

Suspiro.

Ela apanha o cabelo num puxo desgrenhado, observando-me por um momento. Finalmente, fala.

— Vou a casa este fim de semana. Arranco amanhã de manhã. — Faz uma pausa. — Volto no domingo à tarde.

— Os meus colegas de casa também vão estar fora no fim de semana. Vão a um concerto qualquer em Boston, e o Shane diz que só voltam no domingo à noite. Por isso, estarei sozinho em casa.

Os seus olhos descem até à saliência visível nas minhas calças, depois voltam para cima.

— É assim que me convidas para ir a tua casa no domingo?

— Não. — Encolho os ombros. — Vem a minha casa no domingo. É assim que eu faço as coisas.

Um sorriso levanta-lhe os cantos da boca.

— Está bem. — Ela encara o meu olhar interrogativo. — Lá estarei.

CAPÍTULO 22

GIGI

Não te envolvas demasiado

— *Desculpa, Henry. Foi só uma paixoneta. — A apresentadora britânica varre o olhar sobre os restantes casais de fato de banho, estrategicamente sentados em cadeiras de vime. — Os restantes continuam a caminho da eternidade. Boa noite.*

— Caramba, isto foi intenso. — O Wyatt está boquiaberto. — Aquele bacano escocês só entrou na vila e separou a Annabeth e o Henry.

É sábado à noite e a minha família está reunida na sala grande da nossa casa em Brookline. Tecnicamente, trata-se apenas de uma sala de estar, mas desde que me lembro que lhe chamam «a sala grande». Deve ser por causa dos tetos altos e da parede envidraçada. É a minha divisão preferida da casa. Adoro as estantes encastradas e os sofás modulares confortáveis que rodeiam a enorme lareira de pedra. A sala abre para um dos muitos terraços da propriedade com vista para a área principal do extenso jardim, onde estão a piscina e o gazebo.

No outro sofá, a minha mãe carrega no comando para passar ao próximo episódio, enquanto o meu pai enfia na boca uma mão-cheia de pipocas.

— Estou a torcer pelo Mac e pela Samantha — afirma, mastigando.

— A sério? — pergunto. — O Mac é tão estúpido. Só sabe criticar o guarda-roupa dela.

— Está só a seguir o seu exemplo — diz o meu pai, em defesa do Mac. — Ela está constantemente a queixar-se da aparência dele. Disse-lhe que as suas orelhas eram pequenas, e o pobre do rapaz chegou a considerar fazer uma cirurgia.

— São os dois demasiado tóxicos — afirmo. — Eu gosto do Cam e da Abby.

— O Cam! — protesta o meu pai. — Vá lá, Stan. Ele exagera no óleo bronzeador.

— É verdade — concorda o Wyatt. — Parece que saiu de uma

explosão numa fábrica de óleo de bebé.

A minha mãe ri-se a bandeiras despregadas.

— Estou obcecada com este canal — anuncio.

— Também eu, miúda. — O Wyatt rouba as últimas pipocas da minha taça. Devorou as suas em cinco segundos depois de a mãe lhas dar.

— A sério? — pergunto, desconfiada. — Ou estás a gozar comigo?

— Não, estou interessado. *Plate Pleasers*? Genial.

A minha mãe acena com a cabeça, concordando.

— Adoro os jurados fofinhos. Aquele miúdo que nunca gosta dos pratos dos concorrentes é hilariante.

— A forma como o sacaninha franze o nariz — concorda o Wyatt, deliciado. — Adoro.

Subitamente, o *Bergeron* salta da sua caminha e dirige-se às portas envidraçadas, onde fica a ganir.

— Não ponhas ainda o próximo episódio — digo à minha mãe. — O *Bergy* precisa de ir à rua.

— Eu abro-lhe a porta. — O Wyatt levanta-se do sofá. Aproveito a pausa para ir à cozinha pôr mais um pacote de pipocas no micro-ondas. Enquanto espero, o meu pai entra na cozinha e põe um braço à minha volta.

— Estou feliz por estares em casa, Stan.

Encosto a cabeça ao seu ombro largo.

— Eu também. Estava a precisar.

Os últimos dias foram... intensos. Mas não tenciono contar ao meu pai. O que quer que esteja a acontecer entre mim e o Luke Ryder ficará entre mim e o Luke Ryder. Além do mais, mesmo que conseguisse fazer sentido disto, nenhuma filha quer contar casualmente ao seu pai que está a pensar ir para a cama com alguém na noite seguinte.

Se eu decidir ir para a frente com isso.

Depois do que aconteceu entre nós no chuveiro, sinto-me um pouco reticente em ir até ao fim. Porque a voz na minha cabeça, aquela que me atormentava há algum tempo (dizendo que não é ansiedade o que ele me faz sentir, mas *paixão*), talvez estivesse certa.

E isso é assustador.

— Alguma novidade sobre a seleção olímpica? — pergunta ele.

Abano a cabeça.

— Nada. Mas espero que isso mude depois do nosso primeiro jogo. Nessa altura, o Fairlee e a sua equipa serão obrigados a prestar mais atenção, certo?

— Em princípio. — Os olhos cinzentos do meu pai, da mesma tonalidade que os meus, cintilam de hesitação.

— O que foi?

— Suponho que a resposta seja não, mas... queres que dê uma apitadela ao Brad e...

— Não — digo, bruscamente.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não te preocupes, eu não me meto — diz, com uma gargalhada.

— Eu sabia que a resposta seria não. Mas queria pôr essa hipótese em cima da mesa. Se alguma vez quiseses que te recomende, sabes que basta pedires.

— Eu sei — digo.

E ambos sabemos que jamais pedirei.

Nunca na vida pedi favores ao meu pai. Que usasse a sua influência ou contactos para arranjar-me uma cunha. Todos os programas de hóquei de elite em que fui aceite ao longo dos anos, todos os convites de faculdades, todos os prémios... quero acreditar desesperadamente que surgiram com base no mérito.

Por vezes, quando me sinto em baixo, deixo que a minha crítica interior, a cínica, apareça, sussurrando que talvez o mérito não seja para aqui chamado. Mas é uma sensação tão esmagadora e desmoralizante que tento fazer-lhe frente.

— E tu? — pergunto. — Voltaste a pensar em quem irás escolher para ajudar no programa este verão?

— Vagamente. Tenho uma pequena lista, mas ainda não está nada decidido. — Nesse momento, oferece-me a oportunidade perfeita para promover o Ryder. — Tens alguma sugestão?

Penso bem, antes de responder num tom cauteloso.

— O Will Larsen seria uma escolha sólida, mas ele não gosta de dar nas vistas, portanto, não sei que autoridade teria. Consideraria o Kurt, mas sabes que os guarda-redes, às vezes, são um bocado estranhos. O Luke Ryder tem feito um excelente trabalho como cocapitão, portanto, também seria uma boa escolha.

— Não estou convencido em relação ao Ryder. Ele é um excelente jogador, mas tem uma péssima atitude. O seu comportamento no Mundial é motivo de preocupação.

— Ele tinha 18 anos. E, como eu disse, ultimamente, tem-se esforçado por desempenhar o papel de líder.

Tenho quase a certeza de que, agora, estou a mentir. Não voltei a intrometer-me nos treinos masculinos da Briar, mas duvido muito que o Ryder esteja a esforçar-se por fazer outra coisa que não tentar que o deixem em paz.

— Ultimamente só falas bem do Ryder. Porquê?

— Já te disse, tenho treinado com ele. E com o Beckett Dunne — acrescento, para ele não pensar que eu ando a passar demasiado tempo sozinha com o Ryder, e a ser penetrada por ele nos chuveiros dos balneários.

— E não recomendarias o Dunne para o programa?

— O Dunne não leva nada a sério. Encararia o programa como uma brincadeira. O Ryder e o Larsen estariam à altura. Na minha opinião.

— Mas, entre o Larsen e o Ryder, escolherias o Ryder. — A nuvem de desconfiança não abandona a sua expressão.

O micro-ondas apita, permitindo-me virar-me de costas para voltar a encher as nossas taças de pipocas.

— Provavelmente. Mas isso sou eu. Escolhe quem achares que é a melhor opção.

*

Na manhã seguinte, tomamos o pequeno-almoço no pátio das traseiras em fato de treino. Enquanto eu e os meus pais comemos ovos com bacon, o Wyatt, que devora todas as refeições em cinco segundos, está a atirar um pau aos cães. De cada vez que o faz, canta uma canção parva. Não estou a prestar muita atenção, mas é qualquer coisa como: *Não faz mal, está tudo bem, já vais apanhar o pau, au-au*. Espanta-me que o *Dumpy* esteja a alinhar, mas o labrador amarelado não deixa de correr atrás do pau, acompanhando o ritmo alucinante do nosso *husky* constantemente elétrico.

— Deste esteroides ao *Dumpy*? — pergunto ao meu pai, que se ri.

A dada altura, o pau fica perdido e o Wyatt e os cães procuram pelo relvado, com o meu irmão sempre a cantar aquela cantiga idiota.

— Ó campeão — diz o meu pai, sobre o corrimão do terraço de pedra. — Apesar do que diz a canção, não me parece que vão apanhar o pau, au-au.

— Não mintas aos cães, Wyatt — intervém a minha mãe.

Parto-me a rir. Gosto tanto da minha família.

Porém, a sensação alegre no meu peito vacila quando o meu telemóvel se acende sobre a mesa. Pego rapidamente nele antes de os meus pais verem a notificação.

RYDER:

Sempre passas cá logo?

O meu coração acelera. Tentando disfarçar, para que o meu pai não perca a cabeça, passo casualmente os dedos sobre o teclado para escrever uma resposta. Basta uma palavra. Não preciso de mais.

EU:
Sim.

CAPÍTULO 23

GIGI

Esta parte é fácil

— Ah, uau, não estavas a gozar.

Olho em volta do quarto do Ryder, perplexa. Estava nervosa quando entrei aqui. Porque, na verdade, o que estou a fazer sozinha com ele no seu quarto? Porém, basta-me olhar para o ambiente vazio para a minha curiosidade natural levar a melhor.

— Tens a certeza de que não estás na tropa?

Ele considera.

— Não, não tenho — diz, finalmente.

— Isso foi uma piada? Meu Deus, disseste uma piada.

— Cala-te.

Sorrio. Gosto de provocá-lo. É divertido. Além disso, há cinquenta por cento de hipóteses de conseguir penetrar a sua fachada de idiota rabugento e de lhe sacar um ou dois sorrisos de arrasar.

Continuo maravilhada com o seu quarto. Está muito organizado, sem nada fora do sítio. Não há um bibelô, nem uma fotografia. Há uma cama de casal. Uma cómoda. As únicas coisas que tem na secretária são o telemóvel, um portátil, alguns manuais escolares e uma pequena pilha de livros. A cama está feita na perfeição. O chão foi aspirado e está brilhante. Espreito para debaixo da cama e vejo que não há um grão de pó. É evidente que o limpa com regularidade. Agora percebo porque insistiu que teria visto o colar com o crucifixo de prata daquela miúda, a Carma.

— Já acabaste? — pergunta, educadamente.

— Posso espreitar o teu roupeiro? — suplico. — Por favor?

Ele revira os olhos.

— Força.

Abro a porta. Como esperava, está organizado de forma militar. Tudo pendurado na perfeição. Uma empolgante paleta cromática de preto, cinzento e ganga.

— Também queres ver a minha gaveta dos boxers? — diz,

arrastando as palavras.

A pergunta faz-me corar.

— Desculpa, estou a ser cusca. Estou só impressionada com as poucas coisas que tens.

— Ter coisas é sobrevalorizado.

— És tão profundo, Ryder. Um autêntico Platão.

Ele estende-se na cama e pega no comando.

— Queres ver alguma coisa?

Pouso a cerveja na mesa de cabeceira. Quando cheguei, ele foi buscar cervejas para nós. Pensei que fôssemos ficar na sala, mas ele sugeriu irmos para o seu quarto. Portanto, aqui estamos.

Tento não olhar muito para ele. As suas pernas envoltas em ganga estendem-se diante de si, os pés descalços. A sua t-shirt azul tem um logótipo de *surf* e, de repente, ponho-me a imaginar aquele corpo longo e forte agachado sobre uma prancha de *surf* e sinto um pequeno arrepio percorrer-me o corpo.

Continuo a vaguear pelo espaço vazio. Sinto-me elétrica. Se me aproximar da cama, não sei o que irá acontecer.

Bem, até sei.

E o meu corpo está pronto. Suplicando que me aproxime dele.

Mas a minha cabeça pede-me que não me precipite esta noite. Só porque ele me fez vir no duche na outra noite não quer dizer que não deva agir com cuidado.

— Então, os teus colegas de casa foram a um concerto hoje à noite? — Encosto-me à cómoda.

— Sim. Um *rapper* novo qualquer com o pior nome artístico de que há memória. Não estou a gozar: chama-se Vizza Billity.

— Espera, o Vizza está em Boston? — exclamo. — A minha colega de casa está obcecada por ele. Se eu soubesse, teria lá ficado e tentado arranjar bilhetes para nós.

— Ah, pois, esqueci-me. Foste a casa este fim de semana.

— Não esqueceste nada. Vá. Pergunta lá como correu.

— Está bem. Como correu?

Ele encosta-se à cabeceira da cama e ergue um joelho, onde encosta a garrafa de cerveja.

— Correu bem — respondo. — Fizemos uma maratona de um *reality show* horrível. Estamos todos viciados.

O Ryder parece duvidar.

— O Garrett Graham vê *reality shows*.

— Quando o obrigamos. — Rio-me. — Mas acabou por gostar. O casal por quem está a torcer é tão tóxico. E sim, falei em ti montes de vezes.

— O que é que ele disse?

Penso na admissão relutante do meu pai.

— Disse que és um excelente jogador.

O Ryder semicerra os olhos.

— É verdade — insisto. — Porque és. Não é esse o problema dele contigo.

— Então ele tem um problema comigo. — Os seus ombros largos curvam-se ligeiramente.

— Ele acha que tens um problema de atitude. Mas já sabias disso.

O Ryder olha para as mãos num gesto adoravelmente tímido que o torna ainda mais sexy aos meus olhos.

— Não é o único. Um amigo meu que está na liga profissional disse-me que a minha equipa preliminar me tem debaixo de olho. O Dallas tem um novo diretor-geral que não está muito convencido em relação a mim.

— Bem, tens uma certa reputação. — Olho para ele incisivamente. — Há alguma hipótese de te apetecer partilhar o que aconteceu no Mundial de Sub-20? Porque há muita gente curiosa. Incluindo o meu pai.

Ele fica a olhar para mim. Em silêncio.

— Pois, onde é que eu tinha a cabeça? É uma pergunta estúpida para fazer ao Sr. Comunicativo. — Ergo uma sobrancelha. — Sabes, tens um péssimo hábito de nunca falares sobre nada de importante.

— Isso não é verdade. Estamos sempre a falar de hóquei.

— O hóquei não conta. E sabes que não é isso que quero dizer. — Pego na cerveja e dou um gole, voltando a pousá-la na cómoda. — Não te fazia mal nenhum partilhares, de vez em quando. Até pequenas coisas. Como, por exemplo, o que tens contra os objetos.

— Objetos? — repete.

Faço o sinal das aspas para repetir a sua revelação anterior.

— «Ter coisas é sobrevalorizado.» Está bem, mas porquê? Não gostas de tralha? És obcecado pela arrumação? Quer dizer, tudo bem, é óbvio que és obcecado pela arrumação. Mas não achas um bocado extremo? Praticamente, não há nada pessoal neste quarto. Parece um quarto de hotel. — Gesticulo ao nosso redor. — Vá lá, conta-me qualquer coisa.

Ele pondera durante um momento, visivelmente desconfortável.

— Quando era miúdo estava sempre a mudar de casa — responde, finalmente. — Fui roubado muitas vezes.

— Com a tua família?

— Casas de acolhimento. — Ele articula bem as palavras ásperas. Retraio-me.

— Oh, não sabia.

Ele bebe um gole de cerveja.

— A maioria das casas estavam sobrelotadas. Os miúdos disputavam brinquedos, atenção. Tornou-se mais fácil não ter nada

que pudesse ser disputado ou roubado. Se é que isso faz sentido. — Ele encolhe os ombros da sua maneira característica. — A arrumação também é um hábito dessa altura. Arranjávamos problemas se não mantivéssemos o quarto limpo.

— Olha — digo. — Estás a ver o que está a acontecer?

— O quê?

— Estamos a ter uma conversa normal.

— Merda. Tens razão. Anda cá.

O Ryder não fala muito, mas, quando o faz, diz tudo. Estas duas palavras, *anda cá*, estão carregadas de desejo. Os seus olhos azuis anunciam que a conversa acabou.

Aproximo-me dele e paro junto à cama.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Vais sentar-te?

— Queres que eu me sente?

— Quero.

O meu coração bate desenfreado. Como não trouxe mala, tiro o telemóvel e os cartões do bolso de trás e pouso-os na mesa de cabeceira. Depois junto-me a ele no colchão e sento-me de pernas cruzadas.

Olho para o ecrã negro da televisão.

— Então, vamos ver alguma coisa?

— Queres?

— Não.

Ele dá um grande trago na cerveja. Sorrio ao reparar na pulseira que tem no pulso.

— Não pareces nada o tipo de pessoa que usa pulseiras da amizade — digo, sinceramente.

— Não sou.

— Já percebi. Então só pode ser culpa de algum amigo demasiado sentimental.

— Podes crer. Juro, o bacano chora em todos os filmes em que haja cães. Acho que teria um colapso nervoso se eu cortasse esta treta. Mas até já me habituei.

O Ryder vira-se para pousar a garrafa na outra mesa de cabeceira.

— Ainda te sentes stressada? — A sua voz sai rouca.

— Bastante.

Aproximo-me dele. Pouso a mão na sua coxa.

Ele olha para a mão e depois para mim. Vagamente divertido.

— Tenho a mão na tua coxa — digo.

— Eu reparei.

Ele sorri e eu perco o fôlego perante essa visão.

O Ryder ri-se.

— Adoro o facto de anunciares o gesto. «Tenho a mão na tua coxa»

— imita. — A maioria das pessoas faria o gesto e esperaria para ver se funcionava.

— O que queres que diga? Sou uma rebelde.

— Já percebi. Então, e qual é o próximo passo, rebelde? — pergunta, com uma jovialidade pouco característica.

— Pergunta-me se podes beijar-me.

As suas pálpebras ficam pesadas.

— Posso beijar-te?

— Não — respondo. — Não estou interessada.

Ele solta uma gargalhada.

— Ah. Vês, só disse isso para te fazer rir.

— Qual é a tua obsessão com o riso dos outros?

— Não são os outros. És tu. Se não te rires, és assustador.

— Assustador? — A sua voz volta a ficar mais grave. — Tens medo de mim?

— Às vezes. Não como julgas — apresso-me a acrescentar. — Acho enervante não saber o que as pessoas estão a pensar.

— Queres saber em que estou a pensar?

— Tenho quase a certeza de que sei em que estás a pensar *agora*.

Movo a mão sobre a sua coxa numa carícia lenta.

— Ah, sim? E o que é?

— Estás a pensar que queres que eu mova a mão cerca de, hum, cinco centímetros para a esquerda.

Ele acena com a cabeça, pensativo.

— E depois?

— Depois queres que te desaperte as calças. Que tal estou a safar-me? Estou a ler-te o pensamento?

— Estás completamente errada.

Fico boquiaberta.

— A sério? Não é nisso que estás a pensar?

Ele aproxima-se e o seu cheiro familiar envolve-me. Amadeirado e masculino.

— Não, estou a pensar que quero enfiar a mão por baixo da tua saia e tocar-te entre as pernas.

— Oh. — A voz sai-me aguda.

— Mas antes... — O seu rosto está próximo do meu. Ele é tão bonito que fico outra vez sem fôlego. — Posso beijar-te?

Assinto sem dizer uma palavra e a sua boca cobre a minha. Os seus beijos são tão viciantes como me lembrava. Lentos e provocadores. Profundos e inebriantes. Os seus lábios tocam nos meus ao de leve e, quando tento aumentar a intensidade do beijo, ele abranda um pouco. A minha respiração torna-se ofegante. Quando dou por mim, ele puxa-me para o seu colo, pondo-me em cima dele, de pernas abertas. As minhas mãos envolvem-lhe o pescoço. As suas rodeiam-me a cintura,

acariciando com os dedos o sítio onde a bainha da minha camisola fina encontra o cós da minha saia de ganga. Ele toca-me na pele nua e o meu corpo arde.

Desta vez, quando tento beijá-lo mais fundo, ele deixa, libertando um som doce como um rosnado ao fundo da garganta. É a coisa mais sexy que já ouvi. Quando faço deslizar a minha língua sobre a sua, reparo que o meu telemóvel está a vibrar.

— Argh — murmuro. — É melhor ver o que é.

— Não — murmura ele, segurando-me no rosto para mais um beijo.

— É melhor. A Mya apanhou o comboio para Manhattan este fim de semana e prometeu que me enviava uma mensagem quando chegasse a casa. Quero saber se chegou bem.

Enquanto me inclino na direção da mesa de cabeceira para ver a mensagem, o Ryder tortura-me beijando-me o pescoço, com o rosto aninhado contra a minha pele. Estremeço pelo bem que me sabe.

— Deixa-me só dizer-lhe... — Paro assim que vejo o ecrã.

CASE:

Queres fazer alguma coisa hoje à noite?

— Esquece — digo, um pouco depressa demais. — Não é ela.

O Ryder percebe a alteração na minha voz.

— Não? Então quem é?

— Outra pessoa.

Quando tento empurrar o telemóvel para o lado, ele espreita para o ecrã. Ao ver a notificação, solta uma gargalhada grave e trocista.

— Hum. Achas que devemos dizer-lhe?

— Não sejas parvo. — Suspirando, afasto o telemóvel.

— Não, talvez devêssemos. — A sua voz é sedosa. Uma rouquidão provocadora. — Vamos dizer-lhe que estás ao meu colo... — Ele volta a puxar-me para si, captando o meu guincho surpreendido com outro beijo escaldante. Levanta ligeiramente os lábios, fazendo-me cócegas com a respiração. — Vamos dizer-lhe o quanto gostas da minha língua na tua boca.

— Quem disse? — Fico sem fôlego enquanto os seus lábios exploram os meus. A sua língua provoca-me até ficar atordoada.

O Ryder volta a interromper o beijo. Estamos ambos a arfar.

— Tu adoras — brinca ele.

— Tu também — brinco eu.

— Sim, é verdade — rosna, antes de as nossas bocas colidirem.

São os beijos mais ardentes da minha vida. Famintos e desesperados. E quando penso que o meu coração não pode bater mais depressa, as suas mãos serpenteiam sob a minha camisola. Estremeço

quando ele me levanta a camisola, despiando-a e atirando-a para o imaculado chão de madeira. Fica especado a olhar para o meu sutiã de biquíni fininho, como se estivesse encantado por ele. Veem-se os meus mamilos através do tecido quase inexistente.

O Ryder morde o lábio. Estende a mão e brinca com o contorno de uma das pontas eretas.

— Quero-te nua — murmura.

— Então despe-me.

Sem mais uma palavra, tira-me o sutiã pela cabeça, atirando-o para ao pé da camisola que está no chão. Quando dou por mim, estou deitada e as suas mãos estão na cintura da minha saia e cuecas. Ele puxa-me as duas pelas pernas abaixo, atirando-as também para longe.

Fico toda nua, ali deitada. Totalmente à sua mercê. Contorcendo-me. Ele permanece vestido, admirando o meu corpo.

— O que estás a fazer? — pergunto, debilmente. Impaciente para que ele faça alguma coisa.

— A olhar para o meu banquete. Não fazes ideia de quão incrível és.

Engulo em seco. Sinto-me vulnerável sob o seu ardente exame. Finalmente, ele compadece-se de mim. Fazendo deslizar uma mão grande e capaz pela minha barriga e, passando pelas costelas, agarra-me numa mama. O prazer percorre-me o corpo. As minhas ancas arqueiam-se ligeiramente, atraindo o seu olhar para o meio das minhas pernas.

— Tão bom — murmura. — Abre as pernas. Mais. Deixa-me ver-te.

É tão erótico tê-lo a olhar para a minha parte mais íntima desta forma. Ele tocou-me no duche, enfiou os dedos em mim, mas, neste momento, sou um banquete de pernas abertas para ele.

Visivelmente afetado, ele desvia o olhar. Aperta um dos meus mamilos e sai de cima da cama.

— Onde vais?

Porém, não se afasta muito. Põe-se de joelhos no chão, o seu olhar brilhando enquanto puxa lentamente o meu corpo até à beira da cama. A minha pulsação acelera.

Ele diz um palavrão.

— Não fazes ideia do quanto queria fazer isto na outra noite. Se não tivéssemos sido interrompidos...

— O que teria acontecido?

— A minha língua teria estado dentro de ti.

Aquela boca deliciosamente indecente baixa-se e ele pousa um longo e demorado beijo entre as minhas pernas. Com um gemido rouco, lambe-me o clítoris.

As minhas ancas movem-se bruscamente, erguendo-se da cama.

Isto fá-lo rir-se. A sua língua brinca com o meu clítoris durante um

momento, enquanto um dedo percorre o caminho até à minha abertura, que se transformou numa poça de desejo.

Ele enfia-lhe um dedo, erguendo o olhar para me sorrir. É quase selvagem.

— Porque é que estás tão molhada?

— Tu sabes porquê — digo, ofegante.

— Diz-me.

— Porque estou excitada. Tu excitas-me.

Há algo de incrivelmente erótico neste encontro. O sol começa agora a pôr-se e uma réstia de luz atravessa as cortinas transparentes. Os mesmos fragmentos de luz brincam no seu rosto lindo, refletindo nos seus olhos azuis, marcando ainda mais o brilho da excitação. Acho que nunca vi nada tão sexy como quando ele lambe os lábios antes de voltar a mergulhar em mim. Ele murmura de prazer ao envolver o meu clítoris nos seus lábios, chupando delicadamente. Como se tivesse todo o tempo do mundo, provoca o meu corpo, levando-me cada vez mais perto do limite.

Fico impaciente, contorcendo-me no colchão.

Ele levanta a cabeça.

— Vais vir-te se eu continuar a fazer isto? Ou preferes vir-te comigo a foder-te?

— As duas coisas.

Os seus lábios curvam-se em aprovação.

— Que menina gulosa.

Sinto um rubor nos seios. Todo o meu peito está quente com o calor do desejo. E da excitação. Adrenalina. O Ryder enfia outro dedo até ao fundo enquanto passa a língua pelo meu clítoris, repetindo o movimento até eu começar a gemer, com uma mão enredada no seu cabelo.

— Continua a fazer isso — suplico.

Quando o orgasmo vem, percorre-me num ímpeto quente. Sinto êxtase puro a dançar nas minhas terminações nervosas, fazendo as minhas ancas saltarem bruscamente, aproximando-me da sua boca faminta, prendendo-lhe a cabeça com as coxas.

Ele rosna em sinal de aprovação e vai até ao fim. Ri-se quando o liberto.

— Isso foi tão sexy.

Estou ainda ofegante, nua e trémula, quando ele se levanta e começa a despir-se. Tira a camisa, deixando-a cair no chão. Ele é enorme. A sua altura. O seu peito musculado. Quando ele abre o botão das calças, ergo-me e gatinho até ele.

— Fogo, não fazes ideia de como estás bonita. — Ele geme e estende a mão até ao fecho.

— Deixa-me ser eu. — Ponho-me de joelhos, de mãos estendidas.

Queria tanto tocar-lhe no duche no outro dia, mas ele não me deixou. Agora, está à minha mercê.

Desaperto-lhe as calças, enfio os dedos sob o cócs e puxo-lhe as calças e os boxers para baixo. Um segundo depois, o seu imponente pénis aparece, erguendo-se na direção do umbigo. Vi o seu contorno no duche, mas agora é real, grosso e pesado nas minhas mãos.

— Não acredito que consigas andar por aí com isto nas calças — digo, sentindo-me um pouco atordoada. No bom sentido. Ele é muito maior do que estou habituada, mas estou ansiosa por senti-lo dentro de mim.

Ele sorri.

— É querido dizeres isso.

— Oh, usaste a palavra «querido» numa frase.

Começo a masturbá-lo, fazendo os seus olhos brilharem de desejo.

— Acho que devias dar melhor uso a essa língua comprida — sugere.

— Achas? Gosto de usá-la para gozar contigo.

— Talvez gostes mais de me chupar.

A minha pulsação acelera.

— Tens noção de que nunca foste tão falador?

— Tenho. Esta parte é fácil — diz, encolhendo os ombros.

— Que parte?

— Dizer-te o quanto quero satisfazer-te. Dizer-te o quanto me satisfazes. É o tipo de conversa na qual sou decente.

— Então, temos de fazer isto muito mais vezes — digo, baixinho. — Se eu quiser que continues a falar.

Deslizo da cama para o chão. Ponho-o na boca, inundando os meus sentidos com o seu sabor. Adoro. E adoro os sons que ele faz. Cada som é música para os meus ouvidos. De vez em quando, diz palavrrões. Silva. Geme. A dada altura, chama-me *linda menina*. E é um fetiche que eu nem sequer sabia que tinha.

Olho para cima, para ele, enquanto o chupo fundo.

Ele olha para mim e diz:

— Quero foder-te. Vais deixar-me foder-te, Gigi?

Gemo em jeito de resposta. A minha vagina está outra vez a latejar. Inchada e carente.

— Por favor.

Ele põe-me de pé e leva-me de volta para a cama. Sinto o seu corpo quente e forte pousando cautelosamente sobre o meu. Os seus lábios encontram-me num beijo e eu sinto-o estender a mão para a gaveta de cima da mesa de cabeceira. Depois, para.

— Oh, merda. Não sei se tenho preservativos. — Ele olha para mim, pensativo. — Posso usar um da tua caixa de quinhentos?

— Vai-te foder. — Desato a rir.

Ele sorri.

— Não tens mesmo preservativos?

— Tenho. Só queria salientar a tua compra de preservativos a granel.

— Já te disse, não foi...

Ele silencia-me com um beijo. Depois pega num preservativo. De uma embalagem de tamanho normal. Põe-no e alinha-se entre as minhas pernas, fazendo-me ofegar quando a sua ponta encontra a minha abertura.

— Estás bem? — pergunta, bruscamente.

— Estou, só não faço isto há algum tempo.

— Vou ser meigo — diz, num tom que é tudo menos isso. A sua voz é pura rouquidão. E o seu corpo força pura, mas mantém-se fiel à sua palavra. Ele penetra-me tão delicadamente que começo a suar de antecipação. — Fogo — diz. — Sim. Sabes tão bem.

Devagarinho, ele penetra-me cada vez mais fundo. Pouco a pouco, até estar todo dentro de mim. O seu tamanho é intimidante. Acho que nunca me senti tão preenchida. Sinto o seu controlo, o cuidado com que se instala inteiramente, tentando não me magoar. Consigo sentir os seus ombros a tremer.

Passo as unhas sobre a sua pele firme.

— Tenho quase a certeza de que me prometeste a melhor foda da minha vida — relembro, e ele disfarça uma gargalhada.

Depois, encosta a boca ao meu ouvido e sussurra:

— Tudo o que tu quiseses, Gisele.

Começa devagar. Um ritmo lento que é pura tortura. Entrando e saindo, enquanto os meus músculos internos se contraem tentando prendê-lo dentro de mim.

— Gulosa — sussurra novamente.

— Tão gulosa — murmuro, gemendo quando ele volta a entrar em mim.

Este é o tipo de sexo que nos faz perder o fôlego em antecipação atormentada porque o ritmo é angustiante.

— Consegues vir-te assim? — As suas ancas movem-se. A sua boca está ocupada. Os lábios exploram o meu pescoço. Os dentes cravam-se no meu ombro enquanto ele me agarra nas mamas, apalpando, brincando com os mamilos eretos.

— Provavelmente não — admito. — Preciso de tocar no clítoris.

— Sim, faz isso. Deixa-me ver.

Ele muda de posição, erguendo-se sobre os joelhos. E embora eu sinta falta do calor do seu peito sobre o meu, não há nada mais sexy do que vê-lo dentro de mim a olhar-me.

— Fá-lo — incita. — Mostra-me.

Ponho a mão entre as pernas. Lentamente, esfrego os dedos sobre o

conjunto de terminações nervosas inchadas e prestes a rebentar.

As suas mãos deslizam para a frente das minhas coxas conforme as suas ancas se fletem e recuam. Ele está a olhar para si a foder-me. A olhar para mim a tocar-me.

— É assim que te vens quando estás sozinha?

Aceno que sim.

— Só o clítoris? Não usas os dedos?

— Normalmente não.

— E se eu aparecesse e te ajudasse, de vez em quando? Fodia-te com os meus dedos enquanto te esfregavas.

— E que tal...? — Começa a ser difícil respirar. — Porque não o teu pénis?

— Também. Dou-te todas as partes de mim que quiseses. Se te fizerem vir, são tuas.

— Gosto deste Ryder — digo, gemendo quando ele se move para a frente. — O Ryder que fala assim. Gosto destas palavras.

Sorrindo levemente, ele afasta as ancas para trás e volta a penetrar-me. De cada vez que o faz, toca-me num ponto sensível e fundo, levando-me cada vez mais perto do orgasmo.

Esta posição proporciona-nos a visão perfeita do seu pénis enquanto me penetra.

— Envolves-me tão bem — diz ele, deliciado.

A urgência crescente dentro de mim torna-se insuportável. Levanto as ancas, agitando-me contra ele.

— Se continuares a fazer isso, vais fazer-me vir — avisa.

Sorrio.

— Isso é uma ameaça?

Perante isto, ele curva-se para a frente, cobrindo novamente o meu corpo com o seu enquanto as suas ancas se movem mais depressa. A mudança de ângulo é exatamente aquilo de que preciso para encontrar o êxtase. Com a sua bacia a roçar-se deliciosamente no meu clítoris e o seu pénis mergulhando fundo, o orgasmo começa no meu núcleo e inflama-me o corpo todo.

— Oh, meu Deus, Ryder, não pares — imploro, cravando-lhe as unhas nas costas ao estremecer com o orgasmo.

Ele vem-se logo a seguir, gemendo com a voz rouca contra o meu pescoço. Os seus movimentos tornam-se cada vez mais erráticos até, por fim, se enterrar em mim profundamente, estremecendo ao vir-se.

Tenho quase a certeza de que este foi o melhor sexo de toda a minha vida.

CAPÍTULO 24

RYDER

Segredinho indecente

Tenho quase a certeza de que este foi o melhor sexo de toda a minha vida.

O meu batimento cardíaco demora algum tempo a acalmar-se. A Gigi está aninhada ao meu lado. Os seus dedos dançam sobre o meu peito, acariciando-o distraidamente. Respiro fundo e cubro a sua mão com a minha, entrelaçando os nossos dedos. Não é um gesto habitual para mim. Na verdade, é um gesto que, normalmente, evitaria a todo o custo. Mas sabe-me bem, portanto, não questiono por que razão o fiz.

Espero que ela comece a falar. Que comece a fazer perguntas. Na minha experiência, este é o momento em que as mulheres gostam de falar. Quando a dopamina ainda circula na sua corrente sanguínea e o seu organismo está inundado de emoções positivas.

Mas a Gigi não diz nada.

— Estás preocupada com alguma coisa? — pergunto, bruscamente.

Merda.

Iniciei a conversa.

Voluntariamente.

O que é que está a acontecer e como é que paro com isto? Porque é que não consigo parar com isto? Nunca tive interesse em saber mais sobre as mulheres com quem vou para a cama, mas sinto-me um pouco ansioso por saber o que se passa na cabeça da Gigi.

— Estou só a pensar na cena da seleção olímpica — admite. As pontas dos seus dedos brincam com os nós dos meus dedos. — O meu pai ofereceu-se para falar com o selecionador em meu nome.

— Suponho que tenhas recusado.

Sinto o seu corpo ficar tenso.

— Obviamente.

Quanto melhor a conheço, mais se torna evidente que quer distanciar-se do pai. Valer-se do seu próprio mérito.

Um pouco depois, descontrai.

— Desculpa. Pareceu um bocado agressivo. Só que... — O seu suspiro aquece-me o peito. — Aquele teu comentário sobre o nepotismo, há um tempo, ficou-me na cabeça. A consumir-me.

Sinto uma pontada de culpa.

— Desculpa. Não devia ter dito aquilo.

— Sempre tive esse medo. Acho que só me fizeste enfrentá-lo. E eu odeio enfrentá-lo.

— Sim, eu percebo. Enfrentar as coisas é uma merda.

Ela ergue a cabeça para me sorrir. Mas o riso é passageiro. Volta a encostar-se para trás, o seu cabelo macio roçando-me no queixo.

— Também odeio o facto de estar nesta posição. Odeio pensar que o Brad Fairlee possa estar propositadamente a negar-me esta oportunidade. As pessoas estão sempre a dizer que ele é um excelente treinador. Imparcial. Quero acreditar que me fez aquela crítica porque, genuinamente, quer que eu melhore a minha forma de jogar e não por não me querer na sua equipa.

Franzo a testa.

— Porque não haveria de querer?

— Tenho um passado com a filha dele. Éramos melhores amigas quando éramos miúdas.

Quando os dedos da Gigi se retesam, largo-os um a um, lentamente, encostando a palma da sua mão contra o meu peito.

— Discutiram ou isso? — pergunto.

— Algo do género. Ela envolveu-se com o meu irmão no último ano, mesmo depois de eu a avisar de que o Wyatt jamais iria comprometer-se. Ele não queria uma namorada. Três anos depois, continua sem querer. Mas a Emma comportou-se como uma miúda iludida, fingindo que aceitava a falta de compromisso. Ou talvez não se trate de uma ilusão, talvez as raparigas se convençam mesmo disso, mas, assim que dormem com eles algumas vezes, começam a planear o casamento. Em todo o caso, o Wyatt pirou-se assim que ela tentou obrigá-lo a comprometer-se e ela decidiu destruí-lo. Começou a espalhar boatos sobre ele na escola. A dizer às pessoas que ele era horrível. — A tristeza e o desdém misturam-se na sua voz. — Eu e a Emma éramos inseparáveis desde o segundo ano, mas ela decidiu destruir a nossa amizade. Espalhou boatos sobre mim também. Publicou coisas extremamente embaraçosas online, coisas que lhe contei em confiança, capturas de ecrã de conversas antigas em que eu admitia que o meu namorado, o Adam, não era grande coisa na cama.

— Porra — espanto-me. As mulheres dominam verdadeiramente a arte da guerra nas redes sociais.

— Então, o Adam acabou comigo. E começou a andar com a

Emma, claro. Os nossos amigos em comum afastaram-se todos dela porque viram o seu lado cruel. Ela começou a comentar *posts* de outras pessoas, escrevendo coisas desagradáveis sobre mim, sobre o Wyatt e sobre todos aqueles que lhe viraram costas. Ou a postar tretas passivo-agressivas. — A sua voz torna-se mais ácida. Zangada. — Honestamente, nada disso foi importante. Foi infantil. Não me importou que tentasse fazer-me escolher entre ela e o Wyatt. Ou que me caluniasse. Me roubasse o namorado. Foi o facto de ter tido a ousadia de tentar magoar a minha mãe.

— Como é que ela fez isso? — Viro-me de lado para poder ver o seu rosto. Os seus olhos cinzentos estão em brasa.

— Foi uns meses depois da formatura. A minha mãe estava fora a gravar um álbum com um artista qualquer, não me lembro de quem. E o Wyatt tinha ido de viagem com uns amigos. Por isso, eu e o meu pai estávamos por nossa conta nesse verão.

Não sei bem aonde vai dar esta história, mas não me parece coisa boa.

— A Emma ligou-me com o pretexto de querer fazer as pazes. E, por causa do nosso passado, concordei em ouvir o que ela tinha para dizer. Nessa semana, eu estava responsável por um programa de hóquei para miúdos e só me despachava mais tarde. Devo ter mencionado ao telefone que estava sozinha em casa com o meu pai, embora não me lembre de como surgiu o assunto. Disse-lhe que passasse lá em casa ao final do dia se ainda quisesse falar. — A Gigi ri-se de espanto. — Em vez disso, esta miúda apareceu em minha casa enquanto eu estava a treinar com os miúdos e conseguiu entrar com a chave sobressalente. Depois despiu-se, enfiou-se na cama dos meus pais e tentou seduzir o meu pai quando ele entrou em casa.

— Estás a falar a sério?

— Já. — A Gigi fica lívida. — Durante algum tempo, tivemos medo de que ela fizesse acusações disparatadas, alegações falsas de que ele teria tentado fazer-lhe alguma coisa. A Emma parecia suficientemente instável para fazer uma coisa dessas. Mas acho que nem ela seria louca o suficiente para espalhar esse tipo de ódio. Todas as mentiras e boatos ficaram sempre aquém de destruir realmente a vida de alguém. Eram sobretudo boatos mesquinhos.

A Gigi senta-se, ainda nua. O meu olhar salta para os seus seios nus e, embora o meu pénis estremeça ligeiramente, neste momento, o ambiente está demasiado sombrio para algo mais do que um estremecer.

— Posso contar-te um segredo? — pergunta ela, mordendo o lábio.

— Claro.

— Odeio-a.

Rio-me.

— Bem, percebo porquê.

— Nunca tinha dito isto em voz alta.

— A sério? Não foste capaz de dizer que a odiavas mesmo depois de ela expor os teus segredos todos na Internet? Parece-me uma traição grave no mundo feminino.

— E é. Mas eu sempre tentei fazer a coisa certa. Ter alguma compaixão. A mãe dela abandonou-a quando ela tinha 12 anos. O pai sempre a mimou para compensar. — A Gigi suspira. — Os meus pais educaram-me para tentar ver o melhor nos outros. Tento sempre não criticar ninguém.

— Ela criticou-te a ti. Tens direito a estar chateada.

— Isso é o que dizem as minhas amigas. Ficam furiosas por eu não querer falar mal da Emma. Não é que a perdoe ou sinta alguma boa vontade em relação a ela, até a insulto bastante na minha cabeça. Mas nunca em voz alta. Sinto que... não tenho o direito de ser detestável.

Fico curioso por perceber isto.

— Porque é mau para o teu bem-estar? — pergunto. — Ou é alguma treta relacionada com a positividade tóxica que diz que tens de ser simpática para toda a gente, até para quem não merece?

Ela muda de posição, inquieta.

— Nunca pensei realmente no motivo. Acho que sinto que não posso.

— Porque não?

— Porque tenho muitas oportunidades na minha vida. Não sou uma vítima. Tive muita sorte até agora. Parece egoísta estar a queixar-me dos meus problemas.

— Não é egoísta, é natural. Eu posso ficar chateado quando as pessoas me chateiam, independentemente dos problemas que tenho na vida. Aquela miúda, a Carma? Quando passou cá a noite, desligou-me o despertador e fez-me chegar atrasado ao treino. Para mim, acabou.

A Gigi faz um esgar.

— Isso é lixado.

— Não deves o teu perdão aos outros.

— Perdoamos por nós, não por eles. — Agora parece transtornada. — Isso é o que me perturba. O que é que isso diz sobre mim, não me incomodar ficar agarrada ao ódio?

— Se não te magoar, qual é o problema?

— Eu quero ser boa pessoa.

— Quem diz que não és?

Ela volta a deitar-se ao meu lado, em silêncio. Passa novamente os dedos pelos meus abdominais. A cada carícia distraída, o seu cotovelo toca-me no pénis, que repousa sobre a minha perna. Quanto mais ela lhe toca, mais duro vai ficando.

Finalmente, a Gigi repara.

— Quem diria — espanta-se, divertida. — As conversas profundas dão-te tesão.

— Não. *Tu* dá-me tesão por lhe tocares enquanto temos conversas profundas.

Ela volta a sentar-se, o seu longo cabelo caindo para a frente quando ela olha para baixo, para mim.

— Posso contar-te outro segredo?

A malícia no seu olhar faz-me estremecer de desejo.

— Quero-te outra vez.

— Não te fargas, não é? — gozo, deliciando-me com o ardor carente no seu rosto.

— Já te disse, estou muito stressada. — Lambendo os lábios, ela curva-se sobre mim, aproximando a boca até ficar a milímetros da minha. — E tu prometeste que me ajudavas.

— Prometi, tens razão.

Pego na tira de preservativos que deixei sobre a mesa de cabeceira. No instante seguinte, puxo-a para cima de mim, colocando-a sobre as minhas coxas, com uma perna de cada lado. Envolvero o meu pénis com os dedos e faço-lhe uma carícia longa e demorada.

— Usa-me — ordeno-lhe.

Um sorriso curva-lhe os lábios.

Ela ajeita-se em cima de mim e guia o meu pénis para dentro de si. De repente, fico rodeado pelo seu calor apertado e todo o meu mundo se reduz às palavras «oh, foda-se» e «não pares». Ela monta-me, com a cabeça inclinada para trás de prazer. Este é o tipo de sexo que nos torna um bocado irracionais. Os seus gemidos são uma sinfonia para os meus ouvidos. Há algo melódico neles. Graves e roucos e tão sexy que me fazem tremer de desejo.

— Estou a vir-me — balbucia, atirando-se para a frente, esfregando-se no meu pénis.

Nem me lembro do meu nome ao senti-la espremer de mim cada gota de prazer. Está ainda sem fôlego do seu orgasmo quando me ponho em cima dela e a fodo até ficar novamente perdido no esquecimento, desta vez absorto num orgasmo quente.

E não acaba. Fazemo-lo toda a noite. Fodemos estupidamente, vimo-nos e descansamos, enquanto ela me arranca conversas que não esperava ter.

Finalmente, após uma última ronda alucinante, a nossa respiração ofegante acalma e reparo no som de vozes. Merda. Não me apercebi de que o pessoal já tinha voltado. Não me lembro do som da porta da rua a abrir, nem de ouvir o Shane e o Beckett em casa quando eu ou a Gigi fomos à casa de banho. Mas, agora, são duas da manhã e eu estava tão absorvido pela Gigi Graham que, tanto quanto sei, o pessoal pode estar em casa há horas.

— Merda — balbucia ela, reparando nas horas também. — Tenho de me ir embora.

— Vais treinar cedo?

— Não. Tenho aulas às dez. Mas não posso ficar aqui. Os teus amigos... — Ela interrompe-se. O resto da frase dispensa explicações.

Aceno com a cabeça.

— Bora. Vamos tirar-te daqui.

— Primeiro preciso de chamar um Uber.

— Não vieste de carro? — Estou confuso. Ela só bebeu uma cerveja e foi quando ainda estava sol. Desde então só bebemos água, para nos mantermos hidratados no meio da loucura do sexo.

— Não. Eu... — Sentindo-se culpada, ela evita o meu olhar interrogativo. — Não queria que o Case visse o meu carro na tua rua.

Sinto um calafrio no corpo. Não são propriamente ciúmes, mas algo igualmente enervante.

— Certo. Porque este é o nosso segredinho indecente — digo, arrastando as palavras.

Embora, para ser sincero, talvez seja boa ideia sermos discretos. Este fim de semana é o nosso primeiro jogo. Toda a gente precisa de ter a cabeça no jogo, incluindo o Colson.

— Não — corrige —, porque, da última vez que isso aconteceu, ele entrou pela tua casa adentro.

— É verdade.

Enfio um par de boxers enquanto a Gigi apanha as suas roupas em silêncio e se veste. Depois de apertar o botão da saia de ganga, vira-se para mim, receosa.

— Merda. Tenho de fazer chichi outra vez.

Nesse momento, insulto silenciosamente o Shane, que venceu o desafio da pedra, papel e tesoura este verão, ficando com o quarto principal e a casa de banho privada.

Abro ligeiramente a porta do quarto e espreito para o corredor às escuras. As portas dos quartos do Beckett e do Shane estão fechadas.

— A costa está livre — digo.

A Gigi atravessa o corredor e entra na casa de banho, enquanto eu fico a olhar para as portas até ouvir o autoclismo e a torneira do lavatório. As portas continuam fechadas.

A seguir, esgueiramo-nos para o andar de baixo e encaminhamo-nos silenciosamente até ao *hall* de entrada. Quando acho que me livrei de boa, o Shane surge vindo da cozinha.

Foda-se.

Os seus olhos negros assimilam o cabelo desgrehado da Gigi. Os meus boxers. As marcas de arranhões no meu peito.

E os seus lábios contorcem-se de riso.

— Fizeram noitada? — pergunta.

O rosto dela está visivelmente corado, mesmo na escuridão do *hall*.

— Não viste nada — implora, baixinho. — Por favor.

O Shane parece estar prestes a fazer uma piada, mas eu lanço-lhe um olhar severo e ele decide assegurar-nos.

— Eu não vi nada.

Acompanho-a até ao Uber, que está à sua espera. Não nos despedimos com um beijo. A Gigi está abalada por ter sido apanhada pelo Shane e mal olha para mim ao entrar para o banco de trás. Os farolins traseiros vermelhos piscam na noite escura enquanto o carro a leva para longe de mim.

Volto a entrar em casa, onde, naturalmente, o Shane está à minha espera.

— Há tantas razões para isto ser má ideia — diz ele.

— Eu sei.

— O Colson vai matar-te.

— Pode tentar.

— O Beck também parecia interessado nela.

— Ná. Ele desistiu.

— Já percebi. Então, tu apareceste e apanhaste-a. — O Shane revira os olhos.

— Não foi isso que aconteceu.

Ele fica a olhar para mim o tempo suficiente para me fazer sentir desconfortável, depois suspira.

— Ryder. Aquilo ali — aponta para a porta da rua, indicando a mulher que acabou de sair — é uma namorada. E tu não és um namorado.

Sinto um suspiro preso na garganta.

— Não contes a ninguém, está bem? Como disseste, há muitas razões para manter isto em segredo. Mas a mais importante é ter sido ela a pedir.

Ele observa-me durante mais um bocado. Depois acena com a cabeça.

— Claro. Tranquilo.

— Obrigado, meu.

*

Na manhã seguinte, o Shane prova ser um homem de palavra.

Quando o Beckett entra na cozinha e me vê junto à bancada, ergue uma sobrancelha.

— Não sabia que era suposto haver uma maratona de sexo ontem à noite.

Nesse momento, o seu telemóvel apita e ele baixa a cabeça para ler a mensagem que acabou de chegar. Rindo para si mesmo, tecla o que

parece ser uma longa mensagem de resposta.

O Shane olha para ele da outra ponta da bancada, onde está a cortar vegetais para as nossas omeletes.

— A quem é que estás a enviar mensagens tão cedo?

O Beck enfia o telemóvel no bolso.

— A ninguém.

— Isso não é nada suspeito — diz o Shane.

— Calma. É só uma miúda. E não penses que não reparei que fugiste ao assunto, Ryder. — Ele passa por mim e abre o frigorífico. — Com que então, maratona de sexo. Teria convidado alguém se soubesse que o programa era esse.

— Eu não estive com ninguém — minto.

— Tretas. Alguém estava a levar uma boa trancada ontem à noite. A que horas chegámos a casa? — pergunta ele ao Shane. — Dez e meia? Foi nessa altura que comecei a ouvir barulho de sexo.

Merda. Eles já estavam em casa há quase quatro horas quando eu dei conta? Sinto-me inquieto. Acho que nunca perdi a cabeça por uma mulher desta maneira.

Nunca.

Viro-me para tirar um pão da despensa. Estou a empatar.

— Meu — diz o Shane ao Beckett. — Isso era eu.

— A sério? Pensava que aquela miúda te tinha feito um broche no concerto. Ligaste a alguém quando chegámos a casa?

— Não. Porno, meu. — Ele revira os olhos como se fosse óbvio.

— O sexo que eu ouvi durou para aí quatro horas. — O Beckett olha para ele boquiaberto. — Estiveste a bater punhetas esse tempo todo? Como é que a tua pila ainda está agarrada ao corpo?

— Estava a experimentar, uh, aquela cena de ir até ao limite, de que as pessoas estão sempre a falar.

— Certo. Ouvi dizer que é muito apreciada na comunidade porno — diz o Beckett solenemente.

O Shane mostra-lhe o dedo do meio.

— Quero lá saber. Sou jovem. Posso fazer o que quiser com a minha pila. Mete-te na tua vida.

— Então, da próxima vez, faz menos barulho. Há uma cena chamada auscultadores. Devias investir nuns.

Rindo-se, o Beckett dirige-se ao fogão e pega numa frigideira para os ovos.

O Shane pisca-me o olho quando passo por ele, batendo-me levemente no braço.

— Ficas a dever-me uma — murmura.

CAPÍTULO 25

RYDER

Contratempos de comunicação

Na noite do nosso jogo inaugural da época, em casa, vou para o Centro Graham com o Beckett e o Shane. Sentado no banco de trás do *Mercedes* do Shane, ao telemóvel, envio a mensagem habitual para a conversa de grupo da Eastwood, uma superstição que começou no ano passado e que pegou. Durante a viagem, uma dezena de notificações sinalizam a mesma mensagem.

Nos balneários, o Beckett tenta defender um filme qualquer que obrigou o Shane a ver na noite anterior.

— Não estás a perceber. O herói não estava na mesma linha temporal que o irmão...

— Como eu te disse ontem à noite, não faz sentido nenhum e não quero falar sobre isso.

— E como eu te disse a *ti*, tens de vê-lo pelo menos três vezes até fazer sentido...

— Que disponibilidade achas tu que eu tenho? — interrompe o Shane. — Mal tenho tempo para ver os filmes uma vez, quanto mais a mesma merda de filme três vezes.

— Tem graça, vindo do tipo que estive a ver porno durante *quatro* horas seguidas no fim de semana passado. Aos berros. — O Beckett vira-se para os nossos colegas da Eastwood. — Quatro horas, não estou a gozar. Embora deva reconhecer que ele escolheu uma coisa boa. Isso eu admito, Lindley. Não sei se era a mesma miúda a gemer em todos os vídeos, mas era incrível. Bom tom e timbre. Parecia ser toda boa.

E era. Era fogo puro e o meu corpo ainda sente o seu calor.

Claro, como um otário, não lhe liguei desde essa noite.

Simplesmente... não sou capaz.

Alguna coisa aconteceu nessa noite. Eu gosto de sexo como toda a gente, mas a Gigi chegou antes de o sol se pôr e saiu de madrugada. Nem sequer *comemos*, caramba. Só consumimos água e consumimo-

nos um ao outro. Foi a sessão de sexo mais longa da minha vida e, mesmo assim, quando ela se foi embora, não fiquei saciado. E todos aqueles momentos de intervalo, em que ficámos só a falar. Bem, foi ela quem mais falou. Mas eu *queria* ouvi-la. Fiz perguntas. Tomei a iniciativa.

Escusado será dizer que este comportamento não pode repetir-se.

Antes de nos enrolarmos, fiz questão de dizer à Gigi que só queria sexo. Mas, de alguma forma, fui *eu* que me esqueci disso.

— Não me venhas cá com *tipos* — refila o Shane com o Beckett, curvando-se para a frente para esticar as costas. — Não estamos na Austrália, amiguinho.

Reparo no Will Larsen a rir-se da conversa, parando assim que vê o Colson a fazer-lhe má cara.

Quando estamos todos equipados, o treinador Jensen entra para fazer o primeiro discurso de encorajamento da época.

— Entrem em campo e façam o vosso trabalho. — Acena com a cabeça e vira-se para a porta.

— Então, é só isso? — balbucia o Patrick.

O Jensen vira-se para trás.

— O que é? Que mais querem? Querem que faça uma pequena dança?

— Pessoalmente, adorava — diz o Tristan Yoo.

Ouvem-se uns risos abafados.

— Eu não faço discursos — afirma o treinador com firmeza. — Já falo o suficiente durante os treinos. — Olha em volta do balneário. — Dito isto... individualmente, cada um de vocês é excepcional. Mas como equipa? Bem, vamos descobrir.

É é precisamente o que acontece. O jogo é rápido desde o primeiro duelo. O que é surpreendente, porque a Northeastern não é habitualmente tão forte como a Briar ou a Eastwood. Além disso, segundo os vídeos que vimos, o seu novo guarda-redes do segundo ano deixa passar tudo.

E, no entanto, não conseguimos fazer passar nada por ele.

Estou na primeira linha, ao lado do Colson e do Larsen, com os defesas Demaine e Beckett. Somos os melhores jogadores da equipa e devíamos ser imparáveis.

Só que não.

Na substituição seguinte, tentamos fazer algo acontecer. O frio do rink envolve-me o rosto enquanto atravesso a linha azul a grande velocidade. Estamos no ataque.

— Atenção — grito para o Case, que está de costas para a jogada quando o defesa adversário tenta recuperar o disco.

Ele ignora completamente o aviso e é projetado contra a tabela. Felizmente, consegue vencer a batalha e reaver o disco.

O Beckett grita «Aqui!» para indicar que está livre. O Colson ignora o nosso defesa e tenta ser herói, rematando contra a baliza. Porém, o adversário impede-o, dando uma oportunidade de ataque à Northeastern.

— Que raio foi isso? — grita o Beckett ao Colson, completamente enraivecido.

O Beckett nunca perde a calma. Estamos ainda no primeiro período e já se irritou duas vezes com o nosso cocapitão. O nosso intrépido cocapitão, que, aparentemente, acha que está a jogar sozinho. Lembrome do aviso do Rand Hawley no início do ano sobre a probabilidade de o Colson partilhar com a Eastwood.

Acho que já temos resposta para essa pergunta.

O treinador pede uma substituição enquanto a outra equipa se reúne atrás da baliza. Voo até ao banco de suplentes, enquanto o Shane, o Austin e o resto da segunda linha entram para o rinque. Eles são igualmente bons e estão igualmente tramados.

Enquanto observador, sentado no banco, vejo claramente o problema.

Não há comunicação no rinque. Pelo menos, entre o pessoal da Briar e o pessoal da antiga Eastwood. E isso é um grande problema, porque devemos contar com os nossos colegas de equipa em campo. São o nosso segundo par de olhos. Sozinhos não conseguimos estar em todo o lado ao mesmo tempo e, durante o jogo, há minibatalhas constantes a serem disputadas no gelo. Os nossos colegas de equipa conseguem ver jogadas que podemos não estar a ver. E devem dizer-nos.

— Prodígios — grita o Jensen. — É a vossa vez.

Pronto. Parece que será esse o nome da nossa linha a partir de agora.

Estamos novamente em campo e eu venço o duelo, fazendo um passe para o Colson. No que toca a controlar o disco, ele é excelente a fazer fintas e a despistar os defesas a torto e a direito. É mesmo bom no que faz. A fintar os adversários, a simular remates e a desmarcar-se para o fazer outra vez. Tem uma paciência extraordinária. Mas, mesmo com essa técnica toda, não conseguimos marcar golo.

Depois de um ataque, fico encurralado atrás da baliza, enfrentando dois avançados da Northeastern. Uso todas as jogadas que tenho andado a ensinar à Gigi, mudando de direção de repente e semeando a confusão, até ouvir o Demaine gritar «Estou livre» e conseguir passar-lhe o disco.

Ele tenta um remate direto.

Não entra.

— Filha da puta — rosna o franco-canadiano enquanto nos apressamos para a recarga.

O apito do árbitro rasga subitamente o ar.

Protesto ao ver que o Beckett cometeu uma infração por refilar. Os fãs da Briar mostram a sua indignação e a nossa linha sai do gelo para a equipa de marcação de penáltis entrar em campo. O Trager e o Rand estão ambos nessa linha. São dois dos melhores marcadores de penáltis do hóquei universitário. Mas não estão em sintonia. Estão tão preocupados em invadir o território um do outro que acabam ambos por perder o disco de vista.

O avançado esquerdo da Northeastern marca facilmente, assinalando o primeiro golo do jogo.

O treinador atira a prancheta ao chão.

Quando o Trager e o Rand regressam ao banco, está furioso.

— O que foi aquilo? — berra. — Que raio foi aquilo?

Seria de esperar que se sentissem suficientemente ridículos para ficarem envergonhados, mas estão demasiado ocupados a olhar furiosamente um para o outro.

— Foi um golo de merda — murmura o Rand quando me apanha a olhar para si com má cara.

Observo-o, incrédulo. Insinuar sequer que foi um golo sortudo é de loucos. Ele e o Trager estiveram mal e a outra equipa aproveitou-se disso. Ponto final.

Ele vê a minha cara e baixa a cabeça, deixando ver uma expressão ensombrada.

O apito assinala o fim do primeiro período. Durante o intervalo, o treinador repreende-nos severamente no balneário. É bem merecido, e ouvimos tudo sem dizer uma palavra. O Trager parece ter algo a dizer, mas, felizmente, fecha a sua boca odiosa perante a ira do Jensen.

Mas assim que recomeça o jogo, tem muito a dizer. Depois de eu falhar um passe e voltar ao banco para a mudança de linha, o Trager encara-me com um olhar ameaçador e cospe uma série de insultos, terminando com:

— Por que raio não passaste? O Case estava livre.

Lanço-lhe um olhar fulminante.

— Não vi que ele estava livre. Não tenho olhos na nuca.

— Chega. Calem-se todos. — O treinador tem um olhar homicida.

O segundo período é praticamente igual ao primeiro. Estamos completamente desorganizados. A única redenção é o nosso guarda-redes ser prodigioso. O Kurth mereceu bem a titularidade. É verdadeiramente o melhor guarda-redes que já vi jogar fora do contexto profissional.

— Ele é incrível — murmura o Shane, aos vermos a luva do Kurth defender outro remate no ar e os adeptos da casa irromperem num ensurdecedor tumulto de aprovação.

— É prodigioso — concorda um dos tipos da Briar, impressionado.

Evidentemente, é a única coisa em que concordamos, que o nosso guarda-redes está a salvar o couro da equipa.

Quando o jogo se aproxima dos últimos segundos, continuamos a não conseguir marcar ao guarda-redes da Northeastern, que, habitualmente, tem mais buracos do que o queijo suíço, o que não prova quão bom ele é, mas quão mal estamos a jogar.

O apito final soa e ouvem-se os aplausos do pequeno grupo de fãs da Northeastern e um coro de apupos dos adeptos da Briar.

O nosso primeiro jogo é a exibição mais terrível da Briar em muito tempo e, para quem que não gosta de discursos, o nosso treinador não tem problemas em dizer-nos isso no balneário.

— Em todos os meus anos como treinador nesta universidade, esta foi a exibição mais patética que já vi — diz, enfurecido. — E não porque perderam. Já aconteceu não marcarmos golos. — O seu olhar severo encara alguns dos jogadores mais velhos da Briar. — Todos sabemos o que é perder. Mas perder assim? Porque não quiseram jogar em equipa? É totalmente inaceitável.

Ele lança a prancheta até ao outro lado do balneário, as páginas voando por todo o lado.

O Jensen respira fundo. Depois, expira lenta e uniformemente.

— Não tirem o equipamento, só os patins. Calcem os sapatos e vão ter com o treinador Maran ao ginásio.

Sai do balneário furioso.

Ficamos ali, ainda com o equipamento completo e as proteções, ainda a suar por causa dos três períodos que passámos a patinar de um lado para o outro como galinhas com as cabeças cortadas.

O pessoal troca olhares desconfiados.

— Não gosto disto — diz o Patrick, desconfortável. — Porque é que não podemos tirar o equipamento e tomar banho?

— Vá — murmura o Nick por entre dentes. — Vamos lá despachar isto.

Minutos depois, entramos no ginásio, onde o Nazem emite um lamento angustiado que ecoa pelo espaço cavernoso.

A minha visão é invadida por três coisas insuportáveis.

Nance.

Sheldon.

E uma pista de obstáculos.

— Não — queixa-se o Shane. — Por favor. Isto não. Não.

— O Jensen já tinha isto planeado! — exclama o Patrick, a traição enchendo-lhe o olhar. — Significa que achava que íamos perder.

Apercebo-me de que ele tem razão. O que me faz sentir algum azedume, pois que tipo de treinador tem tão pouca confiança na sua equipa que tem a iniciativa de preparar um castigo para uma perda antecipadamente?

Todos se viram para o nosso treinador-adjunto em jeito de pura acusação.

— Nem pensar, isto iria acontecer de qualquer forma — revela o Maran, encolhendo os ombros. — Ganhassem ou perdessem.

— Então, se ganhássemos, seríamos castigados na mesma? — O Trager está revoltado.

— Escutem, rapazes, isto não é um castigo — diz o Sheldon, dando um passo em frente com um sorriso reconfortante.

— É uma *recompensa* — tenta assegurar-nos a Nance. — É alimento para a alma. Devemos nutrir a alma para atingirmos todo o nosso potencial de crescimento.

O Sheldon faz um som de desaprovação com a língua.

— Dito isto, ouvimos dizer que há um problemazinho de comunicação entre vocês.

O treinador-adjunto Maran ri-se.

— Felizmente, temos o exercício perfeito para resolver este problema — diz o Sheldon.

Os dois irmãos fazem-se novamente acompanhar dos seus apitos e dos tons pastel. E parecem os dois demasiado entusiasmados para quem vai passar a sexta-feira à noite a executar jogos de comunicação com uma série de jogadores de hóquei furiosos e suados.

— Não consigo — queixa-se o aluno do primeiro ano que veio substituir o Tim Coffey no plantel de titulares até o pulso do Coffey sarar. — Vá lá, místico. Acabámos de jogar três períodos de hóquei. Estou tão cansado.

— Pois. E agora vais concluir uma pista de obstáculos — diz o treinador Maran alegremente. Acena com a cabeça para os Laredos. — Vou deixar-vos à vontade.

Cerro os dentes para evitar dizer palavrões nas costas do Maran. Isto é um pesadelo.

— Devia ter pedido transferência — murmura o Shane.

— Já, podes crer. — O Beckett parece exausto.

— Que se lixe — diz o Trager, avançando pomposamente. Os seus *Converse* ficam absurdos com o equipamento, mas devemos estar todos igualmente ridículos. — Bora despachar esta merda.

— Muito bem — anuncia a Nance, batendo palmas. — Agora vão fazer pares. Cada par deve incluir um antigo jogador da Eastwood e um da Briar. Não importa como escolhem o vosso par, mas essa é a única condição.

O Colson está ao meu lado, por isso, olho para ele e trocamos um firme aceno de cabeça. Do meu outro lado, o Beckett procura um tipo da Briar e acaba por escolher o Will Larsen.

Dou um passo em frente e examino a pista de obstáculos à nossa frente. Há três pistas que percorrem o ginásio de uma ponta à outra.

Um dos lados tem uma plataforma de madeira elevada, que suponho ser a posição de partida, e o outro um tapete colorido, que deve ser a meta. As pistas estão coordenadas por cores e contêm características idênticas. Traves de equilíbrio com cerca de um metro de altura. Caixotes aleatórios, pintados da cor da respetiva pista, juntamente com alguns pneus grandes estão espalhados pelo chão encerado. Passando o terreno minado de caixotes e pneus, há uma piscina infantil com uma segunda trave de equilíbrio suspensa sobre ela, embora esta trave seja mais larga e esteja mais próxima do chão. Ao fundo veem-se grandes pedregulhos falsos feitos de massilha.

— Isto vai funcionar da seguinte maneira — começa a Nance, o seu rosto reluzindo de pura alegria.

Juro que ela fica excitada com esta merda. Provavelmente, deve ficar sentada em casa a fantasiar sobre exercícios de *team building* para torturar os alunos.

— Um dos jogadores ficará na plataforma: esse será o guia. O outro jogador, o executante, estará vendado e irá percorrer a pista sob a orientação do seu guia, que deve comunicar-lhe qual o melhor caminho. Guias, devem garantir que os vossos executantes seguem o percurso que designaram. Executantes, irão desviar-se dos obstáculos, assim como dos outros jogadores que estão na pista ao mesmo tempo. Assim que o vosso parceiro conseguir chegar ao tapete da vossa cor, tira a venda e o executante torna-se o novo guia. Ficam avisados: vai haver barulho. Assim, por favor, nada de palavrões. Porque não gosto de ouvi-los. Sou uma senhora.

— Uma senhora sexy — diz o Sheldon, sorrindo-lhe.

O Beckett ergue uma sobrancelha.

— Credo — diz, suficientemente baixo para não o ouvirem.

— Neste exercício, a comunicação é fundamental — explica a Nance. — Tal como em quase todos os aspetos da nossa vida. Sem comunicação, por exemplo, o nosso casamento não seria bem-sucedido.

Sorriem um para o outro.

— Esperem, como assim? — pergunta o Patrick, bruscamente. — Vocês não são irmãos?

O Sheldon franze o sobrolho.

— Somos casados e felizes há vinte e dois anos.

O Patrick não fica nada convencido.

— Vá lá. Estão a gozar. Vocês são irmãos — insiste. Vira-se para o grupo para que o apoiemos. — Serei o único a achar isso?

O Shane ri-se silenciosamente com o rosto enterrado na curva do braço, os seus ombros largos sacudindo-se.

— Aliás, um dos nossos trabalhos paralelos é o aconselhamento matrimonial — conta o Sheldon. — Trabalhamos principalmente com

casais cujos casamentos sofrem de contratempos de comunicação. Portanto, se algum de vocês for casado e precisar de aconselhamento...

— Preferia divorciar-me — diz alguém.

Vários tipos partem-se a rir.

A Nance suspira e tenta dirigir a nossa atenção de volta para a pista.

— Antes de começarmos, alguém tem dúvidas?

— De certeza que não são irmãos? — pergunta o Nazem.

— Mais alguma questão?

CAPÍTULO 26

GIGI

Dia Nacional da Sobremesa

O comité do departamento desportivo para a angariação de fundos de dezembro reúne-se na biblioteca da Briar na segunda-feira à tarde, depois de eu e as minhas colegas de equipa terminarmos o treino.

É um grupo interessante. Da equipa feminina sou eu, a Camila e a Whitney. Da masculina, o Ryder, o Shane e o Beckett representam a parte da antiga Eastwood, enquanto o Will Larsen e o David Demaine representam a Briar. Deve ter sido estratégico da parte do Jensen as pessoas que ele designou, ou melhor, obrigou, a estar aqui. Desbocados como o Trager ou o Rand só iriam atrapalhar os planos. Mas surpreende-me que o Case não esteja aqui. Como o outro capitão, talvez devesse estar.

A questão fica esclarecida quando o Demaine se senta e diz:

— O Colson ficou retido numa reunião com um professor. Pediu para lhe enviarmos os detalhes por mensagem. Mas virá da próxima vez.

Tento não trocar olhares com o Ryder. Passou uma semana inteira desde que fomos para a cama e não voltámos a falar.

Nem uma palavra. Nem uma única mensagem. Nem sequer nos cruzámos nos corredores do centro de treino, o que me faz pensar que ele pode estar ativamente a evitar-me.

Após os primeiros dias de silêncio total, comecei a ficar chateada. Porque, quer dizer, nem sequer mereço um «Então, como estás?» depois de uma autêntica maratona de sexo?

Depois, comecei a sentir-me aliviada, porque... a verdade é que também não saberia o que dizer-lhe.

Naquela noite, fizemos sexo durante horas. Tantas horas que fiquei dorida durante três dias. Até me veio o período quatro dias mais cedo, como se o meu corpo me obrigasse a reiniciar depois daquela noite louca com o Luke Ryder.

E a parte pior é que o quero outra vez. Assusta-me quão

desesperadamente o quero. Por isso, tenho mantido a distância.

Claramente, estamos de acordo quanto a isso. Ele mal olhou para mim desde que nos sentámos.

À cabeceira da mesa, a Whitney abre o caderno e destapa a caneta.

— Vamos lá fazer isto — diz. — Tenho coisas combinadas para o jantar.

Ao meu lado, a Camila está a fazer olhinhos ao Beckett, do lado oposto da mesa. E ele está a corresponder. Sim, aqueles dois fazem sentido. Ambos destilam sensualidade.

— Imprimi o e-mail do dirigente da instituição de caridade. — A Whitney saca do papel e dá-lhe uma olhadela. — Estamos incumbidos de angariar os elementos para o leilão silencioso.

— Parece empolgante — diz o Beckett, continuando a olhar para a Camila.

Ela pisca-lhe o olho.

— Então, vamos fazer uma lista de ideias, coisas que achamos que seriam boas para o leilão. Precisamos de contactar empresas e figuras públicas para fazerem doações. Que tal assim? Cada um de nós contacta, por exemplo, dez empresas ou pessoas?

— Posso criar um formulário online onde podemos colocar toda a informação que reunirmos — sugere o Will. — Tipo nomes, números, o que oferecem, essas coisas.

A Whitney agradece-lhe.

— No caso das organizações maiores, podemos enviar um e-mail base a pedir doações. Embora ache que teremos mais sucesso se pedirmos pessoalmente. Assim, no caso das empresas locais, dirijam-se lá pessoalmente ou, pelo menos, telefonem. — Ela olha para o David. — Lembras-te de que tipo de coisas estiveram em leilão no ano passado?

Acho que estiveram ambos envolvidos na angariação de fundos do ano passado. Felizmente, consegui escapar a essa tarefa.

— Não sei — diz ele, devagar, com um sotaque franco-canadiano tão subtil que, por vezes, mal se percebe. — Acho que havia, tipo, um pacote com um salto de paraquedas. Uma pousada no New Hampshire ofereceu uma escapadinha de fim de semana. E havia também umas férias com tudo incluído.

— Ah, pois. E aquele prémio espetacular dos Bruins. O vencedor podia assistir ao seu treino matinal — recorda a Whitney, animando-se.

— Sim, mas isso foi por causa do pai da G — salienta o Demaine. — Ele é que arranjou isso. Duvido que sejamos capazes de conseguir algo assim sozinhos.

Como seria de esperar, o olhar astuto da Whitney recai sobre mim.

— Podes mexer os teus cordelinhos e ver se o teu pai ou algum dos

seus amigos famosos pode doar alguma coisa fixe?

Aceno que sim.

— Vou ver o que posso fazer. Ele deve arranjar qualquer coisa.

— Deve ser bom — diz o Ryder, arrastando as palavras.

Sinto-me indignada. A sério? Não falamos há uma semana e é isto que ele resolve dizer?

Semicerro os olhos.

— Preferias que não usasse os meus contactos para o leilão de beneficência que fomos obrigados a organizar?

Isto cala-o. Vislumbro um indício de um sorriso nos seus lábios, antes de ele baixar a cabeça.

A Camila diz:

— O meu padraсто tem vários ginásios em Boston. Vou perguntar-lhe se quer doar um pacote de ginásio.

— Excelente — diz a Whitney, tomando nota.

Tenho uma ideia.

— A minha prima está a lançar uma linha de maquilhagem. Talvez possa pedir-lhe que prepare, sei lá, um cabaz de produtos?

A Camila lança-me um olhar cúmplice.

— Olhem, perguntem à Gigi como se chama a prima dela.

O Beckett sorri.

— Está bem. Como é que ela se chama?

Fulmino a Cami com o olhar. Ao Beckett, digo:

— Chama-se Alex e, na realidade, não é nada de especial...

— Chama-se Alexandra Tucker — corrige a Camila. — Sim, isso mesmo. A supermodelo. Por isso, estão a ver, nada de especial.

O Shane parece impressionado.

— Fogo, tens mesmo amigos influentes, não tens, Gisele?

— É minha prima — resmungo. — Não tenho culpa de que seja famosa.

Do canto do olho, reparo no Ryder agarrado ao telefone. A enviar mensagens, parece. O que me suscita alguma desconfiança. Subitamente, ocorre-me que, talvez, a razão pela qual não me contactou toda a semana não é porque, como eu, se sentiu esmagado por quão incrível foi o sexo.

Talvez ande a dormir com outras pessoas.

A ideia enfraquece-me a pulsação e não no bom sentido. Por alguma razão, pensar nele na cama com outra rapariga faz-me sentir...

O meu telemóvel vibra na minha mala.

Espero uns segundos, tentando permanecer indiferente, depois tiro-o da mala. A minha respiração prende-se imediatamente nos pulmões.

RYDER:

Não consigo parar de pensar em ti.

Não estava à espera *disto*.

Lentamente, levanto a cabeça e vejo-o a olhar para mim. Completamente inexpressivo. Depois, vira a cabeça para o lado, mas não sem antes detetar nele um brilho de desejo.

— Pronto — diz a Whitney —, comecem a procurar empresas locais no Google e escolham algumas para contactar. Não podemos sair daqui hoje sem uma lista sólida, portanto, vamos decidir já, porque eu não quero fazer isto outra vez. Tenho mais que fazer.

O Beckett ri-se.

— Vou ligar ao meu pai — digo ao grupo, empurrando a cadeira para trás. — Vou ver o que ele tem para oferecer. Talvez possa organizar um encontro ou uma sessão de patinagem privada. Vou saber.

Pego no telemóvel e levanto-me da mesa. Atravesso as estantes de História Europeia em direção à parede do fundo, com o coração a bater contra as costelas.

Em vez de ligar ao meu pai, envio uma mensagem ao Ryder.

EU:

Sala de Estudo B

Consigo ver para dentro da Sala de Estudo B e está vazia. Do outro lado da estreita estante ouço o meu grupo a conversar discretamente. Mas eles não me veem. Passo por mais duas filas de estantes e entro sorrateiramente na sala de estudo.

Baixo todas as persianas. E depois espero.

Não sei se ele virá. Nem sequer sei se quero que venha. Isto é uma loucura. Os nossos amigos estão mesmo ali.

Incluindo o Will, que é o melhor amigo do Case.

No preciso momento em que começo a achar que isto é má ideia, a porta abre-se e o Ryder entra na sala. Fecha a porta atrás de si e desliga o interruptor, envolvendo o pequeno espaço na escuridão.

— Isto é perigoso — diz, falando baixinho, dando voz aos meus pensamentos.

Mordo o lábio e procuro a sua expressão na penumbra.

— Não consegues parar de pensar em mim, hã?

— Não. — Ele parece perturbado. — É um problema.

— Não sei se acredito em ti. Dizes que pensas em mim, mas há mais de uma semana que não sei nada de ti.

— Também não sei nada de ti.

Nisso ele tem razão.

O silêncio ondula entre nós, assim como um fio de consciência que começa a desenrolar-se, percorrendo a sala até eu ficar dolorosamente ciente da sua proximidade. Do seu cheiro a especiarias. Do calor do

seu corpo.

— Porque é que estamos aqui, Gisele? — A sua voz torna-se grave. Rouca.

— Não sei. Não falávamos desde que fui a tua casa naquela noite, por isso, achei...

— Por isso, achaste que seria boa ideia falar agora. Na biblioteca. Num sítio escuro e fechado. Com os nossos colegas a seis metros de nós.

— Eu não disse que tinha pensado bem no assunto.

Ele solta uma gargalhada baixinha e aproxima-se.

Inclino a cabeça para o olhar nos olhos. Não consigo ver o seu azul intenso na penumbra, mas consigo sentir o seu desejo.

— Arrependes-te do que aconteceu? — pergunto-lhe.

A sua mão encontra a minha cintura, envolvendo-a delicadamente. O meu coração começa a bater mais forte quando o seu polegar mergulha sob a bainha da minha camisa larga de manga comprida em busca de pele nua. Ele toca-me e eu estremeço ao sentir a ponta áspera do seu polegar acariciando-me a anca.

— Não — responde. — E tu?

Há qualquer coisa na forma preguiçosa como ele me toca. Quase indiferente, embora saiba que cada carícia é deliberada.

— Achas que devíamos repetir? — dou por mim a sussurrar.

Ele reage com um leve sorriso.

— Sim, mas agora não. Não posso foder-te aqui.

— Porque não?

— Porque será impossível não fazeres barulho. Irão ouvir todos os sons que fizeres quando estiver dentro de ti.

A imagem obscena provoca-me um gemido involuntário e a boca do Ryder cai sobre a minha para engolir o som gutural.

Entrego-me a ele e acolho o seu beijo, surpreendendo-me quando, de repente, ele me ergue do chão. Envolvero as pernas à sua volta para não cair. Cambaleamos de costas até à parede. Ouve-se um som estridente quando o meu joelho bate contra as persianas.

Ficamos imóveis.

As vozes do outro lado do corredor continuam normalmente. Ninguém passa pelas estantes de livros nem irrompe pela sala de estudo, exigindo respostas.

Com um gemido rouco, o Ryder começa novamente a beijar-me. Adoro o seu sabor. É viciante. De cada vez que inspiro, sinto uma vertigem, como se fosse injetada com uma droga. Já ouvi falar de feromonas, mas nunca acreditei realmente no seu poder até agora. Sempre que respiro o Ryder, fico desfeita.

As minhas pernas deslizam pelo seu corpo musculado, tocando novamente em terra firme. As minhas costas continuam encostadas à

porta, enquanto a mão do Ryder procura a cintura das minhas calças e desapareta o botão com destreza.

— Pensei que tinhas dito que aqui e agora era má ideia — digo, sem fôlego.

— Não, eu disse que não ia foder-te. Não disse que não iria fazer mais nada.

Ele puxa-me as calças de ganga para baixo, assim como as minhas cuecas, que estão encharcadas. Com um sorriso, e os dentes brancos a brilhar no escuro, ele põe-se de joelhos.

Assim que os seus lábios roçam o meu clítoris, volto a gemer.

A boca do Ryder desaparece sem demora. Ele olha para cima, para mim, as suas bonitas feições franzidas na penumbra.

— Não podes fazer barulho. Senão eu paro. Não queres que eu pare, pois não?

— Não — consigo balbuciar. Fecho as pálpebras quando a sua boca volta a tocar-me.

Não sinto vergonha ao esfregar-me contra a sua cara. O seu silvo de prazer mal se ouve. Muito mais discreto do que os sons que fez no fim de semana passado. Os suspiros guturais ao lambe-me. Os gemidos roucos ao penetrar-me tão profundamente.

Mas o silêncio é em si um afrodisíaco. Estou extremamente consciente de cada contração do meu corpo. Cada músculo palpitante. A trepidação da minha coxa quando ele lhe toca com uma mão quente. E quando acho que consigo lidar com o silêncio, ele começa a lambe-me, determinado, e não consigo evitar voltar a gemer.

— Já, não. De certeza — diz uma voz familiar, do outro lado da porta.

Paramos imediatamente, a mão do Ryder apertando-me a coxa para me silenciar.

— É ótimo pôr a conversa em dia. Obrigado por teres ligado.

Identifico o Shane. Que, por alguma razão, decidiu fazer uma chamada à porta da Sala de Estudo B.

O Ryder parece achar piada. Gosto quando ele sorri. Gosto ainda mais quando me lambe até eu ver tudo desfocado. É exatamente o que decide fazer, completamente indiferente à presença do melhor amigo do outro lado da porta. Quero preocupar-me com o facto de o Shane estar ali, mas a língua do Ryder dificulta-me a concentração. Ele rodopia-a sobre o botão inchado no meio das minhas pernas e o prazer vai crescendo. Uma ânsia profunda.

Deixo de sentir o calor da sua boca quando ele inclina a cabeça para trás.

— Quero que te venhas na minha cara — sussurra. — Fazes isso por mim?

Aceno debilmente que sim.

Ele enfia um dedo dentro de mim e o meu interior aperta-o com tanta força que ele geme também.

Ouçõ um palavrão baixinho vindo do outro lado da parede. Percebo que o Shane sabe que estamos aqui. Talvez sempre o soubesse e a chamada fosse para disfarçar. De qualquer forma, estou demasiado excitada para me importar com o facto de ele estar ali. E que, provavelmente, consiga ouvir todos os gemidos abafados que me saem da garganta. O que o Ryder está a fazer é demasiado incrível.

Quero tanto vir-me. O meu núcleo está em brasa, as mamas firmes e sensíveis, enquanto me esfrego na cara ávida do Ryder. Ele segura-me nas ancas para eu não perder o equilíbrio. A sua língua ocupa-se do meu clítoris latejante enquanto o seu dedo continua a mover-se. Depois, acrescenta um segundo dedo e eu dou um grito.

A voz do Shane dirige-se à porta fechada.

— É melhor vires-te, Gisele. O pessoal está a começar a perceber.

O Ryder ri-se contra as minhas coxas.

Devia sentir-me envergonhada. Mortificada não só por o Shane estar a ouvir tudo, como também por estar a torcer pelo meu orgasmo iminente.

Porém, a sua presença tem o efeito contrário. Fico inacreditavelmente mais molhada ao imaginá-lo à porta. Pergunto-me se estará com tesão e uma descarga de desejo atinge diretamente o meu núcleo. O Ryder sente os meus músculos internos contraírem-se em torno do seu dedo e o seu riso faz-me sentir vibrações no clítoris inchado. Estou desesperada para que ele me faça vir. Todo o meu corpo arde por um orgasmo.

Não quero saber se estamos na biblioteca, se os nossos colegas estão ali fora, se o Shane consegue ouvir-nos. Só sei que este orgasmo está iminente e não há como impedi-lo.

Quase caio para o lado, mas o Ryder segura-me. Quando as ondas de prazer começam a abrandar, estou sem fôlego. Ele larga-me, extremamente satisfeito consigo próprio, enquanto, devagar, me puxa as cuecas para cima, fixando-as na cintura. Faz o mesmo com as minhas calças, puxando o fecho por mim. Tento abotoá-las, mas os meus dedos estão a tremer demasiado. Ele fica com pena de mim e ajuda-me.

Ouve-se uma leve batida na porta. A seguir, ouço «A costa está livre» e não sei se hei de ficar envergonhada ou grata pelo facto de o Shane nos ter feito um favor. Para meu alívio, ele não está à porta quando saio da sala. Acho que não teria conseguido olhá-lo nos olhos.

Os meus dedos tremem ao desbloquear o telemóvel. Procuro o número do meu pai, porque preciso de arranjar alguma coisa que justifique a minha ausência.

Ao passar por mim nas estantes, o Ryder dá-me uma leve palmada

no rabo. Poderia ser uma coisa rasca, mas faz-me apertar as coxas outra vez. Fico a olhar para ele, maravilhada, até ele virar a esquina e desaparecer. Como pode ser tão bom a fazer-me esquecer o meu nome, o sítio onde estou?

— Desculpem, não consegui falar com ele, mas enviei-lhe uma mensagem. Estive ao telefone com a minha mãe — minto ao grupo.

A Cami ergue a cabeça quando me aproximo, os seus olhos negros assumindo o familiar brilho da intriga que costuma ostentar quando fala de algo particularmente sumarento.

— Fogo, começámos a ouvir o barulho de alguém a fazer sexo vindo das estantes de História Europeia. Viste alguém?

— Não. Meu Deus. — Finjo virar-me para procurar o responsável. — Quem achas que foi? — Obrigó-me a não olhar para o Ryder, receando denunciar-nos.

— Eu acho que foi o Shane — responde a Cami —, porque ele já saiu daqui há um bom bocado.

Nesse preciso momento, o Shane regressa à mesa com tal desprendimento que, se eu não soubesse, *estaria* a questionar a sua ausência.

— Puto, estavas a pinar com alguém ali ao fundo? — pergunta o Demaine, parecendo impressionado.

— Ouvimos barulhos de sexo — acusa a Cami.

— Ah. Não. — O Shane senta-se, evitando o olhar de todos. — Eu estava, hum, a ver porno.

— Na *biblioteca*? — A Whitney fica horrorizada.

— Sim, mas, hum, não estava a fazer nada — diz o Shane. Ele é um péssimo mentiroso. E agora sinto-me culpada, porque eles não fazem ideia do que ele está a encobrir. — Alguém me enviou um vídeo e eu estava... Fui estúpido. Abri-o e era uma miúda a gemer. Sabem como é — termina debilmente, encolhendo os ombros. — Cenas porno.

— Cenas porno — ecoa a Whitney, desconfiada.

A reunião acaba pouco depois e vai cada um para seu lado. Vim a pé da residência para a biblioteca, por isso, dirijo-me ao exterior preparada para fazer o caminho de volta. Quando estou a apertar o blusão de ganga, ouço o meu nome. É o Ryder, que surge no meu caminho de mãos nos bolsos e o casaco da Briar aberto.

Espero que ele me alcance.

— Que inesperado. Achei que voltaríamos a ignorar-nos um ao outro durante, pelo menos, mais uma semana.

Embora se ria, um laivo de culpa atravessa-lhe o rosto.

— Pois. Por falar nisso, não consegui dar-te isto antes. — Ele leva a mão ao bolso. — Distraí-me.

Sorrio porque sei exatamente qual foi a «distração».

— Enfim. Toma.

Uma gargalhada surpreendida salta-me da boca quando o vejo estender-me uma margarida toda amassada.

Deve ter estado enfiada no bolso do seu casaco durante este tempo todo. Não está em grande forma, a pobre flor.

— Oh, meu Deus. Estás outra vez a oferecer-me flores para me pedires desculpa? Não sabes pedir desculpa sem esta pompa toda?

Ele esboça um sorriso afetado.

— Não é uma flor para pedir desculpa. É para celebrar o Dia Nacional da Sobremesa.

— Isso não existe.

— Existe. Fui pesquisar.

Reflito um pouco.

— Está bem, aceito. Adoro sobremesas. — Esboço um sorriso excessivamente lascivo. — E parece que tu também.

— Bem, se a sobremesa for a tua cona, como-a em qualquer dia do mês.

Uma descarga ardente de tesão faz-me contrair o meu núcleo. Merda. Sei que fui eu que comecei, mas ele não devia dizer coisas destas. Fazem-me mal à cabeça.

O seu riso desvanece, surgindo em seu lugar um ligeiro rubor de timidez.

— Não devia ter desaparecido durante uma semana.

Suspiro e assumo alguma responsabilidade.

— Eu também não te liguei.

— Pois. — Os seus lábios curvam-se, trocistas. — E qual é a tua desculpa?

— Fiquei assustada. O sexo foi mesmo muito bom. Tipo, assustadoramente bom.

Ele fica em silêncio por alguns instantes. Depois, morde o lábio.

— A minha justificação é parecida — diz, finalmente.

A minha pulsação acelera.

— E agora? Voltamos a ser pessoas que não fazem coisas juntas sem roupa?

— Acabei de te fazer um minete, Gisele.

— Quer dizer, a partir de agora. Achas que devíamos parar com isto ou continuar?

O Ryder perscruta-me o rosto.

— Tu queres parar?

— Não — admito. — Mas também não quero voltar ao silêncio.

— Eu também não.

— E não quero que faças coisas sem roupa com mais ninguém — dou por mim a dizer, atabalhoadamente.

Ele sobressalta-se outra vez.

— Não faço.

— Oh. OK. Mas imagina que querias que fosse uma opção, acho que não me sentiria confortável com isso. Quer dizer, não tem mal nenhum se o quisesse — apresso-me a acrescentar. — Muitas pessoas não querem ser exclusivas. Acham que as prende a uma relação, mas não é isso que estou a tentar fazer, juro. Não quero uma relação. Mas... — Dou conta de que estou a balbuciar e obrigo-me a ser clara. — O que quero dizer é que sei que algumas raparigas não se importam com a falta de exclusividade e não as julgo. Mas eu não sou assim.

Ele parece achar graça.

— Já acabaste?

— Já.

— Muitos rapazes não querem ser logo exclusivos — diz o Ryder, bruscamente. — Eu não sou assim.

Pestanejo, surpreendida.

— Não és?

— Mal tenho tempo para uma mulher, quanto mais várias. — De forma um pouco desajeitada, ele aproxima-se e prende-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — A minha pila é tua.

Não há maneira de esta frase alguma vez ser considerada romântica, mas, ainda assim, sobressalta-me o coração.

— Está bem? — pergunta.

Aceno lentamente.

— Está bem.

Continuo a pensar na conversa quando estou a arranjar-me mais tarde para ir jantar com a Diana a Hastings. O meu batimento cardíaco em repouso está perigosamente acelerado ao pensar em tudo o que o Ryder me disse esta tarde.

Finalmente, pego no telemóvel, incapaz de impedir o transbordar dos meus sentimentos.

EU:

Também não consigo parar de pensar em ti.

EU:

E a minha cona é tua.

TRANSCRIÇÃO DO REIS DO HÓQUEI

DATA DE EMISSÃO: 15/10

© THE SPORTS BROADCAST CORPORATION

JAKE CONNELLY: Iremos continuar a acompanhar a situação em New Jersey. Perder o Novachuk será um grande golpe, mas devo dizer que os Devils sempre foram capazes de recuperar de incidentes infelizes. Tiveram aquela série de lesões há cerca de cinco anos. Lembra-te daquela época em que todos os titulares estavam lesionados?

GARRETT GRAHAM: Irão recuperar, sem dúvida.

CONNELLY: Falando agora do mundo universitário. Obviamente, ainda estamos no início da época, portanto, estes jogos não são necessariamente indicativos das escolas da Primeira Divisão que estarão à frente do grupo em fevereiro. Mas estou a gostar da UConn.

GRAHAM: É fenomenal.

CONNELLY: Três vitórias consecutivas sem sofrer nenhum golo. Estão a começar bem. Já a tua *alma mater*, nem por isso.

GRAHAM: Bem, falámos disto em julho. A tão aclamada superequipa e como se saíam.

CONNELLY: Bem, esta superequipa teve um começo devastador; perderam os primeiros três jogos. Dito isto, viste a maneira como o Luke Ryder manobrou o *stick* contra a Universidade de Boston ontem à noite? Uau. Há outros jogadores vistosos a manobrar o *stick* que são só fogo de vista, mas não necessariamente os mais eficazes. O Ryder, por outro lado, é muito eficaz.

GRAHAM: É verdade.

CONNELLY: Muito rápido com o disco. O miúdo tem bastante habilidade a fintar os defesas com jogadas boas e enganadoras, fazendo passes de que eles não estão à espera. O que é espantoso considerando a sua altura. Um tipo tão alto, com aquele tipo de alcance, e ele usa também um *stick* longo, não deveria ser capaz de manobrar o *stick* daquela maneira.

GRAHAM: Se não começarem a dar-se bem, nenhuma manobra de *stick* do mundo irá ajudar a Briar.

CONNELLY: Três derrotas consecutivas também não podem ser boas para o moral.

GRAHAM: Bem, como comentámos no verão, teoricamente, são uma superequipa. O que só prova que é preciso muito mais do que bons

jogadores para fazer uma boa equipa.

CAPÍTULO 27

RYDER

Amor

GISELE:

Como estás, depois da tarefa que levaste ontem à noite?

EU:

Todo negro.

GISELE:

Pois, pareceu feio. Deviam ter expulsado aquele gajo do jogo em vez de aplicarem uma sanção de cinco minutos.

GISELE:

Vendo o lado positivo, aquele castigo deu-vos a primeira vitória da época. É a minha vez de te oferecer flores?

Ao contrário do que aconteceu depois do nosso último encontro sexual, eu e a Gigi continuamos em contacto permanente depois do nosso enrolanço na biblioteca. Não nos vimos durante toda a semana porque os nossos horários têm sido frenéticos e estamos em época de exames. Mas ela é uma presença constante no meu telemóvel. Estamos sempre a trocar mensagens. A ponto de, se eu acordar e não vir uma mensagem dela, ficar genuinamente desiludido. E a minha pila anseia voltar a estar dentro dela. Espero que consigamos combinar alguma coisa para esta noite.

Eu e o Beckett entramos nas instalações de treino com os sacos de desporto ao ombro. Ele passa o cartão de acesso pelo leitor da porta de entrada, que se abre automaticamente. Todos os atletas têm acesso às instalações e todas as visitas fora de horas são registadas. Alguém me disse que estas medidas foram adotadas na sequência de um incidente com bebidas alcoólicas na sala dos pesos, há uns anos.

Estamos ambos absortos nos telemóveis ao entrar no edifício:

Prefiro um broche. Isto é, já que estás a oferecer uma recompensa.

GISELE:

Talvez mais tarde. Agora tenho encontro marcado com um banho gelado. Acabei de estacionar à porta do recinto.

Rio-me às gargalhadas ao ler a sua mensagem. Parece que as mentes brilhantes pensam da mesma maneira. Ou, melhor, os jogadores de hóquei empenhados. As portas abrem-se atrás de nós e a Gigi entra na receção a passos largos.

Ao ver-nos, detém-se, mas recupera depressa, olhando-nos divertida.

— É assim que vão passar a vossa manhã de domingo? Seus idiotas.

Rio-me.

— Estás literalmente a fazer a mesma coisa.

— Bom dia, Graham. — O Beckett levanta a cabeça para lhe sorrir e volta a prestar atenção ao telemóvel. Vai-se rindo sozinho.

— O que é que se passa aí? — pergunto, desconfiado.

Ele bloqueia o telemóvel.

— O quê?

— Andas a sair com alguém?

— Claro que não. Sou livre como um pássaro, meu. Não posso ficar enjaulado. — Ele pisca o olho à Gigi.

— Vão fazer musculação hoje? — pergunta ela.

— Eu vou — responde o Beckett. — Este cabrão corajoso vai fazer uma imersão em água fria.

Caminhamos os três pelo corredor largo que vai dar aos balneários. A meio do caminho, digo «Esperem» e dou um salto à copa para ir buscar uma maçã. Costumo encher-me de hidratos de carbono nos dias a seguir aos jogos e já estou com fome outra vez, apesar do enorme pequeno-almoço que comemos em casa e dos dois queques que devorei no jipe a caminho daqui. O meu estômago está insaciável. Como no recinto não há *fast food*, tenho de me contentar com fruta.

— Parabéns pelas vitórias deste fim de semana — diz o Beckett à Gigi quando eu volto.

— Obrigada. Para já, estamos a arrasar. Vamos no segundo jogo em duas semanas sem sofrer nenhum golo. — Ela dá-lhe uma palmada no ombro. — E olhem só para vocês, conseguiram a primeira vitória! Que queridos.

Ele disfarça um risinho e eu reviro os olhos. Embora deva confessar que me soube bem vencer. Não foi fácil. Certamente, não considero

que tenha sido dos meus melhores momentos. Mas o facto de ter conseguido marcar golo... depois de dois períodos e meio de passes perdidos, péssima comunicação e uma animosidade podre entre os meus companheiros de equipa... bem, não só foi um merecido estímulo ao ego, mas um autêntico milagre.

A vitória também teve o seu preço. O hematoma no meu flanco direito irradia dor pelo meu corpo sempre que sinto algo tão leve como uma brisa. Nada que um bom banho gelado não resolva.

— Então, vais interferir nos meus banhos? — diz a Gigi, semicerrando os olhos. — Pois, ficas a saber que os banhos gelados são a *minha* cena.

— Ai, sim? Tens a certeza de que aguentas? — Olho-a de cima a baixo. — Porque não tens muita carne nesses ossos. O frio vai atacá-los imediatamente.

— Faço sempre isto depois dos jogos. — Pousa uma mão sobre uma anca esguia. — Talvez hoje consiga fazer vinte minutos.

— Sua rebelde — pronuncio lentamente.

— Achas que não sou capaz? Podia ficar uma hora, se quisesse — declara, mas acho que está só a brincar.

— A hipotermia é mesmo sexy. — O Beckett volta a piscar-lhe o olho.

— Aconselho-te vivamente a ficares lá menos de uma hora, Gisele — digo, educadamente.

— Para de tentar limitar-me os sonhos, rei do baile.

— Olhem que queridos, com as vossas alcunhazinhas. — O Beckett sorri para nós. — Acho que deviam enrolar-se.

A Gigi tosse para a mão.

— Pois, isso não vai acontecer — responde, e eu ofereço-lhe um sorriso dengoso quando o Beck não está a ver.

— A sério, porque não? — insiste ele. — Agora que decidiste não apanhar o comboio do Dunne...

— Não te refiras a ti dessa maneira — ordena ela.

— ... este chavalito é a segunda melhor opção. Além de que terias filhos lindos. — O Beckett detém-se, pensativo. — Mas o Colson passava-se, portanto... Talvez seja boa ideia não te meteres nisso.

Ele entra no balneário masculino, alheio ao rosto preocupado da Gigi.

— Ele sabe? — sussurra ela quando ele desaparece.

— Não me parece. É só o Beckett a ser o Beckett — asseguro-a.

— Bem, vou mudar de roupa.

Eu faço o mesmo, vestindo um par de calções de banho enquanto devoro a maçã em cinco dentadas. Atiro o caroço para o balde do lixo, enfio os pés nos chinelos e dirijo-me à sala dos banhos. Adoro terapia de imersão em água fria, mas não é para fracos. A primeira vez que

mergulhamos na água gelada, quase paramos de respirar. Mas acabamos por ganhar resistência. Continua a não ser agradável, mas um banho gelado rápido faz milagres nos músculos doridos depois dos jogos e acelera o tempo de recuperação.

A Gigi já está na sala de terapia, envergando um modesto fato de banho preto da *Speedo* que não devia ser tão sexy. A julgar pela forma como o meu corpo reage, é como se estivesse nua.

Os seus olhos cinzentos cintilam de aprovação ao percorrerem o meu peito nu. Mas quando me viro para pousar a bebida desportiva no parapeito do outro lado da sala, ela sobressalta-se.

— O que foi? — Olho por cima do ombro e reparo que a sua atenção está concentrada no meu hematoma. — Pois, não está com grande aspeto — concordo.

Ela bebe um gole da sua água e pousa também a garrafa.

— O que achas de quinze minutos? — sugiro, dirigindo-me ao temporizador junto à porta. — Sei que preferias uma hora, mas acho que quinze minutos é um bom começo.

— Bem pensado. — A sua voz parece distraída.

Viro-me e vejo-a a mexer no telemóvel e numa pequena coluna.

— Estou só a preparar a minha *playlist* — diz.

Sinto pavor a crescer dentro de mim.

— Não — digo imediatamente.

— Sim — confirma ela, com um enorme sorriso. — *Horizontes*. Acredita, é a melhor coisa para ouvir quando estás a congelar dentro daquela banheira.

— Não confio em ti e acho que isso é mentira.

— Selecionei duas faixas. Vou ser simpática e vou deixar-te escolher. O que preferes? A savana africana ou os canaviais da Carolina do Norte?

— Eu odeio a Carolina do Norte.

— África, então.

No instante seguinte, entramos nas nossas respetivas banheiras geladas. A Gigi solta um grito agudo desesperado ao submergir o corpo.

— Uma confissão — diz, com dificuldade.

Olho para ela, divertido, apoiando os braços nas bordas da banheira.

— Por muito que goste de me gabar da minha capacidade de aguentar a água fria, odeio banhos gelados com a frieza de mil glaciares.

Concordo plenamente. Mas as coisas que fazem bem nem sempre sabem bem.

— Quando tinha 20 e poucos anos, ouvi a chamar da savana africana, que me recebeu numa viagem desafiante, prometendo aos meus ouvidos um

festim sem filtros. Mesmo agora, décadas depois, nunca esqueci o seu coro puro e único.

— Oh, meu Deus — queixo-me. — Porquê...?

— ... *recordo o barrido de uma mãe elefante a chamar a sua cria por toda a savana. O canto incansável da cigarra africana enquanto fumava o meu cachimbo junto à fogueira. Nessa noite, aprendi que o íbis hadeda deve o seu nome ao som que produz. O seu «haa-haa-haa-de-dah»... tão penetrante e distinto. Nem sei como começar a descrever a inesquecível sinfonia que descobri no mato africano. E agora... deixem-me levar-vos lá.*

Ficamos em silêncio durante alguns segundos com o mato africano como pano de fundo da nossa terapia gelada.

— Porque é que odeias a Carolina do Norte? — pergunta a Gigi, curiosa.

Encolho os ombros.

— Abandonaram-me lá uma vez.

— Queres desenvolver?

— Ná.

Ela ri-se.

— Tu não gostas mesmo de falar.

— Obrigado por reparares.

— Fofinho. Não era um elogio. Sabes quem é que também não fala? Os assassinos em série.

— Não concordo. Muitos desses malucos gostam de ouvir-se a falar.

A água agita-se contra os lados da banheira quando ela mergulha mais fundo. A sua expressão é de aflição. Pálida do frio.

— Viste o programa do meu pai ontem à noite?

Olho para ela com uma expressão carrancuda.

— Vi.

— Que cara é essa? Ele elogiou-te.

— Não elogiou nada.

— Disse que eras eficaz e elogiou a tua técnica a manobrar o *stick*.

— Não, isso foi o Jake Connelly. O teu pai parecia estar a ser obrigado a alinhar na conversa.

— Juro-te, se o Jake acha que és bom, o meu pai também acha. Só precisas de arranjar maneira de ele ultrapassar o que aconteceu no Mundial. Ele tem um problema com o conflito. — Ela fica em silêncio durante um tempo. — Não sei o que sabes sobre o seu passado, mas uma das razões por que a sua fundação trabalha com tantas instituições dedicadas à violência doméstica é ele ter sido uma vítima também.

Aceno lentamente com a cabeça.

— Sim, eu sei. — Escreveram-se muitos artigos sobre o assunto, especialmente porque o próprio Graham faz parte da realeza do

hóquei. O seu pai, o agressor em questão, foi ele próprio uma lenda.

— Acho que o problema dele é o facto de não teres andado à porrada no gelo — diz a Gigi, com uma expressão séria. — Não fazia parte do jogo, onde existe uma... agressividade controlada. Os atletas podem exteriorizar a sua agressividade dentro dos limites das regras, percebes? Mas tu fizeste-o no balneário.

— É verdade. — Continuo a falar antes de ela insistir nos detalhes, que deve estar ansiosa para saber. — Talvez possas falar bem de mim ao Connelly, em vez de ao teu pai — digo, friamente. — Porque começo a pensar que o teu pai é uma causa perdida.

— Não te preocupes, meu. Vou estar com a família dele nas férias. Vou certificar-me de que não falo de outra coisa a não ser de ti.

Ouvir isto faz-me sentir uma pontada de inveja que tento ignorar. Não por ela estar rodeada de pessoas famosas. É a parte da família que ativa algo doloroso dentro de mim. Não tive nada disto na minha infância. Sempre me questioneei o que seria ter uma família a sério.

Deve ser bom.

Ela mexe-se na banheira. A água agita-se sobre ela e ela treme.

— Fogo, que frio — queixa-se.

— Poder-se-ia dizer que é um banho gelado.

— Ouve, por muito que eu esteja a curtir o sarcasmo, cala-te.

— Contigo nunca nada está bem. Se não digo nada, sou um assassino em série. Se abro a boca, dizes para me calar.

— Por falar nisso, é a tua vez. Quero ouvir a história da Carolina do Norte.

— Não queres nada.

— Vá lá. Faz-me a vontade.

— Não sei se será bem o que estás à espera. — Olho-a de soslaio.

— De certeza que queres saber?

A Gigi acena que sim.

Portanto, encolho os ombros e conto-lhe o essencial.

— Uma das minhas famílias de acolhimento em Phoenix decidiui que seria boa ideia alugar um monovolume, enfiar os miúdos todos lá dentro e ir de passeio até Myrtle Beach. A mãe tinha lá uma irmã. Tínhamos acabado de cruzar a fronteira do estado da Carolina do Norte quando tivemos de parar para pôr gasolina e... Acho que até fizeram um filme sobre isto, em que a família se esquece do filho sozinho em casa? Bem, esqueceram-se de mim na bomba de gasolina.

— Que idade tinhas?

— Tinha 10 anos.

— Coitadinho.

— A princípio, achei que voltariam em poucos minutos. Que se fariam à estrada e perceberiam que eu não ia na carrinha. Por isso, fiquei à porta da bomba a jogar um videojogo que o filho verdadeiro

me emprestara.

— Filho verdadeiro?

— Sim. A maioria das famílias de acolhimento com quem estive tinham também filhos biológicos, adicionando depois uma série de crianças à família para receberem dinheiro do Estado. Mas os filhos de acolhimento não passavam de cidadãos de segunda. Os miúdos verdadeiros estavam sempre em primeiro lugar. — Vejo a expressão da Gigi suavizar-se e apresso-me antes que ela me cubra de compaixão. — Enfim, enquanto esperava, fiquei a jogar o videojogo do filho. Passou uma hora. Depois duas, três. Por fim, o funcionário da bomba fez uma pausa para fumar um cigarro, viu-me ali e chamou a polícia. Disse-lhes que estava um miúdo abandonado na bomba de gasolina.

— Bolas.

— A polícia apareceu e levou-me para a esquadra, onde esperei mais duas horas. Não conseguiam encontrar a Marlene. O seu telemóvel estava sem bateria e eu não sabia o nome da irmã dela, porque eles não eram realmente a minha família, não é? Finalmente, sete horas depois de me terem abandonado, a Marlene e o Tony repararam que eu não estava com eles. E a única razão por que repararam foi porque o filho começou a chorar e a queixar-se de que eu lhe roubara o videojogo portátil. Voltaram à bomba de gasolina e o funcionário disse-lhes: «A polícia levou-o.» Foram buscar-me à esquadra e a Marlene começou a gritar comigo por ter feito o filho chorar. — Rio-me para mim mesmo. — Fui castigado por ter levado o videojogo.

— Tu foste castigado — repete a Gigi, estupefacta.

— E severamente. — Olho em frente. — O marido gostava de usar o cinto.

— Que horror. E tu só tinhas 10 anos?

— Já. — Inclino a cabeça para trás, fechando os olhos.

— Não imagino nenhuma situação em que eu pudesse estar ausente durante horas e horas sem os meus pais repararem. Uma hora, no máximo, e passavam-se logo, mandando a vizinhança toda à minha procura. Nem sequer consigo imaginar quão horrível seria ser completamente esquecida por pessoas que deviam tomar conta de nós.

A voz da Gigi falha ligeiramente.

Abro os olhos e olho para ela.

— Nem penses — aviso.

— O que foi?

— Não precisas de te sentir mal por causa de mim. Isto já lá vai. Sou adulto.

— Não quer dizer que não possa sentir-me mal pela criança que eras.

— Acredita. Essa foi uma das melhores experiências. Embora nem tudo fosse mau. A família com quem vivi depois dessa é praticamente a razão pela qual irei jogar hóquei profissional. O pai era um grande adepto de hóquei e, quando percebeu quão bom eu era, basicamente, decidiu adotar medidas, perdoa o trocadilho. Comprou-me o equipamento todo e levava-me aos treinos e aos jogos.

— Quanto tempo estiveste com eles?

— Três anos. Mas depois de ser novamente obrigado a mudar-me, o meu treinador já estava envolvido, portanto, assumiu o papel de mentor.

A conversa é subitamente interrompida por uma série de grunhidos vindos da coluna, seguidos de rosnadelas e um grito que parece vir de baixo de água.

— Que raio é isto? — pergunto.

— Isto, creio eu, é um hipopótamo. — A Gigi esboça um enorme sorriso.

— Sorris demasiado — acuso.

— Oh, não. Prenda-me já, senhor guarda.

Reviro os olhos.

— Acho que a verdadeira questão é tu não sorrires o suficiente.

— Faz-me doer a cara.

— Mas ficas giro quando sorris. E faz-te parecer mais acessível.

Fico estupefacto.

— Amor, não me interessa ser acessível.

O queixo dela descai de perplexidade.

— Chamaste-me amor?

— Chamei? — nem reparei.

— Chamaste.

Ah... merda. Preciso de ter cuidado.

Segue-se um breve silêncio. Bem, não completamente. A sinfonia captada pelo gravador do Dan Grebb invade a sala da terapia. O temporizador deve estar quase a apitar.

— Então, isto que andamos a fazer — começa a Gigi.

Sai-me uma gargalhada.

— O que foi? — pergunta, na defensiva.

— Nada, já estava à espera disto. Chamei-te amor. Iria acabar por acontecer.

— À espera do quê?

— Da conversa sobre o que nós somos. Poderia jurar que está codificada no ADN das miúdas. Precisam sempre de saber em que pé estão as coisas.

— É assim tão mau, querer saber em que pé estamos? Quer dizer, sei que só fizemos sexo uma vez...

— Será que uma noite que envolveu quase cem rondas conta como

uma só vez? — pergunto, genuinamente curioso.

— Tens razão. É como a idade dos cães. Uma noite foi o equivalente a dois anos de namoro.

O meu riso parece o ronco de um hipopótamo na savana africana.

— Mas... não há sentimentos envolvidos, pois não? É só um escape físico. — Ela agita uma mão entre nós, retraindo-se ao sentir a água passar-lhe por cima do peito. — Mais uma ferramenta do nosso regime de treino para ajudar a descontraír. Certo?

Quando não respondo, ela insiste.

— Não achas?

— Queres saber se há sentimentos envolvidos? — Encolho os ombros. — Bem, eu senti-me muito bem quando estava dentro de ti.

— Não é isso que estou a dizer. — Mas consigo fazê-la corar.

— Senti-me muito bem quando te vieste na minha cara — continuo.

Ela contorce-se na banheira. É adorável.

— Para com isso — queixa-se. — Estamos num banho gelado.

— E? — Ponho uma mão debaixo de água e pouso-a sobre o meu sexo.

O gesto não lhe escapa.

— Não me digas que és capaz de ter uma ereção enquanto estás submerso em água gelada. Estás com tesão neste momento?

— Não — respondo, com uma gargalhada. Depois volto a ficar sério porque sei que ela irá voltar a falar no assunto se eu não lhe responder. — Ouve. Eu não curto sentimentos.

— Ohhh. Ele não curte sentimentos — diz ela, sarcasticamente. — Fogo, Ryder. És tão rebelde e durão.

— Estou a mostrar-te a minha alma e estás a gozar comigo?

— Mostrar a tua alma, o tanas. O que estou a dizer é que não podes «curtir» ou não curtir sentimentos. Às vezes, os sentimentos apanham-nos de surpresa.

— A mim não. — Embora ultimamente tenha algumas dúvidas.

Ela fica em silêncio durante um momento e depois suspira.

— Em todo o caso, não interessa. Também não vejo nenhum sentimento a desenvolver-se.

Não há explicação possível para a desilusão que se abate sobre mim.

Devia ficar contente por ouvir estas palavras.

Então, por que raio parece que me enfiaram uma navalha na barriga?

— Somos demasiado diferentes. Por exemplo, aquilo que mais gosto de ouvir é isto... — Gesticula na direção da coluna sobre o parapeito. — Estes relaxantes sons da natureza. Enquanto tu, provavelmente, ouves *death metal*.

O temporizador apita.

— Graças a Deus — exclama, pondo-se de pé de um salto um nanossegundo depois. Vejo um arrepio percorrer-lhe o corpo todo enquanto ela se apressa a pegar na toalha.

Saio da banheira e pego na minha toalha.

— A seguir, costume fazer cinco minutos na sauna — diz a Gigi.

Ela olha-me nos olhos e não consigo impedir que os meus lábios se contorçam num sorriso.

— Vai tu à frente — digo.

Duas portas ao lado entramos na sauna seca. Ao entrarmos, o calor que sinto no rosto parece o paraíso. A Gigi põe cinco minutos no temporizador e depois olha para mim com uma expressão curiosa.

— Já fizeste sexo numa sauna?

Maldito seja se o meu pénis não começa a estremecer perante essa possibilidade.

Mas mantenho a calma.

— É muito presunçoso da tua parte achares que vou fazer sexo contigo aqui.

Ela fica boquiaberta.

Com um sorriso trocista, passo por ela e sento-me no banco de cima. Depois do banho gelado, este calor é perfeito. Os meus poros abrem-se e é uma sensação fantástica. Continuo dorido das pancadas da noite passada, mas não tanto como antes. O corpo é uma máquina incrível.

Como se quisesse castigar-me, a Gigi senta-se no banco oposto. Ficamos de frente um para o outro no espaço exíguo. O meu olhar fixa-se nas coxas firmes emergindo do seu fato de banho preto.

— Gosto desse fato de banho — digo.

— Não gostas nada. É tão puritano.

— É por isso que gosto. Tapa-te completamente. Faz-me imaginar tudo o que está por baixo.

— Tu já viste tudo o que está por baixo.

Esboço um sorriso dengoso.

— Podes crer que vi.

— O que é que fazes a seguir? — Ela faz uma pausa. — Espera, deixa-me adivinhar. Aposto que vais para casa escrever poesia triste e ouvir o teu *death metal*.

Parto-me a rir.

— Estou a fazer um trabalho para História Britânica e é basicamente isso. Convidava-te para ires lá a casa, mas o pessoal está lá. — Ergo uma sobrancelha. — Posso ir à tua residência, se quiseres.

— Talvez mais logo. Tenho planos a seguir a isto.

— Ah, sim, o que vais fazer?

Ela olha para mim por um momento. E depois:

— Não quero dizer.

O que, naturalmente, espicaça toda a curiosidade do meu corpo.

— Bem, agora tens de dizer.

— Não. Porque vais fazer um comentário sarcástico a uma das minhas coisas favoritas em todo o mundo, e não quero que a denigres.

— Olha para ti, a usar palavras caras.

— Achas que *denegrir* é uma palavra cara? Precisas de ajuda com o teu vocabulário? Se quiseses, posso fazer-te uma lista de palavras. Também posso emprestar-te alguns livros sem imagens, assumindo que sabes ler.

Rio-me.

— Eu leio bastante.

— Hum-hum.

— É verdade. Tu foste a minha casa. Havia livros na secretária.

— Pareciam ser todos manuais escolares.

— Alguns eram. Os outros eram de não-ficção. Cenas de História.

— História! Pronto — diz ela, acenando com a cabeça em sinal de encorajamento. — Aí tens. É assim que te fazes amigo do meu pai.

— Como assim?

— Ele adora história. Obriga-nos a ver documentários aborrecidos a toda a hora. Tipo, num verão, em Tahoe, obrigou toda a gente, até os convidados, a ver uma série de dois episódios sobre porta-aviões antigos.

Sento-me mais direito.

— Fogo. Essa série foi tão...

— Oh, meu Deus — interrompe. — Estás a ver? Vocês seriam melhores amigos.

— Não vou falar com o Garrett Graham sobre história. Só sobre hóquei.

— Isso é um problema teu. Da próxima vez que o vires, quero que digas: «E aquelas mulheres condutoras de ambulâncias na Primeira Guerra Mundial?»

Não consigo controlar uma imensa gargalhada. Acho que nunca me ri tanto com ninguém.

— Não vou fazer isso — informo-a.

— É só uma sugestão.

O temporizador apita e levantamo-nos. Quando ela se vira para a porta, admiro-lhe o rabo, incapaz de resistir a pôr-me atrás de si.

Apalpo-lhe as nádegas firmes, pousando o queixo no seu ombro.

— Adoro o teu rabo.

Ela vira a cabeça para me sorrir. Beijo-lhe a curva perfeita da boca ao mesmo tempo que lhe acaricio a curva bem feita do rabo.

A Gigi tenta virar-se para mim, mas mantenho-a como está.

— Não. Fica assim.

Ouçõ a sua respiração suste-se quando me aproximo ainda mais. Encosto o pénis ao seu rabo e ela roça-se nele. Enfio um dedo sob a faixa de tecido que a cobre, acariciando-lhe uma nádega redonda. Tão macia. Perfeita.

Conduzo-a de volta aos bancos. Pego na minha toalha e estendo-a sobre o assento com ripas de madeira.

— Dobra-te — sussurro. — Põe as mãos na toalha.

— E se alguém...? — Ela olha rapidamente para a porta.

— Quer dizer que teremos de ser extremamente rápidos.

O que não deverá ser um problema para o meu pénis latejante.

Estou doido para começar e sei que ela sente a minha ereção contra o seu rabo. Uma ereção que não conseguiria esconder mesmo que tentasse. Faço um movimento para a frente, pressionando ligeiramente a barreira do seu fato de banho. Ela tenta virar-se outra vez e estou à espera de que me diga para parar. Que me diga que é demasiado perigoso. Sim, é domingo e o edifício está praticamente vazio. Mas não está completamente vazio. Estão cá algumas pessoas e qualquer uma delas pode entrar aqui a qualquer momento.

Mas ela surpreende-me. Quando se vira, tem os olhos em brasa.

Lambe uma gota de suor dos lábios e diz:

— Usa-me.

Um sorriso estampa-se no meu rosto, porque é o mesmo que eu lhe disse antes de fazermos sexo pela primeira vez. E novamente durante.

Há algo de tão primitivo em ouvir aquela palavra sair-lhe dos lábios.

Usa-me.

Respiro fundo e não entra oxigénio. Mas não é o ar enevoado da sauna que me sufoca. É o desejo puro a tapar-me a garganta.

Esfrego-me na parte da frente dos calções. A grossa saliência aperta-se contra o tecido. Estou duro como granito. Nesse momento, afasto o fundilho do seu fato de banho e passo um dedo ao longo da sua abertura. Está molhada para mim.

A Gigi respira fundo. Gotículas de suor agarram-se à sua clavícula, escorrem-lhe pelo rosto. Com o rabo espetado, ela oferece-me o seu corpo esculpido. À minha vontade. Quero desfazê-la.

Saco do meu pénis e roço-o por entre as suas nádegas.

— Queres que te use?

— Hum-hum.

— Queres? Queres que eu faça o que eu quiser com este corpo sexy e firme? Vais dobrar-te como uma boa menina enquanto me venho dentro de ti? — Deixo escapar uma respiração ardente. — Se calhar nem te deixo vir. Se calhar, esta vez é só para mim.

Ela solta um gemido angustiado.

— Isso pode ser um problema — balbucia.

— Ai, sim? — Esfrego a ponta do pénis ao longo da sua abertura. Ela está encharcada e não é só suor. A sua excitação cria uma poça à entrada da vagina, encharcando-me a ponta do pénis. — Porquê?

— Porque, assim que me penetrares, vou-me vir.

Produzo um som grave e urgente e penetro-a. O encaixe é tão perfeito que me faz estremecer.

Caramba. Isto só parece melhorar com esta miúda. E não pensei que alguma vez pudesse ser melhor do que a primeira, na noite em que me perdi dentro dela vezes sem conta.

Mas está a acontecer outra vez. Estou outra vez a perder-me. E ela também. Ela morde os nós dos dedos para não gritar. Eu esqueci-me de onde estamos e deixei de me importar com o facto de alguém poder entrar. Que entrem.

Saio de dentro dela e volto a entrar. Uma, duas, três vezes, e a Gigi vem-se. Ofegando com o orgasmo, cavalgando os seus espasmos enquanto continuo a penetrá-la. Depressa e com força. Agarrando-lhe nas ancas, puxando o seu rabo contra mim. É a verdadeira definição de uma rapidinha. Nem sequer passaram dez segundos quando liberto um gemido estrangulado, sentindo os testículos a contrair-se.

Estou prestes a vir-me quando me apercebo de que não estou a usar preservativo. Merda.

Isto nunca me aconteceu. Nunca na vida. Mesmo quando era adolescente e pinava com tudo o que me apreciava à frente, lembrava-me de usar preservativo.

A Gigi Graham faz-me perder a cabeça.

É demasiado tarde para evitar o clímax, mas consigo sair de dentro dela a tempo. O prazer explode dentro de mim e rebenta enquanto me venho para cima do seu rabo. E para cima do seu fato de banho também.

Ofegante, consigo dizer:

— Não usámos preservativo. — Insulto-me a mim mesmo, pegando na toalha para a limpar.

O seu peito sobe numa respiração funda.

— Oh, não. Desculpa.

— A culpa não é tua. Fui eu.

Ela tira-me a toalha das mãos e acaba de se limpar.

— Se estás preocupado por causa de mim, eu tomo a pílula — assegura-me, com um tom um pouco embaraçado. — E não tenho IST. E tu?

— Faço análises depois de cada parceira — admito.

— A sério?

— Sim, sou muito certinho nessas coisas. Sou uma pessoa cuidadosa, caso não tenhas reparado.

— Eu fiz análises no início do verão. Por isso, já foi há algum

tempo. Mas também não estive com ninguém desde essa altura.

Acredito nela. E espero que ela acredite em mim, porque eu não brinco em serviço no que toca à saúde sexual.

A Gigi morde o lábio inferior, como se quisesse dizer mais. Depois, encaminha-se para a porta.

— Tenho de ir. Preciso de tomar banho e mudar de roupa antes de sair.

Aperto os meus calções antes de a seguir para fora da sauna.

— Não vais mesmo dizer-me aonde vais? — queixo-me.

Ela hesita. Depois encolhe os ombros.

— Está bem. Porque não vens comigo?

CAPÍTULO 28

GIGI

Há alguma coisa mais fixe do que borboletas?

Quando entramos no SUV, o meu telemóvel liga-se automaticamente, começando a tocar a faixa seguinte da minha *playlist*.

— *Como pai recente, cuja sede de viajar não podia ser contida mesmo com um bebé aos berros em casa, estava ansioso para oferecer ao meu filho a magia auditiva que a natureza tem para dar.*

No lado do passageiro, o Ryder deixa cair o rosto nas mãos.

— *Partimos em viagem, a minha mulher, Helen, e o meu filho, Steven, para um sítio que pode não ser o primeiro que nos ocorre ao pensarmos numa experiência auditiva pura. O Atlântico Norte. Porém, ficámos deliciados com o tagarelar das baleias de St. Lawrence e o canto lancinante das aves marinhas. O pequeno Steve gostou particularmente da sinfonia do ganso-patola. Passámos horas a imitar a oscilação gutural que lhes saía do bico enquanto se alimentavam no mar. E estou a referir-me apenas aos gansos-patola! Certamente, nada poderia preparar um inquieto bebé para a intensidade do barulho criado por milhares de aves marinhas à hora do jantar. E agora... deixem-me levar-vos lá.*

O Ryder pergunta:

— O que é que tens contra a música? É uma pergunta sincera.

Mostro-lhe o dedo do meio.

Seguimos viagem, deixando o *campus* da Briar e dirigindo-nos à autoestrada. Num sinal vermelho, reparo no franzir da testa do Ryder ao escrever qualquer coisa no telemóvel.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele envia a mensagem e pousa o telemóvel na coxa.

— Sim. Tudo bem. Mais uma novidade sobre o diretor-geral do Dallas, o Julio Vega. Parece que não está muito contente com o desempenho da Briar esta época. Embora tenha dito ao Owen que gostou do meu golo.

— Ao Owen?

— McKay — diz o Ryder. — É o tipo da liga profissional de que te falei.

Cai-me o queixo. Desvio o olhar do para-brisas, ficando boquiaberta a olhar para ele.

— Estás a falar a sério? Tens andado a chatear-me por causa do meu pai famoso e os seus amigos famosos e, enquanto isso, és melhor amigo do *Owen McKay*? — O McKay é um dos jogadores mais cobiçados da NHL neste momento. — Quem é que tem amigos craques agora? Podes apresentar-mo?

Ele semicerra os olhos.

— Estou a falar a sério. Sou uma grande fã do Owen McKay. Como é que o conheces?

— Crescemos juntos em Phoenix. — Ele desvia o olhar para a janela.

— Isso é muito fixe. Ah! Podias perguntar-lhe se quer doar alguma coisa para o leilão. Uma camisola assinada! Podemos emoldurá-la.

O Ryder encolhe os ombros.

— Talvez consiga arranjar isso.

— Vou enviar uma mensagem à Whitney. A sério, seria espetacular.

Trinta minutos depois, chego a um local familiar. A sinalização colorida do parque de estacionamento conduz-me ao sítio apropriado onde estacionar.

O Ryder respira fundo, resignado.

— O jardim das borboletas?

Sorrio.

Ele suspira.

— Se te dissesse, não terias vindo — protesto.

— Obviamente. Achei que seria algo mais fixe.

— Há alguma coisa mais fixe do que borboletas?

— Estás a gozar? — Ele examina-me atentamente. — Não consigo perceber se estás a falar a sério.

— Muito a sério. É o meu sítio favorito em toda a cidade.

Desligo o motor e os sons do *Horizontes* desaparecem. Saímos do carro, o Ryder visivelmente contrariado. Há uma pequena barraca à porta do edifício onde se podem comprar os bilhetes, mas faço sinal ao Ryder para que dê a volta e pego na carteira.

— Não precisamos de bilhetes. Sou sócia. E estás com sorte... a minha anuidade dá direito a um convidado por visita.

— Tens uma subscrição anual para o jardim das borboletas.

— Já te disse, é o meu sítio favorito. Passo aqui a vida.

Mostro o cartão à pessoa que está à porta e dirigimo-nos à estufa, isto é, a seis mil metros quadrados de paraíso. Imediatamente, todo o meu rosto se ilumina. Absorvo deliciada a visão das borboletas no

cenário tropical. As lindíssimas cores à nossa volta. Desde reluzentes tons pastel até azuis iridescentes, com castanhos e amarelos e vermelhos, tudo misturado num conjunto deslumbrante. Trouxe a Mya aqui uma vez e ela disse que se sentia no meio de um arco-íris. *Acho* que era um elogio.

— Honestamente, é assim que imagino o Céu — digo ao Ryder, a leveza do meu peito conferindo vigor ao meu passo. — Olha só. Já viste coisa mais bonita?

Olho para ele e vejo os seus vívidos olhos azuis fixos no meu rosto.

— O que foi? — pergunto, constrangida.

Ele aclara a garganta.

— Nada. Tens razão. Isto é bonito.

Pego-lhe na mão e puxo-o.

— Anda.

Passamos por um lago de carpas rodeado por plantas exuberantes e uma borbulhante queda de água. Muitas pessoas decidiram visitar hoje os jardins. Passamos por um grupo de pais com filhos pequenos passeando pelos trilhos sinuosos. Desviamo-nos de um casal de mãos dadas junto a uma das estações de alimentação. Estão a observar uma pequena borboleta-monarca, cor de laranja e preta, sorvendo néctar.

— Não te percebo — diz o Ryder, asperamente.

— O que é que não percebes?

Ele encolhe os ombros.

— Não. Diz lá.

— Tu... não és como imaginei — admite.

— OK. E como é que imaginaste?

— Uma jogadora de hóquei muito séria com uma mente limitada.

— Posso ser séria em relação ao hóquei e ter outros interesses.

— Como as borboletas — diz, de forma seca.

— Qual é o mal das borboletas? — Gesticulo para todas as belas criaturas que pairam sobre as nossas cabeças. — Olha como são lindas.

Encaminhamo-nos para um trilho mais sossegado, onde não há crianças. Uns metros à nossa frente, uma senhora de cabelo cor-de-rosa fotografa uma borboleta castanho-amarelada pousada numa folha.

O Ryder olha-me de soslaio.

— Acabei de me aperceber... Nunca te vi a tirar fotografias.

— Devia?

— É estranho. Dificilmente não passa um dia em que não veja uma miúda a tirar uma foto para pôr nas redes sociais. No outro dia, vi um grupo de *cheerleaders* a posar no pátio para um milhão de fotos. Uma delas estava constantemente a criticar as fotografias e a obrigar a amiga a tirar mais.

— Na verdade, a minha câmara está a abarrotar de fotografias. Só deixei de tirar fotografias aqui porque tenho quase a certeza de que já tirei dez mil fotos às borboletas. Não estou a gozar. Quanto a postar as fotos que tiro, ná. Não gosto de redes sociais. — Inclino a cabeça na sua direção. — Suponho que também não tenhas redes sociais?

Ele desata a rir.

— Já, foi uma pergunta estúpida.

— Já me conheces, Gisele. — Ele encolhe os ombros. — Mas surpreende-me que tu não tenhas.

— Porquê?

— Porque és rapariga.

— E isso quer automaticamente dizer que sou obrigada a postar fotos e *selfies* em biquíni? Um facto curioso: às vezes, podes só tirar fotografias e guardá-las para ti sem incluíres o resto do mundo.

— Eu gostava de ser incluído nas fotos em biquíni. Como faço para aderir?

Esboço um sorriso rasgado.

— Vou passar a enviar-te fotos semanalmente.

— Obrigado. Agradeço-te muito.

— Eu costumava usar as redes sociais — relembro. — Ainda tenho as contas, mas ou são privadas ou estão desativadas. A minha ex-amiga perseguiu-me com persistência. Foi nessa altura que percebi que não quero ter a vida toda online. Estes momentos são meus. E de mais ninguém. — Gesticulo para as borboletas e traças que esvoaçam livremente à nossa volta. — Isto é só para mim.

Continuamos a andar e começo a sentir o calor. A estufa é quase toda feita de vidro e o sol de outubro que atravessa as janelas aquece o ambiente já de si tropical.

— Parece que estamos outra vez na sauna — resmunga ele, arregaçando as mangas da camisola da *Under Armour*.

Quase desejava que estivéssemos. Porque, assim, ele estaria novamente dentro de mim.

— As borboletas precisam de calor para voar. Não queres que elas voem, Ryder? Quando é que começou esta tua vendeta contra as borboletas?

— Quando eu era muito jovem — diz, solenemente.

Adoro quando consigo que ele seja brincalhão. Começo a ansiar por esta sua faceta um pouco demais e estou determinada a não pensar muito nisso.

Paramos em frente a uma estação de alimentação, onde leio a placa informativa numa árvore próxima. Independentemente da quantidade de vezes que cá venho, consigo sempre aprender algo novo. Há muitos caminhos e canteiros para conhecer.

— Olha, tens uma nova amiga — digo, deliciada.

O Ryder inclina o pescoço para ver a borboleta que acabou de lhe pousar no ombro.

— Coitadinha — exclamo. — Ainda não te conhece o suficiente para saber que és um otário.

Com uma gargalhada, dou uns passos de dança pelo trilho. Hoje sinto-me maravilhosamente bem. Primeiro, o sexo na sauna e, agora, estou aqui. Este sítio revitaliza-me sempre. E talvez... por muito resmungão e reservado que ele possa ser... uma pequena parte de mim gosta de passar tempo com o Ryder.

— Então, e de que mais gostas?

Paro de andar.

— Estás a tentar conhecer-me? — Fico literalmente de queixo caído.

— Esquece. — Ele passa para a minha frente.

Vou ávida e apressadamente atrás de si.

— Não, vamos fazer isto. Pergunta-me o que quiseres. Mas — aviso — tudo o que perguntares terás também de responder.

— Isso traz água no bico.

— É assim que funciona.

— Está bem — cede, finalmente. — Qual é a tua cor favorita?

— Uau. Que pergunta tão profunda.

Juro, este tipo até se recusa a partilhar uma informação insignificante sobre si. Cor favorita. Ah. Que grande evasiva.

— Verde — digo. — Qual é a tua? Espera, deixa-me adivinhar: preto, a combinar com a tua encantadora disposição?

— Cinzento.

— É praticamente a mesma coisa. Que tonalidade? Cinzento-claro? Escuro?

— Cinzento-ardósia-escuro. Tempestuoso, como os teus olhos.

O meu coração dá uma pequena cambalhota. Ele não está a tentar ser romântico, mas gostei da frase. Gostei até demais, na verdade.

Começo a achar que posso estar tramada.

Estou constantemente a relembrar-me de que isto é algo casual. Ele disse que não curte sentimentos. E, na realidade, é difícil imaginar-me a namorar com ele. É manifestamente calado. Para saber informações pessoais é preciso arrancar-lhas a ferros. Até convencê-lo a contar uma história triste sobre a sua infância é cansativo.

Admito que se *eu* tivesse um monte de histórias tristes de infância, talvez também não quisesse partilhá-las.

— E qual é o teu som favorito? — A sua pergunta interrompe-me os pensamentos.

— Som? Que pergunta estranha. — Penso um pouco. — A chuva. Adoro o som da chuva. E o teu?

— O disco a bater contra a tabela.

— Ah, esse também é bom.

— Posição sexual favorita?

Giro a cabeça na sua direção em jeito de acusação.

— Não podes falar de sexo no jardim das borboletas.

— Porque não?

— Há crianças aqui.

— Sim. Bem. Acabou de tornar-se num sítio para maiores de 18 anos. Tens algum problema com isso?

Ele aproxima-se e eu fico sem ar. Torna-se difícil respirar e não tem nada que ver com a atmosfera tropical abafada que sopra uma brisa quente pelos jardins. À nossa volta, pairam borboletas. Perseguem-se umas às outras no meio das flores. Algumas passam a dançar perto da cabeça do Ryder. É o momento mais Disney possível, mas o brilho no seu olhar é absolutamente pornográfico.

— Posição favorita? — insiste.

Engulo, sentindo subitamente a boca seca.

— Gosto de ficar por cima.

— E porquê?

— Toca-me num sítio bom, por dentro e por fora.

Ele esboça um sorriso cúmplice.

— Gostas de esfregar o teu clítoris em mim enquanto me montas?

Quase não consigo respirar.

— Oh, meu Deus. Não podes dizer palavras obscenas aqui.

— Achas que isto são palavras obscenas? Tão querida.

Solto uma risada.

— OK. Qual é a *tua* posição favorita?

— Qualquer situação que me faça estar dentro de ti é a minha posição favorita.

Pois, estou tramada.

CAPÍTULO 29

RYDER

As pessoas e o vício da pornografia

Tomar duche com outros homens não é uma situação ideal. Tomar duche com homens que nos odeiam é uma história completamente diferente. É o expoente máximo do desconforto. E não consigo pensar em nada mais constrangedor do que fazer conversa de circunstância quando estamos nus.

Eu e o Colson fomos os últimos a sair do gelo esta manhã, porque um dos treinadores técnicos queria praticar exercícios de passe connosco, por isso, ficámos para último no duche. E temos de nos despachar, porque precisamos de estar na sala de imprensa daqui a dez minutos para uma reunião de última hora. Pelo menos não é no auditório, o que significa que o Sheldon e a Nance não estão cá para nos torturar hoje. Espero eu. Não ficaria surpreso se nos emboscassem para nos mostrarem o seu vídeo de casamento e, possivelmente, vídeos caseiros de uma infância passada em conjunto.

Estamos cada um no seu duche, com as divisórias pela cintura. Consigo vê-lo pelo canto do olho, por isso sei que está a olhar para mim quando passo as mãos pelo cabelo molhado para tirar o excesso de água.

— O que foi? — digo, irritado, olhando na sua direção.

— Custa-te muito seres um pouco mais elogioso durante os treinos?

— Em relação a ti? Precisas que te afague o ego?

— Não, não é em relação a mim. Eu não preciso dessa merda. Digo em relação aos outros.

— Estás a falar a sério?

— Sim. O Woody e o Tierney estavam a fazer um excelente trabalho nos exercícios de um para um E o Larsen arrasou no último jogo com aquele remate certo.

— Está bem. E quantas vezes é que tu elogias os tipos da Eastwood? — contraponho.

— Os «tipos da Eastwood» já não existem — diz, frustrado. — Vocês são todos da Briar.

— Está bem. Quantas vezes elogia os novos tipos da Briar? Porque eu acho que o Lindley fez movimentos incríveis no treino de ontem para te fingir. Deste-lhe palmadinhas nas costas por isso?

O Case tem a decência de parecer arrependido.

— Enfim — murmura entre dentes.

— Estou só a dizer. — Encolho os ombros. — Funciona para os dois lados, meu.

— Está bem, já percebi. Foi ótimo falar contigo, Ryder, como sempre.

Desvio o olhar. Não consigo ser simpático com este tipo. A verdade é que a responsabilidade é dele, pois, afinal, esta é a sua casa. Nós continuamos a ser os intrusos. Ele é que precisa de fazer um esforço para se aproximar, não sou eu.

Enxugo-me e visto-me à pressa. O Case faz o mesmo, enfiando uma camisola de alças pela cabeça. Tem algumas tatuagens nos braços. Em dois meses a partilharmos o balneário, tive tempo de as ver. No bíceps direito tem uma cruz, que não me parece muito religiosa. É de estilo celta, com muitos floreios ornamentais. O Case veste uma camisola preta e prateada com capuz da Briar e vira-me as costas.

Pergunto-me se será essa a cena da Gigi, tipos com tatuagens. Embora isso já não interesse muito, pois ela já não anda a pinar com ele, ou anda?

Não. Certamente não.

Aperto os sapatos e pego na mochila. Ponho-a ao ombro e dirijo-me à sala de imprensa, com o Case atrás de mim.

O treinador Jensen está junto ao projetor. Já estão todos sentados, a falar uns com os outros. Enquanto eu e o Case nos sentamos, o treinador dá início à reunião.

Abre o portátil.

— Acabei de saber uma coisa — diz ele, varrendo a sala com o olhar. — Normalmente, não tocaria no assunto porque não tenho nada que ver com isso.

Pronto. Estou curioso.

— Mas fui informado, devido às novas regras relativas a uma conduta apropriada no *campus*, bem como a possíveis questões de saúde mental, que devemos providenciar informação adequada em casos como este.

— Que raio está a acontecer? — O Beckett parece divertido.

O Jensen olha para nós com um olhar sombrio.

— Para começar, não fui eu que fiz este PowerPoint. Só quero que saibam isso. Tenho melhores maneiras de passar o tempo.

Ecoam risos pela sala.

Ele clica no portátil e aparece o diapositivo com o título.

AS PESSOAS E O VÍCIO DA PORNOGRAFIA

Alguém assobia alto.

— Que merda é esta? — pergunta o Trager.

— Eu não nasci ontem — começa por dizer o Jensen. — O sexo existe. A pornografia existe. Está disponível em todos os telemóveis. Eu percebo. Não posso dizer que ache saudável, porque, enfim, arranjem uma mulher a sério. Ou homem — atira. — Ou ambos. O que quiserem. Não percebo como ver pornografia durante horas a fio possa ser bom para vocês, mas, desde que seja na privacidade do vosso quarto, excelente. Força.

— O trocadilho é intencional — diz alguém.

— O trocadilho não é intencional. Eu não faço trocadilhos. Resumindo. No vosso quarto? Excelente, estou-me nas tintas. Mas consumir pornografia dentro da universidade, incluindo na biblioteca, não é algo que o corpo docente possa tolerar.

— Puto, ele está a falar de ti — diz o Rand, bruscamente, virando a cabeça na direção do Shane. Depois começa a rir-se a bandeiras despregadas e, por alguma razão, o treinador não diz nada.

O Rand está histérico, curvado sobre o tampo da mesa, sacudindo os ombros largos.

Até eu não consigo resistir. Escondo o riso com o punho.

O Shane olha para mim com um olhar homicida.

Comprimo os lábios. Sinto alguma culpa, ao mesmo tempo que sinto vontade de rir. Ambos sabemos que a culpa é minha. Os boatos da sua aventura pornográfica na biblioteca espalharam-se. Mas ele estava apenas a proteger-me a mim e à Gigi.

— Vou matar-te — sussurra ameaçadoramente.

— Dito isto, levantou-se a questão de que quem faz isto dentro da universidade pode não saber controlar os seus impulsos e pode até haver um problema mais profundo, portanto, não vou apontar dedos aqui... Lindley — diz, propositadamente.

A sala irrompe numa gargalhada.

O treinador levanta as mãos e olha para o Shane.

— Presta atenção, filho. Alguém perdeu tempo a preparar este PowerPoint para ti, portanto, não sejamos palermas ingratos.

Ele faz sinal ao médico da equipa, que se aproxima.

— Bom dia, rapazes. Vamos falar de dopamina, pode ser? — O Dr. Parminder começa a falar na sua voz bem articulada e eficiente. — Reparem neste primeiro diapositivo. A dopamina é um neurotransmissor que age como mensageiro químico entre os neurónios e o cérebro. Faz também parte do vosso sistema interno de

compensação, o que significa que, quando estão a fazer algo que vos faz sentir bem, há uma libertação de dopamina.

O Shane deixa cair a cabeça nas mãos. Eu faço os possíveis para não estender a mão e dar-lhe uma palmadinha no ombro. Antecipo que posso levar um murro na cara ao tentar fazê-lo.

O Dr. Parminder continua.

— E quando se masturbam sentem-se bem.

O Patrick Armstrong urra uma gargalhada.

Será impossível passar por isto sem, pelo menos, um de nós, se mijar nas calças.

*

Mais tarde nessa noite, com a Gigi na minha cama, recapitulo os acontecimentos do dia, que começou de forma hilariante e acabou de forma deprimente. Empatámos o jogo contra a Universidade de Boston. Suponho que seja melhor do que uma derrota declarada, mas eles não são a equipa mais forte da conferência e não tinham nada que dar tanta luta. É enervante. Sim, faltam quase trinta jogos, por isso, ainda podemos dar a volta, mas esta época parece ser já um fiasco.

— Não acredito que o Jensen fez isso. — A Gigi sacode-se contra o meu peito enquanto se ri baixinho. — O Shane ficou chateado?

— Furioso. Havia de ver a mensagem que ele me enviou a seguir. — Pego no telemóvel, que está na mesa de cabeceira, porque esta é uma mensagem que merece ser lida na íntegra.

Aninhada ao meu lado, a Gigi vê-me a abrir as mensagens.

Subitamente fica tensa, como se alguém a tivesse golpeado com um bastão de gado.

— O que foi? — pergunto, preocupado.

— Nada.

— Gisele. — Ela não olha para mim, por isso, levanto-lhe o queixo para ver o seu rosto. A mágoa e a raiva vincam-lhe as bonitas feições.

— O que se passa?

Após um longo momento, durante o qual a hostilidade se intensifica no seu olhar, ela finalmente toca no ecrã e resmunga:

— Se não queres que uma mulher saiba que estás a mentir-lhe, talvez não devas agitar-lhe mentiras na cara.

De que raio está ela a falar?

Olho para o meu telemóvel, tentando perceber o que...

E parto-me a rir.

— Achas piada? — diz, bruscamente.

Ela tenta sentar-se, afastando-me as mãos com indignação quando tento tocar-lhe.

— Não é o que estás a pensar. Juro.

— A mensagem é bastante clara. Ou a enviaste e queres alguém que não a mulher com quem é suposto seres exclusivo, ou alguma rapariga te quer e tu gostaste tanto da sua mensagem que resolveste guardá-la no teu telemóvel para toda a gente ver.

— É a minha conversa de grupo — digo. Não consigo parar de rir.

— A tua conversa de grupo. — O tom dela não cedeu um milímetro. É duro como pedra.

— A conversa do grupo da Eastwood — explico. — Está lá o pessoal todo. E esta é a nossa mensagem habitual antes dos jogos. — Clico na conversa e mostro-lhe. — Vês?

BECK:

Quero-te.

POPE:

Quero-te.

MIÚDO DO KANSAS:

Quero-te.

NAZZY:

Quero-te.

Ela para de fazer *scroll*.

— Não percebo.

— É demasiado estúpido para explicar.

— Por favor, tenta.

— O Patrick, a quem nós chamamos Miúdo do Kansas, tem o patético hábito de se apaixonar por miúdas que conhece, tipo, há dez segundos. E, assim que isso acontece, começa a bombardeá-las com mensagens românticas e flores...

— Não podes julgá-lo. Estás sempre a oferecer-me flores.

— Foram duas vezes — resmungo. — Não conta como sempre.

— São duas vezes a mais do que alguma vez esperaria de ti.

Agora apanhou-me.

— Em todo o caso, no ano passado, quando estávamos na primeira ronda de *play-offs*, ninguém estava à espera de que conseguíssemos ganhar. Íamos jogar contra a equipa que estava em primeiro lugar na conferência; nessa altura, já tinha vencido vinte jogos consecutivos. Então, uma hora antes do jogo, o Patrick enviou acidentalmente uma mensagem destinada ao seu novo grande amor para o grupo da equipa. Escusado será dizer que o atormentámos impiedosamente por causa disso.

— Mas venceram o jogo — adivinha ela.

— Sim.

— Os jogadores de hóquei e as suas superstições.

A Gigi volta a fazer *scroll* na conversa, dando risadinhas.

— Vocês enviam mesmo esta mensagem antes de cada jogo?

— Infelizmente.

Ela ergue-se sobre o cotovelo, arrependida.

— Desculpa ter-te acusado de estares a mentir.

— Eu não minto — digo, simplesmente. — Fogo, a minha honestidade está sempre a meter-me em confusões com as miúdas.

— Sou uma idiota.

— Serei sempre honesto contigo. Não sei ser de outra maneira.

— Eu sei, e adoro que sejas assim. — Ela suspira. — Talvez... tenha exagerado um pouco.

— Um pouco? — Esboço um sorriso tolo. — P.S.: A Gigi ciumenta é bué sexy.

— Eu não estava com ciúmes...

Ela dá um gritinho alegre quando a viro de barriga para cima e encosto os lábios a uma das suas mamas nuas. Um instante depois, estou a chupar-lhe o mamilo.

Juro, manter as mãos e a boca afastadas desta mulher é verdadeiramente impossível.

Percorro o seu corpo com a boca até estar entre as suas pernas, com o pénis contra o colchão. Beijo a pele macia do interior das suas coxas, deixando um rasto de beijos a caminho do meu destino. Enfio um dedo dentro dela para ver se está pronta. Ela suspira em resposta.

— *Quando era um jovem rapaz — narro —, conheci uma jogadora de hóquei com a vagina mais apertadinha de sempre que fazia sons extremamente escaldantes quando a penetrava com os dedos. E agora... deixem-me levar-vos lá.*

A Gigi parece deliciada.

— Admite. Adoras o *Horizontes*.

— Ná. Adoro *isto*.

Penetro-a mais fundo, fazendo com que ela levante o rabo da cama, atirando-se diretamente contra a minha cara.

Sem perder tempo, prendo-lhe o clítoris entre os lábios, lambendo delicadamente. Os meus esforços são recompensados com outro suspiro, seguido por gemidos baixos e ansiosos ao começar a lambê-la fervorosamente. Faça-a vir-se e ela mal se dá tempo de recuperar, agarrando-me nos ombros e puxando-me para cima de si. Ainda ninguém me tocou no pénis e já está prestes a explodir. Estou dolorosamente duro.

— Não tenho preservativos — murmuro, beijando-lhe o pescoço.

— Usámo-los ontem. — Ela veio cá algumas vezes esta semana. —

Não tive tempo de ir comprar mais.

— Oooh, aposto que alguém gostaria de ter a minha embalagem económica — brinca, sorrindo.

— Da próxima vez trá-los — concordo, pois nunca consigo prever quantas vezes irei pôr-me dentro dela quando estamos juntos na mesma divisão.

— Ou... — Ela morde o lábio.

Espero que continue.

— Depois da nossa conversa sobre saúde sexual na sauna, talvez possamos não usar.

A minha pila aprova inteiramente, a julgar pelo pingó que lhe escorre da ponta.

Passamos a próxima hora na cama. Atraso o orgasmo o mais possível, porque me apetece torturar-me um pouco. Por isso, fodo-a devagar, fazendo-a vir-se pela segunda vez antes de finalmente me recompensar. A Gigi está de barriga para cima, as suas mamas ruborizadas enquanto ela ofega de prazer. Está tão sexy que, quando sinto o prazer a crescer, saio de dentro dela e masturbo-me, vindo-me a olhar para as suas mamas perfeitas e para o seu rosto lindíssimo.

A seguir, ficamos deitados, eu de boxers, ela completamente nua, e falamos dos respetivos jogos da noite.

— Fizeste umas jogadas muito ousadas no terceiro período — digo.
— Alguém postou uns vídeos online. Eu e o Shane viemos a vê-los no autocarro para casa.

— Hum. Mas eram jogadas olímpicas? — Adoro o som da sua voz depois do sexo. Sonolenta. Preguiçosa como melaço.

— Tu e as tuas metas ambiciosas.

— Na verdade, a minha meta original, pelo menos quando era miúda, era vencer a Stanley Cup.

Rio-me.

— Já tinha a alcunha. Já te contei que toda a minha família me chama Stan? Fogo, é insuportável.

— Ficaste com essa alcunha porque querias vencer a Stanley Cup?

— Não, porque, até aos 6 anos, pensava que Stanley Cup era uma pessoa. Desde então, chamam-me Stan. Só quando tinha cerca de 8 anos é que percebi que nunca poderia vencê-la.

Ela aninha-se mais. Eu estou quente e ela fria, por isso, é perfeito. O seu corpo arrefece-me e eu aqueço-a. Não sou uma pessoa espiritual, mas, no meu cérebro descontraído do sexo, subitamente, penso que talvez alguém nos tenha criado para encaixarmos tão bem um no outro.

— Os Boston Bruins venceram a taça nesse ano e fiquei tão feliz. Disse ao meu pai que estava ansiosa para crescer e poder vencer também a taça. E foi então que ele me disse que, como rapariga, não

tinha essa opção. — A Gigi ri baixinho. — Meu, desatei a chorar. Há um trilho atrás da nossa casa e desatei a correr e a chorar desalmadamente. Queria que me deixassem sozinha, mas era uma miúda e, obviamente, os meus pais não iam deixar. O meu pai encontrou-me e sentou-me num tronco, limpou-me as lágrimas e prometeu-me que, um dia, eu iria conseguir algo melhor do que ganhar a Stanley Cup: seria a melhor jogadora de hóquei feminino que alguma vez existiu.

A história faz-me sorrir.

Ela ri-se.

— E depois ele disse, tipo, «Ah, queres ver a taça?» Aparentemente, estava na nossa sala, porque todos os elementos da equipa podem levá-la para casa e, como melhor jogador dessa época, o meu pai foi o primeiro.

— Porra, a tua vida é incrível.

— Enfim, o facto de essa aspiração me ter sido negada obrigou-me a focar-me nas oportunidades disponíveis. Qual era a montanha mais alta que eu podia escalar, se não fosse a Stanley Cup? Decidi que era a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. — Ela encolhe os ombros. — Então, agora, isso é o mais importante.

— Para ti ou para o teu pai?

— Ele nunca insistiu para que eu quisesse entrar para a seleção olímpica. Fi-lo por mim. E quero-o por mim. Mas, sim, acho que uma parte de mim também o quer por ele. Quero deixá-lo orgulhoso.

— Tenho a certeza de que já está.

— Não, eu sei que está. — Ela acaricia-me os peitorais e sinto a sua atitude mudar, a frustração a crescer. — Quero fazer parte daquela equipa, Ryder. E devia ser capaz! Mas não tenho notícias do Brad Fairlee desde o início do semestre.

— Pelo que conheço do processo de seleção, sei que é vago e nem sempre atempado. Só tens de continuar a jogar como tens estado a jogar e terás a tua oportunidade — asseguro-a.

— E se isso não acontecer? — O seu corpo contrai-se e acaricio-lhe as costas. Ela relaxa ligeiramente. Depois, o seu tom de voz torna-se determinado. — Não, vai acontecer. Porque a alternativa é inaceitável e recuso-me a aceitá-la. *Vai* acontecer. Irei torná-lo realidade.

A sua ferocidade é sexy.

A Gigi senta-se, bocejando.

— Uh, tenho de ir. Não quero ficar a arrastar-me no treino da manhã.

Contorcendo-se, olha para o seu peito. Tem as mamas pegajosas do meu sémen.

— Vieste-te para cima de mim — acusa.

Rio-me.

— Sim, tu viste.

— Posso tomar um duche rápido? Não quero vestir o sutiã por cima disto.

— Só se eu puder ir contigo.

— Combinado. Tens a certeza de que é seguro?

— Acho que sim. Estou quase certo de que o Beckett saiu. O Shane está em casa, mas ele sabe de nós. Embora não possa garantir que continue a proteger-nos depois daquele seminário sobre o vício da pornografia. — Sou tomado por outra onda de riso. — Fogo, quem me dera que tivesses estado lá.

Puxo-a para fora da cama, carregando o seu corpo nu sobre o ombro, como fazem os bombeiros.

— Não, espera — protesta, dando risadinhas enquanto volta a pôr-se de pé. — É melhor vestir qualquer coisa.

— A casa de banho fica literalmente do outro lado do corredor. São três passos.

— Sim, mas tu estás de boxers. Não precisas de te sentir envergonhado se o Shane sair do quarto.

Ela pega na minha t-shirt usada, que está em cima da cadeira da secretária, e veste-a.

— Ah, quer dizer que podes vestir a minha t-shirt e deixá-la toda pegajosa, mas a tua não? — desafio.

— Exatamente.

Levo a mão à maçaneta e paro, poderia jurar que ouvi passos baixinhos. Mas, quando abro ligeiramente a porta e espreito lá para fora, o corredor está vazio. Talvez seja apenas o Shane a andar lá em baixo.

Lanço-lhe um sorrisinho dengoso ao entrar na casa de banho.

— Se te portares bem, talvez te foda no duche.

— Promessas...

De repente, a Gigi dá um grito.

Demoro um segundo a processar o que estou a ver.

Ela acabou de abrir a cortina do banho, expondo o Will Larsen, escondido na banheira, totalmente vestido.

— Que raio?! — berra a Gigi.

— Gigi? — diz ele, pestanejando de perplexidade.

— Will? O que é que estás aqui a fazer?

— Meu — resmungo. — O que é que estás a fazer em minha casa?

— Hum. — Ele fita a Gigi. — O que estás *tu* a fazer aqui?

— Porra — digo, bruscamente. — Responde à pergunta.

Mas ele está demasiado ocupado a olhar boquiaberto para a Gigi. O seu olhar desconfiado pousa na sua t-shirt larga, claramente de homem. A minha. Ao sair da banheira, passa os olhos pelas pernas nuas da Gigi antes de voltar a olhar para o seu rosto.

— Andas enrolada com este gajo? O Case sabe?

A Gigi empalidece.

— Não. E não podes dizer-lhe.

— O que é que estás a fazer em minha casa? — repito, com firmeza. Estou a ficar farto da falta de respostas.

— Ele está comigo — diz uma voz envergonhada.

Viro-me e vejo o Beckett no corredor.

— Como assim, ele está contigo? — pergunto, desconfiado.

— Hum... — O Beckett hesita.

— Temos andado a sair — diz o Will, deixando descair a cabeça.

O silêncio abate-se sobre nós.

— Tipo, de forma romântica? — pergunta a Gigi, confusa.

Sim, também estou confuso. Tanto quanto sabia, nenhum destes dois é gay.

— Não, tipo, a conviver. Andamos a ver a série *Timeline* — diz o Will, como se isso explicasse alguma coisa.

— Estás a falar daqueles filmes estúpidos com os cientistas que viajam no tempo?

— Só são estúpidos à primeira vista — resmunga o Will. — Se esqueceres, tipo, os dinossauros e isso, as teorias existentes sobre viagens no tempo são bastante sólidas. Respeitam o princípio de Novikov...

Levanto a mão.

— Não. — Já aturo o suficiente desta merda da parte do Beckett.

— Quer dizer que vocês são amigos secretos? — A Gigi parece cada vez mais desorientada.

— Sim. — Ele olha para o Beckett. — Tem mesmo de ser segredo. Achas que o Colson vai deixar-me andar com ele?

— Porquê, o Case é a tua mãezinha agora? — diz ela, num tom cheio de sarcasmo.

— Ah, tens razão. Devia contar-lhe tudo. — O olhar do Will é desafiador. — Tu primeiro.

Uma outra voz junta-se à confusão.

— Graças a Deus! — O Shane aparece à porta do seu quarto, com um par de calças de fato de treino e uma expressão de alívio. — Já está tudo às claras?

— Sabias destes dois? — resmungo para o Shane, apontando para o Beckett e o Will.

Ele acena que sim.

— Sabia, pois. Apanhei-os a conviver há umas semanas. A fumar um charro e a falar de mecânica quântica.

O Beckett suspira.

— Fazes com que pareça tão *nerd*. — Ele implora à Gigi com os seus olhos cinzentos. — Quero que saibas que sou um mulherengo.

Faço muito sexo. Muito.

Como se algo acabasse de lhe ocorrer, o olhar acusatório do Beck volta a encarar o Shane.

— Espera. Estás a dizer que sabias que estes dois andavam a pinar?

— Claro — responde o Shane. — Achas mesmo que ando a bater punhetas em bibliotecas como um tarado nojento? Estava a proteger estes dois otários.

O Beckett solta um enorme suspiro de alívio.

— Oh, graças a Deus, amigo. Porque fui eu que falei ao treinador do teu problema com a pornografia.

O Shane diz um palavrão indignado.

— Foste tu?

— Ouve, parecia ser um problema sério — diz o Beckett, na defensiva. — O facto de andares a bater pívias enquanto vias porno numa biblioteca e confessares na boa a um grupo de pessoas, como se masturbares-te a ver porno numa biblioteca fosse uma coisa normal...

— Sim, mas eu não andava a fazer isso!

— Ótimo, excelente. Agora já sabemos que não és um tarado.

— Will. — A Gigi farta-se da conversa e volta a concentrar a atenção no Larsen. — Não podes contar nada disto ao Case.

— Tu também não — diz-lhe o Will.

— Seres amigo do Beckett Dunne não é nem de perto nem de longe tão catastrófico como eu andar enrolada com o Luke Ryder. Percebes isso, não percebes? — Ela fica a olhar para ele. — Porque eu acho que não estás a compreender a gravidade da situação.

— Bem, a minha é bastante má — insiste ele. — Achas que *quero* gostar de um tipo da Eastwood?

— Obrigado — diz o Beckett, friamente.

— Não dá para comparar. De todo — salienta a Gigi. — Isto pode mesmo magoar o Case — diz, baixando a voz.

Isto parece acalmá-lo.

— Está bem, sim. Não, tens razão.

De cabeça baixa, ela cobre o rosto com a mão, fazendo cair sobre a testa as madeixas de cabelo escuro. Depois, suspira e ergue o olhar.

— Por favor — diz ao Larsen. — Não contes a ninguém.

— Está bem.

— Will.

— Eu disse está bem. — O seu olhar desconfiado passa da Gigi para mim. — Não sai desta casa de banho — promete.

Porém, isto não me tranquiliza.

CAPÍTULO 30

RYDER

Vocês ficam aqui

— OK. Já sei. Oferecem-te um tigre de estimação...

— Fixe — diz o Nazy.

— Como é que ele se chama? — pergunta o Patrick.

O Beckett revira os olhos enquanto envolve o seu *stick* em fita adesiva, preparando-se para o jogo desta noite contra a Universidade de Brown.

— Não tem nome.

— Que raio de tigre é que não tem nome? — O Patrick exige saber.

— É uma boa questão — diz o Shane ao Beck.

— Vão deixar-me acabar ou quê, seus anormais?

— Sim, vá — diz o Nazem, agitando a mão em sinal de permissão.

— Temos um tigre de estimação. Um tigre de estimação que não tem nome.

Disfarço o riso.

— Então — continua o Beckett —, este tigre é espetacular. Proteção vinte e quatro horas por dia, um excelente parceiro para o engate, porque todas as miúdas querem fazer-lhe festinhas nas orelhas e isso. Basicamente, é uma mais-valia na tua vida.

— Mas...? — pergunta o Shane, porque há sempre um «mas» nestas coisas.

— Mas, durante três horas todos os dias, és obrigado a ouvi-lo queixar-se — conclui o Beckett.

— Sobre o quê? — pergunta o Rand, curioso, vestindo a camisola sobre a proteção do peito.

— Sobre tudo. Estou a falar das coisas mais mundanas, triviais e mesquinhas. — O Beckett acena com a cabeça. — Basicamente, durante três horas por dia, ele transforma-se na namorada do Micah.

— Vai-te foder — diz o Micah, mostrando-lhe o dedo do meio. — A Veronica não se queixa assim tanto.

O Shane dá uma gargalhada.

— Puto. Ela não faz mais nada senão queixar-se.

Junto ao cacifo do fundo, o Jordan Trager vira-se, com um olhar carrancudo.

— Porque é que estão a fazer esta merda desta experiência mental, seus otários?

— Na verdade, é uma história engraçada — declara o Nazem, estendendo um raro ramo de oliveira. Na maioria das vezes, os tipos da Eastwood e da Briar evitam-se religiosamente. — Estávamos no autocarro a voltar de um jogo contra a Dartmouth e houve um incidente...

— Eu estou-me nas tintas para a tua história engraçada — resmunga o Trager. — Estou só a dizer que é estupidamente infantil.

— Diz o bacano com o desenho de um tigre tatuado nas costas — riposta o Beckett com uma gargalhada. — Olhar para essa coisa horrível foi o que me deu a ideia para a experiência.

— Estás mesmo a falar mal da minha tatuagem? — diz o Trager, bruscamente. — As tatuagens de um gajo são sagradas.

— Também os olhos de um gajo, e a tua tatuagem está a ferir os meus — diz o Beck, arrastando as palavras.

Do outro lado do balneário, reparo no Will a tentar esconder um sorriso.

A memória da confusão de ontem à noite volta rapidamente. Encontrar o Larsen na minha casa de banho foi... bizarro. Porém, a sua amizade secreta com o Beck não é da minha conta. Só quero que fique de bico calado sobre ter visto a Gigi lá em casa.

Reparo no Austin sentado no banco, o cabelo encaracolado caindo-lhe sobre o rosto enquanto aperta um dos patins. Ultimamente, tem andado calado. Sempre foi um pouco tímido, mas costuma ser bastante mais falador durante os treinos e no balneário.

Apercebo-me de que, provavelmente, o cocapitão tem a responsabilidade de saber se estão todos bem, portanto, dou-lhe uma palmada no ombro e inclino-me na sua direção.

— Estás bem?

O Pope lança-me um olhar desconfiado.

— Estou. Porquê? Fiz alguma coisa de mal?

— Não. Nada. Estava só a perguntar.

— Porquê? — pergunta novamente.

O Shane desata a rir.

— Puto. Tu és tão mau a interagir com as pessoas que elas desconfiam quando perguntas sobre o seu bem-estar.

— Vai à merda — resmungo, começando a pôr fita no meu *stick*. É por isso que não queria ser capitão. Continuo a não ter competências de liderança.

E, evidentemente, continuamos a não saber trabalhar em equipa.

O jogo mantém-se sem golos durante os dois primeiros períodos, o que é mais do que se poderia esperar, considerando a quantidade de remates que a equipa adversária faz à baliza. O Kurth é um prodígio. E o Beckett e o Demaine trabalham tão bem juntos na zona defensiva que o treinador resolve mantê-los em campo em substituições consecutivas. Regressam ao banco absolutamente exaustos. O Will ajuda o Beckett a passar pela porta para que o Pope e o Karlsson possam sair. O Beckett deixa-se cair no banco, o suor escorrendo-lhe pelo rosto.

O Will lança-lhe um olhar de consolo e passa-lhe uma garrafa de água de desporto. O Colson apercebe-se da troca e faz má cara. O Will disfarça fingindo estar a examinar as luvas, puxando um fio imaginário.

Há demasiados segredos neste banco.

Eu ando a comer a ex-namorada do Colson.

O seu melhor amigo anda a ver filmes sobre viagens no tempo com o inimigo.

Que mundo é este?

No início do terceiro período, estamos a ganhar por um golo depois de o Austin fazer um remate direto que passa pelo guarda-redes da Brown. É a primeira mudança de ritmo do jogo, mas o embalo não dura. Da próxima vez que estamos na zona defensiva, o Colson perde um passe decisivo no um para um que nos custa um golo do adversário.

O resultado passa a ser 1-1.

Quando o Colson regressa ao banco, o Rand confronta-o.

— Bem jogado, capitão — diz, sarcasticamente.

— Vai-te lixar — vocifera o Colson.

— Vai *tu*.

— Já chega! — berra o treinador, levantando a mão. Vira-se e pede uma substituição.

Enquanto isso, estou tão chateado como o Rand, porque comuniquei claramente que ia para a área de marcação. A única coisa que o Colson tinha de fazer era prestar atenção e a merda do disco estaria agora no seu *stick*.

Ainda assim, quando patinamos para o um para um na transição seguinte, talvez não esteja a pensar bem quando resolvo fulminar o Colson com o olhar e resmungar:

— Que tal prestares atenção desta vez?

Isto chateia-o. Pestaneja e ele está em cima de mim. Estende o braço, mas não propriamente para empurrar. É mais uma palmadinha.

Fico a olhar para a sua luva no meu braço. Depois olho para cima, surpreendido e zangado.

— Que raio estás a fazer?

— Guarda os teus comentários para ti — diz, bruscamente. — Estamos a tentar jogar.

Porém, estes cinco segundos de discussão fazem-nos ouvir o apito. O árbitro assinala protelamento de jogo.

Mas que merda.

Sofremos a porcaria de uma penalização.

— Que *raio*... — rosna o Demaine, patinando na direção do banco para o treinador mandar entrar a equipa de marcação de penáltis.

— Estão a gozar com a minha cara? — A veia na testa do Jensen parece estar prestes a explodir. — Protelamento de jogo? — grita na direção do banco de penálti.

Eu e o Colson baixamos a cabeça. Ele tem razão em gritar. Há muitas penalizações que podem evitar-se, e a que acabámos de sofrer é, sem dúvida, uma delas. Especialmente quando é assinalada por estarmos a discutir com um colega de equipa. Não, pior... com o nosso cocapitão.

O olhar do treinador diz-me que estamos em grande perigo neste momento. A Brown aproveita o nosso erro e marca o penálti.

2-1 para a Brown.

Eu e o Case saímos do banco de penálti e voltamos ao gelo para fazer controlo de danos. A dois minutos do fim do jogo, um belíssimo remate do Larsen altera o resultado para 2-2. Os cinco minutos de compensação acabam sem golos, portanto, agora temos um segundo empate no nosso historial. Não é uma derrota, mas mais valia ser, julgando pelo acesso de fúria do treinador no balneário.

Felizmente, poupa-nos a um demorado enxerto de porrada verbal. Limita-se a entrar, a agitar o dedo indicador entre mim e o Case e a vociferar uma palavra:

— Deplorável. — Depois, dirige-se ao resto da equipa. — Tomem duche e vistam-se. Encontramo-nos no autocarro.

Foda-se.

Esta época está a começar de forma trágica. Até agora só tivemos uma vitória. E, esta noite, o nosso último jogo acabou empatado porque a porra dos cocapitães sofreram uma penalização que não devia ter acontecido. Não censuro o treinador por estar zangado. Está habituado a vencer o Frozen Four e isso começa a parecer um sonho impossível nesta época.

Voltamos a encontrar-nos no autocarro. A atmosfera está carregada. É uma viagem de noventa minutos de regresso à Briar; passados dez minutos, reparo que o Jensen se levanta para falar com o condutor.

Dez segundos depois, o autocarro para à beira da estrada.

O Shane, que está sentado ao meu lado, levanta a cabeça do telemóvel. Estava a trocar mensagens com outra *cheerleader*, com

quem saiu toda a semana.

— O que é que se passa?

— Colson. Ryder. Levantem-se.

Eu e o Case trocamos um olhar nervoso perante a ordem ameaçadora. Levantamo-nos dos nossos lugares.

— Vocês ficam aqui.

Viro-me para a janela. Não se vê nada lá fora. Deste lado da autoestrada de duas faixas só se vê a berma de gravilha e uma extensão escura de floresta.

— O que quer dizer com ficamos aqui? — ecoa o Colson. Está perplexo. — É suposto irmos a pé para casa?

O sorriso do Jensen é só dentes e nenhum humor.

— Considerem-no mais um exercício de *team building*.

— Abandonar-nos no meio de uma floresta à mercê de um assassino em série é considerado *team building*? — diz o Tristan Yoo, bruscamente.

— Em primeiro lugar, não há nenhum «nós». Só eles. Por isso, acalma-te lá, Yoo. — O treinador acena com a cabeça. — Mas levantas uma excelente questão.

Ele passa o olhar pelo mar de caras masculinas, detendo-se em alguém umas filas atrás do Beckett. Um aluno do segundo ano chamado Terrence, que não é titular.

— Ó escuteiro, tu andas sempre com um canivete suíço. Tem-lo contigo?

— Sim, místico.

— Dá cá.

— Sim, místico.

O treinador volta a examinar o autocarro.

— Não vamos fingir que nenhum de vocês fuma ou que nunca fumaram drogas na vida. Preciso de dois isqueiros. Passem para cá.

Dois isqueiros passam pelas filas até chegarem às suas mãos. O Jensen põe um na minha mão e outro na do Case. O canivete suíço vai também para o Case. Tomo nota do gesto. Pelos vistos, entre nós os dois, o Jensen acredita que é mais provável ser eu a assassinar o Case e, portanto, não devia ter uma arma. Não sei se deva encará-lo como um elogio ou um insulto.

— Têm os vossos telemóveis. Têm fogo. Têm proteção. Têm os vossos casacos. — Arranca uma embalagem de batatas fritas das mãos do Nazem, que se sobressalta. — E alguma comida. Todas as ferramentas de que precisam para sobreviver esta noite. O autocarro virá apanhar-vos aqui de manhã.

— Místico, vá lá. Isto é uma loucura — protesta o Colson. Não pode simplesmente...

— Não posso simplesmente o quê?

O Case cala-se.

— Porque, do meu ponto de vista, eu *não posso simplesmente* aceitar que os meus capitães de equipa levem penalizações por protelarem o jogo porque estão a discutir como criancinhas que não dormiram a sesta. Claramente, o tempo que têm passado com os Laredos não está a resultar.

— Pois, porque eles são malucos dos cornos — murmura o Patrick.

Algumas gargalhadas abafadas ecoam pelo autocarro.

— Afinal, o que aconteceu esta noite, neste jogo que *devíamos ter ganhado*, mas não ganhámos, é culpa vossa. De ambos. — Ele olha para mim e depois para o Case, com a boca comprimida numa linha firme. — São cerca de sessenta quilómetros até Hastings e, se decidirem caminhar, irão demorar toda a noite. Pessoalmente, sugiro que se abriguem e passem aqui a noite. Usem o tempo para fazer as pazes. Resolvam as coisas entre vocês. O autocarro estará de volta às seis da manhã. — Ele cerra os dentes e aponta para a porta: — Andor.

CAPÍTULO 31

RYDER

Ela anda a foder comigo, meu

— Isto é uma treta. — O Case dá um pontapé numa pedra enquanto nos abrigamos à beira da autoestrada como dois órfãos dickensianos.

Ainda não nos aventurámos na floresta. Continuamos a vaguear pela berma de gravilha, onde o Colson vai alternando entre dar pontapés às pedras e olhar para o telemóvel.

Franzo-lhe o sobrolho.

— Devias poupar a bateria.

— Vá lá. Ele não vai mesmo deixar-nos aqui toda a noite.

— Tenho quase a certeza de que vai, meu.

O Case semicerra os olhos.

— Deu-nos um canivete suíço e isqueiros — digo, com uma gargalhada ácida. — É claro que não vai voltar. Chateámo-lo a sério esta noite com aquela falta.

— Já. Pois foi.

O Colson dá um passo em frente e espreita para a estrada escura. Nem um carro passou desde que o autocarro nos deixou para trás.

— Há algum assassino em série em atividade para estes lados? — pergunta ele. — Há uns tempos não havia, tipo, um assassino da autoestrada na Costa Oeste? Achas que há um na Costa Leste?

— Porquê? Estás com medo? — gozo.

— Não. Mas sinto-me exposto. Sabes que mais? Que se lixe. Vou fazer uma fogueira.

Com isto, o Colson começa a andar na direção da floresta. As riscas prateadas do seu casaco de hóquei preto reluzem sob uma faixa de luar espreitando por entre as nuvens.

— Vens? — Ele olha para mim por cima do ombro.

— Sim, que se lixe.

Enfio as mãos nos bolsos e vou atrás dele. Deixamos a lua guiar o caminho. Uma vez que estamos literalmente à beira da estrada, não há um caminho oficial, apenas umas áreas trilhadas. Abrimos caminho

mais para o interior da floresta sem tropeçar na vegetação rasteira.

— Querias andar até Hastings? — pergunto.

— Fogo, nem pensar. Tu queres? — contrapõe, incrédulo. — Não posso dar cabo das pernas dessa maneira. Amanhã é dia de levantar pesos. Preciso de ser capaz de fazer *deadlifts*.

Bem pensado.

— São só oito horas. Vamos sobreviver. — Ele para numa pequena clareira no meio das árvores e acena com a cabeça em aprovação. — Este sítio serve. Bora. Vamos procurar material para fazer uma fogueira.

Separamo-nos para vasculhar a área mais próxima. Procuro troncos e galhos no chão, encontrando também alguns ramos grossos partidos que servem de lenha. Quando voltamos a encontrar-nos na clareira, o Colson já construiu uma base com um monte de pedras pesadas.

— Boa — digo, impressionado.

— Obrigado. Sou pro nestas coisas. A minha família costuma acampar. E não é a fingir, como a família da G. Eles são tipo «Estamos *no meio do nada*», e depois arrendam uma mansão no Lago Tahoe. Népia. A minha família precisa de dormir mesmo em cima de pedras, senão o meu pai diz que não conta.

Não consigo evitar rir. Mas o riso desvanece logo a seguir, ao perceber que quando diz «a família da G» está a referir-se aos Grahams. O que significa que, provavelmente, passou bastante tempo com eles.

A Gigi convidou-o a passar tempo com sua família, enquanto eu ando a foder com ela em segredo absoluto.

— Apanhei uma série de coisas. — Deixo cair os materiais no chão, junto à base de pedra, e começo a fazer a fogueira.

Ele provavelmente não acreditaria, mas também sei fazer uma fogueira. Embora seja por outros motivos. Não tive uma família com quem acampar.

— Bela fogueira — diz ele, acenando com a cabeça. — Já fizeste isto antes?

Aceno em afirmação.

— Escuteiros? Campismo?

— Esconderijos — digo, sarcasticamente.

— Como assim?

Encolho os ombros. Não gosto muito de partilhar, mas, por alguma razão, decido desenvolver. Talvez seja influência da Gigi.

— Quando era miúdo, vivi numa casa de acolhimento onde o pai, frequentemente, era violento com a mulher. Por vezes, as coisas complicavam-se e, sempre que isso acontecia, eu pegava numa tenda e levava os meus irmãos de acolhimento para o bosque atrás da casa. Algumas noites eram frias e fazíamos uma fogueira para nos

mantermos quentes. Embora, na maioria das vezes, fosse mais fumo do que fogo. Sabíamos fazê-la, mas não mantê-la.

— Não te preocupes, tenho a parte da manutenção bem memorizada.

Ele tira o isqueiro do bolso e debruça-se sobre a fogueira, soprando para a faísca. Rapidamente, está a alimentar uma chama que vai crescendo cada vez mais. Em minutos, temos uma fogueira a arder como deve ser.

Dispo o casaco e pouso-o no chão, sentando-me em cima dele. O Case faz o mesmo. Depois, ficamos sentados em silêncio. Bem, não no silêncio total. O meu estômago produz uma sinfonia de roncões e ruídos digna do Dan Grebbs. Costumo encher-me de proteína a seguir aos jogos e estou faminto.

Como se me lesse o pensamento, o Case diz:

— Achas que devíamos tentar caçar uma chita ou assim?

Rio-me.

— Claro, com tantas chitas que há para aí nas florestas da Nova Inglaterra.

— Podíamos tentar procurar comida — sugere. — Acho que ainda há bagas em outubro. E ainda estamos na época das nozes pretas.

— Puto, eu não vou procurar comida. Esse projeto é teu.

Ele disfarça um risinho.

— Conseguimos sobreviver até de manhã. Acho que tenho uma barra de cereais. Podemos comê-la com a nossa embalagem de batatas fritas.

— Fantástico — diz ele, carrancudo.

Dividimos assim uma ceia que consiste num pacote de batatas fritas e numa barra de cereais com manteiga de amendoim e chocolate que trago no bolso do casaco.

Vai ser uma longa noite.

Não me admira que seja o Colson a iniciar a conversa sobre os nossos problemas. Parece gostar de falar mais do que eu.

— Não podemos continuar a fazer esta merda.

Encolho os ombros.

— Eu sei. Mas não consigo fazer com que os tipos da Briar nos aceitem.

— Funciona nos dois sentidos. Precisas de querer ser aceite. — Ele hesita. — Quando vocês chegaram, tivemos medo de que tomassem o nosso lugar. E, sejamos sinceros, foi o que aconteceu. O Miller foi-se embora. Ele era um bom amigo.

Aceno com a cabeça.

— Também o nosso antigo capitão, o Sean. Assim que ouviu falar da fusão pediu transferência, precisamente por não querer lidar com o que estamos a lidar neste momento.

— Quer dizer que ambos perdemos bons amigos. Mas isso agora acabou. Somos todos titulares. E somos todos bons — diz ele, ainda que com alguma relutância.

— Todos? — pergunto, com frieza.

— Sim. Estás à caça de elogios?

— Não, eu sei que sou bom. — Pauso, fazendo um esgar. — Tu também és.

O Case sorri.

— Custa dizer, não é?

— Um pouco.

— O que quero dizer é que somos cocapitães. Precisamos de dar o exemplo ao resto do pessoal. E alguns elogios e encorajamento ajudam muito.

— Talvez possamos fazer o Jensen mudar de ideias em relação à proibição dos animais de estimação — digo, a gozar.

Ele solta uma gargalhada sonora.

— Duvido muito. O pai da Gigi contou-me o que aconteceu.

Isto desperta o meu interesse.

— Puto. Conta.

— Parece que, há umas décadas, a equipa tinha um porco de estimação e um dos tipos inscreveu-o num evento numa feira do New Hampshire. Ele achava que o porco ia só receber uma medalha por ser o mais fofinho ou assim. Reviravolta: o vencedor foi transformado em bacon.

Caramba. O Shane tinha razão. Sempre *comeram* o seu animal de estimação.

— Isso é traumático — digo.

— Podes crer.

Ficamos em silêncio algum tempo, observando a fogueira. O Case junta-lhe mais um tronco e mexe-lhe com um ramo fininho.

— O que é que aconteceu no autocarro? — pergunta, subitamente.

— Aquela história que o Nazem estava a tentar contar antes de o Trager o mandar calar. Porque é que vocês fazem essa coisa da experiência mental?

Rio para mim mesmo.

— Ah. É tudo graças ao nosso idiota de serviço. O Patrick, estás a ver, o Miúdo do Kansas, está sempre a apaixonar-se. No início da época passada, conheceu uma miúda numa festa e, claro, segundos depois, estava a planear o casamento. Acidentalmente, acabou por ficar com o telemóvel dela. Acho que estava a guardá-lo, porque ela não tinha mala, e o telemóvel acabou por ir parar à mochila dele, a mochila que ele tinha quando estávamos a caminho de um jogo contra a St. Anthony. Íamos a meio do caminho quando a polícia apareceu atrás de nós, de sirenes ligadas, a mandar parar o autocarro.

— Porque achavam que ele tinha roubado o telemóvel? — O Case parece incrédulo.

— Não, melhor ainda — digo, com uma gargalhada. — Parece que ela tinha bazado com uns amigos para Daytona e nem se apercebeu de que o Patrick tinha o seu telemóvel, pensou que o tivesse perdido. Mas o pai, em Rhode Island, não sabia dela há mais de vinte e quatro horas, não conseguia contactá-la e entrou em pânico. Chamou a polícia e eles usaram uma aplicação e descobriram que o telemóvel andava a circular pela autoestrada. Assumiram imediatamente que ela teria sido raptada e enviaram três carros da polícia atrás de nós. Foi uma cena. Ficámos parados durante horas, meu. Não conseguimos chegar ao jogo.

— Espera. Acho que me lembro disso. Foi mesmo antes dos *play-offs* e a Eastwood foi obrigada a desistir. Disseram que estavam todos com uma gastroenterite.

— Era mentira. Estávamos literalmente a ser interrogados sobre o paradeiro desta miúda.

— Que cena.

— Pois. Foi uma loucura. Ninguém deixou que o Patrick se esquecesse deste episódio. Embora tenha quase a certeza de que se esqueceu completamente *da miúda*, uma vez que já se apaixonou, pelo menos, sessenta e cinco vezes desde então. Mas, iá, como castigo, não pudemos usar os telemóveis no autocarro o resto da época, o que é estúpido, porque os nossos telemóveis não tinham culpa de o Patrick ser um idiota. De repente, deixámos de ter telemóveis para passar o tempo, por isso, começámos a fazer perguntas do tipo «preferias», ou «o que farias se», e tornou-se uma coisa que fazemos antes dos jogos. Quando uma superstição pega, fica para sempre. — Semicerro os olhos ao ocorrer-me uma coisa. — Acabei de me aperceber de que ambas as nossas superstições estão relacionadas com o parvo do Patrick. O chavalito é um perigo.

— Qual é a outra?

— Uma vez, sem querer, ele enviou uma mensagem que dizia «Quero-te» para a nossa conversa de grupo. — Rio-me. — Portanto, isso agora também é uma cena.

— Espera, são essas as mensagens que vocês trocam antes dos jogos? — O Colson fica boquiaberto e furioso a olhar para mim. — É por isso que continuamos a perder! Porque não estamos todos a fazê-lo.

Não me surpreende nada saber que é tão supersticioso como nós.

— Ganhámos um jogo — noto.

— Pois. E perdemos os outros. — Ele estica o queixo obstinadamente. — Os empates não contam. Um empate é uma derrota.

— Concorde. Odeio quando as pessoas dizem o contrário. — Suspiro. — Não sei. Talvez possamos criar uma nova conversa de grupo, então.

Palavras que nunca pensei ouvir da minha boca, porque odeio conversas e grupos.

— Bem, agora temos de experimentar — insiste o Case. — Não podemos continuar a perder.

Também concordo com isso.

Ele volta a mexer na fogueira. Brasas de um tom pálido de cor de laranja dançam e esvoaçam na escuridão.

Depois, diz:

— Não costumo ser tão otário.

— Oh. — Pauso. — Eu costumo.

Ele disfarça o riso.

— Calculei. Mas... eu... nem por isso. Tem sido difícil, ultimamente. Passei por uma separação.

Um certo desconforto atravessa-me o corpo.

— Agora vamos falar de mulheres, é?

Ele olha para o relógio.

— Bem, são onze da noite e ainda não me sinto preparado para ser ferozmente atacado por um urso enquanto estou a dormir, por isso... sim, acho que vamos.

— Tu e a Graham, hã? — Mantenho um tom casual.

— Sim. Estávamos juntos desde o início do primeiro ano. Acabámos em junho passado. — Ele morde o lábio. — Deu-me mesmo cabo da cabeça.

— O que é que aconteceu? Ela acabou contigo ou foi ao contrário? — De forma bastante egoísta, estou ansioso para saber alguma coisa sobre a separação. Jamais perguntaria à Gigi, mas o Case é jogo limpo.

— Ela acabou comigo — diz, categoricamente. — Ainda por cima, uma semana depois de dizer que me amava.

Franzo a testa. Admito que não sou grande adepto do cenário do «amo-te», mas parece-me estranho que nenhum dos dois o expressasse até mais de um ano depois do início da sua relação. Será normal? Nunca disse essa palavra a uma mulher. Tanto quanto sei, as pessoas demoram algum tempo a dizê-la.

— Fiz asneira. E, honestamente, achei que seríamos capazes de ultrapassar isso, mas ela deixou de confiar em mim e isso destrói-me, sabes?

Sinto empatia por ele. Porque há mágoa genuína na sua voz.

E depois sinto-me um grande otário. Porque ele não faz ideia de que a minha pila esteve dentro dela na noite passada.

— Deitei tudo a perder — diz, com uma voz triste e distante. — Que grande anormal.

— Tu traíste-a? — pergunto. Não sou pessoa de andar à volta do assunto.

Ele deixa cair a cabeça nas mãos, lamentando-se.

— Pá. Sim. Traí-a. E acho que ela nunca irá perdoar-me. — Outro lamento. — Já não sei o que fazer. O que devo eu fazer? Acho que ela é a mulher da minha vida.

Se ela fosse a mulher da sua vida, ele não acharia. Saberia.

E, se ela fosse a mulher da sua vida, ele não se teria envolvido com outra pessoa.

Mas guardo estes pensamentos só para mim. Sou um otário na maior parte das vezes, mas nem eu sou capaz de massacrar quem já está a sofrer.

— Portanto, sim, tenho sido um cretino ultimamente — admite. — Não sei como libertar esta frustração toda, sabes? Ela está a afastar-se de mim. E eu tenho saudades dela. Estou constantemente a pensar onde estará e o que estará a fazer.

Ela anda a foder comigo, meu.

Também guardo isso para mim.

CAPÍTULO 32

RYDER

Rituais de acasalamento das borboletas

Na manhã seguinte, enquanto o pessoal está todo fresco e alerta depois de ter dormido na sua própria cama (ou, no caso do Beckett, na cama de uma miúda de uma das repúblicas), eu e o Colson parecemos acabados de sair de um programa de sobrevivência. Depois de o autocarro nos ir buscar, consegui dormir duas horas em casa antes de apanhar boleia do Shane para a nossa sessão de levantamento de pesos. Estava demasiado cansado para conduzir.

Na Eastwood, podíamos fazer musculação conforme os nossos horários, mas a Briar exige um regime de treino para levantarmos pesos juntos, enquanto equipa. Quando eu chego, já estão todos na sala dos pesos.

— Ele está vivo — diz o Beckett, sorrindo ao ver-me. Deve ter vindo diretamente da república das raparigas. — Estava à espera de te ver entrar com um chapéu de pele de esquilo ou assim.

— Quase matámos uma chita — diz o Case, dando-me uma palmada amigável no braço.

Erguem-se alguns pares de sobranceiras perante esta troca.

— Duplo C — diz o Trager, aproximando-se para cumprimentar o Case com o punho. — Estás fixe, mano? — Lança-me um olhar desconfiado.

O Colson repara e suspira.

— OK, pessoal. Ouçam lá. — Ele bate palmas.

O pessoal para o que está a fazer, sentando-se nos bancos de musculação, para prestar atenção ao Colson. O Demaine, que estava a fazer marcação ao Joe Kurth, coloca o haltere no suporte. Junto ao espelho ao fundo da sala, o Rand e o Mason pousam os pesos que estavam a levantar.

— Queríamos pedir desculpa pelo que aconteceu no jogo de ontem à noite — o Colson começa por dizer. — A Brown não devia ter marcado aquele golo. A falta foi culpa nossa e não foi um

comportamento digno de um capitão. — Ele olha para mim de soslaio e eu aceno com a cabeça em concordância. — Daqui para a frente, precisamos de ser uma equipa. Uma equipa a sério. — O seu rosto assume uma expressão angustiada. — Por muito que eu odeie a Nance e o Sheldon, acho que eles têm razão no que toca à comunicação.

Trocam-se alguns olhares céticos.

— Muito bem. Então, começo eu. — O seu olhar incide sobre o Shane. — Lindley. Os teus remates rápidos são lindos, meu. Nunca vi tamanho domínio.

O Shane fica surpreendido.

— Oh. Obrigado.

O Case inclina a cabeça na minha direção.

Fixo o olhar no Trager, porque parece-me uma boa opção para tentar conquistar.

— Trager. Ontem aquela marcação de penákti foi perfeita.

Ele semicerra os olhos. Depois, vendo o Case a olhar para si, faz um curto aceno de cabeça.

O Colson cruza os braços sobre o peito.

— Pronto. Podem continuar. Vamos elogiar-nos uns aos outros até estarmos todos a nadar em dopamina.

— O Lindley sabe bem como é — diz o Nazzy solenemente, e o Shane mostra-lhe o dedo do meio.

Após um momento de hesitação, o Will Larsen dirige-se ao seu melhor amigo secreto.

— Beckett. Tu usas as lâminas dos patins melhor do que ninguém.

O Beck acena com a cabeça.

— Obrigado, amigo. — Em resposta, diz: — O teu remate é como um laser.

E assim por diante, todos se elogiam uns aos outros. É certamente um progresso.

Porém, nem todos se deixaram conquistar. Mais tarde, quando estou a encaminhar-me para o duche, o Rand chama-me à parte, falando em voz baixa.

— Isto é mesmo a sério? Agora és amigo do Colson?

Encolho os ombros. Não diria que somos amigos, mas não posso negar que passámos uma noite divertida, apesar de termos sido abandonados no meio da natureza. O chavalito tem piada.

Na verdade, agora que estabelecemos um cessar-fogo, a única coisa que nos impede de termos uma amizade verdadeira é a miúda que me envia uma mensagem assim que saio do balneário, vinte minutos depois.

GISELE:

Acho que deixei o meu colar em tua casa. Posso passar por lá e

procurá-lo?

Sorriso para o telemóvel. Esta miúda é a maior.

EU:

Por acaso, estou no *campus*. Queres que passe eu em tua casa?

GISELE:

A sério?

EU:

Porque não? A tua colega de casa não sabe de nós?

GISELE:

Sim. Anda.

Estaciono o jipe no parque de estacionamento à porta da Hartford House e encaminho-me para a residência, chegando à entrada no momento em que uma mulher negra esbelta está a sair. É a colega de casa da Gigi, a Mya. Reconheço-a do dia em que apareci aqui com um ramo de flores.

Coisa que ela não me deixa esquecer.

Há um brilho divertido no seu olhar.

— Olha o rapazinho das flores. Como é que isso vai?

Faço uma expressão angustiada.

— Bora não fazer uma cena à volta do «rapazinho das flores». Tenho uma reputação a manter.

— Não prometo nada. A G está lá em cima.

A Mya aproxima-se novamente da porta e espreita para átrio.

— Spencer, ele não é um assassino — diz ao segurança que está na receção, apontando para mim. Depois, faz sinal para eu entrar. — Tchau, rapazinho das flores.

O quarto da Gigi fica no segundo andar. Ela recebe-me com um par de calções pretos curtos que mal se veem sob uma camisola de hóquei roxa, claramente personalizada, pois, quando ela se vira, nas suas costas estão as iniciais GG bordadas a branco.

O seu quarto é tão feminino como eu estava à espera, considerando que é fanática por borboletas. Há uma colcha estampada e almofadas decorativas coloridas. Fotografias suas com amigos e família afixadas num quadro de cortiça sobre a secretária. E, obviamente, reproduções emolduradas de borboletas.

Aproximo-me das molduras.

— No outro dia estava a pesquisar sobre rituais de acasalamento

das borboletas e descobri...

— Nem penses, desculpa — interrompe a Gigi. — Não podes mencionar isso assim. Estavas a pesquisar sobre *rituais de acasalamento das borboletas*?

Dispo o casaco com um encolher de ombros, pousando-o nas costas da cadeira da secretária.

— Não vale a pena tirares grandes conclusões. Honestamente, estava só a tentar perceber como é que elas fodem. Tipo, que parte encaixa aonde.

Ela parte-se a rir.

— Oh, meu Deus. Aprendeste alguma coisa interessante?

— Aprendi. — Deixo-me cair na cadeira e viro-me para ela. — Há uma espécie tropical em que o macho acasala com a fêmea borrifando-a com uma espécie de químico afrodisíaco para que outros machos não possam acasalar com ela.

— Isto vai levar a alguma conversa porca esquisita em que dizes que queres borrifar-me com um químico, Ryder?

— Querias.

— Lembras-te de quando me disseste que não valia a pena tirar grandes conclusões? Bem, estou a tirar conclusões. Estás mesmo a tentar demonstrar interesse pelos meus interesses — acusa. Ainda a rir, atira-se para cima da cama e encosta a cabeça a uma pilha de almofadas decorativas. — Então, quando é que me contas os detalhes da tua noite louca?

Fico tenso.

— Como é que sabes disso?

— O Case enviou-me uma mensagem esta manhã.

Os ciúmes que me percorrem o sangue fazem-me cerrar ambos os punhos.

Merda. Isto não é bom. Não é suposto continuar a odiar o tipo. Mas a ideia de ele enviar mensagens à Gigi, e talvez reconquistá-la, reativa toda a animosidade que sentia antes.

— Ele disse-me que vocês resolveram as coisas.

Encolho os ombros.

— Também me disse que desabafou contigo sobre o fim da nossa relação.

Volto a encolher os ombros.

A Gigi olha para mim com um ar pensativo.

— O que foi?

— Achas que beijar alguém é uma traição?

Não estou à espera da pergunta.

— O que queres dizer?

— Se estiveres numa relação séria com alguém e esse alguém beijar outra pessoa... consideras isso uma traição?

— Sem dúvida nenhuma.

— A sério?

— Claro. Se amas e respeitas alguém, não tens nada de beijar outra pessoa. Ponto final.

A Gigi sorri.

— O que é? — digo, desconfortavelmente.

— Às vezes, faz-me confusão que as coisas sejam todas a preto-e-branco para ti. Mas, neste momento, adoro. — Ela lambe os lábios. — Na verdade, dá-me tesão.

— Ah, sim? — digo, arrastando as palavras.

— Hum-hum.

Ela salta da cama para o meu colo, entrelaçando os dedos atrás do meu pescoço e inclinando a cabeça para me beijar.

Quando as nossas línguas se tocam, sinto um choque no corpo. O desejo espalha-se pelas minhas veias. Os meus testículos ficam apertados e as minhas nádegas contraem-se. Então, a Gigi beija-me mais profundamente e balança as ancas, fazendo-me produzir um som estrangulado na garganta. A forma como ela se contorce é pura agonia. Enche-me de uma ânsia que só o seu calor apertado consegue amaciar.

Reparando na minha respiração ofegante e mãos impacientes, ela ri-se baixinho e sai do meu colo, fazendo-me gemer novamente, agora de frustração.

— Pareces ansioso — diz, com inocência.

— Não sei porque será.

— Talvez possa ajudar.

— Hum?

Um sorriso encantador ilumina-lhe o rosto.

Depois, ela põe-se de joelhos e tira-me a pila para fora.

— Nunca me deixas fazer isto tempo suficiente — diz, envolvendo os dedos no meu pénis quente e ansioso. — Queres sempre foder-me. Que pessoa horrível.

— Péssimo — concordo.

O meu coração começa a bater de forma irregular quando ela baixa a cabeça e passa a língua pela ponta da minha pila. O facto de ficar incrivelmente mais duro diz-me que não vou durar muito tempo. Principalmente quando ela me enfia na boca e começa a chupar-me avidamente.

Encosto-me na cadeira com a cabeça para trás, entrelaçando os dedos no seu cabelo, e deixo-me ir. As sensações que ela me provoca são alucinantes. Sinto cada parte de mim quente e firme, cada músculo tenso antecipando a próxima chupadela funda, a próxima carícia firme da sua mão macia.

— Vais fazer-me vir — aviso.

Ela limita-se a intensificar a sucção da sua boca, como se quisesse provocar-me o orgasmo. Não demora muito até ter o que deseja. As minhas ancas movem-se incessantemente enquanto ela me chupa tão bem. Ao passar a língua ao longo do meu pénis no próximo movimento ascendente, a sua trança cai-lhe para a frente, acariciando-me os testículos, e é o suficiente para libertar a descarga de prazer.

No fim, ela pega em lenços de papel e limpa-me. Depois, mexe na sua trança, que está agora pendurada ao centro da sua camisola roxa, com um ar de extrema satisfação por ter desfeito a minha pila desta maneira.

Nesse momento, lembro-me do que o Shane disse há umas semanas. Que ela daria uma boa namorada. E que eu não sou do tipo que namora.

Não liguei, porque, na altura, não era uma questão.

Agora, dou por mim a reavaliar a sua apreciação.

Talvez não seja verdade. Talvez *possa* ser um namorado.

Porque não?

Bem, tirando o facto de a Gigi nunca ter demonstrado qualquer interesse em que eu fosse seu namorado.

Como se percebesse os meus pensamentos conturbados, ela franze a testa.

— O que é que se passa?

— Nada. — Engulo, sentindo a garganta subitamente seca. — E se fôssemos sair algures?

Os sulcos na sua testa adensam-se.

— Algures onde?

— Não sei. Tipo um encontro romântico.

Ela pestaneja.

— Estás a convidar-me para um encontro romântico?

Encolho os ombros.

— Não te lembras daquele discurso todo que fizeste...

— Vou ter de te interromper, Gisele, porque ambos sabemos que nunca fiz um discurso na vida.

Isto fá-la sorrir.

— Bem visto. Estou a falar daquele dia na sala da terapia em que disseste que não «curti» sentimentos. — Faz o gesto das aspas.

— Isto não tem nada que ver com sentimentos — minto.

— OK, então qual seria o objetivo da saída?

— Não sei. Poderia ser bom passarmos algum tempo juntos quando não estamos nus.

Embora, agora que me ouço dizê-lo, estarmos nus seja bastante bom. Porque haveria de querê-la vestida?

A Gigi fica em silêncio por um momento e depois ri-se baixinho.

— Tenho quase a certeza de que não quererias namorar comigo.

Não a sério.

— Porque é que dizes isso?

— Sou demasiado feminina para ti.

— Tu jogas hóquei.

— E adoro borboletas. E flores. E... hum, ópera.

— Ópera — repito, percebendo o que ela está a tentar fazer. Aliviar novamente o ambiente. Dar-me a oportunidade de fechar esta porta absurda que tentei abrir. Preservar alguma dignidade.

— Sim, ópera — confirma, os seus lábios contorcendo-se de riso. — Vês? Consigo ver pela tua expressão que não é a tua cena. O que é absolutamente compreensível. Eu perdoo-te.

— Tu não gostas realmente de ópera — digo, mas agora começo a duvidar.

— Adoro. Na verdade, é o único encontro romântico a que considerarei ir.

Agora sei que está a mentir, porém, antes de eu conseguir aprofundar o assunto, ela esboça um sorriso leve e dócil.

— Vá lá, Ryder, nós não queremos namorar. Só vai complicar as coisas.

A Gigi diz isto como se o barco da complicação não tivesse já zarpado há muito.

RAPAZES DO TACO

SHANE LINDLEY

Quero-te

RAND HAWLEY

Quero-te

LUKE RYDER

Quero-te

CASE COLSON

Quero-te

BECKETT DUNNE

Quero-te

JORDAN TRAGER

Quero-te

WILL LARSEN

Quero-te

CAPÍTULO 33

GIGI

Os jogadores de hóquei gostam à bruta

Num fim de semana em meados de novembro, os calendários das equipas masculina e feminina alinham-se quando vamos ambos jogar contra a Universidade do Maine. Há poucas escolas com hóquei feminino na Primeira Divisão, o que significa que estamos constantemente a jogar contra as mesmas equipas ao longo da época, muitas vezes, em noites consecutivas. Por isso, é sempre refrescante enfrentar um novo adversário como a Universidade do Maine. Os homens jogam no sábado, enquanto as mulheres jogam nas duas noites. Em todo o caso, fica a uma distância considerável da Briar, o que significa que...

— Vamos passear, miúdas — diz a Camila alegremente, atirando-se para a cama ao lado da minha. O nosso diretor desportivo é que decide a atribuição de quartos e, nesta época, decidiu pôr-me com a Cami. Não me importo, tirando o facto de, por vezes, ela falar durante o sono e não acreditar em mim quando lho digo.

É dia de jogo, por isso, acabei de comer uma refeição com baixo teor de proteína e alto teor de hidratos de carbono. Vou bebericando uma bebida desportiva até ser hora de entrar para o autocarro. O hotel fica a cerca de vinte minutos do rinque. O jogo começa cedo, às 16h30, o que significa que teremos o resto da noite por nossa conta. A Camila está entusiasmadíssima.

— Que tal irmos a uma discoteca? — sugere, virando-se de barriga para baixo e cruzando as pernas enquanto faz *scroll* no telemóvel. — Portland tem alguma discoteca de jeito? Nem sequer vi.

— Acho que podemos ir à discoteca depois do jogo de amanhã à noite. Hoje devíamos ir só jantar ou fazer qualquer coisa calminha.

— Parece-me um bom plano.

Ela tem de atender uma chamada e eu vou descendo sozinha. O treinador Adley e a equipa já devem estar na receção, prontos a reunir toda a gente para o autocarro. Quando saio do elevador e começo a

andar, um homem entroncado de óculos e barba interceta o meu caminho.

— Gigi Graham.

Olho na sua direção.

— Olá. — Parece-me vagamente familiar.

— Al Dustin. — Ele estende a mão. — Treinador-adjunto da seleção olímpica.

O meu coração dispara. Oh, meu Deus.

Tento esconder o entusiasmo.

— Certo. Sim, desculpe. Prazer em vê-lo. Acho que estava no nosso jogo amigável, em setembro. Com o treinador Fairlee.

— Sim, é verdade.

— Está só de visita a Portland ou veio ver os nossos jogos este fim de semana?

— Vim ver os jogos. Mas, não se preocupe, o Brad não veio comigo. — Ele pisca-me o olho. — Por isso, pode descontrair, baixar a guarda.

Rio-me timidamente.

— Sim, ele faz-me ficar nervosa. É assim tão óbvio?

— Não tem motivos para estar nervosa. Vi uns vídeos do vosso último jogo — diz o Dustin, acenando com a cabeça em aprovação. — Excelente defesa do disco atrás da baliza.

Sinto-me a corar de prazer. Sim. Alguém reparou. Tomo uma nota mental para agradecer ao Ryder.

— E embora eu não tenha a última palavra relativamente ao nosso plantel... — Ele volta a sorrir. — Não me parece que tenha motivos de preocupação. Achei que devia saber.

Obrigo-me a não desatar a dançar, mas é difícil. Porque, se ele estiver a insinuar o que acho que está a insinuar, um dia destes, irei receber uma chamada do Brad Fairlee.

— Bem, estou desejoso de vê-la jogar este fim de semana. Boa sorte.

— Obrigada.

Estou ainda a digerir a conversa durante o jogo, que acaba por ser muito menos competitivo do que estava à espera. Ou seja, damos cabo delas. Não sei se é da nuvem de euforia em que estou, ou se eu e a Whitney estamos em perfeita sintonia, mas estamos a fazer o tipo de jogadas que se veem a nível profissional. No terceiro período, o treinador Adley manda a primeira e a segunda linhas para o banco. Resolve dar o tempo suplementar no gelo à terceira e quarta linhas, pois é impossível a Universidade do Maine marcar cinco golos no tempo que resta.

A celebração no balneário é ruidosa. Quando verifico o telemóvel, tenho uma mensagem de parabéns do meu pai. Os nossos jogos podem

não passar na televisão, mas são todos filmados, e o meu pai consegue sempre pedir favores para poder vê-los em casa, em direto.

Quando o autocarro regressa ao hotel, recebo uma mensagem do Ryder.

RYDER:

Olá. Consegues fugir das tuas amigas? Tenho uma coisa para te mostrar.

EU:

É a tua pila?

RYDER:

Também, mas isso pode ser mais tarde. Estou em Portland.

EU:

Pensava que só chegavas amanhã!

RYDER:

Vim mais cedo.

Quando dou por mim, está a ligar-me. Afasto-me das minhas colegas de equipa, que estão a entrar na receção do hotel.

A sua voz rouca chega-me ao ouvido.

— Desculpa. É mais fácil ligar. Disse ao Jensen que tinha uma coisa combinada em Portland e a escola marcou-me mais uma noite no hotel.

— Espera, estás no hotel? — O meu coração sobressalta-se. — Neste momento?

— Sim. Por acaso trouxeste um vestido?

— Sim... — digo, desconfiada.

— Veste-o. E despacha-te. Não queremos atrasar-nos.

— Atrasar-nos para quê?

— Encontramo-nos na receção daqui a quinze minutos — diz ele, sem responder à minha pergunta.

Estou intrigada.

O Ryder não é o Sr. Espontâneo, portanto, quero mesmo ver aonde é que isto vai dar.

Digo às minhas amigas que vou cortar-me ao jantar e, quinze minutos depois, chego à receção com um vestido preto curto, muito pouca maquilhagem e o cabelo solto. O seu olhar brilha de apreciação quando me aproximo. Ele tem vestidas umas calças pretas e uma camisola cinzento-escura, e o seu cabelo preto está habilmente

despenteado, como de costume.

— Anda, temos de sair daqui rapidamente — apresso-o, atravessando a receção. — As minhas colegas de equipa estão quase a descer para jantar. Alguém pode ver-nos.

Ele segue-me, de mãos nos bolsos.

— Deus nos livre.

— Oh, *estás* preparado para o Case te odiar cinco segundos depois de declarem tréguas?

O Ryder vacila.

— Bem visto.

Enquanto saímos apressadamente do hotel, faço por manter um metro de distância entre nós para o caso de alguém *nos* ver.

— Não acredito que trouxeste um vestido — diz, com um sorriso rasgado.

— Atualmente, tenho sempre um à mão. A minha tia Summer é designer de moda e tem uma regra rigorosa que diz que devemos trazer um VPC sempre que viajamos. Vestido preto curto — esclareço, perante a sua sobrançelha erguida. — Costumava achar que era uma regra parva, mas, há uns anos, fui passar um fim de semana a Nova Iorque e, à última hora, eu e a minha prima Alex fomos convidadas para uma passagem de modelos. A única roupa que tinha era umas calças de ganga e uma t-shirt que dizia... espera... *Os jogadores de hóquei gostam à bruta*.

Ele atira a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

— Mentira.

— Não. Vai ao Google. Na verdade, está em todos os sites oficiais de bancos de imagens. Eu, sentada na fila da frente com a minha tia e a minha prima, a usar aquela t-shirt ridícula. Nunca mais se calaram com aquilo.

Ele está ainda a rir-se quando entramos para o banco traseiro de um Uber. Não faço ideia de onde vamos e não conheço Portland o suficiente para reconhecer as ruas por onde passamos.

— Aonde nos leva este carro misterioso? — pergunto.

— A lado nenhum, na verdade. — Ele é o epítome da inocência, com a palma da mão imensa e quente sobre o meu joelho nu.

E fez a barba, que costuma estar por fazer. Olho para ele do canto do olho, resistindo ao impulso de passar os dedos pelo seu queixo macio. É tão esculpido. Acho que gosto dele sem barba. Embora também me pergunte como ficará com a barba grande. Como um deus glorioso e desgrenhado, aposto.

Quando o carro para e vejo onde estamos, fico estupefacta. O cartaz luminoso e brilhante à porta do teatro anuncia que estamos aqui para ver o espetáculo *Sansão e Dalila*.

Estou boquiaberta.

— Meu Deus. Vais levar-me à ópera?

O Ryder encolhe os ombros.

— Disseste que era o único encontro romântico que te interessava.

— Estava a mentir.

— Sim, eu sei. — Os seus olhos cintilam. — E agora estás a ser castigada por isso.

— És tão parvalhão — digo, a rir-me.

Estou também impressionada. Não acredito que ele me trouxe aqui.

— Já começou. A cortina subiu às 19h30. Já perdemos grande parte.

Não sei se isso interessa. Interessa-me mais o facto de estarmos aqui.

O Ryder saca dos bilhetes e passa o telemóvel ao bilheteiro à porta. O homem de fato verifica o código de barras e deixa-nos entrar no teatro. Caminhamos pelo átrio deserto forrado a alcatifa vermelha e seguimos as placas até aos nossos lugares. Fico surpreendida ao perceber que não estamos sentados no mezanino, mas no segundo andar, num dos camarotes.

— Como raio conseguiste um camarote? — sussurro.

— Amor... Estamos num pequeno teatro no Maine. Estes lugares custam tipo cinquenta dólares e quase todos os camarotes estavam livres.

Ele chamou-me amor.

Acontece muito raramente, mas, quando acontece, o meu coração derrete. Talvez esteja na altura de começar a analisar o que isto quer dizer. Mas não esta noite. Estou demasiado focada nesta saída completamente inesperada.

Temos o camarote todo só para nós e somos presenteados com uma vista perfeita e desobstruída do palco. Quando nos instalamos nos sumptuosos assentos, inclino-me para o Ryder e sussurro:

— É a primeira vez que venho à ópera.

— Eu também.

Uma vez que chegámos tão atrasados, não tenho contexto para o que está a acontecer no palco. Uma mulher com um vestido lindíssimo e um homem vestido de padre cantam um dueto, a voz aguda da mulher combinando perfeitamente com o tenor profundo do homem. Entre eles há um frenesim, como se estivessem indignados com qualquer coisa.

— Quem me dera que tivéssemos um libreto — murmuro. Podia até procurar informações no telemóvel, mas, embora o Ryder goze com isso, o teatro está pelo menos a oitenta por cento da sua capacidade e não quero incomodar as outras pessoas.

— Conheces bem a história de Sansão e Dalila?

— Mais ou menos. Se bem me lembro, a Dalila é uma provocadora de primeira e passa o tempo a tentar perceber qual a origem do poder do Sansão. — O Ryder fala numa voz baixa, mantendo o olhar fixo no que está a acontecer no palco.

— Isto é bastante incrível — digo, maravilhada, enquanto a Dalila canta uma série de notas agudas cadenciadas, perfeitamente afinadas, que me fazem arrepiar os pelos dos braços. — Tenho pena de termos perdido o início.

— Também eu. — Parece sincero.

Enquanto assistimos, ele pega-me na mão, entrelaçando os nossos dedos.

— Acho que este tipo é quem lhe paga para seduzir o Sansão. — O Ryder aproxima a sua boca do meu ouvido para que eu consiga ouvi-lo acima do pranto assombroso da mulher. — E, a dada altura, o Sansão adormece e ela corta-lhe o cabelo. E depois arrancam-lhe os olhos, o que é bastante *punk rock* para uma história da Bíblia.

Rio-me baixinho.

No palco, o tom muda quando um novo cenário é revelado. São uns aposentos. A Dalila veste agora uma camisa de noite que, em certos ângulos, quase parece transparente sob as luzes do palco. Uma nova personagem junta-se a ela. Um homem bonito que suponho ser o Sansão, pois tem uma longa e voluptuosa peruca com ondas douradas que lhe caem pelas costas. Ou talvez seja o seu cabelo verdadeiro e, nesse caso, fico com inveja.

A Dalila começa a cantar para o Sansão num doce tom soprano acompanhado pelos movimentos sensuais do seu corpo. Suponho que seja esta a sedução. Há algo na forma como balança as ancas e como tenta descaradamente seduzir o homem que me provoca um estranho aperto no meio das pernas. Nunca pensei que a ópera me desse tesão, mas é isso que acontece.

— A que tipo de pornografia é que me trouxeste? — sussurro ao Ryder.

— Como se não estivesse a curtir. — A sua voz é um sussurro baixo e provocante.

— Não estou.

— Hum-hum.

Antes de conseguir reagir, ele enfia a mão sob o meu vestido.

O meu coração para.

— Não estás a curtir, hã?

— Não.

Os seus dedos dançam pela minha coxa até ele fechar o punho e roçar os nós dos dedos sobre o meu núcleo subitamente húmido.

— Ai, não? — Um dedo provocador desliza sob a costura das minhas finas cuecas. Ofego quando ele enfia a ponta do dedo dentro

de mim. — Então porque é que estás tão molhada?

Todo o oxigénio me abandona o corpo. E todo o sangue se concentra entre as minhas pernas, latejando no meu clítoris.

— Não estou — minto, com a voz rouca.

— O meu dedo não concorda.

Ele tira o dedo e eu dou um gritinho quando ele o leva à boca e o chupa.

— Que falta de educação! — silvo.

— O que foi? Não sou eu que estou a escorrer para cima do banco.

— Nem eu — digo, debilmente. — Estou de cuecas.

— Pois, por falar nisso. Isso é uma chatice. Despe-as.

Não consigo impedir a excitação que me atravessa.

— As pessoas podem ver.

— Está demasiado escuro e, de qualquer maneira, as pessoas estão a olhar parra o palco. Tira-as.

Alguma coisa toma conta de mim. Talvez seja o desejo puro que arde no seu olhar. Talvez seja a sua voz grave e autoritária. Talvez seja a excitação que me cresce nas veias.

Respirando fundo, deslizo discretamente a mão sob o vestido. Hesito quando chego ao cóis das minhas minúsculas cuecas.

O Ryder observa todos os meus movimentos. Expectante.

Agarro no tecido com dedos trémulos, levanto o rabo do assento e faço deslizar as cuecas pelas coxas abaixo. Durante todo o tempo, mantenho o olhar a direito, para o caso de alguém nos camarotes da frente estar a ver-nos. Mas o olhar do público está arrebatadamente focado no espetáculo sensual que se passa no palco e não no que se passa aqui em cima.

Faço descer as cuecas pelas pernas e tiro-as, um salto alto de cada vez.

O Ryder estende a mão.

Sem uma palavra, coloco o pedaço de renda na palma da sua mão. Os seus lábios curvam-se ao enfiá-lo no bolso.

— Tão obediente — murmura. — Gosto desta nova Gigi.

Semicerro os olhos.

— Estás a abusar da sorte.

— Ná. — Ele aproxima-se. — A sorte não tem nada que ver com isto.

Volta a meter a mão sob o meu vestido, procurando o ponto quente e ávido entre as minhas coxas. Esfrega-me com a ponta dos dedos indicador e médio. O primeiro toque faz-me perder o fôlego.

— Cala-te — avisa. — Se não eu paro.

— Se parares agora, arranco-te a cabeça.

— És tão violenta. Adoro. Abre um bocadinho as pernas.

Mal consigo ouvir a sua ordem acima do súbito pranto no palco. A

voz da Dalila sobe de tom e a música aumenta, subindo num crescendo. Enquanto isso, o Ryder masturba-me até eu estar a tremer na cadeira, um circuito elétrico prestes a explodir. Ele penetra-me com os dedos, tocando em pontos que me deixam incrivelmente molhada. Aproximando-me cada vez mais do orgasmo.

Os seus lábios voltam ao meu ouvido.

— Diz o meu nome quando te vieres.

— O quê...

Nesse momento, ele pressiona o meu clítoris com a palma da mão e eu desfaço-me, fazendo, por reflexo, o que ele mandou.

— *Ryder*.

O som do seu nome é abafado pela ária no palco e o estrondo da minha pulsação nos ouvidos. Venho-me de tal forma que deixo de ver bem.

Quando regresso à Terra, vejo-o a sorrir para mim. Satisfeito consigo mesmo.

— Vamos sair daqui e voltar para o hotel?

Finalmente, consigo encontrar a minha voz.

— Sim.

*

Mais tarde, estamos deitados e enroscados um no outro nos lençóis, saciados e sonolentos a seguir ao melhor sexo da minha vida. Porque todas as vezes com o Ryder são o melhor sexo da minha vida. Já deixei de tentar perceber porquê. Só sei que estou viciada.

Conto-lhe sobre ter-me cruzado com o Al Dustin, tentando não parecer demasiado esperançosa, restando o meu entusiasmo. Apesar de não conseguir conter um sorriso de felicidade ao dizer:

— Ainda não é certo, mas pareceu-me bastante confiante de que o Fairlee iria escolher-me.

— Eu disse-te que o faria. — Ele acaricia-me o fundo das costas, encostando os lábios ao topo da minha cabeça. — Medalha de ouro, aqui vamos nós.

As suas palavras fazem-me lembrar qualquer coisa, desencadeando uma confissão que me incomoda há um tempo. Um lampejo de compreensão relutante que não pus ainda em palavras. Porque acho que ainda me parece... uma traição.

— Lembras-te da última vez que falámos sobre os Jogos Olímpicos? — Passo os dedos pelos músculos definidos do seu peito. — Perguntaste-me porque estou tão desesperada por fazer parte da equipa. Se seria por mim ou pelo meu pai.

— Eu lembro-me.

— Bem, ficou a incomodar-me desde então. Pensei nisso. Muito. —

Lambo os lábios secos, ainda hesitante. Mas já que cheguei até aqui, obrigo-me a dizer o resto. — Eu quero algo que ele não tenha.

O Ryder fica ligeiramente tenso, como se o surpreendesse ouvi-lo. Caramba, a mim surpreendeu-me dizê-lo.

— Nunca o disse em voz alta. Não sei se alguma vez pensei a sério sobre isto, mas... Ele tem tudo. A Stanley Cup, os prémios, os recordes, os títulos de MVP a entrada quase certa para o Hall of Fame. Eu não chegarei sequer perto de alcançar metade. — Engulo o nó que me surge na garganta. — Mas uma coisa que ele nunca fez foi competir pela seleção olímpica. E essa é a única coisa que eu posso fazer.

O Ryder vira-se para ficar de frente para mim e observa-me com uma expressão indecifrável.

Às vezes, odeio que ele seja capaz de me arrancar coisas sem sequer tentar. Ele não pergunta, implora ou insiste para que fale com ele. Simplesmente acontece quando estamos juntos. Todos os meus segredos se derramam com naturalidade.

— Quero... sentir-me importante na minha vida — admito. — Consegui-lo é uma forma de finalmente sair da sua sombra. Posso vencer a medalha de ouro. Algo que o meu pai nunca poderá fazer. — Gemo de desespero. — Parece tão mesquinho dizê-lo. Achas horrível?

— Depende se é essa a única razão para queres competir. É mais do que um: «Vai-te lixar, olha a minha medalha, velhote?»

— Claro que sim. — Retraio-me. — Essa até é parte mais insignificante. Apenas uma ínfima percentagem, que só me vem à cabeça de vez em quando. Competir a nível mundial é muito maior do que ele. É emocionante.

— Ótimo. Foca-te na emoção. Mas reconhece também que essa parte existe.

— Sinto-me mal por reconhecê-la — admito, fechando os olhos.

Estremeço ao sentir o seu polegar acariciar-me o queixo.

— Precisas mesmo de ultrapassar isso — diz, com a voz rouca.

Franzo o sobrolho.

— Uau. Acabei de partilhar uma coisa muito importante e...

— Não, não foi isso que quis dizer. — Ele abana a cabeça. — Tens de deixar de te sentir mal pelo que sentes. Odeias aquela miúda, a Emma, e sentes-te mal por odiá-la. Queres uma coisa que o teu pai não tem e sentes-te mal por querê-la.

Sinto um nó na garganta. O ardor das lágrimas a ferir-me os olhos. Meu Deus, espero não chorar.

— É como se te recusasses a exprimir sequer um bocadinho de negatividade, porque, senão, transformas-te numa má pessoa. Ou sentes que precisas de te sentir eternamente grata por teres nascido rica e talentosa. — Ele envolve-me nos seus braços, roçando

levemente os seus lábios nos meus ao mesmo tempo que me acaricia o braço nu com a mão. — Deixa-te sentir o que sentes. Não faz mal.

Pestanejo para impedir as lágrimas de caírem, mas sinto-as a quererem transbordar. Não por me sentir envergonhada com a minha confissão.

É antes a consciência inegável de estar a começar a sentir coisas por este tipo.

— Eu... — Respiro fundo, tentando falar com a voz firme. — Nunca conheci ninguém com quem me sentisse confortável a partilhar tudo isto. — Olho para os seus infinitos olhos azuis, cuja intensidade me pasma sempre. — Não sinto que me julgas. Em nada. Nunca.

— Não julgo.

— Achas que eu te julgo?

— Nunca — diz, simplesmente.

Depois, engole em seco e eu sei exatamente como ele se sente.

Isto é assustador.

O Ryder vira-nos de maneira a ficar de barriga para cima e eu sobre o seu peito nu. Passa os dedos pela minha pele nua, do meu ombro até ao fundo das minhas costas, pousando finalmente a palma da mão sobre a minha anca. Arrepio-me com o seu toque.

— Gisele? — diz ele.

— Hum?

— E agora, estamos a namorar?

Um sorriso aflora-me aos lábios. Ergo-me ligeiramente sobre o cotovelo e olho para ele. Está a morder o lábio e é adorável.

— Sim. Acho que estamos.

CAPÍTULO 34

GIGI

O mundo pode ser assustador

Esgueiro-me do quarto de hotel do Ryder a uma hora indecente, porque tenho medo de que o autocarro da equipa masculina da Briar chegue mais cedo e o Case nos apanhe.

Sei que, mais cedo ou mais tarde, terei de lhe dizer. Mas odeio a ideia de o magoar. Estivemos juntos durante quase dois anos. Temos um passado.

Achei que eu e o Ryder fôssemos enrolar-nos umas vezes e pronto. O Case nunca saberia. Nem teria sequer de saber. Mas nós não podemos continuar a esconder-nos. Já se passaram meses. O que me deixa pasmada, porque parece que o conheço desde sempre. Não me lembro de uma altura em que um dos seus beijos viciantes não me tenha embaciado o cérebro.

Ganhamos o jogo da tarde, permanecendo imbatíveis nesta época, até à data. Temos uma hora para jantar qualquer coisa cedo antes de irmos assistir ao jogo dos rapazes. Não vejo nenhum dos seus jogos desde que o Ryder e o Case ficaram acampados no meio da estrada. Desde então, acumularam quatro vitórias consecutivas e, segundo o que ouvi, têm sido uma força imparável, embora seja a primeira vez que irei presenciá-lo.

Vejo a diferença desde o início. Especialmente naqueles dois. Estão a entender-se como nunca, uma equipa de ataques letais com o Will como terceiro avançado. O Beckett e o Demaine são os defesas, ambos também imparáveis.

— Fogo — geme a Cami. — Ele tem umas mãos tão macias.

Está a falar do Beckett. É verdade. Não tem a rapidez do Case ou do Ryder, mas a facilidade com que manobra aquele *stick*...

— É magnífico — suspira.

— Ainda não te enrolaste com ele? — pergunta a Whitney, divertida.

— Não! — lamenta-se a Cami. — Acreditas? É inaceitável.

O resultado é um empate 1-1 durante a maior parte do jogo, até que, a meio do terceiro período, acontece a jogada mais inacreditável que alguma vez vi.

O Case leva um encontrão do adversário e, conforme está a cair no gelo, consegue tocar no disco. O Ryder, que também acabou de levar uma cacetada e está a virar-se com o impacto, de alguma forma, consegue agarrar o disco, fazer um círculo quase completo e enfiar o disco entre a proteção da perna e a luva do guarda-redes.

Golo.

O rink inteiro perde a cabeça, até os adeptos da equipa a jogar em casa. Porque foi mesmo a coisa mais fixe de todo o planeta. Há uma explosão de aplausos e gritos quando eu e as minhas companheiras de equipa nos levantamos a berrar que nem umas doidas. Um Ryder maravilhado e extasiado levanta os braços sobre a cabeça no momento em que o Case o abraça. Veem-se *flashes* a disparar e suspeito que aquela icónica pose de vitória estará amanhã estampada em todos os blogs desportivos.

— Meu Deus, aquele sorriso... — diz a Whitney, estremecendo.

Apercebo-me de que está a admirar o Ryder, que patina ao longo do acrílico e inclina a cabeça na nossa direção. Disse-lhe onde estaríamos sentadas e, embora não saiba se estará a ver-me, o sorriso irresistivelmente bonito que esboça na direção das bancadas parece ser para mim.

Cinco minutos depois, soa o apito final e a Briar vence por 2-1.

— Bora. Vamos esperar pelos rapazes — diz a Cami, levantando-se de um salto. — Temos de convencê-los a ir celebrar.

Seguimos as pessoas da nossa fila até ao corredor, mas demora o seu tempo. Assim que lá chegamos, metemo-nos noutra fila que se encaminha para o fundo das bancadas. Dou um passo e paro abruptamente quando a Cami para, fazendo com que a pessoa atrás esbarre contra mim. Olho para trás para pedir desculpa.

— Desculpa — digo ao louro musculado.

— Tranquilo. — Arregala os olhos, deliciado. — Olá, olá.

— Oi — digo, educadamente, voltando a virar-me para a frente.

Sobressalto-me ao sentir um pequeno toque no ombro. Olho para trás outra vez.

— As meninas têm planos para o resto da noite?

— Vamos ter com os nossos colegas de equipa. — Mantenho o olhar virado para a frente e rezo para que a fila ande mais depressa. Já sei que isto não irá correr como ele quer.

— Colegas de equipa? Queres dizer os tipos da Briar? Vocês também jogam?

— Sim.

No seu rosto surge um sorriso pegajoso enquanto se aproxima um

pouco mais.

— Isso é mesmo sexy. Adoro mulheres atletas.

Tento andar mais depressa para me afastar dele. Agora está a invadir o meu espaço pessoal e eu não gosto.

A Cami vira-se para olhar para mim, erguendo uma sobrancelha como se perguntasse se preciso de ajuda. Abano ligeiramente a cabeça.

— Estou a falar a sério — diz ele, como se eu quisesse saber se está ou não.

— Fixe. — Fico aliviada quando chegamos à última fila. — Bem, até à próxima — digo, e qualquer pessoa com bom senso perceberia que não estou a ser sincera.

Este tipo não é capaz.

— Mal posso esperar — diz, arrastando as palavras e olhando para mim.

O Case envia-me uma mensagem quando chegamos à entrada do ringue.

CASE:

Hoje à noite vamos a uma discoteca no centro. Um sítio chamado Smooth Moves. As meninas alinham?

Confirmo com as minhas amigas e todas acenam em confirmação.

De volta ao hotel, eu e a Cami vestimo-nos para sair. A minha única opção é o vestido preto de ontem à noite. Enquanto a Cami está na casa de banho, examino rapidamente o tecido para ter a certeza de que não está sujo de quando o Ryder enfiou os dedos dentro de mim na ópera.

Um arrepio percorre-me. Sinceramente, acho que nunca me fartarei dele. Do sexo, que é cada vez melhor. Mas começo também a gostar da sua companhia. De todas as particularidades irascíveis e rabugentas.

Quando o meu telemóvel toca, as minhas colegas de equipa já estão prontas. Verifico o ecrã e faço sinal à Cami através da porta.

— É o meu irmão — digo. — Encontramo-nos na receção.

— *Imbatíveis* — cantarola o Wyatt, assim que atendo a chamada. — Acabei de saber.

— Sim, a época está a correr mesmo bem.

— Achas que vão chegar à final?

— Ainda é um bocado cedo. Ainda faltam vinte jogos. Mas espero que sim. — Mordo o lábio para refrear o entusiasmo, porque disse a mim mesma que não devia ter demasiadas esperanças, mas não resisto a partilhar as possíveis novidades com ele. — Um dos adjuntos do selecionador olímpico está cá neste fim de semana. Interpelou-me

ontem no hotel e disse-me que não tenho motivos para estar preocupada. Basicamente, deu a entender que eu iria ser titular.

— Boa! Eu disse-te. — O Wyatt ri-se. — A Emma pode ser completamente passada dos cornos, mas o pai dela não é parvo nenhum.

— Espero que não. Bem, tenho de ir. Vamos sair com a equipa masculina para celebrar as duas vitórias.

— Está bem, fixe. Só queria dar-te os parabéns. Adoro-te, Stan.

— E eu a ti.

Enfio o telemóvel na mala e aperto o casaco a caminho do elevador. Carrego no botão para descer e espero até as portas se abrirem com um sinal sonoro. Estou a entrar no elevador quando alguém diz:

— Segura a porta.

Sinto um buraco no estômago ao ver o louro que estava no rinque seguir-me para dentro do elevador.

Merda. De todas as pessoas com quem poderia cruzar-me.

— És tu outra vez! — diz ele, o rosto iluminando-se.

— Iá. — Encosto-me à parede, esperando que a minha linguagem corporal seja suficientemente óbvia.

Porém, a criatura não percebe a dica e põe-se mesmo ao meu lado, com os nossos braços quase a tocar-se. Depois, abruptamente, põe-se numa posição que me encurrala contra a parede.

— Sou o Nathan.

Olho para as luzes sobre a porta. Já carreguei no botão para a receção, mas, por algum motivo, o elevador não se mexe.

— Não precisas de ter medo de mim — provoca ele, rindo-se.

Pressiono o botão para *fechar as portas*, embora as portas já estejam fechadas. Talvez acelere o processo.

— Não tenho medo — digo, com ligeireza. — Só estou com pressa. Tenho coisas combinadas.

— Bem, estás com sorte, porque eu não tenho nada combinado. — Um sorriso libidinoso aflora-lhe aos lábios. Chega a lambar um canto da boca, que suspeito ser a sua tentativa de parecer sexy. Não está a resultar. — Porque é que não te acompanho?

— Desculpa, é uma cena de hóquei da Briar. É só para as nossas equipas.

— Que pena. — Ele não desiste. — Talvez possamos encontrar-nos a seguir?

— Oh, não sei a que horas estarei livre — respondo, quando, no fundo, só me apetece dizer: «Não, não podemos e não vamos encontrar-nos a seguir. Nunca.»

Mas dizer que não aos homens nem sempre é fácil. Adorava ser direta. Assertiva. Olhá-lo diretamente nos olhos e dizer «NÃO».

O problema de ser mulher é nunca sabermos o que acontece quando dizemos NÃO. Irei receber um compreensivo aceno de cabeça e um «Bem, nesse caso, tem uma ótima noite; foi um prazer falar contigo»?

Ou será mais um «Sua cabra privilegiada, achas que és demasiado boa para mim»?

Já passei por isto muitas vezes.

O mundo pode ser assustador. Por isso, não, não vou atacar este tipo diretamente, pelo menos, nesta circunstância específica, em que estamos sozinhos e eu estou encurralada. Evitarei o assunto até conseguir fugir deste espaço fechado e encontrar a segurança das outras pessoas.

O elevador começa finalmente a andar e sinto o alívio percorrer-me como uma rajada de vento. Acompanho os andares conforme vamos descendo.

Os tipos normais perceberiam a dica. Este não. Este aproxima-se de mim e eu recuo ao sentir o seu hálito quente junto ao meu ouvido. Também cheira um pouco a álcool. Ocorre-me que, provavelmente, esteve a beber durante o jogo.

— Gostava *mesmo* de estar contigo mais tarde — diz o Nathan.

Tento afastar-me, mas fico presa entre a parede e o painel dos andares, encurralada no canto.

— Não, obrigada — respondo, optando finalmente pela honestidade. — Estou muito cansada. Não vou a mais lado nenhum depois da saída com a equipa.

— Que pena. Acho que podíamos divertir-nos muito os dois. — Ele passa-me um dedo na cara.

Encolho-me e tento desviar-me, mas não tenho para onde ir.

Lanço-lhe um olhar implacável.

— A sério, meu. Preciso que te afastes — aviso.

E eis que se surge um brilho revelador no seu olhar. O privilégio.

— Não é preciso seres puta.

Ignoro-o.

— Estou só a dizer que podíamos passar um bom bocado.

O elevador para cinco andares abaixo do meu para deixar entrar alguém. As portas começam a abrir-se no preciso momento em que ele crava os dedos na minha cintura, tentando puxar-me para si.

Sinto medo genuíno.

— *Larga-me, nojento!*

— Deixa de ser tão...

Antes de ele conseguir acabar a frase, alguém o arrasta do elevador para o amplo corredor.

— Ela pediu que a largasses — rosna o Ryder.

Saio do elevador antes que as portas se fechem. O Ryder está a

agarrar o anormal. Não de forma demasiado agressiva, mas com uma ameaça controlada. Tem uma mão de aviso sobre o peito do Nathan, mesmo junto ao pescoço, como se se preparasse para o agarrar pelo colarinho e atirá-lo contra a parede.

— Ryder, está tudo bem — digo, tocando-lhe no ombro.

— Tens a certeza? — Ele examina o meu rosto. — Ele magoou-te?

— Magoá-la? Não sou nenhum violador! — vocifera o Nathan.

— Ah, não? Porque parecia mesmo que estavas a tocar-lhe sem o seu consentimento.

— Ela queria...

— Não termines essa frase — sugere o Shane, friamente. — Estou a avisar-te, meu, não o faças.

O Ryder afasta-se do tipo e aponta para a porta que vai dar às escadas.

— Baza daqui.

— Estamos no décimo quinto andar! Não vou de escadas...

— Não quero saber. Baza.

O olhar ameaçador do Nathan alterna entre os dois homens. De repente, aparecem mais três pessoas. O Case, seguido do Will e do Beckett.

— O que é que se passa? — pergunta o Case. — Está tudo bem?

— Este gajo estava a assediar a Gigi — resmunga o Ryder. — Tentou tocar-lhe.

O Case precipita-se para a frente.

— Estás a gozar?

— Está tudo controlado — tranquilizo o meu ex-namorado. — A sério, está tudo bem. — Ao Nathan, que tem o rosto todo vermelho, franzo o sobrolho e digo: — Bazas daqui de uma vez por todas? Nem fazes ideia da encrenca em que estás a meter-te.

Passámos de dois para cinco corpulentos jogadores de hóquei numa questão de segundos e, independentemente do tamanho dos bíceps do Nathan, não dariam conta dos tipos da Briar.

O seu olhar saltita de uns para os outros, num pânico visível. Depois, sem mais uma palavra, lança-se na direção das escadas. Ouvimos os seus passos a ecoar. Não sei se terá energia para descer os quinze andares, mas espero bem que não nos cruzemos com ele num dos elevadores a caminho da saída.

— Estás bem? — pergunta o Case, com urgência.

Só posso imaginar o meu ar aflito. Não nego que estava assustada, especialmente quando os seus dedos se cravaram na minha anca. Eu sou forte, já fiz vários cursos de autodefesa, mas nunca se sabe se iremos conseguir defender-nos de alguém, particularmente de um tipo bêbedo com o dobro do nosso peso e uns bons centímetros mais alto.

— Sim. — Respiro fundo. — Estou. Estou bem.

Do canto do olho, vejo o Ryder a olhar para mim. Ele aproxima-se, como se sentisse que estou prestes a desabar.

Faço um discreto abano de cabeça e ele para imediatamente. Não me parece que o Case tenha reparado, mas sei que o Will reparou e ouço o seu suspiro resignado antes de falar.

— Vamos dar-vos uns minutos — diz o Will, a mim e ao Case, quando o elevador volta a abrir as portas. — Encontramo-nos lá em baixo.

Quando o Case se vira para trocar umas breves palavras com o Will, sinto a mão do Ryder tocar-me no braço ao de leve. Anseio pelo seu abraço, mas isso não pode acontecer agora. No instante seguinte, ele desaparece para dentro do elevador.

E eu recebo um abraço do Case em vez do seu.

CAPÍTULO 35

GIGI

Dia de Ação de Graças das amigas

— Reuni-vos aqui esta noite porque quero partilhar um segredo — anuncio.

— Pensava que tínhamos vindo para o Dia de Ação de Graças das amigas — responde a Diana com um sorriso. Está deitada no tapete *bordeaux* vivo da sua sala, agarrando ambas as pernas num alongamento de yoga.

— Bem, essa é a outra razão — corrijo.

Eu e a Mya estamos no condomínio da Diana a passar o Dia de Ação de Graças das amigas antes do feriado propriamente dito. É a nossa última hipótese de estarmos juntas antes de irmos passar o dia a casa. Eu e a Diana somos ambas do Massachusetts, embora a sua casa de família fique mesmo na fronteira com o Vermont. O pai da Mya está em Malta como embaixador, mas a mãe vem passar o fim de semana prolongado com ela a Manhattan.

Senti-me tentada a convidar o Ryder para vir comigo a casa, mas parece-me... um grande passo. Talvez seja demasiado cedo. Além disso, suspeito que teria recusado. Não sei se o censuraria. O meu pai iria fazer-lhe perguntas a toda a hora. Além de que ainda nem contei aos meus pais que eu e o Ryder estamos juntos, e não me importo de adiar um pouco mais essa conversa. Ninguém na minha vida sabe, tirando a Mya, a Diana e o Will Larsen. Nem sequer contei às minhas colegas de equipa.

Não adoro andar às escondidas, mas a ideia de anunciar ao mundo que namoro com o Luke Ryder... provoca-me ansiedade. Especialmente quando os meus próprios sentimentos em relação ao assunto continuam uma confusão.

— Então, qual é o segredo? — pergunta a Mya, erguendo os olhos do telemóvel. Há dez minutos que está a pôr filtros na fotografia que tirou à mesa perfeita no cantinho de refeições da Diana, preparando-se para a publicar nas redes sociais.

— Acho que sou uma exibicionista.

A Diana levanta-se do seu alongamento e comprime os lábios.

— Não acredito.

A Mya acena com a cabeça.

— Concordo.

Lanço-lhes um olhar fulminante.

— Ainda não sabem porque estou a dizer isto!

— Está bem. Veremos — diz a Mya. — Apresente as suas provas, senhora advogada.

Ponho as pernas para cima, sentando-me de pernas cruzadas no sofá de padrão floral que parece pertencer a uma sala de estar vitoriana. O apartamento que a Diana herdou da falecida tia Jennifer veio com o mobiliário todo da tia. E o estilo de decoração da Jennifer é o que gosto de chamar chique em segunda mão. Não parece nada o apartamento de uma universitária, com a sua atmosfera excêntrica de idosa que vive com gatos. No entanto, a Diana, com os seus calções curtos e top da claue da Briar encaixa estranhamente bem.

O aroma que vem da cozinha faz-me ficar com o estômago a dar horas. Em vez de cozinarmos um peru para apenas três pessoas, optámos por um frango, que está a assar no forno. Não como nada desde antes do treino da manhã e estou esganada.

Mostro a minha expressão mais profissional e faço a declaração inicial.

— Prova A: fizeram-me um minete na biblioteca, em outubro. Bem, na sala de estudo.

A Mya ergue uma sobrelanceira.

— De porta aberta ou fechada?

— Fechada. — Sorrio. — Mas, como vos disse depois de ter acontecido, o amigo dele, o Shane, estava atrás da porta. Praticamente a participar.

As sobrelanceiras da Diana dão um salto.

— O quê?! Não sabia dessa parte. Define *participar*.

— Bem, a proteger-nos. Mas conseguia ouvir tudo e, a dada altura, disse-me para me vir.

— OK, isso é sexy — admite, impressionada. — Tirando o facto de que era o Shane Lindley.

— O que é que tem o Shane Lindley? — protesto, sorrindo perante a sua expressão ameaçadora. — Ele é atraente.

— Não quero saber. Está oficialmente na minha lista negra. Só este ano, o bacano já dormiu com três das minhas colegas da claue e não ficará por aqui. A última, a Audrey, ficou tão caidinha por ele metaforicamente que, quando ele a deixou, foi-se abaixo e começou literalmente a cair durante os treinos. Quase partiu a porcaria do tornozelo. — A Diana mexe no rabo de cavalo platinado. — Diz a esse

gajo para deixar as miúdas da claqué em paz. Estamos a tentar ganhar o campeonato nacional.

Disfarço um risinho.

— Eu dou-lhe o recado.

— Que outras provas tens? — pergunta a Mya, gesticulando com impaciência.

— Prova B: sexo na sauna. Qualquer pessoa poderia ter entrado — apresso-me a dizer quando parecem ambas prestes a contestar.

A Diana encolhe os ombros.

— Toda a gente faz sexo na sauna. Não estás propriamente a viver no limite. Mas a biblioteca é uma exposição aceitável. Vou admitir como prova.

— Eu nunca fiz sexo na sauna — diz a Mya.

— Não sabes o que perdes — digo-lhe. — OK. Prova C: ele enfiou os dedos dentro de mim na ópera. — Faço uma expressão convencida. — Essa vez foi cem por cento pública. Mesmo no camarote.

— Camaroto! — diz a Mya, arrastando as palavras.

A Diana uiva.

— Fixe.

— E, finalmente, ontem, Prova D: fiz-lhe um broche no carro, nas traseiras do Malone's — declaro, dizendo o nome do bar desportivo da cidade.

Agora que o pessoal da Eastwood e da Briar passa a vida a sair, o Malone's é o seu bebedouro de eleição. Eu, a Whitney e a Cami encontrámo-nos lá com eles ontem para beber uns copos e a Camila finalmente pôde realizar o sonho de ir para casa com o Beckett Dunne.

— OK. Na verdade, estou bastante impressionada com tudo isso — diz a Mya, com franqueza. — Nem parece teu.

— Podes crer — concorda a Diana.

— A cena é essa: não me parece que isso seja verdade. Acho que isto sou muito eu. Só não sabia que era assim.

A Mya sorri.

— Então, o capitão inimigo da Eastwood fez-te perceber que gostas de fazer sexo em público.

— Acho que sim.

Como se a minha vida sexual fosse um videojogo e o Ryder aparecesse e desbloqueasse um nível novo, ajudando-me a descobrir um novo fetiche.

Na verdade, ele ajudou-me a descobrir muitas coisas sobre mim. Como a minha tendência para recusar exprimir pensamentos mais obscuros ou queixar-me dos meus problemas, com medo de que os outros me julguem ou me digam que não tenho direito a queixar-me, por a minha vida ser demasiado boa. Graças a ele, tenho-me obrigado a aprofundar as razões por que sinto o que sinto e por que faço o que

faço. Como o facto de querer algo que o meu pai não tem. Uma medalha. Sempre achei que reconhecer este tipo de coisas fazia de nós fracos, ou pior, tornava-nos amargos.

Mas desde que desabafei sobre isto que sinto uma estranha sensação de leveza.

Talvez do que realmente precisasse era de encontrar a pessoa certa com quem desabafar.

— O Case teria ficado tão desconfortável com esta cena pública — admito. — Ele é tão betinho. De vez em quando, não se importava de fazer sexo no carro, mas não consigo imaginá-lo a masturbar-me na ópera. Teria sido esquisito pedir-lhe.

— Mas sentes-te confortável em pedir ao Luke Ryder.

— Sou capaz de lhe pedir qualquer coisa. Nunca me preocupa, nem um bocadinho, que ele possa julgar-me. Nunca o faz. Aceita-me exatamente como sou.

Ficam ambas espcadas a olhar para mim.

— O que foi?

— Oh, meu Deus. Isto não tem nada que ver com sexo — diz a Diana, olhando na direção da Mya. — Isto não tem nada que ver com sexo.

— Não — confirma a Mya.

Franzo a testa.

— Não, tem. Claro que tem.

A Diana esboça um sorriso estranhamente amável.

— Gigi. Estás apaixonada por ele.

Fico boquiaberta.

— Não estou nada.

Fico quase zangada com elas pela sugestão. Apanharam-me completamente desprevenida, pois estávamos a ter uma conversa despreocupada sobre sexo e elas transformaram-na numa discussão sobre a porcaria dos sentimentos.

Eu e o Ryder não «curtimos» sentimentos.

Então, porque é que os sentes a todos?

Às vezes, odeio mesmo esta voz na minha cabeça.

Pronto. Talvez sinta *algumas* coisas. Urgência. Admiração. Fome. Confusão. Um desejo desesperado e cru. Uma felicidade pura e profunda.

Oh, não. As duas últimas coisas parecem-se bastante com...

Nem pensar.

Afasto o pensamento e acabo com a conversa quando as minhas amigas voltam a tocar no assunto ao jantar. Mais tarde, enquanto lavo a louça e a Mya limpa a mesa, o meu telemóvel vibra ao pé da sua mão. Ela olha para o ecrã e diz:

— É o teu grande amor.

— Oh, para com isso — resmungo.
Enxugo as mãos num pano e leio a mensagem.

RYDER:

Posso ir a tua casa hoje à noite? Preciso de mudar de ares.

E, umas horas depois, estamos na minha cama a enlouquecer-nos um ao outro. As suas mãos fortes percorrem-me o corpo, os seus lábios quentes abrem caminho pela minha pele. As palmas das minhas mãos deslizam pelos músculos definidos do seu peito enquanto me baixo e o meto na boca. Chupo-o lenta e profundamente, enquanto ele faz sons roucos de aprovação, acariciando-me o cabelo.

— Estás tão bonita — murmura, olhando para mim.

Sorrio com a boca envolta no seu membro grosso, libertando-o de seguida. Envolvero-o com a mão e mexo o punho para cima e para baixo indolentemente, adorando a forma como o seu olhar se torna denso e turvo.

— Porque é que não vens para aqui e te sentas na minha pila? — A sua expressão franze-se agitada e ele ergue as ancas, tentando mover-se mais depressa na minha mão.

— Estás assim tão desesperado?

— Não fazes ideia. — Ele não está a gozar. O seu corpo alto e musculado estremece sobre a cama.

Compadeço-me dele e subo para a cama, sentando-me em cima dele, mas, agora, sou eu que estou louca de desejo. Ele preenche-me tão completamente. Uma sensação de pertença, de pura certeza derrama-se sobre mim, fazendo-me descair para cima do seu peito forte. Roço-me contra ele, o meu desejo crescendo até ver pontos pretos a dançar à minha frente e o meu clítoris ficar inchado e quente. Ele agarra-me nas ancas enquanto o monto.

— Foda-se, Gigi. Não pares, amor.

Deito-me em cima dele, agitando-me loucamente.

— Isto sabe tão bem — sussurro, com as ancas completamente descontroladas, movendo-se sozinhas.

— Isso, assim — encoraja o Ryder, bruscamente. — Mostra-me quanto o queres. Faz como gostas.

E é o que faço. Monto-o enquanto ele me apalpa as mamas, esfregando os meus mamilos com os polegares. Gemo o seu nome enquanto um nó de prazer cresce no meu núcleo.

O seu olhar enche-se de aprovação.

— Isso. Continua a dizer o meu nome. Quero que toda a gente neste edifício saiba quem te faz sentir assim.

Não é preciso mais nada para o nó rebentar. Deixo-me cair sobre o seu peito e gozo o orgasmo, continuando a arfar quando ele nos vira

ao contrário, pondo-me de joelhos. Um braço musculado envolve-me o peito, mantendo-me junto a si.

Ele penetra-me com um movimento ascendente, acariciando-me o pescoço e suspirando um aviso ao meu ouvido.

— Estou a vir-me.

Respondo com um gemido e ele deixa-se ir. Com um som estrangulado, ele estremece de libertação, bem fundo dentro de mim. O seu abraço aperta-me, esmagando-me as mamas com o antebraço.

Depois, roça os lábios num dos lados do meu pescoço e sussurra:

— És um sonho.

E eu tento desesperadamente convencer-me de que não estou apaixonada por ele.

CAPÍTULO 36

RYDER

Dia Nacional do Algodão-Doce

Eu e o Colson agora somos amigos. O tipo de amigos que se encontram à porta do rinque e frequentam a casa um do outro. Às vezes ele passa cá a noite, se o pessoal estiver a festejar demasiado e ele estiver demasiado bêbedo para ir a pé para casa. O Will também passa cá a vida, mas isso, ao menos, faz sentido. Ele e o Beckett são inseparáveis. A coisa boa do Will é que ele não me provoca sentimentos de culpa, por isso, é muito fácil tê-lo por perto.

O Colson, por outro lado... Sempre tive jeito para esconder as minhas emoções, mas está a tornar-se difícil ignorar a culpa. Começo a gostar mesmo dele. Mas a Gigi não quer que ele saiba de nós ainda, portanto, vou fazer como ela quer. Ele é o seu ex, não o meu.

De momento estão cá os dois, o Will esparramado no sofá ao lado do Beckett e o Colson sentado ao meu lado.

O Shane está sentado na poltrona a enviar mensagens a uma miúda que não é *cheerleader*, para variar. Conheceu-a em Hastings e trouxe-a cá a casa no outro dia. Acho que disse que era estudante de Direito. Foram a uma festa ontem à noite, onde, aparentemente o seu ex apareceu bêbedo e desleixado, decidido a confrontar o Shane. Agora, ela está a pedir copiosas desculpas ao Shane por mensagem.

— Há sempre um gajo todo desgraçado — diz o Will, revirando os olhos. — Porquê?

— É uma regra antiga das festas — explica o Beckett. — Todas as festas têm um lugar que deve ser ocupado. O Gajo Desleixado é um deles.

— Puto, podes crer. — O Case ri-se, inclinando-se para a frente para pegar na cerveja. Faz uma pausa, depois ri-se outra vez. — OK, já sei. Chegas a uma festa e só podes socializar com uma destas pessoas durante toda a noite, sem intervalos. Quem é que escolhes: a Rapariga que Chora na Casa de Banho com Rímel a Escorrer pela Cara ou o Gajo Irritante da Guitarra Acústica?

O Beckett queixa-se.

— Isso é pura tortura em qualquer dos casos, amigo.

O Shane pouisa o telemóvel e reflete um pouco. Depois, dispara uma série de perguntas ao Colson.

— Posso foder com a miúda da casa de banho?

— Não.

— Posso pedir músicas ao tipo?

— Não.

— Porque é que ela está a chorar?

— Está a soluçar de forma demasiado incoerente para conseguires perceber.

— Posso meter drogas?

— Não.

— Beber?

— Uma cerveja.

O Shane encolhe os ombros.

— Gajo da Guitarra Acústica.

O Will, que está responsável pelo comando da televisão, passa por aquele canal de *reality shows* com que a Gigi anda obcecada. O seu olhar ilumina-se.

— Olhem. *Plate Pleasers*. Adoro este programa.

— Estás a gozar? — diz o Colson. — Este programa é ridículo. Dar às crianças tanto poder não traz nada de bom.

— É o que estou sempre a dizer — intervém o Beckett. — Só pode acabar de uma maneira.

O Shane olha para ambos.

— Por favor, conclui o teu pensamento. Que futuro apocalíptico estás a imaginar só porque um *reality show* permite que crianças avaliem pratos de comida?

O Colson olha para o Beckett.

— Ele não percebe.

O Beckett acena com a cabeça.

— OK. Tenho de ir para as aulas. — Dou uma palmada no ombro do Colson ao levantar-me, acenando para o resto do pessoal. — Até logo.

A minha aula de Estudos Empresariais é a única aula do semestre que tenho mais tarde. Costumava aborrecer-me ter de voltar ao *campus* para ter aulas às cinco da tarde três dias por semana, mas, das últimas vezes, encontrei-me com a Gigi a seguir às aulas e agora tornou-se um hábito. Às vezes vamos jantar. Esta noite, ela diz que precisa de um jacúzi e de um banho turco. Torceu o ombro no jogo de sábado e, pelos vistos, continua a incomodá-la.

Depois da aula, dirijo-me ao centro de desempenho desportivo, chegando ao mesmo tempo que o Austin Pope. O puto anda a treinar

mais agora que o Mundial de Sub-20 está para breve.

— Olá, capitão — diz, de cabeça baixa, parecendo distraído.

— Olá. Como estão a correr os treinos? Estás preparado para o grande jogo?

— Nem por isso. — O seu tom é marcado pela exaustão.

Franzo o sobrolho.

— O que é que se passa, Pope?

— Nada. — Ele continua a desviar o olhar. — Acho que estou só nervoso.

Eu percebo. Antes dos jogos, o Pope costuma estar sólido que nem uma rocha, mas, neste caso, a parada é muito mais alta.

— É assustador — admito. — Saber que o mundo inteiro está a ver-te. Literalmente, o mundo inteiro.

Ele hesita por um momento e depois diz:

— Mas há uma pressão acrescida.

A minha expressão adensa-se.

— Como assim?

— Todos os artigos sobre eu ser gay e ser o primeiro jogador assumidamente gay a participar no Mundial de Sub-20. Coisas assim. Fazem-me sentir... sei lá. Como se desviassem a atenção do meu talento, talvez. Das minhas capacidades como jogador. Decidem concentrar-se na minha sexualidade quando isso não faz diferença nenhuma para este jogo.

— Certamente não o farão por mal. Aposto que só querem que sejas um exemplo para outros miúdos como tu — saliento. — Tipos que sintam ainda demasiado medo de se assumirem. Isso não é uma coisa má.

— Eu sei. Mas, como eu disse, é só mais pressão. Como te sentiste antes de jogares no Mundial?

— Aterrorizado. E, meu, acredita, eu sei o que é quando o nosso talento passa para segundo plano. Joguei um dos melhores jogos da minha vida e a única coisa de que as pessoas se lembram é de eu partir a cara a um tipo no balneário.

— Pois — diz ele, sarcasticamente.

Dou-lhe uma palmada no ombro.

— Tu consegues, Pope. Tenta abstrair-te do ruído.

— Obrigado, Ryder.

Ele afasta-se e eu entro no átrio. Reparo nas flores de um vermelho-vivo que estão nos canteiros junto à receção e, quando o segurança não está a ver, arranco despreocupadamente uma das flores escarlate e continuo a andar. Depois, faço uma pesquisa no meu telemóvel, sorrindo para mim mesmo.

Dez minutos depois, a Gigi entra na área do jacúzi, envergando o fato de banho *Speedo* que nunca falha em fazer-me arder por ela.

Estendo-lhe a flor:

— Toma.

Ela suspira.

— Oh, meu Deus. Até tenho medo de perguntar, mas... hoje é dia internacional de quê?

— Dia Nacional do Algodão-Doce. Pareceu-me algo que celebrarias.

Ela ri-se daquela forma feminina e melódica, e eu finjo que não me afeta, quando, na verdade, tudo nela me afeta.

Instalamo-nos em pontas opostas do jacúzi, com os jatos a fazer rodopiar a água à nossa volta num remoinho espumoso. Ambos sabemos o que acontece se nos sentarmos demasiados perto um do outro e, pela primeira vez, estamos a portar-nos bem.

— Estava mesmo convencida de que, por esta altura, já teria notícias da seleção olímpica — resmunga a Gigi. — Tipo, porque é que o Dustin se deu ao trabalho de me entusiasmar no Maine, dizendo-me que não tinha nada com que me preocupar, se não estavam a planear contactar-me em breve?

— Eu sei que é frustrante, mas tens de ser mais paciente — aconselho. — Lembro-me de demorarem bastante tempo a fechar a equipa do Mundial de Sub-20. — Lambo uma gota de condensação do meu lábio superior. — Acho que a questão mais importante agora é: o que iremos fazer em relação ao Colson? Continuo sem saber se devíamos contar-lhe sobre nós.

A sua expressão contrai-se.

— Vocês estão mesmo a começar a dar-se bem, não estão?

— Estamos. Eu gosto dele — digo, relutantemente.

Ela sorri.

— Custou-te dizê-lo, não foi?

— Muito. — Pauso. — Não sei. Talvez não devêssemos dizer-lhe nada ainda. Este último mês provou que a equipa precisava de camaradagem. Não posso estragar isso.

— Nesse caso, é melhor mantermos segredo durante mais algum tempo. — Ela parece aliviada.

O temporizador apita e enxugamo-nos, calçamos os chinelos e passamos para o banho turco. A seguir, voltar ao corredor é a sensação mais refrescante de sempre, com a temperatura ambiente a arrefecer-me imediatamente o rosto.

O rosto da Gigi está ainda corado do banho turco. Está tão bonita, os olhos cinzentos cintilando e as bochechas rosadas, que me esqueço de onde estamos. Inclino-me e beijo-a.

A ponta da sua língua está a tocar na minha quando ouvimos alguém aclarar a voz e afastamo-nos de um salto.

É o treinador Jensen.

Merda.

— Graham. Ryder — cumprimenta, desconfiado.

Ela afasta-se de mim com um movimento brusco, nada discreto.

— Míster — diz ela, com um aceno de cabeça em jeito de cumprimento. — Hum. Vou tomar um duche e trocar de roupa. Boa noite.

Depois, desaparece.

O treinador observa a sua figura em fuga e depois olha para mim. Resisto ao impulso de fechar os olhos para não ter de enfrentar o seu olhar reprovador.

— Tens a certeza do que estás a fazer? — pergunta ele, passando a mão sobre o cabelo grisalho raso. O cabelo deste tipo está igual ao das fotografias de há vinte anos que estão à entrada do edifício.

Quando não respondo, ele suspira.

— Estes miúdos, sempre a pensar com a pila — resmunga para si mesmo. — Será possível haver uma época em que esta merda não aconteça?

— É mais do que... o que quer que pensa que é — digo, finalmente.

Ele não parece convencido.

— Estamos juntos. Há, hum, sentimentos envolvidos.

Porra para os sentimentos. Como é que isto chegou a este ponto? Pensei que iria para a cama com ela algumas vezes e depois iria cada um para seu lado. Agora, a ideia de não voltar a vê-la sorrir para mim é como arrancarem-me o coração do peito.

— A única coisa que tenho para dizer é que tenhas cuidado. Não faças nada que prejudique a equipa.

— Estou a tentar. Ouça, eu sei que tivemos um começo atribulado, mas tenho feito os possíveis para mudar isso. Eu e o Colson temos tentado unir toda a gente.

— Eu reparei — reconhece o Jensen.

— Então, deve saber que a última coisa que quero é estragar isso. — Encolho os ombros, um pouco desamparadamente. — Não planeei que isto acontecesse.

Ele suspira novamente.

— Ouve, miúdo, eu não quero saber da vida dos outros. Há poucas coisas a que dou importância. À minha mulher, às minhas filhas, aos meus netos. E aos meus jogadores. Assim que deixam a Briar, isso não muda. Continuam a estar ligados a mim, percebes? — Ele acena na direção para onde foi a Gigi. — O pai dela é como um filho para mim, o que quer dizer que ela é como uma neta. O que significa: não faças merda.

Engulo em seco.

— Eu sei que tens tido uma vida difícil desde pequeno — diz o

Jensen, com a voz áspera. — E sei que não te facilitei a vida quando aqui chegaste. Mas senti que mudaste, Ryder. Estás a fazer um bom trabalho como cocapitão e a equipa está a mostrar melhorias por causa disso. Se continuarem assim, irão chegar à final. — Ele encolhe os ombros. — Portanto... só quero que ponderes se isso é algo que estás disposto a comprometer.

CAPÍTULO 37

RYDER

Não me chames isso

A lei alcançou-me finalmente.

Ou melhor, o advogado. Tenho andado a evitar as chamadas dele desde setembro. Passaram-se mais de três meses e ele ainda não percebeu a dica. Na verdade, até acelerou a sua campanha para tentar contactar o Ryder. Enviou vários e-mails durante a semana e deixou-me mais duas mensagens de voz, e eu acabei por chegar à conclusão de que, se não aceitar que tenho de lidar com o assunto, andarei o resto da vida a fugir deste tipo.

É quarta-feira à noite e estou a caminho da residência para ir visitar a Gigi. Combinámos jantar e ver um filme. Quando paro o carro no parque de estacionamento, fico no jipe e ligo ao Peter Greene sem ouvir a mensagem que ele acabou de deixar.

— Fala Peter Greene — é a sua enérgica saudação.

— Sr. Greene. É o Ryder.

— Finalmente. — Parece um pouco aborrecido. — Já estava a pensar que tinha desaparecido e mudado de nome.

Fogo, que sonho.

— Desculpe não ter ligado mais cedo, mas... — Interrompo-me, optando pela honestidade absoluta. — Não me apeteceu.

Isto suscita uma gargalhada triste.

— Ouça, eu compreendo, acredite. Compreendo mesmo, rapaz. Mas, por muito que queira evitá-lo, isso não altera o facto de o seu pai estar elegível para sair em liberdade condicional.

— Pois, explique-me essa história outra vez — resmungo, tentando controlar a raiva.

Mas ele ouve-a na minha voz.

— Eu percebo — diz o Greene. — Também estaria chateado. Mas não fui o advogado original do caso e não fui eu que fiz o acordo judicial. Porém, alguém o fez e o seu pai qualifica-se para comparecer em tribunal desde que demonstre bom comportamento. De acordo

com os relatórios da penitenciária, é o que está a acontecer. Arranjou um emprego. E está envolvido nas atividades da igreja da prisão.

— Que bom para ele — resmungo, sarcasticamente. — Mas agora seja sincero: qual é a probabilidade de ele sair em liberdade?

— Escassa. Portanto, não, eu não me preocuparia muito com isso. Mas... a sua presença na audiência para prestar declarações faria toda a diferença para garantir que essa escassa probabilidade se transforma em zero.

— Não. — O meu tom é enfático. Frio.

— Ryder.

— Não. Se quiser uma declaração por escrito, eu envio. Pessoalmente não. Não quero vê-lo. Nunca mais. Percebeu?

— E está disposto a correr o risco de ele sair?

— Eu estou-me nas tintas se ele está dentro ou fora, ou no raio que o parta. Tanto quanto sei, ele não existe. E não volte a perguntar-me — aviso.

— Luke...

— Não me chame isso.

Não é a primeira vez que sou obrigado a corrigi-lo. Conheci o Greene quando tinha 13 anos, quando os recursos do meu pai circulavam pelos tribunais. Felizmente, a porta fechou-se a cada um deles. E não antevi que falássemos de liberdade condicional tão cedo.

— Desculpe, Ryder. Eu sei que isto é difícil, mas peço-lhe que reconsidere.

— Não estou interessado.

Desligo o telefone.

Respiro fundo. Foda-se. Agora fiquei exaltado. Elétrico. Não estava à espera de falar com o Greene esta noite e tento recuperar a compostura enquanto me encaminho para a Hartford House. Digo ao segurança que vim visitar a Gigi e ele deixa-me entrar no átrio, onde assino o registo e me dirijo às escadas. A residência tem apenas três andares e não tem elevador.

A lata deste otário. O Greene sabe exatamente o que irá acontecer se me puser na mesma sala com o meu pai. Fui obrigado a assistir a uma das suas audiências de recurso quando tinha 12 anos, depois outra vez aos 14, e, em ambas as vezes, apetecia-me matá-lo. Mas a morte é demasiado boa para ele.

— Estás bem? — pergunta a Gigi quando a sigo até à cozinha. O que quer que seja que ela está a cozinhar cheira bem, mas eu perdi completamente o apetite.

— Sim, tudo bem — minto.

Ela abraça-me, mas eu não sinto nada. Apercebo-me tarde demais de que deveria ter dado meia-volta com o jipe e regressado a casa. Mas aqui estou, apresentando a minha melhor cara, porque a Gigi não

merece menos do que isso.

Enquanto esperamos que o jantar fique pronto, sentamo-nos no sofá e ela procura nos vários sites de *streaming* um filme para nós vermos. Aceno distraidamente que sim a todas as suas sugestões. A minha cabeça está noutro lado e ela percebe.

— OK. O que é que se passa? — pergunta.

Encolho os ombros.

— Nada.

— Estás a mentir. Aconteceu alguma coisa no treino hoje de manhã? Algum problema numa aula?

— Não, não foi nada disso.

— Então o que foi?

Outro encolher de ombros.

— Ouve, se não te importas, prefiro não falar sobre isso.

Há uma pausa.

— Está bem, como queiras. — Ela salta do sofá. — Deixa-me ir ver a lasanha.

Levanto-me também.

— Olha, sabes que mais? É melhor eu ir-me embora.

Ela pestaneja, surpreendida.

— O quê?

Estou já a tirar o casaco do cabide no corredor.

— Desculpa, G. Não estou mesmo com disposição.

O seu olhar enche-se de preocupação.

— Luke.

— Não me chames isso — digo bruscamente. O meu tom é tão agressivo que ela até estremece, fazendo-me sentir remorsos. — Desculpa — murmuro, evitando o seu olhar preocupado. — Só... não me chames isso.

— É o teu nome — diz ela, baixinho.

— Sim, bem, foda-se. Já te tinha pedido que não me chamasses isso.

— OK — responde, num tom cauteloso. — Queres explicar porquê? A frustração apodera-se da minha garganta.

— Agora devo-te explicações?

A Gigi franze o sobrolho.

— Não precisas de ser idiota.

— Desculpa. — Passo as mãos pelo cabelo e desvio o olhar. Não suporto a forma como ela olha para mim. Tentando abrir caminho para a minha mente. — Eu disse-te, não estou com disposição.

— Então não devias ter vindo. — Agora está zangada. — Podias ter ficado em casa a amuar e poupares-me a isto. — Cerro os dentes, voltando a encará-la. — Mas *vieste*, portanto, porque não aproveitas a oportunidade para te portares como um adulto e dizeres o que se

passa?

Há uma parte de mim que quer fazer isso. Voltar a sentar-se e confessar tudo o que está a pesar-me. Mas, depois, imagino a sua expressão, a sua compaixão, todas as questões que inevitavelmente terá, e as palavras recusam-se a sair.

A seguir a uma longa pausa, a Gigi suspira.

— Esquece. Vai-te embora. Mesmo que quisesses ficar e falar sobre isso, agora sou eu que não estou com disposição para estar *contigo*. Por isso, sai.

CAPÍTULO 38

RYDER

És tão tonto e tão estúpido

A Gigi não fala comigo. Decidiu pura e simplesmente ignorar-me.

Pronto, não é totalmente verdade. Mandou-me uma mensagem a dizer que não quer ver-me agora.

Passaram-se quatro dias. Sinto-me um idiota desde que saí da sua residência, mas não tenho muito jeito para estas merdas. Para falar. Pedir desculpa. Depois de as minhas chamadas continuarem a ir para o *voicemail*, enviei-lhe três mensagens a pedir desculpa. Cada uma mais frustrada do que a anterior, como prova a nossa terceira troca de mensagens no domingo de manhã.

EU:

Não percebo. Já pedi desculpa. Estava de mau humor naquela noite. Não sabia que não tinha direito a isso.

GISELE:

Se achas que é por isso que estou chateada, nunca irás perceber.

EU:

Posso ligar-te, por favor?

Está a teclar. Depois, os três pontinhos desaparecem e o seu nome aparece no ecrã.

A minha pulsação acelera e saio da sala, onde eu e os meus colegas de casa estávamos a ver futebol americano, e dirijo-me à cozinha.

Finalmente.

— Olá — digo, um pouco ansioso.

— Olá.

O meu coração aperta-se ao ouvir a sua voz. É impressionante como podemos sentir tanto a falta da voz de alguém quando deixamos

de ouvi-la todos os dias.

Encosto-me à bancada da cozinha, suspirando.

— Não gosto que me ignores — digo, bruscamente.

— OK, e eu não gostei que gritasses comigo.

Sinto o peito inundar-se de arrependimento.

— Eu sei. Desculpa. Estava de mau humor e não devia ter descarregado em ti.

Há uma longa pausa.

— É só isso? — pergunta.

Pestanejo.

— Hum. Sim?

Ela faz um som frustrado.

— Estamos juntos agora, não é? Somos namorados?

— Sim... — digo, cautelosamente.

— As pessoas falam umas com as outras quando namoram.

— Não estamos a falar agora?

— Sabes que mais? Não aceito as tuas desculpas. Tenho de ir.

— Gigi...

— Não, vou almoçar com a Mya e depois vou dar uma corrida.

Claramente, não tens nada de jeito para dizer, portanto...

Ela desliga a chamada sem se despedir.

Fico boquiaberto. Estou ainda especado a olhar para o ecrã a pensar em que raio acabou de acontecer, quando o Shane entra para vir buscar uma garrafa de água.

Estou completamente à nora. Eu pedi desculpa. O que mais quer ela de mim?

— O que foi? — Ele olha para mim, junto ao frigorífico.

— Fiz com que a Gigi se zangasse e agora ela não aceita as minhas desculpas.

— Mulheres, hem? — diz, voltando para a sala.

Vou atrás dele, resmungando irritado.

— A sério, que raio?

— O que é que se passa agora? — diz o Beckett, devagar.

— A Gigi está zangada com ele — declara o Shane.

— Não tenho direito a ter um dia mau? — pergunto.

— Mulheres, hem? — diz o Shane, voltando a prestar atenção ao jogo dos Patriots.

— Vais só responder isso a tudo o que eu disser? — pergunto-lhe.

— Vou. — O seu olhar permanece colado ao ecrã. — Os Pats estão a jogar e os teus problemas não me interessam para nada.

O Will ri-se do seu lugar no sofá.

Desesperado por algum tipo de revelação, viro-me para ele.

— Conhece-la há mais tempo. Podes ajudar-me?

— Nem penses. Não vou meter-me nisso — declara o Larsen. — Já

é suficientemente mau estar no meio desta cena entre a Gigi e o Case.

— Ela e o Case não têm nenhuma cena — respondo, com uma voz implacável.

Ele ri-se do meu rosto ameaçador.

— Não, mas dantes tinham. E ela era minha amiga antes disso, portanto, depois *dessa* separação, vi-me obrigado a atravessar os terrenos minados de ambas as amizades.

— Isto não é uma separação — rosno.

— Continua a pedir desculpa — diz o Shane, distraidamente. — Hás de acabar por vencê-la pelo cansaço.

— Faz-lhe uma *playlist* só com canções sobre sexo — sugere o Beckett. — Faz com que ela fique excitada o suficiente para te perdoar.

— Sabem que mais? Vão à merda. Nenhum de vocês é prestável — digo.

O Beckett olha para mim, pestaneja e vira-se para o Will.

— Bora beber *shots*. Estou farto dos problemas dele.

— Também eu.

Aqueles dois otários fazem uma incursão ao armário das bebidas enquanto o Shane vê o jogo, indiferente à minha situação.

Nem sei porque é que isto me incomoda. Que se lixe. Namorávamos e agora parece que não. Por uma razão completamente ridícula. Mas tudo bem. Acabou.

Pronto... Não está tudo bem.

Não quero que acabe.

Mas que merda.

É neste momento que gostava de ter amigas mulheres. Tive uma irmã de acolhimento de quem era próximo no secundário, mas afastámo-nos quando a escola acabou. Além disso, sempre que tentei ser amigo de uma rapariga, ela só queria levar-me para a cama. Talvez seja vaidoso da minha parte dizê-lo, mas é verdade. Percebi, há muito tempo, que o platónico não existe. Hoje em dia, apenas me permito ser amigo das namoradas dos meus amigos, o que envolve muito pouco risco, embora, de vez em quando, uma dessas namoradas se atire a mim.

De repente, tenho uma ideia. Já *sei* qual é a solução.

Procuro nos meus contactos até encontrar o nome da Darby, a namorada do Nick Lattimore. Fiquei com o seu número quando ela estava a preparar a festa surpresa do Nick no ano passado.

Escrevo uma mensagem breve, mantendo-a o mais vaga possível. Só as pessoas cá de casa é que sabem de mim e da Gigi, ou que estou a namorar com alguém, e gostaria de limitar essa informação o mais possível.

Umás horas depois, recebo uma mensagem da Darby a dizer que

está a caminho. Pouco tempo depois, a campainha toca. Abro a porta.

— Olá — digo, desajeitadamente.

— Não percebo — diz ela, em lugar de cumprimento.

Eu também não percebo.

Ela entra, dando-me um beijinho na cara. Enverga umas botas da tropa e uma camisola justa por baixo do casaco de inverno. A Darby é uma miúda fixe. Confiante, enérgica. Sempre me questionei o que estaria a fazer com um tipo sério como o Nick.

— Estou a ver que chamaste a cavalaria — goza o Beckett, quando passamos pela sala. — Oi, Darby.

— Beck.

— Vamos para a cozinha — digo-lhe. — Queres beber alguma coisa?

— Chá, se faz favor.

Tenho quase a certeza de que ninguém nesta casa bebe chá, mas vasculho nos armários da cozinha, porque foi a mãe do Shane que os abasteceu. Conhecendo-a, deve ter-se esforçado por garantir que tínhamos um pouco de tudo. Com efeito, encontro um chá de ervas e ligo a chaleira.

— Eu sei que isto é estranho — digo à Darby.

— É rigorosamente a coisa mais estranha de sempre.

— Mas preciso de uma perspetiva feminina sobre uma coisa.

Ela senta-se à mesa da cozinha, os olhos brilhando de curiosidade.

— Sobre o quê?

— Trata-se de, hum, um problema com uma miúda.

— Chamaste-me aqui para falar sobre a tua vida amorosa? — exclama, com a voz esganiçada. Depois, respira fundo e fala numa voz reverente. — Este é o melhor dia da minha vida.

— Tem de ficar entre nós — aviso.

— O Luke Ryder tem uma namorada.

— É assim tão chocante?

— Oh, meu Deus, não fazes ideia de como estou entusiasmada neste momento. Namoras com alguém?

Aceno que sim.

— É sério?

— Acho que sim.

— Oh, meu Deus.

— Para de dizer isso.

A Darby semicerra os olhos.

— E como é que estragaste tudo?

— Quem disse que foi isso que aconteceu? — resmungo.

— Não foi?

Pauso.

— Foi.

Sorrindo, a Darby empurra outra cadeira com o pé.

Levo-lhe o chá e pouso-o à sua frente. Após um momento de hesitação, sento-me, suspiro e começo a fazer-lhe um breve resumo da minha discussão com a Gigi, omitindo nomes, locais e outros detalhes pertinentes que possam ser usados contra mim em tribunal.

Quando termino, manifestando a minha irritação com o facto de o meu pedido de desculpas não ser suficiente, ela começa a rir-se.

— O que foi? — Lanço-lhe um olhar ameaçador. — Achas que ela tem razão em estar zangada comigo?

— Percebes ao menos porque é que ela está zangada? — contrapõe a Darby, ecoando a atitude da Gigi ao telefone.

Juro, será que todas as mulheres pertencem a uma espécie de rede telepática em que só elas sabem porque estão zangadas?

— Porque fui bruto com ela.

— Oh, Ryder. És tão tonto e tão estúpido.

Ela continua a rir-se quando pega no chá. O vapor sobe-lhe até aos olhos ao beber um gole.

— OK, vamos recapitular. Aconteceu alguma coisa que te deixou de mau humor.

— Sim.

— E tu foste até lá de mau humor.

— Sim.

— Ela perguntou-te o que se passava e tu disseste-lhe para esquecer. Depois, ela insistiu e tu foste bruto com ela.

— Sim. — A culpa atormenta-me perante a lembrança de ter sido bruto com a minha miúda.

— E tu pediste desculpa por teres sido bruto.

— Sim — digo, frustrado.

— Mas ela disse-te que não está zangada por teres sido bruto. Ela está zangada porque...? — A Darby deixa no ar, esperando que eu termine a frase.

— Não, não estás a perceber. Ela não me *disse* porque é que está zangada.

— Devias saber porquê! — diz a Darby, estupefacta. — Meu. Ela está chateada porque tu não quiseste contar-lhe o motivo do teu mau humor. O que é que aconteceu que te perturbou? Vivemos nalgum reino misterioso em que não falamos sobre as coisas? O objetivo de namorarmos com alguém é ficarmos a conhecê-los e partilharmos o seu estado de espírito. Os dias bons, os dias maus. Se eu tiver um dia mau, é óbvio que o Nick vai saber o que se passou. Vai saber todos os detalhes.

— Tens noção de que és uma miúda, certo?

Ela ri-se.

— Achas que o Nick não partilha coisas comigo também? Tipo,

quando ele e o irmão mais novo tiveram uma grande discussão no mês passado, ele não falava de outra coisa.

— Eu não gosto de falar — resmungo.

— Então, não tenhas uma relação.

Suspiro.

— A sério, Ryder. Agora há outras regras em jogo. Se estás só a enrolar-te com alguém, a pinar de vez em quando, não tens de falar sobre coisas importantes. Mas assim que comesças a namorar com alguém, as expectativas mudam.

Esfrego a testa.

— Não gosto disso.

— Lamento informar-te, mas é assim que funcionam as relações. Tens de falar. Se se passa alguma coisa, a outra pessoa quer saber. *Precisa* de saber.

O meu estômago revolta-se. A ideia de contar à Gigi sobre a chamada do advogado ou sobre o paradeiro do meu pai, a sua audiência para a liberdade condicional... revira-me as entranhas.

Mas depois penso nela e na facilidade que tem em dizer-me o que está a sentir, mesmo quando isso a deixa desconfortável. E apercebo-me de que não lhe dou nada em troca além de orgasmos.

A Darby sorri-me sobre a borda da chávena de chá.

— Sabes que tenho razão, não sabes?

— Sim — resmungo. — Sei que tens razão.

Ouve-se uma súbita agitação vinda do corredor. Um enorme estrondo, como se a porta de entrada tivesse sido escancarada, rebentando com a parede. E, a seguir, passos ameaçadores avançando pelo corredor.

Salto da cadeira no momento em que o Nick Lattimore irrompe pela cozinha adentro. Ele olha para mim. Vê a Darby sentada à mesa. Antes de eu conseguir pestanejar, ele puxa o punho atrás e lança-o contra a minha cara. Desvio-me no último segundo, por isso, o golpe apenas me roça a maçã do rosto, mas não consigo desviar-me da dor que o acompanha.

— Que raio? — pergunto, enquanto o Shane, o Beckett e o Will correm para a cozinha.

— Lattimore, para — diz o Shane, afastando-o de mim. — O que é que te deu?

— A mim? — berra. — Ele está a atirar-se à minha namorada e tu perguntas-me o que se passa *comigo*?

— Estás-te a passar? Eu não ando atrás da tua namorada — rosno.

— Enviaste-lhe uma mensagem a dizer, e cito: «Vem a minha casa e não digas ao teu namorado.»

Vacilo.

— Ah, em retrospectiva, acho que escolhi mal as palavras.

O Beckett parte-se a rir.

— Fogo. Que cena hilariante, amigo.

A Darby levanta-se da cadeira.

— Desculpa, Ryder, eu sei que me disseste para eu não dizer nada, mas eu e o Nick não guardamos segredos um do outro. — Ela pontua a frase com um olhar.

Mensagem recebida.

CAPÍTULO 39

GIGI

Ele conduziu-me a ti

Regresso da minha corrida depois do jantar e dou de caras com o Ryder sentado no meu sofá. Sobressalto-me e tiro os auriculares.

— Olá. O que é que estás aqui a fazer?

Ele levanta-se.

— Queria ver-te. A Mya deixou-me entrar antes de sair. Pediu-me para te dizer que ia beber um copo em Hastings com um tipo qualquer do Tinder.

Quando me aproximo, reparo numa marca vermelha na sua maçã do rosto esquerda. Não é bem um golpe. Talvez um ligeiro hematoma.

— O que é que aconteceu? — Apesar da situação em que estamos, estendo a mão para lhe tocar na cara. — Magoaste-te num dos jogos do fim de semana?

Ele abana a cabeça.

— O Nick Lattimore deu-me um soco.

— O quê? Por que raio fez isso?

— Achou que eu tinha convidado a namorada dele para fazer sexo.

— Será que quero saber mais?

O Ryder encolhe os ombros.

— A Darby foi lá a casa porque eu precisava de conselhos sobre o que fazer para que não me odiasses.

Sei que não devia rir-me, mas é o que acontece. A sua admissão tosca e tímida conforta-me imediatamente. Fogo, este homem.

— E acho que já sei. — Outro encolher de ombros. — Estava com esperança de que pudéssemos falar. A sério.

Suada e pegajosa da corrida, desaperto o meu casaco com capuz e dou um passo na direção do meu lado da *suite*.

— Importas-te que tome um duche primeiro?

— Claro que não. Eu espero.

Um momento depois, mergulho a cabeça sob a água quente e deixo-a escorrer pelo corpo. Penso em tudo o que quero dizer-lhe.

Tudo o que tem andado a preocupar-me nos últimos dias.

Será que quero continuar a namorar com ele?

Será que faz sentido?

Porque eu não consigo estar numa relação com alguém que se fecha. Alguém que não me deixa entrar.

Mas, depois, penso em como os seus sorrisos são gratificantes. Em como o meu coração se sobressalta quando ele ri. Na forma como ele me ouve e não me julga, apenas aceita.

Enxugo-me rapidamente e enfio um par de calças de flanela e uma camisola com capuz. É a roupa menos sexy de sempre, mas a forma como ele olha para mim quando entro na sala faz-me sentir estupidamente bonita.

Sento-me ao seu lado, erguendo os joelhos e abraçando-os.

— O meu pai chama-se Luke.

Não é de todo o que estava à espera de ouvir.

Franzo a testa.

— Ah, sim?

— A minha mãe deu-me o nome dele.

— Então, tens Júnior no nome?

— Não propriamente. Não tenho o mesmo apelido. Os meus pais nunca se casaram, Ryder é o nome de solteira da minha mãe. — Ele parece maldisposto. — Ainda bem que não tenho os dois nomes dele. Fogo. Aí é que não haveria escapatória possível. Ao menos, tenho o nome Ryder.

— Porque é que precisas de escapatória? Não te dás bem com o teu pai?

— Ele deu um tiro na cabeça da minha mãe e matou-a.

Sou atingida pelo choque.

Não estava preparada para isto e não faço ideia de como reagir.

Fico embaçada a olhar para ele, pestanejando. Até perceber que ele acabou de partilhar algo tão profundamente pessoal e comovente, e que eu estou para aqui espçada a olhar para ele feita idiota.

— O q-quê? — gaguejo. Mais uma vez, não é a resposta mais coerente do mundo. Mas, ao menos, recuperei a voz. — O teu pai matou a tua mãe?

O Ryder acena que sim.

— Que idade tinhas? Tu...? — interrompo-me.

O meu cérebro não consegue compreender. Literalmente, não consegue aceitar o facto de a mãe do Ryder ter sido assassinada pelo próprio pai.

— Eu tinha 6 anos. E, sim, assisti.

Pego-lhe na mão, que está fria. Entrelaço os nossos dedos, aquecendo os seus, incitando-o a continuar.

Os seus olhos ficam tensos. As feições contraem-se de dor.

— Se não quiseses, não tens de falar sobre isso — digo, finalmente. Ele reage com uma gargalhada seca.

— A sério? Porque a única razão por que aqui estou, a única razão por que estás aborrecida comigo tem que ver com o facto de eu não partilhar. Então, agora é na boa não partilhar?

— Só quero dizer que não tens de me contar *todos* os pormenores. É suficiente eu saber que...

— Que o meu pai é um assassino?

Agora sinto-me péssima. Mal falei com ele durante quatro dias porque se recusou a dizer-me porque não gostava que lhe chamassem Luke. E agora sei a resposta e é de partir o coração. Talvez não devesse ter insistido com ele.

— Não faz mal — diz, reparando na minha consternação. — Eu posso falar sobre isto. É só que... não serve para nada. Faz parte do passado.

— Um passado que te afetou. De forma tão severa que nem és capaz de usar o teu próprio nome.

O Ryder responde com um suspiro trémulo. Fica calado durante tanto tempo que acho que já acabou de falar. Mas depois continua.

— O meu pai não era um homem violento. Eu sei, é irónico dizê-lo, considerando o que ele fez. Mas não nos batia. Nunca levantou a mão à minha mãe, pelo menos à minha frente. Nunca vi nódoas negras nem narizes a sangrar. Claro, quando bebia podia ser um merdas, mas eu não vivia com medo dele.

— Então, simplesmente, passou-se?

— Não sei. Eu tinha 6 anos. Desconhecia o funcionamento interno da relação deles. Sei que discutiam muito. Não acho que ela fosse feliz, mas fazia-se de forte por mim. — O Ryder passa a mão pelo cabelo. — Sei lá, talvez lhe *batesse* e ela simplesmente soubesse escondê-lo. Sinceramente, não sei. Na noite em que aconteceu, lembro-me de acordar com gritos. Saí do meu quarto, espreitei para dentro do quarto dos meus pais e vi uma mala de viagem. Estava meio feita, por isso, acho que ela planeava deixá-lo. E, sim, ele passou-se. Quando cheguei à porta, já ele estava a apontar-lhe a arma. Estava a dizer-lhe que se ela saísse porta fora, lhe daria um tiro na cabeça.

O meu coração começa a bater mais depressa. Imagino um miúdo de 6 anos a ver o pai a apontar uma arma à mãe, e é inconcebível.

— No início, nenhum deles me viu. Mas, depois, ele reparou em mim e gritou-me para que voltasse para o quarto. Ela tentou aproximar-se de mim, mas ele ordenou-lhe que não se mexesse. E começaram outra vez a discutir. Ela disse-lhe que apontar-lhe uma arma era o motivo por que tinha de se ir embora. Que ele era demasiado ciumento e possessivo e instável. Disse que não conseguia continuar a viver assim. Ele perguntou se ela ainda o amava e ela

disse que não. Essa é a parte que me ficou gravada na memória. Porque é que ela disse que não?

Ele abana a cabeça, incrédulo, e solta uma gargalhada seca.

— Porque é que ela não mentiu? O gajo estava a apontar-lhe uma arma à cabeça. Eu percebo, as pessoas nem sempre pensam com lucidez em situações limite, mas... Fogo. Dizes ao homem com a arma que o amas. Mas ela não o fez, e acabou por morrer. No instante em que admitiu que não o amava, ele puxou o gatilho. Assim, sem mais nem menos. — O Ryder estala os dedos, estupefacto. — Foi tão barulhento. Nunca ouvi nada tão barulhento. Os meus ouvidos ficaram a zunir. O corpo da minha mãe caiu no chão.

O meu batimento cardíaco está perigosamente acelerado. Eu nem sequer estava lá e sinto um medo visceral tomar conta de mim.

— Ele também tentou magoar-te?

— Não, nada. Limitou-se a sair do quarto e pediu-me que o seguisse. Fomos para a sala e ele sentou-se no sofá, com a arma em cima do joelho. Pediu-me que me sentasse ao seu lado.

— Meu Deus.

— E eu sentei-me. Ele pegou no copo de *whisky* que estava em cima da mesa de centro e começou a beber. Alguém deve ter ouvido o tiro e chamado a polícia, porque não demorou muito até ouvirmos as sirenes. Passaram apenas cerca de cinco minutos até eles aparecerem e levarem-no. — O Ryder faz o sinal das aspas para repetir. — «Apenas» cinco minutos. Os cinco minutos mais longos da minha vida. Cinco minutos sentado no sofá com ele enquanto o corpo da minha mãe estava na outra divisão, a sangrar no chão.

Sinto vontade de vomitar. Afastando a náusea, pouso a minha mão sobre a sua e envolvo-a com ambas as mãos.

— O que aconteceu depois?

— Foi preso. A assistência social apareceu. — O Ryder encolhe os ombros. — O meu pai não tinha família e os poucos familiares do lado da minha mãe não quiseram chegar-se à frente. Então, fui acolhido pelo Estado.

— O caso foi a tribunal?

— Não, ele conseguiu um acordo. Prisão perpétua com a possibilidade de liberdade condicional. Mas eu tive de fazer um depoimento à polícia. Fizeram-me um milhão de perguntas e eu não percebi nenhuma, porque tinha 6 anos. A única coisa que sabia era que a minha mãe tinha morrido.

Ele fica com os olhos marejados. Antes de conseguir evitá-lo, estendo a mão e limpo-lhe uma lágrima com a parte inferior do polegar. Ele retrai-se ligeiramente, mas não me afasta. Inclina-se para a frente, encostando a testa à minha enquanto lhe limpo as lágrimas.

— E é isto. A história é esta. Partilho o nome com o homem que

matou a minha mãe. E sempre que alguém me chama pela merda desse nome, ouço-a gritá-lo nessa noite. Quando eu estava à porta e o meu pai, de repente, reparou que eu estava ali, virou-se e apontou-me a arma. Não como uma ameaça intencional. Acho que foi apenas instinto. Mas a minha mãe gritou: «Luke, para.» E, fogo, ainda tenho pesadelos com isso. Ouço-a gritar o meu nome. O nome dele.

Sento-me ao seu colo e envolvo os braços no seu pescoço, abraçando-o. Mas não sei se é por ele ou por mim. Este vislumbre arrepiante da sua infância perturbou-me.

— É por isso que o odeio, OK? Não quero pensar nele. Quero fingir que nunca aconteceu.

Afasto-me e olho-o nos olhos avermelhados.

— Mas não podes. Porque aconteceu — digo, baixinho. — Nem consigo imaginar como terá sido doloroso, como continua a ser doloroso quando pensas nisso. Mas fingir que não aconteceu não ajuda em nada. Não é isso que estás sempre a dizer-me? Que devo permitir-me sentir as coisas, mesmo que não sejam agradáveis?

Agora percebo. A razão por que ergue aquela fachada distante. Este acontecimento catastrófico que moldou a sua infância deixou-o num modo de autopreservação. Protegendo-se a todos os custos. Não o censuro nem um pouco.

— Acredita, eu senti tudo — diz o Ryder, com a voz rouca. — Senti tudo a toda a hora. E depois quis deixar de sentir. Estava na altura de seguir com a minha vida. Decidi frequentar a escola na Costa Leste e fugir do Arizona. Deixar tudo para trás: o meu pai na prisão, a minha mãe morta, aquelas horríveis casas de acolhimento. Ficou tudo para trás. — Ele dá uma gargalhada sombria. — Mas a única coisa que não posso deixar para trás é o meu nome.

— Sim. O teu nome — repito, acariciando-lhe o rosto, obrigando-o a olhar para mim. — O teu nome é o que fizeres dele. Estou certa de que haverá muitas pessoas por aí com o mesmo nome de um pai que era um monstro. Só tens de fazer algo melhor com esse nome. Ser melhor do que o monstro.

O olhar do Ryder encontra o meu.

— Eu não sou como ele.

— Não acho que sejas.

— Não, quer dizer, não é por isso que evito o nome. Não tenho medo de ficar como ele. Sei que não. — Fala com grande convicção. — Não acho que me vá passar e matar alguém. Conheço-me e sei do que sou capaz. É só a memória. A memória do sítio de merda onde cresci. Esta pessoa de merda a quem estarei sempre ligado, pelo menos, geneticamente. Quando ouço o meu nome, o passado volta a correr e a única coisa que quero é deixar tudo para trás.

— Não podes fugir do teu passado. Ele não desaparece só porque

deixas o Arizona e te mudas para a costa leste, onde as pessoas te conhecem como Ryder. Independentemente do que faças, esse passado continua lá. É de onde vens.

— Eu sei. — Ele morde o lábio.

— E, sempre que te lembrares dele, em vez de te fechares, de o enterrares, de afastares os outros... a única coisa que tens de fazer é isto. — Acaricio-lhe o queixo com ambos os polegares. — Basta seres aberto e honesto comigo e eu farei os possíveis para te ajudar.

— Vou tentar — diz ele, com a voz rouca.

— E, sinceramente, se odeias mesmo o teu nome, podes sempre mudá-lo. Mas ambos sabemos que não é do nome que estás a fugir. Estás a fugir da vergonha.

Os seus olhos parecem molhados outra vez. Curvo-me e beijo-o. Uma suave carícia contra os seus lábios, que sinto tremer sob os meus.

— Não precisas de sentir vergonha — sussurro.

O Ryder fica em silêncio durante um longo momento.

— Ele está elegível para sair em liberdade condicional.

Sobressalto-me com o choque.

— O quê?!

— Por isso é que estava de mau humor no outro dia. Tinha acabado de falar ao telefone com o advogado de Phoenix. Eu disse-te que ele interpôs recurso, certo? Bem, foi um acordo do caraças. Elegível para liberdade condicional quinze anos depois. Não acharam que ele fosse um perigo para a sociedade. Tratou-se apenas de um crime passional que dificilmente se repetirá. — O Ryder ri-se amargamente. — Até ele se meter noutra relação e decidir também rebentar-lhe os miolos.

Estremeço.

— Ele não pode realmente sair em liberdade, pois não?

— O procurador diz que é improvável. Mas ele quer que eu vá testemunhar na audiência. Disse que a minha declaração ajudaria a mantê-lo atrás das grades.

— E vais?

— Não. Nunca mais quero ver a cara dele.

Não o censuro.

— Enfim. — Desta vez, é ele que me beija, mais um leve toque dos nossos lábios. — Desculpa ter sido bruto contigo no outro dia e afastar-te. Obrigado por me ouvires.

— Obrigada por falares comigo.

Há outro longo silêncio. Depois, o Ryder apanha-me novamente de surpresa.

— Percebo perfeitamente se quiseses, hum, sei lá, estar com o Case.

Pestanejo.

— De onde é que isso veio?

— Estava só a pensar. O Colson é boa pessoa. E tenho a certeza de que não terá tanta bagagem como eu.

— Sabes, há uns meses terias comido vidro antes de admitires que ele é boa pessoa.

— Eu sei, mas... é. É um tipo decente. — O Ryder suspira. — Ainda queres estar com ele?

Nem vacilo.

— Não.

— Amava-lo?

— Amava. Mas também tenho pensado nisso. E, quanto mais o faço, mais me apercebo de que não me senti devastada quando ele me traiu.

— Não? Porque não me parece que tenhas ficado muito contente com isso.

— Bem, não, não fiquei contente. E, sim, fiquei aborrecida. Chorei. Muito. Mas não me destruiu, sabes? Sinto que devia tê-lo feito. Sinto que, se o amasse verdadeiramente e quisesse estar com ele, casar, ter filhos, construir uma vida... esse tipo de traição teria acabado comigo. E não o fez, o que significa que, talvez, não fosse tão certo como os dois pensávamos que era. — Encosto o queixo ao ombro do Ryder, pensativa. — Além disso, se ele não me tivesse traído, tu e eu não estaríamos aqui agora. Então, de certa forma, ele...

Conduziu-me a ti.

Não sou capaz de dizê-lo, porque tenho medo de que possa levar-me a dizer outras coisas, e não voltarei a dizer a alguém que o amo. Da última vez que o fiz, o tipo assustou-se e fugiu.

— Porque é que estás a falar do Case? — pergunto, erguendo a cabeça. — Sentes-te inseguro?

— Não. Eu... acho que só preciso de saber que queres estar comigo.

— Eu quero estar contigo.

Sorrindo, ele puxa-nos para trás, de forma a ficarmos deitados no sofá de frente um para o outro. Os seus dedos acariciam-me o rosto, brincam com o meu cabelo. Adoro como ele sente que tem de estar sempre a tocar-me, embora tente parecer descontraído em relação a isso. Indiferente.

A minha mão percorre-lhe o peito e consigo senti-lo a tremer. Pouso a mão sobre o seu peitoral esquerdo, pressionando-a contra o seu coração e, imediatamente, este começa a bater mais depressa.

— Também te sentes assim, não sentes? — Ele olha-me nos olhos. Do seu azul-escuro e infinito.

— Sim. Sinto.

CAPÍTULO 40

GIGI

Há qualquer coisa diferente em ti

O evento para a angariação de fundos do departamento de hóquei realiza-se na próxima semana, num sábado à noite em que nenhuma das nossas equipas tem jogo. Apareço com a Whitney e a Camila, envergando um vestido que comprei com a Diana este fim de semana. É prateado claro, até aos pés, e tem um grande decote em V, o que me deixa ligeiramente desconfortável, porque não tenho por hábito mostrar as meninas. Sinto que não são suficientemente grandes para deslumbrar. Mas a Diana disse-me que não me faria mal ser um pouco ousada. Portanto, estendi a ousadia ao meu cabelo, deixando-o solto com ondas largas e, na maquilhagem, optando por um olho esfumado.

Ouçõ um assobio baixo quando nos aproximamos da entrada em arco do salão de baile. O evento realiza-se num pequeno centro de congressos em Boston.

Viro-me, à espera de ver o Ryder, mas vejo o Case. Depois, recordo-me de que eu e o Ryder ainda não assumimos a nossa relação publicamente. Nem sequer pudemos vir juntos a este baile de solidariedade.

— Meu Deus. Estás incrível, linda.

Quero dizer-lhe para não me chamar linda, mas a Cami e a Whitney estão aqui e não quero tornar as coisas esquisitas. Portanto, deixo passar.

— Obrigada. Também estás bonito. — Está mesmo. Veste um fato preto feito à medida, o cabelo louro penteado na perfeição e a barba feita enfatizando o seu ar de menino bonito.

Exibe o seu sorriso familiar, mas já não sinto uma agitação no peito. A minha pulsação não acelera. Todos os sentimentos românticos que nutria por ele desapareceram completamente.

Estou totalmente investida no Luke Ryder, de entre todas as pessoas.

Quem diria?

— Permite-me que a acompanhe até ao interior, minha senhora?
— O Case estende o braço.

Aceito o seu braço e espero que não note a minha relutância. Espero também que o Ryder ainda não tenha chegado e, se sim, que não me veja a entrar de braço dado com o Case.

— Encontramo-nos lá dentro — digo às minhas amigas.

Assim que entramos no apinhado salão de baile, a nossa conversa é momentaneamente abafada pelo som da orquestra de oito elementos. Estão a tocar uma versão clássica de uma música *pop* conhecida.

O Case fala-me ao ouvido, por isso, consigo ouvi-lo.

— Parece que não falo contigo há anos.

— Pois, tenho andado ocupada. Sabes como é o mês de dezembro. Exames finais, preparação das férias.

— E como estás, além disso?

— Bem.

Ele perscruta o meu rosto.

— Bem — repete.

— Preferias que dissesse *mal*? — Rio-me.

— De certa forma — admite. — Quero que me digas que tens andado tão miserável como eu. — Ele morde o lábio, visivelmente infeliz. — Mas tu pareces estar mesmo bem. Há qualquer coisa diferente em ti.

— Diferente como?

— Não sei. Estás tipo... radiante. Estás grávida?

Sai-me uma gargalhada. Depois, como se quisesse provar que não estou, pego num copo de champanhe de um tabuleiro próximo.

— É claro que não — digo, dando um gole.

Ele ri-se também, mas parece aliviado. Quase como se acreditasse realmente que a razão de eu estar radiante pudesse ser uma gravidez.

— Estou só feliz — acrescento. — A nossa época está a ser inacreditável. Estamos a um passo de ganhar a nossa conferência.

O Case suspira.

— Gostava de poder dizer o mesmo.

Aquelas derrotas iniciais não ajudaram nada e, nas últimas semanas, enfrentaram alguns adversários de peso. Neste momento, estão atrás da UConn na conferência. A UConn tem estado a jogar muito bem e não está interessada em abdicar dessa vantagem.

— Terão a vossa oportunidade — asseguro-o. As equipas que não vencem a conferência podem receber uma proposta do comité de seleção, que escolhe dez equipas para avançarem para a pós-época. Acho impossível a Briar não conseguir.

A minha visão periférica capta um movimento rápido. Viro a cabeça no momento em que o Ryder, o Shane e o Beckett passam por nós, de fato e com uma grande pinta. Acenam com a cabeça em jeito

de cumprimento e dirigem-se ao bar aberto.

— Tens aquela fotografia de revista de ti e do Ryder emoldurada no teu quarto? — provoco.

Aquela infame fotografia do Ryder com os braços no ar e o Case lançando-se para ele num abraço surpreendido chegou a sair na *Sports Illustrated* ao lado de um artigo de três páginas sobre hóquei universitário.

— O meu pai tem. — O Case ri-se. — Comprou um monte de revistas e distribuiu-as por toda a gente da cidade.

— Se te faz sentir melhor, o meu pai também comprou uma.

A expressão do Case ilumina-se.

— Na verdade, faz. Tenho saudades dele.

— Sim. Eu sei.

As separações são complicadas. E sinto-me triste por ele já não fazer parte da nossa família. Ele encaixava bem. Os meus pais adoravam-no. O Wyatt achava que ele era o máximo. Mas já não estamos juntos e, um dia, será o Ryder a estar nos eventos da minha família. Pelo menos, assim o espero.

Porém, isso significa que teremos de contar ao Case sobre nós, e eu continuo a adiar. Não estou a iludi-lo. Deixei claro que a nossa relação acabou. Não lhe mando mensagens. Não namoro. Quando muito, é o Case que está a iludir-se, recusando-se a admitir que acabou.

Ainda assim, sei que podia facilitar-lhe a vida, aproximá-lo da aceitação dizendo-lhe que estou com outra pessoa. Mas a ideia de magoá-lo é tão perturbadora.

O meu telemóvel vibra na minha bolsa de lantejoulas prateadas. Tiro-o e bebo um gole de champanhe enquanto leio a mensagem.

RYDER:

Quero tanto foder-te neste momento. Esse vestido é fogo.

Tusso com alarido.

O Case fica preocupado.

— Estás bem?

— Sim. Desculpa. — Tusso novamente. — Foi para o sítio errado.

Sei que o Ryder está a ver-me, por isso, faço um gesto exagerado, mostrando que volto a guardar o telemóvel na bolsa. Recuso-me a permitir brincadeiras exibicionistas esta noite, por muito que me saibam bem. Este evento não é o lugar para isso. Não com o Case aqui.

— Gigi — diz ele, baixinho, e eu sei que vai falar da nossa separação.

Felizmente, somos interrompidos por mais pessoas que, desta vez, não se limitam a passar ao lado. O Trager, o Will e outros juntam-se a nós. Depois, a Cami arrasta-me para irmos ver o que o nosso comité

consegui para o leilão silencioso.

O meu pai esmerou-se este ano. O seu contributo foi um almoço privado com ele, o feliz licitante, e... a Stanley Cup. Juro, quando o Garrett Graham pede um favor, as pessoas do mundo do hóquei fazem tudo para o conceder.

Já bebi três copos de champanhe quando a minha bexiga atinge o limite. Não estou bêbeda, no entanto. Só levemente tocada e a desfrutar desta festa muito mais do que imaginava. Talvez porque o Ryder está de fato e eu tenha estado toda a noite a comê-lo secretamente com os olhos.

Saio da casa de banho das mulheres ao mesmo tempo que o Jordan Trager cambaleia da dos homens. Ao contrário de mim, ele *está* bêbedo. Visivelmente.

Estou a ver que alguém tem estado a aproveitar o bar aberto. Não sei quem teve a ideia de oferecer bebidas alcoólicas a um grupo de universitários. Da próxima vez, deviam ter um bar a pagar. Para manterem tipos como o Trager sob controlo.

Ele sorri-me e põe-me o braço à volta dos ombros.

— Porra, G, estás mesmo bonita hoje. Esse vestido.

— Obrigada.

Encaminhamo-nos pelo corredor em direção às portas do salão.

— Quando é que acabas com o sofrimento do meu amigo Case?

Sustenho um suspiro.

— Vá lá. Estamos numa festa, Jordan. Não vamos entrar em cenas profundas.

— Estou só a dizer, vocês são perfeitos um para o outro.

— Pois, bom, as coisas acontecem. E, por vezes, as relações acabam.

— Ele ainda te ama.

Sentindo o coração apertado, finalmente liberto o suspiro.

— Podemos não falar sobre isto?

Mas o Trager não está a ouvir.

— Ele não pagou já pelo que fez? Tipo, fogo. Uma miúda qualquer fez-lhe um broche numa festa. Não é como se tivesse ido para a cama com ela.

As suas palavras são como um balde de água fria na cara.

Um broche?

Hum.

É a primeira vez que estou a ouvir isto.

Quero saber mais, mas não quero que o Trager pense que fez algo de errado e se feche em copas. Por isso, embora todos os músculos do meu corpo estejam a querer contrair-se, obrigo-os a relaxar e ajo como se soubesse.

— Não sei, talvez tenha feito sexo com ela — digo, inclinando a

cabeca em jeito de gozo. — Os homens estão sempre a tentar minimizar a importância das coisas.

Como quando o Case me disse que apenas se beijaram e agora estou a descobrir que uma miúda qualquer lhe fez um broche.

Ele mentiu-me.

O fio de raiva que me atravessa não tem nada que ver com ego, com o facto de o Case se ter enrolado com outra rapariga. Há uns tempos, talvez tivesse. Mas, agora, a traição que sinto só tem que ver com a mentira. Ele *mentiu-me*. Deu tanta importância à questão da honestidade quando falou comigo, fez aqueles olhos tristes e confessou que beijara outra pessoa.

E eu insisti com ele, caramba. Exigi saber se tinha acontecido mais alguma coisa. Ele olhou-me nos olhos e disse que não.

E eu ainda estou a tentar proteger os seus sentimentos? A esconder a minha relação para o pobre do Case não se sentir mal consigo mesmo?

— O Case e eu acabámos — digo ao Trager, a minha voz saindo mais fria do que tencionava. — Vocês os dois terão de aceitar isso.

Abro as portas do salão. Enquanto atravesso o espaço, começa a tocar uma música que me é familiar. O momento é tão inesperado que me detenho por instantes, virando o olhar para a banda. Ouvir uma orquestra a tocar uma música *rock* da minha infância faz-me sentir algum aconchego.

Ao aconchego segue-se a irritação, porque adoraria dançar ao som desta música e não posso, pelo menos, não com o homem que quero.

Agora estou zangada. *Comigo* mesma. Zangada por não me ter permitido viver a minha vida. Durante todo este tempo, tentei poupar os sentimentos do Case e agora percebo o disparate que isso foi.

Não sou uma pessoa mesquinha; sinceramente, não penso demasiado sobre o que vou fazer a seguir. Estou só cansada. Cansada de ver o Ryder do outro lado da sala toda a noite e não poder falar com ele.

Cansada de ter de enviar mensagens dissimuladas sobre o quanto queremos pinar um com o outro.

Cansada de não poder dar-lhe a mão.

Cansada de não poder abraçá-lo, como na noite em que ele me protegeu do tarado do elevador. Devia tê-lo abraçado nessa altura, mas não o fiz. Tudo porque estava a tentar respeitar os sentimentos do meu ex-namorado.

O meu olhar vagueia até ao grupo do Ryder. Estão a fazer um grande alarido por causa de qualquer coisa que o Shane acabou de dizer. Bem, o Beckett, o Case e o David estão a fazer um grande alarido. O Ryder, naturalmente, está a rir-se baixinho, porque não é pessoa de dar nas vistas. Não, tem demasiado estilo para isso.

Portanto, não, não quero mesmo ser mesquinha, mas esta música é linda e vê-lo tira-me o fôlego. As minhas pernas, por vontade própria, conduzem-me ao grupo.

— Oi — interrompo, tocando no braço do Ryder. — Vem dançar comigo.

CAPÍTULO 41

RYDER

Cem por cento

Bem. Não estava à espera disto.

A Gigi passou meses a esconder-me do mundo e agora convida-me para dançar à frente dos nossos colegas de equipa?

Por momentos, fico atordoado e sem palavras.

Depois, encolho os ombros e digo:

— Está bem...?

Mantenho a expressão fechada e dou uma resposta vaga, porque não sei como devo reagir. Se devo encará-lo como uma amiga que convida um amigo para dançar. Ou uma colega que convida um colega.

Ou a minha namorada convidando o seu namorado.

O Case semicerra os olhos quando a Gigi me pega na mão.

Ela puxa-me e eu sigo-a instintivamente. Estou tão louco por esta mulher que não a seguir nem sequer é uma opção.

Quando chegamos à pista de dança, inclino-me para o seu ouvido.

— Eu não danço, amor.

— Não te preocupes. — Ela pousa-me uma mão no ombro e outra sobre a minha.

A Gigi olha para mim com o sorriso mais bonito do mundo e eu fico estupefacto novamente, porque ela é tão linda que eu nem sei agir perante o seu sorriso.

— Põe a mão na minha cintura — diz ela, e eu obedeço.

Ela aproxima-se, encaixando a cabeça sob o meu queixo. Sinto o cheiro a flores do seu champô. Respirá-lo deixa-me alucinado.

— O que é que se passa? — pergunto, tentando concentrar-me em questões mais prementes do que na sua fragrância e no bem que me sabe tê-la nos braços.

— Estou só a dançar com o meu namorado — responde.

Nem sequer quero olhar na direção dos nossos amigos. Consigo sentir os seus olhos fixos em nós. Imagino que a sensação de

formigueiro na pele seja cortesia do Colson.

— Isto é algum tipo de jogada?

— Não.

Dançamos ao ritmo lento da orquestra. Reconheço a balada de *rock* clássico.

A Gigi inclina a cabeça para trás para olhar para mim.

— Esta foi a canção que tocou no casamento dos meus pais.

Fico sobressaltado.

— A sério?

— Sim. A sua primeira dança foi ao som desta canção. — Ela humedece os lábios, corando antes de desviar o olhar. — Ouvi-a agora e... sei lá. Apeteceu-me dançá-la contigo.

Isto provoca qualquer coisa no meu coração. Não sei o quê. Não compreendo metade das emoções que ela desencadeia em mim. O que quer que isto seja, faz-me sentir bem.

Continuamos a baloiçar-nos, dando uma pequena voltinha, durante a qual vislumbro o cabelo louro do Colson e o seu olhar desconfiado.

— O Case vai fazer perguntas — aviso.

— Não quero saber. Esta noite, apercebi-me de que não posso viver a minha vida preocupada com o que ele possa sentir.

Ela tem razão.

Mas ao mesmo tempo não, porque ele é o meu cocapitão e eu *estou* preocupado com o que ele possa sentir. Somos amigos há pouco tempo. Quando eu e a Gigi damos mais uma volta e os nossos olhares se cruzam, lamento a perda dessa amizade. Consigo sentir a rendição que me atravessa o rosto. A derrota. Porque não consigo continuar a esconder o que sinto por esta mulher. E ele sabe-o.

Os seus olhos azuis escurecem. Subitamente, afasta-se do grupo e encaminha-se para a pista de dança. Estou à espera de que nos confronte, mas a única coisa que faz quando chega ao pé de nós é sussurrar «Que se foda esta merda», para depois abandonar o salão de baile.

A música muda para um ritmo mais acelerado, como se os violinos e violoncelos também sentissem a urgência da situação.

— Merda. Tenho de ir falar com ele — comunico à Gigi.

Ela morde o lábio.

— Eu sei.

— Ele é meu companheiro de equipa.

— Já percebi. — Ela tira a mão do meu ombro e puxa-me para fora da pista de dança. — Anda.

Alcançamo-lo no posto dos arrumadores. O Case vira-se quando nos aproximamos, lançando-nos um olhar furioso.

— Case... — começa por dizer a Gigi.

— Vão-se foder, vocês os dois — interrompe. O seu rosto está

vermelho de raiva.

— Então — diz ela, bruscamente. — Vá lá.

— Há quanto tempo é que isto dura? — Ele gesticula furiosamente entre nós até o seu olhar se fixar em mim, queimando de acusação. — Há quanto tempo finges ser meu amiguinho enquanto andas atrás da minha ex?

— Não foi isso que aconteceu — digo, baixinho.

— Quando é que começou? — pergunta ele.

Olho para a Gigi. Não sei como está a planear fazer isto. Se vai mentir ou não. Irei apoiá-la, seja como for.

Mas ela escolhe ser honesta.

— Setembro — diz. — Depois do meu jogo amigável.

O Case retrai-se.

— Há tanto tempo?

Ela assente.

Fico momentaneamente sem palavras porque não acredito que já passaram três meses. Parece que a conheci ontem e que a conheço desde sempre.

O Case está com ar de quem quer bater-me. Sei-o, porque cola os braços ao corpo, cerrando os punhos, fazendo os possíveis para controlar a violência em ebulição sob a superfície.

— Seu cabrão — cospe. — Avisaste-me de que eras um otário. Devia ter acreditado em ti.

Engulo um suspiro.

— Há três meses mal te conhecia, meu. Não éramos amigos.

— Pois, mas ficámos.

— A culpa é minha — intervém a Gigi. — Eu disse ao Ryder para não dizer nada, está bem?

O seu olhar incrédulo vira-se para ela.

— Não acredito nisto. Ele é meu colega de equipa, Gigi.

A mágoa paira nos seus olhos cinzentos.

— Eu não planeei isto. Simplesmente aconteceu.

— Podias tê-lo impedido. Dado um passo atrás.

— Porque haveria de dar um passo atrás? Tu e eu já não estamos juntos. — Ela parece frustrada. — Deixei-o mais do que claro sempre que falámos. Não te dei esperanças.

— Eu sei, mas consideraste sequer mostrar o mínimo de respeito não indo para a cama com o meu companheiro de equipa?

— *Respeito?* Estás a gozar comigo?

Ela lança-se para a frente e, como sei que é forte, prontamente, ponho-lhe uma mão no ombro. Calma aí, sócia.

— Traíste-me e depois mentiste!

O arrumador escolhe esse momento para se aproximar com as chaves do Case. Assim que percebe o confronto que está a decorrer,

afasta-se prudentemente, tentando tornar-se invisível.

— Eu não menti. Confessei tudo no dia a seguir.

— Disseste-me que tinhas curtido com ela, quando, na verdade, ela te fez um broche.

Oh, Colson. Seu idiota monumental.

O Case fica paralisado.

— Isso não é...

— Não é o quê? Não é verdade? — A Gigi passa-se. — Consegues olhar-me nos olhos e dizer-me que não é verdade?

Vejo as engrenagens a girar na cabeça do Case enquanto calcula a sua jogada. Se deve confessar e admitir que mentiu (porque, fogo, é claro que mentiu) ou tentar manter a sua superioridade moral. Se escolher a primeira hipótese, volta a descer ao nosso nível, e ele sabe-o.

Por fim, demonstra ser inteligente.

— Sabia que jamais me perdoarias se achasses que tinha acontecido algo mais do que um beijo — diz, com a voz rouca.

— Tinhas mais hipóteses de ser perdoado se tivesses sido completamente honesto.

— Não é verdade. Tu achas que *beijar* outra pessoa é uma traição.

— Beijar outra pessoa é uma traição — defende ela. — E não vamos falar de respeito agora. Tu *desrespeitaste-me*. A única coisa que eu fiz foi tentar poupar os teus sentimentos não ostentando a minha relação com o teu colega de equipa. Talvez não tenha sido muito inteligente da minha parte, mas não sou perfeita. Ninguém é. Muito menos tu, com os teus broches secretos.

— Quem é que te contou? — resmunga o Case.

— Porquê? Para ires gritar com as pessoas? Nem penses. Assume a responsabilidade. Foste *tu* que erraste. *Tu* mentiste-me descaradamente.

— E *tu* disseste que ainda gostavas de mim e que querias ser minha amiga — riposta.

— E queria.

— Ai, sim, isto és tu a ser minha amiga? — A sua voz destila sarcasmo. Depois, volta a lançar-me um olhar furioso. — É, Ryder? Querias mesmo ser meu amigo?

Não respondo. Mas, sim, queria ser seu amigo. Gosto dele e sinto-me mal. Esta situação é uma merda.

— Bem, desculpem-me se não rejubilo com nenhuma das vossas amizades. — Vendo o arrumador encolhido, avança na sua direção e pega nas chaves.

Sem mais uma palavra, o Case mete-se no carro e arranca a grande velocidade.

Fico a olhar para o seu para-choques a afastar-se, depois olho para

a Gigi, com uma expressão seca.

— Então, *foi* uma jogada.

— Não era suposto. Quer dizer, é verdade que acabei de descobrir que ele me tinha mentido. Mas juro que te convidei para dançar por causa da canção.

— Agora vamos mentir um ao outro, Gisele? Porque o que mais gosto em nós é da honestidade. — Ergo uma sobrancelha. — Foi só por causa da canção?

Ela suspira.

— Noventa por cento foi por causa da canção. E dez por cento pela mulher despeitada.

Rio-me e pego-lhe na mão.

— Foda-se. Isto foi duro.

— Eu sei. — Ela olha para mim com um ar abatido. — E se saíssemos daqui?

Quando aceno que sim, ela faz sinal ao arrumador.

— Deixa-me ir lá dentro buscar o casaco. Ah, e preciso de ver se a Whitney e a Cami têm boleia para casa. Tens o talão do teu casaco?

Passo-lho para a mão.

Ela deixa-me na noite fresca de dezembro e respiro o ar frio, pensando em como será o treino na segunda-feira. Provavelmente, não será grande coisa.

Mas, quando a Gigi volta, não sei se me incomoda o facto de o Colson me odiar. Ela é um sonho molhado ambulante de saltos altos e decote pronunciado. Quero tanto despir-lhe aquele vestido.

— Na minha casa ou na tua? — digo, arrastando as palavras.

Ela pisca-me o olho ao reparar no meu olhar.

— A tua casa fica mais perto.

— Bem pensado.

*

Na manhã seguinte, viro-me e deparo com uma Gigi nua na minha cama. Os membros fortes estendidos nos meus lençóis. O cabelo escuro comprido espalhado sobre a almofada. A sua mão e antebraço aninhados sob o rosto sedoso enquanto ela dorme, respirando baixinho.

Não querendo acordá-la, saio do meu quarto em bicos de pés e vou fazer chichi e lavar os dentes. Estou a sair da casa de banho quando a porta do Beckett se abre.

Surpreende-me ver o Will Larsen sair do quarto só de boxers.

Com as sobrancelhas erguidas, olho para lá do seu ombro e vislumbro um Beckett nu e outra pessoa loura, igualmente nua, esparramada na cama do Beck.

O Will segue o meu olhar e fala numa voz baixa e envergonhada.

— Foi... uma noite e peras.

— Pois, parece que sim — digo, secamente.

Não é da minha conta, por isso, volto para o meu quarto, onde a Gigi começa a mexer-se.

Subo para a cama e dou-lhe um beijinho no nariz. Ela dá uma gargalhada sonolenta quando tento beijá-la nos lábios, afastando-se de mim.

— Beijos, não — protesta. — Acabaste de lavar os dentes. Eu ainda tenho hálito matinal.

— Está bem. Posso beijar-te noutros sítios. — Enterro a cabeça no seu pescoço e inspiro o seu cheiro doce e feminino. Faz-me correr o sangue. Tudo nela é estupidamente sexy. Quero-a a toda a hora.

— Quais são os teus planos para hoje? — pergunta, pondo-me de barriga para cima para poder aninhar-se ao meu lado.

— Estava a pensar passar o dia todo na cama contigo.

— Parece-me um excelente plano, mas tenho de ir à cidade. Fazer umas compras de Natal de última hora. Queres vir?

— Ora bolas. Queres que vá contigo às compras? Acabas comigo se eu disser que não?

Ela abafa um risinho.

— Não. Não tens de comprar presentes de Natal?

Penso no assunto.

— Não.

— Espera, costumás celebrar o Natal?

— Celebrava, quando era miúdo, e a maioria das casas de acolhimento em que vivi celebravam as festas. Mas acho que depende do ano e se tenho para onde ir. No ano passado passei o Natal com o Owen e a sua família em Phoenix.

— O que é que vais fazer este ano?

— Vou ficar aqui.

— Sozinho? — Ela fica horrorizada.

— Sim. O Shane convidou-me para ir a casa com ele e o Beckett vai duas semanas para a Austrália. Também me convidou. Mas não estou com vontade de aceitar nenhum dos convites.

Ela hesita por um momento.

— Que tal este convite: queres vir passar o Natal a minha casa?

— A tua casa — repito.

— Sim.

— Com os teus pais.

— Sim, é essa a definição de *a minha casa*.

— O teu pai estará lá?

— Ele vive lá, portanto, sim.

— O teu pai, o Garrett Graham.

— Olha, sabes que mais? Retiro o convite.

Sento-me na cama, pensando um pouco.

— Eles sabem que estamos juntos?

— Não, mas tenciono contar-lhes antes de te levar lá a casa. Se quiseres vir, claro. — A Gigi senta-se também, passando a mão pelo cabelo despenteado. — Para que conste, acho que devias. Terás uma semana inteira para o fazer gostar de ti... — Ela interrompe-se de forma sedutora. — Além de que a minha mãe é uma excelente cozinheira e ela e o meu irmão conseguem fazer harmonias em todas as canções de Natal alguma vez compostas, logo, a cantoria vale a pena. Ah, e esqueci-me da melhor parte: a Tareia de 26 de Dezembro.

— O que é isso? — pergunto, divertido.

Em vez de responder, ela levanta a bainha da t-shirt e despe-a.

A minha boca começa a salivar assim que as suas mamas ficam à mostra.

— O que é que está a acontecer? — pergunto, com a voz rouca.

— Estás pronto? Vou experimentar uma coisa.

— Já estou a gostar. — O meu olhar está colado aos seus mamilos eretos, que parecem pérolas.

— Tu gostas disto, certo? — pergunta, agarrando nas suas mamas perfeitas.

A minha pila estremece.

— Sim.

— Qual é o teu grau de tesão, em percentagem?

— Neste momento? — Estendo a mão e agarro na minha pila meio dura. — Quarenta por cento? — Calculo.

— OK, estás preparado? A Tareia de 26 de Dezembro. No TD Garden. Sessão privada no ringue. — Ela faz uma pausa para efeitos dramáticos. — Garrett Graham. — Outra pausa. — John Logan.

Engulo em seco.

Ela percebe a minha reação, esboçando um leve sorriso.

— Hunter Davenport.

A minha pila volta a estremecer.

— Jake Connelly.

— Oh, meu Deus, para — gemo. — Estás a dizer-me que passas o dia 26 de dezembro a patinar com esses tipos?

— Sim. É tradição. Os miúdos também jogam. Escolhemos os capitães. Chega a tornar-se intenso. — Ela olha para baixo. — Qual é a percentagem agora?

Aperto a pila, avaliando-a.

— Oitenta por cento.

Ela desata a rir. Depois, despe os calções minúsculos e as cuecas vermelho-vivo e põe-se em cima de mim, com as mamas a abanar.

— Espera um pouco. Esqueci-me da melhor parte. — Ela sorri. —

Gigi Graham.

— Cem por cento — rosno, levantando-lhe o rabo e guiando-a até à minha pila dura como pedra.

PAI

A tua mãe acabou de me
contar o que fizeste.

GIGI

Oh, meu Deus. És tão
dramático

PAI

Não podes namorar com
o Luke Ryder.
Não gosto disto, Stan

GIGI

Ótimo! Então, vais ficar
contente por saber que
ele vai passar o Natal
connosco

GIGI

Mal posso esperar para
estar contigo! 😊

CAPÍTULO 42

RYDER

Podes tratar-me por Sr. Graham

A casa da família Graham parece saída de um filme da Hallmark. É uma enorme casa de estilo colonial em tijolo, situada num bairro rico e afastada da rua arborizada, com uma garagem para quatro carros e colunas à entrada. Lá dentro, o *hall* é intimidante, mas assim que me aventuro para o interior, apercebo-me de que é bastante aconchegante. A mobília não é moderna nem estéril, mas acolhedora e vivida, e a decoração consiste sobretudo em fotografias de família e proezas emolduradas.

— Sempre viveste aqui? — pergunto, a seguir à visita guiada da Gigi.

É véspera de Natal e chegámos há cerca de uma hora. Estamos sozinhos em casa; os pais da Gigi foram comprar qualquer coisa e o Wyatt ainda não chegou. Segundo a Gigi, o voo dele só chega à tarde, proveniente de Nashville.

— Não, quando eu e o Wyatt nascemos, passámos os primeiros anos num prédio na baixa. Mas os meus pais queriam mais espaço. — Ela revira os olhos. — A casa que eles escolheram talvez seja um exagero para uma família de quatro pessoas. Quinhentos metros quadrados, oito quartos, quatro casas de banho. É um bocado intenso.

Ela conduz-me à cavernosa sala de estar, a que chama a sala grande. Detenho-me em frente à parede envidraçada com vista para o jardim, admirando o manto branco e os fios de geada agarrados aos esqueletos das árvores. Começou a nevar ontem à noite e a Gigi ficou radiante, delirando sobre o quanto gosta de Natais brancos.

Um nariz molhado toca-me na mão. Olho para baixo e sorrio ao *Dumpy*, o labrador amarelado. Os cães seguem-nos desde que chegámos.

— Eles gostam mesmo de ti — observa a Gigi.

— Porque é que estás tão admirada?

— Com o teu comportamento irascível? Seria mais provável

assustares os animais, fazendo-os fugir aterrorizados.

Baixo-me para fazer festinhas atrás das orelhas do *Dumpy*.

— Ná. Nós entendemo-nos. — Olho para o *Bergeron*. — Não é?

O *husky* inclina a cabeça, escutando atentamente.

— Tens a certeza de que é na boa ficares no quarto de hóspedes? — pergunta a Gigi. — Foi a única maneira de o meu pai deixar que cá ficasses.

Apetece-me perguntar se o Case ficava no quarto de hóspedes quando vinha de visita, mas não quero que pareça que estou a queixar-me do sítio onde vou dormir. Na verdade, não poria um pé no quarto da Gigi mesmo que os seus pais desenrolassem um tapete vermelho à sua frente. Não tenho desejos suicidas.

Como se me lesse o pensamento, ela diz:

— Sim, o Case ficou sempre no quarto de hóspedes. Mas, se te portares bem, deixo-te entrar no meu quarto depois de todos adormecerem.

— Nem pensar.

— A sério?

— A sério. Não quero ser assassinado pelo Garrett Graham.

No entanto, julgando pela cara que faz quando ele e a mulher chegam a casa, ser assassinado parece-me uma opção provável, independentemente de onde irei dormir.

— Sr. Ryder — diz ele, friamente.

— Por favor, não o trates por senhor — ordena a Gigi, revirando os olhos ao pai.

A Sra. Graham é muito mais amistosa.

— Bem-vindo, Luke. Fico contente por passares o Natal connosco.

Ela esboça um sorriso que faz brilhar os seus olhos verde-floresta. E, como não quero corrigi-la por me chamar Luke, suponho que serei Luke este fim de semana, quer queira, quer não. Porque jamais irei fazer algo que aliene os Grahams.

— Obrigado por me receberem, Sra. Graham.

— Oh, trata-me por Hannah, por favor — insiste.

O marido esboça um sorriso enganosamente agradável.

— E a mim podes tratar-me por Sr. Graham.

Então é assim que vai ser.

— Precisam de ajuda para preparar o jantar? — pergunto, porque está oficialmente na hora de começar a parte constrangedora do dia.

A primeira vez que passamos férias com outras pessoas é sempre assim. Passei pelo mesmo com a família do Owen, a família do Lindley e a do Beck. Estamos ali, não fazemos propriamente parte, mas fingimos fazer. É bastante desagradável.

Sempre me perguntei como seria pertencer algures.

A Hannah esforça-se para me incluir. Quando me ofereço para

ajudar, põe-me a trabalhar cortando vegetais e descascando batatas para o jantar, enquanto a Gigi e o pai veem futebol americano na sala grande.

— Sabes que podes ir ver o jogo com eles, certo?

Fico pálido.

— Oh, céus, por favor, não me mande para lá. — Estou só meio a brincar.

Ela ri-se.

— Calma, ele não é assim tão assustador.

— Preciso que pense em quão assustador acha que ele é e que multiplique por cinco milhões. — Pego noutra batata para descascar. — Ele também é protetor do irmão da Gigi ou só da Gigi?

— Oh, acredita, o Wyatt não está isento. Há uma razão para ele nunca trazer raparigas cá a casa. Fê-lo uma vez, quando tinha 19 anos. A pobre da rapariga passou o fim de semana a ser interrogada pelo meu marido e, quando voltou para Nashville, nunca mais falou com o Wyatt. Na manhã em que se foi embora, o Wyatt entrou no escritório do Garrett, disse «Nunca mais», e voltou a sair. Juro, aquele rapaz não vai apresentar-nos a mais ninguém a não ser que já esteja casado.

Rio-me.

— OK, então não sou o único a ser intimidado.

— Ele vai afeiçoar-se a ti, não te preocupes.

Permito-me sentir alguma esperança, mas, depois, o irmão da Gigi chega e, de repente, tenho dois tipos a olhar-me fixamente.

O Wyatt e a Gigi são gémeos e, embora consiga ver as parecenças, há mais diferenças do que semelhanças. O cabelo dele é mais ondulado e um tom de castanho mais claro. Tem olhos verdes, como a mãe, enquanto os da Gigi são cinzentos. A Gigi é baixa. O Wyatt, não. Eu tenho um metro e noventa e cinco, e ele e eu somos quase da mesma altura. Ele tem mesmo pinta de músico, com calças de ganga rasgadas, uma faixa de couro num pulso e várias pulseiras no outro. Não estou em posição de julgar as pulseiras, uma vez que uso o mesmo fio à volta do pulso desde os 16 anos. Por alguma razão, esta porcaria nunca saiu. Eu e o Owen achámos que as pulseiras iriam desfiar-se e cair em poucos meses, porém, cinco anos depois, continuam no mesmo sítio. Acho que isso diz algo sobre a nossa ligação.

O jantar está delicioso, tal como a Gigi prometera. Eu não falo muito, apesar dos seus olhares de encorajamento. A única altura em que a conversa fica animada é quando falamos sobre o desempenho do meu colega de equipa Austin Pope no dia anterior, no Mundial de Sub-20. Por um glorioso instante, o Garrett Graham reconhece a minha existência.

— Ele patina assim tão bem, ou foi sorte? — pergunta o Garrett. —

Não me lembro de o ver atingir aquela velocidade nos vídeos.

— Ele é mesmo muito bom — confirmo. — A velocidade é enganadora. Ele consegue fazer parecer que é mais lento, que anda só por ali, e, de repente, muda o *chip* e nós ficamos, tipo: *O que é que se passou aqui?*

Bebo um gole de água e pouso o copo.

— Se não se opuser a escolher alunos do primeiro ano para o seu programa do Reis do Hóquei, o Pope seria uma excelente escolha — digo ao Garrett, hesitante, pois não quero que pense que estou a mencionar o assunto por motivos egoístas. Na verdade, já desisti de ser selecionado como treinador.

— Ah, sim? — Ele parece cético. Como esperava, olha para mim como se eu estivesse a enganá-lo.

— Sem dúvida. Ele é bastante jovem, mas é bom rapaz. Tem a paciência de um santo. Costuma ficar sempre até mais tarde no ringue para ajudar os colegas a melhorar o seu jogo. Seria uma mais-valia para qualquer programa.

O Garrett acena com a cabeça, a desconfiança abandonando a sua expressão.

— Bem, só tentamos evitar os alunos do primeiro ano porque têm quase a mesma idade que alguns dos rapazes do programa. Mas irei considerá-lo quando chegar a altura. Obrigada.

Estou convencido de que fizemos progressos quando a Gigi me pega na mão. Instintivamente, entrelaço os meus dedos nos seus e o pai dela percebe o gesto. O Garrett volta a ficar irritado, como se, subitamente, se lembrasse de que namoro com a sua filha e não sou só um bacano com quem está a discutir o Mundial de Sub-20.

Provavelmente, o entrelaçar dos dedos foi um gesto estúpido da minha parte, mas não posso fingir que ela não é minha namorada, por isso, deixo-a apertar-me a mão. Reparo na Hannah a observar-nos com uma expressão indecifrável.

— Pronto, sabem como é. Eu cozinheiro, vocês limpam — diz a Hannah, depois de devorarmos a refeição. — Vou servir-me de um copo de vinho e acender a lareira.

A Gigi precisa de ir à casa de banho, portanto, fico na cozinha a arrumar a louça com o seu pai e irmão, ambos olhando-me como se eu fosse um terrorista internacional que, sem se saber como, foi parar à sua casa.

Depois de um longo silêncio, o Wyatt cruza os braços e diz:

— O que é que queres da minha irmã?

— Wyatt — diz o Garrett.

O gémeo da Gigi olha de relance para o pai.

— Não, eu trato disto. Digo-te para intervires se precisar de ti. — Os seus olhos verdes voltam a encarar-me. — Então?

Disfarço um suspiro.

— Estamos juntos. Não sei bem o que queres que diga.

— Juntos — repete. — O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que estamos juntos.

— Vou intervir — diz o Garrett, cruzando também os braços. — Que futuro vês para a vossa relação?

Todo.

Mas não quero dizer isso. Não estou habituado a falar dos meus sentimentos em geral, muito menos com dois homens que mal conheço.

— Não sei bem como responder. Estamos juntos há algum tempo. Está a correr bem. — Obrigo-me a olhá-los nos olhos. — Considero-a uma relação séria.

O Wyatt semicerra os olhos.

— Eu pesquisei sobre ti. Tu agrediste alguém no Mundial de Sub-20.

Aceno com a cabeça.

— Sim, é verdade.

— Tens dificuldade em controlar a raiva? É isso que se passa?

— Wyatt — repreende o Garrett, erguendo uma sobrancelha. — Embora esteja curioso em relação a esse incidente em particular.

— Pessoal, parem lá com o interrogatório. — A Gigi aparece, a irritação ensombrando-lhe o rosto. — Já chega. Não és obrigado a responder a nenhuma das perguntas deles, Ryder. De facto, o Ryder ajudou a mãe a cozinhar, por isso, não tem de limpar. Está dispensado. — Ela aponta-lhes um dedo. — Limpem vocês os dois. Nós vamos para ao pé da mãe, que é uma pessoa normal.

Depois, arrasta-me para fora da cozinha.

— Fogo. Obrigado — murmuro, quando nos afastamos.

— Desculpa. Eles podem ser um bocadinho protetores demais.

— Um bocadinho?

— Não estás contente por teres ido comigo às compras? É sempre bom ter algum tipo de suborno na manga.

Tecnicamente, foi ela que escolheu todos os presentes, pois não conheço a sua família o suficiente para fugir a prendas genéricas. No entanto, os meus presentes parecem ser um sucesso, especialmente a partitura que comprei para o Wyatt, que vem numa caixa de metal estilosa. Ele agradece-me com relutância, parecendo satisfeito.

— Então, se vocês fazem a ceia e abrem os presentes na véspera de Natal, o que é que fazem amanhã? — pergunto aos Grahams. Estamos na sala, com as luzinhas cintilantes da árvore desenhando sombras nas paredes. Naturalmente, têm uma série de ornamentos lamechas e antigos, pequenos moldes de gesso dos pés da Gigi e do Wyatt quando eram bebés. Devia achar enojativo, mas não me faz confusão.

— Preguiçamos. — Por momentos, é como se o Wyatt se esquecesse de que há uma raposa no seu galinheiro, respondendo-me como se eu fosse uma pessoa normal e não alguém que está a tentar roubar-lhe a irmã. — Comemos os restos da ceia. Abrimos as caixas de bolachas de Natal da avó.

— Talvez possamos ir patinar no lago ao fundo da rua — diz a Gigi. — Quero ver quem marca mais golos... — Ela agita um dedo entre mim e o Wyatt.

Ele franze-lhe o sobrolho.

— Por favor, não me obrigues a jogar hóquei.

— Tu jogas *bem*. — Parece exasperada.

— Pois. Fazes ideia de como é cansativo ser bom numa coisa que não queremos fazer?

O Garrett abafa um risinho.

— Seu sacaninha mal-agradecido. Dei-te todo o meu talento e o que é que fazes com ele? Cantas musiquinhas.

— Então, esse é o meu talento — diz a Hannah.

Ele fica imediatamente envergonhado.

— Desculpa, Wellsy. O teu talento é muito melhor do que o meu. Sem dúvida alguma.

Acho que está a ser sincero. E o amor puro no seu olhar quase me faz sentir um *voyeur*. Nunca vi os meus pais olharem assim um para o outro. Nunca vi *ninguém* olhar assim para outra pessoa.

Pergunto-me o que as outras pessoas verão quando olho para a Gigi.

Finalmente, vamos todos para a cama. Acompanho-a até à porta do quarto, onde ela se põe em bicos de pés e sussurra:

— Vens cá ter quando estiverem todos a dormir?

— Nem pensar.

— Vá lá.

— Já te disse, não vou tocar-te enquanto estivermos em casa do teu pai. Esta situação já é precária o suficiente.

— E se enviarmos mensagens sexy um ao outro?

Abano a cabeça obstinadamente.

— E se eu e ele trocarmos de telemóvel sem querer?

— Porque é que isso haveria de acontecer? Vá lá, envia-me só uma foto da tua pila.

— Que obsessão é essa que tens por mim? — pergunto, arrastando as palavras. — É preciso o Jensen enviar-te o seu PowerPoint sobre o vício do sexo?

Dou-lhe um beijo de boa noite (na cara) e vou para o quarto de hóspedes. A cama é estupidamente confortável, mas, por alguma razão, não consigo adormecer. Ando às voltas durante um bocado, decidindo, por fim, atacar o armário das bebidas para tentar *forçar* o

sono. Um dos cães segue-me silenciosamente até à cozinha. O outro cão já está no andar de baixo, deitado no chão na sala de jantar adjacente, onde a Hannah está a embrulhar presentes.

Espreito lá para dentro.

— Pensei que já tivéssemos aberto os presentes — digo, com secura.

— Esta é a segunda parte da tradição. Fingimos que os presentes já estão despachados, mas, quando os miúdos acordam na manhã seguinte, encontram mais qualquer coisinha à sua espera na mesa da cozinha.

— É uma tradição simpática. — Encolho os ombros desajeitadamente. — Importa-se de que beba qualquer coisa? Algo mais forte do que água ou leite.

— Não consegues dormir?

— Pois. Devo estar a estranhar o sítio.

— Anda comigo. Sei o que vai ajudar.

Ela conduz-me pelo corredor até à salinha, que o Garrett deve usar também como escritório, porque tem uma secretária imponente e estantes cheias de prémios e fotografias. Há uma foto do Garrett a apertar a mão ao presidente, mas a minha total falta de interesse em política faz-me desviar o olhar para outra fotografia. Uma foto de grupo com cerca de duas dezenas de pessoas no cais de um lago.

A Hannah segue o meu olhar.

— Foi tirada na nossa viagem anual a Tahoe. O Garrett insiste sempre em tirar uma foto de grupo. Nunca ninguém está preparado e há sempre alguém que cai no lago. — Ela encolhe os ombros. — Logo verás no verão.

— Quem diz que vou lá estar?

— Vais, pois.

Ela serve dois copos de *whisky* e sentamo-nos em pontas opostas do sofá de couro castanho.

— Amas a minha filha.

A minha cabeça faz um movimento surpreendido na sua direção.

Ela beberica o seu *whisky*, parecendo divertida.

— Já percebeste isso, certo?

Engulo a minha bebida de um só trago.

— Ainda é... cedo.

— E então? Quando sabemos, sabemos. Não te preocupes, Luke, esta conversa pode ficar para outra altura. — Ela ri-se baixinho. — Dá tempo para que a tua cabeça acompanhe o teu coração.

CAPÍTULO 43

GIGI

Owen McKay

É bom ter o Ryder por cá nas festas. Não posso dizer que o Wyatt e o meu pai se tenham afeiçoado completamente a ele, mas a minha mãe sem dúvida que sim, e é adorável vê-los juntos. Passeiam os cães pela neve. Ele carrega-lhe as compras até casa. Ouve com atenção quando ela fala sobre o novo cantor que anda a produzir. São mesmo queridos.

Pergunto-me se sentirá falta de uma figura maternal. Perdeu a mãe quando tinha 6 anos e não pode ter sido fácil crescer sem ela. Ainda pior sabendo que as suas substitutas tenham sido uma série de mães de acolhimento que não estiveram presentes tempo suficiente para se importarem com ele.

Na nossa última noite de férias, passamos algum tempo sozinhos no meu quarto... com a porta aberta, porque o Ryder agora usa um cinto de castidade. Só consegui convencê-lo a fazer sexo comigo duas vezes esta semana, e isso depois de receber garantias suficientes de que a minha família estaria fora de casa bastante tempo. Precisava de duas horas antes e depois do tempo de fornicção. Ele é que usou estas palavras.

Namoro com uma pessoa maluca.

Agora, está deitado na minha cama a ler um livro que tirou do escritório do meu pai. Sei que o meu pai aprovou com relutância a escolha do livro. Está armado em teimoso e não quer admitir que ele e o Ryder possam ter coisas em comum, portanto, não fez comentários.

As minhas pernas estão estendidas sobre o colo do Ryder enquanto desenho uma t-shirt personalizada no meu MacBook. Amanhã é o aniversário do meu pai e já lhe comprei um presente, mas vou acrescentar outra coisa graças à sua atitude na Tareia de 26 de Dezembro. Nessa manhã, o Beau Di Laurentis e o AJ Connelly foram nomeados capitães de equipa e o meu pai ficou tão indignado por ter sido escolhido em quinto lugar que lançou um olhar furioso aos

adolescentes e rosou: «Estão a gozar comigo? Têm noção de que sou o Garrett Graham?»

— Achas que a frase «Sou o Garret Graham» devia ser em preto ou prateado? — pergunto, inclinando o portátil.

O Ryder olha para a imagem.

— Preto. — Depois ri-se do que estou a fazer.

O meu telemóvel volta a vibrar, como tem feito o dia todo. Tenho estado a responder a mensagens de amigos a perguntar o que faço esta noite. É véspera de Ano Novo, mas nós decidimos ficar em casa.

Verifico o ecrã. É a Diana, que vai passar o ano com o seu amante mais velho, o lorde Percival.

DIANA:

Adoro quão maduro ele é. Hoje à noite não me apetecia festas e ele achou na boa ficar em casa. Passagem de Ano = vinho, um filme e sexo adulto. Acho que estou a deixar-me seduzir pelos encantos de um homem mais velho...

EU:

Fico feliz por ti! Mas não percas a cabeça totalmente. Ainda é cedo.

Sou o mais delicada possível. Para dizer a verdade, sempre achei estranho um homem querer namorar com alguém muito mais novo. Reconheço que seis anos não é uma diferença de idades muito significativa, mas a Diana mencionou que o Percival já teve uma relação séria com outra mulher mais nova. Quando tinha 24 anos, namorou com uma miúda de 18. Acho nojento. Mas ele e a Diana são ambos adultos e, desde que ela seja feliz, vou guardar a minha opinião para mim.

Recebo uma nova mensagem, desta vez da minha prima:

ALEX TUCKER:

Como assim vais ficar em casa esta noite?? ESTÁS PROIBIDA. Vens a Manhattan.

Na sua última mensagem, mencionou que seria paga para aparecer numa nova discoteca em Manhattan hoje à noite.

EU:

À última hora? Nem pensar. É demasiado tarde para apanhar o comboio e todos os voos disponíveis custam milhentos dólares.

Ela desaparece durante um bocado e dou o assunto por encerrado.

Mas depois recebo outra mensagem.

ALEX:

O meu amigo vai enviar-te o seu jato.

Engasgo-me com uma gargalhada. Fogo. Achava que *eu* tinha amigos influentes. Enquanto isso, a Alex dá-se com proprietários de jatos privados.

EU:

Não posso.

ALEX:

Claro que podes. Anda lá, tenho saudades tuas. Vai ser divertido.

Pondero por um momento. Com um horário de treino tão rigoroso como o meu é raro poder ser impulsiva, e percebo que esta pode ser a minha última hipótese de perder um pouco a cabeça. Iremos voltar à escola, onde um novo semestre irá começar, a época irá retomar e os *play-offs* começarão em breve. Quando terei a oportunidade de voar num jato privado para Nova Iorque?

— Olha — digo ao Ryder. — Fomos convidados para uma festa de passagem de ano. Apetece-te?

Ele ergue o olhar do livro.

— Quem é que nos convidou? — pergunta, acariciando-me distraidamente o joelho.

— A minha prima Alex. Ela vai estar numa discoteca em Manhattan, para participar num daqueles eventos revoltantes em que as celebridades são pagas para mostrarem as suas belas caras.

— A Alex é a prima supermodelo?

Aceno em confirmação.

— Queres ir? Ela disse que pode mandar um avião vir buscar-nos.

O Ryder pestaneja. Depois, desata a rir.

— Oh, vai à merda.

— Eu sei. — Suspiro. — É a vida. Ela tem bons contactos. O meu tio Tucker acha o máximo.

Surge uma nova mensagem da Alex com um link do evento.

— Ah, eis os detalhes. — Abro o link e passo os olhos pelas informações. A atração principal é um DJ da moda e há uma lista de celebridades que devem aparecer. O nome no topo da lista provoca-me uma enorme gargalhada. — Meu. Adivinha quem vai lá estar.

— Quem?

— O Vizza Billity.

— O *rapper* com o pior nome de sempre?

— Já. Se a Mya não estivesse em Malta neste momento, vinha já connosco. — Continuo a olhar para os nomes. — Olha, está previsto o teu amigo Owen McKay marcar presença também.

Há alguns atletas na lista, mas o nome do McKay é o único que me salta à vista.

— Pronto, agora *temos* de ir — digo ao Ryder.

Ele muda de posição, parecendo desconfortável.

— Ou podemos ficar aqui. Como preferires.

Os seus olhos azuis fixam-se em mim.

— Tu queres ir, não queres?

— Mais ou menos.

— Então, vamos. — Ele ergue uma sobrancelha. — Mas não vou dançar.

— Vais, sim.

— E também vou fingir que não te conheço quando pedires o autógrafo do Vizza Billity.

— Tu é que perdes. Estava a pensar pedir-lhe que me assinasse as mamas.

O Ryder esboça um sorriso rasgado.

É assim que, mais tarde nessa noite, apanhamos um jato privado com destino a Manhattan. O interior do avião é todo branco, desde os assentos em pele às carpetes sumptuosas e à casa de banho espaçosa. Por muito que quera gozar com isto, é um bocado absurdo.

A Alex é a filha mais nova do tio Tucker e da tia Sabrina. Tem 20 anos, é um ano mais nova do que eu, e a irmã, uns anos mais velha, é advogada. É uma loucura tão grande saber que uma filha trabalha arduamente para tentar tornar-se sócia de uma empresa enquanto a outra vale cem milhões de dólares e viaja em jatos privados.

— Então, ela é demasiado rica e famosa para vir buscar-nos? — rosna o Ryder, fingindo indignação, quando pomos os pés na pista coberta de neve ao descer os degraus de metal. Foi apenas um voo de quarenta e cinco minutos e acabou demasiado rápido. Teria gostado de continuar a devorar a tábua de petiscos que o comissário de bordo serviu.

— Inaceitável — concordo.

Porém, a Alex enviou um carro: um elegante *Escalade* preto que nos leva ao coração da cidade. Felizmente, conseguimos evitar a Times Square, porque todas as ruas ao seu redor estão cortadas. Nunca irei compreender a sufocante multidão de corpos tremendo ao frio à espera da descida de uma estúpida bola.

O Ryder dá-me a mão no banco de trás, mas está visivelmente distraído. Sacou do telemóvel algumas vezes durante o voo para verificar o ecrã, como se estivesse à espera de uma mensagem. Mas,

quando lhe perguntei sobre isso, disse que estava a ver as horas.

A Alex disse-me que desse o nome à porta do evento. Há uma fila de, pelo menos, três quarteirões. Sinto-me uma cretina por passar à frente, recebendo olhares furiosos e revoltosos dos jovens que estão na fila interminável à espera para entrar na festa.

Lá dentro, o caos é total. Luzes estroboscópicas, o ambiente húmido de suor e perfume, e música eletrónica ensurdecadora. Mulheres seminuas e homens sequiosos atravessam-se constantemente no nosso caminho enquanto nos aventuramos mais para o interior da discoteca. Devo dizer que é bastante emocionante. Não há grande diversão noturna em Hastings e, normalmente, estou demasiado cansada dos treinos e jogos para ir até Boston durante a época.

Envio uma mensagem à Alex a dizer onde estamos e ela diz-me para irmos ter à zona VIP.

— Anda. Por aqui. — Puxo o Ryder pela mão.

Vejo-o a olhar para as pessoas à nossa volta, um pouco inquieto. Alguma coisa se passa com ele, mas atribuo-o ao facto de ser antissocial, porque, bem, ele é antissocial.

Conforme abrimos caminho pelo piso principal a abarrotar, a música começa a infiltrar-se no meu sangue, fazendo-me mover as ancas. O olhar do Ryder foca-se nelas.

Ele ergue um canto da boca.

— O que foi? — pergunto.

— Estás gira.

Ambos deixámos os casacos no *Escalade*, depois de o motorista dizer que viria buscar-nos mais tarde, portanto, não há como esconder o meu vestido curto. É de um prateado cintilante com uma franja no fim. Moderno à moda antiga. Não estou a usar sutiã, mas o decote é modesto, revelando apenas uma sugestão de peito. A parte de baixo do vestido é o que chama mais a atenção, deixando-me mostrar as pernas.

Para aceder área VIP temos de apanhar um elevador operado por dois porteiros com auriculares e *walkie-talkies*. Estou prestes a voltar a dizer o nome da Alex quando as portas do elevador se abrem e ela aparece.

Surpreende-me sempre como é bonita. Quando éramos miúdas, lembro-me de pensar constantemente em como era gira. Já aos 10 anos, as pessoas olhavam para ela. Começou oficialmente a carreira de modelo quando tinha 17 anos e, em três anos, tornou-se uma das mais reconhecíveis modelos e influenciadoras digitais do mundo.

A Alex está deslumbrante, com o cabelo escuro e denso, os grandes olhos castanhos, o corpo perfeito. Vejo o Ryder a olhar para ela e nem sequer me importo, porque também eu estou a olhar para ela. Traz um vestido vermelho justo colado à sua figura alta e esbelta, revelando as

mamas enormes, a cintura esguia e o rabo espetado. É o tipo de corpo que nos faz chorar de inveja. Eu sou demasiado musculada para alguma vez ficar como a Alex. O hóquei faz isso às pessoas.

— G! — Ela abraça-me. — Eles estão comigo — diz aos seguranças da zona VIP.

Entramos os três no elevador. Todas as pessoas que andavam por ali, esperando entrar na terra prometida, olham para nós com inveja. Várias mulheres deitam-me um olhar homicida. Ofereço um triste encolher de ombros enquanto as portas se fecham.

— Meu Deus, estás incrível — exclama a Alex. — Esse vestido.

— Eu? Olha só o que tu trazes vestido. É de loucos.

Apresento-a ao Ryder, que ela aprecia de forma nada discreta. Com quase um metro e oitenta, a Alex tem mais facilidade em olhá-lo nos olhos. Apercebo-me de que ficam bonitos juntos e, embora saiba que é irracional, sinto alguns ciúmes.

A zona VIP é outro mundo. Há um longo corrimão que percorre o espaço acima da pista de dança. Aqui em cima também existem pequenas pistas de dança, mas a maior parte do espaço está ocupada com sumptuosos nichos de veludo preto, iluminação sensual e bebidas engarrafadas. Num dos cantos há uma plataforma elevada com um nicho maior isolado por cordas de veludo. A área Súper VIP da zona VIP. Rodeado pelos seus admiradores, está um tipo alto de casaco branco com capuz, calças brancas à paraquedista e ténis brancos de marca. Reconheço imediatamente o *rapper*. Por alguma razão, esperava mais ostentação, mas ele usa apenas um relógio cravejado de diamantes. Bem, e a sua crista está pintada de dourado, portanto, o fator ostentação está todo concentrado no cabelo.

Quando repara que estou a olhar para ele, esboça um sorriso convencido e agita a mão num aceno casual.

A Alex segue o meu olhar.

— Devias agradecer-lhe — diz, sorrindo.

— Porquê?

— Vieram no avião dele.

Fico boquiaberta.

— Oh, meu Deus. — Viro-me para o Ryder. — Viajámos no avião do Vizza Billity. — Embora agora faça sentido que fosse tudo branco.

— Ele é muito fixe — diz a Alex. — Já vos apresento. Mas, primeiro, quero saber tudo o que andas a fazer.

Não nos víamos desde as férias em Tahoe, mas é difícil pôr a conversa em dia acima da batida da música. Passamos a maior parte do tempo aos berros ao ouvido uma da outra. Enquanto isso, o Ryder está de pé a bebericar um *whisky* que o empregado acabou de servir. Pedi o meu fiel *whisky* com soda, o que o fez sorrir.

— Então, vocês andam — observa a Alex, fazendo dançar as unhas

cuidadas entre mim e o Ryder.

— Sim — respondo, revirando os olhos.

— Tu és alto — diz-lhe ela.

— Obrigado?

— É uma observação, não um elogio.

O Ryder disfarça uma gargalhada.

— E são ambos jogadores de hóquei — continua ela, rindo-se para mim. — Tu e o teu fetiche por jogadores de hóquei.

— Não é um fetiche — resmungo alto.

— O último não era também jogador de hóquei?

O Ryder semicerra os olhos. Ela mexe no cabelo e toca-lhe no braço.

— Não te preocupes, tu és mais giro. E mais alto.

Subitamente, a minha atenção fixa um rosto familiar num dos outros nichos. Perco o fôlego ao reconhecê-lo.

— Aquele é o Mac do *Fling or Forever*! — exclamo. — E não está com a Samantha! Oh, meu Deus, tenho de enviar uma mensagem à Diana. E ao meu pai. — Tiro o telemóvel da mala.

EU:

Alerta de *spoiler* do final do *Fling or Forever*.

Se não quiserem saber, enviem mensagem a cancelar a subscrição.

DIANA:

Conta!

PAI:

Subscrever.

EU:

Mesmo que o Mac e a Samantha acabem juntos no final do programa na semana que vem, agora não estão juntos de certeza.

Pontuo a mensagem com uma foto cheia de grão que consigo tirar do Mac com a língua enfiada garganta abaixo de uma miúda qualquer.

Finalmente, a Alex arrasta-me para a pequena pista de dança. Sinto-me mal por abandonar o Ryder, mas ele faz sinal para irmos. A dada altura, quando olho para ele, está a conversar com o Vizza Billity. Quem me dera ter o meu telemóvel para poder comemorar o momento, mas está na minha mala, por sua vez, pendurada no antebraço musculado do Ryder.

Conseguí transformar o rebelde e rabugento cocapitão de hóquei da Briar num namorado dos que seguram a mala da namorada.

Conquistei o mundo.

Fazemos um intervalo na dança e uma empregada vem anotar o nosso pedido de mais uma rodada. Desta vez a Alex pede champanhe, e brindamos e bebemos até ela arrastar o Ryder para dançar. Ele implora-me com o olhar para que não deixe. Apesar do seu olhar sofrido, não acredito que não ache piada ao corpo dela roçando-se no seu. Mas, desta vez, não sinto ciúmes. Talvez porque o seu olhar ardente permanece fixo em mim durante todo o tempo.

Quando regressa, ele verifica o seu telemóvel e faz uma careta antes de voltar a enfiá-lo no bolso.

— Para de ver as horas — censuro.

É quase meia-noite quando ouvimos uma explosão de ruído vinda do elevador, trazendo mais pessoas.

A Alex olha de relance e ri-se.

— Chegou o vosso pessoal.

Sorriso.

— O nosso pessoal?

— A malta do hóquei.

O grupo entra, sendo conduzido pelos funcionários até um dos nichos isolados, enquanto raparigas seminuas se apressam a servir os recém-chegados e a massajar os seus egos.

Alguém grita:

— Ryder!

Quando me apercebo, vejo o Owen McKay a vir na nossa direção. Ele e o Ryder são exatamente da mesma altura, portanto, é um bocado intimidante tê-los aos dois a pairar sobre nós.

— Olá. — O Owen abraça o Ryder num abraço entusiasmado. Ao reparar na minha prima afasta-se, arqueando uma sobrancelha. — Olá, tu não és...?

A Alex agracia-o com um sorriso deslumbrante e o seu olhar fica vidrado.

— Fogo. — Ele volta a olhar para o Ryder. — São estas as pessoas com quem te dás agora, na Costa Leste? Supermodelos? — O Owen suspira em voz alta, a apreciação acalentando-lhe o olhar, que vai alternando entre mim e a Alex.

Chamem-me cabra superficial, mas gosto de ser incluída na categoria de «supermodelo».

— O que é que contas? — diz o Ryder, bruscamente. — Não fazia ideia de que estavas por cá.

— Eu é que não sabia que *tu* estavas por cá — contrapõe o Owen. — O que estás a fazer em Manhattan? Disseste que ias passar as festas com um amigo em Boston.

O Ryder pega-me na mão. Puxa-me para si.

— Sim, esta amiga. — Ele faz uma pausa. — Namorada, na verdade.

— Bem jogado — digo.

A rir-se, o Owen fica a olhar para as nossas mãos dadas.

— Fogo, Luke, andas a esconder-me muita coisa. Agora temos namorada?

O Ryder encolhe os ombros.

— Sou a Gigi — digo, estendendo a mão livre. — É um prazer conhecer-te. E, aparentemente, já conheces a Alex.

— Owen — diz ele.

Ele continua a analisar-me, como se a minha presença na vida do Ryder o intrigasse. E quando aqueles olhos azuis se fixam no meu rosto, sinto percorrer-me uma sensação estranha, porque me apercebo de que são da mesma tonalidade dos do Ryder. Acho que nunca estive perto de dois tipos com os mesmos olhos escuros de safira.

A suspeita que me surge de repente confirma-se quando o Owen ergue uma sobrancelha e diz:

— Há quanto tempo namoras com o meu irmão?

CAPÍTULO 44

RYDER

Quero ser o seu herói

— O Owen McKay é teu irmão.

A Gigi exprime estas palavras breves e infelizes quando arrastamos os corpos exaustos até ao quarto de hotel, perto das três da manhã. Vamos passar a noite na *suite* da sua prima supermodelo. A *penthouse*, claro.

Tenho estado à espera de que ela diga alguma coisa, mas fico contente que tenha conseguido aguentar até agora. Depois de o Owen ter largado a bomba, consegui perceber que tinha um milhão de perguntas. Mas seria impossível fazer conversa de circunstância, quanto mais entrar em conversas profundas, no meio da música ensurdecadora de uma discoteca na véspera de Ano Novo. Fiquei aliviado quando ela não insistiu, mas sabia que seria apenas uma questão de tempo. Passou o resto da noite a olhar apreensivamente para mim e para o Owen.

Bem, não foi toda a noite. Também passámos bastante tempo na pista de dança. Eu não dancei grande coisa, mas deixei-a roçar-se em mim até o relógio bater a meia-noite e depois estivemos enrolados na pista de dança, rodeados por supermodelos, atletas profissionais e um *rapper* chamado Vizza.

Que noite louca.

A seguir, enfiámo-nos todos no carro particular da Alex, incluindo o Owen. Ele e a Alex desapareceram para o quarto dela e, para quem gozou com a Gigi por gostar de jogadores de hóquei, ela está neste momento a gritar o nome de um deles.

Fecho a porta, criando uma barreira contra o festival de sexo que está a acontecer do outro lado da *suite*.

— OK. Deita cá para fora — digo, com um suspiro.

— Mentiste-me — responde, terminantemente.

— Não menti. — Mordo o lábio, obrigando-me a encarar o seu olhar cada vez mais zangado. — Disse-te que tinha conhecido o Owen

em Phoenix, só deixei de fora o facto de ele ser meu irmão.

A Gigi encosta-se à porta, os braços cruzados junto ao peito.

— Mentiste por omissão. — Abana a cabeça em sinal de desaprovação. — Acabei de te apresentar à minha família e tu não foste capaz de me dizer que tens um irmão?

Os meus dentes enterram-se mais no lábio. Obrigo-me a parar, lambendo-o para aliviar a dor e respirando fundo.

— Não guardei segredo intencionalmente — digo, por fim. — Na primeira vez que falámos do facto de eu conhecer o Owen, ainda não te tinha contado sobre o meu pai e não estava preparado para falar sobre essa merda toda. Por isso, agi como se fôssemos só amigos de Phoenix. Depois, mais tarde, esqueci-me completamente.

— Esqueceste-te completamente — repete, incrédula.

— Porque não voltámos a falar do assunto. Não costumamos falar sobre o Owen — saliento.

— Sim, e porque será?

Sento-me na borda do colchão e passo as mãos pelo cabelo.

— Porque eu odeio falar sobre o meu passado. Tu sabes.

— Também disseste que irias esforçar-te mais. — A Gigi parece frustrada.

— Eu sei. Desculpa. É que... Não tenho jeito para estas coisas. — Solto um suspiro, o arrependimento atravessando-me o rosto. — Ele é meu meio-irmão. Não temos o mesmo pai.

Só a mesma mãe que já morreu.

Engulo rapidamente o nó que me cresce na garganta.

Como se percebesse a mágoa que se instala dentro de mim, a Gigi aproxima-se e senta-se ao meu lado, envergando ainda o vestido prateado brilhante do qual não consegui tirar os olhos toda a noite.

— Porque é que estavas numa instituição? — pergunta, confusa. — Quer dizer, se tens um meio-irmão. E o Owen mencionou os pais mais do que uma vez esta noite. Porque é que a sua família não te adotou?

Percorre-me uma sensação de mal-estar.

— Simplesmente, não o fizeram.

— Ele é mais velho quantos anos?

— Dois. Tinha 8 anos quando a minha mãe morreu. Mas, nessa altura, não vivia connosco — explico. — A minha mãe e o pai do Owen divorciaram-se quando o Owen tinha 1 ano. Depois, ela conheceu o meu pai e engravidou de mim quase imediatamente. O Owen viveu connosco até quase um ano antes de ela morrer.

— Eram próximos?

— Éramos melhores amigos. Ainda somos. — Levanto o pulso. — Ele é o melhor amigo com quem gostas de gozar. Arranjámos estas porcarias quando tinha 16 anos e ainda não caíram.

Ela sorri. Consigo sentir a sua raiva a desvanecer.

— Acho que isso é bom sinal.

— Em todo o caso, quando ele tinha 7 anos, o pai voltou a casar. A Sarah era uma boa mulher. Também tinha uma filha de um casamento anterior. O Russ, o pai do Owen, queria que eles fossem uma família, por isso, lutou contra a minha mãe pela custódia total. Disse aos tribunais que podia proporcionar um ambiente melhor para o seu filho. Tinha um salário melhor, vivia numa zona melhor. A minha mãe não tinha dinheiro para contratar um advogado e disputar a custódia, por isso, finalmente cedeu. Mas ele não queria mantê-la afastada da vida do Owen. Só queria que a sua casa fosse a residência principal dele. Ela acabou por concordar e nós ficávamos com o Owen aos fins de semana e nas férias. Mas isto magoou-a muito. Ela tinha saudades dele. — A minha voz adensa-se. — Tínhamos os dois. Ele foi viver com o pai e a madrasta, e eu fiquei com os meus pais. E, um ano depois, o meu pai deu um tiro na cabeça da minha mãe.

O meu peito comprime-se. Subitamente, dou por mim a respirar com dificuldade, cuspindo palavrões.

— O que foi? — insiste a Gigi.

— Jamais irei perdoá-lo pelo que fez. — A garganta arde-me. — Ela não era uma mãe perfeita, mas era a minha.

As lágrimas ardem-me nos olhos e desvio o olhar. Mas a Gigi é extremamente perspicaz e claro que repara. Aproxima-se de mim, o tecido do seu vestido agitando-se com o movimento, e levanta-me o braço para poder aninhar-se ao meu lado.

Abraço-a instintivamente.

Ela encosta a cabeça ao meu ombro.

— E o pai do Owen deixou-te ir para uma instituição depois de perderes a tua mãe? Isso é cruel.

A sua avaliação sincera é um bocado deprimente.

— Não éramos família, por isso, ele não quis saber. O pai do Owen é... — Tento ser diplomático, mas pergunto-me para quê dar-me ao trabalho. Não sou um tipo diplomático, portanto, porquê começar agora? — Ele é um cretino. E a Sarah, por muito querida que seja, é totalmente manipulável. Acho que, se dependesse dela, ter-me-ia adotado.

Penso nas férias que passei com os McKays. Foram poucas e apenas porque o Owen implorou ao pai que me deixasse ir.

— O Russ nunca gostou de mim. Acho que eu lhe fazia lembrar a minha mãe, a sua ex-mulher. Ele disse que ela o traiu com o meu pai, mas não sei se é verdade. Talvez seja.

Se fosse esse o caso, não a censuraria. O Russ sempre foi um homem difícil e corrosivo. Severo, com expectativas incrivelmente elevadas em relação ao Owen. É uma sorte o Owen ser fenomenal no hóquei, considerando quanto o Russ o pressionou quando era miúdo.

Se o Owen não tivesse o talento e a paixão necessária pelo jogo, ter-se-ia ido abaixo sob esse tipo de pressão.

— O Russ não me quis — digo, simplesmente. *Ninguém me quis.* Afasto a súbita onda de emoção da garganta. — Eu era a lembrança de uma vida que ele tinha deixado para trás.

— Mas o Owen tem sido um bom irmão para ti?

— O melhor. — A culpa aperta-me o peito.

Ela percebe a tensão.

— O que foi?

— Melhor irmão do que mereço — admito.

— Como assim?

— O meu pai matou a mãe dele, Gigi. É algo que nenhum de nós alguma vez esquecerá.

— Ele recrimina-te por causa disso? — Ela parece preocupada.

— Não, mas devia — digo, terminantemente. — Se não fosse o cabrão do meu pai, ele ainda teria mãe.

— Sim, mas a culpa não é tua.

— Só estou a dizer que não o censuraria se ele me culpasse.

Sinto novamente a garganta apertada. Que se lixe. Não vale a pena pensar sobre isto agora. Falar sobre isto. Não muda nada. Não altera o passado nem...

— Não faças isso — diz a Gigi baixinho. — Não enterres o passado. Consigo sentir-te a fazê-lo.

Estremeço quando ela me agarra no queixo, obrigando-me a olhá-la nos olhos.

— Queres tanto que este não seja o teu passado, mas é. Compreendo quão horrível é e lamento muito. Mas nada do que aconteceu foi culpa tua. Não és responsável por nada. O teu pai é que é.

— Eu sei.

— Então para de assumir responsabilidade pelas suas ações. Permite-te ter uma boa relação com o teu irmão. Não precisas de te sentir culpado.

— Mas eu sinto-me culpado — murmuro, e é a primeira vez na vida que digo estas palavras em voz alta.

Nunca cheguei a dizer ao Owen o que sentia.

Assusta-me que seja capaz de dizer tudo à Gigi. De ser vulnerável desta forma. E não tenho medo da sua reação. Nem sequer o mínimo de receio de que possa julgar-me.

Ponho um braço à volta da sua cintura e delicadamente faço-a deitar-se de barriga para cima. Com uma mão no seu rosto, admiro-lhe a beleza. Tenho sempre o coração na garganta quando estou com ela. Quando penso nela.

Inclino-me para a beijar.

— Não sou suficientemente bom para ti — sussurro contra os seus lábios.

Os seus olhos enchem-se de inquietação.

— Ryder...

— Não sei se alguma vez serei. Mas quero tentar.

E quero mesmo. Estou a ser sincero. Sei que tenho os meus defeitos, mas preciso de saber estar à altura desta mulher. Ela obriga-me a ser melhor.

Quero ser melhor para ela.

Quero ser o seu herói.

A emoção sufoca-me a garganta.

— Então — diz ela, estendendo a mão para me tocar no queixo. — O que é que se passa?

— Amo-te.

A sua respiração suspende-se.

Nunca disse esta palavra antes. Mas acredito nisto com todas as fibras do meu ser. Ela é a mulher da minha vida. A única mulher da minha vida.

— Diz outra vez.

— Amo-te, Gigi.

Um sorriso radiante preenche-lhe o rosto.

— Também te amo, Luke.

As suas palavras provocam algo em mim. O nome que odiei durante tanto tempo, o nome que sempre me fez retrair, saindo-lhe dos lábios. Ouvi-lo agora, da sua voz doce e rosto belo, juntamente com aquela palavra, faz com que não me importe de ser o Luke.

Serei quem ela quiser que eu seja.

*

Na manhã seguinte, visto uma t-shirt e saio cedo do quarto, encontrando o meu irmão na cozinha totalmente equipada da luxuosa *suite*. A Gigi está a dormir profundamente por trás da porta fechada do nosso quarto. A Alex também deve estar, pois não a vejo em lado nenhum.

Aproximo-me do meu irmão.

— Bom dia.

— Bom ano. Queres um café?

Assinto.

— Por favor.

A *suite* está equipada com uma máquina de café cara e o tipo de café *gourmet* que se encontra naqueles cafés hipster-burgueses da moda.

— Que chique — digo, arrastando as palavras, e ele ri-se.

Um minuto depois, passa-me uma chávena com o vapor subindo da borda. Encaminhamo-nos para a área da sala e sentamo-nos no sumptuoso sofá. Não passámos tempo nenhum nesta divisão ontem à noite, portanto, está em perfeitas condições.

— Então. Tens uma namorada. — Ele ri-se. — Esqueceste-te de o mencionar da última vez que falámos.

— Estava ainda a digerir.

— Gosto dela.

— Eu também. — Aceno com a cabeça na direção da porta fechada da Alex. — Achas que isso vai dar em alguma coisa?

— Sim, meu. Vou casar com uma supermodelo. Vá lá.

— Não és um atleta profissional famoso? As supermodelos não costumam fazer par com atletas?

— Aquela miúda é um rastilho de pólvora. Aguentaria estar comigo uma semana, no máximo. Vai esta noite para Paris num jato privado.

— Sim, e tu vais no *teu* jato de volta para Los Angeles.

— Oh, vai-te lixar. Vou num voo comercial.

— Em primeira classe?

Ele deixa cair a cabeça, envergonhado.

— Executiva.

Reprimo um risinho.

— Como foi o Natal com os teus pais?

— Foi bom. E tu? Passaste-o com os Grahams, foi?

Suspiro.

— Lembras-te de quando o Garrett Graham implicou comigo por chegar tarde ao treino? Bem, agora tem um motivo ainda maior. O tipo não me suporta.

— Aposto que estás a exagerar.

— Acredita, não estou.

Reparo que ele está a olhar para mim sobre a borda da caneca.

— O que foi?

— Pareces feliz — diz o Owen. — Nem acredito que estou a dizer uma coisa destas, mas pareces.

— O inferno congelou, não foi?

— Bem...sim.

Sorrindo, pouso a caneca na mesa de vidro.

— Então, e como é o calendário dos teus próximos jogos?

— Temos uma série de jogos fora de casa. — O Owen passa a mão pelo cabelo castanho despenteado. — É um calendário cansativo. Andar na estrada é desgastante.

— Tu adoras.

— É verdade. — Ele faz uma pausa. — Também vais adorar.

— Sim, se o Dallas não mudar de ideias em relação a mim.

— Não vai mudar. — Ele dá mais um gole. — Temos uns quantos jogos contra os Bruins no mês que vem. Devias vir ver um. Vias o jogo no camarote e a seguir jantavas comigo e com a equipa.

— Parece-me bem.

— Traz a tua namorada. — Ele pisca o olho.

— Gostas mesmo de dizer essa palavra.

— Sim, porque és tu e tu não és pessoa de namoradas. Vou continuar a dizê-lo porque sei que te faz sentir desconfortável.

Por falar em desconfortável, subitamente, lembro-me do que a Gigi disse ontem à noite. Sobre o facto de eu não poder responsabilizar-me pelos atos dos outros.

Hesito durante um longo momento, observando o Owen a bebericar o café e a fazer *scroll* no telemóvel. Normalmente, não falaria sobre isto. Jamais sonharia em tocar no assunto. Mas talvez o meu «normal» já não sirva. Talvez esteja na altura de mudar a forma como lido com as merdas.

— Achas que sou culpado?

Ele levanta a cabeça, confuso.

— Por quê?

— Pela mãe. — Olho para as minhas mãos durante vários segundos, depois obrigo-me a olhá-lo nos olhos. — Costumas vê-lo quando olhas para mim?

Ele retrai-se.

— Foda-se, não.

Nem sei descrever o alívio que me atravessa.

— Tu não a magoaste — diz o Owen, baixinho.

— Também não a salvei.

— Tinhas 6 anos. Acredita, se eu tivesse lá estado, também não teria feito grande coisa. — O arrependimento enruga-lhe a testa. — Eu é que devia pedir-te desculpa. Não consegui fazer nada por ti depois do que aconteceu. Implorei ao meu pai para que te deixasse vir viver connosco, mas ele não quis saber.

— Eu sei. A culpa não é tua. Eu sei como ele é.

— Sim, mas sinto-me mal na mesma. Irei sempre sentir-me mal por isso, por ter tido uma família enquanto tu andavas de um lado para o outro entre casas de acolhimento. O meu pai é um cretino, mas não se compara com a tua situação.

— Nem tudo foi mau — asseguro. — Tive oportunidade de jogar hóquei, não tive?

— É verdade.

Um breve silêncio pesaroso cai entre nós.

— Não acredito que ele possa sair em liberdade condicional — digo, terminantemente.

— Nem eu. — O tom do Owen é sombrio.

Trocámos mensagens sobre o assunto há um tempo depois de eu finalmente ligar ao Peter Greene. Tal como a mim, foi pedido ao Owen que falasse na audiência e ele também não tem vontade de o fazer.

— E não, Ryder. Só para responder mais uma vez à tua pergunta. Quando olho para ti não o vejo a ele, vejo-te a ti. És o meu irmão mais novo. E eu adoro-te.

— Eu também te adoro.

Ficamos ali sentados em silêncio durante um bocado, bebendo o resto do café enquanto o sol vai subindo acima dos edifícios de Manhattan.

— Devias preparar-te — diz o Owen, finalmente, olhando para mim e sorrindo.

— Para quê?

— Tu vais casar com aquela miúda.

CAPÍTULO 45

GIGI

Éramos melhores amigas

No final de janeiro, vou jantar com os meus pais depois do nosso jogo contra a Universidade de Boston. Habitualmente, voltamos todas ao autocarro da equipa a seguir aos jogos, mas tive uma autorização especial do Adley para ficar. Juro, qualquer pedido que tenha que ver com o meu pai, o Adley concede sem pestanejar. Limitou-se a acenar com a mão, dizendo: «Até amanhã.» Amanhã jogamos em casa contra a Providence e mal posso esperar. Não voltámos a enfrentar a Bethany Clarke e aquelas raparigas desde o nosso jogo amigável no outono. Tenho a certeza de que será competitivo.

O Wyatt regressou a Nashville, por isso a casa está um pouco mais sossegada. Eu e os meus pais encomendámos comida chinesa e estamos a comer na bancada da cozinha enquanto eu procuro um fórum numa rede social que esteja a postar atualizações em tempo real do jogo masculino contra a UConn.

— Argh — digo, semicerrando os olhos ao telefone com irritação. — Porque é que este jogo não passa na televisão? — Na realidade, é muito importante para a classificação, uma vez que a UConn está à frente da sua conferência por apenas um jogo. A Briar ainda tem uma excelente hipótese de ficar em vantagem.

— A UConn está muito forte este ano — observa o meu pai. — O Connelly acha que irão vencer o Frozen Four. Não digas ao Jensen.

— Achas que a Briar não tem hipótese?

— Não, acho que têm uma excelente hipótese — admite. — Estou impressionado pela forma como conseguiram dar a volta esta época.

— É impressionante que o Ryder e o Case continuem a jogar tão bem juntos apesar do tratamento de silêncio total do Case.

O meu pai ergue uma sobrancelha.

— O Case não fala com ele há mais de um mês — admito. — Desde que eu e o Ryder anunciámos a nossa relação. O Case não está nada satisfeito. Passou grande parte do ano passado a tentar reconquistar-

me, mas percebeu finalmente que não irá acontecer.

— E tu sentes-te bem com isso? — pergunta o meu pai, de modo cauteloso.

— Como assim?

— Com a escolha que fizeste.

Suspiro.

— Ouve, eu sei que gostas do Case. E ele é bom tipo, mas nunca iria acontecer, mesmo que o Ryder *não existisse*. Jamais iríamos reconciliar-nos.

A boca do meu pai faz um leve esgar.

— Continuo sem perceber porque é que acabaram, Stan. Nunca me fez sentido...

— Porque ele me traiu.

Ele fica boquiaberto. Meio segundo depois, a sua expressão é inundada pela raiva.

— Não — intervenho, erguendo a mão. — Estás a ver, é por isso que não queria contar-te. Não queria que pensasses mal dele.

— Como não? — rosna.

— Ele cometeu um erro. Sinceramente, ele não é mau tipo. Assustou-se porque as coisas estavam a ficar demasiado sérias. É uma cena típica dos homens.

Mas... o Ryder não se assustou uma única vez.

Foi ele que disse que me amava. Disse-o primeiro. Não teve medo e não desatou aos berros quando eu retribuí o sentimento.

Não sei se o Case alguma vez me amou verdadeiramente. Não só porque me traiu. Mas porque para ele (para ambos) foi suficiente namorar durante quase dois anos sem dizermos «*Amo-te*» um ao outro.

— Uma cena típica dos homens — repete o meu pai, divertido.

— Sim, é como se, assim que se sentem presos, tivessem um impulso irresistível de espalhar a sua semente por todo o lado.

— Stan, por favor, não voltes a dizer as palavras «espalhar a semente» na minha presença.

Rio-me.

— Enfim. Por isso é que nunca iria resultar.

— Eu percebo. — Ele abana a cabeça, rindo-se. — Se me tivesses dito isto há uns meses, eu não teria insistido.

— Ah, é assim tão fácil fazer-te calar?

— É. — Ele contorna a bancada e abraça-me.

A minha mãe regressa à cozinha e olha para nós, divertida.

— O que é que se passa aqui?

— O Case traiu a Gigi — revela o meu pai.

Ela sobressalta-se.

— Não.

— Sim — digo —, mas agora acabou, porque estou apaixonada por

outra pessoa. Portanto, vamos mas é seguir com as nossas vidas.

O meu pai começa a tossir.

— Apaixonada por outra pessoa, hã? — provoca a minha mãe, virando-se para o meu pai. — Vês? Eu disse-te.

Ele parece ficar maldisposto.

— De todos os homens que andam por aí...

— Vá lá. O Ryder é ótimo — garanto.

Ele é mais do que ótimo.

Ele é tudo.

A sua dura carapaça esconde o tipo de homem com quem tenho a honra de namorar. Um homem em quem confio para mostrar todas as minhas vulnerabilidades. Um homem que me escuta quando aponto delicadamente as suas falhas e tenta alterar o seu comportamento. Um homem que me faz sentir extremamente feliz mesmo quando estou triste.

— OK, Gigi, o centro comercial fecha daqui a uma hora — diz a minha mãe. — Sempre queres vir comigo buscar a prenda de aniversário da Allie?

— Claro — digo, e saímos.

Chegamos ao centro comercial às 20h30, mesmo antes da hora de fecho. Enquanto a minha mãe entra na joalheria para levantar o colar personalizado que comprou para o aniversário da minha tia, eu fico ao lado de um canteiro a falar com o Ryder, que está a mandar-me mensagens às escondidas no intervalo do jogo.

— Gigi?

Ergo o olhar e fico paralisada. O meu corpo retesa-se ao ver a Emma Fairlee a vir na minha direção.

Bolas. Não estou com disposição nenhuma para isto. A última vez que nos cruzámos foi numa festa organizada por uma amiga em comum, no verão a seguir a entrar para a faculdade. Eu e a Emma mantivemo-nos em lados opostos da casa durante toda a noite. Nenhuma de nós parecia interessada em falar com a outra, por isso, agora surpreende-me que isso lhe interesse.

Está bonita, como sempre. O cabelo sedoso. As sobrancelhas perfeitas. O *gloss* cor-de-rosa nos lábios carnudos. A roupa de marca colada ao corpo perfeito.

A Emma aproxima-se. Traz uma série de sacos de compras pendurados num braço.

— Emma — digo, cautelosa. — Não sabia que estavas por cá.

— Estou, vim passar o fim de semana com o meu pai.

A lembrança do seu pai provoca-me uma pontada de frustração. Afinal, qual será a dificuldade de tomar *uma* decisão sobre a seleção olímpica? Está a demorar uma eternidade, e eu estou a ficar impaciente para saber novidades.

— Não é de loucos que ele seja o selecionador olímpico?! — exclama.

Há orgulho genuíno no seu olhar, conseguindo desarmar-me. Ligeiramente.

— É incrível — concordo, acenando com a cabeça. — Ele é um excelente treinador. Terá sucesso, certamente.

— E tu? Estás bem?

— Sim, sabes, mantenho-me ocupada, como de costume. Ouvi dizer que conseguiste um papel no episódio piloto de uma série de televisão? Que fixe.

O seu olhar cintila por um segundo.

— Não me escolheram.

— Oh, lamento.

— Lamentas?

Disfarço um suspiro. Lá vamos nós.

O seu tom torna-se frio.

— Estou certa de que ficas feliz por sabê-lo.

— Não tentes culpar-me por isso — digo, dando um passo atrás. — Não me interessa o que fazes em LA. Estava só a ser educada.

O seu rosto fica corado. Se há coisa que incomoda a Emma, é que ela não gosta de se sentir desprezada. E é precisamente o que estou a fazer agora.

— Tenho de ir. A minha mãe está à minha espera.

Mal dei dois passos quando a sua voz se torna agressiva.

— Sabes, és uma cabra.

Viro-me, cerrando os dentes num sorriso amargo.

— Ai, sou?

— Não precisas de falar comigo como se eu fosse uma pastilha elástica colada ao teu sapato. Éramos melhores amigas, Gigi.

Aproximo-me dela.

— Sim, Emma. Éramos melhores amigas.

— Devíamos protegemo-nos uma à outra — cospe ela, os olhos brilhando. — E tu deixaste o teu irmão humilhar-me.

Fico especada a olhar para ela, incrédula.

— A sério? Diz-me, como é que ele te humilhou? Acabou contigo numa festa, à frente de toda a gente? Disse que te amava e depois dormiu com outra pessoa? Como? Porque, se bem me lembro, ele teve consideração suficiente para se encontrar contigo pessoalmente e dizer-te que não estava interessado em assumir um compromisso. *Tu* é que não soubeste lidar com isso e decidiste tentar destruir a minha família.

— Pronto, agora estás a ser melodramática. Eu não destruí nada.

— A sério? Então, estavas a fazer-me um favor quando te despiste e te enfiaste na cama do meu pai?

Ela tem a decência de parecer envergonhada.

— Eu pedi desculpa por isso.

— Na verdade, não pediste — digo, com uma gargalhada incrédula.

— Pedi, sim — insiste.

— Não, Emma, não pediste, e nenhuma tentativa de reescreveres a história pode mudá-lo. Não pediste desculpa por *nada*. Tu passaste-te e agiste mal connosco. Partilhaste mensagens pessoais, coisas que te contei em confiança, com toda a gente da escola. Falaste mal de mim nas redes sociais. E, agora, estás a dizer-me que, de alguma forma, a culpa é minha? Não mostraste arrependimento uma única vez.

Sinto-me tão frustrada. Obrigó-me a respirar fundo, percebendo subitamente que não quero fazer isto. Não lhe devo esta conversa. Não lhe devo nada. Vem-me à cabeça a voz do Ryder, recordando-me de que tenho direito a sentir o que sinto, mesmo que seja ódio.

E a verdade é que não quero fazer as pazes com a Emma, porque há coisas que não se podem reparar. Ela claramente não amadureceu em três anos. Continua a tentar passar por cima do que fez e a fazer-me sentir que *eu* é que sou doida por estar chateada com *ela*.

— Nós não somos amigas, Emma. — Liberto uma respiração cansada. — Por isso, peço-te, deixa-me em paz. Tu tratas de ti e eu trato de mim. Deixemos a nossa amizade onde ela deve estar: no passado.

CAPÍTULO 46

GIGI

Hat trick

É estranho estar em público com o Ryder, especialmente no recinto. Quando os nossos treinos são coincidentes, aparecemos juntos. De mãos dadas, os olhares dos nossos colegas de equipa não me passam ao lado. A Cami acha fantástico. A Whitney está sempre a perguntar-me sobre o que falamos, recusando-se a ver o Ryder como outra coisa que não o rebelde silencioso do início do ano.

Depois há o Case, que não está propriamente a tratar-nos com silêncio absoluto, mas também não está delirante para conversar. Quando o vejo, ele acena com a cabeça e diz: «Olá, como estás.» Fora isso, decidi afastar-se. Não vejo o seu nome no meu telemóvel desde dezembro. Não que eu queira que ele estivesse constantemente a enviar mensagens ou a telefonar, mas esperava que, talvez, um dia pudéssemos ser amigos.

E, embora a sua amizade com o Ryder tenha sido curta, pelo menos continuam a fazer um bom trabalho no rinque.

Iremos seguramente vencer a nossa conferência e chegar ao campeonato. A equipa masculina da Briar provavelmente não irá vencer a conferência, mas está em boa forma para receber uma proposta para o torneio.

Estamos em fevereiro e está incrivelmente frio quando saímos do Centro Graham de mãos dadas e enluvadas. Venho a queixar-me, porque, apesar do que disse o Al Dustin, ainda não há notícias do Brad Fairlee.

— Tinha esperança de saber qualquer coisa em janeiro, no *máximo* — resmungo, a minha respiração saindo em nuvens de vapor. — Porque, assim, podia ainda treinar com a equipa e até talvez jogar no Mundial.

O jogo do Mundial é em maio, daqui a apenas dois meses. Ao contrário do Ryder, nunca competi num jogo internacional. E, sim, sabia que seria uma possibilidade remota. Não basta porem-nos na

equipa e atirarem-nos para a cena internacional. Ainda assim, tinha esperança de já saber alguma coisa por esta altura.

Dirigimo-nos para o seu jipe e ele destranca as portas. Salto ansiosamente para o lugar do passageiro e trato de ligar o aquecedor de assentos. Está um gelo lá fora.

— O pessoal vai dar uma festa hoje à noite — diz o Ryder. — Queres ir?

— Está bem. Posso convidar a Diana? Falámos há bocado e ela disse que estava com vontade de sair.

— Sim, claro. Pergunta também à Mya.

— Essa já tem um encontro hoje à noite.

Por causa do tempo frio, a festa é principalmente dentro de casa. Mas, de vez em quando, alguém vai lá fora fumar um charro ou um cigarro e uma rajada de ar gelado atravessa a casa, gelando-me os ossos.

Há um competitivo jogo de *beer pong* a acontecer na cozinha. Uma partida entre a Diana e o Shane. A Diana, que deve ter sido um urso polar numa vida anterior, porque nunca tem frio, veste uma minissaia e um top sem costas, atraindo os olhares de quase todos os homens presentes. Acabou de fazer um remate perfeito que caiu no copo à frente do Shane. A cerveja transborda do copo e ensopa-lhe a parte da frente da t-shirt.

— Era preciso atirares com tanta força? — resmunga ele.

— Claro que era — chilreia ela.

O jogo continua com uma quantidade razoável de insultos e termina com a Diana a dar-lhe uma coça e a caminhar vagarosamente ao longo da mesa na sua direção.

— Sentes-te em baixo esta noite? Porque ainda estou à espera de que te atires a mim — diz a Diana, o seu sorriso doce traído pelos olhos verdes trocistas.

— Porque haveria de fazê-lo? — diz o Shane, arrastando as palavras.

— Sou *cheerleader*. — Ele semicerra os olhos. — Pensava que era a tua cena. Pinar com qualquer pessoa com uma saia de *cheerleader*, deixando-a de coração partido e transtornada. Depois sou eu que passo os treinos a reparar o mal que tu lhes fazes.

Erguendo uma sobancelha, ela passa por ele, pavoneando-se, sem olhar para trás.

O Shane vira-se para mim.

— A tua amiga tem uma língua afiada.

— Para de partir o coração das suas amigas — respondo, encolhendo os ombros, e o Ryder ri-se.

Fulminando-me com o olhar, ele vai para a sala.

Para lá da ombreira, vejo o Beckett e o Will a um canto com uma

morena ensanduichada entre os dois. O Will sussurra-lhe algo ao ouvido, enquanto o Beckett lhe passa distraidamente os dedos pelo braço.

Olho para o Ryder.

— Não consigo perceber se estão a competir ou a aliar-se.

— Provavelmente a segunda hipótese. — Ele parece ter algo mais a dizer, mas limita-se a encolher os ombros.

— O que foi? — pergunto. — Sabes alguma cusquice?

— Não. Porque não sou coscuvilheiro. Sou adulto.

— O Will e o Beckett costumam enrolar-se?

Ainda não conheço bem o Beckett, mas tento lembrar-me se alguma vez me apercebi de alguma inclinação bissexual da parte do Will. Sempre me pareceu ser totalmente hétero.

— Então, costumam? — insisto, quando o Ryder não responde.

Ele volta a encolher os ombros.

— Ná, acho que gostam os dois de mulheres. — Uma pausa. — Eles fazem muitas *ménages à trois*.

— Oh, meu Deus, a sério?

— Não contes a ninguém — avisa o meu namorado. — O Larsen é um bocado betinho. Uma vez, o Shane comentou as suas atividades extracurriculares e o Will ficou com cara de quem ia vomitar.

É por isso que me surpreende sabê-lo. O Will é o epítome do bom rapaz. Como foi capaz de se deixar corromper desta forma?

Suponho que o Beckett Dunne seja uma força poderosa.

Ao mesmo tempo, quem sou eu para falar? Ando por aí a pinar em camarotes da ópera e em saunas.

*

As semanas seguintes passam a correr. Sem eu dar por isso, estamos em março a jogar na semifinal regional após termos vencido facilmente a nossa conferência e passado à fase seguinte. O torneio eliminatório realiza-se em Rhode Island este fim de semana e não estou nada preocupada com a equipa adversária desta noite. Eu e as meninas estamos imbatíveis desde o início da época.

No balneário, antes de o Adley chegar e fazer o seu discurso de motivação, a Whitney lança-me um olhar comprometido.

— O que se passa? — pergunto.

— O pessoal da seleção olímpica está cá.

O meu coração dá um salto.

— A sério?

— Sim, vi o Adley a falar com o treinador e um dos adjuntos.

Não sou rapariga de sucumbir quando uma bigorna de pressão subitamente me esmaga o peito. Quando muito, uso essa energia

nervosa a meu favor.

E, esta noite, faço o melhor jogo da minha vida.

É o que nós chamamos um jogo emocionante. De alta intensidade, dinâmico, com ambas as equipas determinadas a marcar o maior número de pontos possível. Não é muito diferente do jogo amigável que tivemos no outono.

— É isso mesmo! — grita o Adley quando regresso ao banco depois de marcar um golo. Ele bate na sua prancheta, empolgado.

Foi o meu segundo golo e ainda estamos no segundo período. Quando chegamos ao terceiro, asseguro um simpático *hat trick*. Sei que o meu pai deve estar aos gritos na nossa sala grande, assistindo ao jogo em direto. Gostava que o Ryder estivesse nas bancadas a aplaudir também, mas a equipa masculina está no Vermont esta noite, a competir nas suas próprias semifinais.

Quando o jogo termina, ainda sinto uma descarga de adrenalina. Nunca fiz remates tão certos. Nunca mostrei o tipo de velocidade que atingi esta noite. É embaraçoso, mas, a seguir, sou o centro das atenções no balneário, enquanto celebramos a nossa passagem à final regional, que se realiza em poucos dias.

As colegas de equipa dão-me palmadinhas nos ombros, nas costas. Uma das alunas do último ano pega-me ao colo, fazendo-me rodopiar.

— Que raio foi aquilo, Graham? — cantarola, antes de se dirigir aos chuveiros.

Visto-me à pressa, porque tenho a sensação de que o Brad Fairlee está à minha espera à porta do balneário. Não há hipótese nenhuma de *não* estar, não depois da forma como acabei de jogar.

A minha previsão prova estar correta. O Fairlee está ao fundo do corredor a conversar com o treinador Adley. As suas cabeças viram-se quando eu e a Whitney saímos do balneário.

— Gigi — chama o Adley. — Tens um minuto?

A Whitney espeta-me um dedo no braço, com um sorriso que mal consegue conter. Ela sabe o que se passa.

— Vai-te a eles, miúda — murmura.

Quando chego ao pé dos dois homens, o Adley esboça um breve sorriso e diz:

— Depois vem ter comigo.

Assim que ele se vai embora, o Fairlee também sorri.

— Foi extraordinário. Um dos melhores jogos de hóquei que já vi. Sinto-me radiante.

— Obrigada. Já há algum tempo que não me sentia assim imparável.

— *Hat trick*, hã? Vejo que usas algumas das jogadas do teu pai.

Não, estas são as minhas jogadas, apetece-me responder. O contacto corpo a corpo é proibido no hóquei feminino. Se não posso ser física,

tenho de ser tática, o que significa que faço o tipo de jogadas que o meu pai nunca precisou de fazer.

Mas não vou pôr-me a discutir com o homem que está prestes a ser meu treinador.

— Em todo o caso — diz ele —, queria falar contigo.

— OK. — Tento conter o meu crescente entusiasmo.

— Eu e os meus adjuntos passámos a maior parte do outono a formar a equipa. Sabes, é um processo difícil, e por isso demorou tanto tempo. Especialmente, porque o treinador Murphy tinha a sua forma de fazer as coisas. E eu tenho a minha. Sou mais meticoloso. Menos preocupado com estatísticas e mais interessado em saber que jogadores irão dar-se bem no rinque. Como sabes, há mulheres muito talentosas a jogar na liga profissional. Na sua maioria, são mais velhas, mais experientes. Muitas já jogaram em competições internacionais, destacando-se até.

Aceno que sim. Suponho que a maior parte do plantel seja constituído por essas mulheres.

— E, uma vez que há tanto talento disponível nesse âmbito, de momento, iremos seleccionar apenas duas alunas universitárias. — Ele volta a sorrir. — Tu és uma das melhores jogadoras que anda por aí.

Ignoro a minha pulsação acelerada. Fogo. Este homem domina a arte de prolongar a antecipação.

— Dito isto, achei que devia dizer-te pessoalmente que todas as vagas foram preenchidas. Lamento, Gigi. Desta vez, não farás parte do plantel.

CAPÍTULO 47

RYDER

Se tu caíres, eu levanto-te

O autocarro deixa-nos no *campus* por volta das onze horas e é quase meia-noite quando chegamos a casa. O Shane e o Beckett foram diretos para uma festa na república de raparigas *Kappa Beta*, decididos a celebrar a nossa passagem às finais enrolando-se com o maior número de mulheres quanto humanamente possível. Porém, por muito entusiasmado que esteja com os resultados do jogo desta noite, estou exausto e com vontade ir para casa.

Quando estaciono à porta de casa, vejo o SUV branco estacionado no passeio. Depois, vejo a luz amarela atrás das cortinas da sala. A Gigi deve ter usado as chaves que lhe dei.

Encontro-a sentada no sofá, em silêncio, a ver um filme de ação na televisão.

— Olá, há quanto tempo estás aqui? — digo, da entrada. — Porque não me enviaste uma mensagem a dizer que vinhas?

— Fiquei sem bateria no telemóvel. — O seu rosto é desprovido de emoção.

Começo a ficar preocupado.

— O que é que aconteceu? — pergunto, imediatamente. Toda ela parece estranha, desde a sua expressão vaga até à voz vazia. A equipa feminina passou às finais esta noite; neste momento, devia estar a sorrir de orelha a orelha.

Dispo o casaco de inverno e saio da sala para o pendurar. Depois, sento-me ao seu lado, puxando-a para o meu colo. Assim que tocamos um no outro, ela enterra o rosto no meu pescoço e desata a chorar.

— Então — digo, alarmado, massajando-lhe os ombros. — O que se passa? O que é que aconteceu?

— O Brad Fairlee apareceu no nosso jogo esta noite para falar comigo.

A voz falha-lhe.

Tenho um mau pressentimento, sei que jamais estaria a chorar se

tivesse recebido boas notícias.

— Todas as vagas do plantel foram preenchidas — murmura. — Não fui escolhida.

— Que merda, amor. Lamento.

Aperto-a junto a mim e ela enterra mais o rosto na minha pele. As lágrimas molham-me o pescoço, um trilho frio que escorre até me ensopar o colarinho da t-shirt.

— Esta noite, fiz o melhor jogo da minha vida — lamenta-se. — Mas, mesmo assim, não foi suficientemente bom para aquele otário. Rejeitou-me completamente.

— Ele disse porquê?

— Disse que sou uma das melhores jogadoras universitárias que andam por aí, mas que não liga a estatísticas. Está a tentar focar-se nalgumas das jogadoras mais velhas, mulheres da liga profissional com mais experiência em competições internacionais.

Faz sentido, mas não o digo em voz alta. Ela está demasiado perturbada para ouvir isso agora.

— Nem acredito que não consegui. — As palavras saem-lhe num gemido angustiado e trémulo.

Passo os dedos pelo seu cabelo, acariciando-o delicadamente.

— Lamento. Lamento mesmo muito.

Ela inclina a cabeça para trás, o seu lábio inferior tremendo descontroladamente enquanto luta contra um novo ataque de lágrimas.

— Falhei — diz, debilmente.

— Não falhaste.

— Já entrei para a seleção olímpica, Luke? Tanto quanto sei, acho que não. — Ela deixa cair a testa na palma da mão, respirando de forma irregular.

— *Ainda* não entraste para a seleção olímpica — corrijo delicadamente. — Ainda és jovem.

Ela abana a cabeça obstinadamente, recusando-se a aceitar.

— Falhei.

A Gigi volta a sacudir-se nos meus braços, chorando mais. Soluços sufocados, ofegantes e descontínuos. Nunca a vi assim. Vi-a emocionar-se com filmes tristes. Vi-a derramar lágrimas de frustração. Vi brotarem-lhe lágrimas de raiva, como da vez em que me expulsou de sua casa depois da nossa discussão.

Mas isto é diferente. Isto é agonia. São soluços profundos e torturados, arrancados às profundezas da sua alma.

E eu sinto-me completamente impotente. A única coisa que posso fazer é abraçá-la o mais possível enquanto ela se sacode nos meus braços.

— Está tudo bem, deita cá para fora — incito.

Não sei quanto tempo ela fica a chorar, mas quando finalmente se acalma, a sua voz está rouca, os seus olhos inchados e vermelhos, e é de partir o coração.

Estou tão apaixonado por esta mulher. Vê-la chorar faz-me querer ir ter com quem lhe fez isto e enfiar-lhe a cabeça dentro de uma parede.

Respiro fundo, procurando palavras que lhe aliviem a dor.

— Não entraste para a equipa — digo, finalmente. — Eu sei que dói. Mas não quer dizer que nunca acontecerá.

Ela respira fundo também. A sua respiração continua a parecer-me irregular.

— Qual é a idade média do plantel atual? Vinte e seis? Vinte e seis, G. Ainda tens muitos anos pela frente para conseguir.

— Mas os Jogos Olímpicos são no próximo mês de fevereiro — diz, numa voz fraca. — Agora tenho de esperar mais quatro anos. Vou ser velha quando a altura chegar.

Rio-me baixinho.

— A capitã atual tem 32 anos. Não serás velha, garanto-te. Olha, talvez não compitas nestes Jogos Olímpicos — admito, e ela liberta outro soluço abafado. — Mas a seleção nacional joga muitos outros jogos importantes. Há Mundiais todos os anos. A Taça das Nações. Talvez no ano que vem o Fairlee tenha uma vaga. Ou talvez no ano a seguir.

— Ou talvez nunca chegue a fazer parte da equipa.

Ela começa novamente a chorar e, embora me magoe piorar a situação, prometemos um ao outro que seríamos sempre honestos.

— Talvez não — concordo, baixinho.

Ela afasta-se, libertando uma mistura entre uma gargalhada e um arquejo.

— Não tens jeito nenhum para isto.

— Talvez nunca chegues a fazer parte da equipa — repito. — Isso não altera o facto de que és a melhor jogadora de hóquei feminino universitário atualmente. O próprio Fairlee o disse. Ele não está preocupado com estatísticas, porque, se estivesse, estarias naquele plantel num piscar de olhos.

— Mas porque é que não tenho a qualidade que ele procura? Que raio é que me falta?

— Não te falta nada. Nunca. Tu és perfeita, exatamente como és. Mesmo com todos os teus defeitos. Como teres de ser sempre a melhor. E o teu gosto musical.

A sua gargalhada de resposta é um pouco trémula.

— Ninguém gosta de falhar, G. Mas volto a dizer que isto não é falhar. Isto é apenas um momento no tempo.

— Um momento no tempo — ecoa ela, debilmente.

— Sim, e, neste momento, estás em baixo. Mas não faz mal, porque eu estou aqui para te levantar.

— Sempre? — sussurra, olhando para mim com os seus enormes olhos cinzentos.

— Sempre. Se tu caíres, eu levanto-te. *Sempre.*

As suas lágrimas começam a secar, a sua respiração a ficar mais regular. A Gigi envolve os braços em torno dos meus ombros e encosta o rosto ao meu pescoço.

— Obrigada.

CAPÍTULO 48

RYDER

É agora ou nunca, Luke

As equipas masculina e feminina dominam as finais regionais. Pela primeira vez numa década, ambos os programas da Briar irão competir nos seus respetivos Frozen Fours no próximo mês de abril.

Após destruímos o nosso adversário no torneio regional, estamos embalados e ansiosos por entrar em campo com as quatro equipas finais. A Minnesota Duluth e a Notre Dame também passaram. Mas a verdadeira surpresa dos *play-offs* foi a Arizona State, que teve de matar um dragão chamado UConn para conseguir passar. Felizmente, irão enfrentar a Notre Dame a seguir e eu rezo para que não os enfrentemos na final. Não estou no gelo com o meu antigo colega de equipa Michael Klein desde que tínhamos 18 anos e lhe abri o maxilar com o punho.

Temos duas semanas de intervalo antes do jogo. E tivemos sorte este ano: o nosso Frozen Four realiza-se em Boston. O torneio feminino é uma semana antes do nosso e a Gigi está deitada na minha cama quando, de repente, se vira e diz:

— Queres vir comigo a Las Vegas?

— Estás a pedir-me em casamento? — pergunto educadamente.

— Não, estou a convidar-te para vires a Las Vegas ver-nos jogar. Os meus pais estarão lá. O meu irmão também.

— Ah, excelente. Mal posso esperar para os ver.

Ela dá-me um murro ao de leve no braço.

— Vá lá. Eles já se afeiçoaram mais a ti.

— Só a tua mãe.

De facto, a Hannah Graham é praticamente a minha melhor amiga neste momento. A Gigi goza comigo por causa da frequência das nossas mensagens. Começámos a fazê-lo a seguir às férias de Natal e, ao início, fingi que me fazia sentir desconfortável. Desvalorizei. Disse que era estranho ela continuar a contactar-me.

Era só conversa. Sempre que a sua mãe quer saber de mim, sinto

um aconchego no peito. É uma sensação totalmente estranha para mim.

Mas não completamente indesejável.

Uns dias depois, estou a apanhar um avião com a Gigi. Como tenho tempo livre e estamos ambos com os trabalhos em dia, decidimos faltar às aulas e ir um dia mais cedo para fazer algum turismo. Ela nunca esteve em Las Vegas.

Porém, parece arrepender-se desta decisão horas depois de chegarmos, olhando com desânimo para a avenida principal.

— Meu Deus, estas luzes são horríveis. Porque é que estão todas ligadas? Estamos em pleno dia! Parece que estou numa nave espacial.

— Ela deita um olhar furioso a uma fonte dourada que lança jatos de água com três metros de altura, como se a fonte a tivesse insultado pessoalmente. — Isto não é divertido. Não sou assim tão extravagante.

Entrelaço os nossos dedos, rindo.

— Também não é a minha praia.

Os nossos olhares cruzam-se. Lambo os lábios.

— E se voltássemos para o hotel? — sugiro, arrastando as palavras.

— Sim, por favor.

Passamos o resto da noite a pinar. Eu faço-lhe um minete no enorme chuveiro do nosso quarto, torturando-a ao negar-lhe um orgasmo durante uns bons quarenta minutos. Ela retribui o favor fazendo-me um broche diante das janelas que vão do chão ao teto. Não me importo que toda a gente possa ver o meu rabo nu e que, provavelmente, alguém esteja a filmar-nos para pôr online. A única coisa que me importa é o calor da sua boca e a sua língua molhada, os seus lábios macios e sedosos percorrendo o meu pénis.

A seguir, ficamos deitados na cama. Faço-lhe festas no cabelo. Pego no comando e passo pelos canais até chegar ao TSBN. Estão a passar um top dez dos melhores jogadores de hóquei no gelo de todos os tempos. Em primeiro lugar está o pai da Gigi.

Quando o seu rosto enche o ecrã, rio-me.

— Mal posso esperar para o ver amanhã. Tenho a certeza de que será mesmo encantador.

— Não tenho pena nenhuma de ti. Agora sabes como é estar ao pé de um idiota irascível que não quer fazer conversa contigo.

— Eu não era assim tão mau.

— Eras pior. Comunicavas exclusivamente encolhendo os ombros. Que palerma irritante.

Sorrio.

— Chamas-me isso mais uma vez e volto a encolher os ombros em vez de falar.

— Não. As comportas abriram-se. Não podes voltar a encher a barragem, amor.

Ela tem razão. Não posso.

Desligo a televisão e viro-me de lado, apoiando-me num cotovelo. Mordo o lábio, olhando para ela.

— Eu não quero mais ninguém. Sabes isso, não sabes?

A Gigi pestaneja.

— De onde veio isso agora?

— Não sei. Só preciso que saibas que não quero estar com mais ninguém. Nunca mais.

Um leve sorriso aflora-lhe aos lábios.

— Nem eu. — Ela estende a mão para me tocar no rosto, coçando a barba rala no meu queixo. — É agora ou nunca, Luke. Acho que ambos o sabemos.

Sim, acho que sabemos.

Assusto-me quando o ronco audível do seu estômago vibra entre os nossos corpos. Não jantámos porque estávamos entretidos a fazer sexo.

— Está tudo bem, Gisele?

— Tenho tanta fome. Porque é que este hotel não tem serviço de quartos? — lamuria-se.

— Porque pediste especificamente que reservasse um que não tivesse — relembro, revirando os olhos. — Citando-te, estás numa dieta para o campeonato e não podes ser tentada pelas sobremesas do serviço de quartos.

— Porque é que me dás ouvidos?

— Vou começar a ignorar os teus desejos — prometo.

Ela ri-se e levanta-se da cama.

— Bem, parece que teremos de nos aventurar novamente naquela avenida horrível em busca de alimento. Preciso de pôr qualquer coisa na barriga.

— Eu dou-te uma coisa para pores na barriga.

— Não sei o que isso quer dizer, Ryder. Estás a falar de um bebé ou estamos a falar de engolir sémen?

Parto-me a rir.

— Porque é que estragas sempre as minhas piadas dissecando tudo?

— Experimenta dizer piadas melhores — sugere.

Arrasto-a para fora da cama.

— Bora. Las Vegas, *take* dois.

*

Dois dias depois, na manhã do jogo do Frozen Four feminino, em que a Briar irá enfrentar a Ohio State, acordo com um enorme sorriso no rosto. Embora seja o que acontece quando temos uma mulher linda na nossa cama a bater-nos uma punheta. Ela leva-me ao limite e provoca-

me o orgasmo, deixando-me ofegante. A Gigi está igualmente entusiasmada, sorrindo e saltando de excitação enquanto se veste.

— Quem me dera passar o dia todo contigo — diz ela, voltando a subir para a cama, lançando o seu corpo totalmente vestido para cima do meu corpo nu.

Depois da noite passada, estou plenamente de acordo. Só me apetece aproveitar isto. Ficar nu com ela para sempre. Mas ela tem um jogo do campeonato para jogar.

— Tenho de ir para o ringue — diz, com relutância. — E o voo dos meus pais aterra em breve.

Ofereci-me para ir buscá-los, mas a Hannah disse que não se importavam de apanhar um táxi. Desconfio que o Garrett não me quisesse como seu motorista porque me odeia.

Porém, não há nada que possa fazer em relação a isso agora, nada que mude o que sinto pela sua filha e o que ela sente por mim. Ela é minha e eu sou dela, e ele terá de lidar com isso mais cedo ou mais tarde.

Depois de a Gigi sair, tomo banho e visto-me, saindo relutantemente do hotel para me encontrar com os Grahams para almoçar. O Garrett e o Wyatt falam um com o outro durante todo o tempo, enquanto eu e a Hannah temos a nossa conversa paralela. Antevejo bastantes situações assim no meu futuro.

Fico aliviado quando finalmente chega a hora de ir para o recinto, onde temos lugares excelentes mesmo atrás do banco da Briar. O jogo está a ser transmitido na televisão, por isso, há câmaras por todo o lado. *Flashes* a disparar. Um burburinho de entusiasmo atravessa o ringue e é contagioso. Esfrego as mãos enquanto nos instalamos nos nossos lugares. O meu olhar procura a Gigi e encontra as costas da sua camisola. Número 44. Vejo o seu rabo de cavalo escuro e comprido a sair-lhe do capacete.

O jogo é rápido desde o início, exatamente o que se esperaria do campeonato. As melhores jogadoras universitárias estão no gelo neste momento.

A meio do primeiro período, a Gigi vira-se para nos sorrir por detrás da viseira. Acabou de se atirar para cima do banco depois de marcar um golo que fez todo o ringue irromper num frenesim ensurdecedor.

— Ela parece selvagem — observa o Wyatt. — Vocês criaram uma criança selvagem.

Rio-me à socapa.

— Oh, culpa o teu pai — diz a Hannah, agitando um polegar na direção do marido. — Ele é que tem o gene do hóquei.

Estou completamente motivado para este confronto. Fico o tempo todo à beira do assento. Parece um balancé. A Briar começa embalada,

controlando completamente a Ohio State. A seguir, há uma súbita alteração de dinâmica e a Ohio começa a limpar o chão com a Briar. Depois, nova transição abrupta e a Whitney Cormac ataca. Não marca golo, mas agora a Briar está a jogar ao ataque. Estão a ser implacáveis: a Whitney, a Gigi e a Camila Martinez rematam à baliza como um trio de *snipers*.

Nunca senti tanto orgulho como quando vi a Gigi a dar a volta atrás da baliza como uma profissional, distraindo a guarda-redes e criando uma oportunidade para a Camila marcar golo.

2-1 para a Briar.

O segundo período é mais do mesmo, embora repare que há umas raparigas da Ohio que começam a ficar mais físicas do que deviam. Por vezes, trata-se apenas de contacto accidental. Outras vezes, são mesmo faltas mascaradas por contactos accidentais. Geralmente, depende do que os árbitros decidem.

Porém, a central adversária, a número 28, está a tomar muitas liberdades. A miúda tem pelo menos um metro e setenta e cinco, é bastante mais alta do que a Gigi. Mas a minha miúda aguenta-se. Inclinando o corpo com facilidade, vence todos os duelos contra a 28. E, ainda assim, a miúda não desiste.

A dada altura, o Garrett põe-se de pé, gritando com os árbitros.

— Que raio estão a fazer aí em baixo?! Usem os olhos! Foi claramente contacto!

A sua explosão chama a atenção. Vários pares de olhos arregalam-se, reconhecendo-o.

A Hannah puxa-o de volta para o banco.

— Garrett, senta-te. Não trouxe a tua barba falsa nem os óculos.

O Wyatt ri-se.

Quando volta a instalar-se no banco, eu e o Garrett trocamos olhares. Não posso negar que também me sinto um pouco irritado.

— Aquela miúda é demasiado agressiva — digo-lhe.

Ele assente.

— É bom que aqueles árbitros comecem a prestar mais atenção.

Felizmente, é como se a número 28 percebesse quão perto está de se tornar uma eterna rival do Garrett Graham e afasta-se. Agora estão empatadas 2-2, após um golo marcado por uma avançada da Ohio.

Fogo, este jogo é tenso. Inclino-me para a frente com os antebraços sobre os joelhos, os olhos colados à ação no rinque.

A Gigi tem o disco e atravessa a linha azul, largando-o em seguida; ela e a Whitney avançam, metendo-se atrás da baliza com uma defesa da Ohio. A 28 junta-se à confusão e eu fico imediatamente alerta. O Garrett também. Os nossos olhos de lince focam a baliza.

— Tira-o daí — murmura o Garrett. — É demasiado perigoso com a número 28 aí atrás.

Concordo. Normalmente, queria que a Gigi aguentasse firme, mas não gosto desta rapariga. Suspiro de alívio ao ver a Gigi lançar o disco contra a tabela e patinar em direção ao banco quando o Adley pede uma substituição.

Ela claramente quer uma mudança de linha, mas a número 28 está em cima dela, não a deixa soltar-se. Filha da mãe. Percebo a importância de pressionarmos o nosso adversário, mas isto é demais. Ainda existe honra entre os jogadores de hóquei.

Entram mais duas avançadas, uma delas indo ao auxílio da Gigi junto à tabela. A jogadora da Briar vence a disputa pelo disco e sai disparada, enquanto a Gigi se põe em posição na área de marcação. Ela grita qualquer coisa. O disco é lançado e vai parar ao seu *stick* ao mesmo tempo que ela colide com a 28.

É totalmente accidental. Até eu, que agora tenho uma rivalidade pessoal contra ela, consigo ver que não foi de propósito. O seu *stick* parte-se, fazendo-a perder o equilíbrio. E a alteração abrupta na distribuição do seu peso fá-la ir contra as costas da Gigi.

Todos assistimos ao voo da Gigi, horrorizados. O meu olhar de pânico acompanha o movimento do número 44, conforme a Gigi embate com a cabeça na tabela, fazendo o seu capacete voar para longe.

Ela cai de barriga para baixo, uma mão ainda agarrando o *stick*, a outra estendida sobre o gelo junto ao capacete caído. Estamos todos de pé. A princípio, o público continua a gritar, porque não se apercebe do que está a acontecer. Depois, todo o ringue fica num silêncio sepulcral, quando os adeptos percebem que ela não se mexe.

O meu coração para. Para completamente de me bater no peito, uma massa imóvel e inútil de medo puro.

— Está só cansada — diz o Wyatt, os seus olhos verdes colados ao gelo. Parece estar a tentar convencer-se. — Ela está bem...

Antes de ele terminar de falar, desato a correr pelo corredor, abrindo caminho por entre as pessoas sem pedir desculpa, com o pai da Gigi mesmo atrás de mim.

Praticamente saltamos a tabela que vai dar ao corredor entre as bancadas e o acrílico.

— Deixa-me passar — berra o Garrett para o membro da equipa à frente da porta que vai dar ao banco de suplentes. — É a minha filha.

Olho desesperado para o gelo, o meu coração ainda sem bater porque ela ainda não se mexeu. Está um árbitro debruçado sobre ela, assim como o treinador Adley e algumas das suas colegas de equipa. Finalmente, farto-me do homem que está a guardar a porta. Avanço e tento empurrá-lo para o lado. Acho que é um dos treinadores-adjuntos da Briar, mas estou-me nas tintas para a boa educação.

— Não podes passar — insiste ele, pondo-se à minha frente outra

vez.

Uma debandada não conseguiria impedir-me de chegar à Gigi.

— Uma porra é que não posso — rosno. E depois dou-lhe outro empurrão firme, obrigando-o a sair-me do caminho.

— Aquela é a minha mulher.

CAPÍTULO 49

GIGI

Casámo-nos

— Então. Hum. Pois. Casámo-nos.

Consegue-se ouvir um alfinete a cair no balneário das mulheres. O médico da equipa e os paramédicos acabaram de sair, satisfeitos com o facto de eu não correr o risco de ter um traumatismo craniano. Apesar do que o público acha que viu, não cheguei a bater com a cabeça, o capacete saiu depois de eu cair no gelo. Mas fiquei completamente sem ar. De cara no chão, os ouvidos a zunir e os pulmões comprimidos, por momentos, esqueci-me de como respirar.

Agora, o Ryder está sentado ao meu lado no banco, com os meus pais e o meu irmão de pé à nossa frente. Estupefactos. Agora que os médicos se foram embora, a bomba que o Ryder lançou antes de eu cair para o lado pode finalmente ser abordada. Não há como desarmá-la, a bomba *explodiu* assim que ele deu a notícia aos meus pais. Porém, espero que a radiação da explosão não seja demasiado devastadora.

Mordo o lábio de ansiedade, esperando que alguém fale.

— G, eu adoro-te. És minha irmã. Mas esse é o maior cliché que já ouvi na vida. *Casei-me em Las Vegas*. É tão genérico que nem escreveria uma canção sobre isso.

— Wyatt — avisa a minha mãe.

O meu pai ainda não proferiu uma única palavra. Está totalmente sem expressão. Nem sequer há raiva no seu rosto. Nada. É como olhar para uma parede de tijolo, uma caixa de cartão, um objeto inanimado incapaz de revelar o que sente.

— Ouçam, eu sei que isto é inesperado — digo.

Porque foi. Total e indiscutivelmente inesperado.

Mas não irrefletido.

Apesar do que o meu irmão pensa, não se tratou de uma daquelas fugas pirosas para ir casar a Las Vegas. Não fomos casados por um Elvis jovial, motivados pelo álcool que nos corria nas veias. Estávamos completamente sóbrios. Pedimos uma licença fora de horas porque,

bem, é possível fazer isso em Las Vegas. E tivemos uma noite inteira para pensar no assunto. Para mudar de ideias. Não éramos obrigados a voltar ao cartório na manhã seguinte, mas fizemo-lo.

O Ryder continua debruçado sobre mim, passando-me a mão inquieta pela testa, porque não acredita que não bati com a cabeça. É querido. Toco-lhe no rosto para o descansar e, assim que os meus dedos lhe tocam na pele, a ansiedade abandona-lhe o olhar. Tenho esse poder sobre ele, e ele sobre mim.

Como na noite em que me fartei de chorar nos seus braços depois de o Fairlee destruir os meus sonhos como um atirador bem treinado, deixando-me a sangrar com uma bala no coração. Pumba. Sonho destruído. O Ryder ajudou-me nessa noite. Ele ajuda-me todas as noites. Todos os dias. E minutos.

Fazemos bem um ao outro.

— Sei tudo o que vão dizer. — Continuo a falar quando parece óbvio que os meus pais não o farão. — Aham que somos demasiado novos. Que é demasiado precipitado. Mas estão enganados. E, sim, consigo imaginar milhares de raparigas idealistas e estúpidas dizendo estas mesmas palavras depois de fugirem com os namorados. O Wyatt tem razão, parece um cliché. Mas eu e o Ryder não somos estúpidos. — Encolho os ombros. — E, caso só agora tenham percebido, entre nós não há sequer um pingo de idealismo.

O meu irmão ri-se baixinho.

— Sabemos exatamente no que estamos a meter-nos. Não será perfeito. Enfrentaremos problemas. A vida irá magoar-nos de muitas maneiras. Mas escolhemos fazer essa vida juntos. Tomámos esta decisão de olhos bem abertos.

Reparo nas lágrimas que brilham nas pestanas da minha mãe e, por momentos, volto a ser criança.

— Por favor, não te zangues comigo — imploro-lhe, embora, no fundo, saiba que, mesmo que ela fique zangada para sempre, é algo com que terei de lidar.

Fiz a minha escolha. É ele.

A minha mãe aproxima-se e senta-se do meu outro lado, pondo um braço à minha volta.

— Não, não estou zangada. Fico feliz por reconheceres que não será tudo um mar de rosas. — Ela toca-me no rosto, tranquilizando-me. — Mas talvez este não seja o local nem a hora para discutirmos... isto... em pormenor. — Ela levanta-se. — Tens a certeza de que não queres ir ao hospital?

Abano a cabeça.

— Não quero mesmo. O paramédico disse que nem precisava de seguir o protocolo dos traumatismos cranianos.

No entanto, fico impedida de jogar o resto do jogo, o que é

horriavelmente cruel. Mas o médico da equipa não permite, apesar de os paramédicos terem dito que, provavelmente, não faria mal. Foi a palavra *provavelmente* que fez o Dr. Parminder franzir o sobrolho. Portanto, agora estou no banco. Falta meio período para acabar o jogo e eu devia estar ali, a jogar com a minha equipa. Ou, pelo menos, sentada no banco a aplaudi-las. Mas o treinador Adley obrigou-me a despir o equipamento, portanto nem para isso estou vestida.

— Vou lá para fora — digo, com firmeza, pondo-me de pé. — Mesmo que não possa estar no gelo com elas, sempre posso berrar a plenos pulmões.

O Ryder pega-me na mão.

— Está muito barulho lá fora.

— Não me dói a cabeça — resmungo. — Juro. Só demorei um pouco a levantar-me porque me faltou o ar.

Volto a olhar para a minha família. Para a parede de tijolo que dantes era o meu pai. Finalmente, o seu silêncio prolongado desencadeia algo em mim. Impaciência. Irritação. Talvez alguma raiva também.

— Não vais dizer nada? — Avanço, pondo-me diretamente à sua frente, tentando obrigá-lo a olhar-me nos olhos. — De todo? Porque estás a começar a assustar-me um pouco.

Os seus olhos cinzentos encontram os meus.

E, finalmente, ele fala.

— Esta foi, sem dúvida, a coisa mais estúpida que alguma vez fizeste.

Estremeço como se tivesse sido atingida.

— E nunca me senti tão desiludido contigo.

— Garrett — diz a minha mãe, abruptamente.

Mas é demasiado tarde. A bala que me atingiu quando o Fairlee não me escolheu para a seleção olímpica volta a encontrar o seu alvo.

Desta vez, por cortesia do meu pai.

CAPÍTULO 50

RYDER

O problema entre pai e filha

A minha nova sogra vem visitar-me poucos dias depois de a equipa feminina da Briar vencer o Frozen Four e trazer o troféu para a nossa universidade, depois de três anos em mãos alheias. Ela liga a avisar, portanto, não me surpreende vê-la à minha porta.

— Olá, entre — digo, pendurando-lhe o casaco. — Quer beber alguma coisa? Café? Água? Uma batelada de álcool para compensar os últimos três dias?

A Hannah ri-se.

— Vamos começar pela água e guardar os *shots* para mais tarde.

Ela olha em volta enquanto a conduzo pelo interior da casa em direção à cozinha.

— Está mais limpa do que imaginei — diz, com um sorriso. — Estava à espera de uma casa de solteiro.

— Ná, não somos completamente selvagens. — Pauso, fazendo uma expressão envergonhada. — A mãe do Shane manda cá uma senhora fazer limpezas duas vezes por mês.

Sou presenteado com outra gargalhada. Na cozinha, ela senta-se à mesa enquanto eu me dirijo ao frigorífico para ir buscar água.

— A Gigi vai mudar-se para cá? Disse que ainda não tinha decidido.

Olho por cima do ombro.

— Acho que ficará por cá não oficialmente até ao fim do semestre. E depois vamos procurar um sítio juntos em Hastings.

O Shane e o Beckett continuam a chatear-me a cabeça por causa disto. Quando voltei de Las Vegas e lhes disse que tinha casado com a Gigi, ambos acharam divertidíssimo. Moeram-me o juízo durante horas. O Shane passou um dia inteiro a referir-se a mim como Sr. Graham. O Beckett deu-me dicas para a lua de mel e comprimidos de Viagra.

Foi tudo muito giro até eles perceberem que não era uma

brincadeira ou uma situação de casamento só no papel. Que, mais cedo ou mais tarde, eu sairia de casa. E não iríamos morar juntos no nosso último ano de faculdade. Desde então, têm andado um pouco mais contidos.

Quando passo a garrafa de água à Hannah, reparo que o seu olhar pousa na aliança de prata no anelar da minha mão esquerda. Eu e a Gigi comprámos as alianças esta manhã numa pequena joalharia da Main Street. Cada vez que olho para baixo e a vejo, ainda me surpreende.

Nem sequer me lembro qual de nós sugeriu casarmos. Talvez tenha sido eu? Só me lembro de andarmos de mãos dadas na avenida principal de Las Vegas, naquela primeira noite, e de pensar que não havia mais ninguém com quem quisesse andar de mãos dadas para o resto da vida. E, por alguma razão inexplicável, a Gigi concordou.

— Casados — diz a mãe dela, com uma expressão divertida.

— Casados — confirmo.

Tem piada, se pensarmos nisso.

— Sei que acha que somos doidos — digo, encolhendo os ombros.

— Na verdade, não. Não acho. Conheço a minha filha. Ela não se mete nas coisas de ânimo leve. E acho que estou a começar a conhecer-te também. Não és impulsivo.

— Não — concordo.

Sou o oposto, na verdade. Ponderado. Perpetuamente cético das pessoas que se atiram primeiro de cabeça e pensam depois.

— Ouça — digo, bruscamente, após um breve silêncio —, não precisa de fingir que aceita ou apoia. Dou-lhe permissão para reagir como o seu marido. E optar pelo tratamento do silêncio connosco.

— Ele está a esforçar-se.

A Hannah tem razão: nos últimos três dias, o Garrett enviou mensagens, telefonou e deixou várias mensagens de voz à Gigi, pedindo para falarem. Mas a filha dele é teimosa. Ela é que está a recusar aceitar o ramo de oliveira.

— Ele magoou-a — digo, baixinho.

— Eu sei. Ele está arrependido. Vocês apanharam-no de surpresa. O Garrett não gosta nada de surpresas. E não, não estou secretamente aborrecida.

— Mesmo?

Ela estende os braços sobre a mesa e agarra-me as mãos.

— Sei que perdeste a tua mãe quando eras muito novo.

Mexo-me na cadeira, o desconforto retesando-me os ombros, porque não sei o que a Gigi contou aos pais sobre o meu passado. Não lhe pedi que guardasse segredo do que o meu pai fez, mas a ideia de os seus pais saberem é inquietante.

— Não é fácil crescer sem mãe.

Encolho os ombros.

— Tive mães de acolhimento.

Ela perscruta-me o rosto.

— E trataram-te bem?

Abano a cabeça abruptamente. A minha garganta aperta-se.

— Foi o que pensei. — Ela aperta-me a mão. — É por isso que vim até aqui. Queria que soubesses que estou aqui para ti. Sinceramente, Luke. Não tenho dúvidas de que farás parte da nossa vida por muito tempo e isso não me incomoda nada.

Vem-me um pensamento à cabeça. Sobre a minha própria mãe. Se ela fosse viva e eu chegasse a casa com uma rapariga com quem tinha acabado de casar, pergunto-me como reagiria. Se seria suficientemente sensata para reconhecer que a Gigi não é «uma rapariga qualquer», mas a minha vida toda.

Porém, nunca saberei. E essa ideia desoladora provoca qualquer coisa dentro de mim. Pestanejo. Pestanejo outra vez. A humidade nos meus olhos não se dissipa. Só se acumula, distorcendo-me a visão.

— Então — diz a Hannah, com delicadeza. — Está tudo bem.

Viro a cabeça para evitar o seu olhar. Sinto-me sensível e exposto.

Ela levanta-se da cadeira e agacha-se à minha frente.

— Desculpa. Não devia ter mencionado a tua mãe.

— Não, não faz mal. — A minha voz falha. Passo o antebraço pelo rosto, limpando as lágrimas com a manga.

Antes que possa impedi-la, a mãe da Gigi puxa-me num abraço apertado e eu fico a chorar nos seus braços como uma criança.

Isto é tão embaraçoso.

Ela estende a mão e afasta-me uma madeixa de cabelo da testa, nada incomodada com as minhas lágrimas.

— Só estava a tentar dizer que agora és da família. Sei que não sou a tua mãe verdadeira, mas acho que fiz um bom trabalho com os meus filhos.

— Fez, sim — digo, com a voz pastosa.

— Por isso, sempre que precisares de alguma coisa, podes ligar-me ou enviar mensagem. Estarei sempre aqui para ti.

Subitamente, ouço a porta da rua a abrir-se. As vozes do Shane e do Beckett. Limpo os olhos, enquanto a Hannah se levanta e volta a sentar-se no lugar. Bebe um gole de água, pousa a garrafa e suspira.

— Pronto. E, agora, como iremos resolver o problema entre pai e filha?

*

Não é tão fácil quanto parece. Passada uma semana, a Gigi continua a recusar falar com o pai. O Garrett ficou tão desesperado que chegou a

telefonar-me a pedir que interviesse em seu nome. Disse-lhe que iria tentar. Porque, ponto um, ele é o meu ídolo. E, ponto dois, agora é meu sogro.

Mas... ela é minha mulher.

Mulher.

Ainda parece surreal dizê-lo. Toda a minha vida, nada mais além do hóquei me pareceu certo. No gelo, atrás do disco, a rematar à baliza, é quando me sinto mais eu. É uma sensação de pertença, como se estivesse exatamente onde devo estar.

Só houve outra vez na minha vida em que me senti assim.

Quando disse «Aceito» à Gigi no cartório.

Escolhemo-nos um ao outro. E ela tem razão: não estou à espera de que seja fácil. A vida nunca é. Mas é com ela que quero enfrentar todas as adversidades. Ela é a minha companheira e, independentemente do que aconteça, vamos sempre apoiar-nos um ao outro.

Portanto, preciso de apoiá-la agora, embora reconheça que o seu pai se arrependeu de todas as palavras que disse no balneário naquele dia.

Mas, caramba, aquelas palavras magoaram-na profundamente. Toda a vida ela tentou agradar-lhe e ele diz-lhe que está desiludido com ela? Pior, que nunca esteve *tão* desiludido com ela?

Será preciso muito tempo até ela esquecer o que ele lhe disse. O Garrett sabe-o, e é por isso que está desesperado a ponto de pedir a minha ajuda. Sei que deve estar a dar cabo dele. É óbvio que ele não aprova o nosso casamento.

Curiosamente, além da minha sogra, quem também aprovou foi o meu novo cunhado. O Wyatt enviou-me uma mensagem do aeroporto na manhã em que partiu de Las Vegas.

WYATT:

Magoas a minha irmã e eu magoo-te a ti.

Percebes, Cunha?

EU:

Cunha?

WYATT:

Cunhado. Tentei escrever a palavra, mas o corretor não gostou.

Por isso, agora és o Cunha.

Não a magoes e estará tudo bem entre nós.

EU:

WYATT:

Bem-vindo à família. Suponho que teremos de fazer um esforço para nos darmos bem. Agora que vamos aturar-te para sempre.

EU:

Obrigado, Cunha.

O Wyatt não vai voar até Boston para me ver jogar no Frozen Four amanhã à noite, mas a Hannah e o Garrett vão assistir ao jogo. Provavelmente, o Garrett estará à espera de que a Gigi não tenha outra hipótese a não ser reconhecer a sua existência, se ficarem sentados ao lado um do outro.

Noutro resultado inesperado, a Arizona derrotou a Notre Dame no jogo de há dois dias, portanto, iremos jogar contra eles no Campeonato Nacional. Não fiquei muito contente. Preocupa-me voltar a enfrentar o Michael Klein. Nesta época ainda não defrontámos a Arizona, por isso, quem sabe como irá comportar-se durante o jogo.

Nessa noite, toda a equipa, incluindo o Jensen e a equipa técnica, sai para jantar. Aqueles de nós que não são menores de idade podem pedir uma imperial, mas só uma, como nos informa o Jensen de forma tão graciosa. Depois, acrescenta que quem aceitar a oferta deve beber três copos de água para compensar a escolha insensata. Ainda assim, somos bastantes a pedir a tal cerveja.

A notícia do meu casamento atravessou o plantel e, em diversas ocasiões durante o jantar, reparo no Colson a olhar para a minha aliança. Da única vez que os nossos olhares se cruzam, ele resmunga algo baixinho e vira-se, indignado. Ao seu lado, o Jordan Trager fulmina-me com o olhar, em solidariedade. Pego na minha cerveja, resignado.

Acabámos de regressar ao hotel e estamos a entrar na receção quando o meu sogro me envia uma mensagem a dizer que está no bar, perguntando-me se tenho um minuto.

— Encontramo-nos lá em cima — digo ao Shane, que acena com a cabeça e se encaminha para o nosso quarto.

Alguns tipos da equipa adversária passam pela receção com os seus casacos de hóquei. De olhos arregalados, murmuram de excitação ao verem o Garrett Graham atravessar a receção vindo do bar.

— Olá — diz, chegando ao pé de mim. Ele deve reparar nos olhares, porque coça a nuca e faz um esgar. — Ia sugerir bebermos um copo no bar, mas o que achas de irmos a outro lado?

Aceno que sim.

— Boa ideia.

Saímos do hotel e damos uma rápida vista de olhos pela rua. Há uma livraria ao fundo do quarteirão com um café ao lado e encaminhamo-nos para lá.

— Não tenho o direito de te pedir favores — começa o Garrett, com tristeza. — Sei que não tenho sido muito caloroso contigo. Quando vieste passar o Natal com a Stan lá a casa. Quando mostraste interesse no meu programa. Talvez pudesse ter sido... menos cabrãozinho.

Encolho os ombros.

— Na boa. Não guardo rancores.

— Geralmente, eu também não. Mas devo dizer — ele mostra uma expressão severa —, não adoro que não tenhas pedido a minha bênção antes de casares com ela.

Inclino a cabeça na sua direção, curioso.

— E teria dado a sua bênção?

— Não.

Sai-me uma gargalhada.

— Então, é melhor pedir perdão do que permissão, certo? Porque teria casado com ela de qualquer forma. Eu... — Fico boquiaberto. — Não acredito.

— O que é que...

Mas estou já a dirigir-me à divisória entre o café e a livraria. Detenho-me junto a uma mesa com livros de não-ficção, diante de um cavalete que me chamou a atenção. Exposto no cavalete está um grande cartaz que mostra uma paisagem branca e deserta atravessada por um rio. As letras maiúsculas anunciam:

HORIZONTES: O TERRITÓRIO DE YUKON

Não.

Acredito.

— O que é que estás a fazer? — O Garrett surge ao meu lado.

Varro o olhar pelo interior da loja até que a vejo: a pequena fila junto a outro cavalete com o mesmo cartaz. À frente da fila está uma mesa com uma pilha de CD de um lado e uma pilha de fotografias do outro. Atrás da mesa está sentado um senhor idoso com uma camisa xadrez vermelha e suspensórios amarelo-milho. Para completar o conjunto, usa um boné antigo e óculos de massa pretos.

— Meu, aquele é o Dan Grebbs — digo ao pai da Gigi.

— Quem?

— O tipo dos sons da natureza por quem a sua filha é obcecada. Vamos, temos de nos pôr na fila.

Ele fica perplexo.

— Porquê?

— Porque a Gigi adora-o e quero arranjar-lhe uma fotografia autografada. Compraria também o CD, mas ela já deve ter feito *download*.

Ignorando a sua expressão confusa, ponho-me na fila, surpreendentemente longa considerando que se trata de um homem de 80 anos que grava sons da natureza com o seu próprio equipamento. O bacano nem sequer acrescenta música, mas acho que isso faz parte do seu charme.

O Garrett suspira e diz:

— Vou buscar café.

A fila move-se lentamente, portanto, estou ainda no mesmo sítio quando ele regressa com dois copos de esferovite. Passa-me um.

— Pode ser simples?

— Está ótimo, obrigado.

Ele fica novamente especado a olhar para mim.

— O que foi? — resmungo.

— Nada — diz, mas continua a olhar.

A fila vai diminuindo. Agora consigo ouvir o que o Grebbs está a dizer à mulher diante de si. Ela deve ter uns 50 anos, o que me parece ser a idade apropriada para estar à espera de um autógrafo deste homem.

— ... para um rapaz de 20 e muitos anos, ainda ansiando emoções fortes, o Yukon foi desolador. Sufocante até, apesar do vasto território à minha volta. Mas, assim que esvaziei a cabeça, assim que abracei a torrente do Klondike e o beijo fresco do ar que me chegava da Tombstone Mountain, transformei-me.

— Isso é... incrível. Obrigada pelo seu trabalho, Sr. Grebbs. Digo-o com sinceridade.

— É uma honra proporcionar-lhe esta experiência, minha querida.

— Ele dá-lhe um CD e uma fotografia.

O casal a seguir não se demora, limita-se a receber os autógrafos e sair. Subitamente, estou diante do ídolo sonoro da Gigi, sentindo-me deslocado e, sinceramente, estúpido.

Mas o Garrett dá-me um empurrãozinho e eu avanço.

— Hum. Olá. Sr. Grebbs. Grande fã.

Do canto do olho, vejo o Garrett comprimir os lábios para disfarçar o riso.

— Bem, na verdade, a minha mulher é que é fã. Ela tem todas as suas... paisagens sonoras.

O Garrett tosse para a mão.

— A sério, ela ouve-o religiosamente. No carro, quando vai correr, quando está a meditar.

— Que maravilha. — O Dan Grebbs tem um olhar meigo. Há algo

tão relaxante na sua figura como nos seus sons.

E eu nunca, jamais, direi à Gigi que acabei de pensar nos seus sons como relaxantes. Iria gozar comigo para sempre.

— Como se chama a sua mulher, rapaz?

— Gigi. — Soletro-lhe o nome.

Ele pega num marcador de feltro preto e curva-se, escrevendo cuidadosamente o que parece ser um ensaio num dos lados da fotografia. Na foto, veste também um conjunto de camisa xadrez e suspensórios. Tenho quase a certeza de que será o mesmo.

Ele passa-me a fotografia.

— Que atencioso fazer este gesto pela sua mulher.

— Obrigado.

Afastamo-nos para deixar passar o próximo fã. Enrolo a fotografia, porque não quero dobrá-la. O Garrett continua a observar-me.

— Pare de olhar assim para mim — resmungo. — Eu sei que é estúpido.

Ele limita-se a suspirar, abanando a cabeça para si mesmo.

— Tu ama-la mesmo.

— Até ao dia em que morrer — digo, simplesmente.

Os seus dedos apertam firmemente o copo de café.

— Ela irá evitar-me para sempre? — pergunta, com tristeza.

— Espero que não. Mas conhece-a, ela é teimosa. — Encolho os ombros. — E passou toda a vida a tentar agradar-lhe.

A culpa atravessa-lhe o olhar.

Reasseguro-o rapidamente.

— Eu sei que não a pressionou. É ela que põe essa pressão em si mesma, e tem consciência disso. Mas a verdade é que tudo o que ela sempre quis foi deixá-lo orgulhoso.

— Eu *estou* orgulhoso. E não só porque ela é boa no hóquei. Ouve, eu disse certas coisas quando estava zangado. Tive medo. — Ele fecha os olhos brevemente. — Porque sabia naquele momento que a tinha perdido. Que ela já não era minha.

Agito a cabeça, surpreendido.

— Não quero dizer minha no sentido de propriedade — diz, com a voz rouca.

— Não, eu sei o que quer dizer.

— Ela é a minha menina. Irás perceber o que isso significa, se algum dia tiverem filhos. Se tiverem uma filha.

Ele continua a falar enquanto nos encaminhamos pelo quarteirão de volta para o hotel.

— Gostava que ela me deixasse explicar.

— E vai deixar. Mais cedo ou mais tarde.

Ele dá uma gargalhada forçada.

— Isso não é muito encorajador.

— Se quer uma *cheerleader*, eu não sou essa pessoa.

— Calculei.

— Mas voltarei a falar com ela. Acho que vocês não falarem não traz nada de bom...

— Luke Ryder?

Um homem de óculos e *blazer* atravessa o nosso caminho. Fico imediatamente em sentido.

— Sim? — digo, desconfiado.

Um brilho faminto ilumina-lhe o olhar e, subitamente, ele retira um pequeno gravador do bolso, que empurra na minha direção.

— Tem algum comentário a fazer sobre a audiência iminente para a liberdade condicional do seu pai?

CAPÍTULO 51

RYDER

Tempestade mediática

Uma sensação fria e inquietante percorre-me o peito, transformando-se numa agitação agoniada que me faz contrair as entranhas.

Fico pasmado e sem palavras. Não que seja grande falador para começar, mas, noutras circunstâncias, pelo menos, teria sido capaz de proferir um «vá-se foder» ou «desapareça-me da minha frente».

Mas não me sai nada.

— As minhas fontes dizem-me que se recusa a testemunhar contra o seu pai na audiência — insiste o jornalista, quando eu não respondo. — Concorda com a libertação do seu pai?

Não é o único jornalista a circular por aqui. Há outros a rondar a receção do hotel, tubarões que sentiram o cheiro a sangue. Um homem com um bloco de notas e uma mulher com um operador de câmara correm até mim.

— Luke Ryder? — diz a mulher, avidamente. — Tem algum comentário em relação...

O Garrett repara na minha expressão e a sua endurece imediatamente. Ladra «Sem comentários» e pousa uma mão sobre o meu ombro para me afastar dali.

No elevador, olha para mim com uma expressão séria.

— Para que andar?

— Nono — digo, debilmente.

Uns minutos depois, eu e o Garrett entramos no meu quarto. As notícias sobre os tubarões na receção já chegaram aos ouvidos da Briar, porque vários dos meus amigos já estão no quarto. Alternam entre olharem para mim constrangidos e tentarem não ficar embasbacados a olhar para o Garrett Graham.

— Puto, estão vários jornalistas lá em baixo a fazer perguntas — diz o Shane, em tom sombrio.

— Sim, eu vi.

Respiro fundo e dirijo-me ao minibar. Tiro uma garrafa de água,

mas não lhe tiro a tampa. Encosto-a só à testa. Sinto-me quente. Tenso de desconforto.

— Que raio se está a passar? — resmungo entre dentes para o pessoal.

Do pequeno sofá no lado oposto do quarto, o Beckett pronuncia-se.

— O teu velho amigo Michael Klein deu uma entrevista ontem à noite. Os vídeos tornaram-se virais.

O meu queixo fica tenso.

— O que é que ele disse?

O Shane olha-me nos olhos.

— Nada de jeito.

— O que é que ele disse? — repito.

Os meus amigos fazem-me um resumo. Um blogue de desporto publicou perfis de vídeo de alguns jogadores da Arizona, incluindo o Klein. Quando lhe perguntaram sobre a sua relação prévia comigo, basicamente retratou-me como um brutamontes com mau feitio que o atacou sem razão no balneário. Oh, mas não se preocupem, continuou o Sr. Mártir: «São tudo águas passadas» e «Ele ultrapassou a questão».

Porém, não foi essa parte que se tornou viral. Quando lhe perguntaram se as minhas ações após o Mundial de Sub-20 o tinham chocado, o Klein disse que não ficou nada surpreendido, uma vez que a violência é hereditária na minha família.

— Foda-se — resmunga o Garrett, em desaprovação.

O jornalista aproveitou a declaração e seguiu-a avidamente. Fez alguma investigação, ficou a conhecer o meu passado e escreveu um artigo subsequente. Aparentemente, uma fonte do procurador-geral de Maricopa County contou-lhes que eu me recusava a aparecer na audiência e, agora, o pressuposto é que não quero depor contra o meu pai porque *quero* que ele saia em liberdade.

O que eu quero é vomitar.

Entram outras pessoas no quarto, incluindo o treinador Jensen e o treinador Maran e, de repente, está a decorrer uma grande reunião. Sinto uma inquietação em todo o corpo, como se tivesse formigas a caminhar-me na pele. O Shane e o Beckett sabem do meu pai e do Owen, mas mais ninguém sabe e, agora, vejo-me obrigado a falar sobre a coisa mais horrível que alguma vez me aconteceu.

Não partilho pormenores, não da forma como fiz com a Gigi. Partilho apenas o essencial com os meus colegas de equipa. Pai tinha arma. Arma disparou. Mãe morreu.

Ficam todos aflitos. Até o Trager parece perturbado.

— Está tudo bem — digo-lhes, mas sinto-me tão desconfortável que só me apetece enfiar-me num buraco.

Quem me dera que a Gigi estivesse aqui, mas ela só vem amanhã. Estou certo de que, se lhe telefonar, ela se mete no carro e ultrapassa

todos os limites de velocidade para cá chegar. Mas esta noite devia ser a noite da minha equipa. Jantar, vídeo do jogo, a última noite oficial numa época alucinante, cheia de altos e baixos.

— Porque é que o anormal do Klein anda a dar entrevistas sobre merdas que não são da sua conta? — A pergunta indignada vem do Rand Hawley.

— Mesmo — o Trager concorda com o Rand. — Começo a pensar que esse bacano mereceu levar no focinho.

Encolho os ombros.

— Mereceu. Ele disse coisas muito mais horríveis nos balneários depois do jogo.

— O que é que ele disse? — O Colson olha para mim do seu lugar, encostado à parede ao lado do Garrett. Abraçaram-se quando o Case entrou. Não adorei testemunhá-lo.

— Nada que mereça ser repetido. — Um suspiro aloja-se na minha garganta ao olhar em redor do quarto. — Vocês jogaram comigo o ano todo. Sabem que não tenho mau feitio. É preciso muito para me provocar.

— Então, este cabrão andava a dizer merda nessa altura e agora está a fazer o mesmo — diz o Trager. — Sabem o que eles estão a fazer, certo? Estão a tentar distrair-nos com estas tretas supérfluas para nos distraírem do jogo.

Murmúrios zangados percorrem o quarto. Fiquei ainda mais impressionado com o facto de o Trager conhecer a palavra «supérfluas».

— Bem, que se foda — diz o Rand, acenando com a cabeça na direção do Trager. — Não vai resultar.

— Não — concorda o Colson. — Não vai.

O treinador Jensen pronuncia-se finalmente, pousando o seu olhar duro em mim.

— Se quiseres, podemos faltar à conferência de imprensa amanhã de manhã. Não tenho problemas em dizer aos organizadores que não estamos interessados.

É habitual haver uma conferência de imprensa antes do jogo entre as duas equipas, compreendendo geralmente os capitães e os adjuntos. Acontece que o Michael Klein é adjunto.

— Não há problema — digo ao treinador. — Quero fazê-lo.

Os seus olhos escuros fixam-me o rosto.

— Amanhã a tua cabeça estará onde deve estar?

— Sempre — prometo.

O treinador encaminha-se para a porta, juntamente com o Garrett, que me dá uma palmada no ombro antes de sair. Os outros começam também a dispersar. Acompanho vários dos meus colegas de equipa à porta e aceito diversas palavras de encorajamento que não quero

ouvir. Só quero que me deixem em paz. Até gostava que o Shane não estivesse aqui agora, mas ele partilha o quarto comigo.

O Colson fica para trás, fazendo-me sinal para que vá ter com ele ao corredor. Rodo a fechadura para manter a porta aberta e sigo-o até lá fora.

— Estás bem? — pergunta, com brusquidão.

Esboço um leve sorriso.

— Queres realmente saber?

— Quero. E também... — O Case liberta um suspiro. — Nunca pensei dizer isto na vida, mas... sinto um bocado a tua falta.

— Não gozes.

Ele ri-se.

— Não é estranho? Quem, no seu perfeito juízo, sentiria falta dos teus silêncios prolongados e comentários idiotas?

Passo a mão pelo cabelo e o Case fixa o olhar na minha mão esquerda. Subitamente, o seu riso desvanece.

— Fogo, Ryder. Casaste com a minha ex-namorada — diz ele, de modo categórico.

— Não, casei com a minha mulher.

Ele fica calado durante um momento, os olhos azul-claros olhando para os pés. Depois, volta a suspirar.

— Não sei se me sinto preparado para sair com vocês. Só os três.

— Jamais obrigaria alguém a passar por essa tortura.

Ele ri-se.

— Mas hei de ultrapassá-lo — diz, encolhendo os ombros. — Tu não és mau tipo, Luke. Sei que não fizeste de propósito.

— Não fiz. — Suspiro também. — Não podemos controlar por quem nos apaixonamos.

— Não. Não podemos. — Ele estende a mão. — Estamos bem, se quiseres.

— Quero.

Aperto-lhe a mão, mas ele surpreende-me ao puxar-me para um abraço. Retribuo-o, mostrando um olhar determinado quando nos afastamos.

— Não vou deixar que esta merda do Klein me dê cabo da cabeça — prometo.

— Não achei que deixasses. — Também no seu olhar há determinação. — Aqueles otários vão perder amanhã. Não te preocupes, vão arrepender-se do que tentaram fazer.

*

Na manhã seguinte, ao acordar, vejo que tenho uma chamada não atendida do Julio Vega. Fico imediatamente maldisposto, pois duvido

muito que o diretor-geral do Dallas tenha ligado para me desejar boa sorte na final de hoje. Só coincide com o facto de a história sórdida da minha família de repente estar nas bocas do mundo.

Quando saio para a varanda a segurar no telemóvel, tenho a mão a tremer. O Shane está ainda a dormir. Eu acordei antes do despertador, como se o meu subconsciente sentisse que tinha perdido uma chamada do homem que tem o meu futuro nas mãos.

Há uma brisa fresca no ar e gostaria de ter vestido a camisola de capuz. Fico ali de t-shirt e calças de fato de treino, com os dedos frios a tentar retribuir a chamada.

— Luke, ainda bem que o apanho. Peço desculpa pela hora.

— Sem problema. Já estava acordado.

— Meteu-se aí numa bela tempestade mediática — diz o Vega, indo direto ao assunto. — Que excelente maneira de desviar a atenção do que realmente importa, hã? É o Frozen Four. Sobre isso é que deviam andar a escrever.

Sinto um nó no estômago.

— Desculpe. Eu não tive nada que ver com...

— Oh, não está a perceber. Não estou a culpá-lo de nada. São aqueles abutres. E a julgar pela fonte do artigo inicial, parece que o seu adversário estava a tentar amedrontá-lo.

— Parece que sim.

— Bem, queria apenas falar consigo e dizer-lhe que tem todo o meu apoio e do *franchise* relativamente a este assunto.

Fico tão chocado que quase deixo cair o telemóvel da varanda do nono andar.

— Tenho?

— Claro. Não só irá fazer parte da família em breve como é uma questão de bom senso. Perdeu a mãe quando era muito jovem. Não deve ser motivo de espetáculo nem de intriga.

Engulo em seco.

— Oh. Bem, obrigado. Agradeço as suas palavras.

— Também perdi a minha mãe quando era muito novo. Embora não tenha sido em circunstâncias tão terríveis, foi igualmente doloroso. Se precisar de alguma coisa, se precisar que eu fale com o procurador de Phoenix ou que arranje maneira de o Luke assistir à audiência sem que se torne num circo mediático, basta dizer. Faremos os possíveis para ajudar.

— Obrigado.

— E boa sorte logo. Estaremos a torcer por vocês aqui em Dallas.

Assim que desligo a chamada, fico envergonhado ao perceber que estou a pestanejar para combater as lágrimas. Mas, fogo, o alívio que me atravessa é quase uma libertação emocional. Atrapalho-me a enviar uma mensagem à Gigi a contar-lhe da chamada com o Vega.

Ela também está acordada e responde imediatamente.

GISELE:

Fico tão contente, amor.

Ela continua a escrever.

GISELE:

Talvez agora possas deixar de esperar o pior a toda a hora? O Dallas quer-te. Estão à tua espera. Para de duvidar de ti mesmo.

EU:

Vou tentar.

GISELE:

Ótimo. Agora vai comer qualquer coisa e tenta não te esforçares muito no treino matinal. Guarda-te para o jogo.

EU:

Assim farei. Amo-te.

GISELE:

Eu também te amo.

Faço os possíveis para manter a mente relaxada e o corpo solto. Depois de uma leve sessão de patinagem pré-jogo, dirijo-me à sala de conferências do hotel para a reunião com a imprensa.

Conforme me aproximo da porta, sou dominado pelo pavor. Foda-se. Não quero fazer isto. Mas não vou fugir. Não sou cobarde.

Assim que entro na sala, o treinador Jensen chama-me à parte e diz:

— Se não quiseses responder a alguma coisa, diz apenas «Sem comentários», percebeste?

Aceno que sim.

— Não te sintas mal em relação a isso nem justifiques por que motivo não queres comentar. «Sem comentários.» Ponto final, parágrafo.

— Sim, senhor.

Na parte da frente da espaçosa sala estão montadas duas mesas compridas com um palanque no meio. Sento-me numa cadeira entre o Colson e o Demaine. O treinador senta-se na outra ponta da mesa,

com uma pasta fina à sua frente. Suponho que sejam os temas de discussão, cortesia dos gurus das RP da Briar.

Na mesa da Arizona está o seu treinador principal, o capitão de equipa e dois capitães-adjuntos, entre eles o Michael Klein. Nem me digno a olhar para a sua figura de cabelo encaracolado. Sinto-o a olhar para mim, mas ele não merece reconhecimento.

Para meu alívio, a primeira pergunta, feita por um blogue desportivo universitário, é sobre a época da Briar e a forma como demos a volta para chegar até aqui. O Colson responde a essa. Ele tem jeito para lidar com o público. É tranquilo e articulado. A próxima pergunta é dirigida ao capitão da Arizona. Começo a pensar que talvez escape ileso quando uma jornalista se dirige a mim.

— Ontem foram reveladas informações bastante chocantes sobre a sua família. Acha que irão afetar o seu estado mental no dia de hoje?

O Jensen parece prestes a intervir, mas eu inclino-me para o microfone para responder.

— Diz «chocantes» e «foram reveladas» como se o meu passado fosse segredo, algo que estava a tentar esconder. Não é verdade. Qualquer pessoa com um computador ou um telemóvel poderia ter conhecimento da história da minha família antes do dia de ontem. O facto de várias pessoas andarem a falar sobre isso agora não me faz diferença. A minha prioridade é sempre o jogo.

Surpreendentemente, ela deixa cair o assunto e mais ninguém pergunta sobre os meus pais.

Porém, um jornalista irritante decide abordar a outra questão óbvia.

— Michael, da última vez que estive em campo com o Luke, eram colegas de equipa no Mundial de Sub-20. Esse encontro em particular acabou mal, não é verdade?

— Mal? — ecoa ele desdenhosamente. — Fui parar ao hospital.

— É evidente que há ainda bastante tensão residual — arrisca o intrépido jornalista, alternando o olhar entre os dois. — Voltaram a falar desde o Mundial e estarão dispostos, ou talvez já o tenham feito, a fazer as pazes?

O Klein limita-se a rir-se para o microfone.

O som é irritante e provoca-me arrepios. Cabrão.

Não sou o único a ficar irritado com ele. Do canto do olho, vejo o Case inclinar-se para o microfone.

— Eu tenho uma pergunta — diz o Colson. Erguendo uma sobrancelha, ele olha para a mesa da Arizona. — Para ti, Klein.

O meu antigo colega de equipa semicerra os olhos. O seu treinador tenta interceder, mas o Colson antecipa-se antes que consiga fazê-lo.

— O que é que disseste ao Ryder no balneário para ele te partir o maxilar? Porque eu joguei com este tipo a época toda e ele tem a

paciência de um santo e a compostura de uma parede de tijolo.

Há um momento de silêncio. O Klein repara que a sala está atentamente a olhar para si e percebe que deve oferecer algum tipo de resposta.

Finalmente, pronuncia-se através dos dentes cerrados.

— Não me recordo do que foi dito nesse dia.

Uma mulher curiosa na fila da frente dirige-se a mim.

— Lembra-se do que foi dito, Luke?

Olho para o Klein. Normalmente, ficaria calado. Evitaria a tentativa mesquinha. Mas o seu riso trocista ainda me ecoa nos ouvidos. E esta mancha na minha reputação, que me acompanha há anos, tornou-se, finalmente, insuportável.

Estar com a Gigi ensinou-me que, por vezes, devemos dizer as coisas, por isso, encolho os ombros e aproximo-me novamente do microfone.

— Ele disse que a minha mãe merecia morrer e que o meu pai devia ter-me dado também um tiro na cabeça.

A minha resposta faz-se acompanhar de um silêncio ensurdecedor.

Alguns dos jornalistas parecem perplexos, outros revoltados. O rosto do Klein mostra um vermelho-vivo. A sua mão atrapalha-se com a base do microfone, mas o seu treinador abana a cabeça em sinal de aviso, como se dissesse: «Nem uma palavra.» Porque nada de bom poderá vir de o Michael Klein tentar defender *aquelas* afirmações.

No entanto, recordo-as nitidamente. Por vezes, ainda as ouço, às voltas na minha cabeça.

Eu e o Michael estávamos sempre às turras. Desde o início que as nossas personalidades nunca encaixaram, sobretudo porque o Klein é intempestivo e tem a necessidade, alimentada pela sua insegurança, de ser o maior. Queria ser reconhecido como o melhor jogador da equipa e ficou furioso por eu ser melhor do que ele. Vencemos o Mundial de Sub-20 por causa do golo que *eu* marquei. E isso deu cabo dele.

Nem sequer me lembro de como começou a discussão no balneário. Começou pelos insultos do costume. Resolvi ignorá-lo, o que só o chateou mais. Ao ver que não lhe prestava atenção, agarrou-me no braço. Afastei-o de mim. Disse-lhe que era um imbecil queixinhas e grosseiro. Depois, ele disse aquela frase sobre a minha mãe e eu passei-me.

Não me arrependo. Mesmo agora, aturando uma série de desconhecidos que me perguntam sobre isso numa conferência de imprensa, não me arrependo de ter dado cabo do maxilar àquele tipo.

E vou adorar todos os segundos da tarefa que irei dar-lhe esta noite.

IMPARÁVEIS, COM JOSH TURNER

EXCERTO DA TRANSCRIÇÃO
DA ENTREVISTA DE OWEN MCKAY

DATA DE EMISSÃO: 22/04

© THE SPORTS BROADCAST CORPORATION

OWEN MCKAY: Sabes, Josh, fico um pouco ressentido com essa pergunta. A Universidade de Briar acabou de vencer o Campeonato Nacional. Será que não devemos focar-nos nisso agora? No que estamos a celebrar? Porque não me perguntas como me sinto ao saber que o meu irmão mais novo marcou o golo da vitória no Frozen Four? Porque, deixa-me que te diga, senti-me muito bem.

JOSH TURNER: Percebo o que estás a dizer e, certamente, não questiono a sua vitória. Trata-se de um feito notável. Estou simplesmente a ler as perguntas dos comentários, Owen. É o público que está a perguntar, não eu.

MCKAY: Compreendo, mas nem eu nem o meu irmão devemos ao teu público, ou a qualquer outra pessoa, um comentário sobre o nosso pai. Éramos ambos crianças quando ele foi preso. Desde então, não tivemos contacto com ele e não tencionamos fazê-lo. Também não estamos interessados em reviver o passado com o resto do mundo. E, sim, sinto-me confortável a falar em nome do meu irmão neste momento.

TURNER: Estou a ver... Hum... O Hank Horace do Tennessee quer saber se podes comentar sobre o atual estado do sistema judicial na América, especificamente o processo de liberdade condicional...

MCKAY: Não. Próxima pergunta.

TURNER: Tudo bem... Ah, eis uma pergunta divertida. Qual é o teu ritual de beleza, pergunta a Sandy Elfman da Califórnia. Há algum produto masculino que recomendes?

CAPÍTULO 52

GIGI

O teu marido

— Acho estranho que estejas casada e nunca irei compreendê-lo — declara a Mya, observando-me a andar de um lado para o outro na nossa sala à procura das chaves.

— É estranho, sim, mas, mais cedo ou mais tarde, deixará de ser estranho e perceberás que faz todo o sentido.

Ela abana a cabeça obstinadamente.

— Tens 21 anos. Quem é que se casa aos 21 anos? Não estamos na Idade Média!

— Tenho quase a certeza de que as miúdas na Idade Média se casavam, tipo, aos 12 anos. Seria uma solteirona comparada com elas. A minha mãe desmaiaria de alívio e o meu pai precisaria de saís de cheiro ao saber que a sua velha filha solteira tinha conseguido casar.

Mas eu percebo. Somos jovens. E, decididamente, irá demorar algum tempo até que todos os meus amigos aceitem este facto. A única pessoa que parece totalmente imperturbável com o meu casamento é a Diana, mas ela não se deixa perturbar com nada. Já anda a falar de saídas em casal com ela e o lorde Percival. Por estranho que pareça, aqueles dois ainda estão juntos, embora, quanto mais coisas ela conta, mais ele me parece cada vez mais controlador. Não adoro esse facto.

— Meu Deus, onde é que estão as minhas chaves?! — queixo-me, frustrada.

— Oh, é isso que procuras? Estão aqui.

Indignada, lanço-lhe um olhar furioso e pego nas chaves.

— Podias ter-me poupado bastante tempo.

— Onde é que vais? Tens programa com o maridinho? — goza.

— Não. Recebi os meus trabalhos de Marketing do Desporto e de Psicologia na sexta-feira e tive boa nota nos dois, por isso, vou passar a tarde ao jardim das borboletas.

Uma hora depois, o carro está estacionado, o cartão de sócia

verificado e entro finalmente no meu sítio favorito do mundo. Passeio pelos trilhos durante um bocado, desfrutando da brisa húmida e do arco-íris de asas que esvoaçam à minha volta. Sorrio ao estender a mão e ver uma *morpho* azul bater as asas e pousar no meu dedo. É o mais próximo que alguma vez estarei de ser uma princesa da Disney, e é glorioso.

Contemplo a forma como as asas lustrosas da borboleta refletem a luz do sol que atravessa as paredes envidraçadas.

— Tens uma vida tão boa — digo-lhe. — Não tens de fazer exames, nem de decidir se queres fazer um curso de verão para teres menos trabalho no próximo outono. Podes só voar por aí o dia todo. Brincar com os teus amigos. Sorver o teu néctar.

De repente, ocorre-me que talvez a borboleta *não queira* estar presa aqui dentro. Talvez queira visitar o vasto mundo para lá da estufa, onde ficaria rodeada por milhões de coisas que a poderiam matar. Já vi o *Bergeron* abocanhar uma borboleta no ar e comê-la de uma só vez.

— Preferias ser comida se isso significasse que podias ser livre? — Pergunto, desolada, à *morpho* azul.

Ouço um grito assustado de uma criança próxima de mim. A mãe ralha comigo e pega na mão da criança, levando-a para longe de mim.

Uau. Parece que já não se pode ter conversas filosóficas com borboletas à frente das crianças. As pessoas são tão tacanhas.

Percorro outro trilho e viro uma esquina.

Dou de caras com o meu pai.

Fico paralisada. Boquiaberta. Oh, vá lá. A sério? Não posso passar um belo domingo num lugar lindo onde sou feliz sem ter de recordar que o meu pai nunca se sentiu tão desiludido comigo em toda a sua vida?

A memória atravessa-me como um furacão. Rasga-me o peito, deixando apenas mágoa à sua passagem.

Ele deve ver a alegria que costumo sentir aqui esvair-se do meu rosto, pois as suas feições contraem-se de infelicidade.

Ele vem ao meu encontro.

— Olá.

— Como sabias que estava aqui? — pergunto, em vez de o cumprimentar.

— O teu marido disse-me onde estavas.

Ergo uma sobancelha.

— Uau.

— O que foi?

— Disseste mesmo as palavras «o teu marido» sem hesitar.

— Sim, bem... — O meu pai enfia as mãos nos bolsos. Tem vestidas umas calças cargo e uma t-shirt branca. Reparo na maneira como algumas mulheres que passam por nós olham para ele. O

homem ainda não perdeu qualidades aos 40. — Não sei se reparaste, mas eu e o Ryder agora somos amigos.

O Ryder diz-me a mesma coisa, insistindo que esclareceram tudo e já não há tensão entre eles. Desde a vitória da equipa masculina no Frozen Four, noto também uma leveza no Ryder. O apoio dos seus colegas de equipa junto da imprensa foi uma lição de humildade para ele, e ele e o Case voltaram a ser amigos. Ele e a minha mãe são ainda mais amigos, praticamente melhores amigos. Até o meu irmão o aceita; têm os dois alcunhas estúpidas um para o outro. Portanto, não me surpreende que tenha feito progressos com o meu pai.

Quanto a mim, tenho-me esforçado muito para evitar tudo o que esteja relacionado com o meu pai. Sinto-me ainda tão zangada.

Na verdade, não estou zangada.

Estou devastada.

— Tinhas razão — diz o meu pai. — Ele é bom rapaz.

— Eu sei. — Agora tornou-se um hábito, quando fico enervada, rodar a minha fina aliança de prata. É como se a presença do Ryder me atravessasse o corpo, acalmando-me.

Percorremos o trilho e encaminhamo-nos para outro que não tem ninguém. Há um banco de ferro forjado perto de uma das fontes. O meu pai gesticula na sua direcção.

Uma vez sentados, ele esboça um sorriso triste e sério.

— Desculpa — diz, simplesmente.

Eu não digo nada.

— Eu sei que fiz asneira. Reagi mal.

— Muito mal — resmungo.

— É só que... estavam a acontecer muitas coisas naquele momento. Fiquei chocado, obviamente. Não estava nada à espera. — Ele olha para mim friamente. — Sempre foste péssima no que toca a surpresas, tipo, como quando tentaste planear a festa surpresa da tua mãe e lhe enviaste um convite?

Sai-me uma gargalhada.

— Isso foi um erro.

— Sim, estou só a dizer que não me surpreendes muitas vezes. Mas isto foi completamente inesperado. Por isso, fiquei em choque. E, talvez, no momento, tivesse ficado zangado por teres tomado uma decisão tão transformadora sem sequer nos teres consultado.

— Desculpa. — Depois, encolho os ombros. — Não precisava de vos consultar.

— Sentes mesmo isso?

— Sinto. Nada do que pudesses ter dito, ou nenhum conselho que pudesses ter dado, tu, a mãe, o Wyatt ou algum dos meus amigos, me teria impedido de casar com ele. É ele. Ele é o amor da minha vida. — Volto a rodar a aliança. — Como disse, não imagino que será perfeito.

Estou certa de que, mais cedo ou mais tarde, o sexo deixará de ser tão bom...

O meu pai tosse.

— G!

— Desculpa, mas sabes o que quero dizer. A fase da lua de mel irá passar. Havemos de entrar numa rotina e, provavelmente, teremos vontade de nos matar um ao outro quase a toda a hora. Mas não importa. É com ele que escolho fazer tudo isso. Como tu e a mãe.

Ele acena. Surpreende-me a expressão dos seus olhos. Não é resignação, mas aceitação. Reparo na diferença, perguntando-me se aceitou *realmente*.

— Foi por isso que foste tão idiota? — pergunto. — Choque e raiva?

— Não. A princípio achei que fosse isso e depois percebi que havia algo mais. — A sua voz torna-se rouca. — Fiquei magoado.

— Magoado — repito, sentindo uma pontada de culpa. Não gosto de pensar que o magoei.

— Sempre me imaginei a levar-te ao altar.

A confissão agarra-me no coração e aperta-o com força.

Merda. Agora sei porque é que a minha mãe nunca consegue ficar zangada com ele. Porque ele diz estas coisas.

— Sejamos realistas — continua. — O teu irmão nunca irá casar-se...

— Mulherengo até ao fim — concordo.

— Mas achei que teria uma hipótese contigo. Nunca foste muito feminina, mas já te ouvi falar de vestidos de noiva com a tua mãe. Imaginei que o teu seria uma coisa branca fofinha. Embora ficasses linda com o que quer que escolheesses. Estava ansioso por te ver com o vestido. Levar-te ao altar. Dançar contigo no teu casamento. — Ele olha para mim, esperançoso. — Sei que já deste o nó, mas podias considerar fazer uma festa. Sabes que a tua tia Summer seria capaz de matar alguém para poder organizá-lo.

Rio baixinho.

— Terias de falar com o Ryder sobre isso. O homem tem dificuldade em partilhar o que comeu ao jantar, achas que irá pôr-se à frente de centenas de pessoas a recitar os seus votos? Ambos sabemos que não conseguirás convidar menos de quinhentas pessoas.

— Não tenho culpa de ter amigos. Fogo. — A sua expressão cómica muda rapidamente. — E estás enganada em relação a ele. Acho que ficarias surpreendida com o que aquele homem está disposto a fazer por ti.

Ficamos em silêncio.

Depois, viro-me para ele e encosto a cabeça ao seu ombro.

— Desculpa se te desiludi — digo.

— Não me desiludiste. Eu é que me desiludi a mim mesmo. — Ele faz uma pausa. — Eu adoro-te. Sabes isso, não sabes?

— Claro que sei. — Faço uma pausa. — Eu também te adoro.

Um novo silêncio cai entre nós.

— Entrei para o Hall of Fame.

— Eu sei. — Não lhe dei os parabéns pessoalmente, mas disse à minha mãe que lhe desse o recado, porque não sou uma imbecil sem coração.

— No próximo fim de semana haverá uma cerimónia e uma festa. Adorava que tu e o teu marido fosses.

Após um momento, aceno que sim e aperto-lhe a mão.

— Seria uma honra.

CAPÍTULO 53

GIGI

Apenas um momento no tempo

Pela maneira como está vestido, o Ryder parece a materialização do sexo. Vejo-me obrigada a concentrar toda a minha força de vontade para não pinar com ele na casa de banho da cerimónia do Hall of Fame. Não me apercebi de quão difícil seria ter um atraente jogador de hóquei de um metro e noventa e cinco como marido. Quero pinar com ele a toda a hora, e isso é um verdadeiro problema.

Mas esta noite é do meu pai, portanto, abandono os pensamentos indecentes, dou a mão ao meu marido de forma casta e conto as horas até podermos estar numa cama.

A cerimónia é mais emotiva do que esperava. Chorei enquanto decorria, sentindo o orgulho encher-me o peito quando o antigo treinador principal dos Boston Bruins honrou o meu pai com um belo discurso. Agora é a parte da festa e, infelizmente, estamos condenados a fazer a parte que mais odeio: socializar. Felizmente, tenho o Ryder e o Wyatt para partilharem comigo esta tortura. A minha mãe não se incomoda com o convívio. Ou talvez já o tenha feito tantas vezes ao longo dos anos, pela sua carreira e pela do meu pai, que tem jeito para fingir.

— Greg, quero que conheças os meus filhos, a Gigi e o Wyatt. — O meu pai aparece com um homem mais velho de cabelo grisalho.

O homem parece-me vagamente familiar e, depois, o meu pai apresenta-o. Aparentemente, jogaram juntos uma época há vinte anos, quando o meu pai era um estreante e o Greg um astuto veterano.

— E este é o meu genro, o Luke.

Fico admirada como, em menos de um mês, o meu pai consegue dizer a palavra «genro» com tanta facilidade, como se o Ryder fizesse parte da família há anos.

— Oh, este rapaz dispensa apresentações — diz o Greg com um sorriso, estendendo a mão para cumprimentar o Ryder. — Luke Ryder! Sigo a tua carreira desde o Mundial de Sub-20. Estou ansioso para te

ver no Dallas e saber do que és capaz.

— Também eu — diz o Ryder.

Eles conversam durante uns minutos e depois o nosso grupo muda de poiso para voltar a socializar.

Desta vez trata-se de um treinador de Detroit. Um dos outros homenageados este ano é um antigo jogador dos Red Wings.

O meu pai volta a apresentar o Ryder, embora, desta vez, acrescenta casualmente uma frase que me faz erguer uma sobrancelha.

— O Luke será treinador no programa dos Reis do Hóquei em agosto — diz ao tipo. Depois, olha para o Ryder. — O treinador Belov irá ajudar-nos num dos dias, num workshop de remates. Portanto, terão a oportunidade de trabalhar juntos e conhecerem-se melhor.

— Estou ansioso — diz o Ryder, e consigo vê-lo a tentar manter uma expressão neutra.

Assim que o Belov se afasta, o Ryder fica a olhar para o meu pai, que diz:

— O que foi?

— Foi esta a sua maneira de me oferecer a vaga de treinador no Reis do Hóquei?

— Porquê, é preciso fazer um pedido oficial? Assumi que aceitarias.

O Wyatt ri-se.

Dou um gole no meu champanhe. Pela primeira vez na vida, acho que estou a divertir-me num destes eventos. Portanto, claro, o Universo decide estragar tudo.

O Brad Fairlee vem na nossa direção.

— Merda — resmungo baixinho.

O Ryder segue o meu olhar e pega-me imediatamente na mão.

O meu pai repara no recém-chegado e transmite-me um olhar de confiança.

— Vai correr tudo bem.

E corre. Ao início. O Fairlee aperta a mão ao meu pai, dá-lhe os parabéns pela honra. Depois congratula-nos, a mim e ao Ryder, pelos respetivos campeonatos. Consigo suprimir o rancor quando ele e o meu pai falam sobre o próximo Mundial feminino. Será daqui a duas semanas e irrita-me solenemente saber que podia estar a jogar com elas. Ainda o sinto como um fracasso meu, mas obrigo-me a recordar as palavras do Ryder. É apenas um momento no tempo. Haverá outros momentos.

A conversa é amigável e educada, até o Fairlee resolver falar da filha. Começa de forma inofensiva, com ele a contar à minha mãe sobre a Emma andar a fazer *castings* na Costa Oeste. Depois, ele olha para mim, as suas feições retesando-se.

— A Emma disse-me que se cruzaram este inverno.

Aceno que sim.

— É verdade.

— Ela chegou a casa muito perturbada. — O seu tom permanece cauteloso, mas o seu olhar é acusador.

— Lamento sabê-lo — respondo, igualmente cautelosa.

Há um instante de silêncio.

Depois, o Brad dá um gole no seu champanhe, baixa o copo e suspira.

— Devo dizer que, de vocês as duas, esperava que fosses a mais madura, Gigi. Podias ter demonstrado alguma graciosidade.

Não acredito.

E, ironicamente, não é com a *minha* reação que deve preocupar-se. Acabou de me chamar imatura e mal-educada à frente do idiota do meu marido, do idiota do meu irmão e do idiota do meu pai. É mau que chegue.

Mas foi a mamã urso que ele provocou.

— Não me parece, Brad — vocifera a minha mãe com um tom duro. — Com todo o respeito, e eu respeito-te, não tentes educar a minha filha. Educa a tua. Ela é que tem problemas que precisam de ser resolvidos.

Os olhos dele lançam chispas.

— A Emma não fez nada de mal.

— A Emma enfiou-se na minha cama, nua, e tentou dormir com o meu marido — diz a minha mãe, educadamente, enquanto o meu irmão tosse para a mão para evitar rir-se.

O Fairlee fica arrasado. Vira-se rapidamente para o meu pai, que acena com a cabeça e diz:

— É verdade.

— Meu Deus. Garrett. — Os seus olhos castos voltam a encarar a minha mãe. — Hannah. Eu não fazia ideia. Eu... peço desculpa em nome da minha filha.

— Brad. Não. Não tens nada de pedir desculpa — intervém o meu pai, porque, afinal, o Brad Fairlee não fez nada de errado. Simplesmente, tentou ser um bom pai mimando a sua filha, tentando compensar o facto de a mãe os ter abandonado aos dois. — Só te pedimos com gentileza que não fales com a nossa filha sobre aquilo que não sabes.

— Compreendo. — O Fairlee acena que sim, com um ar mortificado.

Depois afasta-se num torpor, bebendo o champanhe de um trago.

Suspirando, olho para os meus pais.

— Não precisavam de lhe ter contado o que a Emma fez. Sinto-me... — Paro de falar, lembrando-me de tudo o que o Ryder me aconselhou. Então, encolho os ombros, sorrindo para o meu marido.

- Na verdade, não. Não me sinto mal. Ela fez a sua cama.
O Ryder sorri.
— Linda menina.

CAPÍTULO 54

RYDER

Amas-me demasiado

O Shane está a organizar uma festa de despedida. Mas não tenho tempo para pensar em quão patético isso é, porque estou ocupado a pinar com a minha mulher na casa de banho durante a dita festa.

A Gigi está curvada sobre o móvel, a saia amarfanhada na cintura, as mãos agarrando o rebordo do lavatório. Penetro-a por trás e olho para ela no espelho, admirando a expressão sonhadora no seu rosto enquanto a fodo com força e depressa.

— Fogo, estás a pôr-me a cabeça a andar à roda — geme. — Continua a fazer isso.

— É bom, não é?

— Tão bom.

Agito-me na sua vagina ávida, encostando os lábios ao ouvido dela.

— Dás-me sempre tanta tesão.

Sou recompensado com outro gemido ao mesmo tempo que ela empurra o rabo contra mim para que eu entre nela o mais fundo possível.

— Tens de te vir — diz-me, ofegante.

— Quero que te venhas primeiro.

— A qualquer momento pode vir alguém bater à porta. — Ela continua a agitar-se contra mim, de rosto ruborizado.

— Está bem — resmungo, e o seu reflexo sorri-me. Depois, contrai-se intencionalmente, porque sabe que irá dar cabo de mim, e, mesmo que eu quisesse aguentar mais tempo, não é humanamente possível.

Penetro-a com força e gemo enquanto estremeço com o orgasmo. A seguir, pego nuns lenços de papel e limpamo-nos. A Gigi ajeita o vestido amarelo e eu limpo o lavatório, porque não sou totalmente cretino.

Ela alisa a bainha do vestido sobre as coxas. Vira-se para ver como está o cabelo ao espelho, prendendo-o atrás das orelhas. Depois, examina-me.

— Não estás com ar de quem acabou de foder — diz ela, acenando em aprovação. — E eu?

— Tu estás.

Ela suspira.

Envolvo-a nos meus braços, agarrando-a por trás, e depois beijo-lhe o pescoço.

— Eu amo-te, sabes?

— Claro que sei. Dizes-me a toda a hora.

Belisco-lhe o rabo.

— Não te queixes da frequência das manifestações do meu amor ou deixo de as fazer.

— Não serias capaz. — Ela vira a cabeça, esboçando um sorriso pretensioso. — Amas-me demasiado.

Ela tem razão.

— Deixa lá — consola-me a Gigi. Ela põe-se em bicos de pés e, mesmo assim, mal me chega aos lábios. — Eu também te amo demasiado.

Finalmente, batem à porta. A porta abana com a força das pancadas.

— Então, seus idiotas!? Há pessoas que querem fazer chichi! — Uma das convidadas da festa não está tão satisfeita com a nossa rapidinha como nós.

Mantemos expressões neutras ao sairmos da casa de banho. Mas toda a gente sabe o que estivemos a fazer.

O Shane vê-nos e aproxima-se.

— Sabem que há duas casas de banho lá em cima, além de três quartos? Um dos quais é teu.

Encolho os ombros.

— Qual é a piada disso?

O Beckett ouve a conversa e acena com a cabeça, concordando.

— O Ryder percebe.

O tempo voltou a estar agradável e podemos fazer a festa no exterior, onde vejo um dos meus colegas de equipa bêbedo de volta do assador, e peço a Deus que não pegue fogo à casa. Pelo menos, até acabar o contrato de arrendamento. Se bem que... o Becket vai ficar, portanto, talvez seja melhor não o fazer de todo. O Will Larsen vai mudar-se para cá, diz que está farto dos dormitórios, portanto, ficarão só os dois a viver aqui, a não ser que consigam encontrar uma terceira pessoa.

O Shane, entretanto, vai mudar-se para um condomínio que os seus pais ricos acabaram de comprar. Fica no mesmo complexo da amiga da Gigi, a Diana. Ele está neste momento a falar sobre isso, contando-nos sobre as obras que o pai fez para preparar a sua mudança.

— Estás cheio de sorte — diz a Gigi, arrastando as palavras.

— Oh, cala-te — diz o Shane, sorrindo. — O teu pai é rico e comprava-te uma mansão, se lhe pedisses.

Nisso, ele tem razão. De facto, o seu pai tem ameaçado fazê-lo. Recusámos. Queremos esperar até eu assinar oficialmente o contrato com o Dallas no ano que vem e comprá-la nós.

— Olhem, mudando de assunto — diz o Shane, dando um gole na cerveja. — Vais gostar disto, Gisele. Ontem à noite, o TSBN esteve a mostrar destaques do Mundial feminino. Fizeram um top cinco das melhores jogadas. Quatro delas eram do Canadá. — Ele ri-se baixinho.

A Gigi revira-lhe os olhos.

— Agradeço a solidariedade, mas não aplaudas as derrotas do nosso país por mim.

No entanto, nós assistimos ao jogo juntos no mês passado e ela estava decididamente a ridicularizá-las. Não sei se a sua presença no plantel teria alterado os resultados do jogo e dado a medalha de ouro aos Estados Unidos em vez de ao Canadá. Mas mal não teria feito, isso é certo.

— Enfim, ainda posso vir a fazer parte desse plantel um dia. — Encolhe os ombros, despreocupada. Uma vasta melhoria em relação à noite em que se fartou de soluçar com o seu fracasso. Mas, tal como eu, está a aprender a aceitar as suas limitações ao mesmo tempo que aperfeiçoa as suas forças.

— E, se não — diz, com um sorriso de orelha a orelha —, acabo o curso e passo a representar o Ryder, arranjando patrocínios multimilionários.

— Excelente plano — concordo.

O Will, o Beckett e o Case juntam-se a nós. Conversamos enquanto bebemos cerveja e comemos os hambúrgueres preparados pelo bêbedo. A dada altura, a Diana aproxima-se, com uma minissaia que mal lhe cobre as coxas e uma t-shirt com o decote cortado, descaída num dos ombros.

— Lindley — diz ela, de olhos semicerrados.

— Dixon — imita ele.

— Só quero que saibas que Meadow Hill é o meu território há mais tempo e deves manter-te sempre afastado de mim. Na verdade, podemos desenhar uma linha a meio da piscina e atribuir lados.

— Que cruel. — Ele finge fazer beicinho. — Também vais ser desagradável com as tuas amigas? Porque estou a pensar convidar uma ou duas *cheerleaders*. Por noite.

Ela fulmina-o com o olhar e vai-se embora.

— Tens algum plano especial para o verão além de atormentares a minha melhor amiga com os teus disparates de mulherengo? — pergunta a Gigi, com simpatia.

O Shane sorri.

— Ná. Provavelmente, irei passar metade do tempo aqui e metade em casa dos meus pais. E vocês?

— Eu quero uma lua de mel — declara ela, radiante.

Ele vira-se para mim, sorridente.

— Leva-a em lua de mel, otário.

— É o que tenciono fazer — protesto. — Vamos à merda da Itália em agosto.

— Foste muito agressivo para a Itália, amigo — diz o Beckett, e o Will e o Colson riem alto. O Case parece ter ultrapassado completamente o facto de eu e a Gigi estarmos juntos. Passou grande parte da noite a fazer-se à colega de equipa da Gigi, a Camila.

— Ele acha que não vai gostar de Itália — explica a Gigi.

— Parece-me ser um sítio demasiado indolente — resmungo.

Nenhum de nós menciona que vamos ao Arizona em julho. Eu e a Gigi falámos exaustivamente sobre a audiência para a liberdade condicional do meu pai (o Owen também opinou) e, por fim, decidimos que o benefício de testemunhar na audiência superava o sacrifício. Eu e o Owen preferíamos não voltar a ver a cara daquele homem para o resto da vida, mas quinze anos não é tempo suficiente. Ele merece apodrecer na prisão pelo que fez à nossa mãe. E, se houver sequer a mínima hipótese de a comissão da liberdade condicional o deixar sair por não ouvir vozes discordantes, não podemos correr esse risco. Portanto, no mês que vem, vamos os três até lá. Os pais da Gigi ofereceram-se para vir também.

A vida é... boa.

Não é um sentimento que esteja habituado a exprimir. Ou a viver. Mas é. Tenho a minha saúde, os meus amigos, o meu irmão. A minha mulher. Nenhum de nós sabe o que o futuro reserva. Ninguém sabe.

Mas não imagino um futuro com a Gigi que não seja promissor.

AGRADECIMENTOS

Quando escrevi *O Pacto* e os outros livros das séries Off-Campus e Briar U, não esperava que estas personagens tivessem tanto impacto em mim. Todas ficaram comigo ao longo dos anos, especialmente as originais: a Hannah e o Garrett. Quando decidi revisitar o universo da Briar, desrespeitei uma das minhas regras e optei por escrever uma história sobre a «próxima geração». Não costumo sentir-me atraída por este tipo de histórias, mas andava a dar em louca a pensar em como seriam os gémeos do Garrett e da Hannah em *O Legado*. E... assim nasceu *O Efeito Graham*!

Uma breve nota sobre algumas questões relacionadas com o hóquei neste livro: geralmente invento alguns detalhes, criando um mundo ficcional em torno do hóquei para que certos elementos da história encaixem melhor. Neste livro, brinquei um pouco com o calendário e as conferências das equipas de hóquei no gelo da NCAA, assim como com certos elementos relativos à seleção nacional e olímpica. Todos os erros são meus (e frequentemente intencionais).

Como sempre, este livro não estaria diante dos vossos olhos agora sem o apoio de algumas pessoas extremamente importantes:

A minha agente, Kimberly Brower, por estar sempre pronta para me dar a mão em casos de emergências menores, maiores e imaginadas.

A minha editora, Christa Dèsir, por ser a minha maior apoiante e uma defensora ainda maior desta série. E o resto da incrível equipa da Bloom Books/Sourcebooks: a Pam, a Molly e toda a equipa de marketing e publicidade, a incrível equipa artística, e o Dom, por ser o editor mais fixe que conheço.

A Nicole, a Natasha e a Lori, pela sua mestria nas redes sociais e espetacularidade em geral.

A Eagle/Aquila Editing, por largarem sempre tudo para rever o meu trabalho.

A minha família e amigos, por me aturarem quando tenho prazos de entrega e me esqueço de atender as suas chamadas porque estou imersa noutro universo alternativo. E a minha mais nova, por me alimentar quando me esqueço de comer enquanto estou a trabalhar.

A Sarina Bowen e a Kathleen Tucker, por me disponibilizarem os seus ouvidos e olhos e nunca deixarem de me fazer rir. Oh, e a Kathleen oferece-me plantas. Jardinagem para sempre.

E, claro, a vocês. Os meus leitores, as pessoas mais generosas, engraçadas, fixes e encorajadoras do mundo. São vocês que me

permitem fazer o que faço e são vocês que tornam a comunidade dos livros românticos o lugar mais acolhedor e envolvente a que pertencer. Espero que tenham gostado do livro da Gigi e do Ryder, e mal posso esperar para que leiam as outras histórias planeadas para a série Campus Diaries!

SOBRE ESTE LIVRO

**O JOGO É PERIGOSO, MAS ELES
ESTÃO DISPOSTOS A IGNORAR OS RISCOS**



Tal como o pai, o famoso Garret Graham, Gigi é uma das melhores jogadoras de hóquei no gelo da Universidade Briar, mas isso não lhe basta. Está decidida a melhorar a sua técnica para conseguir entrar para a seleção olímpica e competir por uma medalha de ouro, a única proeza desportiva que a faria sair da sombra do pai e ganhar o seu próprio estatuto. Mas, para isso, Gigi vai precisar da ajuda do arrogante mas absurdamente talentoso Luke Ryder.

Luke acabou de assumir o lugar de cocapitão da equipa universitária, mas também ele tem objetivos definidos e problemas para ultrapassar. A nova equipa de hóquei que resultou da fusão da Eastwood com a Briar junta vários antigos rivais, dando azo a uma enorme concorrência interna e animosidade entre os jogadores. Por isso, quando Garrett Graham anuncia que vai abrir uma vaga de treinador num dos seus estágios de verão, Luke vê aí uma oportunidade para se destacar. O problema é que Luke não causou uma primeira boa impressão em Garrett...

A solução parece simples: Luke ajuda Gigi a melhorar o seu jogo e ela

compromete-se a dar uma palavrinha ao pai para melhorar a imagem que ele tem de Luke.

Só que nenhum deles estava a contar com uma atração que poderá tornar-se demasiado complicada de gerir...

SOBRE A AUTORA

Elle Kennedy, autora bestseller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*, cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá, e é licenciada em Inglês pela Universidade de York, acalentando desde muito nova o sonho de ser escritora. Com uma incrível legião de fãs em todo o mundo, tem muitos dos seus livros já publicados em vários países e traduzidos para mais de uma dezena de línguas. Pela Topseller, publicou os cinco volumes da série Off-Campus e os dois primeiros livros da série Avalon Bay (*Uma Boa Rapariga e Fama de Má Rapariga*).

Em *O Efeito Graham*, o primeiro volume da nova série Campus Diaries, Elle Kennedy regressa ao ambiente da Universidade Briar, dando-nos a conhecer a história de Gigi Graham, a filha de Garrett e Hannah, um dos casais mais adorados do universo de Off-Campus.

Saiba mais sobre a autora:

www.ellekennedy.com